



Res

2797 ✓



~~B~~
~~5813~~

INDIO

PIERRE LEGRINQ
DE L'AMERICA

9^a ~~B. 15, 21~~

~~COMPENDIO~~
~~NARRATIVO~~
~~DO~~
~~PEREGRINO~~
~~DA AMERICA~~
~~EM QUE SE TRATAN VARIOS DISCURSOS~~

COMPENDIO
NARRATIVO
DO
PEREGRINO
DA AMERICA:

NUNO MARQUES
PEREIRA
IMPRESSA ACCIDENTAL

Per
2797 ✓

COMPENDIO
NARRATIVO
DO
PEREGRINO
DA AMERICA.

St. g. e. e. l. 18.

COMPENDIO

NARRATIVO

DO

PEREGRINO DA AMERICA

EM QUE SE TRATAM VARIOS DISCURSOS
Espirituaes, e moraes, com muitas advertencias, e do-
cumentos contra os abusos, que se achão intro-
dusidos pela malicia diabolica no Estado
do Brasil.

Dedicado à Virgem da

VITORIA,

EMPERATRIS DO CEU, RAINHA DO MUNDO,
e Senhora da Piedade, Mãe de Deos.

AUTOR

NUNO MARQUES
PEREIRA.

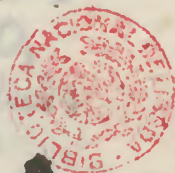


LISBOA OCCIDENTAL,

Na Officina de MANOEL FERNANDES DA COSTA,
Impressor do Santo Officio.

Anno de M. DCC. XXVIII.

Com todas as Licenças necessarias.



COMPLETO

mb 557 217

F 5187

NARRATIVO

DO

PEREGRINO DA AMERICA

M QUE SE TRATAM VARIOS DISCURSOS
Litterarios, e moraes com muitas advertencias e du-
cunhas contra os abusos, que se achão em
cuidos pela malicia diabolica no Estado
do Brasil.



Dedicado á Virgem de

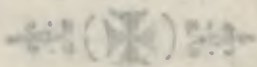
VITORIA

EMPERATRIZ DO CEU, RAINHA DO MUNDO,
e Senhora da Piedade, Mãe de Deus.

AUTOR

NUNO MARQUES

P E R E I R A



LISBOA OCCIDENTAL.

Na Officina de MANOEL FERNANDES DA COSTA

Impressor do S. Paulo Officio.

anno de M. DC. LXXVII

Com licenca do Excmo. Sr. Governador



DEDICATORIA

A NOSSA SENHORA VIRGEM

DA

VITORIA,

EMPERATRIZ DO CEO,

Rainha do Mundo, Senhora da Piedade,

Mãe de Deos.



E muitos Escri-
tores, sey eu, que pretendendo dar
seus livros à estampa, tiveraõ gran-

de trabalho, e desvelo, para com acerto acharem Mecenas, que debaxo de seu patrocínio pudessem sahir à luz com elles. Deste trabalho me livrastes vòs, Senhora, por ser divida, que ha muito tempo vos estava obrigado a contribuir, por paga remuneratoria do muito, que vos devo. Tamara com acerto, que vos satisfizera; pois bem sabeys as limitadas posses de meu cabedal: porque ainda nesta humilde offerta, que vos faço, vos dou aquillo mesmo, que por vossa intercessão alcançey de vosso sagrado Filho.

He todo vosso este livro, Senhora, por muitas razoens. A primeira he, porque à sombra da vossa Igreja foy ideado, ou delineado este breve compendio: por cuja causa bem pudera agora repetir aquelle antigo adagio, que quem à boa arvore se chega, boa sombra o cobre.

A se-

A segunda razão he pelo titulo, que tem de Peregrino: porque tambem o fostes, Senhora, quando de Belem em companhia de vosso dignissimo Etipo S. Joseph levastes ao Menino JESUS vosso amado Filho, e nosso Bem, a livrallo das tyrannias de Herodes, para o Egypto por jornadas tam longas, feitos todos tres Peregrinos.

He a terceira razão, porque ainda agora de presente vos estais mostrando Peregrina, no vosso grande poder, e valimento, como bem o experimentamos em todo o mundo. Chamão-vos na Asia, lá lhes assistis: valem-se de vós na Africa, lá os consolais: imploraõ-vos na Europa, lá os remediais: valem nos de vós na America, cá nos amparais: gritaõ por vós no mar, lá os soccorreis: chamamos por vós em terra, ahi nos acudis com vosso amparo,

e patrocínio, andando sempre feita huma Peregrina por mar, e terra, em nos acudir, e remediar. Logo com muita razão pertence a vòs, Senhora, este livro pelo titulo de Peregrino da America.

A quarta razão, porque tambem vos pertence este livro, he pela posse, e dominio, que tendes neste Estado do Brasil; por ser o primeiro Templo, que nesta terra se vos edificou pelos Portuguezes, com o Titulo da Senhora da Vitoria: ou fosse permillaõ divina, por reconhecerem a vitoria que havieis de alcançar contra o Principe das trevas, quando com vosso grande poder, e auxilio convertestes, e estais convertendo a tam innumeravel multidaõ de Almas, faltas da luz da nossa Santa Fé ha tantos tempos: ou tambem, porque fostes a que vencestes a serpente figurada

rada na Soberba , como neste com-
pendio mostramos. Com que por
todos estes titulos sois condigna , e
merecedora deste livro , que vos of-
fereço.

Resta-me agora , soberana Se-
nhora , mostrar as muitas , e gran-
des excellencias , e prerogativas , de
que vos adornou Deos : o que
muitos Panegyristas sey eu , lhes
tem custado , para delcobrirem os
Progenitores , e feitos heroicos dos
seus Mecenas. Naõ usarey de hy-
perboles , e encarecimentos ; por-
que pertendo mostrar pelos san-
tos Evangelhos , (no que naõ pó-
de haver duvida , por ser a mesma
verdade) que sois a mais bem naci-
da , e da melhor ascendencia , que
houve , nem póde haver.

E basta que o diga S. Mattheus
cap. 1. *Liber generationis Jesu Christi filij*
David , filij Abraham &c. E assim vay
con-

continuando a serie dos mais Progenitores de vossa sagrada Genealogia de Santos , Profetas , e Reys; até que acaba dizendo: *Jacob autem genuit Jesepl virum Mariæ , de quanatus est Jesus , qui vocatur Christus.*

Este Evangelho se vé cantar no dia de vosso santo nascimento: e parece, como he certo, que não póde haver mayor elogio em vosso santo louvor. E quando isto sò não bastàra para credito vosso, alem dos mais Evangelhos , e ditos dos Santos Padres ; ouçamos as vozes daquella santa mulher Marcella , certificadas , e referidas por S. Lucas cap. 11. *Beatus venter , qui te portavit , & ubera , quæ suxisti.* Bemaventurado o ventre , que trouxe dentro em si tal Filho , e bemaventurados os peitos , a que foy creado.

Corroboração-se mais os vossos santos louvores , quando tantas vezes
ouvi-

ouvimos repetir aquella Antifona:
Ab initio, & anteaecula creata sum, &
usque ad futurum saeculum non desinam,
& in habitatione sancta coram ipso mini-
stravi. (Ecclis. 24. 14.) Na qual se
nos dá a entender, que desde o
principio, e antes dos seculos fo-
stes creada no decreto, e predefi-
nição divina, e tambem não dei-
xareis de ser até o futuro seculo,
e diante de Deos ministrareis em a
cala tanta, que he o Reyno dos
Ceos.

E para credito do mais, que
se póde dizer em vosso santo lou-
vor, se verifica nas palavras pro-
feridas pelo Anjo S. Gabriel,
quando vos annunciou a Encarna-
ção do divino Verbo, referidas,
e publicadas por S. Lucas (cap. i.
35.) *Spiritus Sanctus super veniet in te,*
& virtus Altissimi obumbrabit tibi. Nas
quaes palavras vos assegurou o An-
jo,

jo, que o Espirito Santo vos havia de assistir, ô soberana Senhora, na Encarnação do Verbo divino. E por isso sois : *tota pulchra, & sine macula* : toda fermosa, e sem macula.

E quem logra estes tam sobrelevantes encomios, no que não pôde haver a minima duvida, nem discrepancia, por serem todas estas verdades de fé, e tam solidas: bem posso agora dizer, que se callem os mais Chronistas à vista de tam preclaros louvores: e que só vós, soberana Senhora, e não outra alguma creatura, deveis ser buscada, e sollicitada para o amparo, e Mecenas, não desta humilde obra, porèm sim de outras de mayor entidade.

Mas como sey que vos pagais de hum affecto cordial, de quem rendido a vossos sagrados pés, vos
busca

busca para seu amparo; por isso vos offereço este meu Peregrino, para que como a pobre, e muito humilde, o ampareis com vosso patrocínio: pois só em vós confio, como tam grande intercessora, e medianeira para com vosso Filho, e meu Senhor Jelu Christo, que sendo para seu santo serviço, e bem das almas, o deixe correr, e andar peregrinando na estampa como cousa vossa, que vos dedico, e offereço.

De quem se digna muito de
vosso humilde escravo.

Nuno Marques Pereyra.

terço.
coisa vossa, que vos dedico, e of-
dar peregrinando na estampa como
das almas, o deixe correr, e an-
tendo para seu tanto serviço, e bem
e meu Senhor Jesus Christo, que
mediante para com vossa Filho,
como tam grande intercessor, e
trocínio: pois lo em vos couso,
també, o amparis com vossa pa-
que como a pobre, e muito ha-
oucto elle meu coração, para
tudo para seu amparo; perilla vos

De quem se digna mocho
vossa humilde escravo.

Nuno Alvares Pereira



AO LEYTOR.



DISCRETO, e pio Leytor, comvosco fallo: que em-
prender persuadir a essas alti-
vas Aguias, que em seus re-
montados voos sobem a re-
gistar com o sublime de seus
entendimentos os vibrantes resplandores dos ra-
yos do mesmo Sol; fora anniquilar mais o meu
talento, expondo-me às notas de pouco advirtido,
e às censuras de descuidado: e mais ainda em
tempo que estas Aguias, de que fallo, são tam-
presumidas, e prespicazes, que quando chegaõ a
fazer preza na terra, he nesse monte Libano, be-
bendo das cristallinas aguas da fonte Caballina;
e outras, na corrente desse grande Rio Nilo, já
desprezando as humildes fontes, e os pobres rios.

E porisso parece, que exercitando Christos
Bem nosso todos os actos de mayor exemplo, e
perfeiçãõ, em nos dar os melhores documento
com sua grande doutrina; não consta da sagrada
Es.

Escriptura, que escrevesse livro algum: (assim o diz S. Agostinho em o seu livro de constar. Evang. cap. 7. e o mesmo diz o P. Vieyra na tua 1. p. Serm. 11. §. 4) nem menos escrita, excepto naquella occasiã, quando à instancia dos Escribas, e Fariseos, lhe levãraõ a Adultura para a sentenciar. E reparo, que podendo Christo Bem nosso escrever a sentença em papel, ou pergaminho, (que nada lhe havia de faltar) a escreveo sobre a terra, com o dedo: quiçã, para que depois de lida não existisse, e logo se a apagasse, (he pensamento meu) por se não expor aquelle divino Mestre às notas, e censuras daquelles leitores, por serem homens de muy louça presumpção, e muy presumidos de sabios, e letrados: daquelle tempo: porque eraõ os que interpreta-vãõ as leys, e os ditos dos Profetas; e porisso mesmo haviaõ de fazer reparo na oração, e se lhe faltava ponto, ou virgula, interrogação, admiração, dous pontos, ponto e virgula, parenthesis, e tola a mais ordem, e regra da melhor orthografia. Não porque Christo Senhor nosso a não soubesse bem entender, e em todas as linguas, e idiomas melhor escrever, e ensinar, como ensinou; porém sim (parece) o fez Christo, por lhes não dar occasiã a que murmurassem: porque sabia, que haviaõ de ler, e notar, e se não haviaõ de aproveitar.

Bem

Bem he verdade, que me dirão muitos, que escrever, e ainda em materias espiritoaes, só incumbe a seus professores; e que eu o não sou. A isto respondo com hum exemplo bem vulgar. Que se diria de hum homem, que estando em parte donde visse atear hum incendio em huma casa, ou Cidade, se logo a vozes não gritasse que lhe acodissem com agua, ou instrumentos, para se evitar o danno? Sem duvida se diria, que sobre ser impio, era digno de todo o castigo. E porisso notou S. Pedro Chrysologo, que não he atrevido em fallar, quem o faz por zelo de Deos, e do proximo. De mais que tambem do ocioso silencio se hade dar conta a Deos, como das ociosas palavras: assim o advirtio Santo Ambrosio.

Tal me considero eu no presente caso, levado do zelo, e amor de Deos, e da caridade do proximo; por ver, e ouvir contar o como está introduzida esta quasi geral ruina de feitiçarias, e calundus nos escravos, e gente vagabunda, neste Estado do Brasil; alem de outros muitos, e grandes peccados, e superstiçãoens de abusos tam dissimulados dos que tem obrigação de os castigar: motivo, porque o Demonio mestre da mentira, e ciencia magica se tem introduzi to, com perda de tantas almas remidas pelo precioso Sangue de nosso Senhor Jesu Christo.

Tenho mais outra razão, que por Direi-

to me favorece , segundo a ley. (Ord. lib. 5. tit.
117. §. 1.) Porque como homem do Povo,
posso avizar, e denunciar, para que se ponha co-
bro, e se castiguem semelhantes vicios, e pec-
cados; porque he certo, que dissimulallos he
querer que senão emendem.

E se me disserdes, que neste compendio nada
digo de novo, e que trago nelle muitas cousas,
que dispersamente já estaõ ditas por muy doutos
entendimentos: não será a vez primeira, que se
diga: *Mutasti ordinem, fecisti librum*: Mudaste a or-
dem, fizeste o livro. De mais que a isso vos satisfi-
farey com duas razões. A primeira darà por mim
aquelle Oraculo da Sabedoria Salamaõ, quan-
do disse: *Nihil sub sole novum*: (Eccles. 1. 10.) Não
ha cousa nova debaxo do Sol. Donde se pôde
bem entender, que nada se pôde dizer de novo,
que já não esteja dito.

A segunda será com a presente comparação:
Vistes já huma Igreja bem armada, e aparamen-
tada de fino ouro, rica prata, luzidos espelhos,
perfeitos quadros, custosas sedas, crespos volan-
tes, vistosos frizos, branca cera, flammantes lu-
zes, e em fim fragrantas aromas; e ser tudo isto,
ou parte deste adorno emprestado? Não porque
a Igreja para ser digna de todo o culto, e vene-
ração, lhe seja necessario este custoso apparatus:
porém sim, permite se este aceyo, e alinhó,
para

para lisonja do gosto , agrado da vista , recreyo da vontade. O mesmo se ha de considerar no presente caso; pois tambem he Templo de Deos o livro, se he espiritual: porque se he profano, he mesquita, ou synagoga.

E se me notardes a via recta de entrar, ou enxerir todos os dez Mandamentos por modo de extremos, como se vão seguindo, sem os interpolar; de sorte, que mais parece supposta, que verdadeira a Historia: sabey, que tenho estado em muitas partes, e com muy differentes genios de pessoas tratado, e conversado; e nellas achey a mayor parte dos casos, que vos refiro neste Compendio; e de outros, de quem tenho ouvido contar. E porque me pareceo defeito nomeallas, nem ainda todos os lugares onde succederaõ; por isso usey do presente meyo, ainda que vos deixe nessa supposiçãõ: e juntamente por levar seguida, e atada a composiçãõ desta doutrina.

De mais que o fundamento, e substancia da vida Christãã he o cumprimento da Ley de Deos, e observancia de seus Mandamentos, por serem as pedras fundamentaes destes nossos espirituaes edificios; e para melhor dizer, o cumprimento perfeito da vontade de Deos. Finalmente he a Ley de Deos porta, por onde sã se pôe entrar à Bemaventurança: *Hac porta Domini, justi intrabunt in eam: (Plal. 117. 20.)* por cuja razão

fundo esta Obra nestes tam solidos fundamentos.

Tambem não cito muitas authoridades em Latim, por saber que por vulgares, os doutos as sabem; e para os mais he embarço, porque nem todos o entendem: as quaes se apontaõ em varios livros, que muitos os não tem para as buscarem.

E se reparardes no estylo, por ser em parte parabólico; tenho exemplo de muitos Authores espirituaes que usárõ desta frase, e genero de escrever: e o mesmo Christo Senhor nosso tratando solida doutrina com os homês, para melhor os persuadir, o praticou, e ainda hoje com mayor ração nos tempos presentes, para convencer ao gosto dos tediosos de lerem, e ouvirem ler os livros espirituaes, são necessários todos estes acipipes; e viandas. E se não, vede o que se estyla, e pratica nos banquetes de agora, offerecendo-se nas mesas aos convidados no primeiro prato varias seladas, para mais agrado, e gosto do paladar. Isto, que succede nos banquetes do corpo, vos quiz praticar neste banquete da alma.

E porque não pareça paradoxo este meu dizer; sabey, que tambem os livros se comem: assim o mandou Deos pelo Anjo dizer a S. João: *Accipe librum, & devora illum.* (Apoc. 10. 9.) Tambem ao Profeta Ezequiel lhe appareceo hum braço, e na mão hum livro, e ouviu huma voz, que lhe

lhe disse : *Comede volumen istud*: (Ezech. 3.1.) **Cõ-**
me este livro.

Porém está hoje o mundo , e os homens em tal estado , por enfermos , flatulentos , e tediosos de ouvirem a palavra de Deos ; que só gostão de ouvir as palavras ociosas , a que chamaõ cultura , equívocos , fabulas , e comedias. Com grande razão nos ha Deos de pedir conta das palavras ociosas , por serem causa de tantas almas se perderem. E porisso discretamente disse hum contemplativo , que o que lê livros espirituaes paga o dizi- mo a Deos ; e o que lê os profanos , paga o terço ao Diabo.

Confessovos ingenuamente , amigo Leytor , que pasmo , e me admiro de ver os homens , como se precipitaõ por seguirem a opiniaõ vulgar , desprezando a santa doutrina do sagrado Evange- lho , levados mais da vaidade Gentilica , que da doutrina de Christo ; ao que estamos obrigados procurar como Catholicos Christãos.

A este proposito me lembra , que estando eu em casa de hum amigo lendo o Baculo Pastoral , en- trou hum destes loucos Peripateticos , desvaneci- do com presumpções de discreto ; e sabendo do titulo do livro , me disse , que nenhum homem de juizo se occupava em ler livro tam vulgar. E ou- vido eu , senaõ blasfemia , proposiçaõ tam mal soante , lhe perguntey : Pois que livro se hade

Jer? E logo me respondeo muy ufano : Góngora :
Quevedo : Criticon : Para todos de Montalvan :
Retiro de cuidados : Florinda : cristaes da alma :
Novellas : e comedias ; porque estes livros ensi-
naõ a fallar. Pois eu entendo, Senhor, lhe dis-
se, que esses livros, e outros semelhantes ensinaõ
a fallar, par a peccar ; e este, e outros espirituaes
ensinaõ a obrar, para salvar.

Naõ he para estes, a quem offereço o meu
Peregrino da America, se naõ para vós, querido,
e amado Leytor : e vos peço, quando nelle acheis
alguma cousa que vos agrade, louveis a Deos, que
por maõ de huma humilde creatura vos quiz dar
prato, de que gostasseis ; para que em reciproca
uniaõ vamos a gozar da Bemaventurança em pre-
sença de Deos. Vale



EM LOUVOR DO AUTOR
por hum seu amigo.

S O N E T T O:

N Este vosso compendio, meu Pereyra,
De sorte vos contemplo discursivo,
Que me atrevo a dizer, que por activo,
Ensinar podeis já muy de cadeyra.
Pois sabeis escrever de tal maneyra,
Por estylo tão claro, e atractivo,
Que tudo o que applicaes he defensivõ
Nesta vossa lição muy verdadeyra.
Mas que muito se sois tão peregrino;
E grave no saber, por tão fecundo;
Que de todo o louvor vos fazeis digno.
E porisso agora, sem segundo,
Vos considero já, e immagino,
Dando gloria a Deos, e passmo ao mundo.

EM LOUVOR DO AUTOR.

D E S S I M A S.

Pereyra , he tam singular
Este vosso Peregrino ,
Que de louvor se faz digno ,
Por discreto no ensinar :
Vossas grandezas calar ,
He seguir vossa doutrina ;
Pois vossa escripta me ensina
Ocultar vossos louvores
Mas que digo ? S: estas flores
Publicação lição divina.
Agora poderá ser ,
Que se reforme o Brasil
De abuzos , e de erros mil ,
Em que se está vendo arder ;
Pois lhe dais a conhecer
Com tanta satisfação ,
Que causais admiração !
Ozelo com que falais ,
Quando regra a todos dais
Para bem da salvação.

De Pedro Ferreira Ferrette.

SUP.



S U P P L I C A

A O S E N H O R

M E S T R E D E C A M P O

M A N O E L N U N E S

V I A N N A .



Or grande acerto tenho fazer a V. Senhoria esta Supplica, pois tendo dedicado este livro intitulado: Compendio Narrativo do Perigrino da America, à Santissima Virgem da Vitoria, e considerando-me taõ falto de poder, como de cabedaes para
o man-

o mandar imprimir, fazendo juizo de que pessoa valer me podesse para debaixo de seu amparo, e protecção poder sahir à luz com elle, foy sem dúvida inspiraço da mesma Senhora, de quem V. Senhoria; he taõ devoto, que me vallesse de V. Senhoria; aonde poderia achar o valimento para poder conseguir o que pertendo.

A razão, porque tambem me persuado he, o remontado ecco, comque a fama tem divulgado a generosa pessoa de V. Senhoria; tanto nesta Cidade da Bahia, como nas mais partes, aonde se tem achado, nascendo-lhe tudo do grande zelo da honra de Deos, e amor do proximo, havendo-se V. Senhoria com grande largueza com os necessitados, caridade, e reverencia com os Religiosos, verdade sem engano, lizura discreta, muy summa bondade, valor,

lor extremado , propensaõ à guerra, e aos bons exercicios Militares; prudencia conhecida, juizo delicado applicaçãõ aos livros, e Artes liberaes, taõ necessarias a hum perfeito Heroe; finalmente o que todos reconhecemos de V. Senhoria he, que não sabe faltar com liberalidade aos nobres, e com piedade aos pobres.

E para credito destas solidas verdades permitta-me V. Senhoria dizer o que mais sinto de seu generoso, e destimido animo, usando da presente comparaçãõ, porque se já houve hum famoso Portuguez chamado Lourenço Alvres, logo no principio do descobrimento do Brasil, filho da nobilissima Villa de Viana, que teve a fortuna no seu mesmo naufragio, quando se podera considerar perdido no fatal destroço de ter dado à costa na Nao, em que vinha embarcado, o qual por

pieda-

piedade, e commizeração do Gen-
tio Barbaro lhe foy concedida a vi-
da (se he que não foy permiffão di-
vina) do qual procedeo a mayor no-
breza, das melhores Familias, desta
terra.

Com muito mais duplicadas ra-
zoens, e singulares prerogativas, as
confidero eu agora na nobliffima
pessoa de V. Senhoria; porque sa-
hindo da mesma Villa de Vianna,
para esta dillatada região da Ameri-
ca, e chegando a este novo mün-
do, não por piedade, ou commi-
zeração dos naturaes, mas fim por
seu esforçado, distimido valor fez
fogeitar, e ceder toda a rebeldia
dos valentes Paulistas do Certaõ do
Brasil, à que se reconhecessen a obe-
diencia, e fogueição, que devem
ter ao nosso grande Monarca Rey
de Portugal, quando nas minas do
Ouro de São Paulo houve aquelle
no.

notavel motim, ou levante contra os filhos de Portugal, havendo-se V. Senhoria, com taõ distimido valor, e prudencia, que a todos os rebeldes vencço, e convencço a fogo, e a ferro até que os fez logeitar por força ao jugo, e obediencia, que devem ter à Real Coroa de Portugal, devendo-se tudo este bom successo ao grande valor, e prudencia de V. Senhoria, acção por certo dignissima de todo o louvor, e de ser premeada com muy remunerantes cargos honrosos.

E no que mais realçou a grande, e generosidade de V. Senhoria foy quando vendo-se todo aquelle Povo taõ obrigado como livre do odio, e traição daquelles naturaes da terra, em agradecimento deste taõ grande beneficio, que de V. Senhoria tinhaõ recebido com vivas acclamaçoens, ou quizerão fazer seu Govern-

vernador pelos haver livrado do poder dos seus contrarios , e pelos conservar , e estabelecer na paz , e posse de seus bens.

Foy V. Senhoria taõ prudente, como fiel vassalo a seu Rey, porque todas estas honras , e acclamaçoens populares dimittio , e regeitou , e só se conservou no cargo de Regente , e defensor daquelle povo até dar parte a Sua Magestade do que havia obrado no seu Real serviço, conservação de seus póvos como taõ zeloso da honra de Deos , e leal vassalo de seu Rey , e grande caridade, [que obrou, e está obrando com os proximos, seus naturaes.

Esta he a razão, Senhor, que me deo a sorte para tomar a confiança de fazer a V. Senhoria esta supplica, e a minha impossibilidade para adquirir o direito , como pobre, para
lhe

Ihe pedir se digne ler este compen-
dio; e quando V. Senhoria conhe-
ça, que desta escripta possa resultar
alguma gloria a Deos, exemplo ao
mundo, supplico a V. Senhoria co-
mo taõ devoto da Máy de Deos, a
quem tenho dedicado este livro, se
digne mandalo dar ao prèlo; e am-
paralo com o seu Patrocínio, para
que a mesma Senhora lhe alcance de
seu Divino Filho muy prospera vida
com muitos augmento da sua divi-
na graça, como este seu criado lhe
dezeja. Cidade da Bahia 28. de Junho
de 1725.

De quem se digna muito
de criado de V. Senhoria.


Nuno Marques Pereyra.

the p... le... se...
dio; e quando V. S...
ca, que della...
alguma gloria a Deus, exemplo de
mundo, supplico a V. S...
ato tao devoto da M... de Deus
quem tanto dedicado enc...
digne mandalo dar ao p... e am-
paralo com o seu Patrocinio, para
que a mesma Senhora lhe alcance de
seu Divino Filho muy prospera vida
com muitos augmento da sua divi-
na graça, como elle seu criado he
C... Cidade da Bahia 28 de Junho
de 1725.

De quem se digna muito
de criado do V. S...

Ante Alcaide F...

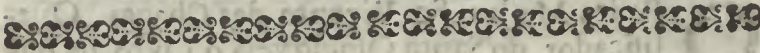
L M



LICENCAS

DO

SANTO OFFICIO.



O Padre Mestre Frey Manoel Coelho Qualificador do Santo Officio veja o Livro de que se trata, e informe com o seu parecer Lisboa Occidental tres de Julho de 1725.

Rocha. Fr. Lancastré. Cunha. Teyxeira:

Sylva. Cabedo.

Emminentissimo Senhor.

V I O Livro de que trata a petição ; e nelle não acho cousa contra nossa Santa Fè ou bons costumes V. Eminencia mandará o que for servido. São Domingos de Lisboa 20. de Novembro de 1725.

Fr. Manuel Coelho.

O Padre Mestre Fr. Vicente das Chagas, Qualificador do Santo Officio veja o Livro de que se trata, e informe com seu parecer. Lisboa Occidental, 20. de Novembro de 1725.

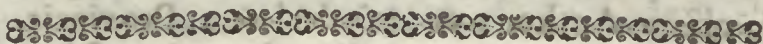
Rocha. Fr. Lancaestre. Cunha. Teyxeira.
Silva. Cabedo.

EMMINENTISSIMO SENHOR.

P Or ordem de V. Eminencia revi o presente Livro, que se intitula *Peregrino da America* Author Nuno Marques Pereyra, e nelle não achei sombra, que eclipse a luz da doutrina dos San-

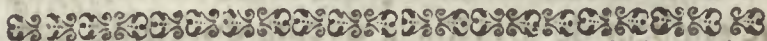
Santos Padres, nem por consequencia coufa, que repugne à pureza da Fé Catholica, ou bons costumes; em tudo mostra o Author Peregrino ser douto, elegante, e engenhoso; e assim bem merece esta obra por peregrina, que se imprima dandolhe V. Eminencia para isso licença V. Eminencia fará o que for servido Santo Antonio dos Capuchos de Lisboa Occidental 13. de Dezembro de 1725.

Fr. Vicente das Chagas.



Vistas as informaçoes, pode-se imprimir o Livro intitulado *Peregrino da America*, que compoz Nunno Marques Pereira, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença para correr, sem a qual não correrá, Lisboa Occidental 14. de Dezembro de 1725.

Rocha. Fr. Lancastre. Cunha. Teyxeira.



DO ORDINARIO.

O Reverendo Padre Manoel Consciencia da Congregaçam do Oratorio veja o Livro de que se trata, e nos informe com seu parecer Lisboa Occidental 30. de Janeiro de 1727.

D. J. Arcebispo:

Illustrissimo Senhor.

O Bediente à ordem de V. Illustrissima vi o Livro intitulado *Compendio narrativo do Peregrino da America*: que compoz, e quer dar ao prelo Nuno Marques Pereira. Supposto que o Author nos não declare a Provincia, que tem por Patria, ou lhe serve de residencia; e ainda que as não insinuaraõ muito as reflexoens, que faz na presente Obra, a sua grande erudiçaõ só bastava para o reputarmos por Nacional do Brasil: porque só em terra, Officina propria de engenhos, se podia fabricar Obra com tanto, e onde se achaõ as prerrogativas do mayor. Na fabrica daquelles achasse junta a utilidade com a doçura, e neste Livro une-se tambem de maneira a doçura do estillo com a utilidade das materias, que pôde gabar-se de ter acertado em to lo o alvo da eloquencia persuassiva, que a essa aponta o Poeta Lyrico: *Omne tulit punctum, qui miscuit utile dulci*. Este Livro nada desdiz da sua Inscripçaõ. Intitula-se *Compendio*, e o he de mui doutrinaes exemplos, modernos, e antigos; de litteraes sentenças da Escriitura sagrada, e mui ponderosas dos Santos Padres; de doutrinas uteis, e fervorosas; de do-

cum-

cumentos catholicos, e moraes; de erudiçoens Divinas, e humanas: e finalmente nas varias materias, em que o Author aqui toca, escreve com tanta intelligencia da Filosofia, Theologia, Medicina, Jurisprudencia, Poesia, e outras faculdades, que neste seu *Compendio de narraçoens* se mostra outro universal de scientificas noticias. Da que se vés já a grande propriedade, com que o ideou na metaphora de *Peregrino*, para que obra, que era peregrina em tudo, o mostrasse ser até no titulo; Em muitos *Peregrinos* notou Justo Lypfio o defeito de que intentavaõ as suas peregrinaçoens mais por appetite, que por fruto, trazendo-se dellas só cousas agradaveis para a vista, e nada conducentes para a salvaçoõ: *Multi non tam fructu, quam voluptate perigrinantur, plura ad aspectum, quam ad salutem referentes*: porem deste *Peregrino*, pelos solidos documentos, que dá para a reforma das vidas; pelo activo zelo, com que reprehende a insolencia dos vicios; pela fervorosa eficacia, com que persuade a observancia das virtudes; bem se podem esperar copiosos frutos espirituaes em quem lei com verdadeiro desejo de se aproveitar. Até no ser este seu *Peregrino da America* mostra o Author as virtuosas ansias com que sollicita o bem daquellas Almas, procurando que esse *Mundo novo* (pois assim se appella esta ultima Parte do subluar) não estela tão inveterado nos vicios, e se renove pela emenda, graça, e penitencia.

Just. Lypf. cent. 1. Ep. 22.

Plin. lib.
1. Epit.
10.

Marth.
13. 34.

Para conseguir com suavidade, e destreza intentos tao louvaveis, e catholicos, se mostra elegante nas descripçoens, moderado nas invectivas, engenhoso nas idéas, e moral nas allegorias. Estranha os abusos nos trages, nos officios, nas modas com discreta, e innocente fraze, de sorte que reprehenda sem offença, e persigua não as pessoas, mas as culpas. *Insectatur vitia, non homines; nec castigat errantes, sed emendat.* As verdades, que por mihi claras, e insipidas, podiaõ ficar menos fructuosas, as propoem encubertas no estilo parabolico, de que às vezes usa, e noqual envolve importantes advertencias; por ser este efficacissimo para penetrar, e persuadir, e porisso tao usado de Christo Senhor Nosso, quando prégava às Turbas, como adverte o Evangelista. *Hæc omnia locutus est Jesus in parabolis ad turbas; & sine parabolis non loquebatur eis.* Sendo pois este Livro por tantas circumstancias, e pela de não ter nada que se opponha à pureza da nossa Santa Fé, e bons costumes, tao digno de se divulgar, justamente merece a licença, para que se possa imprimir. V. Illustrissima mandará o que for servido. Lisboa Occidental, e Congregação do Oratorio de S. Filipe Neri. 14. de Fevereiro de 1727.

O P. Manoel Conciencia.

Vistas

V Iftas as informações pódo-se imprimir o Livro de que fe trata, e depois de impresso tornará para fe conferir, e dar licença, que corra: fem a qual não correrá Lisboa Occidental 20. de Março de 1727.

D. J. Arcebispo.

D O P A C, O.

O Padre Mestre Gregorio Barreto da Companhia de J E S U S, veja este Livro enterpondo o seu parecer, o remeterá a esta Mesa Lisboa Occidental 24 de Março de 1727.

Marquez Presidente. Pereira. Galvão.

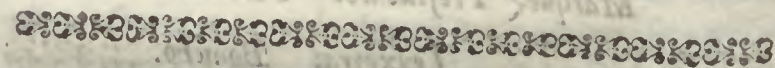
Teyxeira: Bonicho.

S E N H O R.

P Or ordem de V. Magestade vi o Livro, que fe intitula *Peregrino da America*, composto por Nuno Marques Pereira: nelle não encontra cousa alguma, que pareça neros conforme ao Direito,

reito, ou Regalias de V. Magestade, antes muito con-
ducente ao seu Real serviço, que se dá por mais in-
teressado no de Deos N. Senhor ao qual se ordena ex-
pressamente o argumento desta obra dirigida a ex-
cirpar os abusos introduzidos no Estado do Brasil. Este
se acha quanto ao temporal nos seculos de ouro: in-
tenta a piedade, e trabalho do Author, que seja o
mesmo no espiritual, para que na melhora dos cos-
tumes possa dizer-se com verdade: *Redeunt in aurum*
Tempora primum. Com maior razão se chamará mun-
do novo, se na observancia de tão varios documen-
tos tornar áquelle Estado aos antigos, e primitivos
costumes, que nelle se plantaraõ com a pureza da
N. Santa Fé. Assim será, e só assim rico para os vas-
fallos de toda esta Monarquia, rico para V. Ma-
gestade, e rico para o mesmo Deos. Este o meu
parecer: V. Magestade mandará o que for servido.
Lisboa, Occidental Casa Professa de S. Roque da
Companhia de JESU. 7. de Mayo de 1727.

Gregorio Barreto.



Que se possa em primir vistas as licenças do
Santo Officio, e Ordinario, e depois de im-
presso tornarà à Mesa para se conferir, e taxar,
que sem isso não correrá Lisboa Occidental. 10. de
Mayo de 1727.

Marquez Presidente. Galvão. Teyxeira.

Bonicho. Tavares.

Está

XX

E Stá conforme com o original,
São Domingos de Lisboa Occi-
dental, 6. de Abril de 1728.

Fr. Manoel Guilherme.

XX

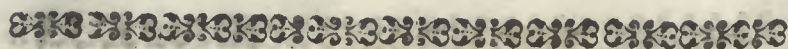
V Isto estar conforme com o ori-
ginal póde correr Lisboa Oc-
cidental, 6. de Abril de 1728.

Fr. Lancaestre. Cunha. Sylva. Cabedo.

XX

V Isto estar conforme com o origi-
nal póde correr Lisboa Occi-
dental, 7. de Abril de 1728.

D. João Arcebispo de Lacedemonia.



TAxaõ este livro em 00. reis
em papel Lisboa Occidental
8. de Abril de 1728.

Marquez Presidente. Galvaõ. Teyxeyra.

Bonicho. Tavares.





I N D E C E

D. O S

C A P I T U L O S

deste Livro.

CAP. I. *Dá o Peregrino principio à sua narração ; e trata da conversação que teve com o Ancião acerca de que todos fomos Peregrinos neste mundo : e do que devemos obrar com acerto, para chegarmos à nossa Patria, que he o Ceo.*
pag. 1.

CAP. II. *Continúa o Peregrino a sua narração, declarando, que não foraõ os interesses dos cabedaes, que o fizeraõ ir às Minas do Ouro. E com varios exemplos mostra o grande mal, que nos resulta da ambição, e soberba.* pag. 12.

CAP. III. *Mostra o Peregrino com varios exemplos, que bem pôde hum homem ser muito rico, e grande*
Peregrino

Peregrin em qualquer estado; e por suas boas obras se virtuozar a salvar-se. pag. 23.

CAP. IV. Trata o Peregrino das grandes excellencias da Pobreza: reprehente aos pobres calaceiros: e declara o muito, que a todos aproveita o fazer esmolas aos pobres necessitados pelo amor de Deos. pag. 35.

CAP. V. Dá principio o Peregrino à relação da sua jornada para as Minas do Ouro: trata das excellencias da Missa: e manifesta algumas virtudes do Veneravel Arcebispo da Bahia D. Fr. Manoel da Resurreição por estar sepultado na Igreja de Belem, onde o Peregrino então se achava. pag. 46.

CAP. VI. Do Catalogo dos Bispos, e Arcebispos da Cidade da Bahia desde o principio de sua fundação. E se manifesta algumas excellencias do Muito Reverendo Padre Alexandre de Gusmao, Religioso da Sagrada Companhia de JESU, Fundador do Seminario de Belem. pag. 61.

CAP. VII. Chega o Peregrino à casa do primeiro Morador: e trata dos louvores da Santa Cruz, com muitos exemplos, e milizes, que no mundo se tem visto, e comprovados com toda a verdade. pag. 68.

CAP. VIII. Conta o Peregrino ao Morador, o como Adam, e Eva foram feitos por Deos: e o que lhes succedeo no paraizo, até que foram desterrados delie por causa do peccado. pag. 82.

CAP. IX. *Relata o Ancião ao Peregrino o principio de nossa redempção : e mostra como a Santissima Virgem MARLA foy preservada da culpa original, por especial favor, e graça de Deos. pag. 86.*

CAP. X. *Manifesta o Peregrino ao Morador, como fomos creados â imagem, e semelhança de Deos : como devemos fazer huma boa Confissão : e quanto nos importa ter oração : com varios exemplos. pag. 94:*

CAP. XI. *Falla o Peregrino do primeiro Mandamento da Ley de Deos, com muita doutrina espiritual, e moral : e reprehende o grande abuso das Calundús, e feitiçarias, que se achão introduzidas no Estado do Brasil. pag. 115.*

CAP. XII. *Trata o Peregrino do segundo Mandamento, com muitos avisos, e documentos, para se evitar em tantos juramentos falsos em juizo. pag. 131.*

CAP. XIII. *Do terceiro Mandamento. Aconselha o Peregrino, o como devem os Senhores tratar a seus escravos, e familias, fazendo-os guardar os Domingos, e festas : com varios exemplos de doutrina. pag. 148.*

CAP. XIV, *Do quarto Mandamento. Dá o Peregrino muitos documentos aos Pays de familias, de como devem tratar, e ensinar, a seus filhos : e aos filhos, de como hão de obedecer a seus Pays. pag. 166.*

CAP. XV. *Do quinto Mandamento: Mostra o Peregrino, que não devemos matar, nem offender a nos-*

so proximo : e aconselha a hum creminoso o meyo de
livrar da culpa, em que estava : e de como premit-
tir Deos, que tudo succedesse bem pag. 201.

CAP. XVI. Do sexto Mandamento. E do que suc-
cedeo ao Peregrino em casa de hum homem, que esta-
va concubinados : e como o aconselhou, para o livrar
daquelle mau estado. pag. 224.

CAP. XVII. Do septimo Mandamento. E do que
succedeo ao Peregrino com hum Vendeiro, que esta-
va roubando ao povo : e como o dissuadio daquelle mau
trato, com varios exemplos pag. 260.

CAP. XVIII. Do oitavo Mandamento. Trata-se mui-
ta doutrina, e se reprehende o vicio da murmuração.
Dissuade o Peregrino com varios exemplos a tres
murmuradores, que achou murmurando : e aconselha
o como se deve livrar deste vicio. pag. 276.

CAP. XIX. Do nono Mandamento. Relata o Pe-
regrino os lastimosos casos, que vio succeder por
causa do peccato de adulterio. E dá varios conse-
lhas, para poderem viver os casados em boa paz.
pag. 301.

CAP. XX. Do decimo Mandamento. Mostra o
Peregrino com muitos exemplos o dano que nos faz
a ira, e consequentemente a enveja. E faz meter
em paz a dous homens vizinhos, que andavaõ em dis-
cordia. pag. 333.

CAP. XXI. Manifesta hum morador ao Peregrino o
achaque continuo que padece, e lhe pede algum re-
medio

medio para elle : e o Peregrino lhe dà duas receitas, huma corporal, e outra espirital; e lhe tras muitos exemplos dos que neste mundo padecerão enfermidades. pag. 348.

CAP. XXII. Declara o mesmo morador ao Peregrino a fórma em que dispõem de seus bens no testamento que tem feito : E o Peregrino lhe aconselha o como deve testar com acerto, para assegurar a sua salvação. pag. 367.

CAP. XXIII. Do encontro, que o Peregrino teve com o Padre Capellaõ : e da conversação, que tiveram acerca do estado Sacerdotal. pag. 381.

CAP. XXIV. Do que o Peregrino viu, e observou no alpendre da Igreja, e dentro da Capella nór, e Sacristia : e da pratica, que teve com o Sacristão. pag. 393.

CAP. XXV. Da explicação do Quadro, ou Espelho da vida humana, no qual se trata materia muy espirital. pag. 405.

CAP. XXVI. Da relação, que dà o Peregrino, da conversação que teve o Pastrano com os que eslavaõ no alpendre da Igreja, acerca do que lhe succedeo na Cidade da Bahia. He materia de muita moralidade. pag. 409.

CAP. XXVII. Cópia de huma Carta escrita da Cidade de Lima ao Presidente das Charcas na qual se lhe conta o infeliz successo, e ruina, que causou o tremor da terra em toda aquella Cidade, aos vinte

te de Outubro de 1687. desde ás quatro horas e
meia da manhã, até as sete e meia do mesmo dia.
pag. 440.

CAP. XXVIII. Declara-se o Anciaõ com o Peregrino,
e lhe diz que elle he o Tempo bem empregado :
faz-lhe muitos avisos espirituaes para bem de sua
salvação : e se dá fim à primeira Parte deste Com-
pendio. pag. 454.



COM-



COMPENDIO
 NARRATIVO
 DO
 PEREGRINO
 DA
 AMERICA.
 CAPITULO I.

*Dá o Peregrino principio à sua narraçãõ : e trata da
 conversaçãõ, que teve com o Anciaõ à cerca de que
 todos somos Peregrinos neste mundo : e do que de
 vemos obrar com acerto, para chegarmos à nossa
 Patria, que he o Ceo.*



M treze grãos da Linha Equinoc-
 cial para o Sul, na Costa da
 America, onde se dividio a ter-
 ra, e se recolheo o mar, fazen-
 do huma fermosa Abra, das mais
 espaçofas que reconhecê o Orbe,
 em suas ribeiras : em cujo golfo, como em praça,
 passeãõ navegando as embarcações sem mais rotei-
 ro,

ro, que a aprazivel vista dos altos montes, cobertos de verdes plantas, das quaes por arte de engenheiros se faz o claro açucar. Nesta bella concha se vé huma rica perola, engastada em fino ouro, aquella nobre, e sempre leal Cidade do Salvador, Bahia de todos os Santos, Metropoli do Estado do Brasil: a qual teve seu principio pelos insignes Portuguezes naquelle novo Emporio do mundo, como largamente trataõ varios Authores. Logo na entrada da Barra, em hum vistoso outeiro, está edificada huma Igreja da Mãe de Deos com o Titulo da Senhora da Vitoria.

Neste famoso sitio, e devoto Templo me achava eu huma tarde de Vraõ, por gozar da sua agradável vista, tanto do largo mar Oceano, como da muita parte de reconcavo, por ser dilatado em diversos Rios, e muitas Ilhas: quando avistey hum veneravel Anciaõ, que dirigia seus passos para o mesmo lugar, onde eu estava. Vinha elle vestido à cortezãa; barba crecida, e muita branca; cabellos proprios até os hombros; com hum baculo na mão; e no alto delle hum relógio do Sol, e outro de horas, que em hum cordel o prendia, e lhe servia de prumo, quando delle usava. E como o vi perto, me levantey; e depois de me saudar, e eu a elle, com o costumado cortejo, e urbanidade, nos assentamos: e rompeo nestas palavras.

Como, Senhor, tão solitario em hum lugar tão aprazivel? Ao que lhe respondi: Já ouvireis dizer aquelle rifaõ Castelhana: *Una ave sola, ni canta, ni lora*. E porque ordinariamente succede, de algumas companhias resultarem muitas offenças a Deos, principalmente no murmurar das vidas alheas, como o vemos por experiencia, e escrevem

varios Autores: por evitar este, e outros inconvenientes; depois de ter feito cragaõ à Santissima Virgem da Victoria, me assentey aqui, onde me achastes: mas agora me poderey dar o parabem de gozar de vossa presença, e companhia. Ao que me respondeo o Anciaõ: Não devo pouco à minha dita, por vos encontrar, e participar de vossa discreta conversação. Mas fallando do Sitio, posso affirmar, que assistindo algumas vezes nesta Cidade; não achey territorio mais agradável: porém distando menos de huma legua, e com taõ bom caminho; o vejo taõ pouco frequentado dos moradores della. Senhor, lhe disse eu o trafego dos negocios não só faz aos homens esquecerem-se do recreyo do corpo, mas tambem do espirito. Oxalá não fora isso taõ certo, me respondeo o Anciaõ.

Porém passando de hum extremo a outro: quizera que me disseris, que estado tendes? e de que tratais? Eu, Senhor, lhe respondi, sou Peregrino, e trato de minha salvação. Muito me tendes dito, me disse o Anciaõ: porque vos posso affirmar, que me dais motivo, para fazer de vós maior conceito, do que se me disseris ser huma grande personagem. Quizera, Senhor, lhe disse eu, que me deréis a definição de vosso encarecimento, por vos não ter por lisongeiro; o que de vós se não póde presumir. Nunca Deos permita; me respondeo o Anciaõ, que em mim tal vicio se ache; por ser de sua natureza taõ pessimo, que, se não fora por vos molestar, vos referira varios successos, que por este vicio, e peccado tem succedido no mundo. Mas, já que pertendeis que vos diga a razão do meu encarecimento.

Sabey, que he este mundo estrada de Peregrinos, e não lugar, nem habitação de moradores;

porque a verdadeira Patria he o Ceo; como assim o advirtio S. Gregorio Papa : que por isso em quanto andaõ os homens neste mundo, lhe chamaõ caminhanes. E diz S. Joã Chrystomo, que neste mundo não ha mais que huma virtude, da qual se compõe as outras : e he o ter-se por Peregrino nesta vida, e por Cidadão da Gloria.

E quem assim conhecer a sua Patria, com razão poderá dizer com David : Ay de mim, porque he prolongada a minha peregrinação. O qual fallando com Deos, diz : Não calleis, Senhor : porque eu sou adventicio, estrangeiro, e peregrino diante de vós, como foraõ os meus antepassados. Como quem queria dizer : Senhor, pois eu não faço caso das injurias dos homens, nem das propriedades da terra, e nella me trato, como quem vay de caminho; não tapeis vossos ouvidos a meus clamores.

Por esta causa premiou Deos a Abraham, por se fazer Peregrino, com o fazer Pay de todas as gentes; por ver o zelo, com que o amava, desprezando todo o soccego do mundo pelo servir. Este foy tambem o modo de vida, que Deos deo, e ensinou a Isaac, quando o mandou para a terra de Canaan, que devia morar, e juntamente ser Peregrino. E diz S. Paulo fallando com os homens, que são todos Peregrinos, e que não tem aqui Cidade permanente, e propria : e que vão caminhandos, e buscando-a, que he sem duvida a Gloria. Do Abbade Olympio se conta, que perguntando-se-lhe de que modo se viveria no mundo; deo por resposta : Tratate, e estimate, como Peregrino. Finalmente Christo Senhor Nosso tambem se chamou Peregrino : e os Apostolos tambem o foraõ, em quanto viveraõ neste mundo.

E por isso com grande razaõ disse David, que toda a vida do homem neste mundo, não he mais, que hum quasi entrar nelle, e sair logo. E em outro lugar: (Psal. 136. v. 4.) Como podemos alegrarnos em terra alhea? E Job, com viver duzentos e quarenta e tantos annos, disse, que a sua vida era huma trasladação sómente de hum sepulcro para outro: do ventre para a sepultura.

E assim permittio Deos, que a vida do homem fosse breve, para que elle nem com as propriedades se ensoberbese, vendo o pouco tempo, que as havia de gozar; nem com as adversidades perdesse o animo, vendo que em breve haviaõ de acabar: e para que se resolvesse a se mortificar, e viver conforme aos preceitos divinos; e conselhos de Christo, tendo por grande ventura o comprar com trabalhos de huma breve vida na terra, os gostos eternos na Gloria, onde deve sempre ter o seu pensamento, e o coração, tendo-se neste mundo por Peregrino, e desterrado; fugindo de empregar o seu coração na terra: porque, como aconselha Santo Agostinho: Onde estão fixos, e permanentes os nossos corações, ahi estão os nossos gostos.

E deste discurso se segue, que se devem tratar, e haver os homens, como Peregrinos. Porque, se bem repararmos que cousa he a vida de hum homem neste mundo, acharemos, que não he mais, que huma mera peregrinação: que vão caminhando com toda a pressa para a eternidade, desde o inferior ao superior, tanto que chegaõ a ter uso de razaõ: já andando, já navegando, já appetecendo glorias até possuillas, e na mesma posse temendo perdellas. O desvalido, queixando-se de as não pouver al-

cançar, e possuir. O enfermo, dezejando a saude; para a estragar. O navegante, buscando o porto, e tal vez para se perder: e quando já nelle se acha, appetecendo voltar; e se não he com o corpo, com a vontade. E assim não ha no homem firmeza, nem estabilidade, que por muito tempo dure; por andar sempre em huma perpetua mudança. E só para este bullicio, quando chega a hum dos dous termos, aonde ha de ir parar: ou ao Ceo, para onde foy creado; ou ao Inferno, o que Deos não permita por sua divina clemencia, e misericordia. Tenho-vos fallado espiritualmente: agora vos quero advirtir moralmente o como se deve observar o Peregrino politico, e Christão.

Não merece pouca estimaçã, o que desprezando os mimos, e regalos de sua Patria, busca as alheas, para nellas se qualificar com mais largas experiencias: por cuja razaõ he o sair da Patria, o que faz aos homens mais capazes, e idoneos para muy grandes emprezas, e sufficientes para tudo; como o tem feito a tantos Varões Illustres. Porém ha de ser com tençã de não mudar só de lugar, se não tambem de costumes: porque he certo, que quem peregrina acompanhado de seus vicios, mais valera não haver saido; pois tornará mais perdido, que aproveitado: porque as enfermidades da alma não se curaõ com a mudança do lugar. O Peregrino vay por onde ha de achar cada dia novos costumes, e os deve seguir, e approvar; e não reprehendellos: pois he mais razaõ accommodar-se ao uso da terra; que pertender, e querer trazer aos mais ao costume da sua Patria. Ha de considerar, que vay obedecer às leys, que achar estabelecidas; e não a dar regra aos mais; e que vay aprend

der, e não a ensinar. E peregrinando assim, se qualificará em hum perfeito Heroe.

Faça muito por adquirir seis virtudes, que são: Piedade de Religião, Estimação da Justiça, Prudencia, Fortaleza, Magnanimidade, e Temperança. Observe tambem quatro meios de virtudes moraes, e muy necessarias, para ter estimação, e fabledoria. O primeiro, apartar de si todo o mau exemplo de opiniões, e leituras, que não forem dirigidas a Deos. O segundo, fugir de ruins companhias, procurando imitar aos virtuosos, e sabios. O terceiro, ser tão bom no interior, como dezeja apparecer no exterior. O quarto, e ultimo, empregar o entendimento em conhecer, e a vontade em eleger o que he verdadeiramente bom. Porque são os meios de grande aproveitamento para com Deos, e os homens. E quem assim se occupar em sua vida, e peregrinação, mediante a graça de Deos, alcançará o premio do fruto, que dezeja, que he o Reino do Ceo.

Senhor, lhe disse eu: muy pago, e satisfeito estou do que me tendes dito, e aconselhado. Porém pergunto: Como se ha de hum homem constituir em tão solidos, e perfeitos documentos, sem ter sciencia, ou Mestre, que o ensine?

Respondo, me disse o Anciaõ. Para ser hum homem politico, bom Christão, deve ser obediente aos preceito da Santa Madre Igreja, procurando as mais vezes, que puder, o Sacramento da Penitencia: tomando os avizos, e documentos do seu Padre espirital, e os conselhos dos bons: e entendendo, que ninguem pôde fazer obra meritoria, sem a graça de Deos; e que não podem estar juntos em hum sujeito, o peccado, e a virtude: que Deos creou ao

homem, para que o amasse, e merecesse : que se não nega a nenhum, que o quer. E isto basta entender, e seguir estas verdades ; e não he necessario para entender estas maximas, ser Filosofo, nem Theologo.

Supposto que todo o homem dotado de bom entendimento, he Filosofo natural : e na Filosofia, assim natural, como Fisica, e Moral, ha tres partes : a primeira he definição, que declara o que he a cousa: a segunda, porque razão se chama assim: a terceira, porque tal razão se chama demonstração. E logo se segue o saber o que he Definição, Entimema, Consequencia, Verdade, Falsidade ; e outras muitas cousas, que são pertencentes à Dialectica, para a Filosofia natural; porém totalmente inuteis para a moral, em que convem mais obras, que palavra, e simples conhecimento dos argumentos : e só pertence ao Theologo dizer as razões, em que se fundão; porque as futilidades Dialecticas, mais servem de embaraço, do que de clareza para o nosso intento.

Tão Laconico, e ingenuamente, Senhor, lhe disse eu, tendes mostrado os termos da Filosofia natural, e Fisica ; que me tendes admirado : pois sabendo que são necessarios tres annos, e às vezes muitos mais, para declarar seus termos, e preceitos tão universaes ; os tendes explicado tão brevemente, com tão solidos fundamentos, por meios tão perceptíveis; que me tendes satisfeito. Mas o que pertendo saber de vós, he, que me digais o como se poderá melhor entender esta terceira parte da Filosofia Moral, que de tanta utilidade he ao homem para viver, bem virtuosamente, fundada na melhor razão : por não ficar

car indifferente; sem me saber determinar.

Respondo, me disse o Anciao. Filosofo moral val o mesmo, que afeição, e conhecimento das virtudes, e regimento prudente da vida espiritual; que he, como vos disse: Prudencia, Justiça, Fortaleza, Temperança. Estes se aprendem com os dictames moraes, e pelos bons exemplos, e Livros espirituaes: que tambem os muitos Livros são distracção do entendimento; como se tem visto em muitos, que cuidaão que sabião dar documentos, por doutos, e versados em ler, e escrever, e se achãrão tão faltos de sciencia; como cheios de peccados no Inferno: dos quaes vos fizera mais expressa, e individual menção, se não fora prolongar este discurso, que como rão sabido de todos, e escrito nos Livros, me escuso agora de volo repetir. Porque he vereda perigosa a sciencia, se a Fé, e a Humildade não guiaão seus passos.

Mas tornando ao nosso intento, venho a dizer, que mais se aprende obrando, que lendo. Exemplo. Melhor he ser caritativo, do que ler que he bom fello: e melhor he obrar hoje huma virtude, do que propor de fazer duas à manhãa; porque lá disse hum experimentado, que pelo caminho de à manhãa se vay à caza de nunca. E por isso se diz: que o Inferno está cheyo de bons dezejos, e o Ceo de boas obras; por ser a primeira virtude luz, e guia, para encaminhar as mais: e quanto se tem escrito, e inculcado para as virtudes, não ensina tanto, como a execução da obra, e exercicios dellas. Para obrar bem, he necessario pôr por obra, o que se propõe na vontade: e melhor he obrar alguma coula com virtude; do que ler, e fallar muito, e não fazer nada: e daqui vem, que muitos
se

se mostráráõ muy praticos na virtude de palavras, e pelo contrario obrando. E assim para o acerto da vida, como para a segurança da Gloria, não ha de ser só a memoria, e o dezejo de obrar bem; porém sim pondo-o em execuçaõ. Não seja só o amor especularivo; ha de passar ao pratico: porque nisto está todo o bem, em que nos devemos occupar, considerando os grandes poderes da virtude; pois ella faz não só dos bons melhores, mas dos maos bons, e de peccadores justos: e tudo o mais sem virtude, he nada. Porque tambem deixar o vicio por medo, e não por aborrecimento; mais se póde chamar a este timido, que justo: porque a nenhuma maldade, póde favorecer o secreto. Bem póde hum occultar o seu peccado; mas não poderá deixar de o temer; ainda que cego do amor proprio, que he a causa, que o homem menos conhece, e sempre o engana: por ser o peccado morte da alma, verdadeiro mal, inimigo de Deos, occasião de desgraças, incendio voraz da consciencia, condemnação eterna.

Póde o homem ser pela virtude amigo de Deos, bemquisto com os homens, lograr saúde, ter descanso, seguir a luz da fé, eos ditames da razão; escapar do Inferno, seguindo a Christo, abraçando a virtude, aborrecendo o peccado, que he a causa de todo o nosso mal, e ultimamente meio de nos privar de gozar da Gloria. Finalmente o peccado lançou a Lusbel do Ceo, e deo com elle, e com todos os seus sequazes no Inferno: e a Adam deturrou do Paraiso, e a todos os seus descendentes os poz em hum valle de lagrimas. E detta sorte me parece, que vos tenho em parte satisfeito do muito,

que se pôde dizer deste particular: porque o achareis escrito em Livros espirituaes, e praticado nos pulpitos por Prégadores Evangelicos, e Missionarios Apostolicos. Resta agora, que me deis noticia de vossa peregrinação.

Tão obrigado, e satisfeito, lhe disse eu, me considero; que por divida tenho, não faltar ao que me pedís: e mais ainda, quando vos vejo tão douto, como ensinado do tempo, e com tão largas gas experiencias, que estas senão pôdem adquirir, senão depois de muitos annos. Por cuja razão levo seguro abonador à minha narração, ainda que me reconheço pouco verboso; e menos elegante no estylo. Mas como sempre ouvi dizer, que se ha de fallar, a quem dezeja ouvir: affoyto, e confiado, me animo a vos obedecer. Não me começarey a inculcar pelo solar de meu nascimento, ou alabanças da minha Patria; por aquelle ser muito humilde, e cita ter pouco nome: supposto que para nacer, qualquer lugar basta; o que parece necessario; he só fazer eleição da terra para viver. Não me eximindo porém, quando no fio da historia pafsar por ella, de publicar suas excellencias, que algumas inclue em si, como notoriamente se sabe. E assim, só tratarey agora do que faz ao nosso intento.

CAPITULO II.

Continua o Peregrino a sua narraçãõ, declarando, que não foraõ os interesses dos cabedais, que o fizeraõ ir às Minas do ouro. E com varios exemplos, mostra o grande mal, que nos rezulta da ambiçãõ, e soberba.

DEpois de ter corrido, e navegado muitas partes deste Estado do Brasil, e assim Cidades, como Villas, e Lugares; chegando a esta da Bahia, a tempo que se contavaõ tantas alabanças, e grandezas deſſas Minas do Ouro de S. Paulo: mais levado de hum dezejo de ver eſſe portento da Fama, novo mundo deſcuberto, ha tantos annos incognito, que dos lucros do intereſſe; me deliberey ir a vellas. Senhor, me diſſe o Ançiaõ: neceſſariamente vos hey de atalhar os ſios, da voſſa narraçãõ; pois vos ouço dizer couſa tão eſtranha de me perſuadir a crer: e vem a ſer, que houveſſe peſſoa, que intentaiſſe conſeguir huma jornada tão longe, e por caminhos tão aſperos, ſem que o levaiſſem os intereſſes, que todos neſta vida appetecem. Pois ſabe-y, Senhor, lhe diſſe eu, que por reconhecer os grandes males; que deſſe vicio rezultaõ a quem nelle ſe entrega; fugi, e fugirey, como quem de huma fera peçonhenta procura eſcapar. E vede, ſe tenho raziãõ.

He a Ambição irmãa da Soberba, e ambas produzidas da Enveja: por ſer eſta ſemelhante ao Inferno. Aonde entra eſte vicio, impera a Soberba, crece a Avareza, reina a Luxuria, acende-ſe a Ira, existe a Gula, governa a Enveja, acha-ſe a Preguiça.

guiça. E como será possível livrar-se huma creatura racional do Inferno, achan-se nella todos estes sete peccados; sendo que todos estes vicios, ou peccados, os favorecem as riquezas, e consequentemente a Soberba. E o peyor he, que sem embargo de serem tão grandes males, andaõ tão introduzidos no mundo, e em todos os estados: e não sey se diga, que ainda naquelles, que tinhaõ obrigação de os reprehender, e castigar.

Fundo esta minha razão nas palavras de Christo Senhor nosso por S. Lucas cap. 18. v. 25. quando disse, que mais facil he pafsar hum calabre pelo fundo de huma agulha, que entrar hum rico no Reino do Ceo. E he muito para reparar, que não disse Christo, hum ladraõ, ou mal feitor; se não hum rico. Porque parece nos quiz mostrar, que basta que hum seja rico, para cair em todos os peccados: por serem as riquezas em poder de quem as estima, a materia, em que se ateaõ, e ardem os mais vicios.

E não cuidem os Reys, e Monarcas do mundo, que se podem livrar desta summa verdade, por se verem estimados de todos; se não seguirem a doutrina do mesmo Christo, que para todos nos deo remedio, como quem veyo ao mundo para nos salvar. Porque nos mostra a experiencia, pelo que temos ouvido, lido, e visto de muitos Imperadores, Reys, e grandes Profonagens, que por ambiciosos, e soberbos, se vieraõ a perder: por serem a ambição, e a soberba inimigas da ley divina, e por isso causa da nosa perdição. E se não, vede.

Do Imperador Commodo, que succedeo no Governo de Roma, por fallecimento de seu pay Marco Aurelio, no anno de 180., se refere, que nelle se
desco-

descobrirão os vícios de Caligula, e Nero, escurecendo todas as virtudes moraes de seu pay; e admitindo todas as maldades, e torpezas, que pode accumular para seu depravado gosto, e appetite. Por se ver rico, e poderoso, se fez o mais cruel, e soberbo Imperador daquelle tempo. Esta peste durou treze annos, até que Narciso Lavrador o matou na Praça. Porque não tarda o castigo, a quem o merece: por serem os gostos, e deleites desta vida, vesporas de tragedias lamentaveis, a quem as provocas por seus peccados.

Naõ falta quem diga, que Dario foy o primeiro Rey, que cunhou dinheiro: taõ poderoso, e rico se fez, que nenhum teve maior thesouro, nem poder, como elle. E que vos parece, que lhe succedeo com todo este poder, e riquezas? Vir Alexandre Magno, por-lhe guerra, vencello, destruiillo: e não so desbaratallo dos bens, que idolatrava; como tambem tirar-lhe o Ceptro, e Reino; despossallo da mesma mulher, e filhos; e prendello, tendo-o maniatado em correntes: e tudo isto, porque foy taõ soberbo, e ambicioso. O qual talvez não experimentarã, se fora mais humilde, desinteressado: porque se sujeitara a partido, pagando feudo, e tributo; como muitos Principes, que por não quererem experimentar os rigores de quem, parece, dominava a fortuna, como Alexandre, se renderão à sua vassallagem, e assim ficaraõ livres de maiores trabalhos. Isto, que a Dario succedeo, mostra a experiencia: porque muitos fiados nas suas riquezas, e soberba, vem a ser ludibrio de escramento, e espectaculos de compaixão.

Carlos VIII. se fez Rey de França: e por se ver lisongeado de muitos, se perdeo, porque se quiz fa-

zer Senhor de muitas Provincias, e dominar muitos Reinos. Por ambicioso, e soberbo, veyo este a morrer de repente, depois de ter tomado posse do Cetro, e Coroa no anno de 1495., e acabou dalli a tres annos; não achando hum sepulcro no seu Reino, entre os seus Vassallos, em que seu corpo fosse sepultado: que a tanto, como isto, chega a demaziada ambição, e soberba, por não seguirem a Ley Divina, e os dictames da razão.

São as riquezas, e as soberbas, as que desta vida impedem, e tiraõ o locego, e ainda o mesmo credito, e honra, como se tem visto dos muitos exemplos. Veja-se o que succedeo em França no anno de 1602. a Mariscal de Veron. Este, todo o seu valor, e esclarecidas façanhas, que obrou pelo seu Rey, as desfez com o delito, que fez contra si mesmo. Por soberbo, e ambicioso, menos prezando os favores do seu Principe: depois de ter livrado a vida de tantos perigos, a veio entregar às mãos de hum verdugo; porque se não soube vencer guardando as leys divinas, em que nos devemos fundar.

Quem ama as riquezas, e se deixa levar da soberba, vem a experimentar a sua pouca firmeza, e estabilidade; porque ainda, no maior auge da fortuna, se não livra do precipicio, e desamparo. Assim succedeo a Roberto, Conde de Fex, de Inglaterra. Este havendo obrado feitos heroicos com o seu grande valor, e esforço: depois de ter ganhado aquella memoravel batalha dos rebeldes Irlandezes: cahio em tal baixa em hum instante da privança da sua Rainha Izabela, por soberbo, e ambicioso das glorias, e riquezas do mundo; que veyo acabar a vida em hum cadafalso, não lhe valendo os clamores do povo: porque o sentimento não impede a justiça.

Diz Seneca, que as riquezas fazem aos homens altivos, soberbos, e envejados: e que poucos são os Ricos, e Grandes do mundo, que não tenham estes efeitos consigo. Ao Duque de Ossuna, que em Nápoles tinha grandeado o nome de Bom Soldado, mandou prender El Rey Felipe III. por haver incorrido em oadio da Nobreza, por soberbo, altivo, e ambicioso: todavia ficou suspeitosa a prizaõ. Porém o certo he, que ambição domina a razaõ.

Finalmente he a ambição, a que mais brevemente nos tira a paz, e o socego, e abbrevia a vida. De Alexandre Magno se conta, que sendo tão esforçado na guerra, como favorecido das venturas, e riquezas do mundo; acabou a vida no breve curso de seus annos, não chegando ao fim da idade, pela grande appetencia de mais mundos vencer. E tal vez vivera mais, se não fora tão soberbo, e ambicioso de glorias vaidosas. Porque he certo que quem se não contenta com o que tem, vem a perder o que mais deseja.

Não assim succedeo áquelle grande Imperador Sigismundo: por ser tão desinteressado, como ajustado às Leys divinas. Do qual se conta, que trazendolhe quarenta mil escudos em ouro, de huma Provincia de Ungria: pensativo, como cuidadoso, em que os havia de empregar; passou toda huma noite sem dormir. E assim como amanheceo, chamou a todos os Cabos do seu exercito, e abrindo o cofre, onde estavam os dobrões, lhes disse: Vedes aqui os meus inimigos, que me não deixaraõ dormir, nem ter socego: Tomay-os, e reparti-os entre vos outros: e assim me livrarei desta molestia passada. E saindo tão contentes, como aproveitados os circunstantes; tornou o Imperador a chamallos, e repetio dizendo-lhes:

lhes : Forão-se já esses verdugos, que me atormentárao esta noite passada? E respondendo-lhe, disserão os Cabos: que já os tinhao repartido. Disse o Imperador : Graças a Deos, que já estou livre deste tormento.

Com grande razão disse Santo Agostinho, que he o ouro principio de todos os trabalhos. Porque bem considerado, não ha genero de molestia, que o amor das riquezas, não traga consigo : aos corpos privades de todo o descanso, e as almas despe de todas as virtudes. Donde se vé bem claramente o pouco focogo, e paz, que tem os racs consigo; pois todos os desvelos, e cuidados entregaõ às temporalidades, as quaes os fazem viver esquecidos de Deos, e da Gloria, consideração de que não ha outra felicidade maior, que as riquezas, e bens deste mundo. E se não, vede o que diz Christo Senhor nosso por S. João cap. 5. v. 44. Como podeis ter fé, se em tudo buscais as honras do mundo? E assim he sem duvida : porque tanto se paga hum rico dos bens que possui, que lhe não he necessario mais nada, para ser bemaventurado na terra. E por isso tanto anelaõ, e appetecem as adorações mundanas, que são os cargos, e postos do mundo; sendo estas hum final certo de precitos : motivo, porque chamou S. Paulo às riquezas, e grandezas deste mundo, laços do Demonio.

E daqui procede, que muitos querem antes tormenta, para sobirem; que bonança, e paz, para viverem. Quem já mais vio ambicioso, e soberbo, que não acabasse nas mãos do sentimento? Pois he certo, que estes cegos do engano atropelaõ as leys contra si mesmos; e daõ armas à crueldade, para serem executados. E nunca haveria pena, que os molestasse, se não houvesse nelles gosto, em que se

embellezassem. E o peor he, que podendo tomar o exemplo dos passados, não se querem delenguar, se não em si mesmos. Sendo que são muito limitados todos os cabedaes dos homens mundados, e ambiciosos; porque nunca chegam a comprar, o que seu dezejo appetece: e muytas vezes lhes não bastaõ, para pagarem os juro do que sua esperança tem feito de divida.

E porque não fique este Estado do Brasil sem algum exemplo dos muytos, em que a soberba, e as riquezas tem feito estragos; reparay, e notay com attençaõ. Ide a Pernambuco, passay ao Rio de Janeiro, sobi a S. Paulo, entray nesta Cidade, correys essas Villas, e seus Reconcavos: vereis a quantos tem a soberba, e os interesses feito notaveis destrugos. A huns, arrimar bastões: a outros, largar ginetas: a muitos, encostar bengalas: a alguns, deixar alabardas; e fugirem muitos Soldados: despejar Engenhos, desamparar Fazendas. E se perguntardes a essas ruinas, quem lhes causou tão lastimosos estragos; vos responderão em ecos essas arruinadas, paredes, e medonhas fornalhas dos Engenhos: que tudo lhes procedeo da soberba, e demaziada ambiçaõ.

On, se estes raes, a quem isto succedeo, foubessem persuadir-se, que tudo era huma quimera, e presumpçaõ vaidosa, como escusariaõ de experimentar aquelles lamentaveis golpes! Viriaõ a conhecer, que todas as soberbas, e riquezas se haõ de tornar em pó, e cinza: e que a maior valentia consiste em pelear contra os nossos inimigos, que são Mundo, Demonio, e Carne; e não contra os nossos proximos, que são creaturas feitas à imagem, e semelhança de Deos; e pelo que tem de se-
rem

rem de barro, são fracas por natureza; e triunfar de hum fraco, não he valor, se não covardia: porqi e só sabe fer valente, quem a si se sabe vencer. Mas defenganem-se todos, que se não fizerem estes discursos tão fundados nos dictames da razão, e Ley Divina; serão castigados por Deos rigorosamente nesta vida, e na outra: porque he do mesmo Evangelho, que Deos contrafaz à soberba.

São tantos os males, que trazem consigo a Soberba, e a Avareza; que se os homens bem advertidamente os considerassem, as haviaõ de aborrecer, pelos danos, e precipicios, em que os poem de sua salvação. Admiravelmente S. Paulo a este intento: quando disse, que difficulosamente se achará hum rico, que não seja soberbo. E eu digo, que não só contamina este vicio, ou mal ao Senhor da caza, mas tambem à mulher, aos filhos, e aos mesmos escravos; por ser a morada desta peste infernal em casa dos ricos, e muitas vezes sobe aos Palacios. E o peior he, que tambem entra nas Clausuras mais reformadas: e se não he pela pompa das galas, accommete pela presumpção do nascimento, e fidalgia: e quando vé: que nem por hum, nem por outro modo se póde introduzir; entra pela presumpção do Saber, e por este meio tem destruido grandes talentos. E vejaõ lá os Scientes, se achão de que se reprehenderem.

E consideray agora, se póde haver maior enfermidade, que o peccado da Soberba. Basta, que até no Ceo entrasse por sua má qualidade, por ser conceituosa. Como succedeo a Lus Bel, e a seus sequazes. E que fará no mundo fomentada pelas riquezas? Verdadeiramente, a maior parte dos que vão ao Inferno, he por este peccado; porque he op-

posto à Humildade, a qual Deos préza em supremo grao por suas grandes excellencias.

Muito bem devia de saber o quanto importa para a salvação esta virtude, aquelle Gran Duque de Gandia S. Francisco de Borja, quando largou o seu Ducado, para se recolher à sagrada Religião da Companhia, e nelle exercitar todos os actos da maior humildade. E basta, que quando escrevia ao seu Geral se pozesse de joelhos, para mostrar o quanto observava esta santa virtude.

E por isso, o que pertende salvar-se, não deve fazer tanto apreço das vanglorias do mundo: porque he certo, que quem ama ao perigo, periga nelle. Querer ser ricos, he querer ser dos muitos, que se perdem. Os ricos, e soberbos do mundo não crem estas verdades, como cegos da ambição; contentão-se com adorar as riquezas, succeda o que succeder: fazendo-se cada vez mais altivos, e desprezando aos humildes pobres.

Porque verdadeiramente, bem considerado o como trata hum rico a hum pobre; parece, que o não tem por proximo, pois tanto o despreza: porque ainda do cortejo, e urbanidade, que lhe faz, se offende; por suppor o rico, que o fim daquella cortezia assenta sobre lhe pedir alguma cousa da sua fazenda, e que perderá as adorações, que sollicita entre os mais ricos: e assim se fazem tão inchados, que nem junto de si querem ver a hum pobre.

São estes taes, como huma casta de peixes, que ha neste Brasil, e lhes chamaõ Bayacús: entre os quaes ha huns, que tem espinhos. São estes peixes peçonhentosissimos, por terem no fel o mais refinado veneno, que ha no mundo: e que ainda que algumas

pessoas

peſſoas os comem, he com muita cautela. Mas vamos à comparaçãõ. Coſtumaõ eſtes peixes, aſſim como os peſcaõ, e tiraõ da agua, começarem a inchar, e fazem-ſe como humas bolas. Os de eſpinhos, não ha quem pegue nelles, pelo riſco das agudas pontas : inchaõ de forte, que aſſim morrem às vezes dando hum grande eſtouro. Occupaõ-ſe eſtes peyxes em marifcar pelas margens dos rios, e mangaes; e só quando ſe vem em terra, he que inchaõ.

Aſſim faõ os Bayacús humanos, ou deſhumanos: tanto que ſe vem nas praias, e terra do Brazil, logo começaõ a inchar : e ſe lhes daõ algum officio, ou poſto ; fazem-ſe Bayacús de eſpinhos, não ha quem ſe chegue junto delles. E ſe dizem a hum deſtes Baſta, Bayacú, porque podes rebentar : ou ſe lhe tocaõ; cada vez incha mais. Bem ſey, que eſte exemplo, ou moralidade he muy humilde: porém como he taõ vulgar, cada qual o tome no ſentido mais acomodativo.

Oh deſgraça da natureza humana! Oh cegueira dos racionaes! Quem te podéra deſenganar, antes de chegares ao precipicio de tua vaidade, e perdiçãõ! E para prova de tudo o que tenho dito, reſponda o Rico Avarento, de que lhe ſerviraõ as riquezas que tinha, os comeres exqueſitos, a perſumpçãõ vaidoſa, a ſaude perfeita, as galas cuſtoſas, a cama branda, as adorações mundanas, os deſprezos a Lazaro? Dirá ſem duvida, que lhe não ſerviraõ de mais, que para eſtar ardendo para ſempre no Inferno. E por contraposiçãõ: Que goſto, que alegria, que glória eſtará gozando para ſempre Lazaro na Bemaventurança, por ter ſido pobre, chagado, roto, faminto, e deſprezado?

Agora conheço, que com muita razãõ diſſe S. Bernardo

narão, vendo o tropel das culpas, que corriaõ neste mundo : que a mocda corrente entre os homens, não era mais, que o amor desordenado dos bens temporaes, por cuja razaõ não havia fé segura entre os homes, porque tudo tinhaõ contaminado a Soberba, a Avareza, a Cobiça, e a Luxuria : e que por causa destes vicios faltava a observancia nos Religiosos, a modestia nos Sacerdotes, a justiça nos Ministros, a madureza nos velhos, a sujeição nos moços, o amor natural nos parentes, a fidelidade no povo, a reverencia nos subditos, o exemplo nos Prelados, o amor da Castidade nos Virgens, a pudicia nos cazados. Tudo isto disse o Santo, ha mais de quinhentos e tantos annos. E que terá succedido desde entã até agora, em tempos taõ perversos, e cheios de tantos vicios, como estamos vendo, e experimentado? Por isso David com espirito profetico pedia a Deos, que lhe tirasse o véo dos olhos, para que podesse conhecer as maravilhas dos seus mysterios. (Psal. 118. 18.) Isto he, a cegueira da Soberba, da Ambição, da Concupiscencia, e de todos os mais vicios e peccados, que nos privaõ, e cegaõ, para não podermos ver os infinitos beneficios, que actualmente nos está Deos fazendo, e pela nevoa da culpa não podemos ver, nem enxergar.

Bem sey, que me dirãõ muitos rixos, sabendo do que agora aqui vos digo : O que não podes haver, dá-o pelo amor de Deos. Porém a isso lhes responderey, (porque não fiquem sem reposta.) Que me aproveitaria ser Senhor de todo o mundo, se houver de perder a minha alma? Porque he certo, que com perda da Salvaçaõ não póde haver ganancia.

CAPITULO III.

Mostra o Peregrino com varios exemplos, que bem pôde hum homem ser muito rico, e grande Personagem em qualquer estado, e por suas boas obras de virtude vir a salvar-se.

Senhor, me disse o Anção : supponho (pelo que me tendes acabado de dizer) que não haverá rico, nem grande personagem, que não vá ao Inferno. Respondo, lhe disse eu: he falsa essa vossa supposição. Porque além de negardes hum attributo a Deos, de seu infinito e absoluto Poder (e seria huma formal heresia, considerar-se, que não pôde obrar Deos independente, em qualquer creatura, e em tudo o mais com muy superior imperio) temos muy grandes exemplos de que tem havido muitos Santos Imperadores, Reys, e Fidalgos muy poderosos, que sem largarem seus Reinos, e Estados viverão, e acabarão com grande virtude.

Porque he muy proprio em Deos, não querer que a virtude impida a administração do officio. Pois não seria justo a hum Rey, que vivesse como hum Anacoreta: como vos mostrarey nos exemplos seguintes.

De certo Ermitão de boa vida se conta, que querendo saber de Deos, quem naquelle tempo o igualava na virtude; lhe foy revelado, que o Imperador Theodosio, posto que estava na maior grandeza do mundo no seu Imperio: porque com toda a Sua Magestade, lhe não era inferior nas boas obras. E indo o Ermitão ao Reino do Imperador, e fallando com elle: depois de lhe dizer o motivo, que o persuadiu a fazer aquelle exame; lhe disse o Imperador a

observancia de sua vida : de que ficou admirado o Ermitão , por ver a huma Magestade tão superior com huma vida tão ajustada.

E não he menos para admirar , e louvar a grandeza de Deos , em fazer que houvesse hum S. Luis Rey de França , que pelas relevantes virtudes , tão vistas , e manifestas , chegou a ser Canonizado : nascendo , vivendo , e reinando no seu mesmo Reino , e governando a seus Vassallos , onde acabou a vida sem renunciar o seu Estado.

No nosso primeiro Rey de Portugal D. Affonso Henriquez se pôde ver o muito que obrou em toda a sua vida , com tão grandes exemplos de virtude , que chegou a ter o merecimento de lhe apparecer Christo Senhor nosso visivelmente : e por isso tão feliz , como vitorioso contra a nação Otomana , vencendo-os , e destruindo-os , pelo grande valor , com que Deos sempre o favoreceo. Deo este famoso Rey principio às glorias da nosa dilatada Monarquia , vivendo , e reinando no seu mesmo Reino , onde acabou com grande opiniaõ de conhecida virtude. O que se comprova pelos muitos milagres , que tem feito depois de morto : e basta , que ainda hoje se conservem as prendas de seu valor no Real Convento de Santa Cruz de Coimbra em grande veneraçãõ , como são a espada , e escudo com que pelejava pela Fè contra os Mouros , e a sobrepelliz com que rezava no Coro em companhia dos mais Religiosos. Grande credito , e asombro de todos os Principes , e Monarcas do mundo !

E deixando por agora outras muitas , e evidentes provas de sua grande virtude ; referirey sómente o caso , que succedeo na noite seguinte ao dia , em que El Rey D. João I. ganhou a Cidade de Ceuta aos Mouros.

ros. Apareceo armado o nosso Rey D. Affonço Henriquez, no Coro daquelle Convento em que está sepultado, aos Religiosos; havendo passado duzentos e trinta annos depois da sua morte: e lhe disse, que por divina disposição de Deos, elle, e seu filho Rey D. Sancho haviaõ soccorrido a seus Vassallos naquelle conflito. Vejaõ agora os Senhores Reys de Portugal, e seus Vassallos, se podem ter receyo de conseguirem suas vitorias; tendo tão grande Defensor, e fazendo elles da sua parte o que devem por agradar a Deos.

E não será para menor gloria da Nação Portugueza, a preclara virtude da nosa Rainha Santa Isabel, a qual como luzente tocha, nas sombras da noite de tantos trabalhos, em que se via Portugal, resplandecio com tão grande luz; que rebatendo os impitos do Inferno, alhanou, e poz em paz todas as discórdias, que havia entre seu marido, e filho, com as quaes o inimigo pertendia perturbar aquella Monarquia, tão envejada de todas as Nações do mundo. E finalmente mereceo ser Canonizada por Santa, como todos o sabem.

Affonso I. Rey de Leão, chamado o Catholico, pelas suas grandes obras, e virtudes, succedeo a Favila seu Cunhado, estendendo o Reino dos Christãos pelas Asturias, Castella a Velha, e Biscaya: e acabou com plausivel gloria, assim em armas, como em virtudes. Foy coroado o seu sepulcro com as vozes dos Anjos, chamando-lhe justo: e com razão, por haver sido o defensor da patria, perseguindo, e extirpando ao Arrianismo.

Naõ foy menor o zelo, com que procedeo em grandes virtudes El Rey Henrique III. de Castella, chamado o Enfermo: o qual por suas esclarecidas virtudes,

tudes, teve a gloria de acabar com grande opiniaõ de santidade. Costumava dizer este Monarca, que mais temia as maldições do povo, que as armas dos inimigos.

A Imperatriz Dona Maria, filha, nora, mulher, e mãy de cinco Imperadores (gloria, que até agora se não sabe, que outra mulher haja conseguido) obrou taõ relevantes actos de virtude, que podéra servir de exemplo às mais Imperatrizes, e Rainhas; e ainda a todas as Matronas do mundo. E para coroar seu ditoso fim, se mandou sepultar no Convento das Descalças, que ella havia fundado em Madrid; deixando a todas huma grande opiniaõ de virtudes, pelas que havia exercitado em sua vida.

E verdadeiramente me parece, que não ha cousa, de que Deos mais se agrade, e os Catholicos se edifiquem, que de verem aos Principes devotos, e bem inclinados à veneraçã que devem a Deos.

De Filippe IV. Rey de Castella, que de idade de dezaseis annos entrou no Governo do seu Reyno, se refere hum caso digno de memoria: e he, que a primeira vez que sahio fóra depois de coroado, encontrando com o Santissimo Sacramento, que levavaõ a hum enfermo; deixou a carroça, e reverenciando a Deos o foy acompanhando com summa devaçã, até o tornar à Igreja; deixando soccorrido ao enfermo, por ser necessitado. Acção verdadeiramente digna de ser louvada em hum Principe Catholico.

E que direy eu dos Principes, e Reys do nosso Reino de Portugal, e do seu grande zelo, e heroicas obras de virtude, que fizeraõ, e estaõ obrando: por serem Christianissimos, fervorosos, e diligentes, augmentadores do culto divino, defensores da Igreja de
Roma,

Roma, e por isso sempre favorecidos dos Summos Pontifices com singulares graças, indulgencias; e não menos por haverem sempre estendido a Fé de Christo, jainda pelas mais remontadas partes do mundo: e com muy inteira observancia da Religião Catholica, sem a minima nota, nem discrepancia da Fé.

Basta para credito dos nossos Serenissimos Reys de Portugal, o que disse o Summo Pontifice. No tempo do Senhor Rey D. João IV. de gloriosa memoria, succedendo haver guerras entre Portugal, e Castella; e por isso achando-se o nosso Reino tão falto de Bispos, pelos Summos Pontifices lhes não quererem conceder as Bullas, na consideração de que não tinha sido justa a liberdade de Portugal, como depois por evidente verdade se comprovou: houve quem por acção pia disse ao Papa, que então governava a Igreja de Deos: Que olhasse não se offendesse Portugal de tanto aperto. Respondeo o Papa: Eu bem sey porque cordel puxo. Porque estava bem no cabal conhecimento de que nos Principes, e Reys de Portugal nunca houvera rebeldia contra o Pastor dado por Deos. Porque o de que fazem mayor apreço, e alarde de sua Excelsa Magestade os Reys de Portugal, he o timbre de serem obedientissimos ao Vigario de Christo na terra.

Porém não he muito que assim sejaõ, quando foy tão esclarecido seu principio, procedendo do Senhor Conde D. Henrique: daquelle Principe, digo, adornado de tantas prendas, e descendente dos mayores Monarcas do mundo; como se pôde ver na sua Chronica, e estaõ ainda hoje publicando suas obras, e grande esforço, e valor. Este não só destruhio aos Mouros na sua Província, ou Condado, entãõ, e
agora

agora dilatado Reino de Portugal; mas tambem se foy offerecer a maiores riscos, e perigos na Conquista da Terra Santa, onde obrou com ardente zelo do amor de Deos esclarecidas façanhas. E depois de effeitudo o seu intento, indo-se despedir o nosso valeroso Conde do Rey Godofredo de Jerusalem: vendo o Rey, que lhe não quiz aceitar nada dos despojos da guerra, do que lhe offerecia, em remuneração do muito que tinha obrado; lhe fez offerta das mayores prendas do mundo, que se haviaõ restaurado naquella Conquista, e foraõ as Reliquias fantasmaes quaes o nosso Conde aceitou, e prezou mais, que muitos milhões; por serem o ferro da lança, com que se abriu o lado de Christo Senhor nosso; parte da Coroa de espinhos; hum pedaço do Santo Lenho da Vera Cruz; huma çapatinha da Virgem Nossa Senhora; e huma touca de Santa Maria Magdalena: admiraveis, e estupendas prendas, para serem prezadas dos corações dos Principes Portuguezes. E com estes tão illustres despojos, se retirou bem pago do seu triunfo; tendo por venturoso acerto todos os desvelos que padeceo, a troco da gloria que alcançou, para braço, e timbre dos Estandartes de seus exercitos. E por isso prevaleceo a sua Real descendencia, até o tempo que por nosos peccados fomos sujeitos aos Reys de Castilla.

Porém Deos acodindo com sua palavra nos deo a Restauração no nosso Rey D. João IV. de gloriosa memoria, descendente do mesmo tronco: no qual se viraõ todas as partes, que se podiaõ dezejar, e achar em hum Principe Politico, e Christão; por ter hum animo valeroso, e concorrerem nelle, alem das mais virtudes, a Verdade. a Justiça, e a Liberalidade, attributos que fazem a hum Monarca excelso,

celso, e soberano. E para nos mostrar Deos com mais evidencia a sua santa vontade, e que se pagava de que aquelle Reino tornasse à sua liberdade por aquelle Monarca; despregou o braço direyto da Cruz, para o abençoar, no dia que lhe foy render as graças da sua acclamação. E em outra occasião o livrou de seus inimigos; como se vio, indo na Procissão de Corpus Christi: além de outros muitos prodigios, e ahsombrosos milagres, que em seu favor fez. E por isso foy tão allumiado este grande Rey pela divina Sabedoria, que soube ensinar a doutos, reprehender a sabios, e castigar a soberbos. Foy hum segundo David: porque entre tantos perigos, e continuas guerras, nunca deixou de louvar a Deos; compondo hymnos ao divino em Solfa, por ser muy insigne Musico, e por isso muy inclinado ao culto divino. Reinou poderoso, viveo Christão, acabou triunfando de seus inimigos: deixando o seu Reyno com forças muy duplicadas, para se poder defender; e com tão soberanos Principes, como filhos de hum Rey tão ajustado às leys divinas.

Até que viemos a gozar a gloria de fermos governados por aquelle invicto Monarca D. Pedro II. no nome, e primeiro nas virtudes; tão pio, como Pay de seus Vassallos, e sempre faudade dos Lusitanos: por ser conservador da paz, e guerreiro acerrimo contra o Dragaõ infernal. Porque verdadeiramente nenhum dos Reys passados fez mais amplificar, e estender a Fé Catholica por todas as partes do mundo, que aquelle nosso Monarca.

Digaõ-no os habitadores da India: publiquem-no os moradores do Brasil: contem-no os assistentes de Angola: manifestem-no os residentes das Ilhas: confessem-no os doentes de Cabo Verde: agradeçaõ-no
os

os enfermos de S. Thomé. E em fim, todos os naturaes do nosso Reyno de Portugal, com repetidas demonstrações de agradecimento, estão dizendo, que nunca foraõ mais cordialmente tratados com repetidos favores, e graças espirituaes, que quando em vida deste grande Monarca: Já com assistencias de Missionarios: já com Operarios do Santo Evangelho; como tambem procurando-lhes os meios do bem espiritual, a troco do grande dispendio da sua Real fazenda, para sustento das Cazas, e Hospícios, que por varias partes do mundo mandou edificar. Foy tão amigo da Virtude, que o ponto estava em saber que houvesse algum bem inclinado, para logo ser da sua liberal mão favorecido. Porque nunca soube dizer, Não, ao que se lhe pedia em favor da necessidade: nem negar cousa de piedade, em serviço de Deos. Motivo, porque dizendose-lhe em certa occasião, que muitos pobres com cappa de virtude fazião seu negocio; respondeo: que antes queria ser enganado por hum hypocrita, que lisongoado por hum perverso.

E como Deos sempre poz os olhos de sua divina misericordia nesta Monarquia, deo por Esposa a este Rey tão pio a nossa sempre memoravel Rainha Dona Maria Sofia, aquelle claro espelho de virtudes, e do solar tão condigno de estimações; de cujo tronco se transplantou aquelle fecundo ramo para o nosso Reino de Portugal, que de Reaes frutos fazondos nos deixou satisfeitos nas posses das esperanças de não mendigarmos Successores para a nossa Monarquia. E com muita razão o podemos assim esperar, fiados naquella palavra de Deos dada a El Rey D. Affonso Henriquez; quando lhe prometteo, que nelle, e na sua descendencia estabelleceria o seu Imperio.

Foy esta preclara Rainha em suas excellentes virtudes hum prototypo de todas as perfeições, pelo que então se vio, e ainda hoje está publicando a fama por todo o mundo, aonde chegou o remontado ecco de suas relevantes acções. Digaõ os Templos, e Hospitales de Lisboa, o quanto os enriqueceo com paramentos, e custosas rendas, e assistencias de suas Reaes visitas: respondeão os pobres, o quanto foraõ favorecidos, e remediados com suas esmolas: publiquem em fim as viuvras, e orfãos, o quanto a todõs amparou: sendo hum vivo retrato de todas as virtudes espirituales, e moraes; dando exemplo a seus Vassallos, e educação a seus Reaes filhos. Lembra-me, que ouvi contar, que certo Religioso de muita virtude, e authoridade lhe disse em huma occasião: porque tanto opprimia aos nossos Principes em tão tenra idade? Respondeo: Crio-os com esta doutrina, para castigar Hereges, e governar Christãos. Dito, e documento, que em laminas de ouro se devia escrever nas portas de todos os Palacios dos Principes, e Monarcas Catholicos do mundo. Mas para que me canso em pertender publicar os innumeroveis prodigios, e obras de virtude, que fez esta nossa Rainha, sempre digna de memoria; quando só o silencio os póde explicar, e nunca encarecer.

E porque me não he possivel individualmente fazer digressão especial dos feitos heroicos de todos os Principes, e Fidalgos deste Reino, e das grandes obras de virtudes, com que tem procedido; contentome com vos dizer, que houve Principe, que antes quiz dar a vida pela Fé de Christo, que consentir que se entregassem as Praças, que lhe haviaõ custado o seu sangue, e de seus Vassallos; e por não chegarem a ser profanados os Sagrados Templos

plos pelos inimigos de nosa Santa Fé : como succedeo ao Senhor Infante D. Fernando.

Fidalgo houve, que chegou a tal extremo o seu valor, que não só desprezou a vida nas mãos de seus inimigos pela fidelidade do seu Rey; se não ainda no maior risco, e conflito, mandou a seu filho, que ainda que alli o visse fazer pedaços, (como logo se deo à execuçã) não desistisse da defença do Castello, em que estava. Isto se vio em D. Nuno Gonçalvez, Capitaõ do Castello de Faria.

E não foy menos para se louvar o zelo de D. João de Castro na India, que chegou a empenhar os cabellos de sua propria barba, por não perigar a Fé de Christo, nem serem ultrajados com menos preçõ os Templos sagrados, que se tinhaõ edificado nas Praças, que havia ganhado à custa de seu grande valor para o seu Rey.

Não deixarey de publicar o invencivel esforço daquelle Heroe Portuguez D. Nuno Alveres Pereira Condestavel do Reino de Portugal, debaixo de cujas bandeiras se alistava o triunfo, e militava a fortuna. Este, ainda na guerra, não perdia tempo de se mostrar verdadeiro Soldado da milicia de Christo; insinuando nos, que assim como a cautela importa à vida; assim tambem a virtude conduz à salvação: sendo no mesmo tempo Hercules nas forças, e Elias na Oraçã. Foy taõ pio, que chegou a varrer os Templos de Deos, pelos achar sujos dos cavallos dos inimigos na occasiã da guerra: motivo, porque todos os seus Soldados, vendo taõ grande exemplo, o imitavaõ; e na confiança de seu valor desestimavaõ os perigos, e appeteciaõ o trabalho da guerra. E por isso não havia empreza, que para elle fosse difficultosa; nem para os inimigos lugar seguro, por

inte-

interior, e apartado que estivesse em suas fronteiras. Acabou este famoso Heroe a vida Religioso de nossa Senhora do Monte do Carmo no seu grande Convento de Lisboa, com opiniaõ de grande virtude, como notoriamente se sabe.

De mais que para prova do que vos digo, ricos são os Eminentissimos Cardeaes, e os Illustrissimos Arcebispos, e Bispos: os quaes nem por andarem vestidos de purpura, e com authorizado apparatus de pontificaes, deixaraõ de fazer grandes obras de virtude, pelas quaes conhecidamente chegaraõ muitos a ser Santos. E assim, bem póde hum ser rico, e grande Fidalgo, e andar bem vestido no exterior, (porém sem nota do desvanecimento) e ser no interior hum Santo. Porque Deos não se paga das apparencias; porém sim das realidades.

Muito folguey de vos ter ouvido (me disse o Aniciaõ) a relaçaõ, que tendes feito com taõ antigos, e modernos exemplos; por virem tanto a proposito de vosso intento. Porém pergunto. Se o ouro he taõ prejudicial aos homens; como permite Deos que seja manifesto às creaturas?

Haveis de saber lhe disse eu, que o ouro per si he hum metal muy nobre, e perfeyto, e por isso de muita estimaçaõ, e valor; por ser gerado dos Astros, e do calor do Sol; e por essa razaõ, taõ alegre à vista, como agradavel ao coração. Este, posto na mão e poder de hum homem Christaõ, pio, virtuoso, e esmoler; fica realçando mais: porque se vê resplandecer nas Igrejas, luzir nos Altares, vestindo aos nús, sustentando aos pobres, e prestando aos necessitados. Porém, se dá em mão e poder de hum máo Christaõ, ambicioso, avarento, e vicioso; he o mesmo, que huma espada nas mãos de hum louco

furioso. E para que melhor me entendais, vos quero mostrar os effeitos do ouro por hum exemplo, e tal vez que com novidade, segundo o que me parece.

He a Filosofia huma das Sciencias, de que se faz maior estimaçã e apreço, por ser porta de todas as faculdades. Esta sabida por hum Gentio, ficará grande Filosofo; porém grande Idolatra. Aprendida por hum Cismatico, ficará grande Mestre em Artes; porém grande Apostata. Ensinada a hum Calvinista, ou Lutherano, ficarão grandes Bachareis; porém grandes Hereges. Estudada, e praticada por hum Catholico Christão, ficará perfeito Licenciado, e com licença para poder fallar, realçando com maior lustre de saber, aproveitando-se a si, e a todos: porque com ella colhe o verdadeiro fruto das Escrituras, com que se aproveita; e os reparte pelos mais com liberal graça do Espirito Santo, enchendo-os dos bens espirituaes. E reparay, que sendo a Sciencia huma só, e tal vez aprendida de hum só Mestre; toma os effeitos, segundo os sujeitos, em que se acha.

Assim tambem o ouro, e os cabedaes: nas mãos, e poder de hum avaro, será rico sim; porém mais miseravel: nas mãos de hum vicioso, será bem visto de alguns; porém aborrecido de muitos: em poder do insolente com presumpções de soberbo, será flamejante, e luzente; porém abraçará como fogo. Mas se o ouro, e as riquezas se acharem nas mãos, e poder de hum bom Christão; serão para todos de proveito, tanto para quem as possui, como para os mais, com quem as repartir. E reparay, que sendo só de huma mesma especie este metal, toma os effeitos das peoas, em cujo poder se acha.

Finalmente, se alguns destes ricos dão em ser miseraveis, e avarentos; succede-lhes o mesmo, que

que ao animal immundo, ao qual engenhosamente os comparou hum discreto. E se não, vede, se ha cousa mais propria, e semelhante. O sevado em quanto vivo, para nenhuma cousa serve; e só trata de comer, e engordar: o que se não acha nos outros animaes, como largamente trataõ varios Authores, e com especialidade Jeronymo Cortez no seu Tratado dos Animaes, assim domesticos, como sylvestres, e ainda volatis. Porque vemos, que o Boy trabalha, o Cavallo carrega, o Carneiro dá lã, a a Cabra dá leite, o Caõ caça, o Gato alimpa a caça: e finalmente não ha animal, que não tenha seu ministerio. Porém o sevado, só depois de morto se aproveitaõ d'elle: come-se-lhe a carne, guardase-lhe a banha, apanhase-lhe o sangue, não se lhe perdem os miudos, e finalmente tudo se lhe aproveita. Assim tambem o rico ayarento: em quanto vivo, para nada val: tanto que morre, para todos serve. Apparece o dinheiro, que tinha escondido, e tal vez pelo ter furtado: come o parente, aproveita-se o testamenteiro, pagaõ-se os Clerigos, remedeã-se os pobres, fatisiaz-se aos que trabalharaõ no Funeral: e em fim todos se aproveitaõ, porque em sua vida a ninguem prestou.

Podiaõ estes cegos, e ambiciosos das riquezas tirar grandes lucros, e conveniencias de se poderem aproveitar, fazendo-se despenseiros de Deos, foccorrendo aos pobres, desprezando o superfluo, e abraçando a virtude. Porque diz Seneca, que grande he aquelle, que com a riqueza se faz pobre. E só assim se poderãõ possuir os bens do mundo, tendo dominio nelles, não se deixando vencer de sua vangloria, que tanto anelaõ os cegos deste vicio; e por fim muitas vezes entregaõ tudo

aos ausentes, ficando de presente a sua alma sem huma Missa.

Finalmente de tudo o que tenho dito se colhe, o quanto se deve fugir do vicio da avareza, pelos grandes males, que traz consigo tanto para o corpo, como para a alma: e o pouco caso, que devemos fazer dos bens temporaes; pois tanto nos impedem para gozarmos os bens do Ceo. E assim havemos de considerar, que todos somos nesta vida peregrinos, e que não convém carregar muito; antes devemos repartir do que tivermos pelos companheiros, para ficarmos mais livres, e desembaraçados para caminhar para o Ceo, onde só poderemos descansar, como em Patria, para onde fomos creados. E agora conhecereis, se tive razão para vos dizer, que não foraõ os interesses do ouro o motivo, que me persuadia a conseguir aquella tão longa jornada.

C A P I T U L O IV.

Trata o Peregrino das grandes excellencias da Pobreza: reprehende aos pobres calaceiros: e declara o muito, que a todos aproveita o fazer esmolas aos Pobres necessitados pelo amor de Deos.

NA verdade vos digo (me disse o Ancião) que se eu fora senhor de muitos cabedaes, todos desprezaria por seguir vossos dictames. Mas offerece-me huma duvida à cerca do vosso pio discurso, que tomara me dereis soluçãõ a ella, para ficar mais satisfeito: e vem a ser, Se a Pobreza he tão lo uva-
da,

da, e de todos acreditada por virtude; como fogem muitos della?

Respondo: e permita Deos que acerte, para vos deixar satisfeito. He a Pobreza semelhante à virtude, e à Justiça: a virtude, todos a appetecem, e nella tocaõ; porém poucos a querem abraçar: e e do mesmo modo a Justiça, todos a louvaõ; ninguém a quer em caza. E a razaõ disto he, porque a virtude toca por fóra, parece aspera; e abraçada, he macia, e regala: a Justiça vista de perto, offende; porém ascentando-le no tribunal da razaõ, quem a quizer ver, reconhecerá suas excellencias. A Pobreza, vista como parece, mette horror: he o mesmo lutar com ella, que com huma fera; por suppor quem a vé desta sorte, que o priva de todo o foffego, expondo-o a todo o trabalho, enchendo-o de toda a miseria.

Porém ouvi entre muitos a hum S. Francisco de Assis, perfeito, e sonoro clarim da gloria, em louvor desta virtude: o qual não só foy seu imitador venerando-a, mas tambem a vozes sempre invocando-a por Senhora Santa Pobreza. A'lem de outros muitos Santos, que deixando os bens do mundo, só abraçáraõ esta santa virtude, como se póde ver das suas vidas.

Mas fallando à cerca do modo, com que se póde haver hum homem com esta santa virtude: haveis de saber, que a Pobreza he hum habito da vontade allumiada do entendimento; e se contenta hum homem com só aquillo, que lhe he necessario, e lhe bairta, desprezando o superfluo, e desnecessario. Esta he a que professáraõ, e louváraõ os antigos, como virtude moral, que franquea a porta; por onde se entra ao repouso do espirito. Esta mesma professãõ

todos os estados de pessoas; que fazem particular voto della, como virtude, que abre o caminho para a entrada do repouso eterno. E desta participão também todos os ricos, que repartem com Deos, e com seus pobres da que lhes sobra do sustento necessario de seus estados; e dignidades.

Offerece-se aqui outro genero de Pobreza, que per si nem he virtuosa, nem viciosa; porém he occasião de exercicio de virtudes, da constancia, da fortaleza, da paciencia, e sofrimento della. Esta se chama casual, ou fortuita: e como não pende do arbitrio dos homens, nem procede de sua negligencia, ou froxidão; não os faz ser culpaveis, antes dignos de commiseração. Nace do rigor da guerra, do incendio, do naufragio, do roubo, ou de outro qualquer incidente. E desta não ha homem, nem estado seguro.

A pobreza ociosa, e máy de todos os vicios, he a que procede aos froxos, tímidos, desalentados, vagabundos, e mendigos, sem urgente necessidade. Porque também importa muito fazer diligencia em procurar por meios licitos o provimento para poder passar a vida. E ainda que muitos remissos, vagabundos, e preguiçosos o attribuem à fortuna, e os Antigos fabuláraõ com este nome de Fortuna, e lhe levantáraõ estatuas, e templos; com tudo he abuso dizer, que ha má, ou boa fortuna: e só devemos considerar, que Deos dá a huns por sua divina providencia, e tira aos outros por seus justos decretos.

As sortes, diz Salamaõ, não dependem da mão do homem, que as tira; se não da vontade de Deos, que as governa. E melhor está a qualquer Christaõ conformar-se com sua santa vontade; fazendo por
ém

rêm da sua parte acções prudentes por trabalhar: porque tambem he peccado o ser negligente, principalmente nas cousas espirituaes. Porque diz Santo Thomás, que he virtude ser diligente; e que esta se requer em todas as virtudes. E quando não succeda nos bens temporaes o que queremos, e pedimos; entendamos, que he para nosso bem, por vias que não alcançamos: porque Deos não só faz mercê, quando dá; senão tambem quando nega. O melhor despaço na vontade dos homens, he: Como pede: no tribunal de Deos muitas vezes he melhor, quando não ha que deferir. Porque Deos tambem concede muitas vezes por peccados; e nega por merecimentos.

Isto se vé em muitos lugares da Sagrada Escritura, e ainda por experiencia o estamos vendo: e neste caso, e em todos os mais, nos devemos sen p e resignar muito na vontade de Deos. Donde aquelle celebre Lavrador, perguntandose-lhe porque razão seus campos, e lavouras davaõ sempre mais abundantes frutos, que os dos seus vizinhos? respondeo: Eu nunca quero outro tempo, se não o que Deos quer: como quero o que Deos quer; dáme Deos os frutos, como eu quero.

E desta sorte costuma esta santa virtude da Pobreza servir de medianeira para com Deos, vendo que nos accomodamos com a sua santa vontade: e assim nos dá Deos paz, e saude neste mundo, com os bens que vé nos são necessarios: e depois vendo a nossa paciencia, e resignação, nos dá os bens da gloria. E tambem nos castiga, por ver a pobreza preguiçosa, calaceira, e vagabunda, por não querermos trabalhar. Porque diz S. Paulo: Quem não trabalha, não come. (2. ad Thef. cap. 3. v. 10.) Por esta razão se

ordenou em Castella, no tempo de ElRey Felippe II baixasse hum Decreto, ou Prematica em Madrid em dezaseis de Janeiro de 1597., no qual se constituhio a fórma de como se havia de permittir aos pobres mendigos pedir pelas Villas, e Cidades; para excluir a muitos, que viciosamente se occupaõ neste exercicio de tirar a raçaõ, e esmola aos que por doentes a merecem, e por recolhidos padecem, por não poderem andar pedindo pelas portas.

Por esta causa se tem observado em muitos Reinos, e Provincias do mundo, para se evitarem muitos que se fazem mendigos, e folgazões a fim de não trabalharem, obrigarallos a estar em varias occupações, por bem da Republica: e aquelles, a quem incumbe o cargo de Juizes Ecclesiasticos, e Seculares, por serviço de Deos, e bem commum, acodem a fazer exame, para que nenhum ande ocioso, tendo saude, e forças para trabalhar, nem viva com mau exemplo, e excandalo, roubando com enganoso e vicios a esmola dos verdadeiros pobres. Funda-se esta razaõ na geral queixa, que frequentemente se ouve em varias partes, dos muitos, que pelo costume, e calaçaria de pedir, deixaõ de trabalhar podendo. Porque lá diz aquella sentença:

Atalhar a que não peça
 Quem mendiga com malicia,
 He administrar justiça.

DEclaro porém, e digo, que não he meu intento neste discurso encontrar, nem dissuadir que se dem esmolas aos verdadeiros pobres; porque não seria acerto intrometter-se alguém (excepto aquelles, a quem incumbe) em examinar aos pobres, que
libe

he pedirem esmola : mas antes cada hum entenda, que he justo dalla a quem a pedir pelo amor de Deos. Porque, se soubessem os homens o quanto obraõ pelo bem que fazem de dar esmolos ; não só as dariaõ aos que lhas pedem em suas cazas ; mas tambem andariaõ buscando pelas ruas a quem as dar, para terem este grande merecimento.

Diz S. Basilio em huma Homilia : Se tiveres dous pães, e chegar hum pobre à tua porta, toma hum, e dá-lho pelo amor de Deos : e levanta as mãos para o Ceo, e dize estas palavras : Senhor, este paõ dou por vosso amor, com perigo meu : mas eu estimo em mais vosso mandamento, que meu proveito ; e deste pouco que tenho, dou hum paõ ao que o ha mi tier.

Varios, e infinitos são os bens, que resultaõ aos que costumaõ fazer esmolos, e obras de misericordia : como tambem muitas são as promessas, com que Deos se obriga a remunerar a quem faz obras de caridade aos pobres. Porque sendo seus attributos iguaes, faz alarde de sua misericordia. Elle mesmo quiz por S. Lucas : Sede misericordiosos, assim como vosso Pay he misericordioso. (Luc. cap. 6. v. 36.) E tambem promete por S. Mattheos : Bemaventurados os misericordiosos : porque elles alcançarão misericordia. (Matth. cap. 5. v. 7.) E à vista de taõ grandes favores, e promessas, não haverá quem confiadamente não dé hum, para cobrar hum cento : porque este mesmo Senhor promete dar cento por hum.

Estes são os verdadeiros bens, que póde cada hum levar consigo ; porque passaõ com a alma à outra vida, onde ainda os Monarcas, e Principes do mundo se achaõ sós, e desamparados de toda a companhia;

panhia; e só se achaõ com as suas obras boas. Aos quaes aconselharia eu, que dessem parte das suas fazendas à sua alma, e não toda ao seu corpo, e a seus filhos, que logo os deixarão, e se não lembrarão delles já mais; e que se houvessem de gastar cada dia consigo vinte, gastem quatro com as suas almas. Porque, se o guardarem na terra, poderá ter descaminho: e se o repartirem com os pobres, o entesourarão no Ceo, onde o terão bem guardado. Loucura he muy grande (diz S. João Chrystomo) deixar teus bens em lugar, donde has de sair; podendo levallos para onde sempre has de viver. Faze esmolas aos pobres, que te passarão a tua fazenda para as Indias dos Ceos. Não me lembro (diz S. Jeronymo escrevendo a Neoposiano) haver lido que morresse má morte, o que de boa vontade se exercitava em obras de misericordia: porque tem estes taes muitos, que intercedão, e roguem a Deos por elles; nem he possível que não sejam ouvidos. Por esta razão devem os ricos ser muy caritativos, e compassivos para com os pobres; e quando lhe não dem esmola, ao menos lhes não devem dar más repostas, com que os fação ir desconsolados; para não offenderem a Deos, que tanto se paga das obras de caridade feitas aos pobres.

A este respeito vos quero contar o que me succedeo com hum pobre mendigo, que se estava queixando de huma desfabrida reposta, que lhe dera hum rico por lhe pedir huma esmola; e por esta causa estava muy triste, e affligido. Vendo-o eu naquelle estado, lhe disse: Pedi confiadamente, Irmaõ pobre, e não vos envergonheis de pedir aquillo, que se vos deve: porque maior razão tem o rico para se envergonhar de vos negar a esmola, do que vós em lha pedir; pois vos nega aquillo que Deos lhe deo, ou em-
presta

prestou para repartir com vosco. E se elle vos disser, que lhe tem custado muito ganhar, e adquirir o que possue; dizey-lhe, que muito mais custou a Christo nosso Senhor o remirnos, para nos dar o Ceo de graça. E se vos parece encarecimento este meu dizer; reparay, quando vos responde hum rico à vossa petição, dizer-vos, que lhe perdoeis pelo amor de Deos: e desta resposta tiray a inferencia, e vereis que quem pede perdão mostrase em parte devedor a seu acredor, e de alguma forte se considera obrigado. Tudo isto lhe disse eu, porque o vi triste, e desconsolado da má resposta, que lhe havia dado aquelle rico avarento. Porque havemos de suppor, que o pobre representa a Pessoa de Christo Senhor nosso; como se tem visto, e consta de varios prodigios, em que nos quiz mostrar Deos o quanto se paga de nos ver esmoleres para com os pobres.

E he tanto divida o dar esmola ao necessitado; que ainda no estado Ecclesiastico, quem come renda da Igreja, está obrigado a socorrer aos pobres. A isto me disse o Ancião: Bem aviados estão alguns Parocos, que eu conheço, que nem ao pensamento lhes vem o darem esmolas aos pobres, na consideração de que muito fazem em lhes darem o pasto espiritual. Neste particular, Senhor, lhe disse eu, me não metto a aconselhar; porque no dia do Juizo se verá o premio, que a todos ha de dar o rectissimo Juiz conforme seu merecimento: elles tem Livros, e são doutos saberão a razão dessa razão. (Se he que ha algum, que deixe de o fazer: porque ainda assim eu me não persuado, que deixem de observar a obrigação do seu estado.)

Já que estamos em materia de caridade, tomárá saber (me disse o Ancião) se o emprestar a quem tem
neces-

necessidade; he tambem obra de caridade, e meritoria? Respondo, lhe disse eu: E com huma circumstancia, que póde ser o emprestimo em tal occasião, e a pessoa que esteja em tanta necessidade, que tenha o mesmo merecimento (se não for maior) que a propria esmola. E se não, vede. A esmola, já sabeis, que se faz pelo amor de Deos ao proximo, e que podeis dar o que quizerdes. Porém, quando fazeis o emprestimo, dais, e emprestais pelo amor do proximo mais do que quereis. Porque aqui se entende o preceito da Ley de Deos, quando nos obriga a amar a Deos sobretodas as cousas, e ao proximo como a nós mesmos. Este, quando vos pede emprestado, o faz com grande necessidade: e quem acode ao seu proximo em grande necessidade, tambem ama a Deos, e obra caritativamente; e de tal sorte, que não só dá o que quer, se não muito mais; porque dá o que se lhe pede. E se à esmola repugna a natureza dar voluntariamente do que tem; esta obra do emprestimo faz maior força, por dar, ou emprestar mais do que quer. E assim, que tanto tem de maior repugnancia, quanto cresce mais o merecimento. Porque verdadeiramente tomado em rigor, quem pede emprestado, he porque não tem valor para pedir, sem tornar a restituir a importancia do que pedio; e muitas vezes com maior necessidade, que o pobre mendigo. E por isso diz Santo Agostinho no seu Tratado da Misericordia de Deos, que bom he dar esmola a quem a pede; mas dalla a quem a não pede, he melhor: porque não he perfeita a caridade, que a poder de rogos se alcança. E nestas palavras nos está insinuando o Santo, que quem pede emprestado, não pede esmola; porém sim tem grande necessidade. E como o bem, e fruto da esmola aSENTA no soccorro da necessidade.

cessidade : logo dando-se a quem pede emprestado com necessidade, tambem se faz grande obra de caridade, constando ser precisa, e necessaria.

Tendes definido o vosso discurso, me disse o Ancião, e approvedo o vosso conceito com authoridade de Santo Agostinho, que se não póde duvidar. E assim, podeis continuar o mais, que vos resta à cerca do vosso intento.

O maior encarecimento, lhe disse eu, das obras da misericordia, e do singular merecimento diante de Deos, para os que dão esmola aos pobres; he, que no dia do Juizo callando-se todas as mais virtudes, só pelas obras de misericordia seremos sentenciados : os que as observárao, com o premio da gloria; e castigados os miseros com a pena eterna do inferno. Finalmente, só por não ouvirmos contra nós aquella formidavel, e horrenda sentença, que ha de dar no dia do juizo aquelle rectissimo Juiz Jesu Christo Senhor nosso, tão irrevogavel, como merecida, dizendo : Ide malditos, e desaventurados ao fogo eterno : porque tive fome, e não me destes de comer : tive sede, e não me destes de beber ; deviamos ser caritativos. E desta forte me parece que tenho fatisfeito a pergunta, que me fizestes à cerca de ser a Pobreza de todos louvada, e de muitos aborrecida. Perdoay-me, se não tenho dado a solução à vossa proposição, tão coherente, como dezejaveis.

Senhor, me disse o Ancião, nunca me enganey com vosco, desde que vos ouvi referir os progressos da vossa peregrinação. De tal forte me tendes fatisfeito, que permita Deos que sirvaõ a todos os que vos ouvirem de regra, e norma, para poderem observar vossos documentos; por estes serem fundados em tão solidas verdades, que não poderá haver nellas duvida,

vida, nem a minima discrepancia. O que vós peço agora, he, que continneis a narraçãõ de vossa historia: porẽm assentemos que vos naõ haveis de ofender, se vos perguntar alguma cousa, ainda que seja cortando os fios de vossa narraçãõ. Supposto, Senhor, lhe disse eu, que seja a pergunta filha da ignorancia; nunca poderey suppor esta em vós, àlem do muito que vou colhendo de vossos reparos, e discreta conversaçãõ.

C A P I T U L O V.

Dá principio o Peregrino à relaçaõ da sua jornada para as Minas do Ouro: trata das excellencias da Missãõ; e manifesta algumas virtudes do Veneravel Arcebispo da Bahia D. Fr. Manoel da Resurreçaõ por estar sepultado na Igreja de Belem, onde o Peregrino entãõ se achava.

COm effeito me embarquey, e chegando ao porto da Villa da Cachoeira, já quando as sombras da noite embargavaõ a luz do dia; por naõ ter conhecimento em terra, me deixey ficar na embarcaçãõ. E antes que de todo o Sol com seus rutilantes rayos usurpasse o verdor das plantas; e adustasse a terra com seu calor; me puz a caminho, seguindo minha derrota, sem mais comboy, que hum cajoado, alforjes, e huma cabaça de agua. E depois de ter passado a Villa, sem que seus habitadores me dessem os alegres dias; comecey ir descobrindo copados arvoredos, fragrantès flores, espaçoso prado, todo cuberto de fino argento, em forma de perollas,
com

com que a rica Aurora sem dispendio o enriquecia, para lhe communicar a vida no fresco orvalho, em que se convertia. E logo começaram os passarinhos a festejar a alegre manhã. com tão sonora harmonia, e canto de suas vozes, que podiaõ competir com o melhor contraponto que a arte pôde inventar.

R O M A N C E.

LA cantava o Sabiá.
Hum recitado de amor
Em doce metro sonoro,
Que às mais aves despertou.

A este tempo se ouvia
Num raminho o Curió,
Com sonora melodia,
E com requebros na voz.

O Mazombinho Canario,
Realengo em sua cor,
Deo taes passos de garganta,
Que a todos os admirou.

O Encontro lhe sahio,
Passarinho bom cantor,
De ramo em ramo saltando,
Só por ver sair o Sol.

De picado o Sanhaçú,
Tão alto soltou a voz,
Que cantando a compasso,
Compasso não levantou.

A encarnada Tapiranga
 Quando mais bem se explicou;
 Foy por numero da Solfa;
 Com mil requebros na voz.

A linda Guarinhataã
 Chechorriando, compoz
 Hum solo bem afinado,
 Que seu amor explicou.

O alegre passarinho,
 Que se chama Papaarroz;
 Pelos seus metros canoros
 Cantava, Ut, Re, Mi, Fa, Sol.

A Carricinha cantando,
 Tanto seu tiple afinou,
 Que nas clausulas da Solfa
 Se não vio cousa melhor.

E logo por esses arcs
 Remontado o Beyjastor,
 Tocando hia nas azas
 Com donaire hum bello som.

O valente Picapão,
 De hum páo fez o tambor,
 E com o bico tocava
 Alvórada ao mesmo Sol.

Despertando o Pitahuaã
 Com impulsos de rigor,
 Disse logo : Bem te vi,
 Deste lugar em que estou.

O Fradrinho do deserto,
Contemplativo, mostrou,
Que tambem sabe cantar
Os louvores do Senhor.

O Curuginha cantando,
Parecia hum Roxinol;
E sempre taõ entoado,
Que nunca desaffinou.

As Andorinhas no ar,
Com donayre, e com primor,
Fizeraõ hum lindo bayle,
Que feu amor inventou.

O lindo Cucurutado
Com bella voz, se mostrou,
Que era musico famoso
Do real Coro do Sol.

O pintado Pintasilgo
Da Solfa Compositor,
Endechas fez, e hum Romance,
Que em pasmo a todos deixou.

As fermosas Aracuaãs,
Sem temer ao caçador,
Em altas vozes cantavaõ,
Cada qual com bello som.
Sahio de ponto a dançar
A Lavandeyra, e mostrou
Era taõ destra na dança,
Que pés na terra não poz.

A fermosa Juruti
 No bico trouxe huma flor,
 E com tão custosa gala,
 Que as tenções arrebatou.

Sahio de branco a Araponga
 Com tão galhardo primor,
 Que foy alvo das mais aves,
 Pela alvura que mostrou.

Vieraõ em bandos logo,
 Cantando com bom primor,
 Periquitos, Papagayos,
 Tocanos; e mais Paós.

Nesta suave harmonia
 Se divulgava huma voz
 Pelos ares, que dizia:
 Arára, Arára de amor.

Naõ fallo aqui das mais aves,
 Nem dos Sahuins, e Guigós,
 Que com bayles de alegria
 Festejaõ ao Creator.

A este tempo, que já feriaõ sete horas da manhã, avistey aquelle propiciatorio Templo do Seminario de Belem, tão condigno de veneração: e pelo grande dezejo que levava de fazer nelle oração, e ouvir Missa, por reconhecer os grandes frutos, que resultaõ a quem a ouve; apressey os passos.

Detende agora os de vossa narração, me disse o Ancião: e ainda que pareça cortar o fio da vossa historia;

toria; como seja a materia espiritual, e taõ necessaria; vos peço que me digais os bens, que resultão de ouvir Missa. E não vos faltará tempo para proseguir vossa narraçãõ, nem a mim para vos ouvir.

Senhor, lhe disse eu: se bem foubera hum Christão o que lucra em assistir, e ouvir Missa todos os dias; deixaria os maiores negocios do mundo, por não faltar a taõ grande bem espiritual. Primeiramente a Missa he a melhor cousa, e a mais sagrada, que Deos deixou na sua Igreja; por ser huma representaçãõ da Payxaõ; e morte de nosso Senhor Jesu Christo; para que lembrando-nos do que por nós padeceo, nos seja esta repetida memoria hum despertador grande para amar a Deos, e servillo. He a cousa mais agradavel, e aceita a este Senhor, que quantas podemos fazer, e obrar, e os Anjos, e Santos, pelo que ouvireis.

Em quanto se está à Missa, e se offerece, he o tempo mais oportuno que ha para a oraçãõ, e para se negociar com Deos, e pedir-lhe mercês em companhia de milhares de Anjos, que lhe assistem ajudando-os; por ser a oraçãõ hum dos maiores remedios, que ha para destruir os vicios, chegarmo-nos a Deos, e grangear virtudes. Faz abater a soberba, deixar a avareza, refrear a luxuria, aplacar a ira, esquecer da gula, diminuir a inveja: e finalmente de tibios, e preguiçosos, nos faz diligentes no serviço de Deos.

Mas tornando ao nosso intento: he tambem a Missa a melhor obra, e de mais proveito, que podemos offerecer pelas almas do Purgatorio: e não ha palavra, nem sinal, nem cerimonia nella, que não tenha grandes significações, e mysterios. Diz S. Lourenço Justiniano, que agrada mais a Deos huma Missa,

fa, que os Merecimentos dos Anjos, e Santos da terra. E S. Bernardo diz, que em huma Missa offerecemos muito mais a Deos, que se deramos tudo quanto temos aos pobres, e ainda que fomos senhores do universo, e deremos de esmola todo o mundo, e suas rendas. E a razão he : porque neste Sacrificio offerecemos a Deos seu Filho; e este, e seus merecimentos excedem infinitamente a todos os bens da fortuna, e da graça : e nelle apresentamos ao Padre Eterno o mais, e o melhor que lhe podemos dar ; e sua divina Magestade nos póde pedir.

Desde que sahimos de casa para ouvir Missa (conforme o que diz Santo Agostinho) logo o nosso Anjo da guarda começa a contar os nossos passos, e a escrevellos no livro das boas obras. E além das muitas, e grandes Indulgencias, que pelos Summos Pontifices se tem concedido, e applicado aos que ouvem Missa; os Papas Urbano IV., Martinho V., Sixto IV., e Eugenio IV. concederaõ duzentos annos de Indulgencias a quem devotamente ouve huma Missa, ou a diz, ou dá esmola para ella; como de suas Bullas consta.

Vede agora o que perde hum Christão por hum breve tempo; que ainda este, segundo diz o rifaõ, assim como o dar esmola não empobrece, o ouvir Missa não gasta tempo. E basta por todo o referido, o que diz Christo Senhor nosso por S. Mathus 6. 33. Buscay em primeiro lugar o Reino de Deos, e em consequencia vos virão todas as cousas.

Finalmente neste sagrado Sacrificio da Missa se acha para os afflitos alivio, para os tristes consolação, para os atribulados remedio, para os combatidos socorro, para os desconfolados esperança : e toda a mais paciencia, fortaleza, graça, por meio deste divino Sacri-

Sacraficio se alcança; porque he fonte, luz, e mar de infinitas graças, e indulgencias para os vivos, e tambem para as alma do Purgatorio.

E desta forte me parece, Senhor, que tenho satisffeito em parte ao que me pedistes; deixando o muito, que se pôde dizer deste alto Sacraficio: do qual supposto que graves Authores tenhaõ bem fallado, nunca cabalmente explicaõ, nem declaraõ suas grandes excellencias. E como he mysterio de fé, que a olhos fechados se deve crer; tambem cegos, e surdos delle participaõ, e podem gozar de seu fruto: e só quem o fez, e instituhio, o entende, e pôde perfeitamente declarar.

Posso com verdade certificar, me disse o Anciaõ, que não sey qual será o Christaõ, que conhecendo essas verdades tão certas, deixe de ser devoto de ouvir Missa todos os dias, podendo. Agora vos peço, continueis a vossa narraçaõ: porque tambem estou com dezejões de que me digais as excellencias, e prodigios dessa Igreja do Seminario de Belem.

Sabey Senhor, lhe disse eu, que cheguey a tempo que se estava dando principio a huma Missa, a qual a ouvi. E depois de fazer oraçaõ ao Santissimo Sacramento, me cheguey ao reclinatorio, onde vi o Menino Jesus, Maria Santissima, e S. Joseph: e com os olhos arrazados em lagrimas de puro gozo de ver aquelle Ceo cá na terra; fallando com o Divino Infante, lhe disse.

Como, meu bello Menino,
Nesse presepio deitado?
Sendo vós huma flor bella,
Como vindes buscar cravos?

Tiritando estais de frio
 Em hum incendio abrazado,
 Unindo esses dous extremos
 De ser divino, e humano.

Bem tomára', meu Amante,
 Neste peito reclinarvos ;
 Mas receyo que por frio
 Vos não dé bom agazalho.

Porém agora conheço,
 Meu divino Soberano,
 Que do vosso amor foy traça,
 Por me livrar do peccado.

Por isso agora, meu Deos,
 Diante de vós prostrado
 Vos venho pedir perdaõ,
 Nas valias confiado.

Peçovos, por vossa Mãy ;
 Pois conheço ser de agrado
 A vossos santos ouvidos
 O mimo de seus aslagos :

E tambem por S. Joseph,
 Aquelle bendito Santo,
 Que logrou o privilegio
 De vos assistir por Ayo :

Que me perdoeis, Senhor :
 Para que deste lethargo
 Me possá livrar da culpa,
 Em que me vejo engolfado.

E olhando para a Senhora, lhe disse.

E Vós, Sagrada Senhora,
Amparo de peccadores,
Attendey a meus clamores,
Com que vos invoco agora.

Ajuda peço, e socorro,
Para me poder livrar
Do pelago deste mar,
Onde já me affogo, e morro.

Pois fois rutilante Sol
Para os tristes navegantes;
Sendo eu hum dos errantes,
Sede vós o meu farol.

E porque estais em lugar,
Que tendes a Deos presente;
Sendo vós Mãy tão clemente,
Perdaõ espero alcançar.

E como sey de certeza,
Que vós fois o nosso amparo;
Socorro peço, e reparo
A' minha grande tibieza.

Para que com clara luz
Possa melhor acertar,
E dos meus erros livrar
Para sempre. Amen Jesus.

E olhando para S. Joseph lhe disse.

P Araninfo sagrado,
 Meu São Joseph,
 Applicay os ouvidos
 A quem vos quer.

Naõ olheis meus peccados;
 Pois bem se vé,
 Que por isso o Infante
 Veyo a nacer.

Alcançayme o perdaõ;
 Pois pôde fer,
 Que vos ouça quem pôde
 Tudo fazer.

Para que possa ir
 Ao Cco a ver,
 Como vejo na terra,
 A todos tres.

E depois de ter feito estes breves soliloquios ao Menino Jesus, à Senhora, e a S. Joseph; pedi ao Sacristão, (que logo alli appareceo) que me mostrasse o lugar, onde estava sepultado aquelle Veneravel Prelado Arcebispo D. Fr. Manoel da Ressurreição. Senhor, me disse o Sacristão, que motivo vos persuade para querer ver o sepulcro desse Veneravel Prelado? Sabey, lhe disse eu, que a causa procede de o ter ainda hoje muy presente na lembrança, desde o tempo que o vi em sua vida, e dos grandes frutos espirituaes que obrou com sua santa doutrina, e bom exemplo, tanto na Cidade da Bahia, como quando foy de

de visita àquellas Villas do Sul; mostrando ser bom Pastor, no zelo de bom Prelado; sem embargo de estar occupado em os mais honorificos cargos, e occupações de Arcebispo no espirital, e Governador no temporal por fallecimento do General Mathias da Cunha; tendo-se havido em todos elles sempre com grande prudencia no decidir, resolução no executar, inreizeza no advertir, madureza no reprehender, piedade no castigar: mostrando em tudo hum espirito adornado de virtudes, e grande generosidade de valor.

E ainda nestas occupações, como se informasse, e soubesse que havia passado muitos annos sem terem ido Prelados áquellas Villas; se resolveo a ir visitallas, reconhecendo quanto serviço faria a Deos em acodir ao bem das almas, por serem suas ovelhas, como tão cuidadoso Pastor: porque summamente dezejava dar comprimento a suas obrigações. E não reparando nos longes, e inconvenientes de viagens por mar; nem no trabalho dos caminhos por terra, tão fragosos, como asperos, por desertos; todas estas difficuldades venceo. E quando se lhe representavaõ por algumas pessoas, dizia: Com estes encargos tomey esta occupaçaõ de Prelado; e não he bem os deixe agora por temor: porque hey de dar conta a Deos do que se me encarregou.

Com effeito partio por mar, e chegou à Villa dos Ilheos. E depois de a ter visitado com aquelle fervoroso espirito, se poz a caminho: e chegando ao Rio das Contas, que são mais de vinte leguas, por longas prayas, e altas ferranias; fez tambem sua costumada doutrina ao povo, e fructo a Deos. E dahi se partio para a Villa do Camamú, que lhe ficava mais de quatorze leguas distante, por asperos campos, e

rios caudalosos : aonde esteve mais dias , pelo maior concurso da gente , e ter mais que fazer na sua visita , e Missaõ ; porque nunca perdeu tempo , em que se não visse visitar , chrismar , prégar , e ainda confessar : sendo em tudo incansavel na Vinha do Senhor , como tão grande Operario , pela obrigação de seu dignissimo cargo de Arcebispo. Dalli passou à Villa de Boypéba , que dista doze leguas , embarcando parte da jornada por mar em canoas , e parte por terra ; fazendo o mesmo fruto naquella Villa. Della se embarcou para a do Cayrú por hum dilatado rio , que tem mais de quatro leguas ; na qual foy recebido com muy aprazivel gosto. Despedio-se della para a Força do Morro ; e dahi se passou , por huma grande praya , que tem mais de nove leguas , à Villa de Jaguaribe. E correndo muita parte das Freguezias , e Igreja deste Reconcavo , caminhou tão apressado , como dezejoso de chegar a este Seminario ; porque parece que corria , para chegar ao fim , que tanto appetecia. Isto posso eu certificar , por lhe ter ouvido dizer , que hia descansar a Belem. Como se por espirito profetico estivesse vaticinando o lugar , onde havia de ter o seu felicissimo transito.

E não será bem , que eu passe agora em silencio , ou deixe de publicar o muito , que lhe fizeraõ os habitadores daquellas Villas , e Lugares , em demonstrações do agradecimento pelo que haviaõ recebido ; e experimentado daquelle Prelado tão pio , como liberal ; pois nunca lhe quiz aceitar dadas , nem offertas pelos chrismar , prégar , e administrar todos os mais Sacramentos. Por esta razão todos aquellos moradores , com discreta emulaçõ , e agradável cortejo , se lhe hiaõ offerecer para o acompanharem

rem : do que o Prelado se mostrou muy agradecido; e lhe custava muito dissuadillos, para que não tivessem aquella molestia : sendo em muitos frustrada esta diligencia ; porque nem por isso deixavaõ de o seguir, acompanhando-o nos desertos, pelo perigo do Gentio barbaro, Onças ferozes, e varios animaes peçonhentos, como alguns o tem experimentado naquelles caminhos por solitarios. Mandouse-lhe fazer cazas em alguns Lugares mais desabridos, providas de todo o necessario, e com regalos ; para em parte lhe suavizarem a molestia de seus longes, para que pudesse descansar. Porque não experimentasse aquelle Serafim humano a menor falta naquelles corações abrazados de amor : e supposto que em alguns faltassem os cabedaes, visse que lhes sobrava a vontade de muito mais obrarem pelo fervir.

Quando se partia este Prelado daquellas Villas, e Lugares, não se ouvia outra cousa, se não lagrimas, suspiros, e ays, pelas portas, e janellas daquellas devotas, e faudozas mulheres ; dizendo : Já se vay o nosso Pay, que de tão longe nos veyo ver, e chrismar. Os escravos, não havia quem os acalentasse, com faudozas lagrimas, e alaridos em som de amor, pelo muito que este zeloso Prelado tinha advertido a seus senhores o como os deviaõ de tratar. Os meninos diziaõ pelas ruas : Já se vay o Arcebispo Santo : pelas grandes demonstrações, que viaõ de sua conhecida virtude. Deixo de vos referir os mais prodigios, e relevantes obras deste Veneravel Prelado, tanto de reforma de vidas, como de emenda de máos costumes, que fez naquelles póvos em serviço de Deos : como vou de caminho, me não posso dilatar.

Muito

Muito me tendes edificado, me disse o Sacristão, na relação que me fizestes deste Prelado: e agora vejo, que com grande razão me pedis que vos mostre onde está sepultado. E logo foy commigo à Capella mór, e nella me mostrou huma sepultura com huma campa de pedra, na qual me certificou estar o corpo deste Prelado ainda incorrupto. Porque nos quer Deos mostrar, que não tem a terra jurisdicção. para o desfazer; pois tanto se mortificou em o servir. E para desaffogo da minha saudade, lhe repeti este

S O N E T O.

OH Principe, que fostes hum Atlante
 Em o vosso Governo Arcebispal;
 Pois com zelo devido tão fatal
 Vos mostrastes de Deos muy fino amante!
 E assim não perdestes hum instante
 Na observancia do bem espirital;
 E mostrando hum affecto cordial,
 Sempre fostes na Fé muito constante.
 Foy o fim, que tivestes, muy ditoso,
 Por buscares jazigo em tal lugar;
 Pois morrendo vivestes glorioso.
 Beneficio tão grande, e singular,
 Que por ferer de Deos já tão mimoso,
 Tantas glorias viestes alcançar.

Senhor, me disse o Sacristão, muito folguey de vos ouvir recitar o Sonetto em louvor deste Veneravel Prelado. E porque me pareceis ser homem de larga noticia desta terra, vos peço que me digais, quan-

quantos Bispos, e Arcebispos tem havido neste Arcebisgado, depois que se descobrio o Brasil. Sabey, Senhor, lhe disse eu, que segundo hum quaderno manuscripto, que achei em caza de hum homem digno de todo o credito, e muy curioso de fazer lembrança de algumas antiguidades; estava nelle o assento seguinte.

C A P I T U L O VI.

Do Catalogo dos Bispos, e Arcebispos da Cidade da Bahia, desde o principio de sua fundação. E se mostraõ algumas excellencias do Muito Reverendo Padre Alexandre de Gusmaõ, Religioso da Sagrada Companhia de JESUS, Fundador do Seminario de Belem.

B I S P O S.

- 1 **D**Om Pedro Fernandez Sardinha, Clerigo: ao qual matou o Gentio barbaro, indo por terra para Pernambuco, em o Rio de S. Miguel; depois de ter dado à costa nos Baixos de D. Rodrigo, navegando da Bahia para Lisboa, em companhia de Antonio Cardoso de Bayros primeiro Provedor deste Estado, no anno 1556.
- 2 D. Pedro Leyraõ, Clerigo: o qual foy sepultado na Santa Sé; e passados alguns annos, se trasladáraõ os ossos para Portugal. O anno, e dia de sua morte he incerto.
- 3 D. Antonio Barreyros, Clerigo; que falleceo no anno de 1600. Está enterrado na Igreja Ve-
lha

- Iha do Collegio de Jesus, na Capella Mór.
- 4 D. Constantino Barradas, Clerigo, que falleceo no anno de 1618. Está sepultado na Capella Mór de S. Francisco desta Cidade.
 - 5 D. Marcos Teixeira, Clerigo, Falleceo em seis de Outubro de 1624. no Arrayal, no tempo em que estava a Cidade tomada pelos Holandezes. Está sepultado na Capella de Nossa Senhora da Conceição, do Engenho da Cidade, em Itapagipe de cima.
 - 6 D. Miguel Pereira, Clerigo, que falleceo no anno de 1630. em Lisboa, estando para se embarcar para este seu Bispado.
 - 7 D. Pedro da Sylva de Sam Payo, Clerigo, que falleceo no anno de 1649. e foy sepultado na Sé, na Capella Mór. Seus ossos foraõ levados para Lisboa no Galeão Santa Margarida, ao qual comeo o mar nas alturas das Ilhas, sem se salvar pessoa alguma; indo na companhia da Armada Real, de que era General o Conde de Vilapouca Antonio Tellez de Menezes.
 - 8 D. Alvaro Soares de Castro, Clerigo, que falleceo em Lisboa antes de ter as Bullas, por Suas Santidades as não quererem conceder em vida do Senhor Rey D. Joaõ IV. em quanto duráraõ as guerras, que teve com Castella.
 - 9 D. Estevaõ dos Santos, Religioso de S. Vicente de Fóra, dos Conegos Regrantes. Falleceo no anno de 1672. Está sepultado na Sé da Cidade da Bahia.
 - 10 D. Constantino de São Payo, Religioso de S. Bernardo. Falleceo em Lisboa, antes de lhe chegarem as Bullas de Roma.

ARCEBISPOS.

- 1 **D**om Gaspar Baratta de Mendonça, Clerigo, Falleceo em Lisboa, depois de sagrado, e ter mandado tomar posse deste Arcebispado, que foy governado por seu mandado alguns annos. Renunciou o Arcebispado, por se não achar com forças para passar o mar, por causa de achaques.
- 2 D. Fr. João da Madre de Deos, Religioso de S. Francisco da Cidade de Lisboa. Falleceo neste seu Arcebispado, no anno de 1686. e foy sepultado na Sé.
- 3 D. Fr. Manoel da Ressurreição, Religioso de S. Francisco do Convento de Varatojo. Falleceo no anno de 1691. Está sepultado na Capella Mór da Igreja do Seminario de Belem, dos Religiosos da Companhia de JESU da Cachoeira, onde falleceo vindo de visita das Villas do Sul.
- 4 D. João Franco de Oliveyra, Clerigo. Chegou a esta Cidade no anno de 1692. Governou este Arcebispado sete para oito annos; e foy para Portugal a ser Bispo de Miranda, no de 1700.
- 5 D. Sebastião Monteyró de Vide, Clerigo. Chegou a este seu Arcebispado em vinte e nove de Mayo de 1702., vindo de ser Vigario Geral do Arcebispado de Lisboa. Falleceo no anno de 1724. adornado de virtudes, e merecimentos.
- 6 D. Luis Alveres de Figueyredo, Clerigo, Provisor, Vigario Geral do Arcebispado de Braga, onde foy Bispo Coadjuutor do Arcebispo D. Rodrigo

drigo de Moura Telles. Foy feito Arcebispo desta Cidade no anno de 1725. aonde chegou no mesmo anno : o qual ainda vive, e existe; e lhe prospere Deos a vida para lhe fazer muitos serviços.

Senhor, me disse o Sacristão, grande gofso me destes com a relação, que fizestes tão individualmente desses Prelados, que tem havido neste Estado: e he sem duvida, que se não houvera algum curioso, que os tivesse escrito; ficariaõ no lethargo do esquecimento. E despedindo-se de mim o Sacristão, fiquei vendo, e observando o primor, e arte, com que está feito aquelle sagrado Templo, traçado, e fabricado por seu Fundador o Veneravel Padre Alexandre de Gusmaõ da Companhia de JESU: tanto pelas medições, e regras da Geometria, como pelas correspondencias do bem arrimado dos Altares, e Pulpitos: os quaes são feitos de luzida e burnida tartaruga com frizos brancos de marfim, que bem podéra apostar ventagens com o mais perfeito embutido da Europa, e do mais luzido jaspe de Genova, e porfido de Italia. E está em tal proporção toda a Igreja, que em nada se lhe pôde pôr taxa; mas antes tem muito que se engrandecer, e louvar. Entrey na Sacristia, e vi o grande assieyo, e alinhho, que tudo me pareceo huma copa bem arrimada: deven-do-se isto ao Veneravel Padre Alexandre de Gusmaõ.

E seja-me agora permittido, Senhor, disse eu ao Ancião, fazer huma breve digressão e n louvor deste insigne Varaõ; porque reconheço nelle as prendas, de que o tem Deos ornado. Muita mercé me fareis, me disse o Ancião: porque nisso me dareis grande gofso

gosto, pelo muito que tenho ouvido publicar de suas esclarecidas obras.

Pois sabey, lhe disse eu, que só o não saberá estimar, quem não conhecer suas virtudes. Porque he para todos liberal, verdadeyro, cortez, affavel, desinteressado, magnanimo, prudente, attento às acções, no animo constante, sempre no semblante igual: sendo hum epilogo de todas as virtudes espirituaes, e moraes; como publica o remontado eco, clarim sonoro de suas relevantes prendas, por todo mundo: já pela grande fama de insigne Orador, já por Mestre jubilado, e Escritor doutissimo: unindo-se a nobreza de seu preclaro nascimento, com o perfeito estado de melhor Religioso.

E para mayor assombro, e pasmo do muito que tem feito, e obrado este perfeito Heroe no serviço de Deos; se considere, que consta da sagrada Escriitura, que dezejando David fazer hum Templo a Deos, para lhe dar culto, e veneração, o não pode conseguir em sua vida, sendo Rey tão mimoso de Deos: a qual obra recommendou por sua morte a seu filho Salamaõ, que lhe deu principio, e o acabou; e por isso teve tão altos favores de Deos neste mundo, como se sabe. E que mais vos parece que obrou Salamaõ no Templo? Collocou a Arca do Testamento, figura de Maria Santissima, e dentro recolheu o Manná, que representava o Santissimo Sacramento. Porém este perfeito Heroe ainda fez mais: porque fez hum Templo para Deos, e nelle collocou a verdadeira Arca do Testamento Maria Santissima, e o divinissimo Sacramento não em figura, como fez Salamaõ; porém fim em realidade, como o cremos por fé. Porque, segundo o que diz Santo Agostinho, era aquelle Templo de Salamaõ huma sombra à vista do que

haviamos de ver agora : e por isso este mais glorioso , que o de Salamaõ. Fez mais hum Seminario , para ensinar aos parvulos a palavra de Deos , e nelle recolhe-o Sacerdotes , figuras , e representaçõ de Anjos.

Porém entra agora o meu reparo. Que fizesse hum Templo hum Rey taõ poderoso , como Salamaõ ; não me admiro : mas que hum pobre Religioso , ao mesmo tempo que o intentou fazer , o puzesse logo em execuçã , e o acabasse com tal perfeiçã , e primor da arte ! Isto , só se pôde crer que o podesse fazer , quem he taõ favorecido de Deos , como o nosso Veneravel Heroe. E se não , vede se tenho razã , e se provo o meu pensamento com a presente comparaçã.

De Alexandre Magno , o mais esforçado Rey que houve no mundo , escreve o seu Chronista taõ relevantes grandezas , que pasma o entendimento de quem as ouve repetir. E fazendo comparaçã com o presente Alexandre , se pôde dizer com mayor razã , que o primeiro foy sombra à vista deste Gusmaõ. Porque se Alexandre Magno foy Rey em Macedonia ; Alexandre de Gusmaõ foy Rey , ou Reytor da sagrada Religiaõ da Companhia de J E S U S. Se Alexandre Magno teve coroa , foy momentanea , e temporal : e Alexandre de Gusmaõ tem coroa impressa na alma , e espera gozar outra na gloria para sempre. Se Alexandre Magno deu culto aos Idolos , e destruhio Cidades com soberba ; Alexandre de Gusmaõ fez Templos consagrados a Deos , reformou Cidades , aumentou Provincias , com doutrina , e humildade. Se Alexandre Magno conquistou o mundo com homens soldados guerreiros , symbolo da soberba ; Alexandre de Gusmaõ venceo o Ceo com Sacerdoes , e meninos , que representaõ Anjos pelo estado

tado da innocencia. E finalmente se Alexandre Magno conquistou o mundo com soberba, e poder; Alexandre de Gusmao reformou o mundo com humildade, e saber.

Veja-se agora o quanto vay de hum Alexandre a outro: hum appetecendo glorias do mundo, como Pagaõ; e outro folicitando as glorias do Ceo, como Christaõ. E gozar, e lograr estes, e outros privilegios, todos desprezou, e renunciou, para habitar em hum Seminario pobre, sendo Mestre de meninos: imitando a hum Imperador Carlos V., que deixou hum Imperio pela Religiaõ; e hum S. Francisco de Borja largando hum Ducado por hum Cubiculo.

Finalmente contentõ-me com dizer, que naõ cabe na limitada esfera de meu talento, publicar os grandes louvores, que se devem a este Barrete; pois vejo que a Mitra de mayor supposiçaõ se dignou muito ficar depositado no arquivo do seu Recolhimento, por reconhecer as suas grandes virtudes.

Senhor, me disse o Anciaõ, verdadeiramente por este Varaõ se pde dizer, que morrendo ha de viver na memoria de todos aquelles que lerem seus doutos livros, e souberem de seus feitos heroicos. Podeis continuar a vossa narraçaõ: porque basta que vos diga, que estou muy satisfeito do que vos tenho ouvido deste insigne Varaõ.

E depois de sair da Igreja (disse eu ao Anciaõ) pedi agazalho a hum morador daquelle territorio, que mo deu com muy grande vontade; e com effeito passy alli o resto do dia, e a noyte, por dar descanso ao corpo, e treguas aos cuidados do desvelo, que tinha tido: e para acordar com tempo, desperrey quando a penas do vigilante embaxador do Sol vaticinava, que o dia se esperava a poucas horas. E

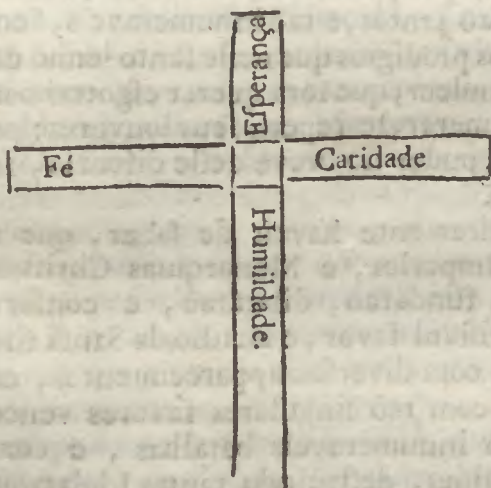
assim me despedi do dono da casa, representando-lhe os justos agradecimentos, com que me partia obrigado de seu tão gratulatorio agazalho.

C A P I T U L O VII.

Chega o Peregrino a casa do primeiro Morador: E trata dos louvores da Santa Cruz, com muitos exemplos, e milagres, que no mundo se tem visto, com provados com toda a verdade.

E Logo me puz de marcha: e caminhando parte daquelle dia, fuy encontrando com varias pessoas, de quem tomava os roteyros vocaes, para seguir com acerto a jornada que levava. A este tempo, porque o Sol já me negava toda a frescura para poder andar: me vali de huma bem copada arvore, que em hum alto estava, para me poder defender de seus vibrantes rayos: e deste lugar estava descobrindo o eminente dos montes, o bayxo dos valles, e muita parte do espaçoso dos campos. Já os escravos se retiravaõ do trabalho; pelo intenso do calor. Alli jantey: e porque me não temia dos ladrões, me deixey roubar do sono. E despertando vi que as arvores se estavaõ asenando humas às outras, dando senhas de alegria, por verem que já a fresca viração chegava a defendellas do ardente callor, com que o Sol as opprimia, sem se poderem mover do lugar em que estavaõ. E porque seriaõ passadas duas horas depois do meyo dia, me puz outra vez de caminho. E tendo andado largo espaço; a ites que fosse mais tarde, tratey de buscar pouxada; e reparando

vi huma Fazenda, e nella huma alta Cruz. Cheguey, bradey, respondeo-me o dono da casa : e depois de nos saudarmos, me foy encaminhando para huma varanda, que lhe servia de alvergue de receber os hospedes. Porém eu que vi o primor com que estava collocada a Santa Cruz em hum bem florido Calvario, com assentos altos de grossos madeiros; e nos quatro cantos, frescos lirios, fragrantos jasmims, alegres cravos, cheirosas rozas, e em fim enlaçados arcos por maravilhas; rompi nestas palavras,



BEmdicto, e louvado seja Deos; pois vos vejo, e adoro, estandarte da gloria, instrumento da nossa Redempção, symbolo da Fé, chave do paraíso, divino arco Iris da paz entre Deos, e os homens, terror do Inferno, espanto dos Demonios, timbre dos Catholicos, esforço dos fracos, escudo dos

dos fracos, escudo dos fortes justificados na graça de Deos : Cruz bemdita, sempre estimada, e de Deos prezada desde o principio do mundo : no fim do qual haveis de apparecer como estandarte real nas mãos do verdadeiro Deos, por insignia da justiça, para castigar os máos; e triunfo da gloria dos Bemaventurados, servindo-lhes de guia, para irem gozar da eterna Bemaventurança.

Muito me tendes edificado, Senhor, me disse o morador, com os louvores que tendes dito da Santa Cruz : peço-vos, me digais algumas das suas excellencias; porque nella, me dizem, se encerraõ muitas. São tantos, e tão innumeraveis, Senhor, lhe disse eu, os prodigios que neste santo lenho da Cruz se comprehendem; que fora querer escottar o mar, preterir numerar, e repetir seus louvores : porém direy os que puder no breve deste discurso, só por vos satisfazer.

Primeiramente haveis de saber, que todos os Reinos, Imperios, e Monarquias Christaãs se restauraõ, fundáraõ, dilatáraõ, e conservaõ mediante o visivel favor, e auxilio da Santa Cruz. Prova-se isto com diversos apparecimentos; em que os Christaõs com tão singulares favores vencerãõ tantas, e tão innumeraveis batalhas, e conseguiraõ novas Regiões, destruindo tantas Idolatrias, e Heregias por todo o mundo, em defensta de nossa Religiaõ Catholica.

Seja o primeiro milagre o exemplo de quando appareceo a Santa Cruz, e nella Christo Senhor nosso crucificado, ao nosso primeiro Rey D. Affonso Henriquez, naquella milagrosa batalha no Campo de Ourique contra os Mouros; que por cousa tão sabida, e authenticada, me escuso de referir.

A El Rey D. Pelayo em Castella nas Asturias, estando para dar batalha contra os Mouros em hum alto monte: e pelejando o Infante só com mil homens contra os Mouros, que traziaõ duzentos mil Barbaros; lhe foy necessario fortificar-se com os Christãos em Santa Grutta de Cova Donga: e achando-se ahi em o ultimo risco de suas vidas, lhes appareceo a divina Cruz, na qual tiveraõ ajuda, e favor de Deos, e venceraõ a seus inimigos; como largamente refere o Author do Livro intitulado Hespanha Reitaurada pela Cruz.

[Ao Impetador Constantino, e a sua Mãy Santa Helena coube a felicissima sorte de acharem o mesmo Santo Lenho, em que padeceo nosso Redemptor. E a este mesmo Imperador appareceo huma Cruz no Ceo, indo em batalha contra Maxencio: e foy final da grande victoria, que Deos lhe havia de dar.

No anno de 800. fazendo guerra Hugo Rey Christianissimo dos Inglezes, que naquelle tempo eraõ Christãos: e valendo-se este do Apottolo Santo André, a quem pedio que o favorecesse para com Deos; appareceo-lhe o Santo, e lhe prometteo victoria, confirmando-o nesta promessa com huma Cruz, que lhe mostrou sobre o campo dos inimigos.

No tempo do nosso Rey D. João II. que descobrio o grande Reyno de Congo, succedeo que havendo dous Irmãos naquelle Reyno, filhos do Rey do Congo, hum se bautizou, abraçando a nosssa ley, e se chamou D. Affonso, e começou a prégar a Fé de Christo; e o outro lhe fez guerra. Vendo o Catholico o grande poder do contrario, retirou-se a hum Castello, ou Fortaleza, com vinte Portuguezes. Poz-lhe cerco o contrario, com vinte mil Pretos: e vendo-se apertado no cerco o Christão, lhe sahio com os

vinte

vinte Portuguezes, com tão destemido valor, como quem hia a morrer martyr pela Fé de Christo. Porém foy tal o favor, e ajuda de Deos, que os vinte vencerão, e cativáraõ aos vinte mil contrarios. Depois da vitoria, perguntou o vencido ao Irmaõ vencedor, onde estava a gente, com que o havia vencido? E mostrando-lhe este com o dedo os vinte; então lhe disse o vencido, que de outra mão havia sido a victoria: affirmando-lhe, que contra o seu exercito viera outro com adornos resplandecentes, guiados de hum Cavalleyro, que levava huma Cruz branca.

Tambem appareceo no Ceo huma fermoza Cruz vermelha, semelhante à de Calatrava, naquella famosa batalha das Naves de Tolosa, no anno de 1212. Motivo, porque a tomou por timbre de suas Armas a familia dos Pereyras, como se vé no escudo, e Armas de D. Nuno Alvares Pereyra; e outras muitas familias, que tambem na batalha se acháraõ; como se póde ver no livro intitulado Nobiliarquia Portugueza a fol. 314.

Conta Niceforo, que no anno quarto do Imperador Constantino, passando os Turcos os montes Caspios, entráraõ na Armenia, onde havia de muitos dias tão grande peste, que não escapava pessoa alguma: e persuadidos de alguns Christãos os Turcos se tosquiáraõ à maneira da Cruz, e cessou tão grande mal.

Com a Santa Cruz profetizou o Apostolo S. Thomé na India, na Cidade de Meliapôr, que naquelles remotos climas se havia de venerar este sagrado instrumento de nossa Redempção. Porque depois de ter arvorado huma Cruz, ao pé della mandou pôr hum letreiro, que dizia: que quando o mar alli chegasse,

gasse, chegariaõ tambem de partes remotissimás do Occidente outros homens da sua cor, que prégariaõ da mesma Cruz, da mesma Fé, e do mesmo Christo, que elle prégava. E sendo distante do mar doze leguas o lugar, em que levantou a Cruz; tudo depois se vio cumprido.

O Eminentissimo Cardeal D. Pedro Gonçalvez de Mendoza, Prelado dos maiores, e mais Illustres, que teve a Igreja de Toledo, e em vida, e morte deyxou admirado ao mundo; foy taõ devoto da soberana Cruz, que em honra, e veneraçãõ della, fez obras excellentes, e cousas admiraveis. Fez em Toledo o Hospital da Santa Cruz, dos Meninos expostos: em Valledolid o Collegio Mayor, com a invocaçãõ da Santa Cruz: em Roma reparou a Igreja da Santa Cruz: e em Jerusalem fez o mesmo. Pagou-lhe Deos esta devaçãõ: porque no dia de sua morte (que foy em huma sexta feyra dedicada à Cruz, e Payxaõ de Christo) se vio no ar sobre o seu Palacio Archiepiscopal em Guadalaxara huma Cruz branca, até quarenta covados de largo. E contando-se este prodigio ao Santo Prelado, já em o ultimo transito de sua vida; mandou, que logo sem mais demora se celebrasse diante d'elle a Missa da Santa Cruz: acabando de a ouvir, deu a alma ao Creador. Traz este caso D. Christovão Louçano no seu Livro intitulado, Los Reyes nuevos de Toledo, pag. 52.

Naõ deixarey de repetir aquelle estupendo caso, que succedeo no Reyno de Castella, na Villa chamada da Caravaca. Tendo hum Rey Mouro tomado posse da Villa por força das armas, e dominado aos seus habitadores; por burla, e nofa dos Christãos, disse a hum Sacerdote, que logo celebrasse Missa, porque queria ver as suas ceremonias. E depois de se lhe darem

darem todas as vestimentas, para poder celebrar; disse o Sacerdote ao Rey Mouro, que lhe faltava huma Cruz, sem a qual não podia celebrar. Instou o Rey, dizendo-lhe, que celebrasse sem embargo de não ter Cruz. E logo pondo o Sacerdote os olhos no Ceo, immediatamente deceo huma Cruz, que vulgarmente chamaõ de Caravaca, por ter succedido o milagre naquella Villa assim chamada.

Estranho caso he o que succede no Reyno de Galiza em hum porto chamado Mogia, e se vé visivelmente nas vazas das mares. Aparecem muitas Cruzes nas pedras, e tão perfeitas como se fossem nellas lavradas, de varias formas, humas grandes, e outras pequenas, como escreve Francisco de Molina em verso por estas palavras.

N Otad una cosa bien nueva, e estraña
 Que en piedra muy dura, la fuerza del agua
 Ballestas y Cruces nos pinta, y nos fragua;
 Que quien no le viere, dirá que es patraña:
 Y alla en otras partes las pinta otro dia.
 No siento, quien sienta tal cosa en España.

E o mesmo Escriitor louva isto em proza, dizendo assim: Este caso he dos que digo não seraõ cridos; porque pareceria fabuloso, se pela vista cada dia não vissemos. E D. Joaõ de la Partilla Duque diz o seguinte: Em hum porto, que se chama Mogia, em o qual quando crece a maré, em humas pedras, em hum areal que alli ha, ficaõ esculpidas em as mesmas pedras humas Cruzes tão perfeitas, como se a mãõ se lavrassem: e tambem humas béttas com suas chaves tambem lavradas, como de tal Mestre, que alli as fez. As quaes béttas, e Cruzes, logo que a
 agua

agua vaza pela minguante, se vem alli visivelmente por todos: e depois no outro dia, tornando a vir a corrente as desfaz, e apparecem em outra parte daquelle porto, da maneira que havemos dito. He cousa taõ admiravel, que se não fora taõ certa, e taõ vista dos olhos, não o escrevera aqui. São palavradas do mesmo Author.

Naõ he menos de admirar o prodigio, que todos os annos está succedendo ao nosso Reyno de Portugal, na Villa de Barcellos, no dia da Invençãõ da Santa Cruz, no terreiro, ou campo junto da Igreja; quando apparecem milagrosamente aquellas Cruzes em forma visivel sobre a terra: o qual, por taõ sabido, me escuso de mais authorizar.

No livro da Vida de D. Joaõ de Castro se conta aquelle apparecimento da Cruz, a qual se traz pintada na pag. 58., onde se pôde ver com toda a certeza, com que o escreve o Author do mesmo livro.

Admiraveis, e prodigiosos são os grandes finaes, com que nos tem mostrado Deos a veneraçãõ, que se deve ter à Santa Cruz; para que os Fieis Catholicos a venerem como remedio, e instrumento de nossa salvaçãõ. E assim não houve Imperador, nem Rey Christão, que não usasse da Santa Cruz, para conseguir as suas mayores emprezas. E ainda agora se tem visto e quanto as Armas Imperiaes vencerãõ ao Turco, como se pôde ver, e ler nas gazetas daquelle invicto Principe Eugenio: o qual não só esculpida nos estandartes, mas tambem em seu esforçado e devoto peito traz huma Cruz, e nella a Imagem de nosso divino Redempor: e por isso tem duvida com tanto vencimento contra os inimigos da nossa Santa Fé Catholica.

Nestas dividas, e mercês estão tambem os nossos
Reys

Reys de Portugal, e seus Vassallos a nosso Senhor JESU Christo, que tantas vezes os tem soccorrido com o soberano sinal da Santa Cruz, com cujo patrocinio vencerão, e desbaratarão a seus inimigos, approvando, e exaltando a nossa Santa Fé.

A Vasco da Gama, que foy o primeiro que descobrio a India; succedeo o grande Affonso de Albuquerque no anno 1500. E indo este pelo mar da Persia a dar principio ao descobrimento daquellas incultas Provincias, lhe appareceo no Ceo huma Cruz resplandecente, e gloriosa, antes que os Lusitanos passassem adiante, a tempo que elles se viaõ em grande aperto, e quasi perdidos: cujo sagrado resplendor adoráraõ todos de joelhos, derramando muitas lagrymas, de puro gozo, e devaçãõ.

Este apparecimento da Cruz no mar Persiano confirmaõ muitos, e muy publicos e authenticos testemunhos, divulgando-se entãõ por atençaõ dos devotos Portuguezes, que affirmáraõ haver visto com seus olhos aquella celestial appariçaõ; como escreve Affonso de Albuquerque, filho menor do primeiro, de que acima fallamos; segundo que lemos nos Commentarios Lusitanos, de que fazem mençaõ muy celebres Escriitores, como Mafedo, Cocio, Freytas, e Ordoño de Zavallos.

Porém muito mais claramente ao nosso intento Pedro Gregorio Tolosano, affirmando, que os Reynos do Oriente, e Meyo-dia descubertos pelos Lusitanos, se attribuem visivelmente ao patente auxilio da Cruz. A felicissima expediçaõ (diz elle) que fizeraõ os Portuguezes em as Provincias da Epthiopia, à Cruz se deve: pois lhes appareceo huma manhã, achando-se faltos de todo o consolo, e soccorro humano, determinados já de tornarem-se às
suas

suas cazas, sem poderem conseguir o seu intento.

Não foy menos para venerada a Santa Cruz nesta Provincia do Brasil, quando pelo Capitaõ Pedro Alvares Cabral foy descuberto este Estado no anno de 1500. E assim, acompanhado de muitos Portuguezes saltáraõ em terra (à qual chamáraõ Porto Seguro; por reconhecer alli o abrigo de seus mayores trabalhos, depois da grande derrota, e tempestades do mar) aos tres dias do mez de Mayo, como affirmão alguns: e logo arvorando o estandarte da sagrada Cruz em demonstração de grande alegria, se celebrou Missa, e houve Prêgação, não faltando falvas de artilharia da Armada; e puzeraõ por nome à terra tão fermosa, Provincia da Santa Cruz: titulo, que depois converteo a cobiça, e os interesses do mundo em Provincia do Brasil, como vulgarmente hoje se chama. Este, e outros muitos prodigios, são os deste Veneravel, e Santo Lenho, a quem se deve todo culto, e veneração. E basta, que todos os Santos da Igreja deste tanto final se ajudáraõ, e d'elle se valem, para lançarem fóra os Lemonios, e fazerem outros milagres, como foraõ S. Bento, Santo Antonio, e outros innumera veis Santos, que se não podem repetir no breve deste discurso.

Finalmente são tantos, e tão grandes os bens que resultaõ da veneração devida à Santa Cruz; que a Missa sendo tão excellente Sacrificio, que Deos fez, (como já tenho dito) se não pôde celebrar sem assistencia da Cruz. E os homens Catholicos, que de mais honrados, e esforçados se prezaõ; o mayor brazaõ, e timbre, que podem ter em remuneração dos seus serviços, he aceitarem por paga a Cruz de Christo nos peitos. Deixo o mais, que pudera repetir: porque como são immensos os prodigios da Santa Cruz, não

naõ se podem dizer todos neste limitado discurso. Admirado, e satisfeyto estou, Senhor, me disse o morador, de vos ouvir publicar as grandes excellencias da Santa Cruz. Porém só reita, que me digais o como foy estimada por Deos desde o principio do mundo, como proteristes na vossa laudação, que lhe fizestes. Porque me parecia, que antes que Christo nosso Redemptor padecesse a sua sagrada payxaõ e morte, naõ tinha veneração a Cruz, por servir de patibulo, ou instrumento de castigar aos culpados, e condenados à morte, como hoje serve a forca : e que só depois que servio de instrumento para nossa Redempção, tivera o culto, e veneração, que lhe daõ os Catholicos Christãos.

Assim parece, lhe disse eu : porém sabey que a Cruz, logo desde o principio do mundo, foy feyta, e estimada de Deos no Ceo, e venerada na terra. Porque tanto que Deos creou o Ceo, logo lhe poz huma Cruz, que vulgarmente chamaõ o Cruzeiro, feita, e composta de luzentes Estrellas; como visivelmente apparece, da Linha Equinoccial para o Sul, da parte do Oriente.

Foy tambem venerada a Cruz no mundo em todos os tempos : tanto na Ley da natureza, como na Ley escripta, e agora na Ley da graça pelos Christãos. Foy estimada, e venerada na Ley da natureza pelos Santos Patriarcas, quando com ella abençoavaõ a seus filhos, e faziaõ alguma cousa de mayor estimacão no serviço de Deos. Allim se vio figurado no caxado, com que Jacob perseguido passou as aguas do Jordaõ. Tambem se representou nas mãos do mesmo Jacob trocadas sobre Efrain, e Manassés : onde escolhendo ao mais moço, retratou o Espirito Santo a nova eleição, que em virtude da Cruz de Christo se
 havia

havia de fazer da Gentilidade. Foy tambem representada a Cruz no pao, com que o Profecta Eliseo tirou do Jordaõ o ferro do machado, que nelle tinha caido. Outra figura da Cruz foy o sacrificio de Isaac, pelo que depois se vio em Christo nosso Senhor no monte Calvario.

Na Ley escrita, foy venerada a Cruz na figura da vara de Moysés, como o entendem, e dizem os Santos Padres. E o mesmo Moysés não escaparia de ser affogado no rio Nilo, quando nelle o lançaraõ seus Pays, pelo livrarem de Faraó, e de seus edictos; se não fora dentro daquella cestinha de juncos, tecida, e feita de muitas cruces. A'lem de outras muitas figuras da Cruz, que nesse tempo se viraõ.

Na Ley da Graça, teve, e terá a Cruz estimação até o fim do mundo; por ser o instrumento da nossa Redempção, e pelas estupendas maravilhas com que obrou Christo no seu amor para com nosco, consummando tudo quanto os Profetas tinhaõ escrito, e dito dos seus milagres. O que tudo fez por remedio de nosa salvação, tomando a Cruz por instrumento de sua sagrada payxaõ: pois della, como de cadeira, deu ao mundo tanta doutrina: della, como de altar, sacrificou sua sagrada Pessoa em satisfação das nosas culpas: della como de baluarte fortissimo, pelejou contra os inimigos mortaes apoderados do mundo pelo peccado: e della finalmente aperfeigoou tudo o que convinha para o nosso remedio. E daqui lhe veyo ao mesmo Christo aquelle nome, que (como diz o Apostolo) he sobre todos os nomes, e a elle se prostaõ e ajoelhaõ os Anjos, os homens, e os Demonios. (Ad Philipp. 2. 10.)

Estas glorias, e estas ditas lograõ sim os Fieis Christãos

tãos, de verem exaltada, e venerada a Cruz de Christo. Porém para os pertinazes Judeos, e os mais inimigos de nossa Santa Fé; em vez de gloria, lhes causa maior pena, verem, e ouvirem fallar na Cruz; e lhes ha de servir nas mãos de Deos de seu castigo.

E para os Demonios; e todo o Inferno, não pôde haver mayor terror, que ver a Cruz de Christo. Assim o publicão elles, e por larga experiencia o sabemos todos os Christãos. E isto se comprova com aquelle caso, que succedeo a hum Judeo; o qual, anoitecendo-lhe longe do povoado, se recolheo a hum templo derribado de Idolos: aonde juntos os Demonios, como a fazer audiencia, ou resenha de seus successos, viraõ estar o Judeo, que com grande medo tinha feito o sinal da Cruz, benzendo-se. Mandou o mayoral aos outros, que vissem o que era aquillo. O Demonio, que chegou a reconhecerlo, disse a grandes brados: Ay, ay, que este vasilho está vazio; mas está bem sellado! Motivo, porque o deixáraõ; e dalli se converteo o Judeo, pelo que experimentou de ser livre pela Cruz. E que pouca devação tem muitos Christãos à Santa Cruz, à qual deviaõ de prezar tanto, como arma, com que nos livra Deos de todos os perigos!

E para mayor intelligencia deste mysterio da Cruz, e suas excellencias: haveis de saber; que tres foraõ as benções que Deos fez, e obrou em forma de Cruz no principio do mundo. A primeira foy a da natureza: a segunda, a da graça: e a terceyra ha de ser no fim do mundo, quando em corpo e alma formos gozar da Bemaventurança. Todas tres nos mostrou Deos por figura, e realidade, na creação do primeyro homem Adam: quando o fez em forma de

de Cruz: depois quando lhe infundio a alma com os dotes da graça: e ultimamente quando em companhia de Eva os abençoou em figura da resurreiçãõ, em que haviaõ de resuscitar.

Estas benções se vem tambem lançar os Papas, Cardeaes, Bispos, e todas as pessoas constituídas em Dignidades Ecclesiasticas, no fim da Missa, e nas mais ceremonias da Igreja, quando abençoaõ ao povo Christão, invocando nellas as tres Pessoas da Santissima Trindade, que as formou, e dirigio para bem nosso. Na Vara, ou Insignia do Summo Pontificê se vem expressadamente eitas tres Cruzes, symbolo do Summo poder daquelle supremo Ministro de Deos.

Esta insignia, ou estandarte da Cruz; se vê levarem todos os Arcebispos, e Bispos diante de si nos seus Bispados: e os Primazes por todo o Reyno onde o saõ. E ainda muitas Religiões em acto de Comunidade, quando administraõ os Officios Divinos, a levaõ algada; para nos mostrarem que com aquelle estandarte nos remio Christo Senhor nosso do cariveyro de nosso peccado. E por isso quem não ama a sagrada Cruz, praticamente nega a Fé.

Tem a Cruz quatro partes, em que se divide: e estas se mostraõ na fórma em que a vistes pintada, e escripta no principio deste discurso. A primeyra he a Fé, a segunda Esperança, a terceira Caridade, e a quarta Humildade. E para poder estar levantada, he necessario que fique a Humildade fixa em parte solida; porque se não poderá ver bem este estandarte, ou triunfo se não se estribar nas bazes da Humildade: e assim he certo, que ninguem pôde acertar com o caminho do Ceo, sem levar por guia a Cruz. Esta foy a razãõ, po. que disse Christo Bem nosso: Se

alguem quer vir apòz mim, tome a sua Cruz, e siga-me. (Matth. 16. 24.) Porque a Cruz he o principio, meyo, e fim efficaz da nossa salvação; por ter sido o principio de toda a formação do genero humano principiado em Adam.

Isso he o que eu tomára saber, me disse o morador, com mais distincão. Pois ouvi; lhe disse eu; que he necessaria muita attenção: e começarey pelo principio do mundo, e creação do primeiro homem.

C A P I T U L O VIII.

Conta o Peregrino ao Morador, o como Adam, e Eva forão feitos por Deos: e o que lhe succedeo no Parayzo, até que forão desterrados delle por causa do peccado.

CReou Deos o Ceo, e a Terra; como consta da sagrada Escritura: e desta creação não trato aqui, por não estender este discurso; mas só tratareay da creação do primeiro homem, que foy Adão, o qual foy formado fóra do Parayzo no campo Damasceno pelas mãos de Deos. E querendo Deos dar-lhe principio, disse toda a Santissima Trindade: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança. E logo tomou daquella terra limosa, que estava na superficie: e daquelle embrião em forma de Cruz (reparay, que aqui teve principio a Cruz) começou a delinear aquelle supremo Artifice ao nosso primeiro Pay: havendo-se então Deos como hum Estatuario quando dá principio a huma estatua com os braços abertos: e depois de o aperfeizar, e consummar, ficou huma fermosissima creatura. E assim feito Adam, lo-

gõ Deos o compoz de quatro humores, da composi-
ção dos quatro Elementos, de que necessita a crea-
tura vivente, para se conservar, que forão Terra,
Agua, Ar, e Fogo: dando a Terra a materia de que
foy creado; a Agua, para a composição da massa; o
Ar, o refrigerio para respirar; o Fogo, para o ca-
lor natural.

Consummado assim finalmente o corpo de Adam,
lhe inspirou Deos a alma racional. Vio-se Adam fei-
to homem com tão relevantes dotes da natureza, co-
mo forão Sciencia infusa, livre alvidrio, memoria,
entendimento, vontade, e outras differentes graças,
de que estava adornado, e composto pelas mãos de
Deos: e com huma rectidão natural, que chamaõ
justiça original, com que naturalmente a alma ra-
cional obedecesse a Deos, e senhoreasse aos senti-
dos, e membros corporaes, e a todos os animaes.
Aqui se poz de joelhos Adam, reconhecendo a seu
Creador o beneficio de sua criação, e das mais gra-
ças, de que o havia adornado. Deste acto se seguiu
lançar-lhe Deos a benção em forma de Cruz. E esta
foy a segunda vez, que se vio a Cruz feita pelas mãos
de Deos: huma, quando formou a Adam; e outra,
quando lhe infundio a graça.

Seja-me agora concedido fazer aqui hum repa-
ro, ou exclamação. Desta sorte sahio Adam feito
das mãos de Deos: a mais bella, e perfeita creatu-
ra, que se vio. E como sahio Christo das mãos dos
homens, quando o puzeraõ na Cruz? (Antes que
o profiga, deixay-me enxugar as lagrymas, para po-
der referir este lastimoso caso.) Foy hum retrato da
morte: ferido, e tão mal tratado, como o vemos na
Cruz. Vede agora o quanto vay das obras dos ho-
mens às obras de Deos. Os homens affeando a mais

perfeita belleza; pois nunca se vio, nem se ha de ver nacido no mundo outro homem com tantas perfeições, como foy JESU Christo. E Deos, de hum vil materia, como foy limo, e barro, fez a Adam tão perfeita creatura. Vejaõ lá os homens o como fazem as suas obras, à vista das obras de Deos.

Formado assim o homem no campo Damasceno, perto, de Hebron; logo o passou o Senhor ao Paraíso de deleytes, que era hum horto amenissimo, situado da parte do Oriente em o mais alto da terra, em cujo meyo estava a arvore da vida, a da Sciencia, do bem e do mal, e outras varias arvores fructiferas, hervas, e flores cheirosas: e neste meyo nacia hum fonte, de que procediaõ quatro rios, Ganges, Nilo, Tigre, e Eufrates; os quacs regavaõ o mesmo Paraíso, e depois escondendo-se debaixo da terra, e tornando a sabir em outras partes, fertilizavaõ todo o mundo.

Estando Adam neste tão diliciozo Paraíso, poz em lingua Hebraica seus proprios nomes a todos os animaes, que foraõ trazidos à sua presença por mandado de Deos. E depois, para que não estivesse sem companhia, lhe deu Deos hum sono, ou extasi, e tirando-lhe hum costella do seu lado, estando dormindo, della formou hum mulher, que foy Eva; e deu a Adam por companhia em matrimonio, deitando-lhes a ambos a sua benção (e esta foy a terceira Cruz, que fez Deos na creação de Adam, e Eva, como vos tenho dito, e promettido mostrar) para que crecessem em successão e multiplicação, e enchessem a terra, e dominassem, e governassem a todos os animaes, e se sustentassem a seugostio, e vontade dos frutos della.

E só lhes mandou que se abstivessem de comer da

arvo-

arvore da Sciencia do bem, e do mal : com pera de morrerem, se comeissem della. Porque não comendo daquella arvore, viveriaõ no Paraíso com toda a felicidade em perpetuo, e continuo contentanento de seus entendimentos, e laude de seus corpos; parte em virtude, e forças da rectidaõ original; e parte em sustento dos frutos das mais arvores, para alimento da vida : e no fim, sem morrerem; seriaõ trasladados vivos com toda a successaõ, e mudados ao Ceo, onde para sempre em eterna Bemaventurança gozasssem de Deos em companhia dos Anjos.

Porém Adam constituido em todas estas honras, não guardou o preceito de Deos : porque comeo do fruto prohibido, que lhe deu Eva; a qual tinha dito o Demonio transformado em Serpente, que comendo-o elles, seriaõ como deoses. Comeraõ finalmente ambos do fruto da arvore vedada, primeiro Eva, e depois Adam : e deste modo se fizeraõ a si, e a todos os seus descendentes sujeitos não só ao peccado, que he a morte da alma, mas tambem a varias calamidades, e enfermidades do corpo, e a morte corporal, e condemnaõ eterna : e por esta razã se chama este peccado de nossos primeiros Pays peccado original. Do qual nasceo, que viciada a rectidaõ original, sentindo-se, e conhecendo-se a mesma carne rebelde ao espirito, e tendo já Adam e Eva pejo de se verem nus, cobriraõ-se com folhas de figueira : e ouvindo a voz do Senhor, que passeava ao fresco do ar no Paraíso depois do meyo dia; envergonhados temeraõ, e se esconderaõ da face do Senhor. Porém chamando-os Deos, vieraõ à sua Divina presença, (porque a Deos não ha quem se lhe esconda) e lhes deu o Senhor a sentença a cada hum, conforme a pena do seu peccado, ouvindo-os primeiro;

meiro; e tambem a Serpente não ficou sem castigo. A a Serpenta amaldiçoou, que andaria sempre arrastada, e se sustentaria da terra. A Eva, que teria dores no parto, e estaria sujeita ao varaõ. E a Adam, que comeria o paõ com o suor de seu rosto, cultivando a terra. E finalmente, à hora nona (isto he, às tres depois do meyo dia) vestindo Deos à Adam e Eva com tunicas de pelles de animaes, os desterrou daquelle lugar, e os levou a Judea junto a Hebron, cerrando-lhes as portas do Paraiso, e pondo diante d'elle hum Querubim com huma espada de fogo, para guardar o caminho da arvore da vida.

C A P I T U L O IX.

Relata o Anciaõ ao Peregrino o principio de nossa redempção: e mostra como a Santissima Virgem MARIA foy preservada da culpa original, por especial favor, e graça de Deos.

MElhor não podicis dizer, me disse o Anciaõ, da creação do homem, nem explicar o seu principio. Porém agora vos quero declarar hum mysterio, que tal vez ainda não tereis ouvido, por ser muy digno de ponderação, e de grande edificação para todo o Fiel Christão. Muita mercé me fareis, Senhor, lhe disse eu, em mo dizer. Pois ouvi, me disse o Anciaõ.

Sabey, que ficando ainda entaõ Deos no Paraiso, se não arrependido de haver feito a Adam, (pois em Deos não se da arrependimento, porque tudo tem presente) parece que considerando a pouca estabilidade; e grande fraqueza da natureza humana; appare-

pareceo alli a Soberba (por ser esta a raiz de todo o peccado, (1.) e inimiga do homem) pomposamente vestida de escarlata, com huma cappa rossagante, e hum escudo, e nelle escrita huma letra, que dizia.

(1.)

Inicium omnis peccati est superbia, Eccl. 10. 15.

Sou a Soberba envejosa,

Semelhante ao Inferno:

E por isso meus sequazes

Padecem hum mal eterno..

(2.)

Si quis peccaverit, advocatum habebit apud Patrem, Jesum Christum justum. Joan. 1. 1.

E Fazendo huma grande genuflexão a Deos, rompeo nestas palavras : Senhor, venho da parte de Lucifer fazer-vos hum requerimento, como a tão

(3.)

Ord. lib. 3. tit. 20.

recto Juiz, contra Adam, e sua descendencia. Aqui acodio o Verbo Divino (2.) dizendo ao Eterno Padre : Senhor, bem sabeis que temos determinado que haça ley entre os mortaes, por onde elles se governem : e que na ordem do juizo são necessarias tres

(4.)

Contra regulam text. in cap. 1. de caus. possess. & propriet.

personas : Juiz, que julgue; Autor, que accuse, e Reo, que se defenda. (3.) Adam está ausente, vay indefeso : (4.) e por esta razão deve haver quem de-

(5.)

In cha. litat. perpetua dilexite. Jerem. 35. 3.

fenda a sua causa. E logo acodio o Espirito Santo dizendo : Venha a Piedade, que pôde assistir em sua defesa. (5.) E assim o mandou o Eterno Padre por

(6.)

Per viscera misericordiae Dei nostri. Luc. c. 78.

seu divino decreto, e grande misericordia. (6.) Veyo logo huma fermosa Donzella (7.) vestida de azul celeste com manto de gloria, de tao excellente fórma, que

(7.)

Ab initio, & ante saecula creata sum. Eccl. 24. 14.

a todos fatisfez tua presença, e fermosura, por ser feita, e creada pela Omnipotencia de Deos (8.) e

(8.)

Ante omnem creaturam. Eccl. 24. 1.

prostrada de joelhos muy humildemente se poz abaixo do Throno da Santissima Trindade. (9.) Disse então o Eterno Padre ao Divino Verbo, que se assentasse a

(9.)

Et humilia respicit in caelo, & in terra: Psal. 112. 6.

sua mão direita, em quanto castigava a seus inimigos:

gos : (10.) e à soberba permittio que fizesse seu requerimento.

(10.)

Dixit Dominus
Domino meo : fe-
de à dextris meis,
&c. Psal. 109. 2.

(11.)

In inferno nulla
est redemptio.

(12.)

Emisit enim Do-
minus Deus de
paradiso volupta-
tis, Gen. 3. 23.

(13.)

In pulverem re-
vertetur, Gen. 3. 19.

(14.)

Convertimini ad
me, & convertar
ad vos, Zach. 1. 3.

(15.)

Oculi Dei in dili-
gentes se, Eccl.
34. 15.

(16.)

Adjuvabit eam
Deus mané dilu-
culo, Psal. 45. 6.

(17.)

Superbia ejus, &
arrogantia ejus,
plusquam forti-
tudo ejus, Hal.
16. 6.

(18.)

Formavit igitur
Dominus Deus
hominem de limo
terra, Gen. 2. 7.

E continuando a soberba, disse : Senhor peccou Luzbel, e pelo peccado foy condemnado elle, e todos os seus sequazes ao Inferno, por vosso divino decreto, onde padece, e padecerá terriveis tormentos por toda a eternidade : (11.) Agora vejo que peccou Adam contra vossa Divina Magestade, e que foy condemnado a desterro (12.) com pena de morte ; (13.) o qual ainda vive, e com esperanças de merecer perdaõ de sua culpa ; (14.) quando parece que não tem lugar, por sua grande desobediencia, e ingratitude, que commetio contra vossa Divina Magestade.

E olhando o Eterno Padre para a fermosa Donzella, (15.) lhe disse : E que respondeis por parte de Adam em sua desculpa ? Senhor (16) bem conheço, disse a Piedade, que vos tem desobedecido Adam, e por esta causa, com justa razão mereceo o castigo ; e desterro, que lhe deites a elle, e a toda a sua descendencia. Porém, Senhor, Adam he de muy fragil metal : peccou por fraqueza, e não por soberba, ou malicia. E sendo assim, parece que não he o seu peccado da qualidade, e graveza do de Lucifer : porque sendo este de natureza Angelica, e com tão claro entendimento ; arrojado da soberba, e da inveja, vos quiz negar a adoração, sendo vós o que o creastes, e lhe destes o ser, e os mais dotes da graça, de que se vio adornado.

Acodio logo a soberba, muy arrogante, e presumida, (17.) dizendo : Não livra essa razão a Adam, e a todos os seus descendentes de ficarem sujeitos à pena eterna. Porque sendo Adam de natureza inferior, (18.) por isso mesmo tinha razão de se mostrar mais agradecido a quem o fez, e adornou de tão rele-

relevantes dotes da graça, e da natureza, de que se vio enriquecido. De mais, Senhor, que Vós o fizestes à vossa imagem, e semelhança, (19.) beneficio tão grande, e singular; e lhe destes mais a Sciencia infusa, com a rectidão natural, e a promessa da gloria. E sendo assim, parece que mais obrigado estava Adão a observar os vossos preceitos; e quando não fosse mais, em igual paralelo com Lucifer. E se nenhuma destas razões basta para ser castigado Adam: elle peccou, e pelo peccado ficou semelhante aos brutos, (20.) e servo do mesmo peccado? (21.) e como humilde creatura, não pôde merecer perdaõ, nem satisfazer a culpa, que commetteo contra Vossa Divina Magestade, a qual por ser incomprehensivel, não a pôde comprehender o entendimento creado, e pela desigualdade que vay da creatura ao Creador, fica Adam inhabel para o merecimento, e satisfação. Pela qual razão he digno de todo castigo, e morte. (22.) E olhando para a Piedade, lhe disse: E assim, que não podieis deixar de conceder a minha conclusãõ.

Aqui se lhe arrazãraõ os olhos em lagrymas à fẽrmosa Dohzella, derramando liquidos cristaes por entre encarnadas rosas, e olhando para o Divino Verbo. (23.) A este tão enternecido acto acodio o Verbo Divino dizendo: Senhor, eu me offereço (24.) pelo genero humano a satisfazer a culpa, que commetteo Adam contra vossa Divina Magestade. E aceitando o Eterno Padre a offerta, tambem a approvou o Espirito Santo, e se confirmou por toda a Santissima Trindade. (25.)

Foy entãõ lançada da presença de Deos a maldita Soberba. (26.) E achando-se ella tão abatida, e envergonhada, por ver que se lhe não deferio co-

(19)

Faciamus hominem ad imaginem & similitudinem nostram. Gen. 1. 26.

(20)

Comparatus est iumentis insipientibus, & similia factus est illis. Psal. 48. 13.

(21)

Qui facit peccatum, servus est peccati. Joan. 8. 34.

(22)

Per peccatum mors: Rom. 5. 12.

(23)

Emittè manum tuam de alto, etripe me, & libera me de aquis multis. Psal. 143. 7.

(24)

Oblatus est, quia ipse voluit. Isai. 53. 7.

(25)

Deliciae eius, esse cum filiis hominum. Prov. 8. 31.

(26)

Fecit potentiam in brachio suo, dispersit super nos irem cordis sui. Luc. 1. 51.

mo

mo intêntava, nem poder entender o myſterio da Encarnação do Divino Verbo para noſſa Redempção; enchendo-fe de mayor rayva, e enveja ſe precipitou arrojando ſe; e desfazendo-fe em golpes, com horrendos alaridos; (27.) ſe foy à preſença de Lucifer. E eſta foy a primeira vez, que ſe virão, e ouviraõ no mundo relampagos, e trovões, vomitados daquelles ferozes Lobos do Inferno, ameaçando, e dezejando devorar ao genero humano. (28.)

(27.)
Tanquam leoru.
giens 1. Pet. 5.8.

(28.)
Et ecce beſtia
alta ſimilis uſto
in parce ſtecit.
Dan. 7.9.

E logo ſe vio em alegres accentos a Côros ſubir da terra para os Ceos toda a Santiffima Trindade com repetida muſica de Anjos, que cantavaõ.

Victoria, Victoria;
Cantem os Ceos

Pois MARIA Sagrada
A' Soberba venceo.

Victoria, Victoria;
Pois o Verbo nos deu
Palavra, cobrar
O que Adam perdeo.

Victoria, Victoria;
Que Adam não morreo
Pelo horrendo bocado,
Que a mulher lhe deu.

Victoria, victoria,
Mortaes; pois venceo
MARIA o triumpho,
Que Eva perdeo. (29.)

(29.)
Ipla conteret
caput tuum.
Gen. 3. 15.

E agora ficará mais claro, como a Virgem MARIA Senhora Nossa foy livre, e preservada de toda a culpa, e risco do peccado original, desde o primeiro instante de seu ser, por ter sido medianeira dos homens para com Deos desde o principio do mundo, depois que Eva e Apam peccaraõ.

Senhor, disse eu ao Ancião, não tenho a minima duvida de que a Senhora fosse, e seja livre de toda a culpa desde o primeiro instante de seu ser: porém só reparo nesse vosso dizer, que tambem foy livre de risco do peccado original. Respondo, me disse o Ancião: e para que fiqueis no cabal conhecimento desta verdade, dayme attençaõ.

Peccou aquelle Povo de Israel no deserto, caindo em atrozes, e abominaveis culpas, quando esquecidos do verdadeiro Deos, lhe negaraõ a devida adoraçaõ: e vendo-se Deos taõ offendido de hum Povo, a quem tinha feito tantos beneficios, tratou logo de o castigar. E conhecendo Moysés a grande razaõ que Deos tinha, lhe supplicou huma e muitas vezes, que perdoasse ao Povo, já com jejuns, já com muitas penitencias entre noyte, e dia. E como Deos lhe não deferisse a esta supplica, lhe chegou a dizer Moysés: Senhor, ou haveis de perdoar ao Povo, ou me haveis de riscar do vosso Livro. E vendo-se Deos (ao nosso modo de dizer) posto em extremos, acabou com sua divina justiça, a usar de sua misericordia, perdoando antes ao Povo, que borrar, ou riscar a Moysés do seu Livro.

Que este Livro seja figura de MARIA Santissima, assim o entendem os Santos Padres. Livro, (parece que disse Deos) em que se ha de escrever a minha Palavra: *Verbum caro factum est*: Livro da geraçaõ de meu amado Filho: Livro finalmente da vida
etc.

eterna : borraõ, ou risco nelle? Isso não : perdoe-te a else Povo ingrato; que eu sou quem sou. E aqui rendes (concluhio o Ancião) a prova real, por onde se mostra que não houve a menor mancha, ou risco na pur. za de MARIA Santissima.

A muito, parece, se atreveo Moysés com Deos, disse eu ao Ancião. Ao que elle me respondeo : Moysés, tinha-lhe Deos revelado todos os mysterios da Encarnação, Payxaõ, morte, e Resurreyção de seu unigenito Filho : e sabia o como por meyo de MARIA Santissima havia de vir todo o bem da Redempção ao genero humano : estado nesta tão grande valia, por isso com hum respeito amoroso, em tom de submissaõ, e reverencia de servo, tomou este atrevimento.

Tenho entendido, e fico muy satisfeito, disse eu ao Ancião, com a prova que destes tão genuina, com tanta clareza, e primor do vossõ discursõ, tão discreto, como douto. Porém só me fica huma duvida; e solta esta, não terey mais que duvidar. E vem a ser, que fallando Christo Senhor nosso de S. Joaõ Bautista, disse, que entre todos os nacidos nenhum naceo mayor que S. Joaõ Bautista. Sendo certo, que tambem a Virgem Senhora nosa naceo, e o mesmo Christo. Logo, te a Senhora naceo, e o mesmo Christo; como entenderemos este texto?

Ora reparay nos termos com que fallou Christo, me disse o Ancião, e entendereis o sentido do texto. Disse Christo : *Inter natos mulierum non surrexit maior Joanne Baptista.* (Matth. 11. 11.) Aquelle verbo : *surrexit* : quer dizer, levantou-se. O Bautista antes de ser santificado por Christo no ventre de Santa Isabel, estava caido na culpa original; e só depois se levantou. MARIA Santissima, e Christo

Senhor nosso, nunca estiveraõ caidos na culpa: e por esta razaõ naõ era necessario levantarem-se. E aqui tendes solta a duvida.

E assim podemos todos confessar, que MARIA Santissima, entre todos os filhos de Adam, foy isenta da culpa, e livre do risco do peccado, desde o primeiro instante de seu ser: sendo a exceiçaõ da natureza, o mimo da ventura, a fonte da graça, o remedio dos homens; porque a creou Deos, desde o primeiro instante de seu ser, destinada, e predestinada para ser Mãy sua. E por isso com muita razaõ disse, ou cantou aquelle discreto Poeta Portuguez:

S O N E T O.

NO Decreto mayor que do eminente
Sacro folio alcançou o Amor constante

A favor do Universo naufragante,
Que agonizava lastimosamente:

O Padre poz a maõ omnipotente,

A penna concedeo a Pomba amante,

Foy o Verbo a Palavra relevante,

E MARIA o papel foy mais decente.

Como, pois, sendo taes neste traslado

A maõ, a penna, e a Palavra, havia

O papel deste assumpto ser manchado?

Oh pura sempre, oh singular MARIA!

Mal o borraõ teria do peccado

O papel, em que o Verbo se escrevia.

Taõ admirado, como satisfeito estou, Senhor,
disse eu ao Ancião, de vos ter ouvido relaçaõ taõ

pro-

prodigiosa : porque além das muitas lagrymas de gozo que tenho derramado, me ficará por hum grande despertador, ter mais que agradecer a meu Senhor JESU Christo taõ grande beneficio.

Bem he que conheçais, e todo o genero humano, me disse o Ancião, o muito que se deve a Deos nosso Senhor pelo seu grande amor, e infinita piedade; com que se dignou vir ao mundo a tomar carne humana, para poder padecer pela culpa que commetteo Adam, sendo seu Redemptor, e Salvador, e de todo o genero humano : o que tudo tem satisfeito, e completado na sua sacratissima Payxaõ e morte, e admiravel Resurreyçaõ. Podeis agora continuar o mais, que passastes com o morador. Iffofarey, Senhor, lhe disse eu, por vos dar gofeto; pois tanto vos estou obrigado : e agora com mais duplicada razaõ, pelo que me acabastes de explicar do principio de nosa Redempçaõ.

C A P I T U L O X.

Manifesta o Peregrino ao morador, como somos creados à imagem, e semelhança de Deos : como devemos fazer huma boa confissãõ : e quanto nos importa ter Oraçaõ : com varios exemplos.

D Epois de me ter ouvido com grande atençaõ o morador, continuey eu dizendo-lhe : Sabey, Senhor, que tenho trazido todo este passo, e relaçaõ, para vos mostrar em como a Cruz logo desde o principio do mundo foy feita, e ordenada por Deos: e que ella servia, serve, e ha de servir de instrumento de todas as obras de seu mayor agrado: e já del-

desde então por vaticinio de como havia de ser o meyo, é remedio de nosa Redempção.

Tenho entendido, Senhor, me disse o morador, que melhor me não podieis explicar o que vos tenho perguntado. E como seja tarde, fazey-me favor de que nos recolhemos do sereno da noyte, e descansareis do trabalho do caminho. Agradecido me mostrey : e obedecendo, logo nos recolhemos a huma varanda, na qual achamos a meza posta. E depois de cearmos : como o morador fosse de bom entendimento, e fizesse de mim bom conceyto; me tornou a metter em conversa, dizendo-me : Senhor, perdoay-me, se eu for importuno; porque o dezejo de saber me faz tomar esta confiança. Como se me offerece huma duvida, tomára que ma explicasseis. E vem a ser, que tenho ouvido que Deos, em quanto Deos, não tem forma humana : logo, que imagem e semelhança he esta que Deos deu ao homem, como dissestes, na formação de Adam? Respondo, lhe disse eu, posto que a materia não seja minha profissão. Porém como seja tão necessaria a explicação della; pelo que tenho ouvido, e lido, sujeytando-me à Fé, e aos preceytos da Santa Madre Igreja, com a devida reverencia, e submissão a Deos:

Digo, que supposta a grande desigualdade que ha entre o Creador, e a creatura; podemos considerar, que a semelhança que tem o homem com Deos, he nas operações da alma. Porque assim como Deos está em todo o mundo, e o enche com a grandeza de sua Essencia; assim a nosa alma está em todo o corpo, e o enche com o ser natural, que Deos lhe deu. Assim como Deos não póde ser inficionado, nem offendido com alguma cousa deste mundo; assim a nosa alma não póde ser cortada, nem quebrada com

as cousas corporaes. Assim como Deos vé todas as cousas, e não he visto com os olhos corporaes nesta vida: assim a nossa alma vé todas as cousas exteriores, e não póde ser vista dellas. Assim como Deos he vida verdadeira, e dá vida a todo o vivente: assim a nossa alma he vida do corpo, e dá vida a cada parte d'elle. Assim como o ser infinito de Deos, anda crescendo, ou decrescendo as creaturas, não he acrecentado, nem diminuido: assim a nossa alma, nem nos pequenos membros do corpo, nem nos maiores se faz mayor, nem menor. Assim como em Deos ha huma Essencia, e tres Pessoas: assim na nossa alma há huma substancia, e tres potencias. Assim como o Eterno Padre he Deos, o Filho he Deos, e o Espirito Santo he Deos: assim o Entendimento he alma, a Vontade he alma, e a Memoria he alma. Assim como Deos he hum só, e em todo o lugar, e todas as cousas vivifica, e governa: assim a nossa alma em todo o corpo, e toda em qualquer parte d'elle, está vivificando, movendo, e governando todas as partes do mesmo corpo. Assim como Deos he simplicissimo, e não composto de materia, nem forma: assim a nossa alma he simplicissima, e não composta de cousa corruptivel. Finalmente, nenhuma honra ha tão grande para o homem, como ser a sua alma creada à imagem, e semelhança de Deos, e ser ornada com os quatro dotes da gloria.

Senhor, me disse o morador, antes que deis fim ao vosso discurso, tomára que me explicafseis quaes são esses dotes da gloria. Sabey, Senhor, lhe disse eu, que o primeiro he Claridade, o segundo Sutilleza, e o terceiro Impassibilidade, o quarto Agilidade. Em quanto ao primeiro: bastante mostra nos deo Christo nosso Senhor deste dote, quando se transfigurou

gurou no monte Tabor ; posto que os Discipulos lhe não viraõ mais que o rosto glorioso , e as vestiduras alvas como a neve , da luz que participáraõ de seu corpo , que todo estava banhado della. Esta cegava em Moyfes os olhos daquelle povo , a qual por fer taõ grande , o não podiaõ ver. Esta vio Santo Ellevaõ nos Ceos abertos , nas horas de seu martyrio. Esta vio sem duvida a Santissima Virgem em seu Filho resuscitado. Esta vio S. Paulo , quando Christo lhe appareceo no caminho : e foraõ taõ grandes os rayos de sua luz , que cahio do cavallo , perdendo a vista. E muitas vezes nos ha mostrado Deos , ainda nos corpos defuntos , a quem ha concedido este grao taõ superior. De Santa Margarida , filha de ElRey de Ungria , sabiraõ resplandores como do mesmo Ceo. Aquelle menino , a quem os Judeos tiráraõ a vida em odio de nosso Senhor JESU Christo , foy descuberto o lugar onde o haviaõ escondido , com tantas luzes , que por isso foy visto , e achado. E assim succedeo tambem a S. Pedro Bispo de Cappadocia com os Quarenta Martyres , que os inimigos de nossa Santa Fé haviaõ lançado no rio , para que não fossem achados dos Christãos ; como foraõ vistos por Duarte Rey de Inglaterra. Sobre o corpo de ElRey Osualdo se vio huma coluna milagrosa de claro resplandor , que chegava até ao Ceo.

O segundo dote , que chamaõ de Sutileza , ficaraõ com elle os corpos , e as almas taõ futiys , que não haverá parede , ou corpo , (por grosso , ou denso que seja) que o não passem , ou traspassem , sem impedimento. E isto mesmo se vio em Christo , quando entrou no Cenaculo depois de resuscitado , sem que fosse necessario abrirem-lhe as portas os Discipulos , para entrar.

O terceiro dote, que he o da Impassibilidade, faz aos homens incapazes de padecer mudanças do tempo, nem enfermidades, nem outra alguma molestia: de tal maneira, que nem o fogo os podera queymar, nem o frio offendellos, nem ferillos o cutello, nem fazer-lhes offensa coufa alguma.

O quarto dote, que he Agilidade, constitue aos homens tão ageis para o uso de todos os seus membros; que em hum instante passarão da terra ao Ceo, sem que haja pezo, que retarde sua ligeireza.

Isso tomára eu saber, me disse o morador, por alguns exemplos. Porque sendo tão longe da terra ao Ceo; como he possível em hum instante subir huma alma a gozar da gloria, tendo merecimento para lá ir; e decer em hum instante ao Inferno huma alma em peccado mortal, estando o Inferno no centro da terra, e sendo esta tão grossa, de qualquer parte em que esteja, para ir a esse abismo? Por huma evidente comparação, lhe respondi eu, vos hey de mostrar isso, que vos parece tão difficuloso.

Haveis de saber, que (segundo o que dizem os Mathematicos) dista o Sol da terra hum conto duzentas e treze mil e trezentas e trinta e tres leguas: cujo corpo tem hum milhaõ, e mais setenta e cinco mil seiscentas e oitenta leguas de grosso. E supposta esta distancia: ponde ao Sol, quando estiver reverberando o seu calor, hum vidro cristallino, e debaixo huma migalha de lã, ou outra semelhante coufa; e vereis, que em hum instante o calor do Sol passa e traspassa o vidro; e queima a lã, ou materia, que debaixo d'elle está. Assim tambem: como o amor he fogo, e sendo este divino, he mais activo, e vehemente; o mesmo he sair huma alma de seu corpo, (que he a nuvem, que se entrepoem ao Sol

Sol Divino) que ir logo em hum instante buscar ao seu centro, que he Deos, a participar dessa visãõ beatifica.

E por contraposição: a alma, que ama as cousas terrenas, e está em peccado mortal, he como huma espingarda, ou peça de artilharia, que quando se ouve o estrondo, que he o sentimento da morte, já a bala, que he a alma, tem feito o emprego no centro do Inferno, para onde tinha feito o seu ponto nesta vida. Assim succedeo a Lusbel: rompeo o relampago da enveja, deu o trovaõ da soberba, cahio a pedra do seu peccado no centro do Inferno, onde ficou, e estará para huma eternidade.

Batia, Senhor, me disse o morador; porque já tenho entendido cabalmente toda a verdade, e me dêstes a conhecer o que eu ignorava. Mas já que Deos vos trouxe a esta caza, tomará que me explicasseis mais algumas cousas do bem do espirito, que he o que devemos procurar: porque as mais conversações me parecem ser palavras ociosas, das quaes dizem nos ha Deos de pedir conta. Assim he, lhe disse eu: porém conversações pôde haver entre os homens, que como não sejaõ dirigidas a mau fim, tambem seraõ admittidas na ordem do bom viver, e governo do homem. Assim supponho, me disse o morador: porém pelo que hoje se pratica no mundo poucas são as conversações, que não assentem em offensa de Deos, e do proximo. A isto lhe disse eu: Muy escrupuloso me parece Vossa Merce. Oxalá que assim fora, me disse o morador; porque não seria tão grande peccador (que por tal me reconheço.) Porque passaõ às vezes muitos mezes, sem me confessar; e muitos Domingos, e dias Santos, sem ouvir Missa. Tudo pôde succeder sem ser peccado, lhe disse eu,

eu, havendo urgente causa. Com isso me não possa eu escusar, me disse o morador; porque bem sabeis que daqui a Belém não he tão longe, e que o podia eu fazer muy facilmente: porém sobre ser preceito, tenho mais o peccado da preguiça. Agora vos não desculparey, lhe disse eu; porque não sey que possa haver desculpa nesse peccado. Perto da Igreja, deixar de ouvir Missa; he sinal de peccito, e não de predestinado.

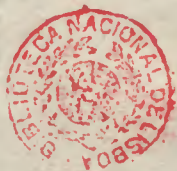
Senhor, ainda que eu pareça demasiado, me disse o morador, em vos molestar; o dezejo de saber me faz ser importuno. Como entenderey os sinaes que tem hum homem de ser predestinado, ou peccito? Sabey, Senhor, lhe disse eu, que nunca me poderey molestar, entendendo que o fim da vossa pergunta assenta no proveito espiritual, e bem da alma. São muitos os sinaes de predestinado, que apontão os Mestres de espirito: porém os mais provaveis, por onde se póde conhecer o que he predestinado, são ouvir hum homem a palavra de Deus, e obrar bem nas tres Virtudes Theologaes, que são Fé, Esperança, e Caridade. E por peccito teremos todo aquelle que obrar o contrario, e se deixar estar na culpa, sem o moverem os golpes da doutrina, nem os remorsos da consciencia: álem de outras muitas razões, que se achaõ escritas por graves Auctoridade.

Mas tornando ao nosso proposito: o mais celebre dito, que tenho ouvido, de Principe Christão, e digno de se trazer sempre na memoria, e muitas vezes na conversação; foy o de El Rey Philippe o Prudente de Castella, quando disse: que não sabia qual era o Christão, que podia dormir em peccado mortal. Dito, e documento merecedor de ser escrito

crito com letras de ouro nas portas publicas das Cidades, e Villas.

Senhor, me disse o morador, isso dizia esse Monarca, porque tinha hum Capellaõ à sua ordem, e todas as noytes se confessava: e quando este por algum incidente estava impedido, mandava chamar a outro. Mas eu, e outros semelhantes, que vivemos em hum deserto sem copia de Confessor, e mal nos podemos confessar de anno a anno; e muita mercê nos faz Deos, quando nos confessamos de mezes a mezes; como nos poderemos livrar de dormirmos, não em hum peccado, se não em muitos? Respondo, lhe disse eu. Deos he de muita misericordia: e como sabe melhor as nossas impossibilidades, e inconveniencias, do que nós as entendemos, e sabemos conhecer; para tudo nos deixou remedio: e por esta razão não temos desculpas que lhe dar. Lede os Livros espirituaes, consultay aos Confessores, que são os nossos directores: e vereis que vos haõ de aconselhar, que à noyte, antes, ou depois de vos deitardes a dormir, façais exame de consciencia, trazendo à memoria todos os peccados, que commettestes naquelle dia: e que façaes entãõ hum acto de contriçaõ com dor, e arrependimento de ter offendido a Deos, por ser quem he, e porque o amais sobre todas as cousas pedindo-lhe perdaõ de vossas culpas, propondo de as confessar, e de não tornar a peccar. E deste modo vos poreis em graça de Deos: e se morreredes naquella noyte sem confissão, por não ter confessor, não ireis ao Inferno. E pelo contrario, milhares de homens se tem condemnado, por não fazerem esta breve diligencia.

Senhor, me disse o morador, isso tenho lido, e me tem aconselhado os Confessores; porém nunca



fiz reflexão nesta materia, como devo, e sou obrigado. Mas agora prometto, mediante a graça e favor divino, pôr por obra daqui por diante o que me dizeis: porque não he bem que por huma cousa tão breve, perca eu o muito em que vou interessado, que he o premio da eterna gloria. Mas já que tocamos nesta materia de Confissão, tomára que me desseis algum modo, ou interrogatorio breve de como melhor me possa confessar, e que eleyção farey de confessor.

Senhor, lhe disse eu, muitos são os Livros, que desse particular trataõ, e daõ a forma de como nos havemos de confessar. Porém como me vejo obrigado a satisfazer ao que me pedis; vos digo, que tres cousas deve fazer o Christão, para bem se confessar; além de outras muytas, que se aconselhaõ. Senhor, me disse o morador, ainda que seja em breve, tomára que mas repetisseis.

Para se fazer huma boa confissão.

PRimeiramente, lhe disse eu, haveis de saber, que a confissão, para ser boa, ha de ter dezaseis partes: a saber, simples, humilde, pura, fiel, frequente, clara, discreta, voluntaria, vergonhosa, inteira; secreta, chorosa, apressada, forte, propria, e obediente. E suppostas estas dezaseis partes, que vos digo em breve, por não dilatar o nosso intento, deveis de saber, que ao menos se deve o Christão conformar com tres pontos, exame, dor, e proposito: examinando todas as culpas, e peccados, que tem commetrido contra Deos: tendo dor de haver offendido a Deos, por ser quem he: e porque o ama sobre todas as cousas. E fazendo proposito firme de

nao.

naõ tornar a cair naquellas , nem em outras culpas.

Para que façais bem o exame, haveis de considerar vossos peccados, alguns dias antes que vades aos pés do Confessor, trazendo à memoria todos os pensamentos, palavras, e obras, com que tendes offendido a Deos depois da outra Confissão que fizestes: e se compristes a penitencia. E para que melhor isto se faça, hufcareis lugar opportuno, e parte sossegada, fazendo lembrança dos tratos que rivestes depois da ultima confissão; dos lugares em que estivestes; e das pessoas com que conversastes. E depois de bem examinados vossos peccados, proponde de os dizer, e declarar todos ao Confessor, sem encobrir algum. E fazendo isto, comprireis com o que estais obrigado: e pelo contrario, se o não fizerdes podendo, não será bem feita a vossa confissão. E tambem, para vos livrardes de algum escrupulo, vos digo: que se depois de feito este exame com esta diligencia, vos esquecerem alguns peccados, não sendo por malicia; tambem volos perdoará Deos, com os demais que vocalmente disserdes ao Confessor. E feita esta memoria, com dor e arrependimento, e hum proposito firme de nunca mais peccar; vos podeis confessar, discorrendo pelos Mandamentos da Ley de Deos, e da Santa Madre Igreja; valendo-vos do patrocínio de nosso Senhor JESU Christo, e da Santissima Virgem MARIA sua Mãe, por ser tão grande medianeira para alcançarmos a graça de podermos receber o Santissimo Sacramento com limpeza da alma.

E de caminho vos quero mais advertir: que se depois de feita esta memoria, e exame, entre a vossa lavoura, que he o bem ganhado, achardes fiza-

nia,

nia, ou monda alhea, que he o mal levado; arrancay-a de pressa, e não espereis de dia em dia para o restituir: porque não sabeis se vos dará Deos lugar de o fazer; nem tambem ferá acerto, cuidar que vossos filhos, ou herdeiros: encommendando-lhes vós isso em vosso testamento, comprirão o que vós não tiverdes zelo de o fazer em vida por vossa alma. E se não, vede o que succede no mundo acerca dos testamenteiros, e herdeiros: quantas demandas se movem, e quantos tempos duraõ; e as almas padecendo. Este aviso vos faço de passagem: e peço-vos, que o considereis muito de vagar.

E assim, se tiverdes alguma cousa que restituir, especialmente de honra, fama, ou fazenda mal ganhada, ou havida illicitamente; o melhor conselho he, que antes que vades aos pés do Confessor, o tenhais satisfeito. E se não tiverdes possibilidade para o fazer entãõ; propõe firmemente de o satisfazer com toda a brevidade possivel: compondo-vos com as pessoas a quem deveis, para vos darem tempo para lhes pagar. E se houverdes injuriado a alguém, e terdes inimittades, reconciliay-vos com elles, antes que vades receber aquella Hostia immaculada; para que vos não succeda o que succedeo a Judas. Porque fazendo assim, mediante a graça de Deos, alcançareis o fructo deste Sacramento da Penitencia, que he livrar da culpa, communicando-vos a graça, e fazendo-vos capaz de gozar dos bens eternos.

Senhor, antes que acabeis o vosso discurso, me disse o Lavrador, quero que me digais, que eleyção farey de Confessor, como vos perguntey. Tendes razão, lhe disse eu; que por humas cousas esquecem outras. A eleyção, que haveis de fazer de Confessor

(podendo) deve fer de hum só, a quem tenhais por vosso director : e esse seja douto , prudente , e virtuoso , que sayba distinguir , discernir , e conhecer a enfermidade da vossa alma. Porque , se para os achaques do corpo buscamos o melhor Medico ; e para fazer hum veitido , o melhor official : com mayor razaõ , para a enfermidade da alma devemos de buscar o melhor Medico ; e para o veitido com que havemos de apparecer na Corte celestial , o melhor official , para o fazer com acerto. Porque succede muitas vezes haver tanta ignorancia da parte dos Penitentes , que de pequenos peccados suppoem não poderem ser obsoltos , sem irem a Roma á buscar a absolvição : e de outros de grande pezo e circumstancias , fazem tão pouco caso , que não chegam a confessallos. E por esta razaõ he necessario haver Confessor douto , prudente , e virtuoso , para os fazer examinar , e aconselhar.

Dessa forte , Senhor , me disse , o morador , parece-me , que a confissão para ser bem feita , tanto depende do Penitente , como do Confessor. Assim succede muitas vezes , lhe disse eu : porque por falta de bons conselhos , vão muitos Confessores ao Inferno , levando a muitos Penitentes consigo. Tomára que me contaheis algum exemplo acerca disso , me disse o morador. Pois ouvi , lhe disse eu.

Conta o Padre Christovão da Veyga Religioso da Companhia de JESU , no seu Livro Casos raros da Confissão cap. 14. o caso seguinte. Houve certo Fidalgo , que tinha hum confessor de molde para o seu gosto , porque em tudo lho dava as penitencias eraõ suaves , as palavras brandas , as reprehensões nenhuma ; de tal modo , que vivia muito á sua vontade , sem emenda alguma de vida , engolfado em

de-

deleytes e vicios. fazendo confissões sem o proposito firme que para a confissão se requer. Apresou-lhe Deos os annos da vida (castigo merecido do máo procedimento que tinha em suas confissões) com huma morte não esperada , e repentina, no melhor de sua idade: ordenando tambem, que o Confessor o seguisse morrendo dentro de pouco tempo. Succedeo pois, que estando a mulher deste fidalgo em hum seu Oratorio encommendando-se a Deos, lhe appareceo de repente a figura de hum homem muy espantola, ardendo em vivas chammas de fogo, a qual trasia a seus hombros outra pessoa rodeada das mesmas chãmas. Ficou a mulher grandemente atemorizada com esta visão. Porém aquelle, que vinha aos hombros, lhe disse: Não temas; que eu sou teu marido. Este, que me traz aos hombros, he o meu Confessor: o qual assim como em vida me sofria minhas culpas, sem me reprehender dellas, e sem me dar penitencias medicinaes, para apartar-me de meus vicios, antes condescendendo com meus peccados, com que por meus pãssos contados me trouxe ao Inferno; a ora na morte justamente mandou Deos, que elle seja participante das penas, que me atormentão: e assim padece as mesmas, que eu padeço. E ditas estas palavras, desapareceo ambos; ficando a mulher affligidissima, pela condemnação de seu marido. Advirta, pois, todo o Penitente, que não ha de fiar sua alma do Confessor que com affãgos e lisonjas o trata na Confissão; para não experimentar o que estes dous miseraveis estão padecendo por toda huma eternidade no Inferno.

E porque não fiquem os bons Confessores sem ouvirem o premio, que Deos costuma dar aos que com zello usão bem do seu officio: ouvi o caso seguinte.

guinte. Conta-se nas Chronicas de S. Francisco p. 2. lib. 2. cap. 48. que houve em França na Provincia de Aquitania dous Ecclesiasticos ricos, e grandes amigos, hum dos quaes era Abbade, e o outro Arcediago em huma Igreja Cathedral daquelles Reynos. Galtavaõ estes a sua Fazenda em regalos, e entretenimentos, cuidando no descanso de sua carne, e em dar gosto a seus corpos; e descuidando-se toralmente das suas almas: e andavaõ, como andorinhas, buscando para o Inverno as terras quentes; e para o Veraõ as frescas, e temperadas.

Passando ambos em huma occasiaõ por tempo de Veraõ ao lugar que costumavaõ, os colheo a noyte em hum campo despovoado, onde havia huma deferta Igreja, algum tanto apartada do caminho: recolheraõ-se alli, para descansar aquella noyte; ceáraõ; e accommodáraõ-se para dormir, como melhor poderaõ. O Arcediago ainda que tinha alguns vicios, tinha tambem algumas obras boas, pretendendo caminhar pelos dous caminhos largo, e estreito, e gozar de ambas as glorias desta vida, e da outra. Confessava-se a miudo, e tinha por Padre espiritual para a sua alma a hum Religioso de S. Francisco, grave, douto, e exemplar: o qual tinha muito cuidado da salvaçaõ do penitente, dando-lhe bons conselhos; reprehedendo-lhe seus descuidos, avisando-o de seu perigo, e encommendando-o continuamente a Does nosso Senhor (que são os officios de hum verdadeiro Padre espiritual.) E na verdade lhe oproveitaraõ muito ao penitente as orações de seu Confessor; pois por ellas conseguiu a emenda de sua vida, e com ella sua salvaçaõ, como se verá no successo desta noyte. Estava o Arcediago dormindo na Igreja que tenho dito: e na mesma occasiaõ estava

tava seu confessor orando por elle. Vio o Arceidia-
go entre sonhos, que ao lugar onde elles estavaõ
dormindo, vinha Christo a julgar aos homens com
grande Magestade, e apparatus : e que se juntava hu-
ma multidão de gente, huns à mão direita, e ou-
tros à esquerda. Vio tambem, que elle mesmo, seu
companheiro o Abbade, e todos os seus criados, que
os acompanhavaõ, ficáraõ a mão esquerda : e que os
Demonios os accusavaõ de todos os seus peccados,
culpando seus passatempos e regalos, em que gasta-
vaõ as rendas Ecclesiasticas, as quaes deviaõ gastar
em sustento dos pobres, e em fazer bem por suas al-
mas. Vio mais, que havendo ouvido o Juiz todas as
accusações, deu sentença de condemnação contra el-
les: e que logo acodiraõ com grande impeto os De-
monios, e levarãõ ao Abbade, e a seus criados ao
Inferno. Tudo isto via com grande temor, e tremor,
suando de ancia, e pena : e se lhe dobrou o temor,
quando vio que os Demonios o vinhaõ buscar, e
a seus criados, assim como tinhaõ feito ao Abbade,
e aos de sua familia : e que estendendo os Demonios
os garfos, hum delles lhe pegou pelo ventre; pu-
xando delle para o levar com igual furia e dor, che-
gou o seu Confessor nesta occasião, e o deteve, e tam-
bem forcejava para defendello. E estando nesta ago-
nia, batalhando o Demonio por levallõ, e o Con-
fessor por defendello; despertou com hum mortal
suor, palpitando-lhe o coração, e taõ quebrantado,
como se se achasse em hum exercito de inimigos ba-
talhando. Esteve duvidoso do que faria : mas cren-
do que havia sido só sonho, e cansaço do caminho;
quiz descansar da pena que tivera, e não desper-
tar aos mais : e assim tornou a dormir, encom-
mendando-se a Deos nosso Senhor.

Mas a penas havia cerrado os olhos; quando tornou Deos a mostrar-lhe à mesma visãõ, que antes, do Juizo, e condemnação do Abbade seu amigo, e dos seus. E chegado a este passo despertou segunda vez, frio, e pasmado, e com mayores dores que à vez primeira; com que recebeo grandissimo temor, e começou com vozes a chamar por seus criados. Despertáraõ aos gritos; e ordenou que se vestissem, para no mesmo ponto partir, e proseguir sua viagem. Foraõ despertar ao Abbade, e a seus criados; e a todos acháraõ mortos.

Entaõ conheceo o Arcediago que o sonho havia sido verdade, e que pelas orações de seu bom Confessor, elle e seus criados não estavaõ no Inferno. Poz-se de joelhos, dando graças a Deos nosso Senhor pela mercé, que lhe havia feito, e porque lhe concedia tempo para chorar suas culpas, e fazer dellas penitencia. Propoz firmisssimamente de se emendar dalli por diante, e de tomar outro genero de vida. Tratou de dar sepultura aos defuntos: e tornando à sua terra, avisou a seus criados do perigo em que estava sua salvaçaõ, e da visãõ que tivera; exhortando-os à penitencia: e que na mudança da vida o seguissem, já que na vida larga, e deliciosa o haviaõ seguido. Pagou compridamente os salarios, e dividas, que devia: e dando o restante de sua fazenda aos pobres, tomou o habito de S. Francisco, e preseverou em rigorosa observancia até o fim de sua vida. Avisou a muitas pessoas conhecidas, como as havia visto à mão esquerda do Juiz, e em particular a dous criados: huns e outros fizeram pouco caso de seus avisos, e se viraõ delles infelices successos. Mas elle teve felicissimo fim, passando desta vida carregado de merecimentos ao Cco. Da-

Daqui se vé a importancia grande de ter hum bom Confessor; pois toda a salvação deste Arceediago consistio em ter hum Confessor bom, douto, e santo. O Confessor ha de ser como o Medico, Cirurgiaõ, e Sangrador: não ha de olhar para o melindre, ou grandeza do enfermo; se não para o risco em que ellá da saude da alma.

Andando à caça Felipe II. Rey de Castella, foy-lhe necessario sangrar-se logo, e chamáraõ o Sangrador daquella Aldea em que entãõ se achava; porque não havia outro. Perguntou-lhe o Rey: se sabia a quem havia de sangrar? Respondeo: Sim: a hum homem. Estimou grandemente El Rey ao Sangrador, e servio-se delle dalli em diante. Attilim haõ de ser os Confessores, e todos os que costumãõ fallar de interesses: não haõ de olhar para respeito de Principes, nem de Dignidades Ecclesiasticas.

Nunca succederia aquelle tão lastimoso caso a certo Ecclesiastico desta America, ha bem pouco tempo; se este fosse advertido de seus Confessores, e Prelados. Muita mercé me fareis Senhor, me disse o moralor, se mo contardes; porque não tive noticia desse successo. Sabey, Senhor, lhe disse eu, que segundo huma Carta, que ouvi ler, feita no anno de 1715. foy o caso na forma seguinte. Hum Sacerdote desta America estava publicamente concubinado com huma mulher, havia muitos annos, com grande escandalo de hum povo inteiro: mas todos lhe dissimulavaõ este peccado, ainda aquelles que o podiaõ emendar, e reprehender. Succedeo pois, que em huma noite estando elle com a concubina em huma sacada das cazas em que morava, para ver certo festejo, que na rua se fazia; pegou o fogo em huns barriys de polvora, que ella-vaõ

Este caso succedeo em Pernambuco na Cidade de Olinda.

vão nas lojas das mesmas cazas, e fez o incendio voar o edificio; e do ar veyo hum trave, que cahio sobre ambos; e os matou; ficando todos os mais, que junto delles estavaõ; livres do perigo. Notavel caso, Senhor, me disse o morador, para exemplo de todos: e muy especialmente para os Ecclesiasticos, que sabendo o quanto devem ser espehos da virtude, estaõ dando escandalo com o seu mau viver aos Seculares.

Mas já, Senhor, que tambem me tendes instruido (continuou o morador) no modo com que se ha de confessar hum Christão, e das partes que ha de ter hum bom Confessor, com taõ claros exemplos: tomára que me ensinasseis o como poderey agradar mais a Deos com algumas orações; e em que forma poderey estar orando: se de joelhos, ou em pé, ou tambem assentado? Haveis de saber, lhe disse eu, que ha muitos livros espirituaes, que nos inculcaõ por varios modos como devemos crar, vocal, e mentalmente: e por esta razão me pudéra eu escusar de satisfazer ao que me pedis. Porem com exemplos vo-lo direy, o mais breve que puder.

Primeiramente haveis de entender, que Deos não se paga de muitas palavras; porém sim de hum coração contrito, e humilhado. Isto supposto. A Criação, ou Meditação he a nossa riqueza espiritual, por ser o negocio, em que a nao da nossa alma se carrega nas Indias das Virtudes, das cargas dos merecimentos, para fazer viagem para o Reino do Ceo; servindo-lhe de farol o entendimento, o qual se accende no lume celestial do Sol divino; e enchendo-se as velas do prospero vento dos santos affeitos do amor de Deos. E posta hum alma neste narceps das ças, basta que rece as suas contas com muita attenção.

ção. Porque assim como todas as embarcações, para se poderem segurar das correntes do tempestuoso mar, necessitaõ de se amarrarem com boas amarras, e firmes ancoras: assim tambem os Christãos, para se poderem segurar das tempestades do mar deste mundo, haõ de trazer as amarras nas mãos, e as ancoras no coração: isto he, as contas nas mãos, e as palavras do Padre nosso e Ave Maria no coração; para se poderem livrar de irem à Costa defamarrados; e perderem-se nos penedos, e baxos do peccado. E entãõ a Virgem nossa Senhora vendo esta firmeza, intercederá por todos a Deos, para que não periguen no mar das culpas, e vaõ seguros ao porto da salvação. Porque não ha Oração mais agradável a Deos, que o Padre nosso, pela fazer o mesmo Christto nosso Senhor: e a Ave Maria, por ser feita em louvor de sua Mãy Santissima. E estas Orações ditas, e meditadas, como se devem dizer, e rezar, bastaõ para nos grangarem a graça de Deos.

Assim rezava aquelle Santo Lavrador, que sempre se levantava à meya noyte, e estava em oração até amanhecer. Começava a considerar: Padre nosso, que estás nos Ceos. E metendo-se para dentro da grandeza, e santidade de tal Pay; e vendo a sua baixeza, e vileza; chorarava amargamente; por ser filho tão indigno deste soberano Pay: e nestas considerações ficava arrebatado ate amanhecer, dizendo mil males de si, e que era tão grande peccador, que nunca podia acabar hum Padre nosso. Isto he ser Santo, Senhor, me disse o morador, tomára saber donde vem esta palavra, ou nome de Santo. Ser Santo, lhe disse eu, val o mesmo, que ser homem nação de peccado, desapegado da terra, e com merecimentos para gozar de Deos na Bemaventurança.

Isto supposto; dizia hum, que não sabia ler: Eu estou occupado em ler o meu Livro, que tem tres folhas. Pela manhã até o jantar, leyo a primeira folha, que he preta: na qual leyo os meus peccados, e as penas do Inferno que mereço; e n.e destaço em lagrymas de contrição. Depois até Vesperas, leyo a segunda folha, que he vermelha: e nella leyo a Payxaõ do Senhor; e espero perdaõ, e me animo a levar a minha Cruz, e seguir a meu Senhor. De Vesperas por diante, leyo a terceira folha, que he de ouro: e leyo nella a gloria do Ceo, e com quantas fadigas e penas alcançaraõ os Santos; e me animo a obrar bem pelo caminho delles. E para confirmação do que vos digo, ouvi o seguinte caso.

Era S. Isidoro Lavrador: e entrando huma vez em huma Igreja, e vendo nella a Christo Senhor nosso; foy tal o affecto de seu amor, que não podendo por outros termos melhor explicar-se, e fazer a sua Oraçaõ, rempeo nestas palavras dizendo: Señor, si vos tuvierades ganado, yo os lo guadára. E por isso teve tantos merecimentos para com Deos, que chegou a ser taõ grande Santo. Isto só he ser bom Estudante, e Grammatico espirital; que soube fazer bem a sua Oraçaõ. Mas que importa que muitos sejaõ grandes Latinos, e ainda Filozofos, e Theologos, e daremlhe as partes da Oraçaõ; se as não sabem concordar em genero, numero, e caso, que são as tres Virtudes Theologaes, Fé, Esperança, e Caridade; nem conformarem-se com as oito partes da Oraçaõ, que são as Bemaventuranças.

E assim vos digo que todos podem ter Oraçaõ, e Meditaçaõ, ainda os que não sabem ler, nem escrever; meditando na Payxaõ de Christo Bem nosso; e nos quatro Novissimos do homem, que são Morte,

Juizo, Inferno, e Paraiso: [sabendo os Mandamentos, e guardando-os muy inteiramente; crendo firmemente no que contem o Credo, e os Artigos da Fé por serem Mysterios de nosa salvaçãõ; e sendo muy devotos da Virgem Inossa Senhora, para alcançarem o seu patrocinio para com Deos.

Em quanto ao como devemos estar quando oramos; as nosas forças nos ensinarãõ: porém pelo grande respeito que se deve a Deos; estando com saude, sempre he acerto estar de joelhos. Mas no caso que o não possais fazer; tambem se pôde orar em pé, ou assentado, e ainda deitado: porque Santa Maria Magdalena, orava muitas vezes (por enferma, e fraca) deitada, e nem por isso deixava de agradar a Deos a sua Oraçãõ. Porém nunca será acerto estar falando no tempo de Orar. E feito isto com dezejo de mayor perfeiçãõ; não poderá faltar a graça, e auxilio de Deos, para nos salvar.

Verdadeiramente vos posso afirmar, me disse o morador, que estou tão satisfeito do que vos tenho ouvido; que tenho por venturoso acerto o chegar-des a esta caza, pelo bem espiritual que tenho recebido de vossa discreta conversaçãõ: porém como seja tarde; tendes naquelle aposento cama, podeis ir descansar. E logo me recolhi a huma camera que ficava na mesma varanda, onde pafsey a noite.



CAPITULO XI.

Falla o Peregrino do primeiro Mandamento da Ley de Deos, com muita doutrina espirital, e moral: e reprehende o grande abuzo dos calundús, e feitiçarias, que se acham introduzidas no Estado do Brasil.

NÃO era ainda de todo dia; quando ouvi tropel de calçado na varanda: e considerando andar nella o dono da caza, me puz a pé; e faindo da camera, o achei na varanda, e lhe dey os bons dias, e elle tambem a mim. Perguntou-me como havia eu passado a noyte? Ao que lhe respondi: Bem de agazalho, porém desvelado; porque não pude dormir toda a noyte. Aqui acodio elle logo, perguntando-me, que causa tivera? Respondi-lhe, que fora procedido do estrondo dos tabaques, pandeyros, canzás, botijas, e castanhetas; com tão horrendos alaridos, que se me representou a confusão do Inferno. E para mim, me disse o morador, não ha cousa mais sonora, para dormir com sossego. A isto lhe disse eu: Com razão dizem os naturaes que vivem junto do rio Nilo, que não sentem o estrondoso susurro de suas correntes; e pelo contrario os que vão de fóra fenaõ podem entender; ainda quando mais alto gritaõ. Senhor, me disse o morador, se eu soubera que havieis de ter esse desvelo, mandaria que esta noyte não tocassem os pretos seus Calundús.

Agora entra o meu reparo, lhe disse eu. Pois, Senhor, que cousa he Calundús? São huns folguedos, ou adivinhações; me disse o morador, que dizem estes pretos que costumão fazer nas suas terras, e quando se achão juntos, tambem usão delles ca, pa-

ra saberem varias cousas; como as doenças de que procedem; e para adivinharem algumas cousas perdidas; e tambem para terem ventura em suas caçadas, e lavouras; e para outras muitas cousas.

Verdadeiramente, Senhor, lhe disse, eu que me dais motivo para não fazer de vós o conceito, que até agora fazia: pois vos ouço dizer que consentis na vossa fazenda, e nos vossos escravos couza tão supersticiosa, que não estais menos que excommungado, e os vossos escravos; além de serdes transgressor do primeiro Mandamento da Ley de Deos. Acodio o morador dizendo: Como assim, Senhor? Tornay-me a explicar esse ponto; que me tendes mettido em grande confusão. Sabey Senhor, lhe disse eu, que além de terdes peccado mortalmente no primeiro Mandamento da Ley de Deos; estais excommungado; e todos os vossos escravos, por convides; e consentirdes em semelhantes superstições contra o mesmo Mandamento.

Porque haveis de saber que este preceito de amar a Deos he (como diz São Mattheos cap. 22. v. 38.) o primeiro; e o mayor Mandamento. Por este preceito se prohibe, e condena todo o culto dos Idolos, e superstições, e uso de arte magica; e se manda guardar tudo o que pertence à verdadeira Religião, a qual sómente dá culto, honra, e adoração justa, e devida a hum só Deos verdadeiro, eterno, immenso, e omnipotente, Trin em Pessoas, e Uno na Essencia. Este preceito de amar a Deos, consta claramente de toda a sagrada Escriitura. Por elle temos obrigação, tanto que chegamos a ter uso de razão, saber de memoria os Mandamentos da Ley de Deos sob pena de peccado mortal, e a explicação delles: em tal forma, que se ignorantemente peccarmos

carmos, tambem ignorantemente havemos de ir ao Inferno: porque he culpa grande, ignorar aquillo, que temos obrigação de sabermos.

Enão basta que hum diga: Sou Christão: ou: Vivo em terra de Christãos; se não tambem he necessario ir ouvir, e aprender a palavra de Deos para si, e para a ensinar à sua familia, se a tiver. Porque para os que vivem nas trevas da Gentilidade, costuma a divina providencia usar de sua misericordia com elles, mandando-os alumiar com a luz da Fé pelos Operarios do Santo Evangelho, aos quaes chamou Christo luz do mundo: (Matth. cap. 5. vers. 14.) e por outras palavras, candeia acesa. (ibid. vers. 15.) Estas luzes foram então os sagrados Apostolos, e Santos Doutores: e são agora os Pregadores da Igreja, que nos prégaõ o Santo Evangelho. E tambem permite sua divina Misericordia, que muitos destes Gentios sejaõ trazidos às terras dos Catholicos, para os ensinarem e doutrinarem, e lhes tirarem os ritos Gentilicos, que lá tinhaõ aprendido com seus pays.

E se não, dizey-me. He sem duvida, que estes Calundus, que vós chamais, e consentis que usem delles os vossos escravos, e na vossa fazenda; he rito, que costumaõ fazer, e trazer estes Gentios de suas terras. Tambem he certo, que por direito especial de huma Bulla do Summo Pontifice se permitio que elles fossem cativos, com o pretexto de serem trazidos à nosa Santa Fé Catholica, tirandose-lhes todos os ritos, e superstições Gentilicas, e ensinandose-lhes a doutrina Christãa: o que se não poderia fazer, se sobre elles não tivéssemos dominio. Logo como se lhes póde permittir agora, que usem de semelhantes ritos, e abusos tão indecentes, e comtaes estrondos, que parece que nos quer o Demonio

mandar tocar triumpho ao som destes infernaes instrumentos, para nos mostrar como tem alcançado victoria nas terras, em que o verdadeiro Deos tem arvorado à sua Cruz à custa de tantos Operarios, quantos têm introduzido neste novo mundo a verdadeira Fé do Santo Evangelho? Não vos parece que tenho razão, para vos estranhar, e a todos os que isto consentem, e dissimulaõ em terras de Catholicos Christãos?

Dizey-me. Atrever-sehá algum Christão ir fazer os ritos, e ceremonias de nossa Santa Madre Igreja à terra de infieis, sem que lho prohibaõ elles com rigorosos castigos? He sem duvida, que não. Logo parece, que tacitamente (ou para melhor dizer, expressamente) se está este peccado da idolatria, e feitiçaria permittindo nestes povos, e Christandades; pois não ha castigo. Oh (deixay-me dizer) por isso experimentamos, e havemos de experimentar muitos castigos, se não houver cobro em cousa tão importante. Lá dizia o Profeta Isaias: Ay de mim, porque calley. (cap. 6. v. 5.) Como se dissera: Ay de mim, Senhor de Israel, quantos peccados hey consentido, e quantas maldades hey dissimulado, e callado: as quaes, se eu as reprehendera, se emendariaõ; e se eu as descobrira, se castigariaõ.

Senhor, me disse o morador, já que tambem me tendes explicado que eu tanto ignorava, e de que não fazia caso; permittime mandar chamar estes escravos à vossa presença: que o de mais; com o favor de Deos, em quem confio, e adoro, eu o evitarey. E logo despachou hum famulo a chamar os mais escravos: os quaes, ainda, que de vagar, foraõ chegando; e por mais diligencia que o dono da casa fazia, para que chegasse o Mestre dos Calunús, não era possi-

possivel; sendo que o dia era Domingo, e não havia occupação. E chegando em fim elle, e todos os mais à minha presença, perguntey ao Mestre dos Calundus: Dizey-me, filho; (que melhor fora chamarvos pay da maldade) que cousa he Calundus? O qual com grande repugnancia, e vergonha me disse: que era uso de suas terras, com que faziaõ suas festas, folgedos, e adivinhações. Não sabeis, lhe disse eu, esta palavra de Calundus o que quer dizer em Portuguez? Disse-me o preto, que não. Pois eu vos quero explicar, lhe disse eu, pela etymologia do nome, o que significa. Explicado em Portuguez, e Latim, he o seguinte: que se callaõ os dous: Calo duo. Sabeis quem são estes dous que se callaõ? Sois vós, e o diabo. Calla o diabo, e callais vós o grande peccado que fazeis, pelo pacto que tendes feito com o diabo; e o estais ensinando aos mais fazendo-os peccar, para os levar ao Inferno quando morrerem, pelo que cá obráraõ junto com vosco. Aqui tendes a explicação desse horrendo peccado: o qual por sua natureza, e malicia he tão pessimo, que se vós soubeseis a qualidade dessa culpa, e o mais, fugiricis della, como do mesmo Inferno.

Mas dizey-me: Sabeis vós as Orações? Disse-me o preto, que sim. Pois dizey-me o Credo, lhe disse eu. Equerendo o preto dar-lhe principio, nunca o pode proferir, nem acertar. Aqui se comeceu a temorizar o dono da caza, e os escravos, enchendo-se de temor, e horror. Ao que acodi eu, dizendo, que não temessem ao inimigo, posto que o tivessem à vista: porque com ajuda de Deos, em quem eu tanto confiava, havia elle de sair destruido; pois nada pode, sem Deos lho permittir. E logo lhes disse, que todos dissessem comigo a Oração seguinte: Eys a Cruz

Cruz de Christo aqui: Espiritos máos fugi, que do tribu de Judá, o Leão foy vencedor da geração de David: Alleluia, Alleluia, Alleluia. E repetindo eu todo o Credo, e os Mandamentos da Ley de Deos; perguntey ao preto, se cria em Deos Padre, todo poderoso? Ao que me respondeo, que sim, cria verdadeiramente. Pois se credes, lhe disse eu, e sabeis os Mandamentos da Ley de Deos, nos quaes se nos manda que o honremos, e amemos sobre todas as cousas: que razaõ tendes para crer no diabo, e fazer que estas pobres miseraveis creaturas, remidas com o precioso sangue de meu Senhor JESU Christo, creão, e idolatrem em superstições, e feitiçarias do diabo? Aqui se callou o preto.

Então lhe disse eu: Pois sabey, (e a vòs todos vos digo o mesmo) que por este nosso bom Deos deveis deixar todos os bens, e haveres do mundo, e ainda ao mesmopay, e mãy, mulher, e filhos: e se necessario for entreguallos ao sacrificio, como de boa vontade o fez Abraham a Isaac. Era seu unico filho Isaac: e mandando-lhe Deos que o sacrificasse; por obedecer a Deos, cujo amor excedia ao do filho, o poz em execuçaõ: ao que Deos acodio suspendendo-lhe o golpe, por ter conhecido a sua Fé, e amor, e nos dar exemplo. Ea razaõ he: porque mais devemos a Deos, que a todo mundo. E se não, vede. Este Senhor nos tem dado vida, e o mesmo ser, e nos promete salvar, dando-nos os bens da gloria: o que nenhum dos nossos parentes, nem o poder de todo o mundo nos pôde fazer; porque tudo está dependendo deste immenso Deos.

E reparay com attençaõ a muitas, e grandes obrigações que deveis a Deos, por vos ter dado conhecimento de si; e por vos ter tirado de vossas terr-

ras,

ras, onde vossos pays, e vós viveis como Gentios; e vós ter trazido a esta, onde instruidos na Fé viveis como Chriãos; e vós salvais. Fez Deos tanto caso de vós, e disto mesmo que vos digo; que mil annos, antes de vir ao mundo, o mandou escrever; e profetizar nos seus Livros, que são as Escrituras sagradas. Virá tempo, diz David, em que os Ethiopes (que sois vós) deixada a Gentilidade, e Idolatria, se hão de ajoelhar diante do verdadeiro Deos. E que fariaõ assim ajoelhados? O mesmo Profeta: Farão Oração levantando as mãos ao mesmo Deos. E quando se comprirão estas duas promessas, huma do Salmo setenta e hum, e outra do Salmo sessenta e sete? Comprirão-se principalmente depois que os Portuguezes conquistáraõ a Ethiopia Occidental: e estaõ-se comprindo hoje, mais, e melhor que em nenhuma outra parte do mundo, nesta America; aonde trazidos os mesmos Ethiopes em innumeravel numero, todos com o joelhos em terra, e com as mãos levantadas ao Ceo, crem, confessaõ, e adoraõ todos os mysterios da Encarnação, Morte, e Resurreiçãõ do Creador, e Redemptor do mundo, verdadeiro Filho de Deos, e da Virgem M A R I A; e em fim todos os mais Mysterios da Santissima Trindade.

Vede se pôde haver mayor beneficio, que escolher-vos Deos entre tantos Idolatras, e diferentes nações, trazendo-vos ao gremio da Igreja, para que lá com vossos pays vos não perdeis, e tãõ como filhos seus vos salvais? Pôde haver mayor beneficio? E vós pagando-lhe tanto pelo contrario com vossos abusos, querendo desprezar este beneficio por huma cega promessa diabolica, e tãõ vil entre tenimento. Logo se assim he, no que não pôde haver duvida: se o credes, e o confessais; como cãis obrando

do o contrar'o, sem temer o castigo deste Senhor fiados em que he Pay, quando tambem he de justiça, e tão recto, que nos ha de pedir conta de tudo o que obrarmos contra os seus Mandamentos?

Aqui começõ o dono da caza, posto de joelhos diante de hum a Imagem de Christo Senhor nosso, que estava em hum Oratorio da mesma varanda, a dizer em altas vozes: Senhor Deos, misericordia. E logo todos reperimos o mesmo em vozes altas, com muitas lagrymas; e demos principio a rezar todas as Orações, e Ladainhas. Acabado este grande acto, disse eu ao dono da caza: que mandasse vir todos os instrumentos, com que se obravaõ aquelles diabolicos folguedos. O que se poz logo em execuçaõ, e se mandaraõ vir para o terreiro; e no meyo d'elle se fez hum a grande fogueira, e nella se lançaõ todos. Alli foy o meu maior reparo, por ver o horrendo fedor, e grandes estouros que davaõ os tabaques, botijas, çanzas, castanhetas, e pés de cabras; com hum fumo tão negro, que não havia quem o soporasse: e estando até entaõ o dia claro, se fechou logo com hum a lebrina tão escura, que parecia se avizinhava a noyte. Porém eu, que fiava tudo da Divina Magestade, lhe rezey o Credo; e immidiatamente com hum a fresca v.ração tudo se desfez. Alli os fuy confortando, e exhortando; de sorte, que mettidos em confiança do poder, e amor de Deos, ficáraõ muito contentes.

Entaõ lhes disse eu: Para que venhais no conhecimento do que são os erros, e abusos, com que o diabo tem introduzido em tão varios povos, e nações esta sciencia, e péste infernal de feitigarias, e adivinhações: Sabey, que varias foraõ as superstições antigas entre a Gentilidade, as quaes ainda he-

je as observaõ os Mouros. Porque pronosticavaõ por canto das aves. e a estes chamaõ Aruspices : e vaticinavaõ por voz, e movimento dos animaes, e pelas entranhas das victimas. A estas superstições se ajuntavaõ outras, huma das quaes he a Geomancia, que depende de certas figuras, circulos, e pontos formados em terra : e ella ainda hoje se ve entre vofoutros observada. A Pyromancia se funda em algumas observações ridiculas de cores, e movimentos de fogo. A Hydromancia consiste em barro em caldeirões de agua, deitando dentro algumas coufas com diversas ceremonias supersticiosas. A Quiromancia, he a que hoje professaõ os Ciganos, de mentir, e enganar pelas rayas das mãos: e com ser magnifesto engano : ha nos honrens apperencia de saber o futuro. Outra Sciencia ha, a que chamaõ Astrologia judiciaria, a qual pôde ser certa em quanto à observação do movimento dos Astros : porém Deos sobre tudo. E o mais douto, e acertado fundamento de todo este discurso he, que todos nace-mos para morrer : e que trabalhemos muito para fe-guirmos os conselhos de Christo, para nos salvar-mos. Esta he a mais certa dontrina, que eu vos posso inculcar, e a todos os mortaes : e que deixeis de consultar a estes falsos Oraculos mentirosos, que não sabem mais que enganarvos, e levarvos ao Inferno.

Alli passsey todo aquelle dia, a rogo e persuasão do morador, em varias conversações, todas dirigidas a bom fim, e a proposito deste primeiro Mandamento; dizendo-lhe o quanto lhe importava occupar aos seus escravos e familias em os exercitar na Doutrina Christãa, e livrallos de ruins companhias : porque destas tem resultado muitos

canos,

danos, e offensas de Deos.

Contou-me então o morador a este proposito o seguinte caso. Sendo eu Estudante (disse elle) na Cidade da Bahia, me manifestou huma mulher parda, como em certa occasião outras quatro, duas pardas, huma branca, e outra crioula, a induziraõ com persuasões dizendo-lhe, que se ella quizesse ter ventura com os homens com quem tivesse amizade illicita, havia de usar do que ellas faziaõ : porque de outra sorte senaõ havia de augmentar nem, ter nada de seu. E levado destas persuasões, as acompanhou huma noyte de escuro acerto lugar desviado da Cidade : e depois de feitas as ceremonias, chegando a huma paragem consignada, lhes appareceo visivelmente o diabo em fórma de hum grande Caõ muy negro; e depois de lhes fazer muy grandes festas, e affagos, tratou de ter concubito com ellas. E chegando a esta parda com o mesmo intento, lhe disse ella que não convinha em tal peccado : e logo lhe deu hum desmayo taõ grande, que não tornou em si, se não no dia seguinte, achando-se em casa de huma das camaradas (ou para melhor dizer, das inimigas.) E perguntando-lhe eu, quem eraõ as da consulta; nunca mo quiz descobrir. Esta parda, que me referio este caso, falleceo dalli a poucos tempos, e com demonstrações de muy boa Christãa, segundo o que me pareceo : tambem me havia certificado, que depois de se confessar deste successo, não tivera amizades deshonestas com homem algum : e que havia feito voto a Deos de guardar castidade. E depois, confessando-me eu do que tinha ouvido; me disse o Confessor, que eu fizera mal em não denunciar da parda : porém como fosse ignorancia, e não malicia, e

por

por s.^a já fallecida; me absolveo. Até aqui o morador.

Ahi tendes o exemplo, lhe disse eu, do que sejaõ estes adjuntos, e festas dos Calundús. E ainda mal, que tanto póde o inimigo com semelhante gente: e não sey se diga, que com muitos não tem razão para se deixarem enganar. Tem este infernal inimigo seus corretores, que induzem, e o inculcaõ para este fim: mete-lhes de permeio as conveniencias de ganharem, para depois se perderem; e apanhando-os dentro; faz de huma creatura o que quer: porque como lhe falta a Fé, e o temor de Deos; joga com ella, como lá dizem, a péla. Porque o peccador tanto, que chega ao profundo de suas maldades, tudo despreza. (Prov. 18. 3.) Por esta razão disse o Profeta Rey: *Abyssus abyssum invocato* (Psal. 41. 8.) E succede tambem, que pelos caminhos que hum peccador pecca, por ahi he atormentado. E vede, que consequencias se seguem desse horrendo peccado.

Sae huma mulher desse atroz acto immunda, e inficionada: chega hum homem a sollicitalla; alli o contamina, e o inficiona de tão mau humor; que o deixa incapaz de viver. Começa a queixar-se; e não ha Medico, nem Cirurgiaõ que lhe acerte com o mal, por ser de especie diversa da natureza, apanhado em hum vaso do Inferno: já queixando-se de flactos melancolicos, já de dores insopportaveis; e em fim não ha cura que lhe acerte, nem remedio que o cure. Aqui chega hum corretor do diabo, e lhe diz, que se quizer ter saude, procure hum certo curador (ou para melhor dizer, feiticeiro:) este lhe come o dinheiro, e tal vez dá com elle no Inferno.

Assim

Assim succedeo a El Rey Ocozias, de quem se diz a Escritura, que estando enfermo mandou consultar sobre sua saude ao demonio Beelzebub; e Deos lhe mandou intimar pelo Profeta Elias, que por deixar a Deos, a quem podia consultar sobre o estado de sua vida, se não levantaria da cama em que estava, e morreria. (Lib. 4. Reg. cap. 1.) Bem entendendo esta verdade o Paralytico, (que só creio que Christo lhe podia dar saude, e fazer o milagre de o sarar; como fez quando lhe disse, que tomase o seu leyto, e se fosse em paz. (Matth. 9. 6.)

A este respeito vo; contarey o que succedeo a hum feiticeiro, que enganou ao Demonio: (por que tambem a este se engana, por não saber o futuro contingente, nem o que tem huma creatura no seu entendimento.) E foy o caso, que consultando hum feiticeiro ao diabo acerca da saude de hum enfermo; lhe respondeo, que já não tinha remedio o enfermo; por ser o mal muy velho: e que não havia medicina, que lhe podesse dar saude. Replicou o feiticeiro: que visse se lhe podia dar algum remedio, pelo grande lucro, que lhe havia promettido o doente. Disse-lhe o diabo: que não tinha remedio por ordem natural; mas só querendo Deos milagrosamente, como Author da natureza. Callou-se o feiticeiro, e fez hum discurso consigo acertado. Logo Deos he o que tudo póde fazer: e se eu fizer penitencia, posso salvar-me; e tu, diabo, nada podes, sem Deos o permitir. E com esta resolução, tratou de buscar a hum Confessor douto, e bom Christão, e com elle se confessou da sua culpa, e fez penitencia, e acabou com opiniaõ de grande arrependimento; ficando o diabo burlado do feiticeiro, por lhe ter descoberto a verdade se n o querer fazer.

Tambem se conta na vida de Santo André Apóstolo, que consultando huma mulher com o Demónio o remedio que teria, para se livrar de hum parto perigoso; lhe disse o Demónio, que se valesse do Santo. E indo ella pedillo ao Apóstolo, lhe respondeo: Com justa causa padeces esse trabalho; porque cazaste mal consultando ao Demónio: mas com tudo faze penitencia, cre em JESU Christo, e lança o menino. E crendo ella, logo moveo, e cessárao as dores.

E ainda as creaturas racionais, tão cegas, como enganadas, se deixão levar destes enganadores, entregando as suas almas ao Demónio, por não terem fé em Deos! Só em Deos devemos crer, e resignarmonos muito na sua santa vontade; fugindo deste torpe vicio, e de mulheres inficionadas de semelhantes torpezas, e tão desamparadas, que por hum interesse vil se entregaõ a culpas tão horrendas, que não são dignas de se proferirem entre Catholicos. Vede agora as consequencias deste infernal peccado.

Com razão disse S. Paulo na Epistola primeira aos Corinthios cap. 6. v. 15. que o homem sendo membro de Christo, pela fornicação se faz membro de meretriz: que segundo entendo, val o mesmo, que do diabo. Porque não he para proferir entre Catholicos, o que neste infernal vicio se usa, tão fóra dos termos da natureza; que mais parece huma formal heresia, que acto simples de fornicação, ensinado pelo Mestre do peccado, que he o mesmo diabo: o que por pejo; e modestia vos não posso relatar; e lá o sabem estas, e estes ministros de Satanás. E não me estranhem os Moralistas tocar neste primeiro Mandamento, o que pertence ao sexto. Porque além da razão de se encerrarem neste todos os dez; tambem

cabe pela razão da Idolatria, com que as creaturas racionais se idolatram umas as outras, esquecendo-se do mesmo Creador. E com mais circumstancias os Christãos, que os proprios Gentios: pois estes ignorão o verdadeiro Deos; e nós crendo no mesmo Deos, e confessando-o, fomos taes; que o deixamos pelas creaturas. Ah, meu Deos! Grande he a vossa misericordia; pois tanto nos sofreis esperando a nossa emenda, para nos perdoar os grandes peccados, em que temos caído. E nós sem nos querermos arrependder, nem emendar. Por falta deste arrependimento, e emenda, tem no mundo succedido tantos castigos em Reynos, Provincias, Cidades, povos, e gerações; como consta da lição dos Livros, e Escritura sagrada.

Na verdade vos digo, Senhor, me disse o morador, que assim he: porque vejo hoje tão dissimulado este peccado no mundo, e principalmente no Brasil; que não ha quem não saiba delle, e ainda aquelles a quem incumbe o reprehendello, sem castigo. Senhor, lhe disse eu, assim succede; e está succedendo: e tal vez, que por essa causa experimentamos tantos castigos de Deos; porque são taes os homens, que por se conservarem com os seus escravos, estão dissimulando este peccado. E o que mais temo, he não sey se de escravos tenha passado a libertos, e ainda a brancos; por falta de castigo: donde se poderá bem dizer, que quem dissimula vicios, quer que vão em aumento.

Assim parece me disse o morador. Mas já que tendes tocado em tão grandes materias, e tão necessarias; querevos perguntar huma cousa, em que tenho feito reparo. E vem a ser: Porque causa o diabo para com algumas pessoas se ha tão franco em obedecer,

decer, que assim como o invocaõ, logo apparece; a outros me consta, pelos ouvir contar, que ainda chamado muitas vezes, não quer apparecer? Respondo, lhe disse eu. O diabo, além de ser Sciente, e Astrologo, he grande judiciario; e pelos effeitos, conferencias, aspectos, e mais fmaes, conhece huma creatura: e sobre tudo he muy opinativo (quiçá que por essas suas presumpções esteja no Inferno pensando para sempre.) Como sabe que essas pessoas que o chamaõ, ou seja com desesperaçã de rayva, ou com interesse de alguma cousa; se lhes apparece visivelmente, o desprezarão; (como lhe fez essa parada, cujo caso me contastes) por se não ver desprezado, não se quer communicar; e só o faz áquelles, de quem tem cabal certeza que o hão de receber.

Assim me persuado, me disse o morador. Porém offerecesme outra duvida, e vem a ser: De que procede nesta Gentilidade, que vem de Angola, e Costa da Mina, haver entre elles aquelle abuso das Quiggillas, o qual guardaõ alguns tão pontualmente, como se fora hum Mandamiento da Ley de Deos; e antes morrerão, que deixar de observallo: e este consiste em não comerem caça, ou peixe, marisco, e outras muitas cousas. Pergunto, se he isto peccado? Respondo, lhe disse eu: he sem duvida peccado. Porque a creatura racional nasce livre de guardar algum preceito divino, ou humano sob pena de peccado, antes de ter uso de razã: e só nascemos como encargo da culpa original, por ser contrahida nos nossos primeiros Pays; da qual ficamos livres pelo Sacramento do Bautismo. E os que morrerão antes da instituiçã deste Sacramento, e tinhaõ feito boas obras; suppriolhes o preciosissimo Sangue de Christo, quando na sua sagrada Payxaõ o derramou por
nosso

por nosso resgate, pelo terem merecido, para delle se aproveitarem.

Isto supposto: Quigilla he hum pacto explicito que fazem estes Gentios com o diabo, sobre o qual assenta alguma conveniencia corporal da parte do que o faz: como de terem bom successo na guerra, fortuna na caçada, na lavoura, &c. Procedem estes pactos, e Quigillas, de ter o diabo grande enveja da creatura racional, e querer por varios meios induzilla a peccar, fazendo-a guardar seus preceitos e mandamentos, para a precipitar no Inferno. Esta Quigilla, ou pacto passa por tradição a filhos, nettos, e mais accendentes; porém como estes não foraõ os motores do pacto, fica sendo nelles impli- to: e como ignoraõ a causa, não tem a culpa tanta graveza; como a de seus pays, e ascendentes, que o fizeraõ expressamente. Por isso eu disse no principio do discurso deste Mandamento, que peccaõ todos aquelles que o não guardaõ; salvo por ignorancia, ou pela pouquidade da materia se puderem livrar de serem transgressores deste preceito. Porém depois de advertidos, e exhortados, estaõ obrigados a renunciar todos os pactos, e Quigillas. Eu tenho visto a muitos pretos, depois de bautizados, e confessados (por se lhes ter feito carga desta culpa) usarem de comer do que lhes era prohibido por Quigilla nas suas terras, e ficarem livres de lhes fazer mal o que comeraõ.

Tenho entendido, me disse o morador, o que me explicastes. E porque he já noyte, e hora de nos recolhermos, podeis ir descansar; e amanhã seguireis a vossa derrota: que eu pelas quatro horas, me resolvo partir para Belem com os meus escravos, a tratar do bem da minha alma, vistas as advertencias, que

que me tendes feito : e não sey com que palavras me poderey mostrar agradecido ao muito, que vos devo. Só vos peço, queirais aceitar huma limitada mataragem, que será para passardes o dia de amanhã. Eu me moltrey muy agradecido; e logo nos recolhemos. E no dia seguinte se partio o morado; e eu fuy continuando a minha viagem.

C A P I T U L O XII.

Trata o Peregrino do segundo Mandamento, com muitos avisos, e documentos, para se evitarem tantos juramentos falsos em juizo.

Todo aquelle dia fuy só: e porque as nuvens me servião de reparo ao calor do Sol, caminhey larga jornada. E como se chegava a noyte, tratey de bulcar ponsada: quando ouvi em altas vozes a hum homem apayxonado jurar pela Hostia consagrada; dizendo, que se encontrasse alli aos que lhe tinham feito aquelle dano, os havia de matar. Fuy-me chegando, como quem não tinha de que se recear, fiado na minha innocencia: (posto que nem sempre esta val, nem está livre de perigos) quando vi a hum homem, que com quatro escravos estava atando huma cerca. Dey-lhe as boas tardes, para que n'e desse a boa noyte. Correspondeo-me primoroso, (que não sey que tem isto de ter hum homem bom entendimento; que ainda quando mais apayxonado; não sabe faltar à cortezia) e logo me perguntou, se buscava agazalho? Ao que lhe respondi, que sim. E como já estava quasi acabada a tarefa; disse elle aos escravos, que como findassem a obra, se recolhessem.

Levou-me em sua companhia, até que chegamos à caza: e logo me deu assento. E assentado elle tambem, me disse: Bem conheço, Senhor, me estranharieis ouvir-me com repetidas vozes apayxonado invocar varias juras. Ao que lhe respondi: Senhor, he a nossa natureza de huma composiçãõ, que nem sempre pôde estar em hum ser: motivo (ãlem dos mais) porque chamaõ ao homem mundo abreviado. Porque assim como succede estar o mundo em humas occasiões com serenidade; em outras tempestuoso, já ventando, já choyendo, e em fim noutras com relampagos, e trovões: assim tambem o homem em huma occasiãõ se acha alegre; em outras triste, já gritando, já chorando, e maldizendo-se. Porém nunca será acerto jurar, nem praguejar: porque no deixar de o fazer se mostra o homem Christãõ, racional, e prudente; ãlem da offensa de Deos, que he o que mais devemos evitar.

Assim he, me disse o morador, e convenio no que me dizeis. Porém a causa que tive para a minha queixa, e juras que me ouvistes proferir, procedeo de huns vizinhos, que de proposito sollicitaõ occasiões de me molestar, como agora fizeraõ; porque achey aquella cerca derribada, e nella tirados alguns páos: e com esta payxaõ disse as palavras, que me ouvistes. Senhor, lhe disse eu, bastante causa tivestes para a vassa queixa: porém não queirais sobre o detrimento que vos daõ, offender a Deos com semelhantes juras; que he o que se nos prohibe no segundo Mandamen, quando se nos manda não jurar o santo nome de Deos em vaõ. Senhor, me disse o morador, já que tocaste nesse Mandamento, tomá-ra que me explicafseis o como se entende; porque muitas vezes reparo nisso, e lhe não sey dar a diffinisiãõ:

nificação: pudera-o ter perguntado; mas como me envergonho, o não tenho feito. Pois, Senhor, lhe disse eu, se de alguma cousa não devemos ter vergonha, he de perguntarmos tudo aquillo, que devemos saber para bem de nossa salvação.

Dizey-me: Que vituperio he a hum Catholico, procurar saber a Doutrina Christãa? Tem-se por cousa de grande honra, o vestir-se hum da libré de hum Principe: e ter-se vergonha de se vestir da de Christo? Os artifices mais viys no mundo se prezaõ de suas artes, e os Christãos, será bem envergonharem-se de aprenderem, e saberem a doutrina Christãa, para se poderem salvar? Pois advirtaõ que o Filho de Deos tem dito, que se ha de envergonhar diante de seu Eterno Padre dos que se envergonharem de seguillo, e imitallo diante dos homens. (Luc. 9. 26.) Por isso, sabendo o Apostolo que Deos se offende do animo, e não da natureza; mandava a Timotheo, não só que se não envergonhasse de servir a Deos; mas, que não quizesse envergonhar-se. (2. ad Timoth. 1. 8.) Porque sendo a vergonha impedimento para o serviço do Senhor: pôr no impedimento a vontade, que havia de pôr na resolução; era maior culpa, que não resolver-se pôr ignorancia, ou froxidão. Animos envergonhados, não se achão se não em corações fracos. Perguntára eu aos homens, se a algum lhe peza de que o tenham por entendido? He certo, que não. Pois: que mais entendimento, e credito pôde haver, que saber-se que não ignora hum homem aquillo que tem de obrigação entender, e sabêr?

A este proposito vos quero contar o que succedeo em minha presença a hum sujeito presumido de entendido. Estava-me repetindo-me varios versos, e a

outros mais circumstantes. Assim que acabou, chegou-se hum rapaz a elle: e pelo ver taõ perito nas relações, parecendo-lhe que estava dizendo Orações; lhe pediu, que lhe ensinasse os Artigos da Fé. Defendendo-se elle huma, e outra vez com trivollas desculpas: até que lhe disseraõ os que estavaõ presentes, que satisfizesse ao que lhe pedia o rapaz; e vendo-se envergonhado, e corrido, chegou a dizer que os não labia de cór. Vede agora, quando isto succede a hum presumido em decorar versos; que fará quem os não sabe dizer lidos? Isto he bem que se diga, para confusão de alguns Christãos presumidos de muy entendidos, ignorando a doutrina Christãa, que todos estãmos obrigados saber sobpena de peccado mortal. Porque tem muitos para si, que lhes basta que os reñhaõ por homens praticos, bem fallantes, e versados em ditos selectos. Sendo que pouco importa que hum saiba bem fazer huma decima, ou hum sonetto; se não souber a doutrina Christãa, que he porque Deos nos ha de perguntar, e do que nos havemos de aproveitar para nossa salvação. Porém isto supposto.

Para mayor luz, e intelligencia deste segundo Mandamento, havemos de advertir, que nelle se não prohibe absolutamente os juramentos premitidos em Direito divino, e humano, quando a razão, e justiça os pedem, com verdade, e necessidade, e em juizo. Estes juramentos se devem entender em tres formas; que são, asertorio, comminatorio, e execratorio. Todos são de huma mesma especie; porque todos se ordenaõ a hum mesmo fim, que he confirmar, e manifestar a verdade. E só o que se prohibe neste Mandamento, he jurar falso, trazendo a Deos por testemunha: e tambem ser hum homem taõ pouco advertido, e menos Christão, que

por quasi nada tenha por uso invocar a Deos, e a seus Santos, sem urgente necessidade: isto he, trazer, e jurar o santo nome de Deos em vaõ, sem causa, ou necessidade urgente. Tenho entendido, Senhor, me disse o morador: e fico de acordo, para perguntar daqui por diante o que não souber a cerca da doutrina Christãa. Mas já que fallamos em juramentos, tomará que me explicassem, se além destes, que me acabastes de dizer, ha mais formas, ou nomes delles. Porque vejo que se trata nos auditorios do judicial de outros nomes de juramentos: e tomára saber, qual delles he mais arriscado, quando se vaõ dar, e por justiça se obriga a que se jure.

Respondo, lhe disse eu. Suppostos os muytos nomes que lhe dá o Direito civil, e se trataõ nos auditorios; (porque só hum Author chamado Rocafulli, quer que haja dezasseis fórmãs de juramentos, (tom, 2. tract. 2. lib. 1. Sect. 2. n. 52. & seqq.) reduzillofhey a tres fórmãs, que mais vulgarmente se praticaõ nos auditorios, que são os seguintes: juramento de calumnia, suppletorio, e decisorio.

Juramento de calumnia costuma pedir o Reo, e dar o Autor, quando se poem em algum libello, ou artigos, cu se dá alguma querela. E neste juramento declara o Autor, se bem, e verdadeiramente poem aquella causa, e a pertende de provar, sem dolo, ou malicia.

Juramento suppletorio se permite. quando nas causas entre partes se não acha plena e concludente prova, pela qual os Ministros possaõ determinar as sentenças: e costumaõ mandar, que os Autores jurem suppletoriamente em supprimento de prova, para declararem as circumstancias, e facto da causa. Porque suppoem o Direito, e os Ministros, que não
have-

haverá pessoa que jure falso.

Juramento decisorio, he no caso que hum Autor manda citar ao Reo, e vindo este a juizo, se lhe permite que jure se deve o que lhe pede o Autor em sua acção; e por este juramento, se confessa fica condemnado o Reo; e absoluto, se jura que não deve. Chama-se vulgarmente juramento da alma.

Nesta fôrma de juramento tem introduzido a malicia grandes abusos: e a mayor parte desta culpa tem os Advogados (e não sey se diga, que os ambiciosos Solicitadores.) Porque succede mandar hum homem citar a outro: e vendo-se o Reo citado, cego de rayva (e talvez falta de dinheiro busca a hum Letrado, e muitas vezes a hum Requerente; e diz-lhe, que para aquella audiência o mandaráo citar. Pergunta-lhe o Advogado, ou o Requerente: Pois deveis, ou não? Responde-lhe o miseravel apaixonado, que não deve cousa alguma. A isto lhe diz quem o aconselha: Pois ide à audiência; que lá averiguaremos isso. E quando lhe diz que he verdade que deve, porém que não está em tempo de lhe pagar; cottumaõ responder-lhe aconselhando-o: Tendes o remedio na mão: dizey que he verdade que deveis; porém para pagar para tal tempo. Vay hum destes muy contente, e dá hum juramento falso: e o peyor-he, que disto se não confessa; porque diz (como a alguns tenho ouvido dizer) que o Letrado, ou Requerente o aconselhára assim, porque o entende muy bem.

Póde haver mayor desgraça? Que por huma tão limitada paga queira hum homem dar tal conselho, para ir, e levar ao outro consigo ao Inferno! Podendo-lhe dizer: Senhor, quem deve, paga, ou roga, ou vay à cadea. Confessay a divida puramente; e depois fazey por vos compor com a parte: porque não ha

ha homem tão tyranno, que vendo ao seu dever, confessar a verdade, lhe não dá huma espera, para lhe poder pagar. E quando por isso tenhais alguma molestia na execucao; consideray, que por terdes sido moroso na paga retendo o alheyo, padeceis essa execucao, e molestia: e que melhor he padecer neste mundo qualquer detrimento, que ir pagar ao Inferno.

Hum caso vos quero contar, que succedeo em certa Villa, diante de hum Juiz de vara vermelha, e podia servir de aresto para alguns de vara branca. E toy, que mandando citar hum homem a outro para sua alma, por certa quantia, que lhe devia, vieraõ o Autor, e Reo a juizo: e fazendo o Ministro ao Reo as perguntas judiciaes, reparou que elle se perturbava. E naquelle breve intervallo, acodio o Juiz dizendo ao Reo: Eu entendo o que pertendeis: he sem duvida, que deveis, e quereis que o Autor vos dê huma espera para lhe poder pagar. Disse o Reo: Assim he, Senhor. Pois juray a verdade, lhe disse o Juiz; que todo o bem se fará. Confessou o Reo a divida. E depois de se ter feito o termo, disse o Juiz a ambas as partes, que lhe fariaõ muita mercê, acharem-se em sua caza a taes horas: o que assim lhe prometteraõ ambos. Era eu muy amigo do Ministro, e solicitey acharme tambem presente naquella occasião como com effeito me achey: e chegando aquelle termo, não faltaraõ. Perguntou entaõ o Juiz ao Reo: Qual fora a razao, porque logo não confessára dever ao Autor o que lhe pedia na sua accaõ? Respondeo: Que a razao fora, porque lhe tinha aconselhado hum Requerente daquelle auditorio (nomeando-o) que jurasse não dever ccusa alguma: ou que, se confessasse a divida, podia tomar o tempo da espera, que lhe
pare

parecesse : e que estava considerando naquelle tempo o que faria. E tendo o Juiz ouvido o que relatára o Reo, mandou chamar ao Requerente : e chegado este, lhe perguntou o Juiz : Em que Livro, ou Ordenação achára aquelle ponto ? Ao que lhe respondeu : o Requerente : Que ouvira dizer, que se praticava aquelles juramentos em muitos auditorios. E logo lhe disse o Juiz : Pois para que não observeis, nem aconselheis semelhante pratica, vos hey por suspenso : e mando que vades prezo por oito dias, para que neste tempo facais exame de consciencia, para melhor vos poderdes confessar, depois de solto, do que costumais aconselhar às partes. E tomou o Juiz do seu dinheiro, e pagou ao Autor; dizendo ao Reo, que esperava de sua pontualidade que para tal tempo lhe não faltasse. No seguinte dia fuy eu pedir pelo Requerente ao Juiz, dizendo-lhe que já tinha feito exame, e estava arrependido; a cuja petição foy solto.

Desta forte fez aquelle Ministro, com que hum não perdesse a alma, e ao outro se lhe não dilatasse o seu pagamento; por entender, que estava obrigado o Reo a resarcir o dano ao Autor, pela mora : quando não jurasse absolutamente, que lhe não devia cousa alguma; que ainda mal, que costumão muitos assim fazer.

Porém (fallando com todo o respeito, que se deve aos Senhores Ministros) parece-me, que se devia mandar em semelhantes acções, ler o narratorio da petição : ou perguntar ao Autor, de que procede aquella divida; e depois ao Reo, em que pagou: por se não resolver tão brevemente nas duas perguntas, se deve, ou não deve. Fundo esta minha razão nas palavras da Ordenação lib. 3. tit. 20. onde se

se manda na fórma seguinte : | Ao Juiz pertence mandar fazer os actos necessarios para a ordem do Juizo: assim como libello, ou petição por escrito, ou por palavra, contestação, juramento de calumnia, artigos, contrarios de replica &c. E no mesmo titulo §. 1. diz assim : No começo da emenda, dirá o Juiz a ambas as partes, que antes que fação despesas, e sigão entre elles os odios, e dissensões, se devem concordar, e não gastar suas fazendas por seguirem suas vontades : porque o vencimento da causa sempre he duvidoso. E isto que dizemos de reduzir as partes a concordia, não he de necessidade, mas fômente de honestidade, nos casos em que bem o puderem fazer.

Bem sey que me dirão os professores desta faculdade, que a ley, posto que falla nos presentes termos, tem outra intelligencia, e varias interpretações : e não falla expressamente na acção de juramento da alma, que tratamos. Porém eu (com licença dos Senhores Jurista) digo, que se deve entender genericamente, e lato modo: que tambem se póde tomar no presente sentido, por se evitarem tantos juramentos falsos em juizo, huns por malicia, outros por equivoção, e muitos por se ignorarem às circumstancias da acção : se já não he falta de examados Ministros, com tanto prejuizo das partes; doque resulta perderem huns a alma, e outros a fazenda.

Ahi me parece que ouço dizer aos Ministros, me disse o morador, que a causa porque não podem estar com essas perguntas, e repostas, (alem de parecer prolixidade) he por não tomarem o tempo às partes no breve de huma audiencia. A isso lhe disse eu, (não ensinando, porém advertindo) que me
pare-

parecia poder-se remediar tudo, com serem os Ministros mais zelosos, e cuidadosos em vir mais cedo a fazer as audiencias; e os Advogados mais promptos em lhes assistir, pela obrigação das suas partes: (porque os Escrivães tem a pena imposta pela ley, que os obriga conforme seu Regimento) e logo haverá tempo, e lugar para tudo. Porque assim como ha tempo para a visita, e para outros divertimentos: com maior razão não deve faltar para aquillo, que lhes he tanto de obrigação; por não incorrerem no peccado de omisaõ, nem experimentarem o rigor com que Deos promete julgar as justiças. *Cum accepero tempus, ego justitias judicabo.* (Psal. 74. 3.) Eu tomarey tempo, diz Deos, pera julgar as justiças. Se Deos para julgar as consciencias dos que governaõ, diz que ha de tomar tempo: como se poderão escusar os homens de tomar tempo, para com acerto obrarem aquillo, que Deos, e ElRey lhes tem encarregado por obrigação de seus officios, e cargos, em que lhes não vay menos que a sua salvação, ou condenação eterna?

Porém o que mais estranho, e tomára que se emendasse, he o que hoje vejo tão praticado no mundo: e vem a ser, nuns certos oradores com cappa de virtude, os queres procuraõ muitas vezes tirar a justiça a quem a tem, para a darem ao que a não tem. Como assim, Senhor? me disse o morador. Costumão certos homens, lhe disse eu, com presumpções de honrados, ir à caza de hum Ministro a persuadillo que dé huma sentença, ou despacho contra este, em favor daquelle. Acção digna de hum grande castigo, e reprehensão, tanto pela offensa de Deos, e do proximo, como pela injuria que fazem aos Ministros. Porque além de serem os Ministros dou-

doutos, e terem livros, e saberem entender o Direito; mostraõ estes taes oradores, que ou os quem ensinar, ou sobornar: motivo, porque se não ouvem muitas vezes os clamores da razaõ, pelo estrondo dos respeitos. Porém o que mais he para reparar, e sentir, he ver hum Sacerdote (se já não he Religioso) ter valor para pedir a hum Ministro, que dê huma sentença injusta; e tal vez, por lhe ficar em caza, ou na cella a remuneraçaõ do pedido.

Boa doutrina nos deixou neste particular o nosso Rey D. João II. porque não queria que lhe pedissem merce por terceira pessoa: e desta sorte ficavaõ os Vassallos em divida ao seu Rey; porque os premiava segundo seu merecimento; e escusavaõ de agradecer a outro a mercé, que resultava de sua mesma justiça. Porém está hoje este negocio em taes termos; que não manda o Escrivaõ os autos à conclusaõ, sem o dar a saber à parte, para ir, ou mandar pedir a sentença em seu favor. Oh horror, e lastima, para ser chorada na Religiaõ Christãa! Não digo o mais que sinto, pela modestia, e respeito, que se deve a taõ alto estado.

Porém estes Ministros, quando se lhes forem pedir estas sem razões; respondeã como lá respondeo o Papa Benedicto XII. o qual, pedindose-lhe da parte de hum Rey certa injustiça, respondeo: Dizey a esse Principe que se eu tivera duas almas, poderia dar por elle huma: porém que não tenho mais que huma; e não quero perdella. Verdadeyramente, que melhor não podia responder.

Na verdade vos digo, me disse o morador, que muito ha mister de Santo, quem houver de desperzar respeitos humanos, pelo que estamos vendo hoje
no

no mundo. Dirvos-hey, lhe disse eu : todo o homem que teme a Deos, e sabe a conta, que lhe ha de dar; faz muito por acertar em qualquer cargo, ou poder, em que se vé constituido.

Conta-se do Papa Innocencio, que mandou retratar-se em huma lamina, com huma vela acesa na mão, dando os ultimos arrancos. Este quadro tinha posto sempre diante dos olhos em hum bofete : e quando havia de sentenciar, ou definir alguma cousa; primeiro punha os olhos na pintura, e meditava na morte, e conta, que havia de dar a Deos do seu officio : e assim se escreve que foy muito ajustado em seu governo.

Porém como se ha de ajustar à ley divina, e ainda às humanas, o que só poem os olhos no interesse, e o cuidado nos respeitos? A'lem do que, ha outras muitas razões, que fazem aos Ministros atropelar a ley divina, e negar o sentido das leys humanas: sendo que foraõ, e são fundadas em muita razão, e justiça, como póde ver quem as ler com attenção. Honrosa cousa he o officio de Ministro: porém ha de entender quem o procura, que se não assenta na cadeira para descansar, se não para trabalhar : e que sendo hum só, deve negociar o bem de todos. E grande ignominia será para hum Ministro que manda a todos, ser escravo dos vicios.

Temerosas são as sentenças, que os Santos deraõ nesta materia. Seja a primeira, a de S. João Chrysostomo fallando dos que governaõ em qualquer estado. Muito duvido, diz o Santo, se salve algum. E exclamando S. Bernardo diz : que a ambição de mandar, he doce fiscal da vida humana. E qualifica este pensamento S. Gregorio dizendo : que tem por
aposta-

apostata todo o que se goza com superioridades, e mandos do mundo. E dá a razão: Porque o tal pretende antepor-se ao mesmo Deos. Santo Agostinho dizia: que em nenhuma cousa sentia a Deos. tão irado contra si, como quando se considerava Prelado: entendendo, que muitos para seu mal exercitaõ o officio de emendar. Confessou de si S. Pio V. que quando Religioso, tinha esperanças de se salvar; quando Cardeal, temia muito; quando Papa quasi desconfiava. E a razão de tudo dá S. Gregorio dizendo: que se não podem contar os vicios, que nascem da ambição com que o appetite de dominar a outros se acha nos que governaõ.

Isto supposto: não quero dizer-vos que não haja Prelados, nem Ministros, para governarem as Religões, e as Republicas; porque he muito necessario, e assim o mandou Deos: porém o que se deve procurar, he que se observem as Leys divinas, e humanas com toda a inteireza; porque todas são fundadas em muita razão, e direito. Porém os homens levados dos interesses, e respeitos humanos, são os que as pervertem: motivo, porque se vem tantas liberdades, e abusos contrarios à virtude; como o experimentamos. Isto nos quiz Christo mostrar naquella Parabola do Evangelho, quando disse: que houve hum homem; que semeou bom trigo em seu campo; porém dormiraõ os que haviaõ de vigiar sobre elle, e entre tanto veyo o Demonio, e semeou fizania. Assim succede, quando os Prelados, e Ministros dormem, e não vigiaõ sobre a observancia das Leys, e Estatutos, para governarem aos seus subditos.

O primeiro Juiz que houve no mundo de vara vermelha, foy Moysés: porque nos quiz Deos mostrar

trar, que assim como deu a Ley, que são os dez Mandamentos; era necessario que houvesse Ministro, que a fizesse guardar, e observar seus Preceitos. E que fosse Moysés Juiz de vara vermelha, e por isso mais regoroso, não se póde duvidar: porque foy grande executor da Ley, pelos castigos que fez a Faraó, e ainda ao seu mesmo povo, como consta da Sagrada Escritura: e por isso a Deos chamavaõ entã Deos das vinganças. Não faltava Moysés às obrigações de seu cargo, porque se não deixava levar dos respeitos humanos trabalhando muito, para julgar com acerto; subindo ao monte a tratar com Deos; já decendo ao valle a castigar, e reprehender ao povo. E que titulo vos parece lhe deraõ? Não foy menos, que de Vice-Deos: que a tanto como isto chegaõ os homens pela boa justiça que fazem.

Outro Juiz, e o primeiro de vara branca, que houve no mundo, foy Christo nosso Senhor: o qual veyo do Ceo a embarcar-se na Não de Santa Maria, e desembarcou no porto, ou Portal de Belem; e logo mandou apregoar pelos Anjos paz aos homens, (Luc. cap. 2. n. 24.) porque os vinha governar de boa vontade, despachado da Meza do Paço da Santissima Trindade, trazendo o poder, o saber, e o amor. Foy a lido de Anjos, adorado dos Reys, e visitado dos homens; os quaes lhe tributaraõ, e offerecêraõ muitas offertas, e regalos: e nem por isso deixou de ser muito humilde, desprezando a soberba, e recto em fazer justiça. Veyo pobre, viveo independente, morreu despido, e partio-se para a sua patria com muitas enchentes de graça, pelos merecimentos que fez na terra em todo o tempo de seu bom governo; levando o titulo de Rey, (Matth. cap. 27. n. 37.) o qual

qual gozará para toda huma eternidade. (Psalm. 23. n.7.)

Quem me dera imprimir esta verdade no coração de todos os Ministros, por nossa, e sua conveniencia! Pela nossa, todos o sabemos, e digaõ-nos os pleiteantes. Pelo que respeita à dos Ministros; não ha cousa, de que mais se temaõ, que de huma má residencia: sendo que nós, e elles, a devemos temer muito, quando nolla tirar aquelle rectissimo Juiz JESU Christo.

Muito nos detivemos acerca dos Ministros, me disse o morador, sem me dizerdes que partes haõ de ter, para serem bons, e fazerem sua obrigação. Pois sabey, lhe disse eu, que tudo he necessario, e muito mais: porque de hum bom Ministro depende o bem de huma Republica. Não consiste o ser bom Ministro em ser temido de todos, senaõ em ser a Deos muito obediente: e desta maxima depende a bondade do Julgador: porque assim como dos olhos nasce o ver; tambem do bom exemplo procede o aprender. Se o Ministro teme a Deos, logo faz boa justiça, e todos o temem, e faz venerar a Deos, e guardar as Leys.

Entremos agora no juramento entre partes: que como tambem se comprehende nesta forma de juramento decisorio, de que tratamos; necessariamente delle havemos de fallar. E para melhor intelligencia, ponho hum exemplo. Quer Pedro pôr huma demanda a Joaõ: e a primeira cousa que faz, he buscar testemunhas; se a causa não he da natureza daquellas, que se provaõ com documentos, ou Direito. Busca Pedro a testemunha, e diz-lhe: Senhor, eu tenho intentado esta acção contra Joaõ: pretendo provar este, eu aquelle artigo &c. quero que (me

façais mercé jurar aquillo, que souberdes. Até aqui vay bem. Porém diz-lhe a testemunha : Eu desse caso não sey coufa alguma, porque não presenciei esse negocio : de mais que sou amigo, ou inimigo de João; e não quero que se diga que juro apaixonado. Aqui entraõ agora as boas palavras, os carinhos, e affagos, as ofertas, e promessas; ou para melhor dizer, a calumnia, de que pedia David a Deos que o livrasse. (Psalm. 118. 134.)

Diz-lhe a testemunha : Tudo farey por vos servir. Chega o termo da dilação; vay a testemunha à caza do Escrivão, pergunta-lhe o Inquiridor pelo articulado : e desde que começa a jurar, até que acaba, sempre está mentindo. Porque, se diz a verdade, mente ao Autor : se jura pelo que prometteo, condena-se a si; porque jura falso. E assim diz David (Psal. 26. § 12.) que a maldade se mentio a si mesma.

Tende mão, Senhor, me disse o morador : disfa forte nunca se pôde jurar sem encarregar a consciencia : logo melhor he não ir jurar. Respondo, lhe disse eu, por vos livrar desse escrupulo : e reparay nos termos em que vos fallo. Basta que diga o Autor à testemunha, que quer que lhe jure na sua causa, o que souber na verdade; porém não persuadindo, nem affagando com dadivas, e promessas; que isto he comprar a testemunha. E por isso o Direito approva sempre as maiores de exceição, na consideração de que não foraõ sobornadas das partes.

Juramento entre partes ha de ser livre, jurando a testemunha a verdade : e se necessario for, e souber o contrario do articulado, deve jurar contra droducentem; porque desta forte, salva, e livra a
sua

sua consciencia. E nenhum se engane cuidando que basta dizer, que foy jurar por fazer bem a este, ou àquelle; e menos por soborno de promessa, ou amizade. Porque daqui succede perder João a sua causa, e a testemunha cair no peccado de consequencia, e restitução, além do juramento falso.

Tambem he peccado mortal, deixar de dar o juramento sabendo a verdade; por remisso, ou malicia. Razaõ, porque se permite em Direito que se possa obrigar à testemunha por justiça a dar seu juramento, para se saber a verdade das partes, e a decisão dos pleytos. Porém eu agora dera hum conselho, que ainda que velho, por isso muy verdadeiro: e vem a ser, que mais val hum ruim concerto, que huma boa demanda; por não vir a experimentar semelhantes controveisias, e ditos de testemunhas, com tantas incertezas no vencimento das demandas.

E por isso admiravelmente o nosso Seneca de Portugal D. Francisco Manoel, quando disse, que sempre dezejára a seus inimigos tres males: pedir, ainda que lhes dessem; jugar, ainda que ganhassem, e pleytear, ainda que vencessem. E desta forte, me parece, vos tenho dito o que basta a respeito do que me perguntastes.

Senhor, me disse o morador, estou muy satisfeito do que me tendes dito, e explicado a cerca deste segundo Mandamento; pois me declarastes muitas cousas, que eu ignorava: pague-vos Deos tão grande favor. São horas de cear: fazey-me mercê de aceitar esta boa vontade. O que lhe agradei, por ser favor gratulatorio, feito a pessoa de que se não podia esperar remuneração, como a de hum Peregrino. E depois deu-me pousada, onde passay a noyte. E

porque me accommodava acordar cedo, por gozar do fresco da manhã; antes de amanhecer me| puz a pé, e me despedi do morador com mostras de agradecimento, e cortezia, por ser paga que custa pouco, e val muito.

C A P I T U L O X I I I .

Do terceira Mandamento: Aconselha o Peregrino, como devem os Senhores tratar a seus escravas, e familias, fazendo-os guardar os Domingos, e festas: Com varios exemplos de doutrina.

Comecey a seguir a minha jornada por entre amenos campos, e copados arvoredos, [que com o brando terral faziaõ agitação às flores, que exhalando fragrantes aromas me suavizavaõ o sentido do olfacto; e para recreação da vista, me lisongeavaõ o sentido do ver tantas arvores floridas, sem mais cultura, que a fabrica da natureza que as havia aperfeiçoado: e muitas com vistosos pomos, de que participey;] e outras com elles ainda em agraco, promettendo feliz abundancia para convidar aos caminantes, que delles quizessem participar. Porque neste particular saõ muy liberaes as arvores de frutos da America: as quacs como não devem o trabalho aos agricultores, liberalmente entregaõ os frutos aos que delles se quizerem aproveitar.

Tendo caminhado naquelle dia até quasi as quatro da tarde: ouvi perto da estrada, por onde se decia a hum valle, a musica pastoril de pretos, que parecia se estavaõ suavizando do jugo do trabalho; porém como era dia Santo, suppuz que não estariaõ em tal

tal occupação. Encaminhey para aquella parte os passos, para tomar informação onde me ficaria mais perto a caza, em que passasse a noyte: e dahi a pouco avistey doze escravos, entre machos e femias, todos trabalhando em huma lavoura, na occupação de cavar. Cheguey, faudeyos, e lhes perguntey, se era dia Santo? Ao que me responderão, que bem sabião que não era dia de trabalho: porém que seu Senhor os mandará para aquelle serviço, e lhes dizia que se comião naquelles dias, tambem haviaõ de trabalhar: e se algum o repugnava fazer, o castigava: e porque eraõ cativos; não queriaõ experimentar mayor rigor, por serem pretos, pobres, humildes, e desemparedados por sua grande miseria.

Filhos, lhes disse eu, bem conheço que não está da vossa parte a culpa de quebrar o Preceito deste terceiro Mandamento. Porém, de dous males devemos eleger o menor. Dizeis, que se não obedecerdes a vosso Senhor, alem de vos castigar, vos não dará o sustento. Sufreyo com paciencia, e levay este trabalho com cruz. Servi com humildade; que vos será menos penoso: e o que he peccado, sendo voluntario, e por gosto, quebrar este Preceito; sendo obrigado, e violento, será merecimento. E val mais trabalhar, e obedecer a vosso Senhor, do que fugir; porque disso resultaõ muitos inconvenientes, e peccados: como he, o furtar para vos sustentardes; encher de ira a vosso Senhor, para que vos castigue. Deos nunca falta a quem nellé confia: ha de acodirvos, como costuma, nos mayores trabalhos. Tambem os brancos vão ser cativos à terra de Mouros, e servem dobradamente, e se lhes não dá Domingo, nem dia Santo. Lá virá tempo, que vosso Senhor se vá confessar; ou tambem algum bom homem o advirta de se-

desse erro, em que vive. E não vos pareça, que vossos Senhores por serem brancos, e forros, deixão de ser castigados por Deos, por não guardarem seus Mandamentos. Porque, posto que todos querem ser glorificados com Christo para gozarem da sua gloria, hão de padecer, e procurar ter parte na sua Cruz: pois he consequencia infallivel, que quem não padecer por Christo, não terá o premio da gloria, que nos prometteo.

1.ª Não vos metta desconfiança a vossa cor preta, e serdes humildes, e desprezados no mundo por pobres: porque este he o meyo, por onde se alcança o Reyno do Ceo. Christo Senhor nosso, que he o nosso verdadeiro exemplar, na sua sagrada Payxaõ, foy prezo, açoutado, despido, passou dias e noytes com desvelo, padeceo fomes, e frios, e foy todo mal tratado, e affrontado dos homens: até que o pozeraõ em huma Cruz, onde padeceo morte affrontosa para nosso resgate; e quando neste lugar se vio, entãõ deu a gloria ao Bom Ladrão, porque tambem o vio pobre, nu, e crucificado: Porém em todo este trabalho, e desprezo em que se vio o Bom Ladrão, sempre esteve firme, e constante na fé. Assim vos peço que vos não desconsoleis, quando vos virdes mais pobres, e rotos, e castigados por vossos Senhores: entãõ creça mais a vossa confiança em Deos, que vos dará por premio do vosso trabalho (sendo constates na Fé) a Bemaventurança, como a tem dado a S. Benedicto, a Santo Antonio de Calatagirona, e a outros muitos Santos Pretos. Porque supposto ainda não estejaõ Canonizados, ha noticia de muitos pretos, que morreraõ com opiniaõ de Santos, por viverem ajudados na Ley de Deos.

Eu conheci hum Preto cazado, por nome Manoel,
em

em certa Villa; o qual sendo cativo, tinha sua caza na Fazenda de seu Senhor, muy limpa, e aseada: e na varanda tinha hum nicho feyto, e nelle hum altar, onde estava collocada huma Imagem de Christo, e outra da Senhora do Rosario, com outros Santos. E todos os dias cantava o Terço de Nofsa Senhora com sua mulher, e filhos: e depois se assentava em hum assento, e exhortava aos demais que vivessem bem, e que sofressem o trabalho temporal; porque mayores eraõ as penas da outra vida para os que já que serviaõ todo o dia a hum homem, ao menos de noyte não deixassem de louvar huma hora a Deos, que os havia de salvar. Com estas, e outras razões os capacitava, e evitava de muitos vicios, e peccados. Era muy bem visto de todos os Brancos: e nas eleições de suas Confrarias, e Irmandades, tinha o primeiro voto, pelo zelo com que servia a Deos, e à Senhora do Rosario na sua Matriz. Teve muy boa morte, e acabou com muy boa oppinião.

O que agora vos peço, disse eu aos escravos, he que me encaminheis para a casa de vofso Senhor: e depois que eu lá estiver, fazey muito porque vos veja ir do trabalho. Assim o prometteraõ elles fazer, ficando muito agradecidos do que eu lhes havia relatado para alivio de seu trabalho.

Cheguey pois à caza do morador: e elle sahio logo a receberme com demonstrações de grande cortezia, dizendome que não sabia com que palavras me significasse o grande contentamento que tinha, de me ver chegar à sua caza. Fiquey eu admirado, e confuso, por ser homem, a quem eu nunca tinha visto. E parccendo-me que se engava com migo; depois de me ter dado assento, lhe disse: Senhor, agradeçovs muito a grande demonstração, que me ten-
des

des feito neste agazalho. Porém, como ignoro a causa de tanto favor, pergunto-vos o que vos persuade a festejar a minha vinda? Senhor, me disse o morador, a festa hora chego da caza de hum meu compadre, onde pafsey hoje o dia: e na conversação que tivemos, me disse que foubera de hum homem, que estivera em caza de hum seu vizinho, haverá tres dias, o qual hia de marcha em trage de Peregrino: e que da sua breve assistencia refultráo muitos serviços a Deos, por ser causa de evitar hum grande abuso, que achou introduzido em caza daquelle morador, a cerca de usarem de calundús, e feiticiarias os seus escravos. E por isso, assim como vos vi, me perfundi que sois vós o mesmo, de quem tenho ouvido publicar o que vos relato: e prézo muito agora a vossa presença, para tambem de vós colher algum bom conselho, e doutrina.

Respondo, Senhor, lhe disse eu. Assim succedeo: porém entendeey que não reconheço em mim partes, por onde possa ser louvado. E se alguma cousa fiz, e obrey nesse particular, foy tudt obra de Deos: porque muitas vezes se serve este Senhor de hum humilde instrumento para obras de muy grande perfeição. Porque he tal o poder de Deos, que tem feito que o mesmo Diabo, sen lo pay da mentira, e maldade, descubra, e diga cousas, que sirvaõ de ben para muitas almas; do que tereis lido, e ouvido contar varios exemplos: e fora erro, e louca presumpção minha o ter para mim que posso obrar obra boa, sem que concorra a divina Misericordia de Deos. E de não haver este certo conhecimento, estaõ os Livros cheyos de varios exemplos. E o mesmo Evangelho por S. Mattheos (cap. 7. v. 15.) nos certifica, que ha homens, que no exterior faõ ovelhas, e

no interior lobos : mostraõ humildade no exterior; e no interior saõ a mesma soberba : mostraõ honestidade publicamente; e no secreto saõ a mesma luxuria : mostraõ ser casa, e aposento de toda a virtude; e saõ morada de todos os vicios. Estes raes enganaõ aos homens, e tem confusos aos Demonios: em algum tempo lhes succedem cousas, por onde sendo conhecidos; saõ dos Demonios mofa, e dos homens escarneo. E se naõ, vede o que succedeo aos mesmos Discipulos de Christo Senhor nosso. Vinhaõ elles muito contentes por terem feito milagres, e deitado diabos fóra : disse-lhes o Senhor: Eu via a Satanás cair do Ceo, como hum relampago. (Luc. 10. 18.) E foy dar-lhes a entender, que com a luz do Ceo, cheyo de soberba cahio nos infernos. E assim que nenhum se póde desvanecer, nem presumir que póde obrar cousa alguma sem a graça de Deos: e de outra forte, será soberba, e naõ humildade.

De Origenes se conta, que foy de taõ alto entendimento, e de engenho taõ feliz, que em pouco tempo aproveitou a muitos em as divinas Letras, e santidade : e de entre muitos que consta da sua Lenda, se diz que foy Mestre de Santa Barbora. E era tal o seu zelo de converter almas, que andando de huma parte para outra, prégando, e exhortando a Fé de Christo; chegou a compor, e escrever seis mil Livros. E de sua grande doutrina o affirmão varios Santos, e Doutores da Igreja, Dionysio Alexandrino, Santo Athanasio, Severo Sulpicio, Vincencio Lirinense, dizendo, que nenhum homem mortal escreveu tanto, como Origenes; cujas Obras ninguem as póde ajuntar todas. E por fim, veyo a perder toda esta opiniaõ, por lhe faltar Fé, e temor
de

de Deos; e entrar em grande presumpção, parecendo-lhe que bastava ter huma virtude, para ser confirmado em todas.

O mesmo se conta daquelle grande Bispo de Cordova em Hespanha chamado Ozio, o qual foy homem mais nomeado, e famoso que houve no seu tempo, de letras, e virtudes: e basta que se ache em muitos Concilios, e sempre foy admittido o seu voto, e parecer. E o fim que teve, se póde ver na sua Lenda: porque, segundo o que d'elle se escreve, acabou com muy má oppinião de Catholico, por se desvanecer na presumpção de sabio; e por se querer introduzir com hum Principe herege: que não póde haver mayor desgraça, que morrer hum Christão feito herege.

Salamaõ, de quem affirma a sagrada Escritura que era mais sabio que todos os homens, com Sciencia infusa, e muito mimoso de Deos; está em duvida sua salvação.

E por ultima conclusão deste discurso, haveis de entender, que todo o cuidado, e exercicio da vida Christãa se ha de fundar, e reduzir a tres cousas: convém a saber, boas obras, evitar culpas, e sofrer penas. Estas tres cousas são necessarias, para se salvar huma alma; e não basta huma dellas, nem duas, sem a outra. Porque he certo, que não basta que huma pessoa faça huma obra de virtude, se não evitar as culpas em outras materias: e sobre ambas estas cousas, he necessario, que as penas, e trabalhos que Deos nos enviar, as levemos com paciencia, e humildade. E como para o podermos fazer, não bastaõ as forças humanas sem a graça, e ajuda de Deos; devemos sollicitallas por meyo de o servir, e amar.

A este tempo, que eu tinha acabado o discurso da

da minha conversa; chegarão os escravos do serviço, dando-nos as boas noytes: e o morador sem se saber determinar, e quasi sentido, por ver que me achava presente; disse aos escravos, que fossem guardar as enxadas, e que depois lhes fallaria. Porém eu que estava à mira, esperando occasião; lhe lhe perguntey logo: Se eraõ seus aquelles escravos? (fazendo-me desentendido do que com elles tinha passado na lavoura, para melhor dispor no que intentava.) Ao que me respondeo o morador: que sim eraõ seus.

Pois Senhor, lhe disse eu: Como, sendo hoje dia Santo, os consentis trabalhar, e deixais de os mandar ouvir Missa, quebrando dous Preccitos, hum Divino, e outro Ecclesiastico? Respondo, me disse o morador: Duas são as causas, porque são de tal condição estes escravos, que se os mando ouvir Missa, vão metter-se por outras Fazendas, com folgue-dos semelhantes a esses que ouvistes em caza desse morador, onde estivestes, e o reprehendestes desses calundús, e feitiçarias. A segunda causa he: porque quando os mando à Missa; tomaõ-se de bebidas, e fazem varias brigas, defaguizados, e travessuras; e poucas vezes vem para caza, sem que lhes succeda alguma cousa destas. Em cujos termos, resolvo que mayor acerto he, visto dar-lhes eu o sustento, e o vestido, occupallos: porque rambem he certo, que o escravo ocioso ordinariamente cria vicios; e destes resultaõ mayores offensas a Deos.

Pergunto, lhe disse eu: tendes consultado esse vosso parecer com os vossos Confessioes? Respondo-me, que não: porque tudo se tirava da boa razão; e como aquella lhe parecia tão ajustada, entendia que acertava no seu parecer. Pois viveis muy
ne-

enganado, lhe disse eu: porque nenhum, por douto que seja, se deve governar por seu parecer; tanto pela razão do amor proprio, como por se não compadecer com a conveniencia alhea. E por esta causa, ainda nas coizas temporaes o estamos vendo observar: como he, que por grande Medico que hum seja, sempre tem obrigação de consultar a sua enfermidade com outro Medico. O Letrado, tambem por Direito não pôde advogar nas suas causas. Os mayores talentos de virtudes sempre procuraõ Mestres de espirito, para consultarem as suas duvidas, para serem directores das suas almas.

Vede agora, com quanta mayor razão estais obrigado a confessarvos desse vosso parecer, sendo em materia de tanta importancia, como he hum mandamento do Direito divino, e positivo, e outro Ecclesiastico, ambos pertencentes à honra de Deos: quando vemos, que ainda em huma Ley mental, como he a de hum que faz o seu testamento, e deixa este, ou aquelle legado em huma verba; esta senão pôde derogar sem grande causa, e por quem tenha poder por Direito para o fazer. E se isto assim he: como he possivel, que vós resolvais, e determineis por vosso parecer a Ley Divina, e Ecclesiastica? De mais que essa razão, que vos parecê racional, he apparente: porque por isso vos fez Deos pay de familias; o que vos não pareça cousa de tão pouca entidade, que se não prezasse Christo muito de offer, como conta do Sagrado Evangelho.

Quereis evitar esses inconvenientes aos vossos escravos? Day-lhes bom exemplo, ide à Missa, levayos em vossa companhia, (excepto os que são necessarios para o provimento do sustento da caza; que esses irão em outra occasião:) e vede se assistem

aos Officios Divinos com aquella decencia, como são obrigados; e trazeyos outra vez em vossa companhia. E do meyo dia para a noyte, deixayos occupar em alguma cousa; que nunca lhes faltará em que se entretenhão. Day-lhes algumas ferias no anno, em que totalmente cesse o trabalho, comaõ, folguem, e se alegrem; para que cobrem alento, e dezejo de continuarem no serviço: e trazeyos sempre diante dos olhos; que o premio, e o castigo, são dous eyxos, em que se move o acertado goveno. E desta forte lhe evitareis as ociosidades, e obrando de caridade.

E não queirais ser como muitos senhores de escravos; os quaes não só lhes permitem que vão por onde quizerem; se não que vivaõ em liberdade de consciencia, com tanto que lhes paguem por dia, ou semana, ou mez, hum tanto. Isto succede principalmente nas Villas, e Cidades do Brasil. Vão estes taes escravos, alugaõ huma caza, ou cazebre, e nelle fazem muitas offensas a Deos, como he sabido de todos: excepto seus senhores; porque como lhes não procuraõ mais que pela, paga, do mais lhes não importa saber. Sem conhecerem, que as culpas dos servos desdouraõ muitas vezes aos Senhores; alem dos peccados em que estaõ encarregados, por lhes darem estas licenças, e liberbades. E sabeis de que lhes servem estes receptaculos? De alcouce para offender a Deos no sexto Mandamento, de muitas feitiçarias, de covas de ladrões, e finalmente de centro, e covil de toda a maldade.

Porém pergunto eu agora, n'e disse o morador, se nisso que obraõ esses escravos, terão tambem culpa os que os consentem morar nessas cazas, e lhas alugaõ, sabendo que se fazem nellas semelhantes insultos?

sultos? Isso deixo a seus Confessores, para que lhes respondaõ, lhes disse eu; se he que dião se confessaõ: porque os Confessores não costumão adivinhar, e he prohibido em Direito por Ley divina, e humana. Porém só direy a bem da Republica, que se eu tivera voto em Capitulo, havia de mandar, que todas as vezes que se achasse caza alugada a escravo, a perdesse seu dono para a Coroa; ou para aquillo que se applicasse para mais serviço de Deos. Porque só assim se poderia pôr cobro em conta tão prejudicial à Republica, e bem commum.

Outra cousa vejo observar nesta terra contra a justiça, razaõ, e caridade: e vem a ser, que se serve hum senhor de seu escravo em quanto saõ: porém se este cahio em doença importuna, e dilatada; pelo não curar, nem dar-lhe o sustento, lança-o fóra de caza, que vá pedir esmolas. A isto havia de acodir a Republica, pondo pena ao que tal fizesse; e alem de arbitrada, que fosse obrigado o Senhor a sustentallo até a morte; pois se servio delle em quanto teve saude, e força para o servir.

Queixaõ-se muitos Senhores, que lhes fogem os escravos, e lhes morrem, sendo que muitos escravos com maior razaõ se podiaõ queixar de seus Senhores, pelos terem em suas cazas tratando-os tão mal. Como assim? me disse o morador. Dirvos-hey, lhe disse eu: A fome, e o frio metem a lebre a caminho. Como he possível viver hum escravo em hum lugar, onde o mataõ à fome, e o deixaõ perecer ao frio, e sobre isso o fazem trabalhar?

Os Lavradores em Portugal, ainda aos boys com que trabalhaõ, lhes daõ o sustento necessario, e os recolhem do frio: porque se assim o não fizessem, trabalhariaõ hum anno; porém para o outro haviaõ de

de ficar sem boys, que os ajudassem. E eu vejo que muitos Lavradores no Brasil trataõ taõ mal a seus escravos, que não só os fazem trabalhar de dia, se não ainda de noyte, rotos, nus, e sem sultento. Pois com que razaõ se queixa hum homem destes que assim obra, de que lhe fujaõ os escravos, e lhe morraõ, faltando-lhes elle com o necessario para alimento da vida.

Se nas devassas que manda a ley todos os annos aos Ministros que se perguntem por varios capitulos; por bem da Republica se podesse acrescentar mais hum artigo, pelo qual se perguntasse, se havia senhor, que tratasse taõ mal a seu escravo, que por isso fosse causa de que morresse: eu vos prometto, que tal vez haveria mayor caridade, não por amor, porém sim por temor.

Ver a vida, e a lida de muitos Lavradores do Brasil com os seus escravos, faz pasnar: e parecem mais homens faltos do uso da razaõ, que racionais, e Christãos. E se não, vede. Amanhece o dia, e antes que o Sol saya, fae este homem da cama; e tal vez sem se lembrar que naceo para morrer: levando-lhe as primicias de suas acções as occupações da lavoura, e as ganancias do interesse: e começa a gritar; quando devia começar a rezar, e encomendar-se a Deos. E por quem vos parece que começa a gritar? Pelo inimigo maõ: e depois por hum Congo, por hum Benguela, e por hum Mina. Senhor, lhe perguntára eu, esses escravos são baptizados? He sem duvida, que me diriaõ que sim. Pois como os não chamais pelos nomes que lhes puzeraõ quando os baptizáraõ? Porque estes escravos, respondem alguns senhores, tem os nomes de Christãos; porém obraõ peyor que o Demonio. Pois, Sen-

nhor, quem os poz nesse estado? Aqui se callão : e com razaõ ; porque semelhante pergunta não tem reposta ; pois he certo que o Senhor faz ao escravo, e não o escravo ao Senhor.

Ah Estado do Brasil, como te temo, e reçoeyo hum grande castigo, pelo mau governo que tem muitos dos teus habitadores com seus escravos, e familias? A este proposito vos contarey o que me succedeo em certa occasião, vindo de caminho para a caza de hum morador. Foy o caso, que não podendo eu com dia chegar à sua casa da vivenda, fiquey em huma, que elle tinha na sua roça, e lhe servia de officina da lavoura ; porém solitaria : e antes que amanhecesse, ouvi grandes gritos. E porque havia risco de Gentio naquelle sitio, quiz por-me em cobro, e cautela ; porém disse-me hum preto que estava em minha companhia, que não temesse ; porque aquella bulha era de branco com pretos. E logo vi com evidência, que se não enganara o escravo ; porque brevemente chegou o morador acompanhado de escravos, aos quaes levava para o trabalho. Perguntey ao morador, que causa tivera para tão grande grita? Respondeo-me, que partira de casa pelas quatro horas da manhã : e que era tão grande a repugnancia dos escravos, por não quererem ir para o trabalho ; que estivera indignado a matallos.

E perguntando eu aos escravos, que motivos tinham, para fazerem tam grande repugnancia ; me responderão : (quiçá por me terem presente ; ou talvez por desesperados) Senhor, como havemos de vir contentes a hum serviço, quando vimos trabalhar todo hum dia, sem mais sustento que huma limitada tamina de farinha, sem nos concederem tempo de podermos buscar o conducto, para passarmos
esta

esta miseravel vida? Mais diriaõ os escravos, se o senhor os não mandasse callar.

Porém, eu lhe disse entaõ : Senhor, assim como he certo, que he necessario para ter amigos, buscallos com prudencia, e cultivallos com beneficios; tambem para hum Senhor ter bons escravos, he necessario tapar-lhes a boca com o sustento, e cobrillos do frio, para terem vontade de trabalhar; dando-lhes a boa doutrina, para se salvarem. Porque tratallos de outra sorte, he tellos por inimigos; e no tempo mais necessario vem a faltar. E com razãõ se diz, que o homem que procura ter muitos escravos, vem a ser escravo delles.

Vede agora, como poderia ser aquelle homem bem servido de escravos, quando os tratava taõ mal, que nem o sustento necessario lhes dava. Ainda mal, Senhor, me disse o morador; que fallais com larga experiencia, e practicamente pelo que estamos experimentando. E em quanto aos escravos, fico de acordo daqui por diante observar vossos ditames, e conselhos com a ajuda de Deos.

Porém que remedio me dais para as escravas? Porque estas, me diz a dona da caza, que não haõ de ir, se não em sua companhia, à Missa : e que chegado a irem, ha de ser com todo o preparo e roupas, como as mais escravas de suas visinhas. E como para isto se carece de grande dispendio; pela mayor parte nunca vaõ à Missa, excepto de anno a anno, ou no dia de alguma festa principal.

Antes, que responda, e vos dé o remedio, vos quero perguntar huma cousa, e vem a ser : se sois filho do Brasil, ou de Portugal? A isto me responde o morador, que era natural do Reyno de Portugal. Pois não sabeis como lá se observaõ as mulhe-

res com as suas criadas? Senhor, me disse o morador, as filhas do Brasil não querem observar esta doutrina. Pois, Senhor, lhe disse eu, daqui procedem essas defordens. A mulher está obrigada a obedecer a seu marido por preceito divino, e principalmente nas cousas que forem dirigidas ao serviço de Deos: e ainda no Direito civil se acha escrito, que nem os cabellos da cabeça póde cortar a mulher sem licença, e auctoridade de seu marido. Dizey-me: Que quer dizer, que ha de ter poder huma mulher para quebrantar a ley divina; e que hum homem não ha de ter forças para a poder defender, e fazer observar? Ora cuiday nisto de vagar, e com muita attenção.

As escravas, se não podem vestir seda, vistaõ lãa: porque quem as vir assim, dirá, que aquellas roupas custáráõ dinheiro de seus Senhores; e não presumirá que lhas deo outrem. E quando com isto se não contentem, que he sem duvida que se accommodaráõ; para isso serve entãõ o castigo, e a reprehensão que chamaõ fraterna: porque de não haver esta advertencia e castigo, procedem muitos descritos, e offensas a Deos, que he o que mais se deve sentir. Porque ha mulheres neste Estado do Brasil, que não só dissimulaõ a suas escravas as offensas que fazem a Deos; mas ainda as obrigaõ que ganhem pelo peccado; para vestirem; além do mais que deixo de publicar; porque não he para proferir entre gentes que presumem o estado de honrados. Porém isto supposto; lá virá tempo, e hora, que saberãõ estes, e estas o quanto melhor lhes seria não haverem tido escravo algum, por não virem a ser cativos do Demonio por toda huma eternidade; vendo-se arder a si, e a seus escravos, sem terem mais que hum

hum grande arrependimento, do que cá lhes parecia acerto, e estimação.

Meu Senhor, acabay de entender, que Deos muito nos encarregou a guarda dos seus preceitos, e Mandamentos com toda a execução: e que não os havemos de desprezar com qualquer cappa de necessidade; se não temellos, e amallos. Reparay no que nos diz por David: *Tu mandasti mandata tua custodiri nimis.* (Psal. 118. 4.) E em outro lugar (Psal. 93. 20.) o mesmo Rey David, como se differa, e tallára para o caso presente; diz elle: He possível, que a tanto chega a tua maldade, (fallando com qualquer peccador) que finges difficuldade na obfervância da ley, e preceitos divinos? Quando estes só se devem temer, e guardar a troco de todos os incommodos temporaes, pelo grande perigo da falvação. O Pay de familias não ha de ser só bom para si, mas tambem o deve ser para os mais: ha de confiderar que he cabeça daquelle corpo, e que por ella se haõ de governar todos os mais membros. E para isto vos quero trazer hum exemplo vulgar.

De muitos grandes Santos reza a Igreja, e nos consta estarem gozando da Bemaventurança por seus grandes merecimentos, que particularmente fizeram de virtude: como foraõ os Martyres, Virgens, Confessores, e Anacoretas; e bastou-lhes a estes tratarem de si particularmente, para se salvarem. Porém os que quizerão ser Patriarcas, que val o mesmo, que ser Pays de familias; não só tratáraõ de si, mas tambem dos mais: dando-lhes Regra, sustento, vestidos, e guardas, que são os Porteiros, e cercando-os com muros; dando-lhes o castigo, e as fraternas, quando he necessario. S. Bento, e Santo Elias com mais grandezas de roupás. S. Francis-

co cobrindo-os de burel. Santo Ignacio fazendo-os viver do commum, dando-lhes o provimento por esmola, mandando-os pedir em quanto Noviços; com pretexto de que, se não procedessem bem, os lançariaõ fóra da Companhia, não olhando para respeitos, nem razões de parentesco. O Padre Diogo Laines, segundo Geral da Companhia, deitou a hum seu irmão fóra, pelo julgar não ser digno para nella estar sem duvida, por conhecer o dano que faz hum membro podre em hum corpo. E por isso bem julgou Seneca; quando disse, que perdoar aos máos he fazer mal aos bons: porque com o máo exemplo daquelles, os bons afroxaõ na virtude.

Ainda Santa Teresa, sendo mulher, poz Regra a seus subditos taõ ajustada, como se vé de seu bom regime, e governo, fazendo-os andar descalços. Porque se não considerasse que estavaõ livres desta obrigação as mulheres, que tem a seu cargo serem senhoras de suas cazas, e Máys de familias.

E nisto imitáraõ toõdos a Christo Senhor nosso, que se prezou muito de ser Pay de familias, e não só ensinou a seus Discipulos, dando-lhes regra, e forma de como se haviaõ de haver, que são os dez Mandamentos, e os Santos Evangelhos; mas tambem a todos nós. E por isso nos havemos prezar muito de sermos filhos de taõ bom Pay, obrando bem em seu santo serviço.

E assim o Pay de familias tenha entendido, que não basta que seja pio, e devoto: ha de ser Argos na guarda da sua casa; dando regra, preccito, e castigo a seus filhos, e mais familia. Porque não importa, que se meta em huma camera, e se ponha a fazer oração mental; se deixa a porta aberta, tanto a da rua, como a do quintal; para que faya o filho,

e o escravo a offendêr a Deos : e que sendo hum Franciscano na pobreza, queira vestir a seus filhos com hũa cugula, ou cappa branca, como hum S. Bento, ou Santo Elias. Porque daqui procedem tantas desordens, e gastos em muitas cazas : e de não haver huma resolução, como a de Santo Ignacio para lançar fóra os mal procedidos. Digo isto, porque coitumaõ dizer alguns Senhores, ou Pays de familias : eu não hey de vender hum escravo, ou escrava, nem lançar fóra de caza a hum filho, por terem este, ou aquelle vicio; porque são os meus pés, e as minhas mãos, e os olhos da minha cara.

Mas ouvi o que diz Christo Senhor nosso por S. Mattheos no Cap. 18. v. 8. e 9. Se a tua mão, ou o teu pé te escandaliza, corta-o, e lança-o fóra de ti: melhor te he entrares para a vida sem huma mão, ou sem hum pé, do que seres mandado para o Inferno tendo dous pés, e duas mãos. E se o teu olho te escandeliza, arranca-o, e lança-o fóra de ti: melhor te he entrares para a vida com hum só olho, do que seres mandado para o Inferno tendo dous olhos. Isto he, explicaõ os Expositores: se as tuas mãos, ou os teus pés, ou os teus olhos te levarem à occasião da culpa; evita-os, e tira-os daquelle perigo, e occasião. Vede agora, com quanta razaõ devem estes taes Senhores, e Pays de familias cortar pela sua conveniencia, vendendo o escravo vicioso, e lançando fóra de sua caza ao filho mal procedido.

Sey eu, que consta da Sagrada Escritura, (Genes. cap. 21. vers. 14.) que Abrahaõ lançou fóra da sua caza a Ismael teu filho, e de sua criada Açar; por este querer introduzir certos maos costumes a seu Irmaõ Isaac; e por lho dizer, e advertir Sara. E porque fez isto Abrahaõ? Porque era homem jus-

to, e muito temente a Deos: Porém muitos Senhores, e Pays de familias não só não querem vender os escravos mal procedidos, nem lançar fóra de caza os filhos viciosos; mas antes lhes estão disimulando os vicios, e peccados, por certas conveniencias. Mas fiquem entendendo estes taes, que se não cortarem por todos os inconvenientes, para observarem a Ley divina; haõ de ir, e levar aos mais consigo ao Inferno.

Senhor, me disse o morador, por venturoso acerto tenho a vossa vinda a esta casa: porque me abristes os olhos, que eu até agora trazia fechados, e por isso seguia o tropel dos erros dos mais. E daqui em diante, com a ajuda de Deos prometto emendar estas defordens, que as considero muito em risco de minha salvaçõ. E porque são horas de cea; aceitay esta boa vontade, que vos offereço, de ceiar em minha companhia: pois bem he, que eu vos administre a comida temporal; já que vós me fartaste com o pasto espiritual. E logo depois da cea, nos fomos agazalhar.

C A P I T U L O X I V .

Do quarto Mandamento. Dã o Peregrino muitos documentos aos Pays de familias, de como devem tratar a seus filhos: e os filhos, de como haõ de obedecer a seus Pays.

NO dia seguinte me levantey a tempo, que tambem os escravos partiaõ para o serviço: e depois de me despedir do dono da casa, e elle de mim, significando-me o grande gosto que tivera naquelle breve

breve tempo pelas muito importantes advertencias, que lhe fiz a cerca do bem espirital; me puz a caminho. E dalli a poucos passos me tufey com os mefmos escravos, que tambem se me mostraráo muito agradecidos do que eu tinha dito a feu Senhor em favo delles : aos quaes exhortey, e consoley o melhor que pude, e delles me despedi seguindo a minha viagem.

Caminhey aquella manhã até quasi as onze horas, por huma estrada defabrida de fombas : motivo, porque o Sol com feu reverberante calor me atropelava a jornada; e pela agitação do exercicio de andar se multiplicava a calma: por cuja razão me refolvi baxar a hum valle, onde descobri frondozas arvores, que de verde primavera se vestiaõ fazendo pompozas galas. E chegando a registrar o sitio, achei huma crystallina fonte; que por solitaria não mormurava; porém tão prodiga, como liberal de suas aguas; e não menos alegre, por se ver livre de pagar tributo 'à corrente de caudalosos rios, aonde se precipitaõ : ou já por se considerar isenta da prizaõ de huma arca, em que as prendem debaixo de chaves; e outras em prepetuos calabços de opprimidos chafarizes, fazendo-as derramar continuas lagrimas, por se verem reprezadas em huma rigorosa clausura. Alli passey até as tres horas da tarde, gozando daquelle ameno sitio: quando ouvi tropel de gado vaccum, que decendo do monte buscava a fresca fonte, para beber de suas aguas levantey-me, puz-me a caminho: e antes de sair fóra da espessura ao descampado, ouvi huma afinada voz debaixo de hum arvoredado repetir huma letra ao humano, tão faudosa, como amante.

E vendo eu que tinha posto fim ao passacalhe, sahi

ao campo, e vi hum Rapaz pardo; que representava ter quatorze annos de idade. Saudeyo, responde-me cortezmente. Perguntey-lhe, quem lhe havia ensinado aquelle tono? Disse-me, que o ouvira cantar a sua Senhora moça, quando aprendia a Solfa com hum mancebo, que a ensinava. Perguntey-lhe mais: Se ainda aprendia? A esta pergunta se callou o Rapaz. E eu instando lhe torney a perguntar, porque me não respondia? Tenho reccyo, me disse o Rapaz, que meu Senhor sayba que eu revelo as tragedias, que tem succedido em sua casa. Aqui me creceo mais o dezejo de as saber; porque já estava presagiando o successo: e assim lhe prometti que guardaria segredo, se me descobrisse o que havia succedido.

Sabey, Sen'or, me disse o Rapaz, que à Fazenda de meu Senhor (que fica daqui muy perto) chegou hum mancebo de muy galharda gentileza, e bello talhe, dizendo, que sabida varias artes liberaes, quaes eraõ Latin, Solfa, e muitos instrumentos musicos. E como meu Senhor he homem rico, e tem hum filho, e huma filha; dezejoso de recolher a filha para a fazer Religiosa, e ao filho Sacerdote; pedio ao mancebo, que lhos ensinasse a Solfa, por ambos já saberem ler, e escrever. Não foy necessario muito para o persuadir, a quem dezejava, e appetecia aquelle encontro: tratou logo de lhe metter a Arte da Solfa nas mãos, e a de amante no entendimento; e lhe fuy muy facil decorar a segunda, por ter o objecto sempre à vista. Não eraõ passados ainda bem seis mezes; quando (haverá vinte dias) se ausentou com ella levando muitas peças de ouro, e prata em sua companhia. F' pondo meu Senhor todo o cuidado para os poder apanhar, lhe não tem

tem valido a sua grande diligencia ; e meios o seu cabedal , para o poder conseguir : e só a maior noticia , que teve , he , que se partiraõ para a Cidade da Bahia. E neste meio tempo , ha menos de tres dias , se ausentou tambem o filho com huma mulher casada em sua companhia. E estes desgostos fizeraõ a meu Senhor cair enfermo em huma cama , onde actualmente está. Perguntay-lhe mais : se era cazado , ou solteiro seu Senhor ? Respondeo-me o Rapaz , que haveria oito annos , que lhe fallecera a mulher ; porèm que tinha em casa outra , que lhe fazia assistencia na falta da primeira.

Admirado fiquei de ver a promptidaõ , e confiança de hum Rapaz escravo , criado entre montes , seguir taõ acertada narraçaõ. Porèm vim a conhecer , que o entedimento he como a pedra preciosa , a qual ainda nacida no monte sempre brilha , e mostra seu valor. E disse logo ao Rapaz , que por não motivar alguma suspeita de ir em sua companhia , me encaminhasse para a fazenda de seu Senhor. O que o Rapaz promptamente fez.

E chegando à casa do Lavrador , me sahio huma escrava , e me disse , que estava enfermo seu Senhor , e que visse eu o que lhe queria mandar dizer. Disse-lhe eu : Filha , dizei a vosso Senhor , que tem em sua casa hum Peregrino : e que tambem estimo acharme nella agora , para lhe applicar algum remedio à sua enfermidade. Não tardou muito o dono da casa ; porque logo sahio encostado a huma moleta : e eu lhe disse o quanto sentia vello tam molestado. Tudo considero. Senhor , me disse o Lavrador , que procede de meus peccados. Assim o devemos considerar , lhe disse eu ; porque estando a consciencia livre da culpa , não ha cousa , que nos perturbe , nem molef-

moleste : e he grande o dano, que o peccado nos faz, assim na alma, como no corpo.

¶ E se não, vede o que affirma o Doutor Angelico Santo Thomás, quando diz, que o peccado he quasi infinito, pois he feito contra huma Magestade infinita. Aumenta-se sua graveza pela vileza da pessoa, que o commette; por ser hum vil bicho da terra, e hum pouco de lodo, contra seu Bemfeitor, e Creador, e Redemptor.

Os danos, que disso resultaõ a quem pecca, não ha razões que os possaõ explicar, por serem innumeraveis. Perde todo o direito, que tinha à adopção, e filiação de Deos : a proteção, que tem de seus servos, e amigos : a paz, e serenidade, que acompanha a huma boa consciencia : a participação das boas obras de todos os justos. Faz tambem ao peccador cair em outros muitos peccados, se não he diligente em se levantar delles. Poem-se o peccador em estado de não poder fazer penitencia : e fica finalmente em tal perigo pela culpa, que entre o peccador, e o inferno se não mette mais, que huma respiração.

Pelo peccado vem aos homens horrendos castigos, e desgraças; como são doenças, mortes repentinas, deshonras, descreditos, e infinitas penalidades, que os affligem : e por isso se diz : *Supplicium est pœna peccati*. Donde S. Jeronymo tirou por consequencia, que dos peccados ordinariamente procedem as enfermidades.

Finalmente he o peccado cousa para tanto se temer, como por larga experiencia temos visto, e no lo ensinaõ, e mostraõ os livros divinos, e humanos; pela grande ingratitude, com que as creaturas se haõ para com Deos, etquecendo-se dos grandes beneficios, que delle tem recebido. Se não, vede. Quem
lançou

lançou aos Anjos do Ceo, e ao Homem do Paraíso? Quem alagou o mundo todo com o diluvio? Quem abrazou aquellas cinco Cidades com fogo? Quem provocou as pragas do Egipto? Quem no deserto foy causa do castigo daquelle povo? Quem fez tragar a Dathan, e a seus sequazes? Quem soverteo a Ninive? Quem assolou a Jerusaleem? Quem cativou, e entregou a Hespanha aos Mouros? Tudo isto fez a malicia do peccado; alem de outros muitos, e grandes castigos geraes, e particulares, que houve, e temos visto, e a cada passo estaõ succedendo. Vede agora, se não he para temer, e tremer cair em peccado mortal. E para tão mortifera enfermidade, não ha melhor remedio, que usar do Sacramento da Penitencia.

Mas tornando ao proposito das enfermidades do corpo: havemos de suppor, que muitas vezes os achaques corporaes são mezinhas para a nossa alma. Porque diz o Padre Joã Eusebio no seu Livro Dictames, Decada 7. §. 69. que mais gloria, e agrado se dá a Deos em nos ter na cama inuteis para obrar, do que lhe dão todos os Anjos; e Santos do Ceo, e da terra. Louvay a Deos, tende paciencia; e as penas, que padeceis, vos servirão de alegria. E pelo contrario, será duplicada pena a enfermidade, não havendo paciencia. Alem de que muitas vezes succede, fermos nós mesmos flagello da nossa saude; como por larga experiencia estamos vendo, se experimentando, e de varios exemplos consta.

Pois como assim póde ser, me disse o morador, huma pessoa flagello de si proprio, quando de todos he tão appetecida a saude? Não só da saude, lhe respondi eu, mas tambem da mesma vida, pelo intento pezar, ou demasiada alegria.

Primciramente haveis de saber, que as causas excessivamente intensas produzem effeitos contrarios. A dor faz gritar; mas se he grande, faz emudecer: a luz faz ver; mas se he excelliva, cega: a alegria alenta; mas se he estupenda, mata: o amor póde ser tão extremo, que faça loucuras: o odio poderá ser tão extraordinario, que commetta absurdos: as effeçeis se fazem venenos, e mataõ, tanto que passaõ dos quatro graos de quente a frio. Esta he a razaõ, porque mata o grande pezar, ou a demasiada alegria.

Mas fallando agora dos effeitos do pezar: Sabeçy, que o homem tem alma racional, que os outros animaes não tem. Della resultaõ as Reminiscencias, Memoria, Entendimento, Razaõ, e Vontade, situadas na cabeça membro mais nobre do corpõ, sitio, e morada da alma racional. Pelo entendimento entende, e sente os males, e danos presentes; pela memoria os males passados; pela razaõ espera, e teme os males futuros; e pela vontade aborrece: estes tres generos de males presentes, passados, e futuros, ama, dezeja, teme, e aborrece. Por cuja causa lhe vem tantos generos de enfermidades, e tantas mortes, repentinas, quando o pezar he tão grande, q̃ basta para que de repente a vida se acabe. E quando he menor, vay pondo fraco, e attenuando pouco e pouco, segundo a qualidade do pezar que se concebe da parte de quem o padece, até que de todo acaba a vida, se se não atalha este dano com os remedios, que logo direy: por ser o descontentamento filha menor, que pare, e produz o grande pezar, ou ira por alguma grande perda, ou dano passado, de que procedem grandes fluxos, que violentamente caem do cerebro; e arrojando-se a algum mem-

membro, como depois fica em casa a discordia, (isto he, entre a alma, e o corpo) que poem aquellas especies de aborrecimento tão inimigas da saude; faz que esteja successivamente distillando o succo, pouco a pouco, gota a gota; como hum lambique, ou hyslopo; até que se seccaõ, e myrraõ os corpos, e se lhes tira o calor natural com esta tristeza, e descaimento. E ainda eu differa mais, (com licença dos professores da faculdade da Medicina) que destas causas procede a maior parte de todas as enfermidades, que vem aos corpos: o que não exponho aqui, por não me dilatar, e não ser concernente acerca do que pertendo mostrar. Só direy, que Plataõ lhe chamou discordia da alma contra o corpo. Esta faz a vida triste, e infeliz; como pelo contrario a alegria, porque a faz aprazivel, e suave. Assim o disse o mesmo Plataõ: A cousa mais doce, he passar a vida sem tristeza. E daqui resulta virem aos corpos varias enfermidades por causa da demasiada tristeza: como he tifica, lepra, apostemas, farnas, magreza, e infinitos males.

E para remedio destas tristezas, tomay estes avisos. Quando a esperanza de vosso bem faltar, buscaey outra cousa, por onde vos esqueça a dor presente, que vos penalizar: Fazey por divertilla com discreta e alegre conversação, suaves cheiros, alegres campos, correntes rios, espaçoso mar, afinados instrumentos, e sonora musica. Aqui deo hum grande suspiro o morador; e logo entendi, que era sem duvida, por ter sido a musica o motivo da sua molestia: porém como todo o meu designio era divertillo, lhe fuy buscando o golpe de mais longe.

E assim continuey dizendo: Tambem aproveita saber etes danos, que a tristeza obra na saude huma-

humana, para della se defenderem as mulheres; porque lhes resultaõ muitas vezes, por se julgarem mal cazadas, e se verem aborrecidas de seus maridos imprudentes: o que elles, como discretos, e Christãos, devem remediar, emendando seus máos costumes, prezando a suas mulheres, como são obrigados. Porém fallando do como se póde morrer de repente, e de huma má nova, ou successo inopinado; vos quero mostrar esta verdade pelos exemplos seguintes.

Conta-se, que estando o Grande Pompeyo assistindo a humas festas, nas quaes se estava representando huma tragedia, como hoje se costumaõ fazer as Comedias: a caso lhe cahiraõ de hum homem ferido humas pingas de sangue em as roupas; e logo mandou a hum pagem levallas a sua mulher Julia, e que lhe trouxesse outras. E antes que o pagem dissesse ao que hia; assim como Julia vio as gotas de sangue, cahio esmorecida, e acabou a vida. Não deixou de ser ligeira essa mulher, me disse o morador, em conceber a nova sem primeiro examiar a causa. Foy tão vehemente, lhe disse eu, a dor; que lhe não deo lugar, nem tempo, para que os espiritos a não soffocassem.

Semelhante caso succedeo em tempo de Carlos V. Em as guerras de Ungria, em o cerco de Budia, era Capitaõ Rayssico Suevo, o qual tinha hum filho de alentado valor; e sem dar parte a seu pay, fez hum desafio com hum Mouro contrario; e vierão a batalha à vista do campo dos Exercitos. E estando os mayores do Exercito com o Capitaõ vendo aos dous, fazia maravilhas o da parte de Castella, sem saberem quem era; porém foy vencido, e morto pelo contrario. Querendo saber o Capitaõ, e os mais, quem

quem era tão bom Cavalleiro; o desfarrão: e tirando-lhe a viseira, foy o Capitão que era seu filho; e no mesmo instante cahio morto, e ambos foram sepultados.

De ElRey Philippe o Prudente se conta, que estando ouvindo Missa, dous criados seus muy validos, que estavam atraz d'elle, se pozerao a fallar; e o Rey acabada a Missa, lhes disse olhando para elles: Nem vós, nem vós me falleis mais. Hum indo para sua casa, em breves dias morreo de pena: o outro ausentou-se da sua patria, e não appareceo mais diante do Rey. Por certo, bem merecida reprehensão; por faltarem à reverencia, que se deve a tão alto Sacrificio.

Conta o Bispo Barbastran-se, Hom. 43., que mandando ElRey Philippe II. tomar residencia a hum dos Ministros Reaes; entre os que o accusavao, foy hum, de quem aquelle Ministro se fiava, e tinha por amigo particular: o que sabendo o Ministro, foy tanto seu sentimento, que de repente lhe deu huma febre, com que bevemente acabou a vida.

Genebra, mulher de João Ventiolo, morreo de repente, porque foy que seus filhos haviaõ sido vencidos em huma batalha. De outra mulher se conta, que vendo a hum filho seu cair em huma lagoa, considerando que se affogava, cahio morta, e o filho foy depois salvo. A'lem de outros muitos casos, que tem succedido por força da imaginação: como foy o daquelle, que sem lhe faltar huma gota de sangue no corpo, só por imaginar que o tinhaõ esgotado por huma sangria, cahio morto de repente. Tambem conheci a hum homem, que por lhe fugir huma filha com hum mancebo, com quem andava de amores, cahio em huma cama, e della foy levado

para a sepultura. E finalmente são tantos os casos succedidos a este proposito, que seria hum processo quasi infinito a relação delles.

Pois sabey, Senhor, me disse o morador, que me tendes muito aliviado com vossa discreta conversação: e fico agora entendendo, que a causa da minha enfermidade procede de huma pena, que me acompanha; e vem a ser, que huma filha minha, a quem eu amava com extremos, se ausentou desta casa em companhia de hum mancebo, que a ensinava a Solfa. E logo me repetio tudo o que me tinha relatado o Rapaz. Porém a mayor pena que padeço, me disse o morador, he não saber a qualidade deste mancebo, que a levou furtada. Pois, Senhor, lhe disse eu, se não tendes outra cousa; supponde que não ha maior geração, que o bom procedimento. Alem de que tem havido muitos Pays, que por verem a grande vontade de tomarem estado suas filhas, ainda com homens de inferior qualidade; lhos deraõ por maridos.

Carlos Magno Rey de França vendo a sua filha tão affeiçãoada a Egenardo seu Secretario, a casou com elle; e nem por isso ficou em menos estimação o Rey, mas antes muy louvado, pela prudencia com que se houve, quando vio a sua filha carregar ao Secretario em seus braços, pela neve, por não ser sentido; podendo-os castigar: porém tudo remediou com os calar.

E por isso Santo Ambrosio deo de conselho a hum Pay de familias chamado Sisinio, dizendo-lhe que casasse a seu filho com a mulher, a quem se tinha affeiçãoado: porque casando-os, os faria melhores; e negando-lhes a sua graça, se não peyores. Lib. 8. Epist. 64.

E vede, que lá se conta, que perguntando hum Pay

Pay a Themistocles, se casaria sua filha com hum pobre de grandes partes, ou com hum rico sem ellas; respondeo, que mais queria homem que necessitasse de dinheiro, do que dinheiro que necessitasse de homem.

E assim vos digo. Esse mancebo, pelo que me acabastes de dizer, tendo taõ galhardas partes, não naceo (como lá dizem) em casa de palha. Deixay isto ao tempo; que elle mostrará, que não se enganou vossa filha, nem elle em a sollicitar por esposa; que esse deve ser o fim sem duvida, que o levou a fazer esse excessso: porque se em semelhante caso se houvesse de dar desculpa a hum homem, só nesse particular a devia ter. Ponha-se cada qual em seu lugar, e nessa idade, e veja se tem desculpa à vista de taõ franca entrada, que lhe déstes; por ser o melhor uso o da occasiã: o nescio a não conhece, se não pelas costas; o discreto adivinha antes de chegar. A esse mancebo mettesteslhe a occasiã nas mãos; quiz-se aproveitar. O ponto he tratardes de os soccorrer, para que gozem do estado em paz.

Porém isto supposto, pergunto: Que idade tinha vossa filha? Vinte e cinco annos, me respondeo o morador. Pois sabey, Senhor, lhe disse eu, que não ha cousa que mais vivamente seja combatida, do que a mulher: e assim devem os Pays sobre maneira doutrinar as filhas, e dar-lhes estado a seu tempo. Porque assim como quando amadurece a vinha, se lhes deve pôr cabana, e feitor; assim tambem chegando a idade à mulher, tem necessidade de guarda, casa, e marido. Havia huma ley entre os Godos, que dizia assim: Mandamos, que o Pay por casar dez filhos, não trabalhe hum dia; mas por casar huma filha virtuosa, trabalhe dez annos.

E por se não ajustarem muitos Pays com esta doutrina, succede-lhes casarem-se as filhas contra suas vontades, e nem por isso estão livres os Pays de lhes prestar alimentos: porque dispoem o Direito Civil, que a filha possa pedir alimentos, ou seu dote, quando o Pay foy moroso em a casar, ou dar estado. E he sentença commua dos Doutores, que ainda que casem com pessoas indignas, as devem seus Pays alimentar, tendo com que o possam fazer: e só se poderão escusar deste encargo, se ellas se casarem com pessoas ricas.

Porém tambem os filhos são obrigados casar a contento de seus Pays, para com acerto contrahirem aquelle estado, como diz Sanches de Matrim. lib. 6. disp. 33. n. 10. E os que se casaõ contra vontade de seus Pays com pessoas desiguaes, peccaõ gravemente. Fagundez in Decalog. lib. 4. cap. 4. n. 3. Porém tendo tomado conselho, e sendo pessoa digna; ainda que seus Pays lho contradigaõ, podem contrahir matrimonio. Sanch. loc. cit. e outros muitos. E ao filho obediente a seus Pays, nunca lhes pôde succeder mal. E pelo contrario sabemos, que muitos filhos, por não serem bem ensinados a seus Pays, vem depois a experimentar o mesmo quando tem filhos. Como se conta daquelle Pay, a quem o filho trouxe pelos cabellos a empuxões pela escada abaixo; e chegando a certo lugar, lhe disse o Pay: Basta, filho; que até aqui trouxe eu tambem deste modo a teu avó em outra occasião. Filho es, e Pay serás: assim como fizeres, assim te succederá.

Finalmente, não ha mayor gloria para hum Pay, do que ver a seu filho obediente: nem mayor felicidade para hum filho, do que ser obediente, e honrar a seu Pay. Por esta certeza recommendou Salamaõ

maõ aos filhos a observancia dos preccitos paternos. Prov. 6. 20. Saõ reciprocas as glorias entre o pay, e os filhos : e tambem as injurias. O filho sabio alegra a seu pay : o pay estimado ; he bemaventurança do filho. Prov. 10. 1. Mais glorioso foy para Eneas o nome de piadoso , lalvando nos hombros a seu Pay ; que o de valeroso , tendo a seus pés a seus inimigos. Ditofos chamou Euripides aos pays , que tem filhos obedientes. E pelo contrario se pôdem intitular desgraçados, os que tem filhos descomedidos aos conselhos, e preceitos justos de seus pays. Por isso, como diz Quintiliano, saõ os filhos as esperanças dos pays, quando obraõ bem, e virtuosamente.

Porém fallando agora da obrigação, que temos, de guardar este quarto Mandamento de honrar ao pay, e à mãy : não só se deve entender dos filhos para com os pays ; mas tambem do cuidado, que haõ de ter os pays para com os filhos na boa educação, dando-lhes a boa doutrina, ou sejaõ legitimos, ou naturaes : mandando-os aprender a Doutrina Christãã, e as boas partes, conforme as posses de cada hum : e se não puderem mandallo fazer por pobres, estaõ obrigados a ensinillos.

Senhor, me disse o morador : E se o pay for taõ inutil, que nem para si sayba a Doutrina ; que ha de fazer ? Respondo, lhe disse eu. Por isso dispoem a Santa Igreja com muito acerto, que os contrahentes, antes de casar, saybaõ a doutrina Christãã : e que os Parocos tenhaõ cuydado de lha perguntar. Se isso se observasse, me disse o morador, creyo que muitos deixariaõ de se casar, por se não quererem examinar.

Bem poderia ser que assim succedesse, lhe disse eu : porém supponho, que não haverá algum que to-

me esse estado, sem saber a Doutrina Christãã. E os pays, por se livrarem desse encargo, devem procurar dar-lhes Mestres, que os ensinem. E quando não tenhaõ posses para isso, devem ir, e levalllos consigo à sua Matriz, para aprenderem, ao tempo em que o seu Vigario, ou Cura costuma fazer Doutrina a seus fréguezes.

E quantos Vigarios, e Curas nesta terra, me disse o morador, o deixaõ de fazer! Pois sabey Senhor, lhe disse eu, que são obrigados sob pena de peccado os Curas, e Vigarios a ensinar aos seus fréguezes em os Domingos, e dias Santos toda a Doutrina Christãã, e rudimentos de nossa Santa Fé Catholica; explicando-lhes a obediencia, que devem ter a Deos, e a seus Pays; por assim lho ordenar o Sagrado Concilio Tridentino, e huma Constituição de S. Pio V. tão apertada, que he opiniaõ dos Doutores, queo Vigario, ou Cura que isto não fizer, pecca mortalmente: alem das mais Constituições de todos os Bispados, e Arcebispados.

E se bem soubera hum Christãõ, de quanto proveito lhe he o ensinar a Doutrina Christãã aos que della necessitaõ, além das grandes indulgencias, que tem concedido os Summos Pontifices a quem a ensina, e ouve; andariaõ muitos pelo mundo occupados neste santo exercicio: assim pela grande gloria, que nisso daõ a Deos; como pelo seu proveito, e pelo que respeita de bem a quem a aprende.

Por isso muitos Santos, e Varões doutos, à imitação de Christo Senhor nosso, que foy o primeiro Mestre da Doutrina Christãã, se occupáraõ neste santo exercicio. Santo Ignacio de Loyola em toda a sua vida o exercitou, e deixou recommendado por Regra a seus Religiosos; que muy pontualmente o cõtaõ.

taõ observando : porque conheceo muito bem o santo Patriarca, que não podia haver maior serviço para Deos, proveito para as almas, e terror para o inferno; do que ensinar a santa Doutrina Christãã.

Ainda nas mulheres foy esta santa occupação muy louvada, como consta da vida de muytas Santas. E veja-se o que obrava Santa Maria Magdalena de Pazzi, ainda sendo menina, occupando-se nesta santa virtude naquella Aldea, onde seus nobres Pays tinham as suas fazendas, como se refere na sua vida.

Afsim conheço que he, Senhor, me disse o morador: porém muito o temem fazer, porque os não tenhaõ por hypocritas. Isso procede, lhe disse eu, porque cada hum condena o que não tem, por não confessar, o que lhe falta: demais que não ha obra tão boa, a que se não atrevaõ maos olhos, e peyores juizos; como lá disse huma douta penna. O ponto está em que seja com recta intenção de servir, e agradar a Deos.

Mas tornando a fallar do ensino, e partes que haõ de ter os Mestres; se deve advertir, que muitos Pays caem neste erro levados de huma afeição, por não conhecerem o quanto se requer para se fazer eleição de hum bom Mestre para seus filhos. O Mestre ha de ser Christão, anciao, prudente, e Sciende na Arte que ensinar: e os que não tiverem estas partes, lhes não devem os Pays entregar seus filhos para os ensinarem a doutrina Christãã; e com muito mayor razão se lhes não deve encarregar as filhas para o mesmo effeito, por serem as mulheres de muy differente sexo, e se requerer muita prudencia, e virtude para as tratar. Por isso lá disse huma prudente Matrona, que antes queria a suas filhas menos Scientes, e mais recolhidas: dando esta ra-

zaõ a quem lhe tinha dito, que nunca as havia de ensinar bem em casa, se lhes não dêsse Mestre de fóra.

Devem tambem os Pays de familias cuidar muyto na boa educaçõ de seus filhos e escravos, dando-lhes o sustento, e o necessario para se vestirem, além da boa doutrina; e obrando o contrario, peccaõ mortalmente neste preceito. E sobre tudo, devem ter grande cuidado; e zelo na guarda de suas familias, como joyas de valor precioso, que Deos lhes tem encarregado, e de que lhes ha de pedir muy estreita conta; se as deixarem perder. Bom exemplo nos deo Christo naquelle bom Pastor, e Pay de familias, que por huma ovelha perdida deixou noventa e nove; porque conhecia, como tam zeloso do bem das almas, o quanto lhe hia em levar o Lobo infernal aquella desgarrada do rebanho. E de muitos Pays de familias sabemos, que as estaõ deixando levar a pares, e a montões para o Inferno por falta de vigilancia, consentindo sahir a seus filhos, e escravos a todo o tempo, sem lhes perguntarem para onde vaõ, nem especularem em que se occupaõ. Por isso Job fallando dos peccadores disse que os ha Deos de castigar, fazendo que vejaõ os pays com seus olhos padecer seus filhos e morrer, a sua vista. 21. Inter. l. 16.

Tambem costumaõ muitos Pays amar tanto a seus filhos, e alguns senhores, a seus escravos; que idolatraõ nelles: e por este amor desordenado; permite Deos, que vejaõ mào fim destas taes creaturas, para a sua mayor confusaõ. E a muitos tem acontecido acabarem as vidas nas mãos dos mesmos escravos, que em tanto mimo crearaõ; porque mais prezaraõ o amor das creaturas, que o do Creador: como consta de

de varios exemplos, que tem succedido no mundo, e principalmente neste Estado do Brasil. Já nos filhos temos visto, que o muito mimo com que os tratao os Pays, tem sido a causa de os deitarem a perder, e verem delles lastimosos successos, acontecidos por não os reprehenderem, nem lhes darem boa doutrina em quanto pequenos: como se conta daquelle, que cortou os narizes com os dentes à mãy ao pé da forca, pelo deixar em quanto pequeno furtar; e obrar mal, sem reprehensão, nem castigo. O Pay, que quizer crear bem a seu filho, deve-lhe ir cada hora á mão, e não o deixar fair com seus appetites: porque a mocidade he muito tenra para resistir aos vicios, e muy capaz para receber conselhos.

E se direy eu de muitos pays, senhores, e Superiores, que sabendo dos vicios, e peccados de seus filhos, escravos, e subditos, os não reprehendem; e tal vez que os estejaõ dissimulando: principalmente no peccado do concubinato. Pois agora vos quero advertir huma cousa, que não sey se a tereis já ouvido. Sabey, que não ha de haver filho familia, tendo pay; e estando debaixo do seu patrio dominio; nem escravo tendo senhor; nem subdito tendo superior; amancebados: porque estes taes pays, senhores, e superiores tem obrigação de os evitar, e castigar deste peccado, conforme o poder, que Deos lhes tem dado. E quando se não queiraõ emendar com a palavra, executem-no com o castigo; e por isso terãõ de Deos o premio, e ferãõ dos homens louvados.

E se não, dizey-me: Que mais fará, ou deixará de fazer hum hoir em a seu inimigo, do que hum pay destes à sua familia? O muito, a que póde chegar o odio do inimigo, he tirar-lhe a vida: porém hum pay destes, alem de expor os seus filhos a risco de lhes tirar em

rarem a vida, os faz perder a alma. Não cuide algum, que por orar, jejuar, e fazer outras obras de virtude, fica livre de ser castigado de Deos, faltando à obrigação do seu estado.

São os filhos destes taes, semelhantes aos filhos das tartarugas, as quaes costumão lançar os ovos nas prayas: porque depois de se gerarem, e terem forças para romperem a area dos vicios, se vão metter no golfo do mar dos peccados, onde encontrando-se com os vorazes tubarões, estes os comem, por não terem pays que os livrem do perigo, que he o peccado, nem das garras do Demonio; e assim os levão ao abismo do inferno, a padecer eternamente. Podião porém ser como os filhos das Aguias, as quaes os criaõ no ninho até que tenhaõ azas, que he a boa doutrina; e depois de os ensayarem a tomar os primeiros voos, os levão consigo a esse remontado ar a registrar a luz do Sol, que he o conhecimento da fé de Deos: e assim não ha gaviaõ, nem ave de rapina, que se lhes atrevaõ, por terem pays Aguias, que os defendeão; e com elles sobem no fim da vida a descansar nesse monte Olympo da Bemaventurança, que he o Ceo.

Diz S. Paulo, que os que não tem cuidado dos seus, e especialmente domesticos, negou a fé, e com effeito he peyor que o que a não tem. Porque, como declara Theofilacto, não ha infiel taõ alheyo da razaõ, nem Barbaro taõ deshumano, que não cuide dos que vivem debaxo do seu amparo, e se dê por obrigado a defendellos.

O Pay de familias ha de ser Argos de dia, e de noite: ha de saber contar, vigiar, e pezar os passos dos seus filhos, e escravos. Ha de ser homem de conta, pezo, e medida; porque lhe vay muito
nisto

nisto; pois se perdem muitas cazas, por não haver este cuidado. E se não, vede. Perde-se o mercador, por não contar: perde-se o navegante piloto, por não vigiar os tempos, nem observar os astros: perde-se o Lavrador, por não pezar, nem medir, como he razaõ: e finalmente, até na Solfa se devem contar as pausas, medir os compaços, por não fazer dissonancia na musica.

Costumava Labaõ mandar pastorar o seu gado por suas filhas Raquel, e Lia; e por se recolherem hum dia mais cedo que nos mais, lhes tirou residencia, perguntando-lhes a causa de virem mais cedo: porque lhes contava os passos. E muitos pays sey eu, que não só não contaõ os passos às suas filhas, mas antes as deixaõ caminhar para onde não deviaõ ir. Corrompe de o dizer; porém como me obriga o zelo de publicar a verdade, hey de manifestallo: e queira Deos que aproveite. Póde haver maior descuydo, que deizar hum pay, e huma mãy fahir huma filha só em companhia de huma escrava deshonestã, por caminhos de fontes, rios, e roças, sem disto fazerem caso? Sendo que só isto se devia evitar com grande zelo, para a conservação da honra, e serviço de Deos, pelo que tenho ouvido contar, e visto succeder acerca deste particular.

Naõ sey eu, que mayor martyrio se póde dar a huma donzella honestã, e virtuosa, do que levalla à casa de huma mulher publica. Sey porém, pelo que tenho lido, que este foy hum genero de tormento, com que aquelle Tyranno quiz atormentar a Santa Luzia, para ver se a podia divertir do Santo amor de Deos, para que deixasse de ser Martyr, e completar o seu Santo desejo: ao que Deos acodio como taõ piadoso em a livrar, para que conseguisse

guisse o seu glorioso martyrio.

E que mais tem (perguntára eu) huma publica meretriz, do que huma escrava deshonestá? E se me differem que as deixoã ir, por serem ainda de pouca idade; saybaõ, que eu tenho visto raparigas de nove, e dez annos; já perdidas: e quando logo se não percaõ; irãõ aprendendo, para se deitarem a perder. E menos convém (aconselhára eu) o deixallas ter estreita amizade com estas taes, por não aprenderem na escola da maldade. E daqui naceo dizer hum Author, que as mininas se devem trazer nas meninas dos olhos.

Por isso os Persas faziaõ eleição de escravos de virtude, e bem inclinados, para lhes entregarem seus filhos. E saybaõ os pays, que de não haver esta cautela procedem taõ grandes defordens, e ainda muitos defcreditos em casas honradas. E muytas vezes he mais necessaria a cautela com os de casa, que a guarda com os de fóra; pelo muito, que estamos vendo, e experimentando: que se não fora por offender a medestia, vos repetirá casos horrendos, e espantosos de se ouvirem contar.

Alerta, alerta, Pays de familias; que volo diz quem não tem menos, que o dezejo de aumentar a gloria de Deos, e o zelo do voffo credito. E tomem exemplo as senhoras Matronas da Mãy de S. Luiz Rey de França, que o recebia nos braços, sendo menino, e lhe dizia, que antes o queria ver morto, que vello offender a Deos: causa, e motivo, porque foy Deos servido que viesse a ser Santo. Porque a virtuosa doutrina nos primeiros annos, he o mais seguro alicerse da fabrica da natureza humana.

De Socrates refere Plutarco, que entre os documentos que deu para o bom governo da Republica,

foy hum, e não menos importante : que não permitissem aos moços ouvir palavras indecentes, nem musicas lascivas, nem comédias, ou farças profanas ; porque se prendião, de forte na mocidade, que se convertião em vicios na idade mayor. E por isso exhortava, que os ensinassem a ouvir ccuzas sérias, e graves, e que os apartassem dos vicios, e indutriassem em virtudes.

Com muita razaõ, e cabal experiẽncia tendes fallado, me disse o morador, acerca desse particular : e ainda [mal, que assim succede. E oxalá, que mais cedo vos tivera eu ouvido esses exemplos : porque poderia ser, que não chegasse a experimentar semelhantes golpes, e descritos na minha casa.

Porém ouvi, continuou o morador : porque ainda se me duplica mais esta pena com outro acontecimento, que me sobreveyo. Haverá tres dias, que desta casa se me foy hum filho de idade de dezotto annos, levando em sua companhia hum a mulher casada : e fez tambem, que o acompanhasse hum escravo meu, que andava amancebado com hum escrava da mesma mulher. E o que mais temo he, que o marido por se ver offendido de semelhante descrito, se partio atraz delles ; e supponho, que a cada instante se encontraõ, do que sem duvida resultará alguma desgraça. Vede, se tenho razaõ para padecer penas, e molestias à vista de tão grandes causas.

Sabey, Senhor, lhe [disse eu, que de duas causas, pela mayor parte, succedem nos filhos semelhantes desordens : a primeira he o mau exemplo ; a segunda, a má inclinação. E eu dissera, me disse o morador, que tudo provém da má inclinação. Respondendo, lhe disse eu : algum imperio tem na creatu-

ra a má inclinação; porém pela mayor parte semelhantes vicios procedem do mau exemplo, e falta de doutrina. Varios são os exemplos, que acerca deste particular se contaõ, e se tem visto. E basta para confirmação de tudo, o que diz Christo Senhor nosso, julgando por menos mal a qualquer homem ser lançado com huma pedra ao pescoço no mar; do que dar mau exemplo a outros de peccado. Porque a mayor gloria, e honra, que se póde dar a Deos, he o bom exemplo, e ensinar aos ignorantes. Não he ditto meu, mas de todos os mayores Santos da Igreja. Christo Senhor nosso venceo, e convenceo aos peccadores com bom exemplo. Porque he certo, que o que trata com bons, bom fica, e o que lida com perversos, perverso fica, e destrahido.

E se não, dizey-me. Que ha de fazer o filho, ou escravo, vendo que seu pay, ou senhor caminha para o peccado? Necessariamente ha de seguillo: e por isso convém, que os mayores na idade dem bom exemplo. Porque ver o moço, que se não reforma o velho: ver [que o velho, que lhe havia de dar bom exemplo, lhe dà escandalo; que outra cousa he, se não ter authoridade para peccar sem freyo? O pay de familia ha de ser hum espelho limpo, e sem mancha, para que sua familia se veja nelle, e emende seus defeitos. E vede agora, como poderá reprehender, quem se acha comprehendido, e tal vez na mesma culpa.

A este proposito vos contarey dous exemplos, hum succedido, e outro moralizado. Conta-se, que indo hum homem por huma estrada com dous filhos rapazes em sua companhia, achou a outro homem dormindo; e na consideração de que teria algum dinheiro, o matou. E depois, chegando os dous rapazes

pazes a casa, disse hum ao outro : Façamos, como fez nosso pay ao homem; e logo fez que dormia hum; e o outro lhe tirou a vida. Vendo a mãy aquelle lastimoso caso, levada da payção; matou ao filho, que tinha morto ao irmão. Chegou o pay neste conflicto; e vendo aquelle desastrado successo, matou a mulher. E sabendo a justiça destes casos, prendeo ao homem, e foy logo justificado pelos crimes, que tinha feito. Vede, como succederaõ estas desgraças de hum mau exemplo.

Vay o caso moralizado. No tempo, em que dizem que fallavaõ os brutos, se conta, que estando hum animal immundo em hum lameyro, lhe chegou hum filho à sua presença: e vendo o pay ao filho tão sujo, lhe disse: Vem cá: porque não andas limpo, e aceado, como andaõ os filhos dos outros animaes? Olha como anda limpo o Cordeiro, o Cabrito, o Bezerro, e ainda o Caõ, e o Gato: tão nêdios, e facodidos do pò da terra; e só tu andas tão sujo, e enlamiado. A isto lhe respondeo o filho, dizendo: Meu pay, se eu ando desta sorte, he porque vos vejo nesse lameyro, A este dizer do filho se virou o pay para outra parte, dando-lhe as costas.

Esta moralidade assenta sobre muitos pays, que estaõ cheyos de vicios, e querem reprehender a seus filhos, e domesticos da mesma culpa. E assim tambem se deve entender para todos aquelles, que tem obrigação de emendar, e reprehender aos nêos, e não trataõ de se corregger primeiro a si mesmos.

E para acabar este discurso, vos quero repetir huns versos pelas letras do A, b, c, que dizem se acharaõ escritos no testamento, com que falleceo hum homem no Reyno de Portugal; nos quaes deixou hum extracto, com que se haviaõ de governar
seus

seus filhos : e supponho , que em vida se não devia ter descuidado delles , quem depois de morto lhes deixou avisos , e documentos , para melhor se saberem governar.

A, B, C, de exemplos.

A.

A Mor de Deos seja estudo
Da vossa melhor lição,
Propondo no coração
Amar a Deos sobre tudo.

B.

B Om homem, será razaõ,
Vos faça o procedimento,
Sendo o principal intento
Fazer por ser bom Christaõ.

C.

C Ortez fede; que he defeito
Faltar este aviso humano :
Por hum chapeo mais cada anno
Compray agrado, e respeito.

D.

D Ay; que he tributo denobre,
Quanto no avaro baixeza.
Day ao mayor por grandeza :
Day por caridade ao pobre.

E.

E Spelho seja o conselho
Nos claros a vós attento,
Compor o procedimento
Pelo lume deste espelho.

F.

Fiel a Deos, e ao Rey dado;
Porque Deos assim o ordenou;
A Deos, porque vos creou;
Ao Rey, de quem sois criado.

G.

GRaças, e equivocos fós;
O que natural cair;
Que he mau o fazer rir,
Podendo-se rir de vós.

H.

Honra, he joya que mais val,
A tudo o mais preferida;
Pela honra se arrisca a vida;
Que a honra he vida immortal.

I.

IRa, fique-vos de aviso,
Não vos domine a razaõ;
Que onde governa a payxaõ,
Não obra livre o juizo.

L.

Livros não fechados, lidos,
 Saõ só para que se tem;
 Que Livros que se não lem,
 Saõ thesouros escondidos.

M.

Mentir na realidade,
 Leva dos vicios ao cabo:
 Pay da mentira he o Diabo;
 E Deos he summa verdade.

N.

NAmorar, só deve ser,
 Quando hajais de namorar
 A mulher para cazar,
 E nunca para a offender.

O.

Olhay em tudo o que obraís,
 O incerto fim, que tereis;
 Que logo atrás tornareis,
 Se adiante não olhais.

P.

Peccar, he grave dilito:
 Mas se peccas, filho, quando.
 A Pedro imitas peccando;
 Imira a Pedro contrito.

Q.

Quem fois, he simples vaidade,
Que trazeis no pensamento;
Que o melhor procedimento,
He só melhor qualidade.

R.

RAzaõ em toda a occasiã
Vos assegura de ultrage;
Que armas levais de ventage,
Se vos armais de razaõ.

S.

Soldado sede, e servi;
Pois nisso vos occupais:
Aos perigos não fujais;
E á ociosidade fugi.

T.

Terra melhor he a Corte:
Tudo o melhor se acha nella;
Mas vivey nesta, ou naquella;
Que tudo he patria de forte.

V.

Vivendo sempre ajustado,
Conforme a renda, ou despeza;
Gastar menos, he baixeza;
Gastar mais, será peccado.

X.

X Adrez, e os mais jogos, arte
São de engenho : mas o officio
De jogar, sempre he vicio;
Sabellos jogar, he parte.

Z.

Z Elo vos advirtirey
Da Fé : he bem que se dé
Vossa vida pela Fé,
Vossa honra pela Ley.

Naõ me podieis dizer cousa de tanto agrado, me disse o morador, como nos verios, que acabastes de repetir; os quies prometto trasladar, para me servirem de regra, e documentos, que ainda nesta idade me poderão aproveitar. E no mais que me tendes aconselhado, melhor mo não podieis dizer, nem reprehender, pelo que logo vereis.

E chamando por huma escrava, mandou que viesse perante nós a mulher, que até aquelle tempo tivera em sua casa. A qual chegando a nossa presença, e saudando-nos, lhe disse elle : Sabey, Senhora, que até o presente estava eu cego : foy Deos servido, que chegasse a esta casa o senhor Peregrino, para que me abrisse os olhos, e tirasse a cegueira em que vivia. Tendes duzentos mil reis, e huma escrava para vos servir. E logo à minha vista contou o dinheiro, e lho deu, entregando-lhe tambem a escrava : e a fez meter em huma rede aos hombros de dous escravos, e ir para a casa de huma parenta della mesma.

Muito

Muito vos louvo Senhor, lhe disse eu, vovos com tão grande resolução de tratar do bem, da vossa salvação. Primeiramente ninguem se póde salvar sem padecer com Christo, e levar a sua Cruz; nem se póde ir ao Ceo ás mãos lavadas, com gestos, e alegrias: antes he certo, que quem nesta vida tiver glorias, na outra ha de ter tormentos: e por isso Christo Senhor nosso nos aconselha, que tomemos a nossa Cruz, e o sigamos. E assim, fundado no mesmo conselho de Christo, vos digo, que trateis logo de repartir a vossa fazenda com vossos filhos: e do que vos ficar, ponde em parte segura a razão de juro, quanto baste, para que de seus ganhos vos vades mantendo, e possais passar a vida; e do mais reparti com Deos, e com os pobres.

E para que tenhais melhor conveniencia de vos dar a Deos, buscay hum lugar perto de alguma Igreja, aonde possais todos os dias ir ouvir Missa; e nas festas confessarvos, {fazendo aquella penitencia, que vos der vosso Confessor, e vossas forças vos ajudarem. E no mais tempo tratay de ouvir os Sermões, e principalmente os de doutrina: Lede tambem livros espirituaes, e vidas de Santos: conversay com homens virtuosos; que tudo são meyo, por onde melhor se vem ao conhecimento da summa verdade. E vendo Deos que vós fazeis de vossa parte por alcançar a sua graça, não vos ha de faltar com os seus divinos auxilios.

E já que Deos foy servido inspirarvos tão grande resolução, vos quero agora advirtir (para que estejais tambem de acordo) do que vos póde succeder com o Demonio, e com os mesmos homens seus corretores. Haveis de ter muy grandes tentações. O Demonio vos ha de metter na imaginação: Para que

es louco? Afi n largas a tua fazenda, que tanto te cu tou a ganhar: e conservar; para ires experimentar descommodos, e vires a cair em tal pobreza, que pereças a necessidade? Se Deos te quizer salvar, tambem aqui o póde fazer. E com estas, e outras considerações, ha de ver se vos póde tirar deste bon intento. O melhor acerto he não lhe tornar reposta, e dizer-lhe, como lhe disse Christo, quando lhe promoveo os haveres do mundo: Vayte de junto de mim, Satánas. E vede, que se Eva se não detivera, em razões com a Serpente, tal vez que a não faria peccar.

Os homens vos haõ de dizer: Não sejais tão levado do primeiro parecer. Esse homem, que vos aconselhou, póde errar: porque como he pobre, e não tem tem experimentado o descanço, que Deos vos tem dado nos bens que possuís; suppoem, que assim como elle vive da divina providencia, tambem vós podereis viver. Engana-se, e enganavos; porque muito cahirão em grande desesperações, por se verem em summa pobreza: todos não tem valor, e espirito, para serem pobres. Parece cousa muy dura, ver mendigar a hum, que já teve. De mais, que não consiste a virtude só na pobreza: porque muitos pobres conhecemos nós bem cheyos de vicios, e peccados. Vós não sois tão velho, que ainda não possais viver vinte, e trinta annos: e neste tempo senão riverdes fazenda, ninguem vos ha de soccorrer; mas antes aquelles mesmos, que hoje vos buscão, fugirão de vós.

A tudo isto podeis responder; porque não vão estes corretores do Diabo sem reposta, e fiquem confundidos. Primeiramente dizey-lhes: Onde me póde este homem enganar, que não vá dar eu em acerto?

to? Prometteme, que por padecer por Christo se-
rey premiado: assim o diz o Evangelho: (Math. 16
n. 24.) que o que quizer gozar da gloria, ha de ter
parte na Cruz de Christo: isto he, ter trabalhos, e
padecer neste mundo por alcançar a gloria. E se
naõ, vede o que disse Christo Bem nosso àquelle
le] Principe, que lhe foy pedir o conselho para
se salvar. Vay, lhe disse o Senhor, vende so que
rens, reparte-o com os pobres, e segue-me. (Mat-
th. 19. 21.) E se eu vier a ser pobre: he tal a sua di-
vina providencia, que sustenta aos bichos da terra;
quanto mais às suas creaturas racionais.

Em quanto ao deixar o descanso: bem tenho eu
experimentado, que o dinheiro me naõ valéo, para
que deixasse de padecer tantos trabalhos, e ceive-
los nos desgostos que me affligirão. De mais, di-
zey-me: Quanto posso viver? Vinte annos. Dayf-
me a certeza de que possa viver esse tempo? He certo
que naõ. Pois, que mal faço eu em me querer asse-
gurar nesta incerteza? E dado que possa viver esse
tempo: de que me serve mais larga vida, tendo pas-
sado tantos annos sem me aproveitar em nada do
bem espirital, ao que estava obrigado como Chris-
taõ? Logo bem he, que me sayba agora aprovei-
tar neste restante da vida, se Leos me der tempo
para poder fazer boas obras: porque estas são as lu-
zes, que nos haõ de alumiar na outra vida, como
diz o sagrado Evangelho. Matth. 5. 16.

E pouco importa que sujaõ de mim aquelles, que
me buscavaõ por dependencia: porque he sem duvi-
da, que a causa, porque fogem todos de hum pobre,
he pelo considerarem com pouco prestimo, como hum
edificio arruinado, ou arvore que está cair. Sendo
que, como estes homens medem as ceusas pelo que

Ihes parecem, e se Ihes representaõ pela cegueira da culpa; enganaõ-se. Porque nunca mais seguro está hum Christaõ, que quando se vé fora dos impedimentos do mundp, que são as riquezas, para estar mais firme na graça de Deos: porque he certo, que as riquezas são estradas para o inferno; e a pobreza com paciencia, caminho para o Ceo.

Tudo isto Ihes podeis dizer: porque he certo, e infallivel, que nada nos dá mais pena na hora da morte; do que os gostos, regalos. e riquezas, que gozamos nesta vida. Defenganay-vos, Senhor, e tende por cousa infallivel, que he muito necessario padecer por Deos, para merecer a sua gloria. Este exemplo nos deu Christo, sem ter necessidade de o fazer; e depois o imitaraõ todos os Santos, que estão gozando da Bemaventurança. Porque he cousa impossivel, e incompativel, ter glorias, regalos, e descansos neste mundo; e ao depois tellos tambem na outra vida. E disto estão os livros cheyos de varios exemplos, e a experiencia nolo mostra. Porque he certo, e indubitavel, que qual tiver sido a nossa vida, tal será a nossa morte.

Em quanto à razaõ de ser ainda cedo, para tomar esta resoluçaõ: Sabey, que os que determinaõ passar para a nossa Patria, que he o Ceo, necessitaõ de muita presteza, e devem começar logo a aviar. E se não, vede o que se conta, que succedeo a hum dos nossos Reys de Portugal com hum grande Piloto da India. Perguntou-lhe o Rey: Quando seria acerto partirem as Náos para a India? Respondeo o Piloto: que a melhor monçaõ era em vinte e cinco de Março. Tornou a Perguntar o Rey: De manhã, ou de tarde? Disse-lhe o Piloto: De manhã, Senhor; que de tarde, já he tarde.

Oh que grande documento para os navegantes do mundo, que pertendem fazer viagem para as Indias do Ceo, esperando para o tempo em que chega a noyte da velhice, a escuridaõ dos trabalhos, e o sono da morte; não havendo então lugar de fazer penitencia, nem tempo de arrependimento dos peccados! Porque diz Santo Agostinho, que a penitencia na enfermidade he enferma, e na hora da morte he morta.

De ElRey Filippe o Prudente se conta, que estando para morrer exclamou; dizendo: Oh quem nunca fora Rey! E se isto disse hum Monarca taõ ajustado na sua vida; que dirá hum peccador mettido na culpa, e embaraçado nos negocios? E assim vos peço, Senhor, que não deixeis para a hora da morte hum negocio de tanta importancia, como he o da vossa salvação: porque os Demonios nos tentaõ, os homens nos preseguem, e a mesma consciencia nos accusa.

Finalmente, dizem os Ricos mundanos, que o homem que larga a sua fazenda, e a deixa de aumentar, he louco: e fazem este argumento. Quem troca as riquezas pela pobreza, o povoado pelo deserto, as casas pelas covas, a conversação pelo silencio, os manjares pelos jejuns, o regalo pela aspereza, e a estimacão pelo desprezo; he falto de juizo. E porque, vos parece, julgaõ isto assim estes taes homens? Por falta de consideracão. Porque estes são verdadeiramente os loucos, e cegos: e como taes não podem julgar de cores, nem avaliar o precioso; porque estaõ lefos, e cegos do engano do mundo; e assim não podem ver a realidade desta verdade.

Se elles estivessem com os olhos livres desta cegueira, conheceraõ, que tudo o que applaudem
por

por bom, he vaidade de vaidades; como lhe chamou o Sabio. (Eccl. 1. 2.) E veriaõ entaõ, que o verdadeiro bem consiste em largar as riquezas, fugir dos homens e dos povoados, buscar o solitario: e em fim desprezar tudo o que o mundo ama, por buscar a Christo para alcançarmos o que elle nos promette no seu Evangelho. (Matth. 19. 29.) E entaõ seriamos do numero dos predestinados, e compraríamos com o que deixassemos, a bemaventurança; pois são pouco ou nada todos os bens do mundo, a respeito dos bens da gloria; por serem estes de taõ inestimavel valor, que não ha quem possa declarar sua grandeza.

S. Paulo com chegar ao terceiro Ceo, e ser taõ grande Doutor; quando melhor quiz explicar estes bens, sómente disse, que Deos tem o Ceo preparado para os que o amaõ. (1. ad Cor. 2. 9.) Porque tudo he gloria, e riquezas em a casa de Deos, sem que alli se padeça necessidade alguma: tudo he hum bem accumulado de todos os bens, sem receyo de já mais perdello: não ha lá noyte, nem calor, nem frio, nem mudanças do ar; tenaõ hum perfeito dia, alegre, claro, sereno, cheyo de toda a seguridade para sempre.

Vede agora a que vay dos bens momentaneos, e caducos dos ricos, e grandes da terra, para os permanentes, e eternos do Ceo, que esperaõ possuir esses, a quem elles desprezaõ, e chamaõ loucos: e sabey; que estes bens, e não aquelles, são os que Deos tem preparados para os que o amaõ, como nos diz S. Paulo, e promette Christo Senhor Nosso no Evangelho. Matth. 19. 29.

E logo senti no morador huma interior alegria, taõ grande, que até no exterior se divulgava o contenta-

tentamento da alma, que estava bem com Deos: motivo, porque me persuadi fer a sua resolução firme, e que seria permanente; promettendo-me observar os meus conselhos. Alli passsey aquélla noyte, e no dia seguinte me despedi do morador, ficando elle tão faudoso, como contente dos conselhos, que lhe tinha dado.

C A P I T U L O X V .

Do quinto Mandamento. Mostra o Peregrino, que não devemos matar, nem offender a nosso proximo: e aconselha a hum creminozo o meyo de livrar da culpa, em que estava: e de como prometio Deos, que tudo succedesse bem.

COm effeito, pois, me puz a caminho: e reparey, que o Sol me occultava suas luzes, porque as nuvens lhe impediaõ o poder brilhar com ellas, e cada vez mais se hiaõ condensando: até que chegando à estação mais ardente do zenit, rasgou hum volante pardo, se cintillando; hum relampago, retumbou logo hum trovão; mostrando, que como Monarca das luzes sentia as opposições, que lhe faziaõ a se grande luzimento, e o menos decoro à sua pomposa magestade. Motivo, porque presagiey, que com o lobrego da noyte daria execução a seu mal sofrido defacato: porque vi o ar entre nuvens; a terra com sombras, e tudo revolto. Tratey pois de apressar os passos, por me alembrar aquelle adagio: Quem adiante não olha atrás se fica.

Eys que neste tempo descobry huma gruta de matto, que por não ter experimentado os golpes do duro fero, se conservava ainda virgem. E proseguindo por entre ella, cada vez mais soprava lá desse Antartico Polo, ou Arctico Signo huma rija tempestade: e correndo apressado por lhe escapar a seu rigor, avistey hum caminhante, que com semelhantes passos se encontrou commigo. Reparey vir descalço, com huma clavina ao hombro, e hum traçado à cinta. E perguntando-me, para onde caminhava; lhe respondi; que a buscar agazalho, por me livrar da tormenta, que estava ameaçando. O qual me disse, que distante me ficava o primeiro morador: e que, se eu fosse servido passar em sua companhia aquella noyte, o seguisse. Aceitey o offerecimento: e fazendo retrograda a jornada, a poucos passos entrou o caminhante em huma trilha; e em menos distancia de hum tiro de arcabuz, demos com huma barraca: e porque ainda não era de todo noyte, nos assentamos junto della.

E rompendo nestas palavras, me disse o caminhante: Bem sey, Senhor, que algum reparo tereys feyto de me considerar neste bosque habitando, mais em trajo de foragido, que de penitente. Como no mundo são varios os successos, e indicentes, que succedem aos homens, lhe disse eu; supponho, que algum motivo urgente haverá para elegerdes este retiro tão solitario por asylo a voſso focogo. Sabey pois, Senhor, me disse o caminhante, que agora vos quero dizer a razaõ que tenho de me haver retirado para tão solitario bosque; e reconhecey, que soys a primeira pessoa, a quem revelo este caso: e permita o Ceo, que me sirva de remedio à minha pena tão irremediavel. Assim o queira Deos, lhe disse

disse eu, e que succeda tudo para sua mayor gloria.

E proseguindo o caminhante a sua pratica, me disse; Sabey Senhor, que seu natural de hum a Ilha, que no mar Oceano, da {Linha Equinoccial para o Norte, vive sujeita entre as mais ao dominio do nosso grande Monarca Rey de Portugal: da qual não faço individuavel menção, por não deslustrar a seus habitadores; pois não he bem (já que fuy, por desgraça tão indomita fera) queira offender aos mais, que nella naceraõ. (Naci filho segundo de pays pobres; porém sem nota de não procedimento. E chegando à idade de vinte annos: vendo, que não tinhaõ cabedaes meus pays para me poderem remediar; me resolvi, com sua auctoridade, passar à Corte de Lisboa, aonde cheguey a tempo que se estava aprestando hum Armada para o Brasil, dirigida ao Rio de Janeiro, na qual hia por General della Gaspar da Costa o Maquiné. Assentey praça de Soldado na Capitania; seguimos a derrota; chegamos ao porto da Cidade; fomos bem recebidos dos moradores: os quaes se davaõ os parabens com muy aprazivel gosto, huns aos outros, por terem em sua defenfa hum Cabo de tão grande supposiçaõ, e esforço, como o divulgava a fama de seu valor. (Se he, que as cousas que estaõ à dependencia da vontade de Deos, ha forças que as defendãõ, ou mãos que as reparem.)

A este tempo chegou a Armada Franceza com tão inopinado excessõ, como arrebatado furor, a fim de se vingar de menos preço, que no anno antecedente lhe haviaõ feito aquelles moradores na mesma Cidade (se já não foy por ambiçaõ.) E desprezando os perigos, entrou tão velozmente pela barra dentro, que lhe não puderaõ os Portuguezes deter

deter o passo, por estarem no lethargo do esquecimento: pois só por descuydo lhe pôde succeder mal a esta invencivel nação, quicã que por tanto se fiam de seu esforço. Porque de outra sorte, não lhes entra no entendimento aos Francezes, nem às outras nações, que poderão ter vitoria contra os valerosos Portuguezes, ainda a pezar de alguma emulação. E basta para credito de seu valor, o que lá disse hum douto Panegyrista em seu abono: que chegaram os Portuguezes com a espada, aonde não chegou Santo Agostinho com a penna; se já não foy por seguir o Santo a opiniaõ de Plataõ, e Aristoteles, os quaes suppunhaõ, que estava a America debaxo da Zona torrida, e por isso era incapaz de se poder habitar.

Porém sendo os Portuguezes tão valerosos, tivemos logo por presagio triste, mandar o nossa General Ma juiné pór fogo à nossa Armada para se executar este mandato, saltamos em terra todos os que na Armada estavamos; e ficamos sem quartel em que tivesse nos abrigo, e sem provimento para o sustento corporal: vendo aquelle povo a seu inimigo presente, e muy poderoso: porque, como se havia feito senhor de huma Ilha chamada a das Cobras, vomitava Vesuvios de fogo por bombas tão artificiosas, que chégava o seu veneno a offender aos moradores da Cidade, por estar a Ilha muy vizinha della.

E para mayor confusaõ, começou a Cidade a experimentar o ardor do incendio em humas casas, em que se ateou o fogo tam vorazmente, que a todos causou espanto. As balas faziaõ grande destroço nos edificios: e parece, que se encaminhava a maior parte dellas ao Convento, e Igreja dos Monges de S. Bento, por lhes ficar servindo de alvo a seu depravado odio;

odio; sem guardarem respeito à immuidade, que se deve aos sagrados Templos. Por cuja causa, aos Religiosos lhes foy forçoso largarem a claufura, vendo-se em tão evidente perigo.

Como os habitadores da Cidade vissem, que o impulso do inimigo se lhe não rebatia; não havia traição, que não imputasse aos nossos Cabos, segundo o odio, que contra elles já tinhaõ concebido. E assim rompiaõ em queyxas, e alaridos disformes; já não havia injurias, que se não publicassem contra todos os Soldados: motivo, porque em nada nos queriaõ prestar, nem soccorrer. Tudo eraõ estrondos no mar, gritos em terra; lagrimas, e suspiros nas mulheres, e mininos.

Não se achava ordem no governo politico, nem de guerra. E desta grande desordem, e confusão, vim eu a conhecer, que sendo a nação Portugueza de tão grande valor, e acertado conselho; foraõ nesta occasião, em semelhante conflicto, indeterminaveis; de que procedeo a mayor parte dos ruins successos militares. Porque o conselho, e a presteza na guerra, são as virtudes mais necessarias para o bom vencimento.

E como se tomasse por ultima resolução, que se retirassem todos da Cidade, para que o inimigo pudesse entrar sem controversia, ou receyo; e cederaõ os moradores, com todo o risco, e perda; (pois sempre os Portuguezes foraõ muy obedientes aos preceitos de seus mayores) não deixando o rém de conhecer a grande imprudencia, e desordens dos Cabos.

Nesta agua envolta pesquey fazenda; com que me retirey; e partindo depois para as Minas, a vendi por duzentas oytavas de ouro: e quando me

vê Senhor dellas, repeti aquelle proloquio, que por mim se podia dizer: Que ha males, que vem por bem. Alli travey amizade com hum homem casado, que tinha obrigaçã de mulher, e filhos na [Cidade da Bahia. E como elle já tinha feito o seu negocio, e se achiava com huma arroba de ouro; estava-se aprestando, para se recolher à sua casa. Pedi-lhe, que me trouxesse em sua companhia: e foy-me facil alcançar esta graça, pela amizade que com elle tinha travado.

E pondonos de marcha, trazia em sua companhia o Mineyro hum escravo, com hum Indio da terra, que o acompanhavaõ fielmente: e só eu era o que vinha mal encaminhado; porque cego do interesse, dezejava fazer-me Senhor de arrouba de ouro do Mineyro, solicitando para este effeito occasião opportuna. Depois de muitos dias de jornada, chegamos a hum lugar ermo, e longe do povoado, onde fizemos rancho: e sendo já quatro horas da tarde dispuz sos escravos, hum a caçar, e outro a buscar agua; posto que nunca me poderiaõ farrar a fome, nem faciar a sede de huma traiçã tão ambiciosa. Entre tanto, deitou-se o Mineyro em huma rede a descansar, sem considerar que trazia inimigos consigo, que era o seu mesmo cabedal.

E logo sem mais reparo peguey em huma catana, e do primeiro golpe o fiz perder os sentidos: e repetindo outro, o fiz largar a alma; servindo-lhe de cama a mesma rede, e o sangue de cobertor. E depois de ter feito esta execuçã, me confiderey, qual outro tigre, mais faminto, e sanguinolento: e tornando em mi concebi hum tão grande arrependimento, que antes quizera de bom partido ficar sem nada, do que ter commettido tão atroz caso. A este

este tempo chegárao hum, e outro escravo; e a ambos dey huma satisfação aparente, dizendo-lhes, que houvera entre nós humas razões tão pezadas, que por querer o morto ofender-nos, lhe tirára a vida.

Dey-lhe sepultura, sem mais pompa, que as queixas das aves, e o cipanto das arvores. Fiz-me senhor do alheyo, mais por necessidade, que por vontade; por ter concebido hum temor tão intrinseco, que volo não sey relatar. Prometti ao escravo alforria, e ao Indio hum bom premio; porém nem estas promessas forão bastantes, para algum delles mais de mim se fiar: porque a traição, até dos rusticos he aborrecida. Anoyteceo: e sem embargo de eu fazer huma desvelada sentinella, me não valeo este cuidado; porque quando amanheceo o dia, me achey só.

Tratey pois de me acautelar; porque temia o perigo, mais carregado dos sobroços, que do mesmo pezo do ouro. E porque tivesse menos carga, busquey parte conveniente, onde deixey o ouro enterrado: e levando commigo o que me bastasse para descobrir campo à minha maldade, me parti para huma das Villas deste Reconcavo; na qual pedindo agazalho a hum morador, muy pezadamente mo deo, depois de lhe offerecer quatro oytvas de ouro.

E quando suppuz que descansava aquella noyte, me vi cercado da justiça, e entregue pelo mesmo dono da casa, (acção vil por certo) segundo a noticia, que depois tive. Havia no quarto, em que me derao o agazalho, huma janella para o quintal: e sentindo eu para aquella parte rumor de gente abri a janella, e vi que estavao de guarda a ella
hum

hum meyrinho, e hum escrivão. Fiquey bastante-mente assustado com esta vista. Mas lembrando-me, que esta casta da gente (como disse hum discreto) tem entranhas de rodas; pois tanto que se vem urtados, não gritaõ: foy-me facil o fahir; porque lhes deixey as mãos bem occupadas.

Dalli busquey traças, para passar à Cidade: e por mais que quiz encobrir o meu delliro, foy por de mais; porque experimentava o que sempre ouvi dizer: Que a mesma consciencia accusa. Não tive outro remedio, que tornar-me a valer do soculto das brenhas, qual outro Cain depois de ter morto a Abel; pois taõ atemorizado me vejo, pelo risco em que me considero; por ter sido já duas vezes acometido pela justiça, e Capitães de assaltos. De huma me livraráõ duas cobras: porque subindo a huma arvore, onde estava hum grande caravatal: saltaráõ ellas de cima, e encontrando-se com os que me perseguaõ, corréraõ atraz delles, e me deraõ tempo de me pôr em segurança. E da outra vez, fazendo-se-me emboscada junto de huma barraca: estando eu fóra della nessa occasiã, e sentindo-os; não tiveraõ tempo de me prenderem.

Vivo neste territorio, de rodos aborrecido, por me considerarem ter perdido o temor de Deos, e o respeito à justiça, segundo os atrozes, e horrendos crimes, que tenho commetido. E a tanto chegáõ os meus insultos, que despi a hum Religioso Franciscano, e tomando-lhe o habito, cordaõ, e capello, o deixey ir em menores. E assim, não ha quem de mim se não tema; e me dezeje ver destruido: e por esta causa me tenho retirado da communicãõ dos homens, vivendo neste bosque taõ solitário.

Senhor, lhe disse eu, bastantes causas tem effes que vos aborrecem, pelos atrozes crimes que tendes commettido. Porém pergunto-vos: No discurso de todo esse tempo fizestes alguma obra de caridade, ou tendes alguma devaçã com Deos, ou com sua Mãy Santissima, por onde tenhais livrado de tantos perigos? Senhor, me disse o caminhante, só o que me lembra ter feito, he, que encontrando-me com huma mulher viuva, que levava huma filha sua donzella a pedir esmolas para se amparar; a deixey ir sem a offender, e lhe dey algumas oytavas de ouro; do que ficou muy agradecida. E naõ tenho mais devaçã, que rezar todos os dias hum Terço à Virgem nossa Senhora, com a attençaõ que posso. Pois Sabey, Senhor, lhe disse eu, que a causa de terdes livrado de tantos perigos, he a obra boa que fizestes a essa viuva, e à sua filha: e muy especialmente a devaçã, que tendes à Virgem nossa Senhora.

E como fosse já tarde, e estivesse descarregando a tempestade, me pediu o caminhante, que nos recolheßemos. E com effeito entramos para dentro da barraca, onde achey huma rede armada, e huma cama de varas com humas esopas por cima, e na cabeceira o habito de S. Francisco: e logo me disse o caminhante, que daquelles dous lugares escolheße eu o que fosse mais de meu agrado; e que ceassemos primeiro. Aceitey a cama de varas: e acendendo elle hum rolo de cera da terra, e pondo-me a meza, me deo de cear. Disse-lhe eu: Na verdade vos digo, Senhor, que por venturoso acerto tenho o haver-vos encontrado: porque a todos os vossos males se ha de pôr remedio com o favor de Deos. Senhor, me disse o caminhante, difficulosa

O ij coufa

couza será achar remedio a minhas culpas, e mal-dades: porque ainda que a misericordia de Deos seja muito grande, he para os que fazem diligencia para a buscarem. Porém eu, pelos meus grandes peccados, estou impedido de a poder achar; e só me considero a cada instante topar com alguma desgraça, pela ter tanto merecido. E por estas causas me tem vindo já impulsos, e tentações de tomar a morte por minhas mãos, pela desesperação em que me vejo; pois sou tão aborrecido, e perseguido de todos. E assim tenho assentado commigo, que antes me hey de matar, que deixar-me prender.

Naõ digais isso Senhor, lhe disse eu; que naõ he bem que tal chegue a proferir hum Christaõ, quanto mais executallo. Naõ queirais seguir os passos de Nero para o inferno: o qual, como Gentio, falto de fé, e cego da razaõ; por naõ morrer com mayor ignominia, se tirou a vida a si mesmo: como se fora mais honesto morrer de seu delito, que por mãos alheas. Alemde que haveis de saber, que ainda estais em via de merecer perdaõ de vossas culpas: porque supposto que os attributos de Deos sejam iguaes; mais se préza de misericordioso, que de justiceiro. E se naõ, ouvi.

Muitos são os exemplos, qua tem succedido no mundo, por onde se deve ter grande esperança na misericordia de Deo: ainda que se ha de advertir, que neste particular ha dous extremos; porque huns desesperaõ, e outros confiaõ demasiadamente. O confiar demasiado, os faz peccar sem temor: e o desconfiar com demasia, faz que desesperem, como desesperáraõ Cain, e Judas; e he hum peccado gravissimo chamado final Impenitencia, contra o Espírito

rito Santo. Sempre ha de haver no peccador temor e esperanza : porque vaãmente espera na misericordia de Deos, se não teme a sua justiça ; e sem proveito he temer a sua justiça, se não confia em sua misericordia. David no Salmo 36. v. 3. usou desta maneira de nos ensinar, quando disse: Espera em o Senhor, e obra bem. Por isso bem he, que por graves peccados que hum haja commettido, não desespere de que Deos lhe perdoe : mas ha de ser, fazendo penitencia. Espera (diz o mesmo David) em o Senhor ; mas com a disciplina nas mãos : isto he, dando execuçaõ à penitencia, e proposito da emenda. O que peccou ; necessariamente, se se quiser salvar, ha de fazer penitencia : e se a faz ; por graves que sejaõ seus peccados, póde confiar na misericordia de Deos, que lhos perdoará.

Palavra tem dado Deos por Ezequiel (cap. 33. v. 11. dizendo : Não quero a morte do peccador, se não que se converta a mim, e que viva. E diz logo : o peccado não danará ao peccador, em o dia que se converter, e deixar de me offender. (Ibid. v. 12.) E por Isaias cap. 49. v. 15. & 16. diz: Será possível que a mãy se esqueça, e não tenha misericordia do filho, que naceo de suas entranhas ? Pois quando ella se esquecer, eu n.e não esquecerey de ti, ò homem ; porque te tenho escrito em as minhas mãos.

David diz: Misericordioso, e suave he o Senhor, e suas misericordias são sobre todas as suas obras: isto he, que se préza grandemente de misericordioso. O mesmo Christo disse por S. Lucas : Eu vim chamar os peccadores à penitencia. (Luc. 5. 32.) E por S. Joã cap. 10. v. 11. : O bom pastor p.cem a vida por suas ovelhas. E assim a deo o Bem JESUS por nós ou-

tros. E quem deo sua vida, não nos negará sua graça, perdoando nossos peccados, por grandes que sejam, tanto que nos arrependermos delles. Grave foy o peccado de David; pois commetteo adulterio com a mulher de Urias, fiel. vassallo seu: e não só lhe fez o adulterio, mas tambem lhe tirou a vida. Mandou Deos reprehendello pelo Profeta Nathan: arrependeo-se David, e disse muy de coração: Pequey: e em pronunciando esta palavra, lhe disse o Profeta da parte Deos, que tambem o Senhor lhe perdoava o seu peccado, e concedia a vida, que bem merecia haver perdido.

Manasses, que tambem se chamou Her, (Luc. 3. 28.) filho de Ezequias, decimoséptimo Rey de Juda, reynou cincoenta e cinco annos. Adorou, e reverenciou por deoses ao Sol, Lua, Estrellas, e Planetas do Ceo: edificou altares, e idolos em o templo do Senhor: levantou aras ao idolo Baalim: reparou os postos, onde se sacrificava: plantou bosques: queimou, e offereceo em sacrificio a hum seu filho no valle Benennom ao idolo Moloch: multiplicou, e encheo a terra de todo o genero de feiticeiros, encantadores, e adivinhadores: induzio, e enganou a seus vassallos, para que fizessem muito mayores peccados, e offensas a Deos, que os Gêntios: mandou matar aos Profetas enviados por Deos, que o reprehendiaõ da sua má vida, e ameaçavaõ com castigo: fez ferrar pelo meyo, perto da fonte Siloe, ao Profeta Ifaias, o qual dizem alguns que era seu sogro, e outros tio, irmão de sua mãy: e não contente com o referido, derramou muito sangue de gente innocente, fazendo quanto mal pode.

Em castigo de tão grandes, e enormes peccados, enviou Deos contra elle huns Principes, e Capitães

tães do Rey dos Assyrios, que o cativáraõ, e leváraõ prezo, e atado em grilhões, e cadeas para Babilonia : onde arrependido, e convertido à sua Divina Magestade, fez em a prizaõ muy grande penitencia, e oraçãõ, e alcançou de Deos perdaõ de seus peccados. E tornando dalli a dez annos a Jerusalcm, e restituído ao seu Reyno, tirou, e detez todos os Idolos, e seus altares; e reedificou o de Deos à sua primeira adoraçãõ, offerecendo-lhe muitos sacraficios, e o serviço dalli por diante de todo o coraçãõ, mandando a todos os do seu Reyno que fizessem o mesmo.

Os da Cidade de Ninive peccáraõ gravemente: alcançáraõ perdaõ de Deos, porque de coraçãõ se arrependeraõ, e fizeraõ penitencia, ameaçados do castigo pelo Profeta Jonas.

O Bom Ladraõ, pelos Latrocinios que havia commettido, foy crucificado: pedio ao Salvador lhe acodisse, e soccorresse, quando chegasse ao seu Reyno: e pela grande dor, e fé que entãõ teve, foy perdoado; e no mesmo dia salvo.

S. Mattheos, por accumular riquezas estava, feito hum onzeneiro com tractos, e distractos, e com ruim nome entre os do seu tempo: largou tudo, mudou de vida, foy hum Evangelista, e Discipulo de Christo. Zaqueo, da mesma sorte: arrependeo-se, e foy perdoado.

Os Apostolos, todos fugíraõ: S. Thomé esteve incredulo; S. Pedro, negativo: e todos se arrependeraõ, foraõ perdoados, e levados a estado de grande perfeiçãõ. S. Paulo, antes de bautizado, era perseguidor de Christo, e de seus fieis; depois do seu arrependimento foy o Apostolo, e Prégador das Gentes.

Hum famoso saltador, e Capitaõ de Ladrões

chamado David, depois foy Monge, e fez tão grande penitencia; que passado algum tempo, lhe revelou hum Anjo; que seus peccados lhe eraõ perdoados: e porque o não creio, ficou mudo, e só falava quando rezava as Horas Canonicas.

Nicolao chegou a grande idade, sendo cheyo de vicios deshonestos; e ainda que algumas vezes dezejava apartar-se delles: era mais tentado: até que por intercessão de Santo André se livrou, e ficou livre até a hora da morte.

Nem, ainda que huma creatura racional se tenha entregue ao Diabo, desconfie da graça, e misericordia de Deos. Certo homem, a fim de casar com huma filha de seu amo, deo a sua alma ao Demonio: mas pelas orações de S. Basilio, e com sua penitencia, alcançou de Deos o perdaõ; e o Diabo lhe tornou o escrito, que lhe havia passado. O mesmo succedeo a Theosilo em certa Cidade de Sicilia, por se lhe tirar huma Dignidade de Arcediago: e por intercessão da Virgem Senhora nossa foy perdoado, e pela muita penitencia que fez.

E porque as mulheres tambem fiquem com grande esperança; houve muytas, que pela grande dor, e penitencia que de seus peccados fizeraõ, foraõ perdoadas. A Magdalena chea de vicios contra a castidade, e com nome de peccadora publica; teve dor de seus peccados, foy perdoada, e tão grande Santa. A mulher adultera, que foy apresentada a Christo; disse-lhe o Senhor: Não te condenarey: vay, e não queiras mais peccar. Santa Maria Egypciaca, tambem foy perdoada, pela penitencia que fez no deserto. Alem de outras muitas peccadoras, de cujos exemplos de penitencia estaõ os Livros cheyos.

Senhor, me disse o caminhante, melhor me não podicis animar; para me livrardes da tentação, e má vida, que até agora tive: e assim fico entendendo, que a misericordia divina he infinita para aquelles, que a sabem merecer cooperando da sua parte. O meyo, para eu a poder alcançar, e livrarme deste precipicio, he o que espero que me aconselheis.

Já naquella hora estava descarregando a tempestade: gemião as arvores com o pezo da agua; estalavaõ os ramos com os bramidos do vento; cahiaõ as folhas com o abalo da agitação do movimento: tudo eraõ relampagos, e trovões e vendo-me em terra, me considerava em mayor risco, que se no mar estivera, por temer que algum madeiro caisse em cima da barraca, e servisse de instrumento de castigo nossas culpas. Disse eu entaõ ao caminhante: Senhor, por agora vos peço, que me deixeis rezar humas orações a Deos, para que aplaque esta tempestade. E pondo-me de joelhos, e o caminhante tambem, rezamos as Ladainhas, e algumas orações; até que foy cessando a tempestade.

Deitamo-nos a dormir, por ser já tarde: e vim entaõ a experimentar, que não ha cama dura, havendo sono pezado. Dahi a poucas horas despertey com sobroço, por me acordar o caminhante, dizendo-me, que era chegada a hora do seu precipicio, porque estava cercado da justiça: e que me puzesse eu em salvo, se pudesse; que elle, corria risco a escapar. Levantey-me com esta nova muy affustado: e chegando à porta da barraca, (seriaõ quatro horas para as cinco da manbaã) olhey, e conheci tropel de porcos montezes, que como viraõ a barraca, fizeraõ mayor estrendo: e soltando eu o sus-

to

to ao caminhante, dizendo-lhe o que era; teve elle valor para a tirar á hum, que nos servio de matlotagem para o caminho naquelle dia. Amanhecco de todo; e mostrou-se o caminhante cheyo de alegria, assim por se ver já livre do grande susto que havia concebido, como por me ter em sua companhia: e logo tratou de preparar, e aproveitar a caçada. E depois de estar tudo feito, e beneficiado, e termos jantado, lhe fiz a exhortação seguinte.

Já, Senhor, que tanto vos sujeitais ao meu voto, e parecer: para que conheçais o crime que fizestes, sem embargo dos remorsos, e sustos que tendes, por haverdes commettido esse homicidio. No quinto Mandamento da Ley Deus se nos prohibe o matar: convém a saber, contra a razão, caridade, e justiça, com odio, enveja, ou payxaõ. Donde se collige, que he licito sentenciarem os Ministros da justiça aos criminosos à morte por seus delictos, por serem inimigos da Republica; mas sem odio, nem vingança. Porque ainda que o que mata tenha authoridade para o fazer; não guardando porém o modo que deve guardar, pecca mortalmente contra este Mandamento de Deus.

Em cujos termos, visto o grande crime que tendes commettido, tratey logo de resarcir o dano às partes offendidas, que são a mulher, e filhos desse morro; pois estais obrigado por perccito de caridade, quando não fora divida, que vos obriga a restituir, segundo a opiniaõ de muitos Authores, alem da razão natural. Assim o diz Salon. 22. q. 62. ar. 2. Faust. in Speculo p. 1. disp. 5. q. 18. n. 455. E por isso a Justiça costuma condenar aos culpados em pena pecuniaria para as partes que os accusaõ, alem da

da pena corporal; e juntamente em as despezas da mesma Justiça, que os punc. E mais ainda quando a morte foy tão tyranna, como me tendes relatado.

E assim, tratay de vos vestir nesse habito de S. Francisco, ide à Cidade da Bahia, buscay o Guardião do Convento do mesmo Santo, e fazey-lhe presente este calo debaxo de sigillo de Confissão, para que entregue esse ouro, e mais papeis à mulher desse morto: e pedilhe que vos encaminhe, e mostre o melhor meyo de vossa salvação: e elle, como Religioso tão pio, e douto, vos guiará de sorte, que vos salveis, e alcanceis a Bemaventurança.

Com os olhos arrazados em agua, entrou o caminhante para dentro da barraca: e saindo com huma imagem de Christo, de metal, em huma Cruz ao pescoço, e o habito nas mãos, e em cima huma tizoura, nã da cintura para cima, me disse: Senhor, já que tendes sido meu director, sede tambem meu Prelado. Lancay-me este habito; que supponho não foy furtado, porém sim muito de proposito dado por Deos, para delle me aproveitar, e servir de instrumento de me livrar de tão grande precipicio. Cortay-me estes cabellos, e ponde-me tonsurado tambem no exterior, já que me tendes espiritualmente dissipado os meus vicios, e más inclinações com os vossos pios documentos, e avisos. E pegando eu na tizoura, lhe cortei os cabellos, e lhe lancei o habito, cingindo-lhe o Cordão, e pondo-lhe o capello, sem mais ceremonias, que de hum affecto cordial, e animo Christão.

E depois de feito este acto, tomou o caminhante a imagem de Christo Senhor nosso nas mãos, e posto de joelhos, qual hum penitente arrependido,
com

com muitas lagrimas, rompeo em este acto de contrição.

Acto de Contrição.

A Qui tendes, Senhor, o homem mais ingrato, que cobre o Ceo, e sustenta a terra : o mayor peccador, que sofre a vossa Bondade infinita : aquelle, que poz em competencia as offensas que contra Vos commetteo, com os favores que de vossa mão tem recebido : aquelle, que desprezando as vossas divinas inspirações, só abraçava as vossas offensas. Não sey com que palavras signifique agora a minha dor, nem com que obras satisfaga as minhas culpas, se vós me não ajudardes com a vossa graça, e me não acordirdes com vossa misericordia. E por isso agora, Senhor, aqui venho a pedir-vos, qual outro filho prodigo, que me perdoeis as minhas culpas, como meu Pay amoroso.

Bem sey, que não mereço chamar-vos Pay, nem terme por filho vosso. Porém, Senhor, como tenho palavra vossa em meu favor, dita por hum vosso Profeta, na qual prometteis, que se hum peccador chorar seus peccados, nao vos lembrareis mais delles, e que o livrareis da morte, e das tuas culpas, e lhe dareis a vida da vossa graça : por isso confiado, a fim de lograr tanto bem, venho, como a Magdalena a vossos pés, arrependido das minhas culpas, e contrito dos meus peccados ; chorando-os amargamente, como S. Pedro ; ferindo a golpes o meu peito, como o Publicano no templo, ainda que neste ermo ; porque sey, por mo ensinar a fé, que Vós em toda a parte estais. E confessando minhas culpas, e lamentando meus erros, como tão gran-

grande peccador, vos digo, Senhor, que vos offendi gravemente; sendo Vós o meu amantissimo Pay, e soberano Deos. E por serdes Vós quem sois, e porque vos amo, e est. mo sobre todas as cousas, me peza muito de todo o meu coração de vos ter offendido. Proponho firmemente de nunca mais peccar, e de me apartar de todas as occasiões de offendervos: e perder antes todos os bens temporaes, e padecer quantos trabalhos ha no mundo, e ainda as mesmas penas do inferno; do que tornar a offendervos, meu Deos, e meu Senhor. Oh bondade infinita, oh Deos amoroso, quem sempre vos houvera amado, e nunca vos houvera offendido! A dor da Magdalena, as lagrimas de S. Pedro, e o arrependimento do Publicano quizera eu ter, Senhor, na vida, e na morte, para alcançar de Vós o perdão de meus peccados.

Oh fermosura eterna, que tarde vos conheci, e que tarde me conheço! Vós, Senhor, tão bom para mim, buscando-me para me salvar; e eu fugindo de Vós, e perdendo-me com perdervos o respeito. Vós me daveis a vida, para que eu vos servisse; e eu a gastava em offendervos. Vós me fazieis tanto bem; e eu me fazia tanto mal, aggravando-vos, meu summo Bem. A vida destes, Senhor, por me livrades da morte: em huma Cruz vos puzeste, para que me puzesse eu no Ceo: cravado com agudos ferros, por me soltardes dos meus peccados: coroado de espinhos, para me coroardes de gloria: derramando rios de sangue, por lavardes tanto a vossa cuita as minhas maldades: cheyo de tantas chagas, por me sarardes de meus delitos: abrindo esse lado, para que eu o visse, e me metesse nelle piadosas entranhas: inclinando essa sa-
cra

crá cabeça, fazendo-me final, para que eu chegasse, como o Bom Ladrão, a vos pedir perdão de meus enormes peccados, e alcançar o favor de vossa graça. Esta busco com lagrimas de grande sentimento, amantissimo Redemptor meu. Confesso, que são gravissimas minhas culpas, e sem conto minhas ingratições. Conheço, que sou o mayor dos peccadores: mais perdido que o Prodigio, mais escandaloso que o Publicano, mais alcivofo que Judas; e assim fugitivo, como a ovelha perdida; e peyor, e mais mao que todos: e assim necellito de mais auxilios de vossa graça, para me poder livrar de tão grandes tropeços da culpa, em que me vejo sumergido. Não permittais, Senhor, que eu me aparte mais de vós.

Quem tivera sido, Senhor, em vosso santo serviço, e amor, tão diligente; e amante, como estes Espiritos Angelicos, que vos servem; e a mão! Quem vos servirá, e obedecera, como todos os Santos juntos! Quem sempre vos houvera temido, e amado, e nunca offendido! Se eu agora fazendo-me pedaços, pudera desfazer minhas culpas, e vossas offensas; o fizera huma, e muitas vezes. Poderém daqui por diante, meu Deos, com vossa ajuda, e favor, prometto, que antes me exporey a padecer todos os trabalhos desta vida, e ainda a mesma morte, que tornar a offender-vos. Se até agora fuy cego, louco, e sem sentidos, desde hoje prometto emendar-me. Se até agora perdi os meus dias, e annos tão cegamente; com vossa luz proteito encaminhar meus passos em vos buscar, minha vida em vos servir, e meu amor em vos querer.

Anjo da minha guarda, Cortezaões do Ceo, Santos

tos da minha devoção, Vigario de Christo S. Pedro, gloriosa Magdalena : alcançay-me de Deos, que os meus olhos se fação fontes de lagrimas, e o meu coração se desfaça em dor, e penitencia. Soberano Deos Espirito Santo, que consumís as tibiezas, e abrazaís com vosso divino amor os corações enregelados : abraçay a este coração frio; para que, ainda que até agora fuy rebeldea vossas inspirações, daqui por diante as abrace com intimo amor.

Virgem Santissima Mãy de Deos, e Advogada de peccadores, compadecey-vos de mim : e já que sois Mãy de piedade, e de misericordia, alcançay-me de vosso bemitissimo Filho efficaz auxilio de sua graça, para merecér o perdão de meus peccados; e que o não torne mais a offender, antes lhe diga sempre de todo o coração: Pequey, Senhor, havey misericordia de mim. Amen.

E depois de ter o caminhante feito este grande acto de contrição com muy copiosas lagrimas, entrou para dentro da barraca; e trazendo huma moxilla, a lançou aos hombros, e me disse: Aqui estou, Senhor, à vossa ordem, e obediencia. E pondo-nos a caminho, chegamos à estrada; e dalli a breve espaço, encontramos com huma esquadra de vinte homens, entre brancos, e pretos: e tanto que nos avistárao, fizerao alto; e os dous que vinhaõ adiante, nos mettérao duas aimas de fogo à cara. E olhando eu para o meu companheiro, lhe disse: Não temais perigo algum; que nem estes homens vos conhecem, nem vos haõ de fazer mal. Eraõ estes dous, Capitães do matto, a que chamaõ dos asfaltos: e depois de nos saudarmos, nos disse hum delles: Não estranhe Vossa Reverencia, nem Vossa Mercé esta cautela: porque andamos por aqui a
fazer

fazer huma empreza por ordem do nosso Coronel, ao qual manda o Governador, e Capitão Geral da Cidade da Bahia, que com todo o empenho façamos a diligencia possível, para prender-mos a hum Ladrão facinoroso, que anda nesta estrada tão escandaloso, que todos os vizinhos, e moradores se temem, e receao d'elle, pelos grandes insultos, e insolencias, que tem feito. E basta, que despisse a hum Religioso do habito de Vossa Reverencia, e lhe tomasse a esmola; além de outros roubos, e defassoros que tem commettido, matando a hum seu camarada Mineyro, e roubando-o. Etendo feito tão atrozes delitos, ainda vay continuando em maiores maleficios. Já me escapou duas vezes: huma, pelo não achar na occasião em que o busquey na barraca: e outra, porque subindo a huma arvore, sahiraõ duas cobras que chamaõ Surucucùs, e nos fizeraõ correr, e fugir, por dellas nos livrarmos; e por este meyo teve este ladrão occasião de poder escapar.

Porém agora levamos ordem, para que, não se querendo dar a prizaõ, o matemos; por livrar a este povo de tão grande flagello. Queira Deos, disse eu ao Capitão do matto, dar-lhe tempo, para que conheça os seus erros, e se arrependa de seus peccados. Muito duvido, me disse o Capitão: porque semelhantes culpas, poucas vezes succede terem arrenpendimento dellas os que as commettem, antes de serem castigados pela Justiça. E olhando o Capitão para o caminhante, lhe disse: E Vossa Reverencia veja, se quer que o mande acompanhar, até se pôr em parte segura. Agradeço o favor, e caridade, lhe disse o caminhante: porém, como tenho pouco que perder; com tanto que me deixe

a vi-

a vida, tudo lhe darey. Tornará a despillo, lhe disse o Capitaõ, como já fez a outro Religioso. Permitta Deos, lhe disse o caminhante, que lhe fuyra esse habito de mortalha, arrependido de seus peccados. Amen, lhe dissemos todos. E despedindo-se de nós os Capitães, e mais companhia, fomos seguindo a nossa jornada.

Disse eu então ao companheiro : Que vos pareceo o encontro? Que me ha de parecer, Senhor? me disse elle. Que já me não conheceraõ os mesmos, que me buscavaõ para prenderme. Agora vereis, lhe disse eu, o que faz a mudança da vida, e o arrependimento da culpa : porque em tão breve tempo, e à vista dos que vos buscavaõ, fostes desconhecido. Podeis tomar muito animo, e confiança de que Deos vos perdoará as vossas culpas, fazendo vós penitencia : e que o inimigo internal vos não conhecerá para vos accusar no tribunal divino. Porque já succedeo, e por muitas historias consta, que o Demonio não conheceo alguns, que já andavaõ delle assinalados; por terem feito penitencia, e confessado os seus peccados : o que achareis escrito em mytos Livros. E chegando nós a huma encruzilhada, me disse o companheiro : Senhor, aqui heo termo, onde nos havemos de apartar; ainda que bem contra minha vontade, pelo muyto que dezejo a vossa companhia : porém como por esta parte se segue a minha jornada, e por essa estrada a vossa derrota; ide com Deos. E despedindo-se de mim com muy saudosas lagrimas de sentimento, se partio.

CAPITULO XVI.

Do sexto Mandamento. E do que succedeo ao Peregrino em caza de hum homem, que estava concubinado: e como o aconselhou, para o livrar daquel; le mau estado.

E Profeguindo eu a minha derrota, dalli a pouca distancia sahi fóra da espessura; e logo vi hum dilatado campo, e no meyo delle huma casa de vivenda; e perto della huma cajazeira, que parecia estava ostentando a sua bizarrria, por se achar cuberta de flores, abundante de folhas, farta de ramos, vistosa por alta, e solida por firme. Nella com magnifico applauso os alegres passarinhos, com muy suave harmonia em alternativo canto, estavam recreando a todos os que a buscavaõ pela protecção de seus ramos; os quaes tecidos de verdes folhas, e brancas flores, pareciaõ hum rico palio de primavera, que com sua sombra cobria aos cansados caminhanes, que calmosos, e molestados se valiaõ do seu abrigo. E por isso verdadeiramente symbolo, ou jero glifico do homem mundano: não, como lhe chamou Plataõ, arvore as avessas; senaõ às direytas, pelo que nelle estamos experimentando nos tempos presentes; por se lhe não ver mais que pompas, galas, folhas, flores, e nenhum fructo; e por fim, brevemente se vem a murchar com os annos da velhice, ou com o golpe da morte.

E porque seriaõ já cinco horas da tarde; convidado eu do fresco sitio em que estava a cajazeira, me assentei debaxo della, por gozar da sua
som-

sombra ; quando ouvi em casa do morador affinados instrumentos, sonora musica, e trincos de castanhetas, como de quem andava dançando. Foy-se offuscando a tarde, e escurecendo o dia : vaticinios de que tornaria a tempestade , como tinha succedido na noyte antecedente.

Eys que neste tempo vi sahir da casa do morador tres homens em companhia de tres mulheres, e algumas escravas; e chegando à porteira da Fazenda; se despediraõ do dono da casa : o qual ficando com huma mulher, me deraõ as boas tardes; e eu lhes correspondi com todo o primor. Offereceraõ logo agazalho, o qual aceitey. E levando-me o morador para a casa , e dando-me assento, me perguntou dizendo : Como, Senhor, não chegastes mais cedo, para participardes do regozijo, e passatempo, que tivemos esta tarde em companhia daquelles amigos de mim se despediraõ?

Senhor, lhe disse eu, como o pouco conhecimento me não facilitasse a tomar essa confiança, nem a necessidade me obrigasse a taõ depressa pedir-vos agazalho; me assentey a descansar ao pé daquella arvore, onde me achastes : e juntamente, por vos não divertir do vosso recreyo, que tal vez me poderia ser causa de offender a Deos. Como assim, Senhor? me perguntou o morador. Por me livrar, lhe disse eu , de cair em algum pensamento consentindo à vista destas danças deshonestas, e musicas profanas, que hoje se usaõ, taõ agradaveis para o Demonio , como de offensas contra Deos.

Bem aviado estava eu, me disse o morador , se eu fora taõ escrupuloso, que de semelhantes pensamentos, vistas, e ouvidas fizesse caso, e mysterio!

rio! Pois haveis de saber, lhe disse eu; que são muito para temer, e recear. E em quanto aos pensamentos: o primeiro peccado, que se commetteo contra Deos, foy o de pensamento; e por elle foy tão gravemente castigado Lusbel, que logo cahio no inferno para sempre. O segundo peccado, que de alguma sorte se pôde chamar assim pela occasião que deo a seguinte culpa foy o de palavras, com que Eva se pôz em conversação com a Serpente: onde se lhe veyo occasionalmente a originarse-lhe ser degradada do Paraíso. E o terceiro peccado foy o de obra; quando Adão comeu do pomo vedado: e por essa causa elle, e todos nós ficamos sujeitos ao peccado original; e a padecer tantas misérias, e calamidades. E reparay, que pelo primeiro peccado de pensamentos foy condemnado Lusbel para sempre ao inferno. E o segundo, e terceiro, de palavras, e obras, tiverão perdaõ pela penitencia que fizerão nossos primeiros Pays, e pela grande misericórdia de Deos.

Por isso, quando nos persignamos, fazemos hum Cruz na testa, para que nos livre Deos dos máos pensamentos: outra na boca, para que nos livre Deos das más palavras: e outra nos peitos, para que nos livre Deos das más obras, que nadem do coração. E quando proferimos a Confissão geral, dizemos: Pequey muitas vezes por pensamentos, palavras, e obras. E pelo que tem os pensamentos de prioridade de tempo, por isso parece que tem o primeiro lugar na culpa: tanto por se gerarem no entendimento tribunal da alma, como pelo que podem ter de entidade.

E para isso, vos quero trazer hum exemplo. O mayor peccado que ha, he o em que se nega a nos-
sa

fa Santa Fé, por ser heregia formal : e primeiro faõ os acto do entendimento, com que se não cre, ou nega o myfterio, e verdade que se lhe propoem. Logo este peccado sendo produzido do entendimento, com muita razaõ devemos fugir do primeiro, por não cairmos nos mais das outras espécies, como pôde succeder.

Em quanto às vistas : sabey, que a cegueira tem parte de innocencia : e por isso, quem se não quizer achar affligido de pensamentos deshonestos, tenha os olhos cautos, e faça concerto com elles de não olhar o que lhe não he licito dezejar. A muitos tem a vista sido causa de adulterios, incestos, e latrocinios; alem de outros enormes peccados, que por ella tem introduzido no mundo. E se não, ouvi o que diz aquelle Oraculo da Sabedoria Salamaõ : o qual fazendo grande catalogo dos gostos a que se entregou, logo declara, que a causa de todos os seus males, e maldades, foraõ os seus olhos. Tudo quanto dezejáraõ meus olhos, diz Salamaõ, lhes concedi. (Eccl. 2. 10.)

E que vos direy de ouvir musicas profanas? Musicas profanas, e palavras deshonestas, laõ a mesma cousa ; porque o mesmo he cantar, que contar : e a differença que ha de huma cousa a outra, he ser huma harmonicamente dita, e outra proferida praticando. E por isso lá disse aquelle Poeta Castelhana.

Si dezir quiero a mi dama
Amores muy requiebrados,
No puede dexar de oyrme
Por se los dezir cantando.

Por isso com muita razão prohibe o Direyto darem-se musicas de noyte pelas ruas das Villas, e Cidades. E por certo; que em nenhuma parte deviaõ ser ellas mais bem evitadas, e castigadas com duplicadas penas, que neste Estado do Brasil; pelo profano das modas, e mal soante dos conceitos. Eu ouvi proferir cantando, o que agora tremo de dizer: porẽm, como assenta sobre o proposito do que tratamos, hey de publicallo, para confusaõ dos que usaõ destas musicas.

E foy o caso: que estando eu huma noyte na Cidade da Bahia, ouvi ir cantando pela rua huma voz e tanto que punha fim à copla, dizia, como por apoyo da cantiga: Oh diabo! E fazendo eu reparo em palavra tão indecente de se proferir; me differaõ, que não havia negra, nem mulata, nem mulher dama, que o não cantasse; por ser moda nova, que se usava. Vede, se pôde haver mayor atrevimento, e ousadia entre Catholicos Christãos, que cantar semelhantes musicas, tanto em gosto do inimigo infernal; como se chamassem por JESU Christo, que nos remio.

Porẽm eu me persuado, que a mayor parte destas modas lhas ensina o Demonio: porque he elle grande Poeta, contrapontista, musico, e tocador de viola, e sabe inventar modas profanas, para as insinar áqueelles, que não temem a Deos. Contra o Padre Bento Remigio no seu Livro Practica Moral de Curas e Confessores pag. 9. e no outro Livro

vro intitulado Deos Momo : que entrando o Demonio em huma mulher rustica, foy hum Sacerdote a fazer-lhe os exorcismos dentro de huma Igreja; e entrando-lhe a curiosidade, perguntou ao Lenonio, o que sabia? Respondeo-lhe, que era musico. E logo lhe mandou vir huma viola; e de tal maneira a tocou, e com tanta destreza, que parecia ser tocada por hum famoso tocador. E dizendo-lhe o Sacerdote: que cantasse; repetio o Demonio huma letra, que se usava naquelles tempos ao humano, e começava: Esclavo foy, pero cuyo &c. E como estava dentro de huma Igreja: ou porque Deos lho não permittio, ou porque até o mesmo Demonio se não atreveo a profanar o sagrado; (o que muitos peccadores não reparaõ fazer) mudou o conceito, do verso, na forma seguinte:

Esclavo foy; pero cuyo,
 No puedo negarlo yo;
 Pues cuyo foy, me mandò
 Que dixesse que era fuyo,
 Pues al infierno me embiò.

Outras muitas musicas deshonestas tenho ouvido cantar: como he huma moda, que se usou, e ainda hoje se canta, e acaba dizendo: Berra a tua alma: Parece, que quem tal canta, e folga de ouvir cantar, já estão annunciando o como lhes ha de vir a succeder quando forem ao inferno, chorando, e berrendo, pelas profanas musicas com que nesta vida peccáraõ, e foraõ causa de fazerem peccar a muitos. Mas agradeçaõ-me estes taes a boa vontade: que se eu fora Ministro da Justiça, ou tivera poder sobre elles; eu os fizera cantar, ou berrar ao

fom dos golpes de hum verdugo pelas ruas publicas, para seu castigo, e emenda dos mais, que de taes modas usaõ. E veriaõ entaõ, se lhes valia o Demõnio, por quem chamaõ.

A tanto, como isto, tem chegado o atrevimento, e ousadia do inimigo infernal para com as creaturas racionaes, que delles se deixaõ levar. Oh lastima digna de ser chorada com lagrimas de sangue! Tomára, que disto soubessem os que tem obrigação de o castigar, por zelo de Deos, e bem das almas.

Tendes muita razãõ; Senhor, me disse o morador: eu me dou por convencido. Porém tomára, que me di fesseis como saberey que pecco por pensamentos: porque me parece que não ha pessoa alguma, que não seja acometido delles.

Haveis de saber, lhe disse eu, que o primeiro motivo do pensamento he a suggestãõ, que nos faz o Demõnio: passa ao appetite natural: daqui entra no entendimento: depois na vontade, e se nesta ha consentimento em materia grave, he peccado mortal.

E muito mais se duplicaõ, e aumentaõ estes mentos, quando temos á vista algum objecto v. g. da Soberba, da Luxuria, ou de outro qualquer peccado: e por esta razãõ he acerto fugir de taes vistas. E se algum me disser, que o não leva a ver, e ouvir semelhantes divertimentos algum mau fim; a isso lhe responderey: Que tambem a Barboleta vay ver a luz innocentemente; porém tanto se chega, que abrazada more.

Finalmente: supposto que ninguem se pôde livrar de maos pensamentos; tambem na nossa mão está fugirmos delles, usando dos remedios que nos ensinaõ os livros espirituaes, e os Mestres de espirito.

rito. E Christo Senhor nosso isto nos deu bem a entender, quando na Oração do Padre nosso nos ensinou que peçamos a Deos, que nos não deixe cair em tentação. E quanto tivermos mais de repugnancia, e resistencia a elles, teremos mayor merecimento. E assim; fica claro, que o pensamento he o primeiro movel que faz, ou deixa de fazer a culpa: e que das vistas, e ouvidas se gera no entendimento o peccado, para depois se pôr em execução.

Por isso no peccado do sexto Mandamento se não admite desculpa; assim como se pôde admittir nos outros peccados. E se não, reparay. Pôde hum homem matar em sua fiel defesa, ou por algum outro incidente, que poderá ter desculpa. Pôde furtar em tão extrema necessidade, que não seja peccado; porque no tempo da necessidade extrema, todos os bens são communs. Pôde trabalhar em algum Domingo, ou dia Santo, ou deixar de ouvir Missa por tão urgente causa, que não s'peque. E assim em todos os mais preceitos divinos poderá haver algum genero de desculpa; que faça não encorrer em peccado mortal. O que se não dá no peccado da fornicação: porque este, primeiro se vé, se cuida, e se forja no entendimento; e depois vay ao coração, para se poder pôr em execução. E como haja mora nestes effeitos, por isso se lhe não admite desculpa. E ainda o que expellio o semen por sonhos; se depois de acordado teve complacencia; peccou: e pelo contrario, se lhe peçou: porque no sono, não ha livre alvedrio, e sem livre alvedrio não ha peccado.

Bem tendes provado, Senhor, a vossa conclusão; me disse o morador: porém tomara que me explicafseis agora huma duvida, em que ha tempos tenho reparado,

parado, e vem a ser a seguinte. Se o peccado contra o sexto Mandamento tem esta graveza, e tanto se prohibe no Direyto divino; como disse Deos na fabrica do mundo em presença de Adaõ; que todos crecessem, e multiplicassem, sem fazer exceção de creatura alguma? Respondo, lhe disse eu. Por isso diz lá aquelle adagio: Que muitos ouvem cantar o gallo, e não sabem onde. Verdade he, que assim disse Deos: porém quando, e porque causa, he o que se deve notar. Day-me attençaõ.

Creou Deos o Ceo, e a terra, e todas as mais creaturas, e ao sexto dia fez a Adaõ: e depois de o ter feito, o levou para o Paraíso terreal. E porque o vio só sem companhia, lhe deo hum sono, ou extasi; e tirando-lhe huma costella do lado, estando dormindo, della formou a Eva; a qual junta com elle em estado de matrimonio, lha deu por companheira, deitando-lhes a tua bençaõ, para que crecessem em successão, e multiplicassem enchendo a terra, e presdissem; e governassem a todos os animaes, e se sustentassem dos frutos da terra a seu gosto; excepto o fruto da arvore da Sciencia do bem e do mal. Tudo consta da Sagrada Escritura. [Gen. 2.

Agora notay, que antes de ter dado Deos o estado do matrimonio a Adaõ, não lhe disse que crecesse, e multiplicasse; por estar sendo solteiro: e só depois que o constituhio no estado de casado, lhe concedeo a propagação. E se vos ficar a duvida, de que fosse casado Adaõ: entendey, que soy o seu matrimonio hum dos mais perfeitos que houve, nem pôde haver; porque teve todos os requesitos de verdadeiros desposorio. Nelle se contrahiraõ as vontades entre os dous contrahentes, por não haver mais que

que dezejar, nem appetecer : houve assistencia do mais perfeito Paroco, que foy Deos Padre Eterno: teve testemunhas, que foraõ os Correzaõs do Ceo, Espiritos Angelicos : fizeraõ se finalmente todas as outras ceremonias, que se observaõ hoje na Ley da Graça; porque tambem tiveraõ as benções, de que a Igreja usa com os desposados. E deste modo foy solemnemente casado, e recebido Adaõ com Eva; como a esta imitação manda a Santa Madre Igreja de Roma, e dispoem o sagrado Concilio Tridentino.

E sendo assim, licita cousa he, que depois de casado qualquer homem, use da propagação, que he o principal fim, para que tomou aquelle estado, sem a minima sombra de peccado, usando do matrimonio licita; e necessariamente. Porque tambem tratando de outros meynos illicitos, poderá haver culpa, e peccado.

Senhor, na verdade vos digo, me disse o morador, que fallais com grande acerto, e me tendes declarado o que eu ignorava. Porém, como todos não podem ser casados; tomára que me desseis algum remedio, com que me possa livrar de cair nesse peccado. Haveis de saber, lhe disse eu, que para tudo nos deu Deos remedio, prevenindo a fragilidade da natureza humana: nós somos os que usamos mal dos meynos, que Deos nos tem dado para nossa salvação.

Tres são os estados, em que se póde conservar o homem em graça de Deos: de Matrimonio, de Religioso, e de Celibato. Alguns querem, que o quarto seja o de Sacerdote, que vive fóra da clausura: e por isso (não me arrevia a dizello, se o não tivesse lido, e ouvido explicar por Varões doutos) o mais arris-

arriscado de todos. Em quanto ao primeiro estado: ainda que o Matrimonio foy, instituido pelo mesmo Deos, como já vos disse, e nelle se podem salvar os que o tomaõ; com tudo he muy penoso o seu estado. Porque a mesma experiencia nos ensina, que ainda quando hum homem trata só do seu bem espirital, são tantos os inconvenientes que o apartaõ de Deos, que vive em huma perpetua guerra: e daqui se collige, que muito mayores seraõ as difficuldades que achará para se dar a Deos, o que ha de governar a sua casa, e familia com aquella recõdição, e promptidaõ, que he obrigado, como Deos manda que se viva neste estado.

E assim diz S. Joaõ Chrystomo, que os casados nunca tem descanso, mas sempre estaõ rodeados de molestias, e affligidos com pobreza; porque nunca se daõ por satisfeitos com os bens, que Deos lhes dá. E Santo Agostinho diz, que mais os atormenta o temor de perderem a fazenda que possuem, do que foy o gosto que tiveraõ em adquirilla.

Sendo, que este estado, só se deve tomar com aquella recta intençãõ de obrar bem no serviço de Deos; desprezando os superfluos bens temporaes; dando bons exemplos à sua familia; e fazendo-os trabalhar, para comerem o paõ com suor do seu rosto, como mandou Deos a Adaõ. Porque só depois que se vio pobre, obedeceo, e conheceo Adão a Deos, como fazem muitos à sua imitaçãõ.

Ha outro estado, que he o de Religioso, ou Sacerdote, per si o mais nobre de todos os estados: e se nos Anjos coubesse enveja, parece, que só a terraõ dos Sacerdotes. E se não, vede. Com cinco palavras fazem decer o mesmo Deos a suas mãos; e com outras cinco abrem as portas do Ceo a hum pecca-

peccador, e fazem fechar as do inferno : são as primeiras cinco, as da confagração, e as segundas, as da absolvição. Vede, se pôde haver mayor poder, ou imperio em huma creatura: Affirmaõ muitos Authores, que se juntamente vissem a hum Anjo, e hum Sacerdote primeiro farião reverencia ao Sacerdote por razaõ da sua dignidade, que ao Anjo. E assim se pôde dizer, que os que vivem como verdadeiros Religiosos, já nesta vida mortal são Bemaventurados; como diz David Psal. 83. 5. Bemaventurados os que morão na casa de Deos. Por esta causa he muito para sentir o pouco respeito; que muitas vezes se tem aos Sacerdotes, e Religiosos.

Devem os que procuraõ o tal estado não pôr os olhos em adquirir por meyo d'elle honras, riquezas, faustos, ou cousas semelhantes. Mas só se devem empregar em servir a Deos, observando os preceitos da ley divina, e de sua Religiaõ; sendo espelhos em que se veja o povo; para se comporem à vista do seu bom exemplo: porque a mayor honra que se pôde dar a Deos, he o bom exemplo; e este se procura achar no estado Sacerdotal, mais que em qualquer dos outros. E os que com mais razaõ devem temer o juizo divino, são os que tem à sua conta o bem das almas, se não fazem inteiramente sua obrigação, administrando-lhes os Sacramentos, e não turtando o corpo ao trabalho, como bons Pastores, até darem a mesma vida por ellas, se for necessario: porque affirma Christo por S. Joã cap. 10. v. 11. que o bom Pastor dá a vida pelas suas ovelhas.

O terceiro estado he o de Celibato, o qual tem aquelles que nem são casados, nem Religiosos. Este estado em parte he mais proprio para hum se dar a Deos, que

que o do Matrimônio. E por isso chama Christo Senhor nosso Bemaventurados os que tem o coração puro, e limpo: (Matth. 5. 8.) porque os que vivem castamente, tem em si hum certillimo penhor da eterna Bemaventurança. E S. Ildóro explicando a etymologia da palavra Latina, *Celebs*, que significa casto, e continente; diz, que he o mesmo que estar no Ceo. E se bem repararmos no homem casto, e continente; acharemos, que vive livre de todos os mais peccados, ou ao menos com facilidade se emenda delles.

Com tudo, he muito arriscado este estado: porque he necessario que tenha muito de Deos, quem anda sobre o fogo da sensualidade, para não se queimar, nem se lhe pegarem os vicios, cujos exemplos traz sempre diante dos olhos. Por esta razão, me parece, que todos aquelles com quem fallo neste particular, me pedem lhes inculque o remedio, que vós dezejais. Mas a isto satisfarey com o que diz o Ecclesiastico cap. 15. v. 1. dictado pelo Espirito Santo: Quem teme a Deos, sempre obrará bem. E ao mesmo intento S. Paulo ad Rom. cap. 8. v. 28. Aos que amão a Deos, tudo lhes succede bem, e com prosperidade. Porque com este escudo do temor de Deos, não só levarão com paciencia os estímulos da carne, e molestias do seu estado; mas também farão muitas obras de virtude; como fizeram tantos Varões insignes em santidade: pois os que forão Santos não erão compostos de outra natureza da que Deos nos fez a nós, que estamos em via de merecermos o premio da gloria. E para este effeito nos devemos retirar de todos os perigos de mulheres, ainda que nos chamem fracos: porque também na musica as sugas fazem consonancia.

De mais que he muy certo, que assim como o fogo com o vento se accende, tambem a carne com o contacto, ou vista lasciva se altera. E por isso aconselhara eu a todos aquelles que se quizerem ver livres de semelhantes culpas, que fujaõ de mulheres, como lá fugio Joseph de sua Senhora mulher de Putifar: o qual poito que ficou sem cappa, por lha largar nas mãos; a cobrou muy aventejadamente no Egypto conservando a estola da graça, e alcançando o premio da Bemaventurança no Reyno do Ceo.

E nenhum seja tão ousado, que se atreva a dizer que se livrará de semelhantes encontros, fiado em suas forças, saber, e virtudes; se Deos o não livrar, fazendo elle tambem de sua parte por fugir dessas occasiões. E se não, vede o que succedeo a David, aquelle pasmo de forças, affombro de saber, exemplo de virtudes, e tão amigo de Deos: bastou só huma vista de olhos, quando se deixou embelesar de Bethabee, para cair em tão atrozes culpas. E se não fora advirtido por mandado de Deos por hum Profeta; ou não tomára o conselho, e reprehensão, como costumaõ fazer muitos peccadores; vede o que lhe succederia. Porém David como era homem de muy claro entendimento, conheceo o erro, e logo se arrependeo, e Deos lhe perdoou os seus peccados.

De S. Pedro de Alcantara se conta na sua vida lib. 3. pag. 316. que foy tão acutelado, e amante desta santa virtude da Castidade; que ainda estando no Confessionario, não abria os olhos quando confessava mulheres. E se a caso estando em publico via algum Religioso moço abrir os olhos, para ver alguma mulher; condoendo-se do dano que lhe podia

dia resultar, lhe mettia os dedos nos olhos, reprehendendo-o de sua inadvertencia, ainda que fosse diante dos Seculares: porque não queria por respeito humanos deixar de remediar o dano, que ameaçava a seu Irmão. E costumava dizer, que o que olhava para o rosto de huma mulher, era difficuloso, e quasi impossivel deixar de receber dano. E assim avisava a seus Religiosos, que nenhum se fiase de si mesmo; nem dissesse que bastava ter seguro, e guardado o seu coração; porque he tão delicado o Inimigo Carne, que por muita virtude que hum tenha, tem ella mais ardil para enganar ao que mais presume de espiritual.

Naõ vos repito outros muitos casos, que tem succedido no mundo acerca deste particular; porque alem de serem tão sabidos, e vulgares, ainda hoje estamos vendo a cada passo succeder os mesmos: procedendo tudo de não haver grande cautela de fugirmos de ver, e ouvir tudo aquillo, que não convém à nossa salvação.

E por isso advirtio engenhosamente hum Author, que o Signo de Virgem está no meyo de Leão; animal vigilante, que dorme com os olhos abertos; e que tem na mão huma balança, symbolo da temperança: para que entendessemos, que para conservar a castidade, alem da parcimonia, he necessaria a guarda dos sentidos, e fugir de toda a occasião de perigo.

Sante Thomàs, depois de huma grande victoria que alcançou contra o vicio da Carne, fugia quanto podia das vistas, e conversações de toda a sorte de mulheres; ainda que fossem de mayor idade, e parentas suas. E estranhando-lhe em certa occasião huma sua parenta fugir das mulheres, sendo

do nacido de huma; respondeo sabiamente o Santo: Por isso mesmo temo. Ensinando-nos, que qualquer homem, por santo que seja, não deve dar-se por seguro, em quanto se acha rodeado, e vestido desta miseravel carne, occasionada a tantos precipicios. E assim ficay entendendo, que não ha mayor virtude, nem cousa mais agradavel a Deos, que huma alma que guarda a virgindade, e he continente; por se assemelhar com os Anjos: porque já em corpo mortal tem muito da graça de Deos, e lhe he muy facil adquirir as mais virtudes por meyos dos Sacramentos.

E fóra destes tres estados, haveis de saber, que tudo o mais que se chama homem, e mulher solteiros, são gente mundana, que vivem cheyos de vicios, sem temor de Deos, nem receyo de perder a alma: e por isso semelhantes aos jumentos, como diz David. (Psal. 31. 9.) Porque a luxuria he hum appetite desordenado de deleytes sensuaes: e os que se entregaõ a elle, nunca se fartaõ, antes cada vez mais se engolfaõ nelle, peyores que os brutos; e nada trataõ do bem da alma, servindo, e obedecendo ao Demonio mestre da maldade: o qual depois de os enlodar em todos os vicios, e tropeços, lhes priva as almas de todo o sustento espiritual, e lhes mata tambem os corpos, e assim os leva ao inferno, aonde vão penar para sempre.

Este vicio da luxuria, diz S. Gregorio lib. 32. Moral. cap. 17., he o que mais guerra faz aos descendentes de Adam, desde que lhes aponta a barba, até à sepultura. E ainda que o Demonio lança muitas redes no mar deste mundo, para pescar aos homens; nenhuma he tão grande, nem de malhas tão miudas, como a deste vicio, que com todos

tem entrada : porque mora muito de assento como grande , entre os Grandes ; e por isso se faz tão soberbo , por ter feito muitos delitos sem o castigarem ; mas antes por se ver prezado de muitos , cada vez se faz mais forte.

E por esta razão temo , e tremo de ouvir huma authoridade de S. Remigio a este intento. Excepto os mininos ; diz o Santo , poucos são , por amor deste vicio , os que se salvaõ. E que succederà aos que estaõ de assento nesta culpa , como se não tiveraõ alma ? Pois advirtaõ , que diz S. Bernardo , que quem se detém hum anno em peccar , cem annos ha de penar. Isto se entende dos que vaõ ao Purgatorio : que para os que vaõ ao Inferno : *Nulla est redemptio.*

Huma cousa vos quero perguntar Senhor , me disse o morador , por nunca a ter lido , nem ouvido praticar ; e vem a ser : De que procederà permittir Deos , que muitos homens , e mulheres , depois de terem sido grandes peccadores , vieraõ acabar as vidas com muy conhecida opiniaõ de virtudes ; e pelo contrario outros , começando bem , e com menos culpas , e tal vez por hum só peccado , foraõ condenados para sempre ao inferno ?

Respondovos , Senhor , lhe disse eu. Primeiramente havemos de assentar , que os justos juizos de Deos , não ha quem os possa comprehender. Porém isto presuposto : dizem os Theologos , (e assim cremos de Fé) que Deos tudo tem presente , e conhece do preterito , presente , e futuro : e como sabe que aquelles peccadores , ainda que tivessem cabido naquellas culpas , haviãõ de ter emenda , e fazer penitencia dellas ; por isso lhes esperou , e espera a sua conversãõ , para lhes dar a Bemaventurança. E

os outros peccadores, porque conhecia, e conhece, que se vivessem eternamente, sempre haviaõ de perseverar na culpa; por isso são condenados para sempre.

Corroborã-se esta verdade pelo que disse S. Jeronymo: Que a vida dos Christãos, não olha Deos para os principios della; porém fim para os seus progressos, e fins. E por isso convém, e importa a todo o Christão que se quizer salvar, ponha termo em seus peccados, pedindo muito a Deos, que lhe dé forças para abraçar as suas santas inspirações; para se poder tirar da occasião da culpa; pois para isso nos deixou Deos o livre alvedrio nas nossas mãos. Porque he certo, que não querer largar a culpa, he final de precito; e deixar-se estar nella, he querer, ir para o inferno.

Em quanto à razão de serem condenados eternamente os peccadores, tal vez por hum só peccado. Diz Santo Agostinho, que como aquelle que pecca, offende a hum Deos infinito: tambem, se morre em peccado, para sempre ferá a sua pena, e infinita. A culpa que se commette contra Deos, por isso se chama peccado mortal, porque mata a alma: e bem sabeis, que tanto mata huma só ferida sendo mortal, como mil, chegado a morrer della. E daqui procede, que a creatura que cahio em peccado mortal, já he do numero dos precitos condenados; e não tem entre a vida; e o inferno, mais que huma respiração: por isso Job chamava à sua vida, hum vento. (Job. cap. 7. v. 7.) E sem embargo destas solidas, verdades, vivem, os peccadores tão cegos, e faltos de discurso, e razão; que estando em tão grande perigo, comem, bebem, dormem, e descansão, como se tivessem as vidas estribadas em hum firme alcerse, ou solido padraõ; quando

deviaõ temer, e recear, que os apanhasse a morte na occasiã proxima da culpa, e fossem a penar para sempre ao Inferno.

E agora vos digo, que se eu fora Prégador Missionario, não feria outro o meu empenho, que persuadir aos Ministros de Justiça, que fizessem dar execuçaõ à ley, castigando este peccado de amancebamento publico, e escandaloso. Porque he certo, que só assim se poderia emendar: e de outra forte, fazem zombaria os que estão mettidos nesta culpa. E se não, vede, quantas vezes será advertido hum peccador destes no Confessionario; quantos avisos terá dos Prégadores Evangelicos; e quantas vezes haverá lido a graveza desta culpa? E que vos parece que lhe resulta de todas estas advertencias, avisos, e lições? Zombar de tudo. Porém se elles vissem que se executava o castigo, conforme a culpa merece; eu vos prometto, que logo haveria emenda, e não veriaõ a experimentar o castigo divino com taõ lamentaveis desgracas, como eu tenho visto succeder, e notoriamente se estão vendo acontecer. E para confirmação do que vos tenho dito, ouvi os seguintes casos.

Eu conheci hum homem em certa Villa, que estava concubinado com huma mulher, havia mais de quinze annos: e porque o Vigario da daquella fréguezia o reprehendeo, e quiz apartar daquella má occasiã, se passou de morada com toda a sua casa para outro Lugar. E ainda que tambem por alli passavaõ os Visitadores, quando hiaõ de visita; com tudo como o castigavaõ em pena pecuniaria, não deixava de perseverar no seu peccado. E como era rico, e por isso soberbo; succedeo dar elle com hum pao em hum mancebo; de que ficou resentido o offendido pela

affron-

affronta que se lhe tinha feito. Era este homem amancebado, muito amigo do Padre Capellaõ daquelle Lugar : (e tal vez por lhe dissimular o maõ estado em que estava) e vindo o Padre visitallo hum dia, o hospedou com toda a grandeza. Perguntou-lhe o Padre : Como havia passado com o Visitador, que tinha estado de visita naquelle territorio? Disse-lhe o amancebado : Em quanto eu tiver farinha, dinheiro, e arroz, não se me dà de Visitador. Fizerão-se horas de se despedir o Capellaõ ; trouxe-o o amancebado até o porto de hum Rio, a embarcallo em huma canoa : e voltando para a sua casa, lhe fez tiro com huma espingarda o mancebo, em quem elle tinha dado com o pão; e logo alli immediatamente cahio morto. E tornando o Capellaõ com toda a pressa para o confessar; já o achou sem vida: e assim morreo sem Confissão. Vede, quam desastrado fim teve este miseravel homem : o qual suppondo que com o dinheiro livrava do castigo da terra, não pode livrar do castigo de Deos, por se não emendar da sua culpa.

Outro homem houve, que de tal forte se tinha amancebado com huma escrava de hum lavrador; que era já escandaloso no seu maõ proceder : motivo, porque disse o Senhor à escrava, que se elle soubesse que ella tartava com aquelle homem de offender a Deos, a havia de castigar rigorosamente. Succedeo, que indo hum dia a escrava a buscar agua, achou ao homem junto da fonte : o qual pela ver dissuadida de lhe fazer a vontade, a começou a persuadir com palavras, afagos, e promessas, para ver se a podia obrigar. Disse-lhe a escrava : Senhor, eu não quero mais cousa alguma com Vossa Mercê, por não experimentar o rigor de meu

Senhor. E dando-lhe as costas, o deixou. Vendo o homem esta resolução da escrava, puxou de huma faca que levava, e mettendo-a pelos peitos, alli ficou morto.

Um lastimoso caso por certo, me disse o morador; e não tenho ouvido contar outro semelhante: porque ainda hum bruto irracional teme a morte. Esse homem devia ser falto de juizo. Por certo, lhe disse eu, que das muitas vezes que com elle tinha conversado, sempre o achei de muito proposito: porém como estava cego do peccado, teve o Demonio occasião de o precipitar a tão horrendo castigo.

Outro caso não menos lamentavel succedeo a hum homem presumido de bem fallante, e entendido; porém para as cousas do mundo: porque pouco importa que se achem no homem peregrinas noticias, e sublimes ideas, se lhe falta o temor de Deos. Andava este homem concubinado com huma escrava de hum vizinho, e tão cego neste torpe vicio; que ainda que muitos de seus amigos o tinham dissuadido para que deixasse aquella occasião, nunca a quiz deixar: até que o mesmo dono da escrava lhe chegou a mandar dizer, que se o achasse na sua Fazenda, o havia de matar. Não obstando todos estes avisos, tornou a ir buscar a occasião do peccado: e como jáo trazia, o dono da Fazenda em vigia; assim como soube que elle estava dentro da casa da mesma escrava, o foy buscar: e saindo o miseravel de dentro, lhe metteo o Senhor da Fazenda huma espada pelos peitos, e logo alli o deixou morto, sem fazer acto algum de Christão. E se eu houver de vos contar os infinitos casos, que por este peccado tem succedido no mundo; primei-

ro me faltará o tempo, e a vós a vontade de me ouvir, do que eu cessarey de os referir.

Bem sey Senhor, me disse o morador, que nenhuma cousa mais nos castiga, que a mesma culpa, tanto que nos não emendamos, e arrependemos a tempo. Com que, à vista desses atrozes casos que me tendes dito, necessariamente vos quero dar parte do mau estado, em que me vejo; para que me deis algum remedio: porque me acho com bastantes remorsos da consciencia. Sabeey, que haverá sete annos que estou amancebado com aquella mulher, que esta tarde vistes vir em minha companhia: e ainda que muitas vezes me tenho confessado, e por isso sou reprehendido dos Confessores; nunca cabalmente me resolvi a largalla, mas antes cada vez me acho mais enlaçado neste peccado.

Naõ vos pareça, Senhor, lhe disse eu, que vos agradeço pouco o manifestares-me a vossa culpa: porque me persuado, que estais com animo de vos emendar della. Que por isso se diz, que quem chegou a conhecer o seu erro, com facilidade se emenda. Mas quem não conhece o seu engano, muy difficulosamente se resolve a tirar-se do mal que faz.

Porém isto supposto. Dizey-me, Senhor: Como vos absolvem os Confessores dessa culpa? Porque tenho dado, me disse o morador, em huma traça diabolica: e vem a ser, que tanto que chega a Quaresma, costume mandar esta mulher para a casa de hum meu compadre; e quando me vou confessar, digo ao Confessor, que já a tenho deitado fóra de casa: e por isso me absolve. E dessas vezes, lhe disse eu, que vos confessastes, tivestes alguma

dor de ter offendido a Deos? ou fizestes proposito de largar essa occasião? Nunca me lembra que tivesse esse dezejo, nem proposito de me emendar, me disse o morador; mas antes dezejava que se acabasse logo a Quaresma, para tornar a mandar vir a mulher para casa.

Pois fabe, Senhor, lhe disse eu, que não só vos não tendes confessado, mas fizestes muitas confissões nullas, e grandes sacrilegios: e assim entendey; que se nesta occasião morresseis sem vos confessardes com verdadeiro proposito de emenda, hieis ao Inferno: porque não ha cousa de que Deos mais se offenda, que de ver a hum peccador confessar a culpa, e prometter a emenda, e tornar a cair no mesmo peccado. E vede quanto mais tem de circumstancia a vossa culpa: pois a callais na Confissão, enganando-vos a vós mesmo, e ao Confessor, em huma especie de peccado tão grande, como o do amancebamento, que Deos mais frequentemente castiga com mortes repentinas, pelo que tenho visto, e lido nos Livros, como já vos tenho dito.

E com muita razão se póde temer aquella sentença, que diz:

Numero determinado
Tem o peccado: e não faves
Se para ser condenado
Sómente falta, que acabes
De commetter hum peccado.

Senhor, me disse o morador, bem sey que e obro mal: porém tomára que Deos me dera hum efficaz auxilio de sua graça, para me livrar desta culpa.

Haveis

Haveis de saber, lhe disse eu, que a nossa salvação não depende só de Deos, nem só de nós; porém sim do concurso de Deos com seu auxilio, e juntamente de nós pedindo-lho, e abraçando-o. Porque ainda que Deos sempre nos quer salvar pelo que tem de bom, e misericordioso; comtudo ha de preceder da nossa parte a vontade de o buscarmos, pedindo-lhe, e rogando-o, como tão necessitados, para lhe merecer-mos o seu agrado. Dizia Deos a Moyfes; *Extende manum tuam: extendam manum meam.* (Exod. cap. 4. v. 4. & cap. 3. v. 20.) Estendey a vossa mão; que eu tambem estenderey a minha: mas sabey que a minha sem a vossa não vos ha de valer para vos salvar. E diz Santo Agostinho: *Qui fecit te sine te, non salvabit sine te.*

Sabeis porque nos não ouve Deos? Porque nós tapamos os ouvidos, quando elle nos chama: por isso faz muitas vezes que tambem nos não entende, quando o chamamos; como disse pelo Profeta Zacarias cap. 7. v. 13. Se nós cuidassemos das cousas divinas, tambem Deos cuidaria de nós, disse S. João Chrysofomo in Genes. homil. 14. in fine.

Como esperais que Deos ponha os seus divinos olhos de misericordia em vós, quando assim o estais offendendo, sem lhe pedir perdaõ dos vossos peccados com hum acto de amor, e contrição? Ponhamos este caso em questaõ; e depois o resolveremos com a boa razaõ. Supponde hum homem (não digo herege, se não Christão) dado a todos os vicios, e atropelando a ley Divina com suas culpas; sem fazer exame de consciencia, nem acto algum de amor de Deos, ou de compunção de seus peccados. Sendo que devia olhar para o Ceo, ou para huma Imagem de Christo Senhor Nosso, e dizer
de

deoração: Peza-me, Senhor ; de vos ter offendido, pör serdes vós quem sois : day-me hum auxilio de voſa graça, para me poder emendar das muitas ofensas, que contra vós tenho feito. Ou fazer tambem hum acto de amor divino , dizendo : Meu Deos, meu Pay, meu Senhor , eu vos amo sobre todas as cousas : Livray-me de vos offender, para que possa merecer a vossa gloria. E da mesma sorte devia valerſe da Virgem MARIA Senhora nossa, como Advogada de peccadores , dizendo-lhe com hum affecto cordial : Senhora , bem vedes as minhas grandes culpas , que tenho commetrido contra Deos : acodime com vossa interceſſão, e piedade, para alcançar perdão dellas. Para todos estes actos, e outros semelhantes, não he necessario ser retrado ; basta que o peccador os faça com grande vontade de que lhe succeda tudo o que pede como necessitao : e de outra forte , de nada lhe poderaõ aproveitar ; por ser o peccado hum grande impedimento para ter de Deos ouvido. Deos não ouve aos peccadores, diz a sagrada Escritura : *Peccatores Deus non audit* : (Joan. cap. 9. v. 31.) Isto he em quanto hum peccador se não arrepende, não ouve Deos. Mas na honra em que de coraçãõ lhe pede perdão, e se justifica ; logo he de Deos ouvido. E assim convém muito, antes que o peccador faça oraçãõ, examinar a sua consciencia, e fazer actos de contriçãõ. Assim o entendeu David, quando readeo as graças a Deos de lhe haver perdoado seus peccados, dizendo : Bemdiſto seiais, Senhor, que não apartastes de mim a minha oraçãõ, nem a vossa misericordia. E com estas palavras acaba o Salmo 65. De maneira , que quando pedimos a Deos perdão dos nossos peccados, primeiro lhe havemos dar

dar as graças de nos admittir a seu gremio, e dos muitos beneficios que delle recebemos.

Por esta razão, se o Gentio Idolatra soubesse o que lhe resultava de ser Christão; viria de muy remotos climas buscar este bem, por estar addicto à Igreja, e capaz dos Sacramentos; por se pôr em graça de Deos, e gozar dos thesouros da Igreja.

E assim entendeu, que se a oração não for feita de todo o coração, não terá effeito algum de merecimentos para quem a faz; se será o mesmo que a oração de huns bichinhos que ha no Brasil, que lhe chamaõ Louva a Deos: dos quaes dizem os naturaes, que se geraõ, e nace[m] de huns raminhos secco[s] de huma arvore. Bem sey, que he contra a ordem natural da melhor Filosofia: porém posso certificar, que vi hum destes bichinhos ainda meyo paosinho, e a outra parte já animada. Estes animalejos taõ como hum grillo; porém muy magros, e estiticos: trazem sempre as mãos postas juntas, e os joelhos dobrados, e os olhos levantados para o Ceo, e por esta razão lhes chamaõ Louva a Deos: porém toda esta oração he de huma alma de pão secco. Assim faõ os peccadores, que rezaõ, e fazem oração sem recta intenção.

Saõ tambem estes taes como os cafanhotos, que andaõ com o habito Franciscano, cheyos de cilicios; e na hora da morte vem a morrer como brutos, sem lhes valer, nem aproveitar o habito, nem os cilicios da penitencia; e assim vem a acabar em hum charco, ou brejal de culpas, sem merecimento algum. Podiaõ porém ser semelhantes à Barboleta, que abrazada nas chammas da luz (isto he, no amor de Deos) morre como a ave Fenix; paxa renacerem cantando louvores a Deos pelo que tivessem merecido

cido neste mundo, e assim irem as suas almas a gozar da eterna gloria.

Por isso diz S. Basilio, que as almas, e corações aonde Deos ha de entrar, não haõ de ser de altos pensamentos, mas de grandes espiritos com boas obras. Porque almas de ferro, corações de chumbo, e espiritos de carne, como lhes chamou o Veneravel Padre Frey Antonio das Chagas, não são para servir a Deos.

Vamos agora á boa'razaõ. Como he possivel que Deos vos dê hum auxilio para vos livrardes dessa culpa, e das mais; se vós nunca lho pedis com arrependimento dellas, e vontade de vos aproveitar desse auxilio? Porque he sem duvida; que ainda cá nas cousas do mundo estamos vendo, e experimentando, que só quem faz por ellas as tem: e pelo contrario; não lhe vem às mãos, se as não procura. Lá perguntou a Santo Thomás huma sua Irmãa: Que faria para se salvar? Respondeo-lhe o Santo: Querer: Porque sabia, que era necessario haver da nossa parte vontade, e diligencia, para alcançarmos a graça divina. Cuyday nisto de vagar, e vede se tenho razaõ.

Mas parece, que vos estou ouvindo dizer: que não podeis fazer mo que vos digo, porque vos não dà lugar o peccado. Agora venho eu bem a entender, que os peccadores que se vem em semelhante estado, são como os enfermos de madorna, que nenhum abalo lhes dà quem entra no seu apolento, nem quem fae delle; porque sempre estão dormindo, como fóra de seu juizo. E assim são os que se vem no lethargo da culpa: por mais que ouçaõ ao Confessor, e ao Prégador, o aviso do amigo, e do parente; a nada daõ ouvidos porque estão mettidos no sono do peccado.

Tambem são estes taes comparados ao Touro, que mettido no corro, ainda pôde escapar; porém tanto que o chegaõ ao mouraõ, já não pôde fugir. Assim são os concubinados: em quanto tem as concubinas fóra de casa, ainda se pôdem dellas apartar; porém tanto que as mettem de portas a dentro, estaõ presos ao mouraõ, e delles faz o diabo o que quer, até que os leva ao inferno.

Grande he a cegueira dos homens mundanos, que se deixaõ levar da vaidosa vida temporal! Porque estando vendo completarem-se os annos, passarem os mezes, correrem as semanas, voarem os dias, contarem-se as horas; em nada disto reparaõ, e cada vez se mettem mais nos gostos, e deleites do mundo: como se tivessem por certo, que acabada a vida, sem fazerem penitencia, haviaõ de ir gozar da Bemaventurança.

Porém sabeis de que procede isto pela mayor parte? Do mau exemplo: de verem assim obrar os sabios; que tem obrigação de nos advirtir com a sua boa vida, e costumes, e não devem fazer o contrario do que entendem; sem se lembrarem estes doutos do que diz Santo Isidoro: Que quanto maior he o conhecimento do delito, tanto mais crece a maldade do peccado. Muito pudera eu dizer-vos neste particular: porém só vos direy, que só vós, e nenhum outro por vós, haveis de padecer o castigo das vossas culpas, se dellas antes da morte não fizerdes penitencia, nem vos acautelardes dos laços do Demonio.

Vamos ao remedio, que me pedistes. Haveis de saber, que para sarar do amor, e dessa enfermidade, he necessario haver ausencia. Muitas doencas se curaõ só com a mudança do ar: porém a do amor,
só

fó se cura com a da terra. He o amor, como a Lua, que em havendo terra entre meyo, logo se eclipsa. Isto he em quanto ao remedio temporal.

Porém fallando espiritualmente. O mais efficaz remedio, he fazer huma Confissão geral muito bem feita, com proposito firme de antes morrer, que tornar a cair em tal peccado, ou em qualquer outro. E hum dos mayores serviços, que hum peccador póde fazer a Deos nosso Senhor, he o frequentar este Sacramento da Penitencia: porque em as repetidas, confissoens virà melhor em conhecimento de sua miseria, e fraqueza; e então reconhece melhor a grandeza de Deos, dando louvores à Sua Divina Magestade. E por isso [diz Santo Agostinho super Psal. 94. que hum peccador penitente, e arrependido de sua má vida, ao mesmo Deos engrandece, e exalta. E o Profeta Isaias cap. 30. diz, que agrandeza que Deos mostra, he quando aos peccadores perdoa.

E assim venho a entender, que esta foy a razão, porque disse Christo Senhor nosso, que mayor applauso, e mayor festa se fará na Corte do Ceo a hum peccador penitente arrependido, e que confessa bem, e verdadeiramente seus peccados; do que se fará a muitos justos, que não necessitaõ destes remedios. Luc. cap. 15. v. 7.

Sabeis em que perigos estais posto? Consideray vos reo de hum atroz crime de lesa Magestade, mettido em huma torre, na qual està hum alçapão falso, e nella vos mandaõ os executores da Justiza, que passaeis pela sala em que está o alçapão: e que neste breve instante achais hum favo de mel, e vos pondeis a lembello, até que cahis no alçapão, onde topareis com rodas de navalhas, e ganchos de ferro

ferro muy agudos, que logo vos tirarão a vida; que he o inferno; onde ficareis para sempre.

Ou tambem supponde, que vos vedes em hum lugar cercado de muitos negros, que vos vem matar; que são os demonios: e da parte, para onde podeis escapar, está hum precipicio tão alto, e despenhado, que se por elle quizerdes decer, acabareis a vida; que he o inferno: sem armas (que são as boas obras, que devieis ter feito em serviço de Deos) para vos defender: e que indo correndo (que he o curso da vida) topastes com huma arvore chea de doces pomos; que são os deleytes desta vida: e que delles estais comendo entre tanto risco.

He o peccado por sua má qualidade tão venenoso mal, que ninguem o pòde declarar, ainda que todas as creaturas se fizessem em linguas; por se não poder medir, nem tomar o pezo de sua gravetza, se não depois que se vê executado na alma. E basta que se diga, que se hum homem visse o peccado, e da outra parte o inferno; antes quereria metter-se no inferno sem culpa, do que gozar de deleytes buscando o peccado. E he certo, que quem não conhece o seu dano; não faz diligencia por sair delles: e quem não sabe da sua doença, não trata de lhe buscar a medicina. E que diremos dos que o appetecem? Hem sem duvida, que nem fogem delles, nem sollicitão o remedio.

Ainda para conversação da mesma faude corporal, devia o homem fugir de semelhante vicio; pelos honrrendos, e atrozes casos, e successos, que tem acontecido no mundo por causa deste peccado. E se os que o commettem, leessem com attenção a anatomia do corpo humano; verião o risco a que se expoem em semelhantes excessos naquelles açios, e

em traes tempos. A experiencia tem mostrado, que nenhum animal irracional periga nestes actos tanto como o homem. E se não, vede. Ainda os animaes faltos de razaõ são mais regrados neste vicio, porque lá tem seu tempo de propagação: porém o homem, chegando a ficar cego, sempre está appetecendo este peccado, sem reparar no prejuizo de sua faude. E como pelo excessso delle fica peyor que os brutos; por isso lhe succedem os perigos, e mortes repentinas, que tantas vezes se tem visto. A razaõ destes successos dà Moreto no seu Livro intitulado Luz da Medicina, no Prolego ao Leytor, comparando o semen do homem ao azeyte da candeia; que acabado este, expira a luz.

Que mortes repentinas não tem acontecido neste mesmo acto? Muitos depois de terem sahido del-
le, por beberem hum pucaro de agua fria, cahirão mortos: a outros lhes deo hum estupor, ou paraly-
sia: outros vicraõ a entificar: e outros se encheraõ
de Gallico, e ficaráõ disformes, padecendo mil do-
res, e incapazes de remedio, até a morte.

A tudo isto, e ao mais que me não he possivel
explicar, está exposto o homem, que se deixa en-
lodar em semelhante vicio, sem se querer tirar del-
le a tempo: e quando menos cuidar, se verá sepul-
rado no inferno.

A este tempo que eu fechava este discurso com a
palavra, Inferno; deo hum relampago, e juntamen-
te hum trovão, que cuydey que a todos nos destrú-
hia: porque tremeo a terra, abalou-se a casa, e del-
la cahio tudo o que pelas paredes estava, excepto
hum oratorio, dentro do qual estavaõ huma Im-
agem de Christo Senhor nosso, outra da Virgem MA-
RIA nossa Senhora, e outras de outros Santos. E
pondo-

pondo-nos logo de joelhos todos os que na casa estavam, rompeo o morador em hum acto de contrição com tantas lagrimas, e soluços, que bem moltrava estar arrependido de seus peccados. E depois de o animar, e consolar, comecey com todos a rezar as Ladainhas, e algumas orações : e foy Deos servido, que logo cessasse a tempestade. E porque era já tarde, me disse o dono da casa, que me fosse recoitar. Obedeci, e me dcitey em huma cama já feita na mesma sala; e o dono da casa em hum estrado á minha vista : até que pelas luzes das frestas vi que já era dia.

Levantey-me então, e juntamente o dono da casa : e ao abrir da porta, vimos hum monte de ramas mais alto que huma lança ; e conhecemos ser hum galho da cajazeira, que com a violencia da tempestade se tinha desganhado. E então viemos no cabal conhecimento do grande favor, que nos tinha Deos feito em nos livrar daquelle perigo. Porque se cahisse em cima da casa, sem duvida ficaríamos mortos, e opprimidos debaxo do seu pezo, pela violencia com que veyo compellido do corisco, que tinha despedaçado a arvore até o tronco.

E depois de ter visto o dono da casa aquelle fatal estrago, mandou logo chamar aos seus escravos; e promptamente chegáráo alguns dez, ou doze. Disse-lhes elle então : Mandey-vos chamar ; para vos dar a saber, que me he necessario seguir huma viagem em companhia do Senhor Peregrino, em que me poderey dilatar oyto, ou nove dias : enesse tempo que lá estiver, vos mando, que todos vos conserveis com muita paz, e uniaõ ; tanto na occupação do serviço, como fóra delle. E fallando com hum escravo mais velho, de quem parece fazia

mayor conceito, lhe disse: E a vós encarrego o cuidado de todos, e o zelo da minha fazenda. O que o preto assim lhe prometteo observar.

E depois de despedir aos escravos, chamou pela mulher que tinha em sua companhia; á qual disse: He esculado, Senhora, dizer-vos o motivo, que me persuade a apartar-me de vós, á vista do que succedeo: assim pelas grandes advertencias, e avisos, que nos tem feito o Senhor Peregrino; como pelo notavel perigo, de que Deos nos livrou. Aqui tendes trezentos mil reis: tratay de bulcar o melhor meyo de vossa salvaçãõ; que eu com a ajuda de Deos farey o mesmo. Aceitou a mulher a offerta, e logo lhe disse: Dias ha, Senhor, que esse era o meu intento, pelo que me tinhaõ dito os Confessores: e se o não tinha feito, era por vos não molestrar. E com esta resoluçãõ nos partimos; levando o homem dous escravos em sua companhia, que lhe carregavaõ o seu fato, e matalotagem. E passando pelo tronco da cajazeira, lhe disse esta lettra.

Tronco desnudo de ramas,

Bien te podré repetir

Lo que vá de ayer a oy:

Aprendan robles de ti.

Logo fomos continuando a nossa viagem por hũa muy dilatada estrada, e verdes campos, á vista de muy apraziveis arvoredos; porque os da America, sempre nellès he primavera.

Disseme o companheiro: Agora que tenho esta oportunidade, vos quero dar parte do motivo, que me persuade a acompanhar-vos. Muita merce me fareis, lhe disse eu, para ter mais que vos dever.

Sabey, Senhor, me disse elle, que haverá oytto dias que veyo à minha casa hum meu amigo, a falar-me para casar com huma donzella, filha de hum seu compadre: ao qual dey por resposta, que tomaria meu conselho, e lhe daria a resolução em menos de quinze dias; quicá que fosse só a fim de me escusar. Certificou-me este amigo, que he a donzella merecedora de toda a estimação, por ser filha unica de nobres pays, muy fermosa, e honesta: porém, que não tem mais que quatro mil cruzados de dote. Agora vos peço que me aconselheis, se faço bem em tomar este estado com tão pouco cabedal.

Senhor, lhe disse eu, ainda que para se dar conselho nesse particular se necessita de muy largas experiencias, e informações; com tudo, como me dizeis que he vosso amigo esse homem; e segundo o dito do Filosofo Pythagoras, o amigo he outro eu; supponho, que vos não inculcará mulher indigna da vossa pessoa. Em quanto à razão de ter poucos cabedaes: muitas vezes se offerecem estes com pessoas tão indignas, que ainda que sejaõ muitos, não bastaõ para se comprarem desconfianças. Não póde haver mayor cabedal, que a honra. Lá se conta, que perguntando-se a huma pobre donzella, que dote tinha; respondeo, que a sua honestidade. Alem de que, nem sempre os cabedaes asseguraõ o estado dos casados, pelo muito que temos visto succeder no mundo. E por isso, perguntando Marcial, porque não queria casar com huma mulher rica; respondeo.

Prisco, porque não me caso,
 Dezis, con rica muger?
 Porque no quiero yo ser
 La muger: y esse es el caso.

Porém i isto supposto, vos digo: que tendo essa donzella as partes que vos assegurou esse vosso amigo, sou de parecer, que a aceiteis por esposa, visto o grande perigo, e risco de vossa salvação, em que estiveis até agora pelo vosso peccado. E assim podeis acèytar esse estado, que Deos vos offerece, como taboa em hum naufragio: para que vendo-vos em terra, (isto he, livre da culpa) a leveis ao templo, e em sua companhia façais muitos servigos a Deos.

Porque haveis de entender (como já vos disse) que authorizou Deos com sua presença o primeyro estado que houve de casado no mundo: para nos mostrar as grandes excellencias, e perfeições que nelle se encerraõ; e as obrigações que os casados tem, de viverem conformes aos preceitos divinos, unindo-se ambos em huma só vontade, fundando nella muy diversas, e copiosas virtudes; mostrando-se muy agradecidos a hum Senhor, que tanto os honrou com sua presença, e tanto os alimenta, e favorece com sua providencia, e misericordia. Porque he o casamento (con o todos sabemos) hum contrato de duas vontades ligadas com o amor, que Deos lhes communica; justificadas com a graça, que lhes deu Christo Senhor nosso; e authorizadas com as ceremonias, que lhe ajuntou a Santa Madre Igreja: que esse he o effeito de hum verdadeiro desposorio, unir duas almas em hum corpo: *Duo in carne una.* Gen. 2. 24.

Porém suppostas as obrigações dos preceitos divinos, que se devem guardar em primeiro lugar, e muito à risca : todos os casados tem obrigação de viver perfeitamente no seu estado , sem embargo de quaesquer encargos , ou desgostos. Em razão dos respeitos humanos , são necessarias muitas circumstancias para se guardar este perfeito estado , tanto para o sossego da alma , como para a segurança da honra , e descanso da vida. A primeira he a igualdade das qualidades , sem a qual ha grandes perigos na vida , e desgostos irreparaveis ; porque nunca se viraõ desigualdades sem inquietações : e por isso Plutarco encommenda aos pays , que não casem seus filhos com pessoas de desigual nobreza : porque aquelles que casaõ com quem os excede muito na qualidade , não ficaõ maridos , se não cativos. E daqui procedem entre os raes casados tantas discordias , que logo se desquitaõ da paz.

A segunda condição , para que o amor seja mais constante , e verdadeiro , he , que sejaõ os casados muy conformes nos seus dezejos , e inclinações : porque sendo elles estes , ainda em razão de defeitos naturaes se podem amar perfeitamente ; pois he bem sabida a regra da Filosofia , que a semelhança he causa de amor , e elle de toda a paz , e conformidade , sem a qual não póde ser perfeito aquelle estado. E era ella taõ encommendada entre os Antigos , que nas festas que faziaõ a Hymeneo tido por Deos dos casamentos , tiravaõ os féis dos animaes que sacrificavaõ , e os lançavaõ fóra dos altares : porque , segundo o que diz Pierio Valeriano , o fel he o assento da ira , e da colera ; e não convinha que fosse sacrificio feito onde fosse colera , e ira. E assim vos venho a dizer , que se che-

gardes a effectuar esse estado de matrimonio; depois de guardar os preceitos divinos, como sois obrigado, em segundo lugar vos conformeis muito com vossa esposa; porque na paz, e concordia consiste este estado; para poder viver bem, e virtuosamente, tanto no serviço de Deos, como para a conservação da vida.

C A P I T U L O X V I I .

Do sétimo Mandamento. E do que succedeo ao Peregrino com hum vendeiro, que estava roubando ao povo: e como o dissuadio daquelle mau trato, com varios exemplos.

E Nestas, e outras conversações, fomos passando o dia; até que (serião já cinco horas da tarde) chegamos à casa de hum taverneiro, o qual estava muy occupado em vender, e arrecadar o dinheiro do que vendia. Demos-lhe as boas tardes: respondeo-nos muy seccamente, sendo que vendia molhado. Retiramo-nos para debaxo de huma copada arvore, que junto da casa estava; e dalli lhe mandamos pedir hum pucaro de agua: mandou-nos dizer que a mandassemos buscar à fonte, porque a não tinha em casa. E ouvindo o companheiro razão tão defabrida, como falta de primor; me disse: Na verdade vos digo, que não ha cousa peyor no homem, que a falta da cortezia. Por isso se diz, lhe disse eu, que o villaõ roim não ha mister chocalho. Porque he certo, que a cortezia necessaria, he dividida: affectada, cerimonia: e lisongeada, conveniencia.

Este

Este vendeiro, bem poderá ser, que tudo ignore por montanhez; se já não he pela occupação em que está. Porque como vé que lhe não resulta conveniencia alguma da nossa assistência, tudo despreza: mas antes dezeja não ter testemunhas de vista a sua ambição: e para melhor dizer, furto. Porque me lembra ter lido no livro dos Sonhos de D. Francisco de Quevedo, na sua prematica do tempo, que diz assim: Mandamos, que no se lllamen las vendas, vendas; sino hurtos: porque en ellas más se hurta, que se vende.

Em quanto ao desabrido primor, menos cortezia, e falta de caridade, com que se tem havido obrigação de saber, o valor, e quilates da cortezia, He a cortezia huma virtude moral, e muy necessaria aos homens, por ser hum agrado aos olhos, e hum feitiço aos corações. He hum esplendor a quem a observa; porque lhe argue huma nobreza, e fidalguia. He hum toque, que descobre a nobreza do sangue, vence ao odio, e concilia ao amor. He o fundamento da amizade: esta se perde, ao tempo que aquella falta: vence, quando se deixa vencer: quando rendida, triunfa: ostenta-se ao inferior rendido, ao superior obrigado: e fobre tudo, fae mais, quando com discrição se avincula a hum luzido nacimiento. Estas são as qualidades desta virtude moral da cortezia: e vede o quanto he digna de ser observada, e praticada no mundo entre os que a sabem estimar.

Na verdade vos digo, me disse o companheiro, que muito folguey de vos ouvir publicar as excellencias da cortezia: e por isso, parece, anda esta virtude tão avinculada á fidalguia, e ao estado Re-

ligioso. Porém fallando dos effeitos da liberalidade, lhe disse eu, he esta a joya de mais estimaçãõ, que pòde procurar qualquer animo generoso, que se prèza de nobre, e honrado; por serem tão sublimados seus quilates, que ainda a muitos humildes tem feito exaltar. E se não, vede o que succedeo a hum famoso Portuguez.

Era este assistente em Napoles, chamado Sebastião Cortiços, homem de grande negocio; porém de nascimento humilde. E estando em Madrid; no tempo de Philippe IV. Rey de Castella, necessitava a Rainha mulher do mesmo Rey de cincoenta mil dobrões; mandou-os pedir sobre as suas joyas ao dito Portuguez: tornou-lhas elle com a quantia dobrada; e a Rainha lhe mandou huma lembrança de consinaçãõ. Succedeo levallà elle consigo hum dia de Reys, Indo beijar a mão à Rainha; e ella, ou por favor, ou por galanteyo, lhe pediu Reys: tirou elle da cedulla, ou lembrança, e a rompeo primeiro com reverente submissãõ, e lha entregou: que importava, da nossa moeda de hoje, setecentos e cincoenta mil cruzados.

E que poucos Portuguezes desses, me disse o companheiro, haverá hoje no mundo! Não digais isso, Senhor, lhe disse eu; que os animos generosos não se consideraõ no muito que dão, porém sim no primor com que offerecem. Este Cortiço, de quem fallamos, deo esse enxame, porque lhe ficou mais. Porém eu conheci hum mancebo filho do Brasil, o qual por se lhe gabar hum ginete em que viera montado, fez offerta delle a quem lho tinha encarecido de bom: e sem embargo da repugnancia que lhe fez de o aceitar o que lho tinha gabado, lho deixou o mancebo com todos os arreyos;

e si-

e ficando a pé, nem por isso ficou menos ayroso pelo bom termo com que o deo.

Mas fallando acerca dos miseraveis. Sabey, que o misero não só nega a seu proximo o que lhe pede, mas tambem a si mesmo o de que necessita : porque em lhe faltando o que tem, não ha quem delle se compadeça. Digo isto pelo que vi acontecer a hum homem, que navegava em hum seu barco das Villas do Sul para a Cidade da Bahia. Costumava este entrar primeiro pela barra de Jaguarippe, quando levava na sua embarcação farinhas para vender na Cidade : e por mais que lhe pedissem os moradores pobres daquelle Rio, que lhe vendesse algumas para seu sustento, representando-lhe suas necessidades ; nunca lha queria vender. Succedeo, que vindo em certa occasião entrando pela mesma barra : como esta he arriscada, e de perigo, pelos bancos de areia que tem, deo o barco em cima de huma coroa. E como se visse naquelle perigo, começou a bradar : e ainda que os que estavam em terra o ouviraõ, lhe não quizerão acodir, por saberem que era a embarcação daquelle miseravel : e alli se deffez, e perdeo toda a carga que trazia. Não deixou de ser falta de caridade, me disse o companheyro. Assim he, lhe disse eu : porém como viviaõ tão escandalizados de seu mau termo, deixáraõ no perder a fazenda ; ainda que se salváraõ as vidas.

Porém não deixarey agora de referir hum caso, que vi succeder a hum homem de bem fazer, e agradecido. E foy, que se lhe queimou huma casa de palha, e ficou na rua com sua mulher, e filhos ; porém os vizinhos em menos de vinte dias lhe fizeram outra mayor, e de telha, dando-selhe os mais dos trastes, que se lhe tinhaõ queymado : e chegou

chegou a dizer de gozo, e agradecido, que havia males que vinhão por bens, pelo que tinha experimentado do favor de Deos, e dos homens. Não devia esse homem de ser mau Christão, me disse o companheiro; pois tanto se conformava com a vontade de Deos. Haveis de saber, lhe disse eu, que o homem bem inclinado he predestinado, e todos o estimão.

Mas tornando ao propósito do que nos succedeo com o vendeiro. Como fosse já tarde, e se tivessem ido os que estavaõ na venda; nos resolvemos a lhe ir pedir agasalho. E chegando, com effeito lhe dissemos, que fosse servido deixar-nos passar aquella noyte em sua casa. O qual nos respondeo: que a tinha muito occupada com os trastes da venda: porém, que, se nos quizesmos accomodar na varanda, o podiamos fazer. Aceitamos o partido, por não ficarmos na rua.

Chegadas as horas de nos agasalhar-mos, deitou-se o companheiro a dormir, ou por vir cansado do caminho, ou pelo desvelo que tivera da noyte antecedente; e fiquey eu acordado, rezando em humas contas. Ouvi então perguntar o vendeiro a hum seu escravo, quanto tinha feito aquelle dia em dinbeiro? Respondeo-lhe o escravo, que quatro mil reis. Pouco fizestes a respeito dos mais dias, lhe disse o vendeiro. E assim mais lhe perguntou, quanta agua deitára no vinho, e nas mais bebidas? Disse-lhe o escravo, que no vinho deitára duas canadas de agua, e no vinagre tres: e que tambem caldeara a agua ardente do Reyno com a da terra. E logo lhe perguntou mais o vendeiro, se calcára com os dedos o fundo da medida de folha de Flandes, em que media o azeyte? (Porque fazendo cova pela
parte

parte de fóra no meyo da medida, com o pezo do liquor se derrama, e parece ao que compra que está cheia.) E finalmente lhe perguntou, se lançára o vinho de alto na medida, para se derramar, e parecer que estava cheia? Tudo fiz, Senhor, como Vossa Merce me tem ensinado, lhe disse o escravo. Pois assim has de fazer, lhe disse o vendeiro: porque nestas casas quem dá o seu, a seu dono, fica sem cousa alguma. Aqui se callou então o vendeiro, e se foy agafalhar: e eu tambem me deixey levar do sono.

Naõ era de todo ainda dia, quando acordou o companheiro, para fazer a sua viagem: e despertando eu tambem, se despedio de mim com grandes demonstrações de saudosa companhia; e me prometteo, que em havendo occasião, me avitaria acerca do estado que pretendia tomar, para se livrar da occasião da culpa em que estivera.

Em amanhecendo de todo o dia, sahio o vendeiro para a varanda, e me deo os bons dias: ao que eu lhe correspondi cortezmente. Perguntey-lhe, que causa tinha para viver naquelle sitio tão retirado de povoado? Sabey, Senhor, me respondeo o vendeiro, que haverá quatro annos que me passy da Cidade da Bahia para esta casa; a qual me vendeo hum meu patricio, que nella morou seys annos com a mesma occupação de comprar, e vender; e se embarcou para Portugal com seys mil cruzados: ainda que (segundo a noticia que tive) mal logrados: porque se perdeu no mar em hum navio que do porto da Bahia partio, o qual se presume que algum temporal o foverteo; pois até agora se não soube que chegasse a porto algum. Este, antes que se embarcasse, tinha sido meu hospede na Cidade,

dade, onde eu entaõ residia com huma tenda de çapateiro, por ser este o meu officio: e vendo elle o pouco que eu lucrava, me inculcou este modo de vida. E largando eu a tenda, me resolvi a usar deste negocio; porque sempre ouvi dizer: Que quem compra, e vende, não sabe o que despense. E depois que aqui moro, me não tem ido mal: porque havendo quatro annos que allisto neste trato, já tenho grangeado mais de quatro mil cruzados. Vede agora, se tenho razão para desprezar o officio, e habitar neste lugar em que taõ bem me tem ido, livre de almotaceis, e rendeiros, que me condenem.

Pois sabey, Senhor, lhe disse eu, que nunca vos terey por menos aproveytado, e mais perdido, que na occupaõ presente. Como assim, Senhor? me perguntou o vendeiro. Dirvos-hey, lhe disse eu: pelo que ha pouco acabastes de dizer, Que quem compra, e vende, não sabe o que despense. Agora vos explicarey, que o que comprais, he o Inferno; e o que despenseis, he a vossa alma. Fundo esta minha razão no que vos ouvi tratar, e fallar esta noyte passada com o vosso escravo, tanto em prejuizo de vossa salvaçaõ, pelo engano, e malicia, com que vendeis àquelles que vos vem comprar: porque estais furtando aos vossos proximos, sendo isto hum peccado contra a justiça, e a razão, pois romais as cousas alheas contra a vontade de seus donos; e contra a justiça commutativa, que he dar a cada hum o que he seu.

E sabey, que todos os peccados mortaes se podem chamar grandes, porque privaõ ao homem da vida eterna, e o levaõ ao Inferno: porém o furto, pelo que tem de circumstancias que delle resultam taõ,

fultraõ, hê muito para temello. Judas, pelo uso que tinha de furtar daquillo que se dava para o necessario dos sagrados Apostolos, veyo a vender a feu divino Meitre. Os Ladrões começaõ por coufas poucas, e vem depois a porem-se nas estradas á roubar, e matar, ainda a homens que nunca viraõ, nem lhes fizeraõ mal algum, só pelos roubarem.

Pelo que veyo a dizer S. Joã Chrysoftomo (in Epist. 2. ad Corint.) que os que furtaõ os bens alheys, saõ peyores, que as feras; e que os demonios, e comõ faes os deviaõ riscar do catalogo dos homens. Porque as feras quando a cometem aos outros animaes, em estando satisfeitas os deixaõ: porrem os que furtaõ de nenhum roubo ficaõ satisfeitos, porque ficaõ com fome para fazerem outro: e quanto mais roubaõ, mais sede tem de furtar. Os demonios naõ fazem mal huns aos outros, mas só aos homens, que naõ communicãõ com elles: os Ladrões a todos furtaõ, e fazem dano, aos parentes, amigos, e conhecidos. E assim deviaõ ser alistados no numero das feras, e demonios; pois saõ peyores que elles; e em vez de ajudarem aos proximos em seus trabalhos, lhes causaõ outr os mayores, tirando-lhes a fazenda com que se podiaõ sustentar; e ainda a mesma vida. E se naõ, vede.

Pirata houve taõ deshumano, que chegou a atar hum homem a huma arvore, abrilla pelos peitos com hum alfange, tirar-lhe o coraçãõ, e dallo a comer aos da mesma naçaõ do que tinha feito o maleficio: só por lhe naõ querer mostrar o caminho, por onde pertendia seguir o seu depravado intento de roubar. Outro houve taõ insolente, que fez arder huma Cidade com violento fogo.

go. E não menos se mostrou tyranno outtro Pirata, que poz fogo a huma Armada. Alem de outros atrozes casos, e insolencias, que elles fizeraõ no mar do Sul; como melhor se podera ver no Livro intitulado, Dos Piratas da America. E por isso vem a ser castigados por Deos, e ainda no mundo pelas Justiças; como actualmte estamos vendo, e ouvindo contar.

He este vicio de furtar, o mais aborrecido, que ha no mundo; atè os Gentios saltos da luz da Fé, e só levados da razão o abominavaõ, e abominaõ ainda hoje. Pythagoras, com ser Gentio, dizia, que em nada se pareciaõ os homens com os deoses imortaes, como em não furtarem, e tratarem verdade. O Gentio barbaro de Angola castiga rigorosamente, quando acha a hum negro comprehendido em algum furto. Os Indios do Brasil, ha certa nação delles; que ataõ aos Ladrões em huma arvore, e tres dias os tem naquelle supplicio, sem lhes darem o sustento.

Não exponho aqui os horrendos castigos, que tinhaõ, e tem estes taes ladrões em varias nações do mundo, em pena de seus delitos, por me não dilatar; e só direy, que Republica houve, que lhes mandava cortar os braços; outra os narizes. E ainda no nosso Reyno de Portugal, nos tempos passados, os marcavaõ na cara, para que fossem de todos conhecidos por ladrões: até que a piedade dos nossos Reys determinou, que fo lem marcados nas costas; porque, se tivessem emenda, não fosse a todos manifesto o seu deliro.

Porém o de que mais me maravilho, he, de que vivaõ estes homens que tem por uso furtar, como peyxe na agua, sem remorsos da consciencia.

fobroços do grande risco de sua salvação: os quaes ainda que tenhaõ muita agua em cima de si, e que estejaõ mettidos no profundo pelago do mar, nada lhes faz pezo.

Pois, Senhor, me disse o vendeiro: Se succeder a hum homem, para se augmentar em bens, tratar deste, ou daquelle negocio com algum encargo; não lhe bastará, que na hora da morte faça seu testamento, e deixe encomendado a seus testamenteiros, que lhe comprem algumas Bullas de composição, para satisfazer o que tem mal levado? Dizey-me, Senhor, disse eu ao vendeiro: Cuyistes já dizer aquelle rifaõ: Mouro, o que não podes haver, dá-o pela tua alma? Sim ouvi, me disse elle. Pois sabey, lhe disse eu, que assim se pôde dizer dessas disposições de testamentos. As Bullas de composição são muito boas, para se comporem as partes, quando hum não sabe o que tem furtado, nem tão pouco esteve com animo deliberado de roubar o alheyo.

Porque diz Santo Thomàs, Navarro, Valencia, e Solino, que o alheyo convém que se restitua, logo quando o que o tomou injustamente, tem bens, com que o possa fazer. Finalmente, não fica escusoso o que injustamente possue, e tem furtado com usuras, tratos, e disfratos, tendo fazenda; se não quando restitue: por ser o furto peccado mortal de sua natureza, opposto à virtude, e contra a justiça. Achaõ-se nelle dous aggravos: hum, que se faz a Deos, quebrantando a sua santa ley; e outro ao proximo, tomando-lhe a sua fazenda. O aggravo que se faz a Deos em furtar, perdoa-se por meyo da Confissão, e penitencia: o que se faz ao proximo, só se repara com a restituição. E não bast

ta confessar a culpa, se não se restituir, podendo: nem se satisfaz só com restituir, sem confessar o furto.

Naõ só está obrigado a restituir o que faz o furto, mas tambem os que cooperáraõ no dano; como saõ os que mandaõ furtar, ou aconselhaõ, e consentem no furto, tendo obrigação por seu officio cvitallo. Tambem está nesta obrigação o que guarda, e encobre a cousa furtada; o que acompanha ao ladraõ; e o que participa daquillo, que se furtou.

E não vos pareça, que por furtardes pequenas quantidades, não fazeis hum furto grande. Porque dizem os Authores que escreveraõ desta materia, que para hum furto ser peccado mortal, não he necessario que se tome quantidade notavel de huma vez, mas basta que se tome muitas vezes, como costumãõ fazer os criados a seus amos, e jos vendeiros ao povo. E por isso permite Deos que se vejaõ evidentes castigos, para confusão destes tacs, e emenda de todos.

E se não, ouvi o caso, que conta Cesario lib. 10. cap. 31. de hum distillador de aguas; que vendia aguada chuva por distillada. Estando este para morrer, mandou chamar hum escrivaõ; e testemunhas, e ordenou seu testamento nesta forma. : Deixo todos os meus bens a minha mulher; e o corpo á terra, e aos bichos: porém a alma ao diabo, para que a atormente perpetuamente. Ficáraõ pasmados os circumstantes. e o admoestáraõ, lhe não fizesse tal testamento: mas elle obstinado disse o que Pilatos pronunciou: *Quod scripsi, scripsi* (Joan. 19. 22.) Perguniáraõ-Lhe: Porque dava a sua alma ao demonio? Respondeo: Porque enganey muitas ve-

zes aos meus proximos, vendendo-lhes agua da chuva por distillada : e assim não tenho esperança de remedio. E encommendando-se a Satanás, expirou. Foy seu corpo sepultado em hum lugar immundo; onde o diabo faz taes cousas, e tão horrendas, que ninguem se atreve a chegar àquelle lugar.

E para confirmação disto que vos digo, ouvi o lastimoso caso que aconteceu, ha bem poucos annos, na Cidade da Bahia, na Praya, onde chamaõ o Caes do Sodré. Havia huma mulher, que vendia varias cousas comestiveis, e de beber : e tinha por uso misturar agua ardente da terra com a do Reyno, e agua da fonte com o vinho. Huma noyte, estando nesta occupação diabolica com huma sua escrava deitando agua na agua ardente : chegando com a canõdea aceza, para ver pela parte do furo superior, se estava chea a barricca; succedeo cair-lhe dentro hum pingo de azeyte : e como hia com o lume da canõdea, pegou fogo na agua ardente, e começou a arder. E vendo a mulher, e a escrava a lavareda, que sahia pelo buraco da pipa; tiraraõ-lhe o torno, para a vazarem : e quanto mais vão lhe ficava, mais ardia; atè que rebentou a barrica com o demasiado fogo. E como estavaõ perto a mulher, e a escrava; ficaraõ queymadas de forte, que a escrava logo morreu; e a Senhora dalli a tres dias, com grandes dores, e gritos, dizendo que lhe parecia estava já em vida ardendo no Inferno. E verdadeiramente que he gravissimo peccado furtar, e roubar hum Christão ao seu proximo, com felhantes enganõs, faltando à ley divina, e humana : porque ainda na ley natural se manda, que o que hum não quer para si, o não faça a outro : *Quod tibi non vis, alteri ne feceris.*

Outro caso vos hey de referir acerca do furto, e ambição, que succedeo haverá vinte e cinco annos. Havia hum barqueiro, que tinha huma fumaca em que navegava das Villas do Sul para a Cidade da Bahia, e carregava farinhas para vender ao povo: e como então havia falta dellas, e se lhes tinha posto taxa, que se não vendessem por mais de seiscentos e quarenta reis o cirio; entrava elle com a sua embarcação de noyte, e nesse tempo vendia as farinhas como queria, por muy alto preço. Em huma viagem, vendo o barqueiro que tomava a barra com dia, e que não poderia fazer o seu negocio, e furto ao povo sem ser visto; fez-se na volta do mar, até que chegou a noyte. Entrou hum forte temporal, que fez escurecer a terra: e cuidando o barqueiro que entrava pela barra, foy dar em huns arrecifes junto da ponta de Santo Antonio, onde se perdeu a fumaca; e toda a carga que trazia, que eraõ mais de quinhentos cirios de farinha, alem de outras miudezas; e sò escapou hum passageiro, que contou do animo com que vinha o barqueiro. E desta sorte tem succedido a muitos, que se não contentão com o ganho licito; e por isso vem a perder tudo, e ainda a mesma alma.

Outro caso vos contarey, succedido ha menos de vinte annos. Navegava hum homem da Cidade da Bahia para a Villa do Camamu em huma fumaca sua, na qual costumava levar varias fazendas, assim seccas como molhadas, e com ellas fazia muitos negocios com aquelles moradores. Succedeo, que estando na barra da dita Villa com a fumaca furta para fazer viagem para a Cidade; chegou hum Indio da terra, o qual lhe vendeo huma bola de ambar, que teria mais de meya arroba de pezo, por

trinta mil reis, pelo Indio ignorar o que vendia, e a sua estimação: e assim se ficou o barqueyro com o ambar, que depois vendeo por seu valor. E como se visse com bastante cabedal, embarcou-se para Portugal com mais de vinte mil cruzados: mas chegando à barra do Porto, perdeu-se o navio, e todo o cabedal que levava; e saindo em terra nã, sem nada foy para sua casa, como desesperado. Adocendo dahi a poucos dias, o foraõ visitar alguns amigos: e querendo-o divertir da pena; respondia: Eu não tenho sentimento do que perdi; se não de que tendo com que pudera satisfazer o que devia, não restituicse a tempo, como se me mandou, E com esta continua acabou a vida, sem se querer confessar, nem tratar de sua salvação. E por isso se diz, que defender o proprio, he acerto; e querer o alheyo, nem he justiça, nem razão: porque como este se possue com má fé, nem se logra com descanso, nem chega a terceiro possuidor, porque tem descaminho.

Senhor, me disse o vendeiro; em grandes escrupulos me tendes mettido. O que agora vos peço he, que me deis algum remedio, para poder restituir a tão diversas pessoas o que lhes tenho mal levado, depois que vivo deste trato de comprar, e vender.

Sabey, Senhor, lhe disse eu, que muy difficiltoza couza me parece dar-vos remedio ao que me pedis: porque ainda os melhores Moralistas lhe acnaõ grande difficuldade, para darem soluçaõ, e inteira restituicãõ a esse dano. E confesso-vos verdadeiramente, que materia he essa, que eu antes quizera ouvilla, e aprendella, que praticalla ensinanda: porque por mais que se acerte en. sen e-

lhantes restituições, nunca poderão ficar cabalmente satisfeitas as partes prejudicadas. Costumão muitos mandar aos que se achão com semelhantes encargos, que os satisfaçam com mandarem dizer Missas, e repartir esmolas com os pobres, e outras semelhantes obras pias. Porém não desprezando tão prudentes conselhos:

Digo, que se houvera certa ciencia de que essas pessoas eraõ fallecidas, e não tinhaõ deixado herdeiros; em tal caso assentava tudo isso muito bem. Porém na consideração de que esses sujeitos existem, e vaõ continuando em mandarem comprar à vossa venda: sou de parecer, que os vades aventajando na medida; e que não useis mais de bebidas, e liquores falsificados para vender ao povo.

○ Isto supposto: o melhor conselho que vos posso dar de caminho, he, que logo vos vades confessar com hum Confessor douto, prudente, e virtuoso, que vos soffra, e queira ouvir as grandes offensas, que tendes feito a Deos, e a vossos proximos; e tomay o conselho que elle vos der, com proposito de vos aproveitar.

Na verdade, Senhor, me disse o vendeiro, que não sey com que palavras vos signifique o quanto vos estou obrigado. Agora conheço, que estou no inferno pelos grandes peccados que nesse particular tenho commetido. Porque não só roubey a este povo com a venda, mas tambem pelo negocio de usuras no dinheiro que dey a alguns homens, que mo pediraõ por emprestimo, com a condição de vinte, e de trinta por cento, e ficando-me penhores em meu poder.

Pois Senhor, lhe disse eu, quem busca a fonte para se lavar, ou o Medico para se curar; lava todas

das as immundicias, e conta todos os achaques. Tomay o conselho que vos tenho dado, e relatay com toda a clareza as vossas culpas ao Confessor, e usay dos seus avisos; que eu vos prometto que Deos vos acodirá, como tem soccorrido a muitos. Porque tambem Zaqueo foy onzoneiro; mas pediu perdaõ a Christo Senhor noíso, soube arrepender-se, e foy perdoado; porque tomou o conselho, que o mesmo Senhor lhe deo. Porém ficay certo, que estando vós nesse officio, sem restituir podendo; vos he impossivel a salvação. Porque, se o Bom Ladrão foy perdoado: alem da dita de achar huma occasião, que não succederá outra vez já mais no mundo; morreo pobre, e crucificado, com muita fé em Deos, e com grande humildade: e como não tinha com que restituir, e resarcir os danos, que tinha feito a seus proximos, perdoou-lhe Deos.

Pague-vos Deos, me disse o vendeiro, os saudaveis conselhos que me tendes dado. Eu vos prometto, com o favor divino, de me aproveitar d'elles, deixando este trato em que estou, e tornando ao meu officio, para me sustentar, e passar a vida, ainda que não seja com raõ grandes lucros; por me livrar dos encargos de consciencia, em que me vejo, segundo o que me tendes declarado. E oxalá houvera quem mais cedo me advertisse; para eu conhece o grande perigo em que estava da minha salvação.

Muito folgo, Senhor, lhe disse eu, de vos ver taõ conforme com os avisos, que vos tenho feito: e assim, ha de querer Deos conservar-vos em seu santo serviço, para que alcanceis o premio da Bemaventurança.

Alli passsey todo aquelle dia, e noyte seguinte

em companhia do vendeiro, fazendo-mê elle muy bom agasilho. E logo que apparecêraõ as primeiras luzes da aurora, delle me despedi: o qual com demonstrações de cordial affecto me disse, que só lhe ficava a pena de mais tempo me não poder ter em sua companhia. Respondi dizendo-lhe, que melhor era sollicitar a de Deos: e que esta estivesse sempre em nossos corações.

C A P I T U L O XVIII.

Do oitavo Mandamento. Trata-se muita doutrina, e se reprehende o vicio da murmuração. Disuade o Peregrino com varios exemplos a tres murmuradores, que achou murmurando: e aconselha o como se deve livrar deste vicio.

JA a este tempo appareciaõ no Oriente os primeiros rayos de luzes, que como archeiros daquelle Rey dos Planetas, fazendo praça, alimpáraõ o grande espaço do Ceo, sem guardarem respeito das brilhantes estrellas, que por elle andavaõ espalhadas, na confiança da noyte: e finalmente desapparecêraõ todas, sem haver alguma, que por mais luzente quizesse resistir, nem apparecer diante desse Monarca das luzes.

Tambem me alentavaõ os cheiros das flores silvestres; as quaes, ainda que lhes faltava o cuidado de serem cultivadas; se estavaõ animando com o succo da terra, que lhes communicava o rocio da noyte; e distillando fragrantes aromas, faziaõ hu-
ma

ma excellente ambrosia. E assim fuy continuando aquelle caminho.

Seriaõ já quatro horas da tarde, quando vi em hum verde campo huma casa, e junto della assentados debaxo de huma arvore tres homens: e assim como os avithey, os fuy buscar; os quaes me receberam com grandes demonstrações do cortejo. E offerecendo-me assento, hum delles, que me pareceo ser o dono da casa, me disse: Que lhes concedesse licença, para pôrem fim a huma conversação de gosto: e que tambem a poderia eu ouvir, se fosse fervido.

E continuando hum dos tres, disse: Este sujeito, de quem fallamos, me certificáraõ, que depois de ser moço de mulas em Portugal, veyo degradado por Ladraõ para estas partes do Brasil: e achando cá quem lhe desse mulher teve della duas filhas; e assim da mulher como das filhas, está sendo consentidor. Tanto não ouvi eu, disse o segundo hospede: porém o que se me tem affirmado, he, que huma das filhas já está livre dos primeiros partos. Por isso tal vez que seja elle tão bem affortunado, disse o dono da casa: porque he certo, que quem não tem vergonha, todo o mundo he seu. Replicou o segundo hospede: Eu lhes prometto a Vossas Mercês, que brevemente lhe terey occasião de se lhe pôr huma demanda por hums bens, que rematou em praça por menos de seu valor. A isto respondeo o primeiro hospede: E será muito bem feito, só por lhe dar que sentir.

Bem sey, Senhor, me disse o dono da casa, que com muita razaõ tercis feit o reparo no que nos ouvistes fallar: porém como isto toca historia, lhe quize-mos dar fim. Alem de que lá disse hum discreto,

que a murmuração he o sal da conversação. Mas agora vos peço, que me digais o que sentis do que nos tendes ouvido.

Senhor, lhe disse eu, sempre ouvi dizer, que fallar mal, he baixeza: dizer bem, bondade: manifestar a verdade nobreza: fallar sem necessidade, ignorancia: callar a seu tempo, prudencia: estar mudo quando se deve fallar, covardia. Fundado pois nestas sentenças, me atreverei a responder ao que me perguntais acerca do que sinto da vossa conversação.

Primeiramente haveis de saber, Senhores, que he o vicio da murmuração tanto contra Deos, e contra o proximo; que ainda que não fora prohibido no Decalogo, devia ser abominado de toda a creatura racional pela sua grande vileza, e aborrecimento que a todos causa. E até o mesmo Deos se offende, e aborrece; como diz o Apostolo S. Paulo, affirmando que os murmuradores são aborrecidos de Deos. (Ad Rom. 1. 30.)

E em quanto ao que respeita às creaturas: vede, se pôde haver cousa, de que mais se offenda hum homem, que de ouvir dizer que d'elle se falla mal, diminuindose-lhe o seu credito, e boa fama, e ainda a mesma honra. Por isso disse Santo Agostinho, que mais offenderão a Christo Senhor nosso seus inimigos quando d'elle murmurárao, do que quando o crucificárao. Deo o Santo a razão: Porque seu santissimo corpo padeceo o tormento da Cruz; porén a murmuração attendia a deslustrar-lhe sua honra, e por conseguinte, a alma era a que sentia esta pena.

E por esta razão são muy parecidos os murmuradores com os Judeos; e não menos que com os mes-

mesmos Demonios : porque não dizem nada, que não seja com mentira, e enganoso equivocados; e por fim vem a ficarem confundidos, e onvergonhados, e todos os que lhes dão ouvidos.

E para prova do que vos digo, vede o que succedeo com Christo Senhor nosso. Disse o mesmo Senhor fallando do Santissimo Sacramento : Se não comerdes da minha carne, e beberdes do meu sangue, não tereis vida eterna. Começaraõ os Judeos a murmurar de Christo nosso Bem; e diz S. Joã (cap. 6. v. 53.) que os Judeos litigavaõ huns com outros sobre o caso : e era isto huma refinada calunnia e murmuração, que andavaõ ordindo, e maquinando, para depois a pôrem em pleito, como puzeraõ diante de Pilatos. Porque diziaõ : Como pôde este darnos a comer sua carne? Não he possivel. E que lhes resultou desta murmuração, e calunnia? Digaõ-no elles mesmos, que bem o tem experimentado.

Sabeis de quem murmuravaõ estes homens? Não murmuravaõ menos, que dos milagres de Deos : porque o Author dos milagres he Deos, (como diz David Psal. 71. 18. & 135. 4.) e os sujeitos dos milagres são as creaturas. E ainda se não querem emendar estes homens de serem murmuradores. Lembrem-se do que lhes succedeo quando murmuráraõ contra Moysés; e dos castigos que lhes vierãõ : e das mais vezes que murmuráraõ contra a divina providencia. Porque consta da sagrada Escritura, que tirou Moysés do Egypto seiscentas mil almas, não contando as mulheres, nem os homens de vinte annos para baixo : e de todo este numero, só dous chegãraõ à terra de promissaõ, Jussué, e Caleb. E qual foy a causa? A sua murmuração contra

tra Deos. Não lhes quero citar o texto; porque elles muy bem o sabem: assim o souberem elles entender, e melhor observar; porque sempre entenderão a Escritura às avessas, por seus peccados.

Diz S. Jeronymo, que se não houvesse quem ouvisse aos murmuradores, não haveria murmuração. E assim parece: porque bem dezejava algum ter com quem fallar, e murmurar; porém como o não querem escutar, calla-se por força. Por isso nos quiz Christo Bem nosso dar esta doutrina, quando elta-vão os Judeos murmurando contra sua santa innocencia, e dizendo-lhe tantas ignominias. Perguntou-lhe Pilatos: Não ves quantas testemunhas tens contra ti? Como te não defendes? Foy mysterioso o silencio, com que Christo Senhor nosso então se houve: porque, como a culpa daquelles homens era huma murmuração sacrilega; não quiz responder: para que se não dissesse no mundo, que dava ouvidos aos murmuradores. E já em outra occasião os tinha reprehendido o mesmo Senhor, dizendo-lhes: Não sejais murmuradores em minha presença. (Joan. 6. 43.)

Sabeis porque se castigaõ os Judeos pela mayor parte? Por murmuradores. Ajuntaõ-se huns com outros, e começão a murmurar. E de quem, vos parece, que murmurão? De Christo Senhor nosso, e de seus Santos, e Ministros. E que lhes succede destas murmurações? Castigallos a Santa Inquisição; serem de todos aborrecidos, e vituperados; e depois castigados no inferno.

Isto não he murmurar cu delles, nem lançar-lhes em rosto estas culpas com desprezo; porém sim, advirtillos, e avitallos, para ver se se pôde curar esta terrivel enfermidade; que não pôde haver

ver outra mayor no mundo. Porque tambem os Cirurgiões cortaõ, e cauterizaõ, para livrar aos enfermos de muitos perigos, e enfermidades: e sendo esta da alma, com mayor razãõ se lhe deve acodir: e queira Deos que aproveite, conforme o zelo com que o advirto. Porque seria eu peyor que o mesmo Demonio, se reprehendendo o peccado, e inculcando a virtude, me metteffe na mesma culpa de murmurar, e anniquilar ao proximo, (se he que se pôde chamar proximo quem deste modo obra.) De mais que eu só fallo dos que obraõ mal; e não dos que merecem louvores: porque elles taes pelo seu bom procedimento de Catholicos, e bons Christãos, não lhes ha de faltar Deos com a sua divina graça, e misericordia, dando-lhes nesta vida muitas estimações entre os homens, e na outra o premio da gloria.

São tambem muy parecidos os murmuradores com os Demonios, pelas calumnias, e mentiras causadas da enveja, que fabricaõ em odio dos homens; como experimentáraõ os nosos primeiros Pays com a Serpente infernal, logo no principio do mundo. E foy o caso: que saindo Eva ao vergel do Paraíso, toda trajada de gloria; convidada do sitio, foy estendendo o passeio por entre plantas, e flores, e muy vistosos pomos, vendo as cristallinas aguas. As arvores lhe faziaõ verde docel de esmeraldas, as flores lhe alcatifavaõ o prado, os pomos a convidavaõ: a fonte já de admirada parava, pela vez retratada em seus cristaes: os animaes absortos de verem tanta belleza, lhe rendiaõ adorações: as aves com sonora melodia a festejavaõ, por cuidarem que era a aurora, que por aquelle horizonte vinha subindo: resultando-lhe tudo isto de ser hu-
ma

ma creatura tão perfeita, e bella, como feita pelas mãos de Deos : competindo nella o affombro com a admiração, a gala com a graça : condigna, por certo, de toda a veneração; pois era a maravilha unica, que se via naquelle alegre jardim. Mas este prospero estado lhe durou pouco : porque he sabido, que o mal sempre está de assento ; e o bem traz azas consigo.

E vendo o Demonio tantas adorações feitas a huma creatura ; cheyo de rayva, e enveja, começou a murmurar com seus sequazes, e maquinar huma refinada traição, e calumunia contra Eva, pela ver com tantas excellencias, entregue a toda a lisonja : e logo suppoz que lhe havia de dar ouvidos, porque tanto folgava de apparecer. E transformando-se em huma Serpente, porém com boa cara ; (que he o que costumaõ fazer alguns murmuradores, para melhor encobrirem a sua diabolica tentação) metendo a Eva em conversação, lhe perguntou : Porque não comia do fruto da arvore da Sciencia do bem, e do mal ? Respondeo-lhe Eva : Porque Deos nolo tem prohibido. Repliou-lhe a Serpente : Sabeis porque Deos volo prohibio ? Porque comendo-o vós, e vosso esposo, haveis de ficar semelhantes a Deos. Creio Eva de ligeiro, como mulher, o que a Serpente lhe tinha dito enganosamente ; e foy logo com o alvitre a Adão, a persuadillo, para que comesse do fruto vedado, comendo-o ella primeiro.

E como Adão tanto amasse a Eva ; sem reparar no preceito que lhe havia posto Deos, comeo do pomo, e por essa causa se vio logo despido da graça, e que Deos o tinha vestido, e foy lançado do paraíso ; fazendo-nos a todos ficar sujeitos ao peccado
origi-

original, e expostos a padecer tantos trabalhos, e infortunios, quantos são os que experimentamos nesta miseravel vida.

Oh quantos homens, cegos de hum appetite, e induzidos de huma mulher, por lhe fazerem a vontade, desprezaõ a Ley divina; vindo por essa causa a experimentar tantos trabalhos, e muitas vezes perdendo a vida, e a mesma alma, que he o que mais se deve sentir!

E tomem tambem as mulheres exemplo deste lastimoso caso, que succedeo a nossos primeiros Pays. Porque, se Eva estivera em com companhia de seu esposo; nem o Demonio teria occasião de a enganar, nem ella feria a causa de fazer peccar a Adão. E assim, as mulheres casadas, que se quizerem conservar em serviço de Deos; e em paz com seus maridos; fujaõ de semelhantes passieyos, e conversações de gente de mau procedimento; e véjaõ, que ainda hoje ha no mundo Serpentes com boas caras. Grande doutrina se me offerecia neste particular: porém, como vou a mostrar-vos as desrezas, e astucias do inimigo infernal; não me posso deter. E assim, para que conheçais quem he o Demonio, e o que succede a quem delle se fia; ouvi o seguinte caso.

No tempo que pedio pazes Castella a Portugal, depois das guerras, que tinhaõ precedido por causa da felicissima Acclamação do nosso Rey D. João IV., ficáraõ alguns Soldados nas fronteiras de Flandes em defensão do Rey de Castella. Entre elles se achou hum muito humilde de geraçã, porém com espirito guerreiro; ou, para melhor dizer, interesseiro: o qual invocando ao Demonio para que lhe dèsse bom successo nas armas, appareceo-lhe prom-
tamen-

tamente o Demonio, por lhe conhecer o animo: Assentáraõ no pacto: Que havia de ser com condiçãõ, que não accitasse posto fomenos daquelle que estivesse exercitando na guerra. E como tudo isto eraõ conveniencias do Soldado, conveyo no concerto: e tratando do exercicio militar, subio a tanto sua fortuna diabolica; que em breve tempo chegou a ser Mestre de campo. Houve occasiãõ de pôrem cerco a huma Praça amurada: e subindo hum Sargento por huma escada, lhe deitáraõ de cima huma panella de resina quente, que o fez decer a tombos. Vendo o Mestre de Campo, que o Sargento se decia com a dor da resina; pegou na alabarda, chamando-lhe fraco: e subindo pela escada, aos primeiros degraos lhe desparáraõ os contrarios hum arcabuz, e canto em terra passado de balas. Estando naquelle transe, lhe appareceo o Demonio: e dando numa grande risada, que dos circumstantes foy ouvida; lhe disse o moribundo: Enganaste? Respondeo o Diabo: Tu es o que te enganaste; porque tomaste o posto inferior do que servias. E com razãõ: porque desde que delle se fiou, logo ficou enganado. Aqui tendes as destrezas, e equívocos, com que trata o Demonio de enganar aos homens. E assim são tambem todos aquelles, que com ditos equívocos, e apparentes razões vivem no mundo, enganando a seus proximos com mentiras, e enredos.

Só de Deos se deve fiar tudo, porque nunca falta, por ser a summa verdade. Pergunte-se a S. Pedro: Se não fora o crer elle huma verdade de Christo Senhor nosso, quando lhe disse, que antes que o gullo cantasse, tres vezes o negaria; o que lhe hia succedendo? Mas como S. Pedro foy sempre

pre homem de muita verdade, por isso lhe succedeo tão bem : porque lá disse a Christo seu divino Mestre, que verdadeiramente era Filho de Deos. (Math. 16. n. 16.) E por fallar verdade, mereceo ser Principe da Igreja, e estar gozando da Bemaventurança.

Judas, pelo contrario lhe succedeo : porque como sempre foy mentiroso, aleyvoso, e murmurador sacrilego, por murmurar de Christo nosso Redemptor, e em outra occasião da Magdalena, e dos mais discipulos com os Judeos; veyo a morrer enforcado, por se ver fôra do Apostolado, e desprezado dos mesmos Judeos : e até a alma, parece, lhe não quiz sair pela boca, nem passar pela lingua, ou tocar nos dentes; por ser a bocca do murmurador horrenda, a lingua espantosa, e os dentes peçonhentos.

Muito he para se temer a bocca de hum murmurador; porque ainda depois de morto, e de estar no inferno, não deixa de offender. Conta o Author do Livro Espelho de exemplos, que houve hum Clerigo grande murmurador : o qual sendo condenado ao inferno por sua depravada lingua; depois de lá estar, vomitava hum cheiro tão intoleravel, que atormentava ao Bispo, pelo não ter castigado em vida.

E vejaõ lá os Sacerdotes, e ainda os Religiosos o como se haõ em suas conversações : pois tendo obrigação de as dirigir todas a mayor gloria de Deos; costumão muitos dar gosto ao Demonio, e roim exemplo aos Seculares : e por esta causa dizem alguns : Que muito he que nós murmuramos, quando tambem os Padres murmuram? Procede isto muitas vezes da pouca cautela, que tem os Ecclesiasti-

fiásticos nas conversações em presença dos Seculares. Porque, se verdadeiramente bem souberem o estado que tem, andariaõ continuamente dando milhares de graças a Deos, considerando-se que são Anjos em carne mortal; pois com elles comparou S. João Chrysofomo os Sacerdotes. E sendo assim, não lhes negariaõ os Seculares aquelle respeito, que a tão alta Dignidade se deve.

Infeliz he aquella casa, ou Republica, onde tão lastimosamente reyna este vicio, que ninguem se pôde prometter segurança em seu bom procedimento: porque se levanta a calumnia contra o innocente, a vingança contra o proximo, o descredito contra o bem procedido, a deshonor contra a virtude, e a traição contra a sinceridade: a verdade se occulta, o credito se mancha, a modestia se vitupera, a prudencia se anniquila: e finalmente, não val a virtude, nem pôde escapar o mesmo julto.

Que ruinas não tem padecido as familias, que aborrecimentos as gerações, que desgraças os innocentes por causa da murmuração? Que honras, vidas, e fazendas não tem destruido as linguas dos murmuradores por hum falso testemunho? Se se houvesse de referir, era necessario muy largo tempo. E se elles queixosos pudessem fallar, como encheriaõ o mundo de justas queixas! Mas lá está Deos, que tudo satisfará castigando a estes maldizentes; e premiando aquelles, que com paciencia souberaõ tolerar, e soffrer as injurias sem vingança contra os que os offenderaõ.

São taes os murmuradores, que até das obras de Deos murmuraõ: queixaõ-se dos tempos, da falta das novidades, da pouca faude, e de serem pobres:

e tal

e tal vez, se fossem ricos, mais o offenderiaõ. E se vem alguém com algum defeito natural, ou moral; já delle fallaõ, e murmuraõ. E se diz o murmurado, que he como Deos o fez; responçem os murmuradores: Pois se Deos te fez, eu te quero desfazer, e anniquilar. Póde haver mayor atrevimento, que chegar hum homem a murmurar daquillo que Deos fez? Pois estejaõ certos, que não haõ de entrar no Ceo.

Não sey, se tendes reparado que dizem os Mathematicos, que se vem varias formas de corpos de animaes no Ceo: porque dizem que vem o Leão, o Boy, o Carneiro, e finalmente outros muitos animaes terrestres, e volatis, e ainda peyres do mar; porém não se tem visllo o Caõ. E a razão disto a meu parecer he, porque ladra. Vejaõ agora dá os murmuradores, symbolo do caõ por ladrarem, e morderem: se nem ainda pintados apparecem no Ceo, como poderãõ realmente entrar nelle. S. Joã Chrystomo diz, que não tem o Demonio instrumento mais a proposito para nos fazer peccar, do que a nossa lingua. (Homil. 5.)

São tambem os murmuradores muy parecidos, e semelhantes à tisoura, por ter esta o córte às avessas dos mais instrumentos de gume; que val o mesmo, que fallar mal, e às avessas do que devem fallar. Fechada a tisoura, de nenhuma sorte corta: porém em abrindo a bocca, tanto corta o panno preto, como o branco; o grosso, como o fino; a lã; como a seda; a prata, como o ouro: o ponto está em se ajuntarem as duas pontas, ou linguas murmuradoras. Por isso se costuma dizer, quando se ouve murmurar de alguma pessoa: Bem cortáraõ de vestir a fulano. E só não corta a tisoura, se

está fora do cyxo, por se apartarem as pontas: dará hum pique; mas não cortará: porém em se ajuntando ambas, tudo cortaõ, e fazem em pedaços. Oh tisouras cortadeiras, quem vos podéra tirar os cyxos, ou queyxos desses adjuntos; para que não cortasseis tanto pela fama, e credito de vossos proximos!

Sey eu, (porque consta da Sagrada Escritura 1. Reg. 24. 5.) que em certa occasião cortou David hum retalho da cappa de Saul, para lhe mostrar, que podendo-o matar o deixava ir com vida; onde parece, que não houve a minima culpa: e com tudo David, como era homem justo, por este golpe deo muitos no seu coração. (ibid. v. 6.) Não são allim os murmuradores: porque cortaõ cappas, despedaçãõ vestidos, retalhaõ mantos, sem disso fazerem escrupulo, nem resarcirem o dano, e menos terem arrependimento; até que chega o terrível golpe da morte, que os faz ir pagar no inferno. Peço-vos pela sagrada morte, e payxão de Christo Senhor nosso, que cuideis nisto de vagar, para que vos emendeis.

Que irreparaveis danos não faz a lingua, quando levanta hum falso testemunho, na honra, credito, ou fama da proximo? E como nos parece culpa leve, não fazemos caso disso. Sendo que sem se desdizer, e satisfazer, não he possivel haver perdão; porque como he em dano de terceiro; em quanto este não está satisfeito, não assenta o perdão, ou absolvição, ainda que se confesse com dor, e arrependimento. Porém o que nós vemos succeder a cada passo, he murmurar, e levantar falsos testemunhos; e nunca desdizer em publico, nem em particular: porque dizem estes, que são homens hon-

honrados, e que não querem que os tenham em pouco. Sendo que por isso se diz, que he acção de plebeos, e gente vil, o manifestar defeitos do proximo. E daqui procede, que os nobres, e prudentes não dão credito às faltas alheas; mas humilha-se, tendo para si, que se Deos os desfamparar por seus peccados, cairão em peyores faltas.

Mas lá irão para o inferno estes maldizentes, onde para sempre se maldirão; porém sem remedio. Porque não falta quem diga, que os peccadores que vão ao inferno, segundo a causa porque lá vão, tão nelle atormentados. E sendo assim: vede que berros, que blasfemias, e que gritos darão naquelle abismo infernal os murmuradores, que neste mundo levantaão falsos testemunhos contra seus proximos. Só de o considerar se me arripião as carnes. Oh meu Deos, pela vossa divina misericordia me livray de tal chegar a ver, nem ouvir.

Senhor, me disse o dono da casa, como me poderey livrar de ouvir ao murmurador, se for embarcado com elle, ou estiver em lugar donde me não possa afastar de o ouvir? Respondo, lhe disse eu. Se o não puderdes evitar: em quanto o ouvirdes, callay-vos; que nisso o estais reprehendendo. Mas se o ouvirdes, e vos puderdes livrar de assistir, fugi: tanto pelo perigo da alma, como do corpo, que succede de semelhantes companhias; porque costumão estes taes murmuradores dizer, por se desculparem, não o que disserão na murmuração, porém sim o que ouviraão responder aos que o escutáraão. Por isso costumava dizer hum certo velho que eu conheci de muy bom procedimento, e virtude, quando se começava a murmurar em alguma conversação: Meus senhores, eu não quero murmurar, nem

ouvir murmuração; porque já sou morto, e homem morto não falla, nem ouve. E desta forte reprehendia aos murmuradores, e delles se livrava despedindo-se. Por certo, me disse o dono da casa, que eu farey muito por observar o conselho; porque não deixa de ter sentido mayor.

E assim vos digo, Senhor, lhe disse eu, que são nocivos os murmuradores, e muy semelhantes ao Basilisco: do qual dizem os naturaes, que se elle vé primeiro a alguém, com a vista o mata; porém morre, se he visto antes de elle ver. Não ha melhor se nelhança dos murmuradores: se vem alguma pessoa, mataõ-na com a lingua; e se são vistos, morrem: porque alem de se fallar delles, não tem com quem fallar; e de se verem sós: e desprezados de todos, rebentão, como já dissemos de Judás.

Eu conheci a hum destes, que costumava sair de sua casa a buscar a conversação às de seus vizinhos: se os achava descuidados sem o verem, accitavaõ-lhe a visita por força; porém se o viaõ antes de elle chegar, fugiaõ de lhe fallar. Dizia este insolente murmurador: que os moradores do seu bayrro eraõ ignorantes, porque não prezavaõ a sua conversação, sendo elle prégador das verdades. Até que lhe disse hum: Senhor Fulano, está Vossa Mercé enganado: fogem de o ouvir conversar, por ser a sua conversação huma refinada murmuração das vidas alheas; e temem ir com Vossa Mercé para o inferno.

São tambem os murmuradores muy parecidos com hum animal, que ha na India, e chamaõ Bison: do qual dizem os naturaes que he do tamanho de hum boy, e taõ bravo, e honrrado, que muitas pessoas

soas só de lo verem, caem esmorecidas em terra. Tem este a lingua tão aspera, que despedaça aos mais animaes só com os lamber, porque lhe tira a pelle, e a carne. Assim são os murmuradores: aonde lançaõ hum golpe de lingua, tiraõ (como lá dizem) couro, e cabello.

O murmurador com hum golpe de lingua faz tres feridas: offende a Deos, offende ao proximo, e offende-se a si. Offende a Deos; porque quebra o seu divino preceito. Offende ao proximo; porque falta à caridade, em descobrir a falta alheia, ainda que a tenha, não sendo obrigado por Direito, ou bem da Republica. Offende-se a si; porque não pôde haver mayor infamia para hum homem, alem do peccado, que teremno por murmurador, mentiroso, e falsario: assim porque todós fogem d'elle, como tambem por se ver envergonhado diante dos que tem offendido.

Da Curuja se conta, que por caber com o Rey das aves, lhe foy levar hum alvitre, dizendo-lhe, que a Garça lhe queria tirár o poder, e magestade: e que por isso andava pelas prayas convocando as mais aves, para lhe pôrem guerra. Mandou o Rey examinar, e devassar do caso; e achou, que andava mariscando a Garça, e que era mentira o que havia arguido a Coruja. Quiz o Rey castigalla pelo falso que levantou à Garça; escondeo-se a Coruja: e por esta razaõ não apparece de dia.

Dos quatro Elementos, só a Agua murmura; e por isso padece mayores trabalhos, e abatimentos, correndo pelos pés dos montes: a terra a engole, as arvores a chupaõ; os animaes a bebem, o Sol a secca: prendem-na nas arcas; fechaõ-na nos chafarizes, anda por alcatruzes: e por isso poucas ve-

zes apparece em publico. Assim succede aos homens malquistos, e murmuradores: de todos se condemna, porque a todos offendem.

Conta-se, que sendo levados dous culpados a hum Ministro da Justiça, para os mandar castigar: hum por matar a hum homem; e o outro, por levantar hum falso testemunho a huma mulher honesta: fez o Ministro examinar os casos: e sabendo, que fora a morte accidental; sentenciou, que fosse degradado o homicida: e conhecendo; que o outro era costumado a levantar aleyves; o mandou enforcar. E perguntado o Ministro por hum seu amigo, como assim procedera; respondeo: O primeiro pôde-se emendar; porque foy payxaõ: o segundo sempre havia de perseverar; porque era vicio.

He tão aborrecido este vicio de fallar mal do proximo, que até a mesma ley do Reyno, e todo o Direito commum prohibe, que os Julgadores recebaõ artigos diffamatorios entre as partes litigantes, pelo dano que d'isso pôde resultar ao terceiro, e pelas consequencias que dahi se seguem em prejuizo do proximo.

Muitos murmuradores tem a condiçaõ do monte Ethna, o qual ostenta neve, e dissimula fogo. Começaõ estes com actos de commiseraçãõ; e desparãõ em hum trovaõ, vomitando rayos, e coriscos contra o credito, e honra do proximo. Começaõ dizendo: Fulano he hum bom homem, bem procedido, tem estas, e aquellas partes: porém se não fora filho de fuão, ou neto de sicrano, que tem esta, ou aquella nota. Ah homem perverso, para que começasste com tão boas palavras de louvores, se havias despurar em esse rigor sem piedade? E isto tal vez sem lhes perguntarem, nem vir a proposito; só por

anni-

anniquilarem a feu proximo. E tambem me parece, que d'isto se não confessaõ, porque logo esquece; e só se lembraõ para aquellas occasiões.

Finalmente grande conta se ha mister para se ouvir a quem louva: porèm mayor he necessaria para se cecurar a quem vitupera. Os ouvidos são as portas segunda da verdade, e principaes da mentira. A verdade ordinariamente se vé; e extravagantemente se ouve: raras vezes chega feu elemento puro; e menos, quando vem de longe: sempre traz misturas dos affectos, por onde passa: toma as cores, como lhe parece, já odiosa, já favoravel. Por isso se conta, que perguntando hum Filosofo, que distancia havia da verdade à mentira; respondeo: A que vay dos olhos aos ouvidos. Quantos padecem grandes calumnias por hum falso testemunho, por não ser examinada, e vista a verdade!

He necessario haver muita attençaõ neste ponto, para descobrir a mã intençaõ no terceiro: porque ha tal astucia, e sutileza nos maldizentes; que se estão contrafazendo, só por darem a entender a falta dos proximos nos reflexos do luzido, com que os louvaõ: e a tanto chega a maldade destes falladores, que até os mortos lhes não escapaõ. E esta será sem duvida a razãõ, porque os comparaõ com as sepulturas, por andarem desenterrando os mortos, para lhes publicarem as faltas que tiverãõ em vida.

E assim vos digo, Senhores, que he da Escriitura, que o que pertende guardar a sua alma, se applique a guardar a sua lingua. Proverb. 16. 17. E em outra parte repete a mesma sentença, dizendo: Quem guarda a sua bocca, guarda a sua alma:

ma : e quem he considerado no fallar, sentirá males. Proverb. 13. 3. E em comprovaçãõ desta verdade, diz tambem a Escritura, Que o vaso que não tem tampa, ou cobertura, será immundo. Num. 19. 15.

Ha tambem hum peccado chamado Adulaçãõ, o qual tem grande connexãõ com a murmuraçãõ, e por sua natureza he vilissimo : porque alem de reconhecer o adulator superioridade no adulado, offende hum dos mais nobres sentidos do corpo humano, que he o do ouvir; por serem os ouvidos as portas, por onde nos entra a Fé, e os melhores documentos para o bem da alma. Destes aduladores conheço eu alguns taõ destros, e peritos; que não ha quem lhes escape, tanto que lhes daõ ouvidos. Por isso, perguntado o sabio Bias, qual era a mais cruel das feras; respondeo : Que das bravas o tyranno, e das mansas o adulator. E Diogenes disse : Que das bravas o murmurador, e das domesticas o adulator.

Na verdade vos digo, Senhor, me disse o dono da casa, que pelo que vos tenho ouvido, me considero o mais perdido homem, que ha no mundo: porque parecendo-me que a murmuraçãõ era hum dos mais leves peccados; agora conheço que he muy grave culpa; e já me peza de tantas vezes ter caido nese peccado, com taõ pouco temor de Deos, e resguardo de minha alma.

Pois sabey, Senhor, lhe disse eu; que isto he hum breve rascunho, à vista do que se póde dizer da graveza desta culpa taõ bem parecida dos homens. E por isso não houve Escritor espirital, nem Pregador Evangelico, que nella não tenha martellado, para verem se podem extirpar este vicio; e

com

com muy especial clareza Frey Joã Baptista Secar-
do no seu Livro, Geral ruina contra o vicio da
murmuração: por conhecerem estes Authores a gran-
de facilidade com que os homens commettem este
peccado, e os gravissimos danos que faz.

Senhor, me disse o primeiro hospede, eu estou
taõ absorto, como admirado dos estupendos casos,
que tendes referido: e assim fico de acordo tratar
logo de me confessar, e aceitar toda a penitencia, que
me for imposta: e já desde agora me desdigo de tu-
do o que tenho dito contra as pessoas, das quaes
murmurey em seu descredito, e deshonra.

Eu o que posso dizer, disse o segundo hospede,
he que supponho haver sido especial favor de Deos
a vossa vinda nesta occasião, para que nos decla-
rasteis, e explicasteis hum erro em que estavamos
mettidos, taõ descuidados de sua graveza, e mali-
cia: e por esta razaõ, farey com o favor divino por
me refrear, e emendar daqui por diante.

O melhor parecer, disse o dono da casa, he
confessarmo-nos, não só desta murmuração, mas
tambem das mais que temos feito, e de todos nos-
sos peccaados; e tratar de nos emendarmos delles,
e fugir de semelhantes conversações. E com esta
resolução se despediraõ os dous hospedes, mostran-
do-se agradecidos do que me tinhaõ ouvido dizer
contra o vicio da murmuração, e dezejosos de se
emendarem dalli por diante.

E porque era já noyte, me fez o dono da casa re-
colher. E depois de cearmos, me disse: Bem sey, Se-
nhor, que vireis cansado da jornada: porém, por-
que segundo os dictames da Medecina, sempre ouvi
dizer: Depois de cear, mil passos dar: entendendo-
se, que prejudica muito à saude o dormir logo de-
pois

pois da cea, sem primeiro fazer algum exercicio, como diz o adagio Portuguez : Se queres enfermar, cea, e vayte deitar : antes que nos agazalhemos, tomara que me dèsseis alguma regra, para me poder livrar deste vicio da murmuracão ; porque vos considero homem muy veriado nas Hiltorias dos livros sagrados, e profanos.

Senhor, lhe disse eu, não só me vejo obrigado a satisfazer o que me mandais que vos diga ; mas tambem a responder-vos a esse louvor que me dais, tão fóra do meu genio, e desnecessario para quem trata da sua salvaçaõ : por ser isso hum certo meyo de perdiçaõ em todo aquelle que lhe entrar no pensamento, que póde obrar couisa alguma boa sem muy especial graça, e favor de Deos, como fonte de toda a sabedoria, que muitas vezes dá a saber os seus segredos aos mais humildes, para que aproveitem no mundo, o que grandes talentos não podem alcançar. Porque he certo, que não battaõ forças humanas para poderem conhecer seus divinos segredos, como conta de varios livros, e lugares da sagrada Escritura. Joan. 155. *Sine me nihil potestis facere.* Isto supposto : vamos à razão, em que me mandais vos dé algum conselho, para vos livrardes do vicio da murmuracão.

Haveis de saber, que he conselho de todos os Mestres de espirito, que daõ, para nos livrar-mos deste vicio, usar da virtude do silencio, evitando as ruinas conversações de pessoas ociosas, e de mau exemplo. Porque não ha cousa, que mais nos faça destrahir ; do que semelhantes conversações, desnecessarias para o bem espirital : e por isso tanto se recommenda nas Religões o silencio ; que não ha nenhuma, que o não observe naquelle tempo de-

determinado, e assentado nas Regras das Communidades. E não se pôde com palavras encarecer o seu proveito, e o quanto he agradável a Deos huma creatura, que se mortifica na virtude do silencio: porque verdadeiramente quem assim se mortifica, tem muitas apparencias, e visos na terra com os Espiritos Angelicos, e Bemaventurados, que estão no Ceo.

Porque segundo a opiniaõ mais provavel do Santos Doutores da Igreja, na Bemaventurança não se articulaõ palavras, e tudo se faz por conceitos; e estes tão acertados, como nacidos da luz da sabedoria, que he o mesmo Deos. E por contraposição, no inferno tudo são vozes, gritos, blasfemias, e gemidos, tão tristes, como lamentaveis, pelo que consta de muitas revelações, e affirma a sagrada Escriitura: Por isso do silencio se dizem tantos louvores, como publicação muitos Santos: e Santa Teresa aconselha, que entre muitos he acerto fallar pouco.

Diz S. Lourenço Justiniano: Na ja menos convem ao homem que trata de servir a Deos, e caminha para a perfeição; do que a lingua desenfreada, e solta das ataduras da moderação: porque ella lhe destroe, e mata o recolhimento, e uniaõ do espirito. E S. Bernardo diz: Callando entre os homens, aprendemos a fallar com Deos: e não se agrada Deos de fallar familiarmente com quem falla muito com as creaturas. E diz o Senhor pelo Profeta Osee: Levarey a alma ao deserto, e lhe fallarey ao coração. (Osee cap. 2. v. 14.) Vede, se pôde haver mais solidas verdades, para desenganos dos falladores murmuradores.

Assentemos por maxima infallivel: Que não ha
fallar

fallar muito sem peccar. Proverb. 10. 19. E ainda na Regra, e Estatutos da Ordem de Santiago, com fer entre Seculares, diz o Capitulo 7. Tenhaõ silencio na Igreja em quanto se diz o Officio; Divino, e fallem poucas vezes, e com necessidade: que parece que não fora Regra, nem Religião Christãa, se não observassem esta virtude do silencio. Por isso se diz, que a bocca fechada faz que tenha o coração paz. Perguntado Aristoreles, como seria hum homem bemquinto; respondeo: Fazendo boas obras, e fallando pouco. E diz Marco Tullio: Que quantas vezes fallamos, tantas se faz juizo do que somos.

E tanto he necessario para a salvação o silencio, que por isso a Justiça, e as leys mandaõ, que antes que se castigue algum culpado, seja levado à casa do segredo, que val o mesmo, que ao silencio: porque não era bem que se mandasse tirar a vida a hum homem sem haver tido silencio, para ter tempo de tratar da sua salvação. E assim tambem será grande acerto, que nós acostumemos a guardar silencio; porque desde que nacemos, logo fomos sentenciados à morte com aquella irrevogavel sentença: *Statutum est hominibus semel mori*: (Ad Hebr. 9. 27.) e nós com mayor risco: porque aquelles sabem o dia em que haõ de ir ao supplicio; e nós não sabemos o anno, nem o mez, ou dia, e hora em que havemos de morrer.

Estou muy certo, e conforme em tudo o que me tendes dito, me disse o dono da casa; porém só se me offerece huma dúvida: e vem a ser: Se o silencio he o mais efficaz meyo para se evitar esse vicio; como he possivel a hum Secular, que trata de varios e, ocios no mundo, observar essa doutrina? Respon-

pondo; lhe disse eu: Haveis de saber, que não consiste só esta virtude do silencio no exercicio da lingua, como se acha nos mudos: porque muitos Santos andáráo no meyo dos povos, e dentro de palacios; e alli fizerao obras heroicás de grande virtude: e ainda os mesmos Religiosos, que he mais para se notar. S. Francisco Xavier conversava, e jogava com os Seculares: S. Felipe Neri tambem conversava com elles: e o mesmo fazia Santo Ignacio: e finalmente todos os mais Santos, que se derao a Deos nas Cidades, e povoações; porém sempre muito em silencio, para não tratarem, nem fallarem, se não o que era para bem de sua salvação, e dos mais com quem tratavao: e o pensamento em Deos, como norte que nos leva ao porto da salvação.

Por isso S. Basilio disse, que o silencio he a escola, onde se aprende a fallar acertadamente. Sendo, que não he necessario mais exemplo, que o de Christo Senhor nosso: o qual vivendo trinta e tres annos no mundo entre os homens, tratando em publico com elles; lá foy para o deserto, para se dar ao silencio, e à oração: não porque carecesse delle; porém sim, para nos dar exemplo. Por isso lá disse S. Paulo admoestando aos falladores, e curiosos de darem novas: que tratasem de sua vida trabalhando em silencio: (2. ad Thessal. 3. 12.) como quem suppoz, que se não fosse em silencio, não trabalhariao. Porque he certo, que o fallar pouco costuma andar com o obrar muito. E reparay, que até na musica, para se fazer boa consonancia, he necessario callar, e contar as pausas às vozes; porque de outra sorte, mais pareceria bulha, e grita, que consonancia.

Por

Por isso aconselhára eu, que para hum homem se poder conservar em paz com todos, e agradar a Deos, fuja de ser fallador, e tenha muito cuidado de não ser amigo de dar novas, e alvitres: porque muitas vezes resulta disto inimistar-se com muitos, e terem-no por novelleiro, e mentiroso. E he para notar, que tendo todos tanto cuidado de fechar as suas casas, e gavetas, para que lhes não furtem a prata, e ouro; são tão poucos os que tratão de fechar as suas bocas, e guardar a chave, que he a lingua, por onde o Demonio nos rouba as boas obras, e nos furta a mesma alma para o inferno. E acabarey este meu discurso com o que lá disse hum douto Escriitor: Que para grangearmos muito credito para com os homens, e merecimento para com Deos, devemos dizer bem de todos, e só mal de nós.

Senhor, me disse o dono da casa, estou tão satisfeito do que me tendes aconselhado; que com palavras me não atrevo a explicar: pague-vos Deos esta caridade; que eu farey, com o seu divino favor, muito por imitar vossos documentos: e tomára que a todos aproveitassem, a quem eu puder fazer presente esta vossa doutrina. Porém como são já horas de nos agasalharmos, não vos quero mais molestar, supposto que nunca me enfadára de vos ouvir: alli tendes aquelle quarto, onde podeis passar a noyte. E retirando-se o dono da casa, me fuy eu recolher.

CAPITULO XIX.

Do nono Mandamento. Relata o Peregrino os lastimosos casos, que vio succeder por causa do peccado de adulterio. E dá varios conselhos, para poderem viver os cazados em boa paz.

Nunca com mayor desvelo dezejey que amanhecesse. Levantey-me muito cedo : e fazendo observação nesse hemisferio de luzes, vi que hiaõ desmayando esses Planetas celestes, só de verem tanta pompa, com que Apollo rutilante começava a dominar com seu imperio nos Astros. Foy-se divisando a manhaã, e derramando grânizo : e sendo a aurora taõ velha, chorava como minina. Cobrio-se todo o prado de luzente prata fina, que val mais que o fino ouro, lá para essas campinas. Exhaláraõ-se as flores em aromas taõ fragrantés, que foy quasi hum desperdicio. Vi altas torres luzentes, e campanarios de sinos : mas tudo se desfez logo, tanto que amanheceo o dia.

A este tempo, sahio o dono da casa com muy aprazivel presença, e me deo os alegres dias : ao qual correspondi com muy promptas cortezias de agradecimentos, por serem estas as linguagens da mais discreta Grammatica, que se pratica nas Cortes, e se naõ deve deprezar ainda nas Aldeas, pela grande utilidade que resulta a todos os que della usaõ.

E despedindo-me do dono da casa, me puz logo a caminho : e tendo andado mais de tres leguas, achey hum caudaloso Rio, taõ arrebatado no curso de suas aguas, que me fez suspender os passos, pe-

lo difficultoso de o poder passar, por largo, e fundo. E como eu hia cansado, me assentey perto de suas margens, debaxo de hum copado arvoredor. Alli me veyo entaõ à memoria aquelle exemplar dito de Heraclito, alludido por Seneca, da grande semelhança que tem os rios com as nossas vidas, pela velocidade com que correm, sem parar. (Lib. 8: epist. 59.) E porque tive oportunidade, lhe fiz este Soneto.

SONETO AO RIO.

Como te vejo, ò Rio, semelhante.
 A vida dos mortaes nessa corrente;
 Pois nunca tornarás a teu nacente,
 Suppõto que te vças taõ rodante!
 Considera, que ainda que abundante.
 Vás correndo ao mar taõ diligente;
 Nelle pagarás muy obediente
 A ufania que levas de brilhante.
 Alerta pois, mortaes, tomay exemplo
 Do Rio, que vos vay representando:
 O que nelle reparo, em vòs contemplo.
 Não vos fieis do bem, que estais gozando;
 Pois no de Libitina horrivel templo
 A Parca a vida já vos vay cortando.

E tendo posto fim ao Soneto, ouvi tropel; e reparando, vi hum homem montado a cavallo, o qual trazia quatro escravos em sua companhia, e todos armados: e assim como me vio, me perguntou, se tinha eu visto a hum mancebo, dando-me os sinais do que levava vestido. E persagiando eu algum inopinado successo, lhe respondi: Senhor, a este ho-
 mem

mem avistey em huma encruzilhada, que dista daqui mais de huma legua; e tomou a vereda para a parte do Norte: e supponho, pelos apressados passos que levava, ser esse mesmo, por quem me perguntais. E logo sem mais dilação meteo o cavalleiro as pernas ao cavallo, e disse aos escravos, que o seguissem.

Bradey logo pedindo passagem; e promptamente me veyo. E eitando para me embarcar, me fahio hum mancebo de dentro de huma brenha, descalço, de muy galhardo talhe, e boa presença: o qual me disse: Por venturoso acerto tenho, Senhor, chegares a este lugar, a tempo em que me vejo em tão grande perigo: peçovos, sejais servido levar-me em vossa companhia. Podeis embarcar-vos, lhe disse eu.

Passamos pois o Rio, e chegamos à casa de hum morador: o qual nos recebeo com grande primor, e agazalho. E depois de nos ter dado assento, nos disse: Summamente dezejo, Senhores, saber deste successo, pelo que desta casa tenho visto. Ao senhor mancebo, lhe disse eu, incumbe dar a relação: e tambem folgarey de o ouvir. Já que me mandais, Senhores, disse o mancebo, que renove as minhas dores; ao que não deixarey de obedecer, pelo seguro em que me considero: necessariamente vos hey de repetir os progressos da minha vida. Podeis dizer, lhe disse o morador; porque com o favor divino, em minha casa ninguem vos ha de offender. Pague-vos Deos, lhe disse o mancebo, tanto favor, quando eu volo não faiba merecer.

Sabey, Senhores, continuou o mancebo, que sou notural da Real Corte, e Cidade de Lisboa: que por tão notavel, me escuso relatar suas grandezas.

Naci de pays nobres, e com bastantes cabedaes. Tiverão elles tres filhos, e fuy eu o segundo. E parecendo-me que me escolhia a forte o melhor lugar, por ser o do meyo; pelo contrario tenho experimentado; pois está o primeiro de posse do morgado, e a terceira Religiosa professa. E como o cuidado dos pays honrados he procurar os mayores augmentos de seus filhos, me mandãrão aprender todas as boas partes, e artes liberaes; até que me formey na Sciencia da Filosofia: e porque só esta me não podia constituir nos solidos fundamentos de seus grandes dezejos; me aviãrão para ir estudar à Universidade de Coimbra.

E partindo com effeito, cheguey àquella segunda Athenas do mundo, e primeira nas excellencias de suas grandezas: as quaes não repito individualmente, porque (alem de serem tão vulgares) como vou de passo, não me posso deter em as relatar. Passey o primeiro anno de novato; e achando-me com dezoito de idade, continuey mais tres de estudo: verdade seja que com pouca applicação, por suppor, que saltando aquella, não cahisse nas mãos desta summa pobreza. Porém com razão se diz, que toda a supposição he falsa; pelo que agora tenho experimentado.

A este tempo se começou a ouvir em todo o Reyno de Portugal os canoros clarins, e os estrondosos parcaes da bellicosa guerra, que Carlos III. fazia na opposição do Reyno de Castella a Felippe V., em que o nosso grande Monarca D. Pedro II. lhe prestou com a ajuda, e favor, pelas forçosas razões de Estado, e particulares do parentesco: tudo motivo, para não faltar a tão Real empreza. E foy isto bastante, para que logo os generosos Portuguezes se

se fossem offerecer, como filhos de Marte, e por natural sympathia de famosos guerreiros.

Chegou tambem este bellicoso eco àquella famosa Cidade de Coimbra, onde entre outros muitos, que repudiáraõ as letras pelas armas, fuy eu hum delles: e espontaneamente, sem mais conselho, me fuy despedir de alguns amigos; e muy especialmente do Reytor da Universidade, a quem fiz presentes os meus desígnios: o qual com muy discretas razões; como pessoa taõ douta, e nobre, me approvou a eleyção, e me houve por despedido, muy cortezmente.

E partindo para Lisboa, cheguey à casa de meus pays: os quaes vendo-me com taõ grande resolução, me não quizerão dissuadir, tanto pelo que deviaõ ao solar de seus esclarecidos nascimentos, como por não cahirem na nota de menos leaes no serviço do seu Rey: e logo me deraõ toda a ajuda, e favor, para poder conseguir o meu intento. Assentey praça de Soldado de cavallo na Companhia de hum nobre Capitaõ. Passeey, antes que partissemos para a fronteira, com grande applauso na Corte; principalmente de toda a Fidalguia; e Cabos da Guerra: dando-me todos o parabem, por ter taõ generosamente largado as letras pelas armas em huma taõ honrosa empreza.

Aprestou-se em fim o nosso Exercito contra o de Castella, em Junho do anno de 1704., e pozse em campanha, indo por General delle o excellentissimo Marquez D. Antonio Luiz de Sousa Tello e Menezes, nunca cabalmente louvado por suas galhardas emprezas, e grandes felicidades, pela summa distincção, destreza, e cuidadosa diligencia. E assim, começou a manejar as direcções mais importantes en-

tre a perturbação de huma guerra, em que o levavaõ mais os creditos dos dous Monarcas, que o seu proprio interesse: tudo motivos para o fazerem obrar igualmente o cuidado, e applicação em hum Heroe Portuguez taõ nobre, como expediente no Governo politico, e na direcção militar.

Houve varias fortidas, e funções, de que as Armas Portuguezas sempre tiveraõ muy bom successo. Até que chegou o inverno, suspenderaõ-se as armas, e recolheraõ-se os Exercitos para as suas Praças. Tive occasião de pedir licença aos meus Cabos por tempo de dous mezes, para chegar à casa de meus Pays: a qual me foy facil de alcançar, por reconhecerem que eu voluntariamente tinha ido buscar a campanha, largando os estudos.

Cheguey a Lisboa, e de meus Pays fuy bem recebido, como filho de quem já esperavaõ grandes fortunas, e creditos para sua casa, pelos famosos brios com que me viaõ ostentar. E como me vi naquelle ocio, licenciey o discurso à monarquia dos goistos, e dey em fer idolatra de meus propios vicios, querendo com o esplendor da nobreza occultar a vileza do peccado: e sem conhecer os erros da fantasia, apostava atropellar toda a razão, naõ attendendo às obrigações de meu nascimento; e sobretudo, o mal que obrava para o bem da minha salvação. Até que chegou o termo consignado da licença; e despedindo-me de meus Pays, me torney a recolher ao quartel da Praça.

No segundo anno da guerra chegáraõ as duas Magestades, o nosso Rey D. Pedro II. e Carlos III., os quaes se foraõ encorporar com o Exercito na Provincia da Beyra, que campon defronte da Praça de Almeyda, e foy apresentar batalha ao Exercito Caste-

Castelhano, que se achava campado nos campos de Ciudad Rodrigo, onde andava a Magestade de Philippe V. : e desta acção resultárao muitos creditos para a nação Portuguesa, como taõ acostumada a triunfar de seus inimigos.

Chegamos a entrar na mesma Corte de Madrid, onde se viraõ tremolar os Reaes Estandartes das Quinas Portuguezas, com repetidas acclamações populares das nossas Magestades, a quem se davaõ os vivas com grandes applausos. Mas envejosa a fortuna de ver tantas glorias accumuladas à nossa nação Lusitana, se voltou mesquinha, negando-nos a vitoria de Almancia, depois de tantas vezes com taõ esclarecido valor a termos ganhado : e como nem sempre se podem apostar venturas em as cousas contingentes; permittio Deos, como Senhor dos exercitos, que naõ chegassemos a gozar aquella empreza, por nos naõ delvanecermos nos triunfos de tantas acclamações, deixando-a para o tempo prefinido, quando o permittir sua divina providencia.

Deste fatal destroço fuy prizioneiro a França : e depois de passados alguns tempos, e ter corrido alguns de seus paizes, me permittiraõ liberdade, e passay a Inglaterra, e dahi a Hollanda; donde me embarquey para Lisboa. Achey a meu Pay fallecido, e a minha Mãy com sentidas lágrimas pela falta de huma taõ boa companhia, e com muy poucos cabedacs para me poder remediar, por estar já meu Irmaõ de posse do morgado : o qual me naõ quiz visitar, tomando por pretexto a razão de ter eu deixado o certo pelo duvidoso; e por esta causa me faltou com todo o necessario : até que me fez tomar por resolução embarcar para a India em huma nao, que se guia aquella derrota.

E para agora vos referir, Senhores, o que experimentey naquella viagem, basta dizer-vos que me embarquey : porque me não he possível, pelo ligeiro passo com que vou, relatar-vos os grandes incommodos que passey. Porém só vos digo, que me lembra ter lido; que perguntado a hum Filosofo, porque nunca se quiz embarcar; respondeo : Por me não querer fiar de quatro loucos; quaes são o navio, o mar, o vento, e o marinheiro. E então vim eu a conhecer, que com muita razão disse Santo Agostinho : Olha para o mar, e fuge delle. E daqui veyo a dizer hum moderno Escriitor : Que não ha mayor recreyo na terra, do que ver o inquieto das ondas. Porque a experiencia tem mostrado, que são as aguas do mar, tumulto, e sepultura dos que o navegaõ, e nelle naufragaõ; e não como o imagináraõ os Antigos, quando disseraõ, que era o mar berço, e sepultura do Sol.

Cheguey finalmente à India, a tempo que se estava apressando hum navio estrangeiro em Goa, para fazer viagem para o porto de Cambaya; e nelle me embarquey com quatrocentos mil reis; que em Lisboa havia empregado em bons generos; o qual dinheiro me tinha dado minha Mãe à custa de suas proprias joyas : que a tanto obriga o imperio do amor maternal, para amparar a hum filho, quando o considera desfavorecido da fortuna.

Fuy tão bem succedido, que depois de chegar a Cambaya fiz grande negocio; e logo na primeira monção me torney a voltar para Goa, aonde cheguey com mais de tres mil cruzados em ricas fazendas : e de Goa tratey de fazer o meu negocio para Dio, e Surrate; e em breves tempos me vi Senhor de seis mil cruzados, sem a nota de ambicioso.

A este tempo chegou ao Estado da India aquel-
le esplendor das glorias da nação Portugueza, Vas-
co Fernandez Cesar de Menezes, Vice Rey, e Ca-
pitaõ Geral do mesmo Estado : mostrando logo ser
passimo das venturas, assombro da guerra, e exem-
plo da prudencia; por lhe proceder tudo do seu
grande valor, e esclarecido solar : dotando-o Deos
de hum vivo engenho, aguda promptidaõ , clara
eloquencia atrengaõ discreta, direcção sagáz, pre-
vençaõ sabia, communicação aprazivel, luzimen-
to faustoso, especulaçaõ prudente, acordo magna-
nimo, compayxaõ caritativa; como tudo se vio, e
experimentou naquelle Estado, no tempo do seu
Governo.

Tratou-se logo com a chegada deste valeroso
Cesar, da conquista do Reyno de Camará; para a
qual funcão me fuy offerecer por Soldado. Apres-
tou-se a Armada , e partimos do porto de Goa em
quinze de Janeiro do anno de 1713. Chegamos ao
Rio de Cumuta aos dezoyto do mesmo mez. Acha-
mos no Rio onze embarcações dos naturaes, nas
quaes fizemos execuçaõ taõ violenta , que todas fi-
cáraõ deltruidas, e queimadas. Deste porto de Cu-
muta fomos seguindo derrota com a Armada até
Onor, e sempre fazendo grandes fortidas, e hos-
tilidades ao inimigo : com taõ grande horror, que
naõ houve Fortaleza, nem Praça, que naõ rendes-
semos; assolassemos, e sujeitassemos : com taõ in-
vencivel valor dos Soldados Portuguezes, que a
todos poz espanto.

Finalmente por ordem do Vice-Rey nos reco-
lhemos com a Armada ao porto de Goa, depois de
termos posto a ferro e fogo quasi toda a marinha,
e Reyno de Camará, que se estende por espaço
de

de trinta e seis leguas : onde lhe queimamos oitenta e dous navios, entre grandes, e pequenos; e se considerou o estrago, e perda pelos seus proprios, do que succedeo no mar, e em terra, em cinco milhoes : alem de seiscentos homens mortos a nosso ferro, por serem pertinazes na desistencia dos postos. Esta gloriosa empresa nos custou somente doze Soldados mortos no conflicto, e pouco mais de trinta feridos ; devendo-se todo este bom successo àquelle perfeito Heroe Portuguez ; pelas inapplicaveis prendas de seu valor ; deixando a India satisfeita, Portugal agradecido, e o Mundo admirado.

E como me vi com que poder passar à Corte, para tratar dos meus requerimentos ; pedi licença ao ViceRey, o qual muy francamente me concedeo, pelas justas causas de ter eu andado nas campanhas da Europa, e India, e pela razão de ser ainda minha Mãe viva, e tão carregada de annos. Com effeito me embarquey em huma nao, que se aprestava para Lisboa : e como haja hum Decreto de ElRey, que as naos da India entrem na Bahia, para se refazerem do necessario ; precisamente tomamos este porto.

Saltey em terra, tomey casas, e desembarquey o mais precioso, que trazia : fuy cortejado de muitos, deixey-me levar da lisonja, e entreguey-me de todo ao luxo, onde me considerey em huma confusão de Babel, ou labarinho de Creta : e podendo ser antipoda do escarmento, me fiz objecto da vaidade ; porque me entreguey a todos os passatempos, e deleytes mundanos : jogava com largueza, e repartia prodigamente o que me tinha custado o risco da mesma vida. Tive muitos amigos ; os quaes perdi

perdi logo, ao tempo que o dinheiro me faltou. E assim, aconselhara eu, que melhor he não ter taes amigos de conveniencias: e fundo-me nò que diz o Ecclesiastico cap. 6. v. 8. Que o amigo do tempo, no dia da tribulaçõ se converte em inimigo. Porque o verdadeiro amigo, só he aquelle, que do mesmo bem e mal participa, segundo o que diz Cicero. O que tudo experimentey: e pelo que me tem succedido, posso dizer, que os filhos de Lisboa nadem na Corte, criaõ-se na India, e perdem-se no Brasil.

Vendo-me naquelle desamparo, fuy ter com hum homem, que se estava aprestando para ir para as Minas do Ouro; e depois de lhe manifestar o aperto em que me via, me disse, que se o quizesse acompanhar, me levaria no seu comboy. Aceitey a offerta, por não ter outro remedio: e pondo-nos a caminho, depois de alguns dias de jornada adocci de humas cesões tão violentas; que me puzeraõ incapaz de seguir a derrota. E chegando à Fazenda de hum morador, que dista daqui quasi tres leguas; vendome naquelle estado, commovido de piedade me disse, que ficasse em sua casa, para tratar da minha saude. Accitey o favor, e foy Deos servido que eu alcançasse melhoras: e depois de me ver livre do achaque, me offereci ao morador para lhe ensinar a hum seu filho (que tinha da primeira mulher, por haver sido já casado, que poderia ter de idade seis para sete annos) em agradecimento, e remuneraçã do muito, que lhe devia, até que houvesse occasiã de tornar a proseguir a minha viagem: o que o morador prezou muito, e assim me bia entretendo; e em algumas occasiões passava o tempo em repetir ao dono da casa os tragicos successos, que me haviaõ acontecido; e elle se mostrava muy satisf-

fatisfeito, e em parte compassivo de mos ouvir contar.

Sendo já passados dous mezes, me disse esta manã o morador, que lhe era necessario chegar à casa de hum visinho a tratar sobre certo negocio: e despedindo-se de mim, partio. Dalli a breve instante, senti que se abria huma janella: e applicando os olhos; vi cintillar dous rutilantes luzeiros em hum Ceo animado; e no breve rasgo de hum rubicundo carmesí apparecer candido marfim, burrido, e lavrado por arte da natureza. Adornavaõ este globo duas encarnadas rosas, que lhe davaõ muita graça. Dividiaõ estas perfeições dous arcos com igual correspondencia, desparando agudas setas em defença de hum reducto tão bem feito, que por isso já houve quem lhe chamou a linda torre de Faro. Duas ricas madreperolas lhe serviaõ de penderes; que como era encantadora, trazia do mar as prendas. Naõ fallo aqui dos cabellos; porque os trazia entrançados: quiçá porque vindo soltos fariaõ mais traveçuras. Sultentava esta belleza huma columna de neve com laços de ouro tecida. Vinha em camiza, e anagoas, desprezando toda a gala, pela fer da fermosura. Era finalmente este compendio, e singular maravilha, a mesma dona da casa.

Naõ me condeneis, Senhores, se parecer exaggerativo na digressão de tão repetidos episodios em louvor desta belleza: porque naõ he minha tenção narrar amores, nem inculcar affectos profanos; porém sim dizer-vos o infeliz successo, que veyo a experimentar esta creatura bella tão lastimosamente, cõno logo vos direy: e por esta razão me he forçoso temperar o instrumento de meu discurso, para
vos

vos contar o que me perguntastes, e publicar a todos os que se deixaõ levar do vaidoso entretenimento do amor profano, os lastimosos casos, em que vem a parar.

E rompendo a mulher nestas palavras, me disse: Dias ha, Senhor, que vivo taõ sobornada ao galhardo talhe de vossa gentileza; que por naõ aplacar o fogo em que me vejo arder, busquey este meyo de me poder declarar. Bem sey, que parecery temeraria no atrevimento com que vos fallo: porẽm a culpa tiveraõ meus olhos, e a ociosidade de vos ouvir repetir os tragicos successos da vossa vida. E como me parece ser mais culpado meu marido em procurar trazer hum hospede, ou Aspide, para me tirar a vida; tenha agora a pena de lhe fabricar esta traiçaõ.

Senhora, lhe disse eu, em mim naõ reconheço as partes, com que me tendes lifongeadado: nacerãõ, sem duvida, do affecto cordial, com que vos quereis mostrar agradecida, por conhecerdes o grande dezejo que tenho de servir a todos desta casa, pelo desvelo com que me sollicitãõ as melhoras de minha faude: e por isso tomãra inventar novos agrados, para os contentar. A satisfaçaõ do meu gosto, Senhor, me disse a mulher, naõ se paga sem dar comprimento a meu dezejo. Senhora, vede, lhe disse eu, que entre as mayores estimações, que costumaõ os homens prezar no mundo, he a sua honra: poderã vosso marido saber vosso disgnio, e tomar vingança com justa causa. Para tudo ha remedio, me tornou a dizer a mulher: porque assim como se tem descoberto antiditos para a vida; tambem se fabricãõ venenos para a morte. E serã acerto, lhe disse eu, pagar beneficios com ingratições? Tenho entendido, replicou ella, que naõ foraõ os impulsos das armas do

do inimigo, que vos fizeraõ fugir da guerra; porêm, fim, volsa covardia. E com esta resoluçaõ, retirando-se da janella, tomou o andar para o interior da casa.

E reparando notey no seu donayrolo talhe, tudo alheyo, tudo alinho, tudo garbo, e perfeiçaõ. E levantando-me do lugar em que estava, fuy encaminhando os passos para huma camera, que na mesma varanda estava, e me servia de recolhimento: e presagiando algum infausto successo, formey logo tençaõ de me retirar de taõ evidente perigo.

Eys que entaõ ouvi tropel, como de muitos, que corriaõ apressadamente: e reparando, vi entrar o dono da casa com hum punhal na mão, dizendo a dous escravos, que me não deixassem sair da camera, em quanto dava execuçaõ a seu agravo; pois taõ claramente o tinha visto. Mas como na camera havia huma janella, por ella me sahi: e com ir com apressados passos, ouvi taõ lastimosos gritos; como de quem entregava a vida às mãos de hum executor verdugo. E tendo-me distanciado da casa mais de hum quarto de legua, avistey hum maranhoso ramal, dentro do qual me recolhi, de cujo lugar descobria a estrada: e dalli a hum quarto de hora passou o dono da Fazenda, montado a cavallo, com quatro escravos, todos armados, aos quaes hia reprehendendo, porque me tinhaõ deixado sair com vida. E vendo-me eu naquelle evidente perigo, fiz hum promettimento a Deos, que se me livrasse daquelle aperto, iria buscar huma Religiaõ, onde fazendo penitencia, acabasse a vida em seu santo serviço. E logo fiz este discurso.

Oh caduca belleza! Oh falsa vaidade! Como te
confi-

considero taõ depressã arruinada ! De que te servio a vida estribada em hum engano com alentos de huma respiraçaõ, se havias de morrer de hum suspiro ? Ah infeliz ! Quem te dissera, ha menos de huma hora, que toda essa locucaõ se havia de ver em hum silencio triste ! e que todo esse garbo, e bizzaria taõ depressã havia de desapparecer, como huma exhalaçã, que corre ; huma seta, veloz ; huma ave, que voa ; hum peregrino, que passa ; humano, que navega ; huma empolla de agua ; huma nuvem, que se desfaz ; huma flor, que cae ; e hum vento, que desapparece !

Isto mesmo considero hoje em ti, ò desgraçada. De que te servio aquella bem vista fermosura, e portentosa belleza ; quando apenas parecias hum aslombro de perfeições, para seres agora considerada hum estrago da vida, e hum horror da morte ?

Glorias, que haõ de ser de taõ pouca dura ; para que he possuillas ? Felicidades taõ momentaneas, para que he estimallas ? Fermosura, que taõ depressã se affea ; para que he idolatralla ? Vida, que taõ brevemente se acaba ; para que he prezalla ? Finalmente : para que he fazer tanto apreço, e estimaçaõ de huma exhalaçã, que desaparece ; de huma seta, que rompe o ar ; de huma, que voa ; de hum peregrino, que naõ tem jazigo ; de humano, que vay navegando ; de huma nuvem, que se desfaz ; de huma empolla de agua, que se desmancha ; de huma flor, que murcha ; e de hum vento, que naõ apparece ? Por isso com muita razã chamou Job à nosa vida flor : *Quasi flos egreditur, & conteritur* : (cap. 14. v. 2.) e em outro lugar (cap. 7. v. 7.) lhe chamou vento : *Ventus est vita mea*. E assim devemos cuidar sempre, que todo este composto mortal

tal ha de vir a parar , e reduzir-se em pó, e cinza : *Quia pulvis es, & in pulverem revertèris.* (Gen. 3. 19.)

E depois de ter feito este discurso, vendo que os que me buscavaõ se tinhaõ já distanciado, os fuy seguindo ; por ter ouvido dizer, que era bom trazer os inimigos à vista, por naõ experimentar hum golpe descuidado. E vendo que tinhaõ tomado a derrota para a parte do Sul, vim buscar esta paragem, onde topey com o Senhor Peregrino, que foy o meu conductor à vossa presença : e de vós espero todo o amparo, e soccorro.

Senhor, lhe disse o morador; podeis estar fofegado; porque vos mandarey pór com toda a segurança onde fordes servido : e para que deis cumprimento à vossa promessa, que fizestes a Deos, de ser Religioso ; podeis dispor de duzentos mil reis, para vos preparardes do necessario. Com que vos retribuirey, Senhor, lhe disse o mancebo, o muito, que vos devo? Com me encomendardes a Deos, lhe respondeo o morador. Nunca o deixarey de fazer, lhe disse o mancebo; por naõ incorrer na nota de ingrato a quem vivo taõ obrigado.

E logo fallando commigo o morador, me disse : Que vos parece, Senhor Peregrino, o lastimoso caso daquella infeliz creatura, e a discreta narração dos tragicos successos, que tem acontecido ao Senhor Licenciado? E tambem tomára, que me dissesseis agora o que sentis do peccado do adultério, pelos atrozes casos, que vejo no mundo acontecer.

Primeiramente haveis de saber, Senhor, lhe disse eu, que por isso com muita razão chamaõ ao Amor Cupido, por ser filho de Marte deos da guerra,

ra, e de Venus deosa da fermosura, e symbolo do amor profano. E pelo que tem de guerreiros amantes, e valentes namorados, todos aquelles, e aquellas, que se alistaõ debaixo de suas bandeiras, a ser-villo nos seus exercitos; por isso vem muitos a morrer de setas hervadas do peccado, e vaõ a parar suas almas no inferno.

Em quanto ao elegante estylo, e discreta narraçãõ, com que nos tem manifestado o Senhor Licenciado os periodos de sua vida: bem claro se verifica o muito, que as Sciẽtes letras o tem polido, e o exercicio militar adestrado, para fallar com acerto em todas as materias. E no que respeita ao altivo de seus pensamentos, por tanto appetecer, e nada recear, e correr elles remontados climas do Mundo: tudo lhe procede dos generosos brios de seu nobre nascimento; por ser muy propria condiçãõ da nobreza buscar honrosas emprezas, para melhor se poder qualificar nas noticias, as quaes se alcançaõ, quando discorre a redondeza da terra se completaõ, enchendo a largueza de seus grandes corações. Porque he certo, que nada faz aos homens mais capazes, e peritos na discriçãõ, do que o terem corrido o mundo, levando consigo o cofre das Sciencias (isto he, as artes liberaes, que se aprendem, e as faculdades, que se estudaõ) para terem que dar, e repartir com aquelles, de quem recebem beneficios, e onde possãõ recolher as mais preciosas prendas das discretas noticias, que dispresamente acharem nos grandes talentos, com que tratarem.

Porque muito sey eu, que mendigaõ nestas emprezas, caindo em muitos tropeços, por se acharem taõ faltos de saber, como cheyos de ignorancias;

cias; por se não terem aproveytado no tempo, em que os obrigavaõ seus Pays, e convencidos davaõ seus Mestres para os ensinarem. E por isso agora vos digo, Senhor Licenciado, que podeis apostar muitas ventagens com os mancebos nobres, que passeão nas praças recreando-se nos jardins de Flora; galanteando as damas; pelo muito, que tendes visto; e experimentado na nossa peregrinaçãõ discreta: louvando-vos tambem a eleiçãõ de vos quererdes retirar ao sagrado de huma Religiãõ, pelos grandes infortunios, perigos, em que vos tendes visto; que esses sãõ pela mayor parte os lucros, com que o mundo costuma pagar a quem o serve, e se deixa levar de suas enganosas promessas.

Porém fallando agora do peccado do adulterio. Haveis de saber, Senhor, disse eu ao morador, que ha homens taõ resentidos na opiniaõ de sua honra; que bairta verem em suas mulheres o menor recato na estimaçãõ de seus recolhimentos, para logo darem à execuçãõ seu imaginado aggravo. Por isso com muita attençãõ, e cuidado te deve fugir dessa culpa, por ser huma das mais enormes, e execrandas, que pôde haver; pois nella se comprehendem muitos males, e circumstancias. E o mesmo preceito divino nolo está insinuando; porque diz o Mandamento: Não dezejarás a mulher do teu proximo: no que, basta haver dezejo, para que seja peccado. E que fará executado? E assim, com palavras se não pôde explicar, nem exprimir a offensa, que faz hum adultero a Deos, e a seu proximo; por ser mais que ferimento, e outros danos particulares, que se pôdem fazer ao proximo. De sorte, que, se a hum homem lhe puzessem fogo à sua casa, ou lavoura, e o enchessem de golpes; lhe não fariaõ mayor ofen-

senza, do que chegando a sua mulher:

E por isso devem todos fugir deste peccado. Porque, se bem considerasse hum homem, e huma mulher o dano, que resulta desta culpa, por ser irreparavel; nunca o havião de commetter, pelos estragos, mortes, desamparo de filhos, e restitução ao offendido: e como a este nunca se póde satisfazer, nem pedir perdaõ; he muy difficuloso de ser perdoado.

A experiencia, e os livros nos tem mostrado, que houve muitos homens, os quaes antes quizerão perder as proprias vidas, do que ver offender a suas mulheres. Vede, que sem razãõ será offender huma mulher a seu marido! Por isso diz Santo Ambrosio: Ainda que tu, ò adultero, enganaste ao marido não has de enganar a Deos: e ainda que escapes da vingança do offendido, ou das penas da ley; he certo, que não escaparás do Juiz do mundo universo. (Lib. I. de Abraham. cap. 2.) E pelo que tenho visto succeder por causa deste peccado, bem comprovada se vé a authoridade deste Santo.

Ouvi o seguinte caso, que succedeo em huma das Villas do Sul, da Capitania dos Ilhéos. Havia hum mancebo muy presumido de valente, (e por isso muy desvanecido de louco) o qual andava amancebado com huma mulher casada; até que a veyo a tirar do poder de seu marido. Lando-se este por offendido, como o pedia a razãõ do seu aggravo, tratou de os querer accusar à Justiça: e sabendo o adultero deste intento, foy buscar ao queixoso, e disse-lhe: Que se por alguma via intentasse molesta-lo, lhe havia de tirar a vida. Deixou-se o miseravel offendido do que tinha intentado. Passados alguns dias, disse esta n.ã. mulher

áquelle insolente adultero, que andava pejada, e por essa causa dezejava comer humas amoras : que lhas fosse buscar. Bastou este dizer, para que logo o mancebo em companhia de hum seu Irmaõ se embarcasse em huma canõa, e fosse a huma ilha, onde havia estas frutas : e saltando em terra, deo logo com huma arvore chea dellas. E como são arvores silvestres, e muito altas ; a derribou. Mas ficando ella preza em outra mais grossa ; resolveo-se o mancebo a subir pela que estava em pé, para desta passar à que estava derribada, e colher as frutas : e chegando perto da arvore cortada, lhe pegou em hum galho, que fazia junto com outro huma forquilha ; e puxando pelo mesmo galho, deo a arvore cortada sobre a que estava em pé, pela qual subia o mancebo ; e de improviso lhe prendeo o pescoço entre huma, e outra arvore. E para que morresse solennemente com algoz, e testemunha de vista em tão atroz supplicio ; chamou pelo Irmaõ, o qual brevemente lhe acudio, e vendo-o naquelle horrivel estado, sem saber determinar-se, se resolveo a subir pela arvore cortada, levando hum machado na mão : e quanto mais subia, mais o apertava, opprimindo com o pezo do pao ; até que chegando junto do padecente, se determinou a cortar hum dos galhos, que o prendião : e foy tal o golpe, que errando o pao, lhe acertou no pescoço, e alli o acabou de matar : e assim veyo a morrer miseravelmente este soberbo adultero, sendo elle mesmo o motor, e executor de seu castigo, por haver offendido a Deos, e a seu proximo. Este caso, bem o posso afirmar ; porque vi o cadaver, o mais horrendo, e espantoso espectaculo, que tenho visto. Estupendo caso, Senhor, me disse o morador :

na verdade, muito devemos temer os justos juizos de Deos, e fugir de semelhantes peccados.

Pois ouvi outro caso, lhe disse eu, que tambem succedeo, não ha muitos annos, em huma Ilha (a que chamaõ do Dezembargador) do reconcavo da Cidade da Bahia. Morava nesta Ilha hum homem casado, o qual indo huma vez pescar, e voltando para casa já quasi meya noyte, bateo à porta: e porque vio que se lhe não abria promptamente, foy buscar a do quintal; e a este tempo vio fair por ella hum homem correndo. E partindo o dono da casa atraz d'elle, o adultero se precipitou por hum despenhadeiro, que ficava no fim da Ilha da parte do Sul; e alem de ser a queda muy alta, deo com a cabeça em humas pedras, e logo alli ficou morto, sem que o offendesse outro algum instrumento, mais que o castigo do seu peccado. Por isso se diz: (me disse o morador) *Supplicium est pena peccati*. Cic. in Pison.

E para mais confirmação do que vos digo, continuey eu, ouvi o caso seguinte. Havia huma mulher casada, que tinha o marido fóra de casa: e na confiança de que não viria tão depressa, recolheo nella a hum homem, com quem tinha amizade illicita: A este tempo lhe bateo o marido à porta: e parecendo-lhe à mulher, que o marido vinha a tomar vingança da offensa, que ella lhe tinha feito; sem mais cautela, nem reparo, se lançou de huma janella: e porque as casas eraõ de sobrado, e altas; cahio de forte, que logo alli ficou morta. E vendo o marido aquelle arrojado impulso, examinou o caso, e veyo no conhecimento de que fora em castigo do peccado da mulher. Melhor não podieis provar a authoridade de Santo Ambrosio,

mê disse o morador; nem contar casos mais a propósito dos adúlteros, que se castigão por si próprios.

E porque não siquem os homens casados, lhe disse eu, sem algum exemplo dos adúlteros, que fazem a suas mulheres; ouvi o seguinte caso, que não ha muitos annos succedeo na Cidade da Bahia. Havia hum Letrado, o qual, sem embargo de ser casado, se amancebôu com huma meretriz: e tanto se embôlezou no seu depravado amor; que mais assistencia fazia à amiga, do que à sua propria mulher: e para mais se dar a este abominavel vicio, tinha posto a manceba em huma Fazenda sua no Recôncavo da mesma Cidade. E depois de terem passado alguns quatorze annos, sem querer largar esta mulher: estando elle na Cidade, lhe veyo hum aviso com muita certeza, de como se tinha ido a sua concubina para casa de outro homem: e foy tão vehemente o ciume, e pezar que concebêo este Letrado; que acabou a vida em menos de doze horas, sem haver remedio que lhe pudesse valer, né n' conselho que lhe aproveitasse.

Eu conheci muito bem esse Letrado, me disse o morador; porque me advogou em huma causa, de que alcançey vencimento pela sua grande intelligencia, e destreza. E o peyor he, Senhor, lhe disse eu, que tendo tão grande saber para aconselhar aos mais, não se soube vencer, nem aproveitar para si; que essa he a mayor desgraça dos Scientes, quando não guardaõ os preceitos de Deos.

E nasce isto muitas vezes, porque lhes parece á muitos homens casados, que não he tão grave a culpa do adúlterio que fazem a suas mulheres, como he a das mulheres para com os maridos. Pois

saibaõ

saibaõ, que ainda que as Justiças humanas se hajaõ com alguma dissimulaçaõ ; na Ley divina corre o mesmo paralelo : e não sey se diga , que com mayores circumstancias ; porque quanto mais se conhece a graveza da culpa , tanto mais he castigada por Deos.

Verõ como nesta terra costumaõ os homens casados facilitar esta culpa , e ainda com as suas proprias escravas de portas a dentro , dando taõ má vida a suas mulheres , taõ grande escandalo à sua familia , e tanta ousadia a suas escravas ; he para exclamar , e condenar com rigorosos castigos a quem tal chega a obrar. Porque mais parecem estes homens viver na ley de Mafoma , que na de Christo : e por isso vem muitos a acabar pobres , e miseraveis , e alguns mortos pelas mesmas concubinas com veneno , como a cada passo estamos vendo ; e depois vaõ ao inferno a penar para sempre.

E se algum (o que Deos não permitta) se achar em tal peccado ; vá buscar logo Confessor , e sayba confessar-se , e faça o que elle lhe aconsellar : que eu lhe prometto , que , se assim o fizer , lhe não há Deos de faltar com o perdaõ , se o buscar a tempo ; por ser este peccado taõ atroz , que ha mister muito de Deos hum homem para se livrar d'elle , por ser occasiaõ de portas a dentro , que só lançando-se fóra se pôde livrar de offender a Deos.

E se eu houvera de vos repetir os atrozes casos , que tem succedido , e estaõ succedendo por causa deste peccado ; de muito tempo necessitaria para os poder dizer : e basta , que não houve naçaõ , por barbara , que fosse , que não abominasse esta culpa , e não fosse castigada por todas as Republicas do mundo.

Os Egypcios estabelecéraõ ley contra este pecca-

do, em que mandáraõ, que, se o adulterio se commettesse sem dolo, nem força; o homem levasse mil açoutes, e à mulher lhe cortassem os narizes.

Tenedio Rey mandou pòr hum Edicto, no qual ordenava, que juntos os adulteros, os partissem com hum machado.

Os Póvos da antiga Saxonia usáraõ de dous modos de pena, ambos horrendos: hum era obrigar a adultera a enforcar-se por suas mãos, e debaixo lhe punhaõ fogo; e sobre as cinzas da miseravel enforcavaõ tambem o adultero. O outro era, levar à adultera a açoutar pelas ruas, aldeas, e lugares circumvizinhos; e os verdugos eraõ todas as mulheres, que se quizessem mostrar honradas, e zelosas: as quaes faíndo, humas de huma parte, e outras de outra, a hiaõ açoutando com varas, e retalhando-lhe os vestidos até a cintura; e assim a maltratavaõ, e deixavaõ por morta.

Na ley de Moysês se mandava, que mórresse a adultera apedrejada. (Levit. 20. 10.) As Ordenações do nõsso Reyno permitem, e mandaõ por bem da Republica, que os offendidos possaõ accusar aos adulteros a que morraõ morte natural. (Ord. lib. 5. tit. 25.) Finalmente, quasi todas as nações, ainda as que carecem de politica, tem este delito por culpa grave; que tam abominavel he.

E assim, aconselhára eu a todas as mulheres, que se quizerem conservar em virtude pára com Deos, e em paz com seus maridos; naõ só fujaõ de cair em tão horrenda culpa, mas nem ainda dem a menor occasião de desconfiança a seus maridos: porque muitas vezes dissimulaõ com prudencia, o que vem depois a executar apayxonados com razaõ.

E tomem exemplo daquella discreta matrona
Erena

Ercna, que chegou a dizer : Antes mil vidas perder, que offender a Deos, e a meu marido. E se não, vede o que aconteceu a Hypo, matrona muy celebrada por sua grande fermosura ; pois antes quiz perder a vida, que violar a virtude da Castidade, que tanto amava.

E por isso fujaõ de todo o trato de conversações de homens, e de lhes apparecer, ainda que sejam parentes : porque lá diz o proloquio Castelhanao : Lá mucha conversacion, es causa de menos precio : e ha muitos homens, que se não contentaõ com levar os peccados em alforjes aos pès dos Confessores, mas com carregallos em cestos para o inferno.

Fujaõ, quanto puderem, de ter trato, ou familiaridade com Pessoas Ecclesiasticas : porque supposto sejam comparadas com os Anjos ; tem succedido muitas vezes, pelo caminho da virtude entrarem na estrada da maldade : e basta ter-lhes muito respeito de longe ; porque tambem da terra se tem devação com os Anjos, e Santos do Ceo. Contentem-se com ouvillos, e vellos nos Altares, nos Pulpitos, e nos Confessionarios ; que são os lugares, em que os Sacerdotes representaõ a Christo. Vejaõ, que o Demonio he como o ladraõ : este furta nas estradas ; aquelle na occasião.

Guardem-se, quanto for possivel, de ter amizade com mulheres deshonestas : porque lá diz o rifaõ : Dize-me com quem andas, dirtehey que manhas tens.

Não digaõ mal de seus maridos em presença de outrem ; por não incorrerem na nota de que os não amaõ como devem, e são obrigadas. E se seus maridos lhes derem mau exemplo neste particular ; nem por isso lhes venha tal tenção de os offender com

outra semelhiante injuria : porque além da offensa que fazem a Deos , poem as suas vidas em perigo de serem castigadas pela Justiça , ou mortas por seus maridos. Porque destas desattenções , e modos de vingança tem succedido graves males , e lamentaveis desgraças.

De nenhum modo aceitem dadivas , sem causa muito urgente , de homem algum. Não queiraõ em suas casas apparatus , mais do que as suas posses alcançarem : porque pela cobiça cairão no laço do Demonio , o qual lhes mostrará , que sendo-lhes necessario dinheiro para este fim , sobre o penhor da sua honra não faltará quem lho empreste. Tambem devem ser muito honestas no vestir : porque as gallas deshonestas estaõ indicando corpo lacivo. E por isso se diz : Não ha cousa que menos cheire , do que o corpo muito vestido.

E assim as mulheres casadas devem ser fortes , discretas , e prudentes : dentro em suas casas , zelosas ; fóra dellas , recatadas ; e em todas as occasiões , exemplares ; e mais prezadas de sofridas , que de agastadas. Porque pela mayor parte todas as desordens , que succedem entre casados , são por falta de soffimento ; e impertinentes ciumes : porque de palavras vão a profias , de profias a gritos , de gritos a ameaças , de ameaças a pancadas , e de pancadas a mortes.

Não sey , se tendes reparado na causa , porque o mar se faz soberbo em huma rocha. Pois sabey , que procede da rija resistencia , que lhe faz a pedra da rocha. Assim são os mal casados : encontraõ-se estas duas naturezas com qualquer vento de rayva , começa o mar do marido a pelejar contra a rocha da mulher : e porque se não rende , ou desfaz , tudo são

saõ estrondos, grittos, e bramidos; e assim vivem em huma continua guerra, e não ha quem alli possa viver, nem habitar, pelos estrondos que fazem. Porém, se acha este mar do marido embarcação de mulher navegavel; ainda que seja em huma grande tempestade, segue todos os rumos, e ventos, sem bulha, nem rumor: porque se deixa levar a embarcação para onde o mar a leva, até abonancar o temporal; e fazem viagem segura ao porto da salvação. E para prova do que vos tenho dito, vos contarey dous casos; alem de infinitos, que pudera repetir: hum lastimoso; e outro jocosó.

He o caso lastimoso o seguinte. Eu conheci a hum homem estrangeiro, de nação Genóvez, casado com huma Portugueza, a qual era em extremo ciosa, e raõ mal sófrida, que não ousava o marido sair fóra de casa, que logo lhe não demandasse zelos; e delles procedia haver razões tão peçadas, que por mais que o marido a queria capacitar, cada vez gritava mais. Succedeo, que huma noyte, vindo o marido de fóra, começou a mulher com a sua costumada teyma. Disse-lhe o marido huma, e muitas vezes, que se callasse. E como a mulher se não quizesse accommodar; levou o marido de hum alfange, e a golpes, e estocadas a matou.

Verdadeiramente, me disse o lavrador, que peyor o não faria hum bruto, pela injusta, e cruel morte, que executou: porque o marido não deve, nem pôde matar a sua mulher por semelhantes cousas. Como cego da colera se precipitou, respondi eu: e por isso ficou perdido, deixando a sua casa, filhos, e cabedal; e depois se contou, que se enforcára por suas mãos desesperado.

Succedeo o segundo caso na fórma seguinte. *Ha-*

via

via huma mulher, que por qualquer briga, ou desavença, que succedia ter com o marido, dizia que se hia affogar em huma lagóa perto de casa: e assim como sahia com aquelle impulso de rayva, sahiaõ tambem os filhos atraz della, pegando-a, e pedindo-lhe, que não dèste à execuçaõ o que intentava fazer. Succedeo huma vez ter huma briga com o marido: e partindo para a lagóa, dizendo que se hia affogar; tirou o marido pela espada, e disse aos filhos: Que se algum fosse acodir a sua Mãy, o havia de matar. Chegando a mulher junto da lagóa, olhou para traz; e vendo que ninguem hia em seu seguimento, disse: Não me vem acudir? Disseraõ-lhe os filhos: Que seu Pay lho havia prohibido. Respondeo ella: Pois, já que me não querem acudir, tambem eu me não quero affogar. E logo se tornou para casa, e dalli por diante viveo muy conforme com o marido.

Por certo, me disse o morador, que tomou essa mulher muy bom acordo. Porém fallando acerca dos ciumes, que tem as mulheres casadas de seus maridos: parece-me que seriaõ licitos, sendo em amor honesto; porque sempre ouvi dizer, que não póde haver amor sem zelos. E acredita este meu pensamento hum Romance, que ouvi cantar sendo moço, do qual ainda me lembraõ a primeira, e ultima copla; e segundo minha lembrança, dizia a primeyra.

Zelos, amor, e confiança
 Han dado guerra a mi pecho :
 Si en un pecho caben juntos
 Confiança, amor, y zelos.]

E acabava dizendo a ultima:

Estos son zelos sin duda:
 y quien no passó por ellos,
 Ni diga que tuvo amor,
 Ni diga que tuvo zelos.

Assim he, Senhor, lhe disse eu; e muy discretamente compozó Poeta esse Romance. Porém reparay no ultimo, e penultimo verso da primeira copla; e vereis que bem se lhe pôde responder, que em hum peito discreto cabem confiança, amor, e zelos.

De mais que eu não reprovó totalmente os zelos no amor honesto; porque bem sey, que não ha amar sem zelos. E ainda nas Letras sagradas se nos dá a entender, que aquelle Anjo em corpo mortal (S. Joseph digo) teve zelos santos, e castos de Maria Santissima, concebida sem peccado, e sempre Virgem Mãy de Deos: porém houve-se o Santo com tal prudencia, e virtude; que em quanto lhe não foy revelado pelo Anjo por mandado de Deos o grande mysterio da Encarnação do Verbo Divino, antes se tinha determinado em deixar sua Santissima Esposa, que publicar a nota, que della presumia. (Matth. i. 19.)

Dos livros humanos tambem constaõ varios successos, que no mundo houve entre casados, por desconfianças zelosas, por cuja causa acontecéraõ mui-

tas desgraças; e tal vez pro falta de verdadeiro exame, e certeza. Do genro do Rey de Leão em Castella se conta, que andando na guerra contra os Mouros : por lhe chegar à noticia que sua mulher a Princeza usava mal de sua honra, a matou innocentemente; como depois se comprovou.

E não he menos para admirar aquelle lastimoso caso, que succedeo a Alboino Rey dos Longobardos, por se casar inconsideradamente com numa sua escrava : o qual depois de a ter levantado a tão alto estado, a tornou a anniquilar de forte, que veyo o Rey a acabar-lhe nas mãos de huma traição, por zelosa, e mal soffrida.

Finalmente costumaõ os demasiados ciumes não só cortar pelo credito, mas ainda pela uniaõ da paz, e assombros da mesma morte. E se não, vede o que succedeo a Cornelia mulher do grande Pompeyo, por hum zeloso conceito que fez do marido, fazendo-o cair em huma traição, onde acabou a vida. Fulvia mulher de Marco Antonio, pelo divertir dos amores de Cleopatra, quiz antes impaciente cortar pelo bem publico da paz, que soffrer a guerra de seus ciumes.

Não succedeo assim entre os nossos Reys de Portugal, por serem as nossas Rainhas muy pias, discretas, e virtuosas; sabendo-se vencer com moderação, no que muitas não puderaõ dissimular com payxaõ.

E a esta imitação houve muitas Matronas Fidalgas de Portugal, que obráraõ feitos heroicos, e dignos de eterna memoria, para exemplo das casadas. Huma foy, certa Fidalga na Corre de Lisboa : a qual sabendo que seu marido se divertia com huma mulher, a foy buscar, e venceo o seu aggravo
com

com hum grande afago, que lhe fez: motivo, por que tanto a meretriz, como o discreto marido se apartaraõ da má occasiã; e tratou o Fidalgo dali em diante de viver com sua esposa, como lho merecia o seu grande amor, e prudencia.

Finalmente: occupem-se as mulheres em bons exercicios, e não estejaõ ociosas. Sejaõ muy devotas da Virgem Senhora nossa; por ser este o melhor meyo, que póde procurar huma creatura, para conservar a castidade, e livrar-se de perigos: porque sempre ouvi dizer: Que depois que o mundo he mundo, já mais o devoto da Virgem foy lançado no profundo.

Não deixarey tambem de fazer algumas advertencias aos homens casados, e aos que estaõ para tomar estado; para que o façãõ com acerto, e principalmente em serviço de Deos. Primeiramente sejaõ muy prudentes em procurar mulheres de sua igualha; (isto he, na geraçã, e idade) por não virem a experimentar os descontos de enganados, e queixa dos muitos annos para o fim da propagaçãõ.

Fujaõ de levar à presença de suas mulheres homens moços, e de suspeita, e menos fidelidade: porque lá diz o adagio: A su casa lleva el hombre, con que llora. A sua mulher trate com muyto amor, e respeito; por lhe não dar occasiã de justa queixa. Não seja amante impertinente, querendo experimentalla: porque a mulher he como a espada, que tambem tem sua hora. Não permita que appareça a todos, fazendo della (como lá dizem) panno de mostra.

Tambem será acerto, que os maridos neguem a suas mulheres algumas licenças de certas visitas;

com prudencia, e destreza. Assim o fez na Cidade da Bahia hum discreto casado: porque pedindo-lhe a a mulher licença para ir ver humas festas à casa de huma sua conhecida, lhe disse o marido: De muito boa vontade a concederia eu: mas ouvi dizer, ha bem poucos dias, que estava essa casa com grande ruina para cair; e não quero que hoje com o muito concurso da gente succeda alguma desgraça. E desta sorte, ficou a mulher satisfeita, e elle desculpado. Isso será muito bom, Senhor, me disse o morador, para se usar com as que costumão pedir licença: porém muitas sey eu, que a tomão sem lha darem. Essa culpa, Senhor, lhe respondi eu, não procede das mulheres, se não dos maridos, que as poem nesse costume.

Na verdade vos digo (tornou o morador) que prezey tervos ouvido tão dilcretos conselhos acerca dette estado: e se não fora tão velho, (pois já tenho mais de sessenta annos) só procurára este estado, por observar vossos documentos. Está a meza posta, vamos ceiar. E logo nos deo huma cea com grande largueza: e depois nos disse, que tambem tinhamos camas feitas, onde podiamos descansar. Recolhemo-nos eu, e o mancebo em hum aposento, onde achamos duas camas com todo o assejo; e alli passamos a noyte.

CAPITULO XX.

Do decimo Mandamento. Mostra o Peregrino com muitos exemplos o dano que nos faz a ira, e consequente a enveja. E faz meter em paz a dous homens vizinhos, que andavaõ em discordia.

A Cordey no quarto da alva: e levantando-me, ouvi hum Rio formando queixas com hum muy alto susurro, cuberto de arvoredos, que por sombrios lhe causavaõ grande horror: donde vim a entender, que era sem duvida por se ver contrastar com as duas pedras, as quaes depois de obaterem, qual prata fina, em desperdicios de neve o fazião tantas lagrimas derramar. Se já não era tambem por se ver taõ opprimido no carcere de suas margens, prezo em grilhões de crystal; e assim de corrido, e queixoso, por não ter outro alivio, buscava o centro do mar.

A este tempo despertou o dono da casa, e com elle o mancebo: e dando-me hum, e outro os alegres dias, lhes correspondi muy cortezmente. E depois de ter rendido as graças ao morador, do bom agazalho, que me tinha feito; delle; e do mancebo me despedi: de que se mostraraõ muy faudosos, e sentidos, por verem que taõ depressa, me determinava delles apartar.

E pondo-me a caminho; fuy com grande alivio; porque as nuvens tinhaõ feito interposiçaõ ao Sol, e por essa causa não experimentey o seu calor. E seriaõ já cinco horas da tarde, quando cheguey a huma Fazenda, a qual me pareceo hum alegre jardim

dim de Italia, pelos verdes arvoredos, visto os pomos, e fragrantés flores, de que se compunha : e nella estava huma muy fermosa casa de vivenda; e dentro em huma varanda vi andar passeando hum homem. Saudeyo : respondeo-me pezadamente ; porém mandou-me entrar, e logo me deo assento.

A este tempo chegou hum escravo, a quem o dono da casa disse : Vay : rem-me prompto hum cavallo ; porque à manhaã pelas quatro horas pertendo fazer viagem a Villa da Cachoeyra a tomar conselho com hum Letrado, para que me diga o que hey de obrar contra este mau homem ; pois me vejo delle tão precipitado.

Ainda que eu pareça confiado, Senhor, lhe disse eu, me haveis de dar licença para vos perguntar, que motivo vos persuade fazer huma viagem tão distante, só por tormardes hum conselho : tendo, que succede muitas vezes, governarem-se alguns Letrados mais pelos interesses que esperão das partes, do que pelo direito que achão nas leys da justiça.

Senhor, me respondeo o morador, nunca vos poderey ter por confiado na pergunta que me fazeis ; pois vos vejo fallar com tanto acerro nesse particular. Porém, como me acho de presente tão irado, e apayxonado ; faltaõ-me palavras, para vos responder ao que me perguntais : e só vos direy, que em quanto não executar a satisfação de meu agravo, não hey de ter sossego.

Pois sabey, Senhor, lhe torney eu, que muitas vezes o mal communicado alivia a quem o padece. De mais que a ira he tão prejudicial à natureza humana, que faz ao homem semelhante a hum bruto, pelos effeitos que obra ; e de tal forte priva

priva do juízo, ainda ao mais prudente; que lhe não deixa lugar para distinguir o mal do bem, obrigando-o a fazer delatinos, que dão muito que notar. E se não, vede.

De ElRey Xerxes se conta: que sabendo a difficuldade, que havia em tirar pedra do monte Atho, para huma obra, que pretendia fazer; se irou de tal sorte, que lhe escreveu huma carta ameaçando-o: Que, se não fosse facil em deixar tirar a pedra, o mandaria lançar no mar. E do mesmo refere Heródoto (Lib. 7.) que se enfureceo tanto contra, o mar, por lhe derribar huma ponte; que lhe mandou dizer: Que, se fosse tão atrevido de lha tornar a derribar outra vez, o mandaria metter em hum carcere, e carregar de grilhões. E mandou, que lhe dessem muitos golpes, e lhe dissessem muitas injurias.

E por isso se costuma dizer, que o homem irado está fóra de si, pelos effeitos que obra. S. Basilio o compara a hum rio arrebatado. Alexandre Magno depois de ter logrado tão grandes applausos, veyo a deslustrar a opiniaõ entre os homens, quando levado da ira matou em huma hora a muitos de seus mayores amigos. Por isso disse S. Joã Chrysofostomo, que a soberba, e a ira eraõ as mayores das dou-dices.

Pelo que vos acabo de ouvir, me disse o morador, me parece que tendes muita lição dos livros: e sendo assim, poderá ser que me deis algum conselho acerca do que me tem succedido. Alguma cousa tenho lido, respondi eu, alem do estudo, que fiz no Direito Civil; porque sendo moço tambem estudey a Instituta, tive a Ordenação, e alguns livros do Direito, principalmente os Regnicolas: e

se não alcancey o grão de Doutor, não me deraõ nome de ignorante. Podeis dizer o que vos molesta : poderá ser, que vos escuse de seguir essa jornada.

Não prézo pouco, me disse o morador, a offerta, que me fazeis; porque entãõ reconhecerey que foy Deos servido trazer-vos a esta casa, quando me deis remedio ao que tanto me penaliza.

Tenho hum vizinho, (melhor dissera inimigo) que dista desta fazenda meya legua, e tem tomado por empreza o molestar-me : motivo porque estou resolutõ, ou eu, ou elle, despejar-mos deste sitio; e quando por justiça o não possa fazer, lhe hey de tirar a vida : Porque mais me accomoda matallo, do que estar padecendo todas as horas molestias.

Não digais isso, Senhor, lhe disse eu : porque parece, e he certo, que mais vizinho está de morrer o que dezeja matar a seu proximo. E se bem conciderasseis o dano, que disso resulta; não o haveis de cuidar, e muito menos proferir. E se não, vede a quantos perigos se expoem os vingativos: perdem a fazenda, os amigos, os parentes, os filhos, a reputaçãõ, e muitas vezes a vida nas mãos de hum algoz. Por isso disse David, como tão zeloso da virtude da mansidãõ : Que aos vingativos lhes trespassãõ os corações suas mesmas espadas. (Psal. 36. 15.) Notay, diz Santo Agostinho : não amaldiçoou David aos vingativos, dizendo que lhes entraße a espada pelo corpo, se não pelo coraçãõ: porque quem quer metter a espada pelo corpo do proximo, mettea pela sua alma. E o mesmo Santo em outro lugar, fallando dos vingativos, diz: Senhor, Vós o haveis mandado, e assim he, que o animo desordenado seja verdugo de si mesmo. E que
 mayor

mayor dano póde haver para huma creatura racional, que pretender tirar a vida a seu proximo!

Vede agora, se tive razão para vos dizer, que tal não disseis, nem intenteis obrar. E supposto que estejais apayxonado; nem por isso haveis de procurar armas contra vós mesmo, tanto em offensa de Deos, e do proximo: porque em nada se desfame-lha o homem do-bruto irracional, se não quando, se refrea, e guarda os preceitos divinos.

Tenho entendido, Senhor, me disse o morador, que melhor me não podieis aconselhar neste particular. Porém tornando à razão de minha queixa. Sabey, que procurando eu hum sitio, para me accommodar com minha familia; teve este homem noticia da minha necessidade, e com muy deliberrada vontade me fez offerta deste, vendendo-me por fineza, que supposto pagasse renda delle, antes o queria ter devoluto, do que consentir que para elle lhe viesse algum mau vizinho.

Com effeito vim de morada para este sitio, e nelle tenho feito todas as bemfeitorias, que vedes. E como precisamente me seja necessario trazer algumas cabeças de gado vacum para o ministerio da minha lavoura, e este (ainda que eu o traga apastorado) não póde andar sempre tão domado, que não succeda passar à Fazenda deste homem, e por isso fazer-lhe algum dano, do qual me tem avistado algumas vezes: succedeo hoje por descuido do pastor entrar-lhe o gado na Fazenda, de que resultou mandar matar hũa rez: e depois de me ter feito este acinte, me mandou dizer, que a mandasse buscar; e se não, que me pagaria o seu valor. A este recado lhe respondi: Que eu me pagaria pelo melhor meyo, que pudeffe.

Agora vos peço, que me digais o que devo obrar neste particular, para me vingar deste homem : e se tenho direito para o lançar fóra deste sitio em que está, sem embargo de que seja foreiro mais antigo. Porque he tal o odio que lhe tenho, que o tomára ver destruido; pois me parece, que por ser mais rico, e tanto o favorecer a fortuna, faz menos preço da minha pessoa.

Primeiramente, Senhor, lhe disse eu : suppostas as razões, que me tendes dito das offensas que vos parece ter feito esse vosso vizinho; nem por isso vos haveis logo de precipitar, e encher de ira, mostrando-vos tão apayxonado contra elle, que vos faça quebrar o preceito divino, dezejando que lhe succeda mal, quanto mais fazer-lho : porque nos obriga a ley divina, que amemos a Deos sobre todas as cousas, e ao proximo como a nós mesmos. E Christo Senhor nosso aconselha, que não tornemos mal por mal, se não bem : e todo aquelle, que se préza de Christão, e se quer salvar; deve seguir a doutrina de Christo. E diz S. João : Como poderá dizer que ama a Christo, quem não ama, nem cumpre o seu preceito, em que manda amar ao inimigo? Como ha de amar a Deos (diz o mesmo Santo) quem aborrece a seu proximo, a quem deve amar como irmão? E se diz que ama a Deos, e aborrece ao proximo; he mentiroso. Diz Santo Agostinho, que a caridade tem dous pés, e duas azas, que são o amor de Deos, e do proximo : a quem falta hum pé, não anda; e a ave sem huma aza não voa : assim tambem o que não ama a seu proximo, não anda pelo caminho direito da salvação, nem póde voar ao Ceo. E o Senhor nos diz por S. João : O que tem meus mandamentos, e os guarda;

da; esse he o que me ama. (Joan. 14. 21.) E Santo Agostinho: Tanto amamos a Deos; quanto guardamos os seus mandamentos.

S. Dorótheo (como se refere na Bibliot. 4. Patrum tom. 3. dot. 6. in fine) diz, que quanto mais nos unimos com o proximo por amor, e caridade; mais nos unimos com Deos. E no Evangelho (Matth. 5. 44.) nos manda Christo, que amemos, até àquelles, que nos não amaõ. E S. Paulo (ad Rom. 12. 21.) diz, que vençamos ao mal com o bem. E de não obrarmos assim, procedem as iras, os odios, e as vinganças contra nossos proximos. E assim vos digo, que todo aquelle, que não guardar este preceito de amar a Deos sobre todas as cousas, e ao proximo como a si mesmo; posso affirmar, que caminha perdido para o inferno, lugar, e morada dos precitos.

Vede agora a que desatino mayor póde chegar huma creatura, que por satisfazer huma payxaõ, se prive de tanto bem, e corte por tantas obrigações; quaes são amar a Deos, e cumprir com o preceito do amor do proximo. Só se acha este vicio em gente vil, e bayxa; porque o animo nobre não falta na observancia da ley, pelo que deve à sua fidalguia. Para o que se deve saber, que (confirmando-nos com os doutos Jurisconsultos, e com os mais que tratão desta materia) ha tres generos de nobreza: a primeira se chama Theologal; a segunda, natural; e a terceira, civil. A Theologal he aquella, que por meyo da caridade une a huma pessoa com Deos. Desta diz S. Bernardo, que quem a tem grande, he grande; quem pequena, pequeno; e quem nenhuma, nada: conformando-se com o que de si disse S. Paulo: (1. ad Corint. 13. 2.)

Charitatem autem non habuero, nihil sum. A natural he a que por virtudes proprias, e dotes da natureza se alcança, nas quaes nos igualamos às plantas, hervas, e pedras. A civil he a que por cargos, lugares, dignidades, e officios nos vem. Porém eu digo, que a verdadeira nobreza consiste na justificação, e virtude, pela qual se merece para com Deos, fazendo boas obras.

Donde venho a concluir, que se não tendes outra razão de queixa contra vosso vizinho, mais que essa, que me tendes representado; entendey, que isso he huma teyma odiosa, procedida de huma imaginação apparente, por onde se vos occasiona esse rancor contra vosso proximo, com que o Demonio costuma muitas vezes fazer-nos cair em hum peccado de odio, e enveja, que chamaõ cobiza dos bens alheyos; e nos faz conceber tal aborrecimento a nosso proximo, que lhe estamos desejando todo o mal; e não fazendo caso disto, nos precipitamos no inferno.

Sendo, que por muitas razões nos corre obrigação de amar ao proximo. Primeira, pela semelhança, que tem de Deos: segunda, pela que temos entre nós: terceira, porque Deos o manda: quarta, porque vivemos no mesmo gremio da Igreja, com a mesma doutrina, e Sacramentos &c. Bem se vé logo, quam culpavel he a falta daquelle, que por todas estas obrigações rompe, deixando-se cair nesta falta de caridade contra seu proximo, e quebrando o preccito divino, que nos manda amar a Deos sobre todas as cousas, e ao proximo como a nós mesmos.

Isto presuppõsto, tambem me não persuado, que haverá Letrado, que vos aconselhe com razão e jus-

justiça a que ponhais demanda a esse vosso vizinho; excepto algum de animo taõ malevolo, que mais preza o seu interesse, que a sua propria alma. Porque he certo, que estando esse homem em posse pacifica e immemorial do seu sitio, ainda que seja de arrendamento, tem grande força, por ser a posse primeira a melhor, e mais justa, que a segunda; porque a posterior, presume o direito que he injulta, clandestina, violenta, e perturbativa: e por isso aquelle, que foy primeiro, deve ser mantido, juxta Cap. Licet eum, ubi Doctores, de probat. Marant. de Ord. judic. 4. p. dist. 7. n. 19. Menoch. de adipiscend. remed. 6. n. 12. & de reinend. 3. n. 725. & seqq. Polth. observ. 71. n. 2.

Alem da razaõ, que tem esse homem, pelos muitos avisos, que já vos fez do dano, que recebo do vosso gado, segundo o que me tendes dito. E se não, pondo-vos no seu lugar, e vede como poderieis tolerar, se achasseis destruida a vossa lavoura, e plantas pelo gado de vossos vizinhos. E assim, por todas as razõs me parece muy justo, que vos deixeis desse intento de pleytos, e demandas, pelo muito detrimento, que causão a quem as procura: e sou de parecer, que compreis o vosso sossego, e quietação, reconciliando-vos com esse vosso vizinho; porque tambem alcançareis a graça de Deos.

Na verdade vos digo, Senhor, me disse o morador, que muitas graças devo dar a Deos, por vos trazer hoje a esta casa; porque me tendes aconselhado taõ discreta, como piamente: e de tal sorte estou persuadido das vossas boas palavras, que já tomára que houvesse occasião de poder buscar a este homem, para me reconciliar com elle, e ser seu

amigo, pedindo-lhe perdão do grande odio, que lhe tive. Porém, como sejaõ horas já de fazer-mos huma breve collaçãõ; fazey-me o favor de aceitar esta boa vontade. E com effeito nos puzemos à meza. E depois de termos acabado de cear, veyo hum recado ao dono da casa, que tinha chegado alli hum escravo de seu vizinho, e lhe queria fallar; a quem o morador prontamente mandou, que entrasse.

E chegando à nossa presença, disse o escravo ao dono da casa: Meu Senhor lhe manda a Vossa Merce este quarto de huma rez, que hoje cahio no vallado da sua Fazenda; não se escusando de satisfazer o vallor della; quando tiver occasiãõ de se avistar com Vossa Mercè: porque lhe quer merecer o agrado, para que em outra occasiãõ faça a mesma partilha com elle.

Dizey ao senhor meu vizinho, respondeo o morador ao escravo, que lhe agradeço o mimo, e lhe fico muito obrigado: que à manhã até as oito horas espere por mim, e pelo Senhor Peregrino, que lá hãvemos de ir gratificar-lhe este primor.

E despedido o escravo, disse eu ao morador: Agora vos digo, Senhor, que quem tem hum tão bom vizinho, bem se pôde chamar ditoso. E podeis conhecer, que em tudo vos quer Deos livrar de trabalhos, e encargos da alma: porque appetecendo vós occasiãõ de buscar a este homem, para com elle vos reconciliardes; vola deparou por este meyo. Assim o reconheço, Senhor, me disse elle: o que tudo devo ao favor divino, e à vossa grande prudencia: porque, se vós não chegasseis a esta casa, não me acharia eu tambem disposto para receber este recado, e presente. São horas de nos recolhermos:

mos : podeis ir agazalhar-vos. E encaminhando-me para huma camara, nella achey huma cama onde passay a noyte.

Acordey á tempo que já se via a percurfóra aurora, toda vestida de branco, distillando orvalho, que em perolas se convertia lá nas conchas do mar, e nos campos em granizo. E levantando-se tambem emtaõ o dono da casa me saudou, e disse: He tempo, Senhor, de irnos dar comprimento a nossas palavras. E pondo-nos ao caminho; como era distancia de meya legua, brevemente chegámos á casa do morador vizinho: o qual tanto que nos avistou (porque já esperava por nós) sahio fora de casa a hum terreiro, e rompeo nestas palavras.

Nunca me pareceo, Senhores, que mais se dítivera o Sol em fazer o seu giro lá nesses Antipodas, do que nesta noyte passada, pelo muito que tardou em amanhecer o dia; se já não foy pelo grande dezejo que tinha de ver a Vossas Mercês, depois que me assegurou o meu escravo, que me querião fazer a honra de me visitar hoje nesta humilde casa.

Pois sabey, meu Amigo, e Senhor vizinho, (lhe respondeo o primeyro morador) que com muy duplicada vontade, e desvello passay esta noyte, só por vos vir buscar, e trazer á vossa presença a pessoa do Senhor Peregrino, para lhe ouvirdes a sua discreta, e exemplar conversação.

Meu Senhor, disse eu ao segundo morador, o que mais prezo he vevos com saude, e que o Senhor vosso visinho se conserve em paz com vosco; e louvores em mim são escusados: porque assim como já não faço caso dos desprezos, bem he que não faça estimação das honras. Porque haveis de en-

entender, que nesta vida o que se quizer salvar, se nade considerar em hum naufragio, nadando em cima da taboa da humildade, para escapar a vida: e neste perigo, ainda que lhe digaõ muitas ignominias, e affrontas, nem por isso se ha de molestar, nem tomar satisfações, por se não arriscar a perder a taboa; e ir parar no centro do odio: e muito menos se deve pôr a escutar, e ouvir louvores; porque o não lancem as ondas da presumpção em algum penhasco soberbo, e se faça em pedações da vangloria.

Fallais com muito acerto, me disse o segundo morador, pelo que no mundo estamos vendo, e experimentando a cada passo succeder pela demasiada presumpção: porém o que respeita à faude, he o menos, que pôsuo; porque vivo bem molestado. E logo nos foy encaminhando para a varanda da casa, onde nos deo assento; e mandou vir o almoço, que vejo promptamente, e com todo o asseyo, em abundancia. E depois de acabar-mos de almoçar, demos graças a Deos; que só a Deos se devem dar pelos muitos beneficios, que actualmentè estamos recebendo de sua divina providencia: porque assim o ensina, e encommenda o Apostolo, tratando do comer, e beber, por ser cousa tão necessaria à vida humana, que ha de ser em nome do Senhor. (Ad Rom. 14.)

E logo disse o primeiro morador ao dono da casa: Senhor vizinho, antes que me esqueça, peço-vos perdião da indignação, e pouca paciencia, com que hontem sofri o vosso recado, que me mandastes. Senhor, lhe disse o dono da casa, em quanto ao remorrio da consciencia, louvo-vos muito a vossa acção, e Deos vos perdoe; que eu da minha par-

parte ha muitos annos, que me não accuso de que queira mal a pessoa alguma: porque sou Christão, e amo a Deos, e ao proximo. Dessa forte, lhe disse eu, não ha mais que dezejar: se a mais a Deos e ao proximo, tendes completado os preceitos divinos. E os mais peccados, Senhor? me disse elle. Supponde, lhe disse eu, que o homem, que verdadeiramente ama a Deos, não pôde offender ao proximo; porque consequentemente o ama.

A razão he clara: porque assim como não ha fruto sem raiz; tambem não pôde haver amor do proximo, sem que proceda do amor de Deos. Isto se entende, fallando espiritualmente, e deixando o amor profano, que se tem os complices, e cooperadores em qualquer offensa de Deos; porque tambem he caridade impura, e falsificada aquella, que fazemos ao proximo por conveniencias proprias, violando a obediencia, que racionavelmente manda o preccito divino: e só a vontade de Deos he regra certa de toda a virtude. Este preccito de ser amado, escreveu Deos com o seu mesmo dedo, no principio de toda a sua santa Ley: *Uiliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo.* Deut. 6.5.

Muito gostey, me disse o dono da casa, de vos ouvir fallar do amor, que devemos ter ao proximo, fundado no amor de Deos: mas offerece-me huma duvida, que torráa que me resolvesseis. Difestes, que este preccito de ser amado Deos, o escreveu com seu mesmo dedo: e como eu não tenho lido, nem ouvido dizer, que Deos escrevesse livro algum; entra o meu reparo: Onde, e em que tempo fez Deos esta escriptura?

Não ha duvida, Senhor, lhe respondi eu, que não deixa de ser bem fundado o vosso reparo, por
ser

fer em huma matéria Theologica especulativa, que não pertence à minha profissão. Mas; como me vejo obrigado a responder-vos, por reconhecer em vós hum pio, e devoto amor de Deos; me persuado a vós não faltar a dar a razão de vossa pergunta, explicando-me pelos termos seguintes; fundado na Escritura sagrada:

Foy o caso, que depois de ter saído o povo de Israel do Egypto do cativeyro de Faraó, e ter passado varias calamidades, vindo Moyfes por seu Governador, livrando-os de muitos trabalhos e perigos por especial favor de Deos; chegáráo ao pé do monte Sinay, no anno 2453. depois da creação do Mundo, ao terceiro dia do mez de Mayo ao amanhecer, que era aos 501. que fazem 16. mezes e 21. dias depois da saída do Egypto, aos 430. annos da promessa que Deos tinha feito a Abraham. Começaráo a sentir muitos, e varios estrondos, resplandores, e rayos, e tocarem-se trombetas, e com grande luz, claridade, e fogo: e bayxou Deos entre elles em nuvens com todo este terrivel estrepito sobre o alto do monte Sinai, e chamando a Moyfes ao cume, e detendo ao povo no pé do monte, e fallando dentro no fogo, ordenou, e mandou estes dez mandamentos escritos nas duas taboas da ley. (Exod. 19. & 20. Deut. 5.)

O primeiro: Que amassem, e reverenciassem a hum só Deos verdadeiro, apartando fóra de si os Idolos. O segundo: Que não jurassem o seu santo nome em vaõ. O terceiro: Que santificassem as festas. O quarto: Que honrassem a seus Pays. O quinto: Que não matarem. O sexto: Que não fornicassem. O septimo: Que não furtassem. O oitavo: Que não levantassem falso testemunho. O nono: Que não

naõ dezessem a mulher do proximo. O decimo: Que naõ cobiçassem os bens alheyos.

Aqui tendes explicado o que me perguntastes, e vos prometti dizer acerca do tempo, em que Deos escreveu a Ley com o seu proprio dedo. Muito folgo, Senhor, me disse o dono da casa, de saber com taõ clara explicaçaõ o que até agora ignorava: e fico entendendo que fallais com muito acerto, pois tudo tendes apontado, e authorizado com a sagrada Escriptura.

Na verdade vos digo, Senhor, me disse o primeiro morador, que naõ ha tempo mais bem empregado, do que aquelle, que se gasta em fallar das obras de Deos, e de seus grandes beneficios, que nos tem feito, e está fazendo; pelo bem, que disso nos resulta para nossas almas. Porém como sejaõ horas de ir assistir à minha casa, e familia; me haveis de dar licença, Senhores, para que naõ falte a esta obrigaçaõ. E como vos deixo, Senhor Peregrino, em casa do senhor meu vizinho; vou descansado: porque delle fio, vos fará todo o bom agasalho, que mereceis. E com grandes demonstraçoẽs de firme amizade com o dono da casa, se despedio de nós, e se foy para sua casa.

CAPITULO XXI.

*Manifesta hum morador ao Peregrino o achaque continuo que padece, e lhe pede algum remedio para be-
le: e o Peregrino lhe dà duas receitas, huma cor-
poral, e outra espirital; e lhe tras muitos exem-
plos dos que neste mundo padeceraõ enfermidades.*

Depois de se ter ido o primeiro morador, me disse o segundo: Não prézo pouco, Senhor Peregrino, a vossa chegada a esta casa, pelo que vos tenho ouvido praticar; porque me pareceis homem muy ensinado do tempo, e com muy largas experiencias: e por isso vos quero fazer presentes as importunas molestias, que padeço. Agora mais que em nenhuma outra occasião, Senhor, lhe disse eu, dezejára que em mim houvera hum grande talento de sabedoria, para vos satisfazer o muito: que vos dezejo servir. Podeis dizer o que vos molesta; que com o favor divino direy o que entender.

Sabey Senhor, continuou o morador, que a causa de minhas molestias vem a ser, que haverá oito annos, que padeço huns flatos hipocondricos (nome posto pelos Medicos modernos; porque nos tempos passados sempre lhes ouvi chamar ventosidades melancolicas.) Este achaque me tem posto em tal estado, que com palavras vos não posso signicar o que sinto: e o que mais me penaliza, he ver o pouco, que me tem aproveitado os muitos remedios que se me tem applicado, com tanto dispendio da minha fazenda, passando eu com todo o regalo do sustento; e por esta causa rompo em quei-

xas, impaciente contra mim proprio; e não sey se offendo a Deos com o pouco sofrimento, que tenho: e o que sobre tudo sinto he, que me não dá lugar esta enfermidade, para poder fazer penitencia de meus peccados, pelas grandes ancias com que me accomete ao coração, e mais membros do corpo. Agora quizera me dêsseis algum remedio, para me livrar de tão repetidas queixas, e molestias, tanto para a faude corporal, como para a espiritual, que he o que mais se deve dezejar.

Supposto, Senhor, lhe disse eu, que não seja profissão minha aconselhar em semelhantes casos: com tudo, fiado no que lá disse hum Escritor moderno, que nenhum, por douto que seja, deve desprezar os conselhos dos velhos: e por ter lido, que antes que houvesse esses Gajenos, Hipócrates, e Avicenas, já se curavaõ os homens, mais pela experiencia, que por Sciencias, e artes da Medicina; e ainda hoje o estamos vendo observar em muitas partes e lugares do Mundo, e principalmente neste Estado do Brasil, nas partes onde se não achaõ Medicos, nem Cirurgiões, nem Boticas: e tambem porque me parece, que Deos, como Author da Natureza, nos quiz mostrar, que não poz a virtude dos remedios nas palayras dos homens, mas sim nas pedras, metaes, plantas, aguas &c.; por isso me atreverei agora a dizer-vos o que sinto acerca desse vosso achaque. Advertindo-vos porém, que não he minha intenção dissuadir que se consultem em as enfermidades os professores da Medicina; por conhecer que he huma das grandes Sciencias que há, pelo que tenho lido, e visto obrar, quando o Medico, ou Cirurgião he Sciente, e obra com aquelle zelo, que deve à profissão de sua Sciencia, e Arte.

Fallando pois agora acerca da vossa queixa: tem mostrado o larga experiencia, que muitos em semelhantes enfermidades, por tanto se quizerem curar, e requintar a saude, viciao a perder as vidas; e que outros ulando só do bom regimento, viverao largos annos, por observarem a parsimonia, mais comendo para viver, do que vivendo para comer, como se costuma dizer.

A este proposito vos contarey o que vi succeder a certo convidado, estando em hum banquete: e foy o caso, que depois de ter comido do primeiro prato, disse (por galanteyo) ao que servia à meza: O que mais me ha de caber de quinhao, quero que mo pagem a dinheiro, Perguntou-lhe o servente: E porque caua? Respondeo-lhe o convidado: Porque não quero que os mais manjares me deitem a perder o que tenho comido, e por isto venha a adoecer.

Por certo, Senhor, me disse o morador, que nunca a esse homem lhe succederia, o que vi acontecer a outro, vindo de huma voda: o qual chegando à sua casa muito doente, e indo a visitallo alguns amigos, lhe perguntarao: De que se queixava? Respondeo-lhes o enfermo: De ter comido muito. Agora vereis, Senhor, lhe disse eu, se tenho razao no que vos digo: porque não falta quem affirme, que mais gente tem morto a gula, que as campanhas militares. E daqui provem, que a muitos a sua propria fazenda e riquezas lhes saõ causa de acabarem mais depressa o curso da vida, pelos muitos, e superfluos regalos, com que vivem: querendo estes taes imitar ao Rico Avarento, o qual se dava os parabens a si mesmo dos regalos, com que passava a vida; e quando menos o cuidava, se
achou

achou de hum golpe no inferno. (Luc. 12. 19. & 20.)

E por essa razãõ, sem duvida, alem das mais, se costuma nos Refeitorios de todos os Religiosos mandar, que se lea à meza algum Livro Espiritual, ou Vidas de Santos : porque he bem, que assim como se trata do provimento temporal, participe tambem a alma do sustento espiritual : e para que se abstenhaõ os Religiosos de cair no peccado da gula, e usem de temperança; por conheceremo grande estrago, que faz nos corpos, e nas almas o peccado da gula.

O que pelo contrario vejo observar no estado dos Seculares ; porque lhes tem o Demonio introduzido (para mais aumentar em este peccado) que mandem cantar ; e tocar varios instrumentos, assim musicos, como bellicos, para que lisongiado o gosto mais se entregue aos manjares ; quando devião considerar estes glotões (que tanto estimaõ, e se fartaõ de manjares exquisitos) naquella horrenda trombeta, de que falla S. Jeronymo, que se ha de ouvir no ultimo dia do mundo : Levantay-vos mortos, vinde a juizo. Oh juizo, quem bem em ti cuidára! Oh dia final, quem bem em ti consideràra! para que não houvesse tanto gosto nos demasiados manjares, e não caissem os homens neste peccado da gula, que tantos males tem feito, e está fazendo, como a experiencia nolo mostra, e das historias dos livros conta.

E assim vos aconselho, Senhor, que vos não domine o vicio da gula, enchendo a vossa meza de muitos pratos : e principalmente fugi de ceas largas, e comeres flatulentos. Porque as muitas iguarias costumaõ fazer roim cozimento no estomago,

e por isso tem acontecido morrerem muitos de repente, por se lhes suffocarem os espiritos vitales por falta da nutrição, e não poderem digerir o muito que comem.

E como entenderemos, Senhor, me disse o morador, aquelle conselho de Avicena, que diz: Janta pouco, y cena más? Respondo, lhe disse eu. Esse Author da Medicina fallou no sentido diminutivo: e por isso aconselhou 'dizendo, que jantassem pouco, e ceassem mais, idest, mais pouco. Alem de que tambem devemos considerar, que nem todas as naturezas se haõ de regular por hum só regimento: porque homens ha, que se bem jantaõ, melhor ceãõ; e nem por isso lhes succede mal. E assim ficay entendendo, que nem tudo serve para todos, nem todos servem para tudo.

Tambem vos aviso, que fujais do demasiado sono meridional; porque faz engrossar os humores, de que procedem muitas enfermidades. Guarday-vos da grande vigia da noyte, porque não ha cousa mais prejudicial à saude, que o demasiado desvelo: e Deos fez a noyte, para descanso das creaturas. E se não, vede o que diz Hipocrates: *Somnus atque vigilia, utrumque sine modo excitat malum.*

Porém isto presuppõsto, vos aviso, que comais o menos doce, que puderdes: porque tem mostrado a larga experiencia, que tudo o que nos adoça a bocca, nos faz amargar o estamago. Mas, se o não puderdes escusar, tomay aquelle conselho Castelhano, que diz:

Si te quieres bolver niño ;
Come dulce, y bebe vino ;
No lo digas al Doctor.

Comey fruta por fruta, como se costuma dizer, e não a fartar. Porque parece, que assim como nella veyo a nossos primeiros Pays o peccado, e a nós a culpa original ; tambem nos vem varias enfermidades do corpo.

Evitay beber demasiada agua. Porque supposto que seja hum dos melhores liquores, que ha para o alimento da vida ; pelo que tem de fria e humida, he muy nociva, e inimiga da natureza, segundo aquella sentença de Galeno, quando disse : *Frigus inimicum est nature.*

E que me direis, Senhor, me disse o morador, da qualidade do vinho, e proveitos que delle resultaõ aos corpos? Não se podem negar, Senhor, lhe disse eu, as grandes utilidades do vinho tomado com boa ordem : porque sustenta, e repara as forças perdidas ; mais depressa que o comer, como diz aquelle aforismo de Hipócrates : *Facilius est refici potu, quam cibo* : Faz bom cosimento para a nutrição provoca a suor, e a ourina : he summo remedio para os velhos, conforme o que diz Galeno : *Quod animi morès capit.* Alem do que, concilia o sono, aviva os espiritos, favorece o sangue, alegra o coração, causa costumes placidos : excita o calor natural, não só aos velhos, mas aos melancolicos : tempéra os humores, desterra as tristezas : he o unico remedio dos pusillanimés, porque os torna mais fortes : e até às mulheres faz fecundas. Estes são em geral os proveitos do uso do vinho, com tanto que seja moderado, como já disse, e a seu tempo : porque se for

demasiado, e intempestivo, causará muitos danos. E se tomára eu também, Senhor, me disse o morador, que mos manifestasseis.

Haveis de saber, Senhor, lhe disse eu, que assim como se achão todas estas excellencias no vinho, como tenho dito; também não ha cousa mais perniciosa que o demasiado vinho, tomado desordenadamente sem necessidade: porque he o principio, e origem de todas as enfermidades do corpo, e da alma racional. Em quanto ao corpo, priva-o tanto dos sentidos, que o torna peyor que hum bruto, pelos effeitos, que lhe faz obrar. E para prova disto, vos pudera trazer muitos casos, que tem succedido no mundo, (senão foraõ taõ sabidos) não só a homens humildes, e plebeos, mas ainda a muitos Grandes, e Principes: aos quaes, tirando-os de seu acordo, os fez obrar mil baixezas, e commetter infinitas enormidades, como consta de varios Livros.

Em quanto ao que respeita à alma: fica huma creatura, que Deos fez à sua imagem e semelhança, desemparada do uso da razão; e por isso obrando brutalmente; por ter offuscado o entendimento, vem a cair em enornes, e feyos peccados: e basta que tenha succedido por esta causa matarem-se muitos por suas proprias mãos; e outros desprezando os perigos, se precipitaõ nelles com a perda de suas almas; que he o que mais se deve temer. Finalmente venho a concluir, que beber vinho sem necessidade, he vicio, e não proveito.

Muito satisfeito estou, Senhor, me disse o morador, do que me tendes dito acerca desse liquor: e fico advirtido, para me saber haver nesse particular. E de leis continuar o que hieis dizendo; que nisso me faz grande gozto, e contentamento.

Dircy, Senhor, lhe disse eu. Para esse vosso achaque não salutar remedio os cordiaes, por serem os alentos do coração: e se nelle sentirdes algumas ancias, e affrontamentos; ponde-lhe em cima hum pedaço de seda vermelha, ou cochonilha escarlata, em que se tenha borrifado agua de flor, ou da Rainha de Hungria: e tambem serve o balsemo apopletrico; por ser o coração muy nervoso, e rodeado de membranas; e por isso necessita que o ajudem com calor.

Conservay as fontes, se as abrires: porque, se vos não darem saude, fervirvos-hão de espeques à vida. Não desprezeis as ajudas; que muitas vezes ajudam a viver. Fugi do sereno da noyte, como de verdugo da saude para os achacosos. Buscay o fresco da manhã pelo Verao, como cordial para a vida. Fazey exercicio moderado: porque, segundo huma regra da Filosofia, o movimento causa calor: *motus est causa caloris*: e deste modo se gastaõ as superfluidades, e ruins humores do corpo, e se detribue o calor natural pelos membros, para lhes dar ser, e força: porque diz Galeno lib. 6. de Locis a fl. *Proprij officij exercitatio robur partis corporis ad auget*: quer dizer: que o exercicio nas partes do corpo lhe acrecenta a força. Bem se mostra esta verdade nos rusticos exercitados no trabalho; e por contraposição, os ricos mimosos, por falta de exercicio vem a cair em varias enfermidades. Por isso disse hum douto Apologista: Que servindo, nos serviamos. Assim, que o exercicio a seu tempo he proveitoso à saude. Digo, a seu tempo: porque sendo excessivo he prejudicial aos corpos, e os faz cair em muito achaques. E por isso mandava Deos na Ley Escrita que nos seis annos cultivassem os homens a terra;

e no septimo a deixassem descansar , para que tivesse tambem o seu sabbado. (Exod. 23. 10. & 11.) Terra he o homem , ao qual permite Deos que tenha descanso , para o louvar , e bem dizer pelos beneficios , que lhe faz.

E agora na Ley da Graça nos manda Deos tambem , que não trabalhemos nos Domingos , e dias Santos , para que vamos ouvir Missa , e os mais Officios Divinos , e louvallo. E nas Leys civis mandaõ os Reys , que se dem ferias nos Tribunaes , para que os Ministros , e Officiaes de Justiça deixem naquelle tempo de laborar , e se occupem em bons exercicios.

Finalmente : em todas as cousas , assim no trabalho manual , como no intellectual , se deve procurar o meyo , por nelle consistir a vir tude. E assim concludo , que os corpos sublunares não devem ser tão excessivos no tralhio , nem tão deixados ao ocio ; que por hum venhaõ a perder a perfeita saude , e pelo outro a salvação.

• Não vos recolhais tão tarde , que vos falte o tempo de tratar da vossa alma : e quando vos levantardes , fugi de que outro , que não seja Deos , leve as primicias de vossas acções. Mais vos pudera dizer ; mas como vou depressa , não me posso dilatar : o que achareis escrito em muitos Livros , e por doutos entendimentos aconselhado.

Mas fallando agora acerca da impaciencia , com que viveis : haveis de saber , Senhor , que nisso offendes muito a Deos ; por ser a Paciencia entre as mais Virtudes a oitava maravilha , como assim a moralizou Santo Agostinho fallando das oito Bemaventuranças : e fazey muito por exercitalla ; que por isso tereis muitos alivios nesta vida , e o premio da Bemaventurança na outra.

Corrobora-se mais esta virtude com aquella admiravel lição, que nos deo Job, como taõ experimentado nella, quando disse: (cap. 14. v. 1.) *Homo natus de muliere, breui vivens tempore, repletur multis miseriis*: O homem nacido de mulher, vivendo tempo limitado, está cheyo de muitas misérias: para nos dar a entender o como está a nossa natureza sujeita a tanta misérias, e trabalhos, para termos paciencia. Pelo que ficay advirtido, que faltando ella, falta o morecimento para com Deos, e damos forças ao Demónio para mais nos tentar, e levar ao precipicio.

De mais que, ao mesmo tempo, que Deos vos está dando o que lhe pedis, vos estais mostrando ingrato, e impaciente para com a sua divina providencia. Como assim, Senhor? me disse o morador. Dizey, lhe disse eu. Razais o Padre nosso? Sim rezou, me respondeo elle. E quando o rezais, lhe perguntey, não dizeis, Venha a nós o teu reyno? Sim digo, me respondeo elle. E que cuidais, lhe disse eu, que pedis a Deos? Que nos dé a sua gloria, me disse elle. Pois sabeis, torney eu, qual he a gloria de Deos? He a sua Cruz; porque até o mesmo Christo nosso Salvador assim lhe chamou: e para nos dar exemplo a levou ás costas até nella ser crucificado, e quiz nella consummar toda a sua payxaõ sacratissima, para nos remir, como tinha prometido, e para nos salvar.

Isto supposto, claro fica, que para Deos nos dar o seu reyno, he necessario que o mereçamos levando a nossa Cruz: isto he, fazendo penitencias, jejuando, disciplinando-nos, trazendo cilicios, exercitando todas as boas obras, mortificando-nos, e abstrahindo-nos de todos os gostos, e deleytes do

mundo. E quando Deos vé que o não fazemos, ou que não he o que basta para nos dar a salvação; por sua divina misericordia costuma dar-nos trabalhos, pobreza, e doenças, para desconto das culpas, e para termos merecimentos; e finalmente outros muitos detrimetos, e molestias, que chamamos Cruz. E ficay entendendo, que sem passar-mos por esta ponte, e subirmos por esta escada, não he possivel chegarmos ao Reyno do Ceo.

E para mayor resignação da vossa enfermidade; ouvi as sentenças dos Santos Padres, que vos servirão de receyta, e lenitivo, para que possais soffrer as penas, que padeceis. Diz S. João Chrysoftomo, que o melhor he fazer da necessidade virtude, e padecer com merecimento, o que se havia de padecer sem elle. S. Gregorio diz nos Moraes: Que todas as cousas, que padecemos, são justas: e aliñ, que he muito má cousa o murmurar de justa pena, e payxaõ. O mesmo diz: Que o que tem vicios prolongados, deve ser atribulado com prolixia, e longa enfermidade.

O Padre Mestre Avila no seu Epistolario diz: Que quem cuida que ha de ir gozar de Deos, sem primeiro passar pelas amarguras deste mundo, está enganado. E exclamando diz: Oh doudice para chorar, que queriaõ os homens izentar-se de padecer! Queren peccar, e salvar-se queren offender a Deos, e não ser castigados por elle: e toda a sua felicidade he não ser bons, e gozar de huma liberdade, sem castigo. Pois entenda cada qual, que não merece entrar no Ceo, quem não tiver por muito barato tudo o que por elle lhe pedirem. Por isso diz S. Nilo: Choremos ao peccador, que lhe vay bem; por que está perto o seu castigo.

S. Basilio nas suas regras diz : Que não ponha hum enfermo toda a sua confiança no Medico , e nas medicinas , attribuindo a isso a causa de sarar , ou não ; mas que ponha toda a sua confiança em Deos , o qual às vezes quer dar-lhe saúde nessas medicinas , e outras vezes não . Assim tambem quando lhe faltar o Medico , ou as medicinas , não desconfie por isso da saúde ; porque quando Deos quer , sem isso fara . E assim quando o Medico errou a cura por não conhecer a enfermidade : ou quando o Enfermeiro se descuidou ; esse erro , ou descuido , ha-se de tomar por acerto de Deos : porque para com Deos não acontece cousa alguma a caso .

Santo Agostinho de catechizand. rud. diz : Não te lembre o que puderes fazer de bem , se tiveres saúde ; que isso he incerto : e o certo he , que aquelle ordena , e traça melhor suas cousas , que está disposto , e preparado para fazer só o que Deos quer que faça ; e não aquelle , que tem muita vontade , e appetite de fazer o que elle tinha traçado e cuidado . E assim , se buscas a vontade de Deos puramente ; que mais se te dà estar enfermo , que saõ ; pois sua vontade he todo o teu bem , e mais agrada a Deos conformando-te com sua vontade estando doente , que em quanto puderes fazer estando saõ .

O Incognito diz : Que no Evangelho se aponta , que o Paralytico tinha vinte e oito annos em sua enfermidade , e que lhe chamou sua ; porque havendo tantos annos que alli estava , tinha muita paciencia , e com ella temperava suas dores , e trabalhos : de forte , que era a enfermidade sua , pois della tirava muitos merecimentos para sua alma ; porque aquillo com razão podemos chamar nosso , de que nos aproveitamos , e donde colhemos fructo .

E as-

E assim o que estiver doente, e não tiver paciência, nem sofrimento, antes estiver como desesperado: a enfermidade deste he mais do Diabo, que tua; pois o Diabo tira o proveito della, saindo com vitoria na tentação da impaciência.

S. Paulo (1. ad Cor. 13. 7.) diz: Que a caridade sofre todas as cousas, e tudo; não excluindo nada. E como esta tentação combate contra a caridade, sem a qual ninguém se póde salvar: e a verdadeira caridade he ser paciente, e sofrer tudo; devemos fazello assim de boa vontade, por nos conformarmos com o Santo Apóstolo: e toda a enfermidade corpóral, e as mais penas que a acompanhaõ, se haõ de sofrer sem murmuração, nem repugnancia da vontade. Porque diz S. Bernardo: Se queres ser Santo, não podes ser saõ; e pelo contrario, se queres ser saõ, não podes ser Santo. E S. Gregorio nos adverte, dizendo, que os males que nesta vida nos perseguem, saõ os meyoys de buscarmos a Deos.

Dizia o Veneravel Padre Frey Antonio das Chagas: (como consta do livro da sua vida pag. 165.) Se houvera melhor cousa neste mundo, que o padecer; Deos o dera a seu Filho mais amado: mas como não havia cousa melhor, deolhe as cruces por morgado.

Hum Doutor moderno diz: Que não se pede ao Christão, que seja insensivel nos males; se não resignado nelles: sinta o corpo; e dentro d'elle viva resignada a alma: queixe-se o que padece; alegre-se a que merece. Tenha o sentimento; porém não o consentimento. Considere, que merece muy bem o que padece: e que ou nesta vida, ou na outra ha de pagar o que peccou nesta. Crea, que assim como as penas da alma saõ mais sensiveis que as penas do

do corpo ; são infinitamente mais terriveis as penas da outra vida , que as desta.

Todos os Doutores, que tratáráo desta materia, finaláõ tres grãos de Paciencia: e dizem , que he bom não parar até alcançar o ultimo. O primeiro he, quando hum sofre com tristeza : o segundo , quando já sofre sem tristeza : o terccero , quando sofre com alegria : porque a virtude não se alcança de repente , mas pouco a pouco. E assim resistindo-se ao principio , e exercitaddo-se , se alcança o segundo grão , em que já se não sente pena de tristeza.

Outros espelhos mais manuaes são os Santos , que sendo de carne e osso , como nós , e muitas donzelas muy delicadas , sofréráo com admiravel paciencia suas dores , e afflicções muito mayores que as nossas , por amor de Christo.

S. Francisco de Assis teve tantas enfermidades de varias maneiras , que não ficou no seu corpo membro algum , que não sentisse grande dor , e intensa payxaõ : e por todas dava muitas graças a Deos , pedindo-lhe , que cem vezes dobradas lhas dèsse , se isso lhe aprazia ; porque comprisse sua fantavontade nelle era a sua perfeita coniolação.

De S. Francisco Xavier se conta , que quando lhes succedia algum trabalho , ou afflicção , dizia a Deos: Mais , mais , Senhor. E quando tinha algum prazer , ou lhe succedia algum bem , dizia : Basta , Senhor , basta. Porque sabia o Santo o quanto risco he gozar dos bens do mundo ; e o nuito que se aproveita no padecer para gozar a gloria celestial.

S. Bartholo de S. Gemiano foy outro Job na paciencia , a quem Christo em figura de pobre leprozo lhe pegou a lepra , da qual se cobrio dos pés até a ca-

a cabeça com muitas dores, e podridão; e lhe cairão os narizes, e a carne pedaço e pedaço; e cegou de ambos os olhos: e assim eiteve vinte annos, dando sempre graças a Deos, com rara paciencia. E por isso disse S. João Chryfostomo: Que os trabalhos não são ira de Deos, se não admoestações, e misericordia.

Santa Syncretica tinha as entranhas podres, e os ossos corcomidos: e em lugar de cuspinho, colpia, e escarrava pedacinhos de bofes desfeitos, e derretidos com os fogos, que a abrazavao; e ninguem a podia sofrer por seu máo cheyro: e ella tudo soffria com alegria, e dezejava padecer mais por amor de Deos.

Santa Liduyina padecco trinta e oito annos gravissimas enfermidades com grandes dores, sem poder comer, nem dormir, nem levantar-se, nem ainda virar-se; e era pobre, só, e desamparada; e das mesmas entranhas lhe cahiaõ tantos, e tão terribéis bichos, que não se podiaõ ver sem espanto: e tudo lhe pareciaõ regalos do Ceo, e a paciencia a fez Santa.

De Santa Teresa de Jesu se esereve, que dizia a Deos: Senhor, hum de dous favores me naveis de fazer: ou dar-me que padecer; ou deixar-me morrer. Notavel resolução por certo! Quem já mais fez tal petição a Deos; se não huma Santa Doutora, que soube entender o quanto aproveita o padecer neste mundo, para alcançar o premio do Ceo?

A Santa Getrudes appareceo Christo hum dia, trazendo na mão direita a saude, e na esquerda a enfermidade; e lhe disse, que escolhesse o que quizesse. E ella resposteo: O que eu, Senhor, dezejo de todo o meu coração he, que não olheis minhi

vontade, se não que se faça em mim o que for mayor gloria, e contentamento vossio. E por isso diz João Chrysofomo, que manda Deos trabalhos aos justos, para que a todo o correr sujaõ da terra para o Ceo, e não fação emprego de seu amor nas temporalidades, e refrigerios desta vida.

Diz Thomás de Kempis no seu Livro da Imitação de Christo : (Liv. I. cap. 12.) Bom nos he, que padecemos algumas vezes adversidades, e contradicções : porque muitas vezes fazem recolher o homem dentro de seu coração, para que conhecendo que vive em desterro, não ponha a sua esperança em cousa alguma do mundo.

Finalmente : diz Seneca, que chamava Demócrito à vida sem tribulação, Mar morto ; no qual ha muitos vezes mayor perigo, que quando se alteraõ as ondas.

E quando Deos seja servido, que cheguemos ao fim da vida ; estando contritos, confessados, e resignados na sua santa vontade ; por muitas razões se pôde hum Christão animar para a morte. Primeira, por ser vontade de Deos. Segunda, porque com a morte se acabaõ os trabalhos, que traz consigo esta miseravel vida. Terceira, pela esperança de que, ainda que esteja por alguns tempos no Purgatorio, o levará Deos a gozar da Bemaventurança. Porque diz o Profeta Rey, que a morte dos Santos he preciosa diante de Deos : e o mesmo se ha de dizer dos peccadores verdadeiramente contritos, e que morrem na fé, e uniaõ da Igreja Catholica, como diz S. João no Apocalypse (cap. 14. v. 13.) Bemaventurados são os mortos, que morrem em o Senhor. E por isso diz Salamaõ : Melhor he o dia da morte, que o do nascimento.

Na verdade vos digo, me disse o morador, que pelo que me tendes relatado com tão admiraveis exemplos de tão grandes Santos, e authoridades da sagrada Escriitura, estou muy satisfeito: e terey por venturoso acerto padecer muito mais, para alcançar perdaõ das grandes culpas, que tenho commettido contra Deos. E tambem vos poderey dizer, que até agora rezava o Padre nosso de cór, sem reparar nessa palavra: Venha a nós o teu reyno. E que será nas mais, quando só em huma tendes dito tanto?

Dirvos-hey, lhe disse eu: As palavras de Deos são muy mysteriosas, porque todas estão cheyas de superabundante doutrina: o ponto está em premeditallas, meditallas, e observallas. Porém he tal a natureza humana, que por falta de consideração estamos appetecendo muitas vezes aquillo mesmo que nos ofende, e recusando o bem espirital. Porque sendo a vida, a respeito da eternidade, hum instante; não ha creatura racional, que não dezeje viver neste mundo muito tempo com saude, deleytes, gostos, regalos, e contentamentos: devendo considerar, que he cousa incompativel ter contentamentos, regalos, gostos, e deleytes neste mundo, e querer salvar-se, sem fazer penitencia das culpas comettidas contra Deos. Isto he querer voar sem azas, nadar sem braços, e andar sem pés. Pois, Senhor, me disse o morador, que ha de fazer hum Christão para se salvar?

Primeiramente, lhe disse eu, fazer huma Confissão muito bem feita, discorrendo por todos os dez Mandamentos: e dizendo, e perguntando a si proprio: Quanto tenho vivido? Como vivi? Quanto posso viver? Como he bem que viva? E a cada pergunta

gunta destas, deter-se algum breve tempo em considerar no que tem feito, e obrado no progresso de toda a sua vida. Porque he maxima certa, que tudo o que nos dá pena na hora da morte, he o que nesta vida nos deo gosto. E logo diga: He possível, que tanto temo a morte temporal, e tenha tão pouco temor da eterna! E trate então de se dispor para morrer, antes de morrer.

E como ha de ser isso? me disse o morador. Dir-vos-hey, lhe disse eu: morrendo para os gostos, deleytes, honras, e haveres temporaes. Porque são os gostos, e deleytes desta vida a causa de padecer-mos na outra. Assim, que deve ser todo o nosso cuidado, e desvelo em procurar-mos aquellas obras de virtude, que nos haõ de servir de proveito espiritual na Bemaventurança: sofrendo as molestias com paciencia, em desconto das offensas, que temos feito contra Deos; e procurando muito agradallo, e servillo com as nossas obras boas. Porque là diz aquella sentença:

Deos, que promete o perdão

A' syncera penitencia;

Naõ promete remissão

A' pensada negligencia.

Em quanto à razão de me dizeres, que vos não dá lugar a vossa enfermidade, para poderes fazer penitencia. Sabey que diz S. Bernardo, que ha dous generos de penitencia: huma corporal, e outra espiritual. A corporal castiga, e afflige o corpo, como são disciplinas, jejuns, cilicios, dura cama, vestido aspero, e outras cousas semelhantes. A espiritual, e interior, mais excellente, e levantada, consiste

lister em reger, e governar os movimentos do nosso appetite, andando hum cada dia pelejando contra seus vicios, e más inclinações; e negando-se sempre à sua propria vontade, e seu mesmo juizo; vencendo sua ira; reprimindo sua colera, e impaciencia; refreando sua gula, e todos seus sentidos, e movimentos. Esta podem fazer fortes, e fracos; saões, e doentes; moços, e vellos: porque dominar o espirito, desprezar a honra, e exercitar outras semelhantes mortificações, val mais do que fazer grandes penitencias de tomar disciplinas, jejuns &c.

E assim vos digo, que para exercitar esta segunda penitencia, não são necessarias forças corporaes: e por esta razão vos advirto, que ainda nesse estado em que vos achais, podeis fazer muitos merecimentos, e serviços a Deos. Considerando finalmente, que somos peregrinos, e que imos caminhando para a nossa patria, que he o Ceo: o qual se não alcança por ventura; porém sim por diligencia, e trabalho.

Tão satisfeito estou, Senhor, me disse o morador, dos conselhos, e documentos, que me tendes de hoje por diante; terey todos os trabalhos, e enfermidades que padecer, por mimos, e regalos dados por Deos.

CAPITULO XXII.

Declara o mesmo morador ao Peregrino a fórma em que dispoem de seus bens no testamento que tem feito : E o Peregrino lhe aconselha o como deve testar com acerto, para assegurar a sua salvação.

MAs, já que estamos tratando de materias tanto do proveito da alma; continúa o morador. Tomára que me dissesseis, e aconselhasseis, se no que tenho deixado, e disposto que se faça no meu testamento, obro bem? Podeis dizer, Senhor, lhe disse eu, a disposição delle. Primeiramente, me disse o morador, vos quero advirtir, que como não tenho herdeiros forçados, e me acho de presenté com mais de cincoenta mil cruzados de cabedal em bens mòveis, e de raiz; tenho ordenado, e feito o meu testamento na forma seguinte.

Que meus testamenteiros, depois de pago o meu funeral, e cumpridos os meus legados, da mais fazenda que ficar, se dem a dez moças orfaãs, donzelas, brancas, e sem casta de alguma infesta nação, cem mil reis a cada huma para seus dotes, se tomarem o estado de casadas: para o que lhes tirarão as informações necessarias. E de tudo o mais que me restar de meu cabedal, se encapelle em propriedades de casas de pedra e cal, ou em fazendas que tenham bons rendimentos, para que de seus lucros meus testamenteiros e administradores fação pela minha alma tudo aquillo, que eu faria pelas suas, se mas deixassem encarregadas. Vede agora, Senhor, se tenho feito bem na forma que tenho disposto do meu cabedal?

Para vos responder, Senhor, lhê disse eu, ao que me perguntais; vos hey de trazer hum exemplo. Costumão os maritimos navegantes, quando vão buscar algum porto, ou terra, e ainda no meyo do largo, se vem em alguma parte o mar encapellado, fugir daquelle lugar: porque lhes tem mostrado a larga experiencia, que vazando a maré, se vé naquelles lugares pedra, ou arca. Supponde, que assim são semelhantes deixas, e disposições de testadores em bens encapellados nestas propriedades. Em quanto está a maré chea: isto he, novas as casas, e rendosas as fazendas; aproveitaõ-se os testamenteiros, e administradores de seus rendimentos. Porém tanto que lhes vay vazando a maré, e começã a necessitar de concertos as casas, e as fazendas de beneficios, e humas e outras ficam na bayxa mar da velhice; caem as casas, despovoã-se as fazendas; e não se vé naquelles lugares, mais que pedra, e arca.

10. E se quereis ver isto mais claramente, ide a qualquer Villa, Cidade, ou Lugar, onde se costumão deixar semelhantes deixas; e reparay nas mais das casas, e fazendas, que virdes caidas, e despovoadas; perguntay, de quem foraõ aquellas propriedades: e vereis que vos respondem, que foraõ bens de Capellas por deixas de testadores. Alem de outros muitos inconvenientes, que acerca deste particular se offerecem, e deixo à consideração dos doutos, e pios Varões; porque pela brevidade com que vos fallo, tanto vos não posso explicar.

11. Melhor me não pudéreis convencer, e dissuadir, Senhor, me disse o morador, e mostrar o grande error que eu intentava fazer. Porém agora com duplicado encarecimento vos peço, que me digais o

como poderey melhor dispor dos meus bens, para segurança da minha salvação.

Supposto, Senhor, lhe disse eu, que he muy difficullosa cousa o aconselhar nessa materia; e ainda os mais doutos, e prudentes se escusão de repartir a fazenda alheia, pelos muitos encargos, e consequencias, que disso resultaõ à consciencia; com tudo, como tanto me obriga o vosso grande primor; direy o que sinto nesse particular, sujeitando-me ao melhor parecer.

Haveis de saber, que hum dos mayores erros, em que costumaõ cair os mortaes, he fazerem por adquirir muitos cabedaes, com grandes encargos de suas consciencias; para depois os deixarem talvez a quem os desperdice: podendo em suas vidas restituillos a quem os tirãrão tam mal, e indevidamente. Porque pela mayor parte semelhantes riquezas não servem neste mundo mais, que de levar as almas ao profundo do inferno.

Porèm suppondo que estes vossos cabedaes sejaõ licitamente ganhados; fazey que se não diga de vós, o que se pratica dizer de muitos ricos: Porque ordinariamente quando algum destes morre, se costuma perguntar, quanto deixou; devendo-se dizer, quanto leva de boas obras. Porque melhor he levar, que deixar: e já ouvirieis dizer, que a candeia que vay diante, alumea ao que vay atraz. E vede, quanto melhor acerto será hum em sua vida repartir consigo, do que mandar depois de morto a outrem que o faça, em materia de tanta importancia, como he a da salvação; pela grande mora com que alguns testamenteiros o fazem; além das muitas controversias dos herdeiros, e demandas, que disso resultaõ, como a cada passo o estamos vendo.

E o peyor he, que sendo tantos os exemplos, e tam repetidas as advertencias, como a cada hora se offerecem; não ha quem se queira defenganar: sendo que he grande prudencia em materias de salvaçãõ, não se fiar nenhum homem, mais que de si: tratando de se aperceber com obras fantas, com que se purifique, para que possa apresentar-se diante de Deos na hora da morte, como sacrificio puro, e digno de sua divina presença. Porque diz o Espirito Santo: Muitos homens são chamados misericordiosos: mas varão fiel, quem o achará? (Prov. 20. 6) o que commentando Hoccalá, diz que se entende assim: Homens, que fação bem a vivos, poderá por ventura havellos: porém homem, que guarde lealdade aos defuntos, he cousa rara no mundo.

Podião estes ricos ter em suas vidas grande merecimento para com Deos distribuindo em obras pias os seu bens: porque lá disse hum Author, que o ouro, e os cabedaes são como hum mao humor, que se o não gastaõ, nos gasta as vidas. E infiel he a Deos, quem do que lhe sobra não reparte com quem lhe falta o necessario; pois lho deo para isso: e muitos por miseros o estaõ guardando até a hora da morte, e por elles se diz: Ninguem larga sem dor, o que poe sue com amor. E quando o largaõ, he porque o não podem levar. E vede, o que lá disse hum Contemplativo: Que quem neste mundo lhe sobra o cibedal, succede-lhe na outra vida vir a faltar-lhe. E porque cuidais que succede isto nos homens? Pela desordenada ambiçãõ.

Oh desgraça dos mortaes! Oh cegueira da ambiçãõ, como te vejo irremediavel! Trabalha toda a vida hum destes miseraveis, feito hum bruto, ou cavalo de almanjarra de hum Engenho; tangido por

por hum moleque, que he o diabo da ambição; ferido a golpes com os azorragues do interesse; andando em huma bolandeira, ou roda vida de mais adquirir riquezas, tanto de noyte, como de dia; sem mais proveito, ou lucro, que huns olhos de canas secas, que lhe dão a comer, e a beber huma pouca garapa suja: sendo todos os lucros deste trabalho para o senhor do Engenho, e lavradores de canas, que são os herdeiros que lhe vem a possuir as riquezas, que nesta vida com tanto desvelo ganhou: e quando morre hum destes miseraveis, o enterraõ de sorte, que d'elle não ha mais lembrança; porque já para nada serve. E se lhe perguntaõ a hum destes ambiciosos, porque assim obra daquella sorte; costuma responder com hum adagio, que lhe tem ensinado o Demonio: Que mais val deixar a maos, que pedir a bons: (como se o pedir pelo amor de Deos fora peccado.) Não quero dizer nisto, que deixem os homens de trabalhar para comerem; porque Deos nos manda que trabalhemos: porém o que reprovo he serem tam ambiciosos, que venhaõ a perder a alma, por enriquecer.

A este proposito, vos direy o que vi succeder a hum rico destes, estando enfermo para morrer. Fez este o seu testamento, mais a persuasões de alguns seus amigos, e da mulher com que era casado, que de sua propria vontade. E depois de deixar cem mil reis para algũas obras pias, fez huma verba, na qual deixou: Que tudo o mais que lhe coubesse á sua meação, por não ter filhõs, nem herdeiros forçados, o deixava a sua mulher, para que fizesse pela sua alma, o que elle faria pela sua. E desta sorte fechou o seu testamento.

Passados quatro mezes depois de fallecido este ho-

mem, casou a mulher com outro, o qual logo tratou de toda a fazenda como sua, pois lha entregárao voluntariamente, a qual importava mais de trinta mil cruzados em todo o monte. Teve confiança hum Compadre desta mulher, para lhe perguntar: Que suffragios tinha mandado fazer pela alma do marido? Respondeo-lhe ella: os que o defunto meu marido havia de fazer pela minha alma, se eu fallecera primeiro que elle: porque como foy em extremo miseravel, de mim se não havia de lembrar. E como assim o considero, não lhe tenho mandado fazer suffragios alguns, nem tenho tenção de os mandar fazer.

Porém não viveo muitos annos esta mulher, nem seu segundo marido; porque ambos acabárao as vidas brevemente. Aqui tendes o que são semelhantes deixas, e disposições de testamentos, por se fiarem os homens dos homens, au ainda de suas proprias mulheres. E por isso diz Deos por bocca de hum Profeta: Maldito seja o homem, que de outro homem se fia.

E assim vos digo, Senhor, que suppostas as razões já ponderadas: da mais fazenda com que vos achardes no fim da vossa vida, grande acerto será, que a repartais com quem vola deo, e está provendo, e a todo o genero humano, que he Christo Bem nosso: o qual além de estar em toda a parte em quanto Deos se acha, e está no Santissimo Sacramento em todas as Igrejas onde ha Sacrarios; porque assim nolo ensina a Fé, e elle mesmo nolo prometteo dizendo: *Et ecce ego vobiscum sum omnibus diebus usque ad consummationem sæculi* (Matth. 28. 20.)

E vede agora com quanta razão he muito, mais bem

bem empregado, o deixar hum Christão os seus bens a hum Pay tam amoroso, que se digrou ficar com nosco até o fim do mundo, para nos acudir, e remediar temporal, e espiritalmente; do que deixallos a homens, que só tratao de suas conveniencias, sem se lembrarem das almas dos testadores, como actualmente o estamos vendo, e experimentando.

E depois disto, tambem será acerto, que repartais a vossa fazenda com as Irmandades, e Confrarias dos Santos: porque como foraõ, saõ, e haõ de fer vossos Advogados; bem he que tambem vos mostreis agradecido, de quem tendes recebido tantos beneficios, e esperais receber as suas intercessões para com Deos.

E o mais que ficar de vossos bens, deixay que se repartiã em duas partes iguaes: huma com as Almas do Purgatorio, por serem innumeraveis os beneficios, que resultaõ a quem usa de caridade com ellas: e a outra parte com os pobres, naõ excluindo a nenhum necessitado. E naõ permittais que sejaõ vossos testamenteiros inquiridores, nem fiscaes das graçoens dos pobres, tirandolhes inquirçoens da limpeza do sangue, e tambem de vita & moribus: como se os miseraveis pobres se quizessem ordenar de ordens sacras, e as necessitadas mulheres intentassem fer freyras.

Tomay exemplo de S. Luis Rey de França, que quando repartia as esmolas com os pobres, naõ fazia exceção de pessoa; até aos infieis soccorria: e por essa causa se convertiaõ muitos à nossa Santa Fé, por verem a grande caridade, com que hum Rey Christão procedia para com elles. Diz Christo Senhor nosso no Evangelho: Dá a todos os que te pedirem. (Luc. 6. 30.) E nesta doutrina nos está en-

finando, que não devemos excluir a pessoa alguma, para deixarmos de a soccorrer. E daqui, parece, procedeo aquelle rifaõ antigo, que diz: Fa-ze bem, não cates aquem. Porque todo o próximo tem direito natural, para pedir, e ser remediado.

Na primitiva Igreja, viviaõ os Christãos todos do commum: o que mais tinha, remediava ao pobre necessitado: por isso entãõ houve tantos Santos. Hoje vivem os Christãos, cada qual para si: por isso não achaõ a Deos propicio, para os livrar dos infinitos peccados, em que estaõ caindo, sem se poderem levantar. E o peyor he, que se algum destes ricos me ouvira, se havia de rir. Porém lá virá tempo, em que chorarãõ, sem se poderem já mais aproveitar, nem alegrar.

E assim vos digo, que pelo meyo da esmola podeis satisfazer por vossas culpas, tuppriendo com ella a falta da penitencia; pois diz Christo Senhor nosso: *Misericordiam volo, & non sacrificium.* (Matth. 9. 13. & 12. 7.) E tambem vos encommendo, que sejus muy caritativo para com todos os Religiosos, e principalmente para com os Mendicantes. Porque pelo bem que lhes fizerdes, participareis de todas as rezas, e suffragios, que costumaõ fazer pelos bemfeitores: e tereis aos seus Santos por vossos intercessõres para com Deos em todos os vossos trabalhos espirituaes, e temporaes.

Porém fallando agora das pobres donzellas excluidas de ses testadores, e de semelhantes disposicoens dessas verbas de testamentos. Notaveis consequencias resultaõ desses exames de gerações, que costumaõ fazer esses testamenteiros, e administra-

dores,

dores, tanto em prejuizo, e discreditado das pobres donzellas : porque sobre as não soccorrerem com a esmola, as deixão infamadas, para tomarem essas informações muitas vezes com pessoas mal affectas aos parentes dessas pobres donzellas ; estando tal vez ellas obrando com tão bom procedimento, que tudo merecem pela sua honra, e virtudes.

Romperão em queixas, sem duvida, com muita razão contra quem foy o motor de seus descreditos, e dirão. He possível, que pondo-se Christo Senhor nosso na Cruz, para soccorrer a bons, e maos, que lhe pedirem o seu amparo, e favor ; sejaõ tam avaros os homens, que daquillo mesmo que Deos lhes deo para repartirem connosco, nos queiraõ deixar desfavorecidas, e desamparadas; por hum defeito, que não esieve, nem está nas nossas mãos emendallo, pois Deos assim nos fez, e sabe o porque o permittio ! E que sobre nos deixarem famintas, nuas, e com as mãos vazias, ainda nos tirem o mesmo credito, sem repararem no dano que disso nos resulta ! Que culpa tivemos de nacermos pobres, e de bayxa geração, para não sermos soccorridas com caridade ; estando nós obrando com tanta satisfação na inteireza da boa honra, e honestidade, q̃ só proisso deviamos ser enparadas com a agora estamos experimentando tanto pelo contrario pelos homens em nós executado com tanta impiedade, como se fomos de outra diversa ley, e natureza. Oh lastima para ser sentida ! Oh tyrannia do genero humano !

Porém a isso lhes dissera eu a essas pobres desfavore-

favorecidas donzellas, que se não desconsolassem, e que tenhaõ muita fé em JESUS Christo Bem nosso : porque no mayor de seus desamparos, entaõ serãõ mais favorecidas. Porque eu conheci muitas dessas excluidas, que por perseverarem em seus bons procedimentos, torao de Deos soccorridas, e amparadas.

E assim fiquem todos entendendo, que não ha taõ grande nobreza, e fidalguia na presença de Deos, como saõ todos aquelles, que sabem guardar seus divinos preceitos, fazendo boas obras em seu santo serviço : porque pouco importa nacer hum nobre, e de limpa geraçaõ, se este offende a Deos, e não guarda a sua santa Ley. Comprova-se esta verdade pelo que estamos vendo, e cremos de fé; pois sendo muitos humildes de geraçaõ, e desprezados de alguns, estaõ hoje na Igreja de Deos canonizados por Santos. O ponto está só em deixar de peccar, e em fazer boas obras de virtude na Ley de Christo Senhor nosso; que Deos nunca falta, nem ha de faltar com a sua divina piedade, e misericordia em nos ajudar nesta vida, e na outra dando-nos a salvaçaõ.

E assim vos digo agora, ô pobres, e desconsoladas donzellas, que todo o vosso bem, e esperança deveis pôr em Deos : e não queirais ser como alguns pobres, que toda a sua confiança a poem nos ricos; quando tanto os ricos, como os pobres, só em Deos havemos de esperar, e buscar o seu amparo : porque elle mesmo diz : Buscay-me, fereis favorecidos. (Prov. 9. 21.) E em outro lugar por David : Bemaventurado o que espera em o Senhor. (Psal. 33. 9.) E assim venho a concluir, que toda a nossa esperança, e confiança devemos pôr em Deos:

Deos : porque só elle nos póde dar, e remediar, tanto os bens temporaes, para podermos passar esta vida mortal; como os da gloria, se lha merecermos com boas obras.

E para confirmação do mais que vos tenho dito, disse eu ao morador, acerca do como haveis de repartir os vossos bens : tomay exemplo daquelle divino exemplar Christo Senhor nosso, quando fez o seu testamento. Entregou o seu divino espirito ao Padre Eterno : o seu amado discipulo, o deixou recommendado a sua Santissima Mãe : e os thesouros de seus sagrados merecimentos, os deo, offereceo, e repartio com todo o genero humano, sem reservar, nem exceptuar qualidade de pessoa alguma ; os quaes estão manancialmente no Santissimo Sacramento, até o fim do mundo, para todos os que delles se quizerem valer, e aproveitar.

E para em tudo nos dar cabal prova, e exemplo do como devemos viver, e acabar : antes de subir aos Ceos, deceo ao inferno chamado Seyo de Abraham, a tirar as almas dos Santos Padres, que lá estavaõ esperando pelos thesouros de seus divinos merecimentos, para poderem ir gozar da Bemaventurança. Porque nos quiz mostrar este misericordioso Deos, que tambem nos devemos lembrar das almas do purgatorio, na representação daquellas que estavaõ no Seyo de Abraham, com as nossas deixas, e suffragios, pelos innumeraveis beneficios que disso resultaõ a quem o faz, como já vos disse.

E para que vissemos que tambem se lembrava dos Santos; por isso deixou recommendado S. João a sua Santissima Mãe, figura, e representação das Irmandades, e Confrarias, de quem devemos ter
lem-

lembrança na vida, e na hora da morte.

Finalmente deixou todos os mais thesouros de seus divinos merecimentos repartidos com os pobres, que foraõ, são, e haõ de ser todos aquelles que entaõ se aproveitaraõ, se estaõ agora aproveitando, e se haõ de aproveitar de tanto bem para o tempo futuro até o fim do mundo. E tanto fez por nos enriquecer, e remèdiar; que até a mesma vida deo, por nos deixar com a herança do bens da gloria. E assim ficay entendendo, que todo o Christaõ deve imitar a Christo; pois isto he ser Christaõ, como diz S. Leão Papa. E esta he, Senhor, a summa do muito, que vos pudera dizer acerca do que me tendes perguntado.

Verdadeiramente vos digo, Senhor, me disse o morador, que estou muy pago, e satisfeito do que me tendes dito: e agora conheço, que foy Deos servido trazer-vos a esta casa, para me porem no caminho do melhor acerto de minha salvação. Queira Deos dar-me tempo, para que possa obrar tudo o que me tendes advertido, e aconselhado. Assim o ha de ordenar a sua divina providencia, lhe disse eu: porque como o fim que pretendeis he bom, não ha de faltar com a sua divina misericordia. Alli passey todo o dia; até que anoyteceo, e me deo agasalho o dono da casa, com grande demonstração de amor.

Despertey, quando já os verdes coqueiros estavam batendo com as palmas, porque o fresco terrenal lhes desterrava o temor das sombras negras da noyte, e a aurora retilante espalhando-se pelos horizontes communicava aos viventes todo o contento, e alegria. E saindo eu à varanda me encostey a hum peytoril, e dalli vi no terreiro os vigilantes

tes gallos, os bufantes perús, os soberbos patos, as diligentes gallinhas, muitos frangãos, e pintãos: o que tudo me fervio de recreyo à vista, e entretenimento ao gosto. E lançando os olhos para o dilatado do pasto, vi correr os contentes cordeiros, saltar os ligeiros cabritos, balar os sequiosos bezerros, e finalmente todo o mais gado paltar no prado. E tambem folguey de ver a boa ordem com que estavaõ plantadas muitas arvores frutiferas, humas carregadas de frutos, e outras cheas de flores.

A este tempo, sahio o dono da casa, e dando-me os alegres dias, lhe correspondi eu muy cortezmente, agradecendo-lhe juntamente o bom agasalho, que me tinha feito. E logo lhe disse: com muita razaõ, Senhor, se diz: Se queres ter alegria, planta, e cria. Porque me tem agradado muito o ver nesta vossa Fazenda abundancia de creação, tanto das aves mansas, como dos animaes domesticos; e a boa ordem, com que estãõ plantadas tantas arvores, com tam grande primor da arte da agricultura. E por isso venho agora no cabal conhecimento, porque tanto alludio aquella douta penna de Guevara (no seu Livro, Menosprecio de la Corte, y alabaças de la Aldea) às grandes conveniencias, que resultaõ aos que vivem, e moraõ fóra das Villas, e Cidades.

Por certo, Senhor, me disse o morador, que quando não fora por outra razaõ, se não por hum homem se livrar de se andar a vestir, e a despir todos os dias, quando vay às ruas, e se recolhe para sua casa; Ió por isso se devia fugir das Cortes; àlem dos demasiados gastos, que se fazem nas Villas, e Cidades.

Fallais com muito acerto, Senhor, lhe disse eu: porque o mesmo Guevara chamou grilhaõ dourado às demasiadas galas, e atavios, com que os homens tanto se empenhaõ, para andarem enfeitados, e bizarros nas praças. E fallando acerca dos gastos, diz o mesmo Author: Que na Corte, muitas vezes se gasta mais na lenha, que na olha. Por certo me disse o morador, que eu já experimentey esse dito de Guevara: porque estando na Corte de Lisboa, e appetecendo jantar humas dobradas, dobrei o dinheiro no galto da lenha.

E como se hiaõ já fazendo horas de seguir a minha jornada, me mandou o dono da casa dar de almoçar: vacca assada, leyte quente, ovos frescos, e doce frio. E depois que almocey, e dey graças a Deos, lhe disse: Bem conheço, Senhor, que quanto mais pertendo diitanciar-me de vossa presença, mais me aparto de tanto bem: porém, como necessariamente me he forçoso seguir esta jornada; por isso vos peço agora licença, para o poder fazer.

Parece, que de sentido, e faudoso, para melhor se explicar, com as lagrimas nos olhos me disse o morador: Se estivera, Senhor, a vossa jornada em sollicitar os cabedaes desta vida; dos bens que possuiuo, de boa vontade repartira com vosco, só por vos ter em minha companhia. Assim o creyo, Senhor, lhe disse eu, de vosso generoso, e desentressado animo. Porém haveis de saber, que o fim que pretendo alcançar, não são os haveres do mundo; porém sim os eternos: e estes nos conceda Deos a todos, com muitos aumentos de sua graça. E com demonstrações de muy reciproco amor, me despedi do dono da casa.

CAPITULO XXIII.

Do encontro, que o Peregrino teve com hum Padre Capellaõ: e da conversação, que tiveraõ acerca do estado Sacerdotal.

JA' neste tempo tinha apparecido o Sol, e com passos agigantados se viã subir aos montes, e tambem decer aos valles; e registando esses orbes, e dominando essa maquina, mostrou que era Monarca das luzes, e Presidente dos Astros. E pondo-me a caminho, fuy seguindo a minha jornada aquella manhaã atè quasi as onze horas: quando avittey huma verde matta, nã qual entrey; e depois de ter andado meya legua, achey hum ribeyro, que pör entre verdes espadanas estava convidando aos caminhantes, para que gozassem de suas claras, e correntes aguas.

Alli jantey: e como era o lugar ermo, e solitario, estive sempre desvelado. Eys que ouvi hum tropel, que me pareceo ser de hum cavallo desbocado, que arrebatado em furor se despenhava por entre aquella espessura: e reparando, vi ir correndo huma Anta, distante do lugar em que nã achava, quasi hum tiro de pedra; e logo em seu seguimento hum Tigre tam furibundo, que me causou notavel temor. E desapparecendo huma, e outra terra, a pouca distancia ouvi ruido como de huma luta, e alaridos da affligida Anta. E pondo-me a caminho com passos apressados, fuy seguindo a minha jornada por me nã atrever a partir dous brutos.

E fazendo entaõ este discurso, disse commigo: Quem haverá no mundo, que esteja livre de ser ac-

com-

commettido de hum perigo, e assaltado de hum contrario, ainda que traga huma coura de anta, e viva em hum deserto? Só esta consideração bastava, para que qualquer creatura racional vivesse com grande receyo, e cautela, procurando passar com toda a diligencia, e cuidado para aquella Patria, onde não ha risco de vida nem temor da morte, que he a Bemaventurança no Ceo: e não ser como muitos tam afeiçoados á terra, que desprezando o sossego divino, e paz eterna, vão parar no centro do inferno, onde de feras infernaes são accommetidos, e despadaçados a cada instante, sem nunca acabarem de padecer, e para sempre serão atormentados.

Por certo, Senhor, me disse o Ancião, que não foy tam pequeno favor do Ceo, o livrares desse encontro: porque he sem duvida, que assim como esses brutos tomáráo aquella vereda, poderiaõ tambem encaminhalla por essa parte onde vós estaveis, e largar o Tigre a preza, e fazella em a vossa pessoa. Como Deos he de tanta piedade, lhe disse eu, livroume a sua divina misericordia de tam grande perigo. Assim o devemos considerar piamente, me disse o Ancião: podeis continuar a vossa narraçãõ. Eu a profigo, Sennor, lhe respondi eu; pois que com tam discreta attençaõ me quereis ouvir.

Seriaõ já quatro horas da tarde, quando avistey hum dilatado campo, e no meyo delle em hum alto huma Igreja, e junto della huma casa de vivenda: e continuando os passos, vi dentro da varanda da casa hum Sacerdote de joelhos, com hum livro nas mãos. Saudeyo, mandoume entrar, e deome assento. E tanto que acabou de rezar, me disse: Não me tenhais por hypocrita, Senhor, por me achares rezan-

rezando de joelhos: porque de outro modo (tendo faude, e estando orando, que val o mesmo que fallar com Deos) me parece que he faltar ao culto, e reverencia, que se deve a tão superior Magestade: principalmente no estado de Sacerdote, pela representaçõ que temos com os Anjos.

Tão longe estou, Senhor, lhe disse eu, de vos estranhar, essa acção; que antes vòla louvo muito, pois nos estais insinuando o como havemos de orar, e reverenciar a Deos: alem do grande exemplo, que tambem estais dando a alguns Sacerdotes, que com pouca devaçã, e menos reverencia rezaõ o Officio divino, tanto pela pressa com que o lem, como pela grande distracção com que o recitaõ; porque costumaõ muitos entre Salmo; e Salmo (em lugar das Antifonas, e Lições) metter varias palavras escufadas com os Seculares. E se ainda entre os homens se tem por acção indecorosa, e menos cortez, interpolar a conversaçã; vede agora com quantã mayor razã se deve tratar com mais respeito com Deos na oraçã.

E o que mais se deve estranhar, he ver a pouca devaçã, e menos reverencia, com que alguns Sacerdotes costumaõ celebrar o Santo Sacrificio da Missa; devendo fazello com toda a reverencia, e devaçã. Quisã que por isso tenham grangeado muitas Religioes grandes creditos entre os Seculares, pela devaçã, e modestia com que celebraõ este santo Sacrificio, e os mais Officios divinos: não porque sejam mais doutos, e devotos que os mais; porém sim pela grande edificaçã com que observaõ os Estatutos da sua Regra.

A este proposito vos direy o que vi succeder estando ouvindo Missa. E foy o caso, que indo a fa-

zer o Sacerdote as benções em cima do Caliz, pela grande pressa com que estava celebrando, deo com os dedos na palla que o estava cobrindo, e a fez saltar fóra, e cair do Altar; e por milagre não derribou o Caliz.

Tambem não deixão de ser notados alguns Sacerdotes quando dizem Missa, pelo grande encolhimento com que levantão a Hostia depois de consagrada, sem que a deixem ver, e adorar do povo que está ouvindo Missa, como se foraõ estes Sacerdotes tortlhidos do braços. E por isso parece manda o Sagrado Concilio Tridentino, que se não ordenem homens que forem aleyados. E succede por esta causa, faticarem muitas pessoas tão descontentes, como desconsoladas, porque lhes parece que não tem ouvido Missa, e vão buscar outra, para yerem, e adorarem a Deos.

Diz João Campello no seu Theouro de Ceremonias, §. 34. que os Sacerdotes devem levantar a Deos, no que parece está adyertindo aos celebrantes, que mostrem a Hostia depois de consagrada, ao povo que está ouvindo Missa. Alem de que, dizem os Sagrados Expositores, que o levantar-se na Missa a Hostia do Caliz, significa a Christo crucificado na Cruz, para que seja visto, e adorado dos Christãos.

Outros Sacerdotes são tão apressados, e velozes no levantar a Deos, que mal o deyaõ ver, e adorar. Esta devia ser a razão; porque se conta, que indo passando o Veneravel Padre Mestre Avila por hum Altar, onde estava dizendo Missa hum Sacerdote; pelo ver estar celebrando com menos reverencia, lhe disse: Tratele bien, porque es Hijo de un buen Padre.

Não quero dizer nisto, que sejaõ os celebrantes

Vagarosos, e descuidados em terem o Senhor tanto tempo levantado, que lhes succede o que se conta de hum Sacerdote: o qual estando dizendo Missa em huma Igreja dos Reverendos Padres da Companhia, passou nessa occasião por perto d'elle hum Religioso da mesma Companhia; e vendo o muito que se detinha o celebrante com a sagrada Hostia levantada, disse ao Acolyto: Mande repicar o sino, porque está o Senhor exposto.

Pois sabey, Senhor, me disse o Capellaõ, que tambem have nos de dar muy grande conta a Deos desses descuidos, e irriverencias. E por esta razão venho a entender, que se alguns Sacerdotes bem soubersem o estado que tem, ferialõ mais agradecidos a Deos, pelos admittir na sua Igreja por seus Ministros; e não se arrojarão tanto em procurar tão alto, e superior estado, para depois o não estimarem, nem usarem, d'elle como devem, e são obrigados.

E principalmente todos aquelles, que depois que são Sacerdotes, procurão ser Curas das almas. Porque tenho ouvido, no discurso de sete annos que estou nesta Capella, tão atrozes, e horrendos casos nas Confissões, que bem vos posso afirmar, que se não tivera estudado tres annos Theologia moral na Collegio dos Padres da Companhia na Cidade de Evõra, e não trouxera alguns livros da mesma Seleneta, não sey como poderia dar soluçãõ a estes casos.

E allim vos digo, Senhor, que se os Illustrissimos Prelados, bem soubersem o quanto se necessitava de Sacerdotes capazes, e idoneos para Curas, e Vigarios destes sertões, e partes de fóra: tal vez que ferialõ mais bem examinados estes; e não se-

riaõ tão rigorosos os exames para aquelles, que procuraõ as Igrejas das Villas, e Cidades, onde se achão grandes talentos, e Mestres nas Religiões, com os quaes se podem consultar as duvidas, e os Penitentes achar recurso para confessarem seus peccados.

Acerca desse particular, Senhor Reverendo Padre, lhe disse eu, me persuado, que huma das razões que tem os Illustrissimos Prelados, para usarem de tam rigorosos exames com esses pretendentes das Igrejas das Villas, e Cidades; he, não tanto pela necessidade da Sciencia, quanto para dissuadirém aos menos idoneos, e escolherem os mais benemeritos; porque muitos se oppoem ao concurso dessas Igrejas, levados mais do interesse, que do zelo da casa de Deos.

Assim me parece, me disse o Capellaõ: porque está hoje o mundo (e principalmente este Estado do Brasil) em taes termos, que mais parecem alguns Sacerdotes mercadores negociantes, que Ministros de Deos, e Curas de almas. E se não, vede o que está succedendo nos tempos presentes. Oppoem-se hum Clerigo a qualquer Igreja: e a primeira cousa que procura, he saber o quanto rende cada anno, e o que tem de benezes: se são ricos os frêguezes, e se dão boas offertas. Sendo, que só deviaõ procurar, se havia bons paramentos na Igreja; e se eraõ devotos, e zelosos os frêguezes de obrar bem no culto divino: e quando muito, saber se era o sítio fadio, e se havia bom passadio do sustento corporal.

Como isso lhes não dá rendimento, nem dinheiro, lhe disse eu; he o porque não perguntão: e só trataõ de saber do que os ha de fazer ricos. Porém advirtão, que (pelo que tenho lido) não servem
esses

esses cabedaes nas mãos de alguns Sacerdotes, mais que de sua perdição : porque como não tem as obrigações dos homens casados, nem os encargos de outros estados; só lhes servem de os empregarem em vícios. E se não, vede o que diz S. Cyrillo: Que os cabedaes dão passo à Luxuria, à cobiça, e a outros muitos vícios; os quaes não fomentariao os que não foísem ricos, porque lhes faltaria a lenha para acender, e conservar tanto fogo. (Lib. 2. in Job cap. 5.)

E por isso acodio o sagrado Concilio, e os Santos Doutores, a repartir os bens dos Sacerdotes, principalmente dos que tem rendas da Igreja. Diz S. Jeronymo ad Damasum, que tudo quanto lograo dos bens da Igreja (excepto o que lhes he necessario para sua congrua sustentação) não he seu, mas dos pobres: *Quidquid habent Clerici, pauperum est.*

Mas porque muitos Sacerdotes se não governaõ por esta medida, e regra, gastaõ as rendas de seus benefícios tão superfluamente. Sendo que, bem considerado, nem ainda saõ seus estes bens. Porque diz Tertulliano, que saõ patrimonio dos pobres, e ofertas, que os fieis deraõ a Igreja em satisfação de seus peccados, como o certifica, e assevera o Papa Urbano I. *Vota fidelium, & pretia peccatorum, ac patrimonia pauperum.* E finalmente saõ preço do sangue de JESU Christo, como affirma S. Bernardo. Vede agora, quem se atrevera a gastar, e desperdiçar tão grande valor em cousas vis, e tão profanas. Mais vos pudera dizer; porém a modestia me faz callar.

Fallais com muito acerto, Senhor, me disse o Capellaõ: porque o verdadeiro Sacerdote Cura de

almas, não o devem levar tanto as suas conveniências, quanto o zelo da casa de Deos; e muy particularmente o bem espirital dos seus fréguezes; pelo grande encargo que temos de dar delles conta a Deos. Esta doutrina; nola ensinou Christo Senhor no so naquella parabola do Evangelho da ovelha perdida; alem dos mais lugares da sagrada Escritura, e preceitos da Ley divina.

Por esta causa ordenou Deos, que a Santa Madre Igreja observasse, e assinalasse quatro tempos, ou temporas no anno; e que nellas dessem Ordens os Bispos, e Arcebispos aos Clerigos; e que nesses tempos orasse, e jjuasse todo o povo Christão, para que Deos nos desse bons Sacerdotes; pelo grande bem espirital que disso nos resulta, tanto para as nossas almas, administrando-nos os santos Sacramentos, como para aumento de nossa santa Fè, como Ministros que somos de Deos, pelos Sacrificios que lhe fazemos na sua Santa Igreja Catholica.

E que me direis, Senhor, lhe disse eu, de huns certos Prégadores Missionarios, que costumão ir às Minas, e a esses Sertões, mais levados dos interesses do ouro, e cabadaes; que do zelo de servir a Deos, e ao bem das almas? Sendo, que temestes taes Missionarios Apostolicos huma excommunição contra si, expedida pelos Summos Pontifices, em que mandaõ, que nenhum Sacerdote andando em Missão possa levar dinheiro, nem outra qualquer paga por Sermões, nem ainda pelo Sacrificio da Missa; excepto alguma limitada esmola; para seu sustento; pelas grandes consequencias, que disso podem resultar.

A fim he, Senhor, me disse o Capellaõ: e mui-
to

to' melhor lhes fora a esses Sacerdotes, irem a essas pates a titulo de se remediarem pelas suas Ordens, havendo urgente causa para o fazerem : porque alem do pouco fruto que fazem a Deos, e a seus proximos, mettem as suas almas no inferno. E não deixarey agora tambem de vos perguntar, que juizo fazeis de certos Sermões de graças, que costumão fazer alguns Prégadores, para fazerem rir o auditoria nas Igrejas?

Parece-me, Senhor, lhe disse eu, que melhor fora serem esses Sermões de doutrina, e feitos de graça; do que lerem de graças por dinheiro, para não virem a experimentar esses Prégadores as desgraças da condemnação eterna: e que se devem muito estranhar: porque sendo o Pulpito Cadeira, para della se ensinar a palavra de Deos, e explicar o santo Evangelho; costumão alguns Prégadores fazer d'elle theatro, para representarem graças, e palavras ociosas. E por isso havemos de ver, e ouvir no dia do juizo reprovadas por Deos muitas cousas, de que os homens neste mundo fazião, e fazem tanta estimação.

Lembra-me a este proposito, que ouvi contar, que appareceo hum Religioso de boa opiniao, depois de morto, a hum seu Companheiro, e lhe disse: Que estava no Purgatorio padecendo grandes tormentos, por humas graças que dissera no pulpito em huma manhã da Resurreyção.

Hora já que temos tocado nesta materia de Oradores, me disse o Capellaõ, tomára que me dissesteis, que partes deve ter o bom Prégador para agradar a Deos, e fazer bem sua obrigação para aproveitar ao povo.

Senhor, lhe disse eu, supposto que já por dou-

tos entendimentos estejam ditas, advertidas, e apontadas as regras, e theorica do pulpito, como se deve haver o bom prègador, para agradar a Deos, e aproveitar aos ouvintes; direy, por vos satisfazer o que entendo.

Primeiramente digo, que se o Prègador não puder ser como o pescador, com quem os comparou Christo Senhor nosso, por pescarem as almas dos peccadores do mar da culpa; como o fizeram os sagrados Apostolos, e os mais Santos àquella imitação; sejam como pilotos. Isto he: que quando entrarem no navio, ou nao da Igreja, e se puzerem encima da Cadeira, ou do Pulpito; para fazerem boa derrota, he necessario, que vão primeiro bem aparelhados dos instrumentos divinos, para poderem navegar com acerto: levando o astrolabio do amor e temor de Deos, a balestilha da Cruz, a carta de marear da sagrada Escritura, o roteiro da doutrina dos Santos Padres, a agulha da Sciencia, o compaço da prudencia, a ancora da fé, a amarra da esperanza, a matalotagem da caridade, e o prumo da humildade.

E considere, que o Paroco, ou Superior daquella Igreja, he o Capitaõ do navio: que os mais Sacerdotes são os marinheiros, e serventes daquelle embarcaõ: que os ouvintes do auditorio são os passageiros: e que todos vão fiados no seu saber, diligencia, e cautela. E assim deve este piloto vigiar de noyte, e de dia: de noyte, isto he, os peccados occultos, para os avisar do risco em que estão os passageiros; e de dia os peccados sabidos, e escandalosos, para os emendar, e reprehender a os ouvintes. Vigiando tambem o mar da soberba, os ventos da ambição, o fogo da luxuria, as velas da

da gula, as tempestades da ira, os cabos da enveja, o navio da preguiça, para que se não deite, ou vire naufragando. E fazendo esta diligencia, com o favor divino poderá fazer viagem a salvamento ao porto da salvação; onde será pago do dono do navio, ou Igreja, que he Deos nosso Senhor, com muitos aumentos da gloria.

Bem sey, que ferey notado de alguns Prégadores, principalmente dos que se achão comprehendidos em algumas faltas das que aqui aponto; porém Deos sabe o zelo com que o digo. E por isso me valerey agora do que lá advertio aquella douta penna de hum Mestre na sagrada Ordem dos Prégadores, reparando em que alguns o censuravão, porque escrevia a verdade com clareza. O que emendo, diz elle, he mau; o que louvo, he bom: o que ler com santa intenção, tirará de meus erros acerto; o que a tiver enferma, tirará dos acertos erros. Além de que, não he outro o meu intento, que avisar a hum sabio, que ignora, ou não vé hum despenhadeiro; para que se não precipite levado de huma payxaõ do intrresse, ou amor proprio.

Na verdade, me disse o Capellaõ, que não poderieis com mais claro exemplo, e resumidas palavras explicar o muito, que se pôde dizer acerca da abrigação que deve ter hum bom Prégador: e por isso me dais motivo agora, para vos perguntar em que Estudos aprendestes, e onde vos graduastes. Sabey, Senhor, lhe disse eu, que estudey na universidade do tempo, li pelos livros da experiencia, e me graduey com os annos.

Por isso com muita razaõ (me disse o Capellaõ) se diz: Que não ha cousa que mais ensine aos homens,

mens, e mais praticos e noticiosos os faça, como são aquelles, que são ensinados do tempo, ajudados da lição dos Livros, com a larga experiencia dos annos. E daqui, sem duvida, devia tirar o fundamento Aristoteles, para dizer, que os mancebos não podiaõ ser discretos, por falta da experiencia. Porém, antes que demos fim a esta conversação, tomara que me dissesteis, de que procede encontrarem-se muitas vezes os homens em hum mesmo pensamento, e discurso: e dizer hum, o que já outros tinhaõ dito.

Respondo, lhe disse eu. He o pensamento do homem como huma ligeira seta, e às vezes mais veloz; porque chega aonde não pôde chegar a seta: e por isso se encontraõ no mesmo alvo, de sorte, que vem a dizer hum, o que já outro tinha dito. E a razão disto he: porque em tudo se pôde pôr baliza, preceito; porém só no entendimento, e pensamento não pôde haver norma, nem padraõ, pelo livre alvedrio, que Deos deo ao homem.

Bem vos posso certificar, Senhor, me disse o Capellaõ, que muito me tendes satisfeito com vossa discreta, e agradavel conversação: e allim fico entendendo, que sois homem dotado de muy bom discurso, e claro entendimento. Está a meza posta: vamos cear; e depois descansareis da jornada que tivestes. Aceitey a offerta, que me fez o Capellaõ: depois de termos ceado, e dado graças a Deos, me encaminhou para huma camera, onde achey huma cama muy bem feita, e nella pafsey a noyte.

CAPITULO XXIV.

Do que o Peregrino viu , e observou no alpendre da Igreja , e dentro da Capella mór , e Sacristia : e da pratica , que teve com o Sacristão.

Seriaõ já cinco horas da manhã , quando ouvi estar rezando Matinas o Padre Capellaõ : e levantando-me , lhe fuy dar os bons dias , e pedir licença para ir fazer oração à Igreja : ao que me respondeu com bello agrado , e muy cortezmente , dizendo-me , que o podia fazer ; e logo mandou recado ao Sacristão , que me fosse abrir as portas. E chegando eu ao alpendre da Igreja , a qual ainda tinha a porta principal fechada ; reparey para a parte direita , emcima da janella fronteira , que fahia ao alpendre , e vi estar huma caveyra , e abayxo escrito em letra muy legivel o Soneto seguinte.

SONETO, EM QUE FALLA HUMA CAVEYRA.

Nesta Caveyra fecca , e corcomida,
Despojo infausto da mortalidade,
Vem parar o poder , e magestade,
Sem reparo haver a tal caída. *

A morte à magestade tira a vida :
Faz em todos muy grande hostiliade :
Tudo prostra , e reduz com igualdade :
Mede a todos por huma só medida. *

A coroa , o cetro , e a tiara ,
O velho , o moço , o feyo , a fermosura ,
O rico , o pobre , tudo em terra pára. *

Faten-

*
Cadant omnes,
qui descendunt in
terram.

Psalm. 21.
v. 30.

*
Statuum est
hominibus
semel mori.
S. Paulo Heb.

9. 29.

*
Pulvis es , &
inpulverem
revertetur.
Gen. 3. 19.

*
*Omors, quam
 amare est me-
 moria tua. Ec-
 cles. cap. 4. 1.
 n. 1.*

Patente o vos aqui nesta figura,
 Que no fatal silencio te declara
 O quam amarga he a sepultura. *

E olhando para a parte esquerda, em cima da
 outra janella, vi estar hum quadro, e nelle pinta-
 tada huma alma agonizando em ardentess chammas,
 e abayxo escrito outro Soneto nesta forma:

*
*Memor esto
 judicij mei.
 Eccles. 38.
 23.*

SONETO, EM QUE HUMA ALMA
 publica o que padece no Purgatorio.

*
*Traditus sum
 Et non egre-
 diebar: Psal.
 87.8.*

ADverte bem, repara, ò Peregrino,
 (Comtigo fallio aqui) estãme attento: *

Conheceras, que todo o meu intento
 He só mostrarte o certo, e o divino.

Que de outra sorte, fora desatino,

A vista do que agora experimento;

Pois me vejo mettido em hum tormento,

Tam cercado de dores de continuo. *

Estou no Purgatorio padecendo

castigo dos peccados commettidos,

E por isso estou sempre aqui gemendo. *

Abre os olhos, e applica os mais sentidos,

Peregrino; e verás que estou ardendo;

E esperando o alivio a meus gemidos. *

*
*Quia manus
 Domini teti-
 gis me. Job.
 9.27.*

*
*Miseremini
 mei, misere-
 mini mei,
 saltem vos
 amici mei:
 Job. 19. 21.*

E reparando mais, vi em cima da porta princi-
 pal da Igreja dous OO, e abayxo esta letra:

*
*Memorate no-
 vissima tua,
 Et in Eter-
 num non pec-
 cabis: Eccl. 7.
 nle.*

O' Eternidade de gloria,

O' Eternidade de pena,

Quem em ti sempre cuidára,

Como Deos nolo encomenda! *

98 E logo fiz este discurso: Que mayor defengano posso eu ter da minha vaidosa vida, à vista do que estou vendo nesta triste caveyra, e neste lastimoso quadro; e lendo nos dous Sonetos, e na copla, tão verdadeiros, como conceytuosos. E estando fazendo este juizo, abrio o Sacristão a porta da Igreja; e entrando eu para dentro, tomey agua benta: e olhando para o Altar mór, vi estar huma Imagem de Christo Senhor nosso em huma Cruz, e pondo-me de joelhos comecey a fazer oração.

101 Não me tenhais, Senhor, por ociosa a pergunta que vos quero fazer, me disse o Anciaõ: dizyme o como collumais fazer oração. Porque tenho reparado em alguns Christãos, haverem-se nesse particular tam indevotos, e apressados, que parecem vão fugindo da Justiça. Assim como entraõ na Igreja, mettem hum só dedo na pia da agua benta, (como se andassem de resguardo de falsa ou azougue) e fazem tiro com huma gotta de agua à testa: persignaõ-se fazendo huma cruz de escadinhas, e benzem-se triangularmente: põem hum joelho no chão, e outro levantado, como quem quer fazer pontaria a algum Santo; e muitas vezes encostados, como se fossem tão velhos, e doentes, que se não podessem ter sem encosto: e fazem huma oração tão breve; que não sey se chegaõ a rezar hum Padre nosso, ou Ave Maria. E se chegaõ a ouvir Missa, e achaõ com quem conversar; não só a não ouvem, mas tambem fazem que outros não estejaõ com aquella attençaõ, e devaçãõ devida, pela distracçaõ destes raes indevotos, e perturbadores dos Officios divinos. Sendo, que he a Igreja casa de oração; e não de conversação, como a querem fazer alguns. E se não, vede o que diz Christo Senho:

Senhor nosso no Evangelho: A minha casa he casa de
 oração. (Matth. 21. 13.) E se os reprehendem del-
 ta indevação, costumão dizer: Deos come corações.
 Mas a isso lhes differa eu: Assim he; porém são assa-
 dos no fogo do amor divino: porque corações crus
 mettem-lhe asco, nem os quer ver; como são os
 de alguns peccadores, que cuidão que Deos tem
 obrigação de os salvar; e temerem merecimentos.
 Bem conheço, Senhor; disse eu ao Ançião, que
 todas as vossas perguntas, e reparos assentão em
 solida doutrina: e por isso os aceito como douts
 documentos, para melhor me saber governar tem-
 poral, e espiritualmente; e nunca me poderoy es-
 cufar de satisfazer às vossas perguntas.
 Primeiramente haveis de saber, que quando en-
 tro em alguma Igreja; tomo logo agua benta, por
 me ensinar a fé; que por meyo della me são per-
 doados os peccados veniaes. Ponho-me de joelhos
 segundo as minhas forças; e reparo fe na Sacratio
 no Altar mór, ou em alguma Capella particular:
 e alli com toda a devida reverencia, e submissão fa-
 ço hum acto de contrição, e depois repito cinco
 vezes dizendo: Bemdito, e louvado seja o Santif-
 simo Sacramento: e continuo rezando huma esta-
 ção de sete Padre nossos, e sete Ave Marias, e sete
 vezes Gloria Patri, a qual offereço a Christo Se-
 nhor nosso pela exaltação da nossa Santa Fé, pela
 extirpação das heregias, pelas almas do Purgatorio,
 e por minha tenção. E na caso que não haja Sa-
 crario, faço huma oração mental, ou vocal na fór-
 ma seguinte.
 Ponho os olhos em huma Imagem de Christo
 Senhor nosso; e quando não haja em vulto, com os
 olhos do entendimento, diante de huma Cruz, con-
 side-

siderando estar alli JESU Christo Bem nosso crucificado: e como quem vay lendo, e meditando naquelle divino livro aberto, digo: Day-me licença, Senhor, para adorar, e louvar essas chagas de vossos sagrados pés cravados com esse duro cravo, por me soltares dos grilhões da culpa, em que me prendi por meus peccados: porque com viva fé reconheço, que só por vossa divina misericordia poderey ser livre, para caminhar em vosso santo serviço.

E dalli subindo com os olhos do entendimento, digo: Day-me licença, Senhor, para poder adorar, e louvar essas vossas divinos joelhos: pois tantas vezes ajoelhastes diante de vosso Eterno Padre, intercedendo, e rogando por todo o genero humano, e por esta ingrata, e vil creatura, para que não seja condemnada à perdição eterna.

E continuando com os olhos do entendimento, e discurso, digo: Day-me licença, Senhor, para que possa adorar, e louvar essa lacratissima chaga do lado; pois della quizestes, ainda depois de morto, que saisse sangue, e agua, para nos lavar as inofensas enormes culpas nella fonte manancial dos sacramentos: e day-me graça, para que dignamente os possa receber em vida, e estando para morrer por Viatico.

E subindo com o mesmo discurso, digo: Day-me licença, Senhor, para que possa adorar, e louvar essa vossa divina boca: pois della, como de livro espiritual, temos recebido, tão saudavos, e divinos documentos, como consta dos sagrados Evangelhos, nos quacs creyo muy firmemente, porque a limpo ensino a fé, e a larga experiencia o confirma. E para prova do misto, que nos amastes, e estais

estais amando, dissestes estando pendente na Cruz, que tinheis fede: para que conhecessem os homens o quanto por elles na vossa sagrada payxaõ padecestes em todos os sentidos de vosso santissimo corpo; e por isso tambem quizestes experimentar o defabrido gosto do fel, e vinagre, que vós deraõ a beber vossos inimigos, e cruceis algózes. Peço-vosy Senhor, que me deis a mortificação neste sentido contra a gula: e que minha boca sempre diga palavras honestas, e necessarias para o bem de minha salvação, e edificação de meus proximos.

E depois continuando com a consideração, digo: Day-me licença, Senhor, para adorar, e louvar essa vossa chaga da mão direita traspasada com esse duro cravo, ao qual, como aos outros dotis; quizestes que lhes chamassem doces, pela doçura que tivestes de padecer pelo genero humano tantos tormentos por nos salvar. E assim vos peço, amantissimo JESUS, que me aparteis de toda a occasião da culpa, para fer desfa divina mão direita abençoado.

E olhando para a mão esquerda, digo: Day-me licença, Senhor, para que adore, e louve essa chaga da vossa mão esquerda; pois foy tal a vossa infinita piedade, que para não castigares as nossas enormes culpas, permittistes que os homens vola cravassem nesse sagrado madeiro da Cruz, ficando desfa forte com esses divinos braços abertos, para nos abraçares todas as vezes, que confessados, e arrependidos de nossas culpas vos buscarmos, como tão fino amante, e misericordioso Pay de nossas almas.

E continuando com o mesmo discurso, e viva attenção, digo: Dayme licença, Senhor, para louvar,

var, e adorar essa vossa divina, e sacrosanta cabeça, ferida de penetrantes espinhos, pela desumanidade desses crueis algozês: os quaes curando que vos coroaão por Rey de zombaria, vos acclamãrão por Rey da gloria, Redemptor, e Salvador do genero humano. Day-me, Senhor, firmes propositos, e bons penfamentos, para sempre vos louvar, como meu divino Rey, e Bemfeitor.

E finalmente subindo com os olhos do entendimento, digo: Day-me licença, Senhor, para louvar, adorar, e poder ver essas vossas sagradas costas, taõ feridas, e rasgadas pelos crueis algozes, que cegos, e rayvosos descarregãrão em voffo innocentissimo corpo cinco mil e tantos açoutes, os quaes soffrestes por me livrares dos grandes castigos, que por meus peccados tenho merecido. Peço-vos, Senhor, que me livreis da condemnação eterna: e day-me o dom de lagrimas, para que com vivo sentimento chore os meus peccados, e arrependido de todas minhas culpas vos peça misericordia.

E tornando com viva consideração ao pé da Cruz, abraçando-me com ella, e derramando as lagrimas que posso, digo: Por todas essas vossas penas, e por todas as palavras affrontosas e durissimos tormentos com que vossos inimigos vos affigirãrão, meu Senhor JESU Christo, vos rógó, que me livreis, e ampareis debayxo desta vossa Santissima arvore da Cruz, da qual me valho, como de firme coluna, segura ancora, forte padraõ, e defensivo escudo contra todos os perigos, e tempestades deste mundo; para que assim possa ir gozar da eterna gloria em vossa presença por todos os seculos dos seculos. Amen.

Estas meditações, não só as costumo fazer nas Igrejas, mas também as faço em casa de dia, e de noyte quando acôrdo, e ouço stocar os sinos, ou cantar os gallos. E não deixo também de fazer huma laudação à Virgem MARIA Senhora nossa, dizendo-lhe : Deos vos salve, Filha de Deos Padre: Deos vos salve, Mãy de Deos Filho : Deos vos salve, Esposa de Deos Espirito Santo : Deos vos salve, Templo da Santissima Trindade. E depois rezo hum Padre nosso, e huma Ave Maria, e também huma Salve Rainha, e acabo com esta Oraçãõ. MARIA Mãy de graça, doce Mãy de clemencia, Vós de meus inimigos me defendey, e na hora da morte me recebey.

E finalmente me encommendo aos mais Santos, que vejo estar nos Altares, e aos que são meus Advogados, rezando a cada hum delles hum Padre nosso, e huma Ave Maria, para que intercedaõ, e roguem por mim a Deos nosso Senhor.

Na verdade vos digo, me disse o Anciaõ, que vos louvo muito as vossas devações : e muy especialmente a Estaçãõ, que rezais ao Santissimo Sacramento, e as meditações que fazeis a Christo Senhor nosso, pelas saber com toda a inteireza da verdade, que he o verdadeiro Salvador, e Redemptor do genero humano. O que vos peço he, que persisteireis nessas devações ; que mediante o divino favor, vos não ha de faltar Deos com a sua graça. Porém tenho reparado nas muitas vezes que repetiz pedindo licença a Deos para o louvares, e adorares as suas divinas Chagas, e membros Sacratissimos.

Respondo, lhe disse eu. A causa porque o faço, he porque sey, que qualquer creatura (por muy justificada

da que seja) na presença de Deos; he como hum Reo criminoso diante de hum Ministro de Justiça; o qual para poder ser ouvido, necessita de estar com grande submissão, e reverencia, e pedir huma, e muitas vezes licença para poder fallar, e ser ouvido. Porque, se ainda entre as creaturas, quando algum Reo pretende em algum supremo Senado fallar, ou ser ouvido com artigos de nova ração; para ser admitido, se não atreve articulallos, antes de pedir licença: *Datà licentià*: vede agora com quanto mayor ração o devemos fazer diante de hum Deos, que supposto nos remio como Pay tão amoroso; he, ha de ser nosso recto Juiz, que nós ha de julgar dos bens, e males, que fizemos. Santo Agostinho abonará melhor este meu pensamento, quando disse: Senhor, day-me por vossa misericordia licença para fallar, (Lib. 1. Confess. cap. 5.)

E com muito mayor ração, quando pretendemos pedir meditar, e ler naquelle divino livro Christo Bem nosso, no qual estão escritos os thesouros do Ceo, e o nosso remedio. Livro lhe chamo, porque assim lhe chamou Isaias no capitulo 29. e Daniel no Capitulo 12. E S. João (Apoc. cap. 15.) tambem lhe chamou livro escrito por dentto, e por fóra: e que será bemaventurado o que ler, ou ouvir as palavras deste Livro. Vede agora, quem será tão oufado, que se ponha a ler, e meditar neste sacratissimo Livro, sem pedir huma, e muitas vezes licença para o poder fazer.

Muito bem vos tendes explicado, Senhor, acerca do que vos perguntey, me disse o Ancião: e agora vos digo, que ninguém se poderá salvar, sem por esse divino Livro ler, e estudar, e na sua Sacratissima payxaõ e morte cuidar. Podeis agora con-

rinuar, o mais que hieis narrando acerca do que passastes, e vistes nessa Igreja.

Sabey, Senhor, lhe disse eu, que depois de ter feito oraçãõ subindo pela Igreja entrey na Capella Mór, e vi abaixo dos pès da Imagem de Christo Senhor nosso o Soneto seguinte.

SONETO, OU ACTO DE ARREPENDIMENTO.

Soberano Senhor crucificado,
 Que pendente vos vejo nessa Cruz,
 Aqui venho a buscar a vossa luz, *
 Aqui chego a pedir o vosso agrato.
 Pequey, Senhor: e sinto haver peccado *
 Não pelo vil estado em que me puz,
 Mas por seres quem sois, ò bom JESUS:
 De Vós espero já ser perdoado.
 Oh quem nunca, meu Deos, vos offendera;
 E sempre vos amara firmemente,
 Para que a vossa gloria merecera!
 Mas como Vòs sois Pay, e tão clemente; *
 Com vossa graça já minha alma espera
 Gozarvos nessa gloria eternamente.

Alli começey a derramar copiosas lagrimas de sentimento na presença de Deos, de forte, que nunca me considerey com mayor acão de dor: e depois enxugando as lagrimas, me despedi da santa Imagem.

Entrey na Sacristia, onde achey o Sacristaõ preparando os ornamentos, e o mais necessario, para se dizer Missa. E reparando, vi o grande asseyo, e alinhado com que estava a Sacristia tam bem adornada, alim pela limpeza do Lavatorio, como pela

per-

*
*Et vita erat
 lux hominum
 Joan. 1. 9. 5.*

*
*Tibi soli pec-
 cavi, & mi-
 lum coramie-
 feci. Psalms.
 50. 6.*

*
*Pater peccavi
 in celum, &
 coram te.
 Luc. 15. n.
 21.*

perfeição de hum almario, em que estavam os Calices, e Pedras de Ara, e muy perfeitos ramalhetes, huns de pennas de varias cores, e outros de papel, que todos servião para se põem nos Altares nos dias festivos. E não estavam com menos perfeição dous cayxões de gavetas, onde se guardavaõ os ornamentos da Igreja.

Vi tambem hum quadro encoftado à parede em cima do almario, que teria de alto seys palmos, e quatro de largo: e nelle pintado na parte inferior huma furna, ou bocca como de cisterna, triangular, da qual sahia hum fogo cor de enxofre, e fumo muy negro; e por cima huns vultos, como morcegos, com humas físgas, e harpões, com que estavam metendo naquelle buraco huns corpos despidos, muy negros, e horrendos nos aspectos, que tinhaõ decido muy velozmente, e entravaõ com grande repugnancia, e muy tristemente, porque se mettiaõ pelos ferros; porẽm sahiaõ huns ganchos, ou bicheiros de dentro, que os faziaõ entrar feitos em pedaços pelos golpes que lhes davaõ.

E logo da parte esquerda do quadro estava huma fresta escura, por onde entravaõ huns corpos como de mininos, e não tornavaõ mais a sair.

E da parte direita do quadro estava hum como postigo, ou janella quadrada, donde sahia huma lucerna de fogo muy claro, e luzente, pela qual entravaõ huns corpos nus, e sahiaõ outros vestidos de branco, mais alvos que huma neve, resplandcentes, acompanhados de Anjos.

E em cima, na parte superior do quadro, estava huma muy espaçosa porta oitavada, com luzentes molduras de diamantes, esmeraldas, rubins, safiras, topazios, e outras muy preciosas pedras; e

dentro se divulgava luzente cor de ouro, porém muy transparente, e claro: pela qual porta entravaõ os corpos que daquella terceira janella sahiaõ, acompanhos de Anjos, com muy luzente resplandor, todos vestidos de branco.

E no meyo do quadro se via huma como estante de Livros, de nove degraos; cujo primeiro affento estava cheyo, e occupado de varios estados de pessoas Ecclesiasticas, e Seculares, assim homens, como mulheres.

E no segundo degrao se hia profeguindo a mesma forma, e ordem. Porém supposto que a estante fosse quadrada; e bem espaçosa; hia-se fazendo estreita, e pyramidal, pela diminuição das pessoas, que lhe faltavaõ nos assentos; e acabava no nono degrao a estante em tres pessoas, que eraõ hum Secular, hum Religioso, e huma Freyra. Estava o Secular lendo por hum livro: o Religioso tinha huma Imagem de Christo Bem nosso nas mãos, batendo nos peitos, em pé, suspendido como em extasi: e a Freyra estava de joelhos, com humas contus nas mãos, enxugando as lagrimas.

E como eu não entendesse a significação daquellas pinturas, perguntey ao Sacristaõ a explicação daquelle quadro: e juntamente, que me dissesse, quem o tinha obrado; e quem compuzera os Soneros, e Copla, que eu tinha já lido no alpendre, e aos pés da Imagem de Christo Senhor nosso. E logo me respondeo o Sacristaõ: Que àquelle quadro lhe chamavaõ Espelho da vida humana. E que tanto aquelle paynel, como as laminas, e Soneros, que tinha visto no alpendre, se aos pés do Senhor crucificado; tudo fizera, obrára, e compuzera o Padre Capallaõ, por ser homem muy curioso

rioso na arte da pintura, e Poeta: o qual tambem estava tido por Sacerdote de muita virtude, e claro entendimento, entre os seus frêguezes. E que quanto à explicação do quadro, ma taria presente por escrito. E puxando por huma gaveta do cayxão, tirou hum Livro de mão escrito, e nelle me leo o seguinte.

C A P I T U L O X X V .

Da explicação do Quadro, ou Espelho da vida humana, no qual se trata materia muy espiritual.

PRimeiramente aquelle buraco, ou furna horrenda, triangular, que se vé na parte inferior do quadro; significa a bocca do Inferno. Aquelles vultos em formas de morcegos, são os Demonios. Os corpos que são mettidos a golpes por força, são as almas dos condenados, que já desde que saem deste mundo, os começam atormentar os Demonios por huma eternidade.

A fresta, que se vé da parte esquerda no quadro, he o Limbo, aonde vão as almas dos meninos, que morrem antes de se bautizarem: e por isso entraõ, e não tornaõ mais a sair.

O postigo, ou janella da parte direita, he o Purgatorio, aonde vão todas as almas dos que morrem contritos, e confessados de seus peccados, mas não satisfizeraõ nesta vida as suas culpas com penitencias, e boas obras: e por isso vão purgallos por aquelle tempo, que Deos lhes tem determinado; e depois de terem purgado os reatos da culpa, vão

para a Bemaventurança acompanhados de Anjos. Aquella ultima, e superior porta oitavada, com tão luzentes pedras preciosas, e claro resplendor; he o Ceo, por onde entraõ as almas que vão do Purgatorio, e algumas tambem que saem deste mundo tão justicadas, e livres de toda a mancha de culpa, que logo lobem a gozar da eterna gloria: a qual he tão superior, que só Deos a conhece, como quem a fez para sua morada, e dos Anjos, e Bemaventurados.

Aquella estante, ou escada, o primeiro degrao representa todos aquelles, que vivem neste mundo, e são nelle viandantes: os quaes depois de confessados, tem proposito de não peccar mortalmente; porém não reparando em commetter culpas veniaes, e buscando commodidades da vida, vem a cair em grandes peccados: e por isso estão tão perto do Inferno, e cairão nelle, se não tiverem grande cuidado em si, valendo-se da infinita misericordia de Deos.

No segundo degrao, ou estante, estão os que andaõ com o cuidado de ouvir as inspirações de Deos, e não seguem a vaidade do mundo, fugindo de todas as occasiões de peccado grave, e acodem a todas as cousas de devação; porém deixando-se levar de algumas payxões: e assim não tem fervor para grandes obras de virtude, e vem a cair em muitas froxidões de espirito.

Em o terceiro degrao, ou lugar, estão aquelles, que tem vivido muy perfeitamente, castigando a sua carne, fugindo do mundo, e fazendo grandes penitencias, os quaes exercicios os ajudaõ à virtude; porém fazendo tudo isto com temor das penas do Inferno, e Purgatorio: devendo ser porpuro amor de

de Deos, com recta intenção de o servir, pelos innumeraveis beneficios, que de sua divina mão tem recebido.

Em o quarto lugar estão os que não só fazem penitencias, e outros exercicios corporaes, se não tambem se occupão em oração mental; porém ainda lhes falta o negarem-se a si mesmos: porque em lhes passando aquelle acto de devação, com qualquer adversidade desmayaão: e como tem pouca paciencia, e humildade, e tem dentro de si escondido o amor proprio sem o conhecerem, se vão atrás de seu gosto, ou payxão, sem acharem razão com que se defendão, se precipitaão algumas vezes na culpa.

Em o quinto degrao estão aquelles, que em todas suas obras ou exercicios renunciaão suas proprias vontades, por fazerem a de Deos; e obedecem não só a seus Superiores, se não tambem a qualquer outro homem, que vem que os aconselha com recta intenção do amor de Deos; abraçaão as inspirações divinas; procuraão pureza de coração com muitas obras, e vontades de agradar a Deos; porém às vezes succede-lhes esfriarem, e desmayarem em seus bons propositos, por não terem paciencia.!

Em o sexto lugar estão todos aquelles, que se resignão na vontade de Deos perfeitamente; e deixando a sua propria vontade, perseveraão com constancia em seus bons propositos, buscando com recta intenção a gloria, e honra de Deos; e assim achão a graça do Espirito Santo, que os favorece até o fim.

Em o septimo degrao estão todos aquelles, que com grande proveito sabem prezar os bens da graça,

ça, aceitando tanto o bem, como o mal quando vem, por entenderem que nada se move sem ser vontade de Deos: dispostos para seguirem a sua santa vontade, assim em cousas exteriores, como interiores; imitando, quanto podem, a santissima vida de Christo nosso Redemptor, com a qual não só fazem grandes cousas, mas também soffrem muito: e por isso os enriquece Deos com muitos favores.

Em o oitavo lugar estão aquelles, que todas as suas acções são dirigidas a Deos, e se resignão puramente na sua santa vontade. Estes, succede-lhes serem visitados de Deos nosso Senhor com mais favores, e revelações; porém occultamente, tem se desvanecido de vaidosas presumpções: e nisto excluem todo o amor proprio, porque conhecem que nestes dons, e favores não está a perfeição; porém sim, depois de reconhecerem a sua vileza, vem no alto conhecimento da grande piedade, e misericordia de Deos, que os favorece: e assim vivem em huma alegria espiritual, sotrendo os trabalhos como da mão de Deos, com as esperanças dos bens da gloria.

Em o nono, e ultimo degrao estão aquelles, que com fervorosos exercicios de virtude, e ardentés desejos de verdadeiro temor, e amor de Deos, tem já consumido o amor da carne e sangue, ficando como hum espirito puro, e livres de toda a sua vontade; porque já não vivem se não em Deos, porque também Deos nelles vive. E estes são os mais amados filhos de Deos, em os quaes derrama seus divinos favores, e os leva a seu soberano conhecimento, para que mais o amem. Porém estes quando mais favorecidos, e amados de Deos se vem, então

entaõ mais humildes se fazem na presença dos homens: porque sabem, que mais val a humildade, e a obediencia, do que a mesma oraçaõ, e abstinencia.

Olha agora, ò Peregrino,
Qual destes he o teu lugar:
Se cuydas que o nono he,
No primeiro te acharás.

Satisfeyto fiquey de ter ouvido a explicaçaõ, que taõ individualmente me fez o Sacristaõ do quadro: porèm naõ deixey de reparar no conceito do verso, ou motte, que parece que melhor se naõ podia explicar o Poeta commigo. E logo fiz este discurso: Isto saõ prodigios, ou inspirações, que me quer Deos mostrar, para que eu ma sayba aproveitar, e emendar da minha errada vida.

C A P I T U L O X X V I .

Da relaçaõ, que dà o Peregrino, da conversaçaõ que teve o Pastrano com os que estavaõ no alpendre da Igreja, acerca do que lhe succedeo na Cidade da Babilã. He materia de muita moralidade.

D Espedindo-me do Sacristaõ, me torney para o alpendre, onde achey alguns homens assentados, que esperavaõ pela Missa, por ser dia santo: e entre elles vi hum Capitaõ, o qual no que representava, me pareceo ter mais de cincoenta annos de idade. Saudey, a todos, e absentey-me.

Aeste

A este tempo vinha chegando hum homem, vestido à Portugueza: e assim como entrou no alpendre, nos levantamos todos; e o Capitaõ se anticipou a lhe ir dar agua benta, que elle muy cortezmente accitou. E depois de ter feito oraçaõ, veyo para o alpendre, e se assentou entre os que ahi nos achavamos. Rempeo entaõ nestas palavras o Capitaõ.

Com grande fundamento disse Aristoteles, Senhor João Pastrano, que a distancia em quem ama, aparta o exercicio, mas não o amor: faz divorcio com a vista, mas não com a vontade: impede a familiaridade, mas não o querer. Porque tambem lá disse hum discreto Thebano, que o amor da amizade he huma fome intensivel da falta do tempo, em que se não vê a cousa amada. E por isso com muita propriedade se compara o amor com o fogo, que he o primeiro dos quatro Elementos, assim como o amor he a primeira das quatro payxões, segundo o que diz Salamaõ nos Proverbios. Como o grande fogo se não pôde esconder no seyo: da mesma sorte o amor vehemente não pôde ser escondido. Finalmente todos os officios, e todas as Sciencias desta vida se podem aprender, excepto o officio, ou arte de amar: a qual nem aquelle assombro da sabedoria Salamaõ a soube definir, nem pintar Apelles, nem ensinar Ovidio, nem contar Helenor, nem cantar Orfeo, nem ainda dizer Cleopatra: porque he sem duvida, que só o coração o sabe sentir, e a pura discriçaõ declarar. Trouxe todos estes exemplos, Senhor João Pastrano, para vos significar o quanto sentia a vossa ausencia: que vos posso affirmar, que já me fazieis muy grandes laudes, pelo longo tempo que vos não vejo.

Não

Naõ sem muita razãõ se diz, Senhor Capitaõ, disse o Pastrano, que o primor, e as dadivas sãõ grilhões, e cadeas, que cativaõ, e prendem. Isto posso eu agora dizer, pelo grande favor, e honra, que me fazeis; ficando por isto taõ obrigado à vossa cortezania, que ainda confessando a obrigação, naõ satisfazo o muito que vos devo. Mas, se he certo, que todo o coraçãõ generoso préza muito mais a boa vontade que se lhe offerecc, do que as prendas de mayor valor: sabey que esta em mim he taõ grande, que ficarãõ valendo pouco todos os haveres do mundo, pelo que vos dezejo tributar: e com muy duplicada vontade; pois reconheço em vosso generoso animo o quanto vos conformais com os dictames da razãõ, e preceitos da ley divina.

Como vivo no cabal conhecimento de que nada tendes de lisongeiro, mas antes sim muito de verdadeiro; aceito o cordial affecto com que me tratais, disse o Capitaõ ao Pastrano. Porém o que pretendo saber de vós, he, que me degais, o como passastes de faude, e de negocio na Cidade da Bahia.

Bem de faude, graças a Deos, respondeo o Pastrano. E no que respeita ao negocio: concedey-me licença, Senhor Capitaõ, para fallar ao nosso Reverendo Padre Capellaõ, que vem chegando; e depois satisfarey ao que me mandais.

A este tempo chegou o Padre Capellaõ; e o Pastrano se anticipou a recebello com alguns passos fóra do alpendre, onde se tratãõ com muy grande primor, e satisfazãõ: e depois de entrar para dentro do alpendre o Capellaõ, a todos saudou com muita affabilidade. E logo fallando o Capitaõ

pitão ao Padre Capellaõ, lhe disse : Não podia chegar Vossa Merce em melhor tempo, por estar o Senhor Pastrano para nos dar noticias do que lhe succedeo na Cidade da Bahia : e supponho, que folgará Vossa Merce tambem de o ouvir. Sim por certo, disse o Capellaõ, e já me affento : porque como ainda he cedo, tenho tempo até as onze horas, para poder dizer Missa.

Supposto, Senhores, disse o Pastrano, que para satisfazer o agradavel gosto, que reconheço em vossas vontades de me ouvir, me confidero muy falto de Sciencia, para poder seguir com acerto a narração de minha historia; comtudo, fiado na discreta prudencia de vossas honradas Pessoas, me atreverei a proseguir o que me ordenais que conte.

¶ E para isso me valerey do conselho de Aristoteles, quando disse, que a practica não deve ser tão breve, que mal se possa explicar o assumpto; nem tão dilatada, que moleste aos ouvintes : porque a primeira, pelo coarçado, ficará escura; e a segunda, pelo diffuso, incapaz de se lembrar.

Tambem receyo, que no fio desta historia, diga alguma verdade, que por mal vestida, vá tão nua, e crua, que não seja bem recebida; e mais ainda em tempos que todos folgaõ tanto de andar enfeitados, que até os calvos se cobrem de cabellos postiços : sendo que li eu, que em algum tempo se prezavaõ muito para os lugares dos Senadores, e cargos da Republica. Alem de que, disso deviaõ elles tirar muitos documentos para os acertos da vida, pela representaçãõ em que os poem os annos na semelhança de huma caveyra, em que todos nos havemos de tornar depois de mortos.

Porque parece, que permite Deos, que em tudo nos esteja ensinando o tempo com varios avisos, e advertencias. A huns, faltando-lhes a vista, e por isso valendo-se de oculos; para que vejaõ a pouca duraçaõ da vida na representaçaõ de hum vidro; alem da pensaõ de trazerem os olhos nas mãos, que os podem perder, ou quebrar. A outros, caindo-lhes os dentes, symbolo das forças corporaes; para que se emendem, e não se fiem das forças do corpo, e vençaõ seus appetites, e deixem o espirito dominar a carne. Já retalhando-lhes a outros a cara com rugas; e frangimentos; porque se não desvançaõ com a gentileza; e fermosura. E a muitos, fazendose-lhes brancos os cabellos como neve; porque conheçaõ que já estaõ no inverno da velhice, e que se vão chegando às portas da morte: para que se tirem das janellas da vida, em que se estaõ divertindo com tantas vaidades, devendo só tratar do bem do espirito.

Quasi me vay doendo já o cabello; disse o Capitão. Supponho, Senhor Capitão, lhe disse o Pastrano, que não seráõ os da cabeça; porque como vos vejo com cabelleyra postica, e se mette de permeyo o tecido da coyfa; não receyo que vos chegue à carne. Ainda assim, disse o Capitão, homens ha tão levados da presumpçaõ, que nem no fio da cappa querem que lhes toquem.

Bem me receava eu, Senhores, disse o Pastrano: e por esta razaõ hia tomando os meus salvos conductos. Tão fóra estais, Senhor Pastrano, disse o Capitão, do sentido com que vos fallo, que para melhor me explicar, vos hey de trazer aquelle proloquio por exemplo, que diz: Que muitos lançaõ huma verde, para colherem huma madura.

E co-

E como na arvore de vosso entendimento se achão taõ bellos pomos da discriçaõ; só por colher a doçura delles, usey do presente gracejo.

Podeis continuar o vossa historia, Senhor Pastrano, disse o Capellaõ; que todos estamos com grande vontade de vos ouvir: e supposto que o Senhor Capitaõ mettesse aquelle parenthesi, toy mais por galanteyo, que de picado. Sim por certo, disse o Capitaõ; que do Senhor Pastrano nunca me poderey offender: porque alem de ser muy honrativo em suas palavras para com todos, tenho delle recebido muy particulares affectos de primor.

A taõ sonora melodia, disse o Pastrano, respondeõ por mim os Anjos. Porém havemos de asentar em hum partido, meus Senhores: e vem a ser, que se algum se vir magoado nesta minha narração; conheça, que não he o meu intento molestarlo: porque todo o meu designio he converter moralizando, e não murmurar satyrizando. Assim o promettemos observar, disserão todos. Pois direy, disse o Pastrano.

Parti deste Sitio; e chegando à Cidade da Bahía, saltey em terra. E depois de ter passado varias ruas, e ver muitas casas abertas, nao achey quem me offerecesse agasalho: e alli me confidreyy; qual outro Peregrino só em Jerusaleem. E tomando por huma rua menos frequentada de gente, videntro de huma casa estar hum homem assentado em huma cãdeira, lendo por hum livro: saudey, correspondeo-me cortezmente. Pedi-lhe, me fizesse favor mandar vir hum pucaro de agua: disse-me que entrasse, e deome assento. E vendo huma mulhêr assentada em hum estrado, cosendo em huma almofada, a saudey: a qual com muy bello

bello termo, e honesto recato, me correspondeo : e chamando logo por huma escrava, por nome Diligencia , lhe mandou, que me trouxesse agua. E depois que faciey a fede, e lhes dey os agradecimentos ; me perguntou o dono da casa , onde era eu morador, e a que negocio tinha vindo á Cidade.

¶ Sabey, Senhor, lhe respondi eu, que sou assistente no Sertão. Tive huma carta de hum meu parente do Reyno de Portugal esta frota, na qual me faz aviso, que são falecidos meus Pays, e me deixãraõ de legitimas quatro mil cruzados. E porque para boa arrecadação delles, me pede lhe remetta huma procuração, e que vá essa passada por India, e Mina : venho agora tomar parecer com hum Letrado, como poderey escusar este inconveniente de mandar á India, e à Mina, tanto pela distancia dos lugares, como por não ter pessoas de conhecimento naquellas partes.

Tudo se poderá fazer, e negociar até a manhã às nove horas do dia, me disse o dono da casa. Pague-vos Deos, lhe disse eu, a boa nova que me dais, e o favor que me fazeis. E pegando o dono da casa em papel e penna, me perguntou o como me chamava, e os nomes das pessoas que haviaõ de fer meus procuradores. E depois de lho eu dizer, fez elle huma breve escrita, e chamou por hum escravo por nome Promptidaõ, e com o escrito o mandou à casa de hum Tabelliaõ, para que lhe fizesse aquella procuração, e que estivesse feita no dia seguinte até as oito horas.

E vendo-me eu tam obrigado a favor taõ gratuito, lhe disse : Perdoay-me, Senhor, se parecer atrevido em tomar esta confiança : que para me-

lhor me poder reconhecer por criado desta casa, tomára que me dissesseis o como vos chamais, e esta Senhora. Sabey, Senhor, me disse o dono da casa, que eu me chamo o Desengano, e minha Irmã Dona Verdade.

Graças a Deos, lhe disse eu, que já cheguey a verme na casa do Desengano, e na sala da Verdade. Celebrãrão elles muito o meu dizer. E como era já noyte, mandou o Desengano, que viesse a cea, a qual se tinha feito com Diligencia, e Promptidão, por ordem da Verdade. E depois me deiraõ agasalho com muy boa cama, onde pafsey a noyte.

A repetidos ecos de estrondosos tambores, e sonoros clarins despertey : porque vinha amanhecendo o dia, e por isso com tão alegres salvas de contentamento se lhe rompia alvorada. Levantey-me; e achando já de pè o Desengano, muy cortezmente o saudey : e não tardou muito Dona Verdade, que tem rebuços, nem ceremonias, a ambos nos deos alegres dias. E em quanto se preparou o almoço, que promptamente chegou, se vestio o Desengano : e depois de almoçarmos, pedindo eu licença a Donna verdade, sahimos para a rua.

Caminhamos logo para huma Igreja, onde ouvimos Missa. E depois saindo della, a poucos passos encontramos com dous horrendos, e espantosos vultros negros, vestidos de preto, que me causãrão pavor; porque vinhão com gorras mettidas nas cabeças, e caudas a rasto : e reparey que ambos vinhão descalços : sem duvida, porque delles se não disse se, que eraõ demonios com botas.

Perguntey ao Desengano : Que vultros eraõ aquelles, que mais me pareciaõ fantasmas, que corpos

corpos vivos ? Respondeo-me : Que eraõ dous escravos de hum homem rico , que tinha fallecido os quaes lhe andauão folicitando o enterrio. Bem se poderá tambem cuidar, Senhor, lhe disse eu, que assim como naquellas formas lhe andaõ os escravos no mundo tratando do corpo, estejão os Demonios no inferno atanzando-lhe a alma. Não quero que valha este meu dizer, como sentença definitiua; porém póde-se entender, como razão discursiua. E quanto melhor fora, que todo aquelle superfluo galto se mandasse dizer em Missas, ou dallo aos pobres pelo amor de Deos pela alma do defunto? Porque verdadeiramente semelhantes trajos mais causão horror, e espanto, do que piedade, ou edificação a quem os vé.

Fallais com muito acerto, Senhor, me disse o Desengano. Porém haveis de saber, que procede isso pela mayor parte, de que assim como vivem os ricos no mundo com loucas presumpções, até na hora da morte querem mostrar as suas vaidades. Isto não he dizer, que se deixe de dar sepultura aos mortos, segundo o que manda a Igreja, e se usa nas terras onde foraõ moradores : porque assim o aconselha o Elpirito Santo : *Secundum iudicium coniege corpus illius.* (Eccli. 38. 16.) Quer dizer : Que enterremos os mortos ao uso dos fieis, em cada terra costume, para que não haja no enterramento cousa que se note, ou escandalize. Porém dera eu de parecer (se mo pedissem) que nos occupemos mais em multiplicar suffragios, que em exceder nas demasiadas pompas dos enterramentos; por se não vir a perder tudo por vaidade : e que deixemos esses solemnes enterramentos para os Principes, que se lhes devem fazer por razão de estado.

Dalli a poucos passos, vimos entrar hum homem por huma casa dentro, e sair logo benzendo-se, e fazendo grandes espantos. Perguntey ao Desengano: Que homem era aquelle? Respondeo-me: Que era hum Doutor em Medicina, a quem chamavaõ Medico: e que sem duvida fora visitar ao enfermo a quem assistia; e como o achasse morto, hia fazendo aquellas visagens, para que cuide o povo, que não póde morrer o enfermo sem licença do Medico. Pois; Senhor, lhe disse eu: que sciencia he essa, que não conhecco esse Medico a graveza da enfermidade pelos pulsos, e mais symptomas do achique, para lhe applicar o remedio, ou desenganar ao doente que morria? Porque dos homens he o errar, me disse o Desengano: que se elle conhecesse a doença, e lhe applicasse os remedios convenientes, tal vez que não morresse o enfermo; porque diz o Castelhana: Lá enfermedad conocida, sanada está. Alem de que, tambem as enfermidades tomaõ varios termos, já por se complicarem os humores, já pelas influencias dos Planetas que dominaõ nos corpos sublunares. E muitas vezes succede applicar o Medico hum remedio muy presentaneo a hum enfermo, segundo a arte, e regra da Medicina, para a saude; o qual vem a ser hum refinado veneno para a morte, ou pela debilidade dos corpos, ou tambem pelo muito enchimento, e carga dos humores.

Dessa sorte, Senhor, lhe disse eu, assentemos por maxima certa, e infallivel, que só Deos he o verdadeiro Medico. Ninguem o póde duvidar, me respondeo o Desengano; porque os Medicos, o mais que podem fazer, he applicar os remedios: porém Deos he o que dá a saude. Por isso lá dizia aquelle ce-

le celebre Medico Castelhana , quando o chama-
vaõ para ir curar algum enfermo : Si no es lla-
mamiento de Dios , yo le tengo de dar falud.

E depois de termos andado breve espaço, vi
na mesma rua huma Ermida , ou Capella , muy pin-
tada , e armada , com muitos vidros , e vasos , com
huma alampada acesa diante de hum nicho , e com
assentos por huma e outra parte , onde estavaõ al-
guns homens assentados. Perguntey ao Desengano:
Que Capella era aquella ? Esta casa que vedes ; Se-
nhor , me disse o Desengano , he huma Botica , que
que serve de guardar medicamentos , para os ven-
der aos enfermos. E todos aquelles vasos que alli
estaõ , e o mais naquella se vé , lhe perguntey eu ,
servem para a faude dos doentes ? A metade da
metade , he o que poderà servir , me disse o Desen-
gano : porque os mais , alem de serem de outro
clima , por velhos já estaõ corruptos.

Pois se isso assim he , Senhor , lhe disse eu ; me-
lhores remedios , e medicamentos temos nós no
Brasil , por novos , e por isso mais vigorosos , e be-
nevolos , por serem do mesmo clima , onde por ra-
zaõ natural , melhor devem obrar nos corpos que
delles necessitaõ. Naõ tenho , Senhor , a menor
duvida nesse paticular , me disse o Desengano ; por-
que tenho ouvido dizer , que na America ha tan-
tas virtudes nas plantas , oleos , aguas , e pedras ,
como se podem achar nas mais partes do mundo :
o ponto está em haver quem as conheça , para o
ministerio da faude.

A este tempo , chegamos à casa do Fabaliaõ , a
quem o Desengano no dia antecedente tinha man-
dado fazer a procuração : e entrando dentro do Es-
critorio , o achamos com muitos homens , que to-

dos estavaõ tratando de suas causas. Tirey eu por dinheiro, e o lancey emcima do bofete, em que estava o Tabelliaõ escrevendo: o qual assim como ouvio tinnir as moedas, largou a escrita em que estava occupado, e pegou em hum livro, que lhe chamou de notas; (sem a qual não ficou o Tabelliaõ, pelo arrebatado modo com que deixou as mais partes, por acudir ao dinheiro) e me disse que me assinasse naquelle livro, o que eu promptamente fiz: e logo me entregou o traslado da procuração. E assim como nos vimos servidos, delle nos despedimos, e dos mais, que no escritorio estavaõ: e o Tabelliaõ nos trouxe até a porta, com grande cortejo, e primor.

Com muita razão se diz, Senhor, disse eu ao Desengano: Que muy grande Cavalheiro he o Senhor D. Dinheiro. E supponho deve ser, por andar vestido de armas brancas. Não duvido que assim seja, me disse o Desengano, para com aquelles, que lhe vivem tributarios a seu dominio. E logo dalli despedio o Desengano ao escravo Promptidaõ, para que fosse reconhecer a procuração à casa de outro Escrivaõ, e assinar o reconhecimento pelo Juiz das Justificações.

E continuando nós os passos, fomos até a Praça, onde nos asentamos junto da Casa da Moeda: e dalli me mostrou o Desengano o Palacio dos Governadores, a Casa da Relação, e a Cadea em que estaõ os prezos. Vi andar passeando huns homens pela Praça, vestidos à cortezãa; e perguntey ao Desengano: Que homens eraõ aquelles, que alli andaõ passeando? São Mercadores, me respondeo o Desengano, que andaõ vendo o como poderãõ tirar os cabedaes huns aos outros, com seus tractos,

e dis-

e distractos: e porque alguns querem carregar mais do que suas forças podem, vem a quebrar nos cabedaes. E como se sabe, perguntey eu ao Desengano, quando quebraõ, ou estaõ para quebrar; pela mayor parte, me respondo o Desengano, he quando compraõ caro, e vendem barato: ou tambem quando largaõ as suas casas, e vão buscar as Religões para nellas assistirem; sem serem Religiosos, nem fazerem penitencia de seus peccados.

A este tempo vi passar huns homens com humas varas nas mãos, andando muy apressadamente. Perguntey ao Desengano: Que homens erão aquelles? Respondeo-me: Que erão Meyrinhos, os quaes deviaõ ir fazer alguma diligencia por parte da Justiça; e por isso hiaõ com tanta pressa. Sem duvida estes devem ser os homens, disse eu ao Desengano, de quem li em hum livro intitulado *Tempo de agora*, composto ha mais de oitenta annos; no qual diz o Author, que vira na Cidade de Lisboa, estando em certa rua, vestir a hum o jubão antes da camisa. Não seria sem causa, me respondo o Desengano: porque a Justiça castiga, para emendar dos erros.

Dalli a breve instante vi andar a correr huns homens com papeis nas mãos, e outros debaixo dos braços. Perguntey ao Desengano: Que homens erão aquelles, que taõ apressadamente corriaõ, cheyos de papeis? Respondeo-me: Que erão Solidadores, e Requerentes, os quaes andavaõ enganando, e enganando-se. Como assim, Senhor? lhe perguntey eu. Enganando as partes que os occupãõ em seu negocios, me respondo o Desengano, porque raras vezes lhes fallaõ verdade: enganando-se.

dos estavaõ tratando de suas causas. Tirey eu por dinheiro, e o lancey emcima do bofete, em que estava o Tabelliaõ escrevendo: o qual assim como ouvio tinnir as moedas, largou a escrita em que estava occupado, e pegou em hum livro, que lhe chamou de notas; (sem a qual não ficou o Tabelliaõ, pelo arrebatado modo com que deixou as mais partes, por acudir ao dinheiro) e me disse que me assinasse naquelle livro, o que eu promptamente fiz: e logo me entregou o traslado da procuração. E assim como nos vimos servidos, delle nos despedimos, e dos mais, que no escritorio estavaõ: e o Tabelliaõ nos trouxe até a porta, com grande cortejo, e primor.

Com muita razão se diz, Senhor, disse eu ao Desengano: Que muy grande Cavalheiro he o Senhor D. Dinheiro. E supponho deve ser, por andar vestido de armas brancas. Não duvido que assim seja, me disse o Desengano, para com aquelles, que lhe vivem tributarios a seu dominio. E logo dalli despedio o Desengano ao escravo Promptidaõ, para que fosse reconhecer a procuração à casa de outro Escrivaõ, e assinar o reconhecimento pelo Juiz das Justificações.

E continuando nós os passos, fomos até a Praça, onde nos asentamos junto da Casa da Moeda: e dalli me mostrou o Desengano o Palacio dos Governadores, a Casa da Relação, e a Cadea em que estaõ os prezos. Vi andar passeando huns homens pela Praça, vestidos à cortezaa; e perguntey ao Desengano: Que homens eraõ aquelles, que alli andaõ passeando? São Mercadores, me respondeo o Desengano, que andaõ vendo o como poderãõ tirar os cabedaes huns aos outros, com seus tractos,
e dis-

e distractos: e porque alguns querem carregar mais do que suas forças podem, vem a quebrar nos cabadaes. E como se sabe, perguntey eu ao Desengano, quando quebraõ, ou estaõ para quebrar; pela mayor parte, me respondo o Desengano, he quando compraõ caro, e vendem barato: ou tambem quando largaõ as suas casas, e vão buscar as Religões para nellas assistirem, sem serem Religiosos, nem fazerem penitencia de seus peccados.

A este tempo vi passar huns homens com humas varas nas mãos, andando muy apressadamente. Perguntey ao Desengano: Que homens eraõ aquelles? Respondeo-me: Que eraõ Meyrinhos, os quaes deviaõ ir fazer alguma diligencia por parte da Justiça, e por isso hiãõ com tanta pressa. Sem duvida estes devem ser os homens, disse eu ao Desengano, de quem li em hum livro intitulado *Tempo de agora*, composto ha mais de oitenta annos; no qual diz o Author, que vira na Cidade de Lisboa, estando em certa rua, vestir a hum o jubão antes da camisa. Não seria sem causa, me respondo o Desengano: porque a Justiça castiga, para emendar dos erros.

Dalli a breve instante vi andar a correr huns homens com papeis nas mãos; e outros debaixo dos braços. Perguntey ao Desengano: Que homens eraõ aquelles, que tão apressadamente corriaõ, cheyos de papeis? Respondeo-me: Que eraõ Solicitadores, e Requerentes, os quaes andavaõ enganando, e enganando-se. Como assim, Senhor? lhe perguntey eu. Enganando as partes que os occupãõ em seu negocios, me respondo o Desengano, porque raras vezes lhes fallaõ verdade: enganando-se.

do-se porque se mettem no inferno pelo que muitos obraõ naquella occupação, contra justiça e razão, fazendo disso pouco caso.

Vi tambem huns homens, e atraz delles huns escravos com sacco às costas, e tinteiros e penas nas mãos. Perguntey ao Desengano: Que homens eraõ aquelles, e para onde hiaõ? Respondeo-me: Que eraõ Escrivães, e Tabelliães: e que hiaõ para a Audiencia. E quaes daquelles officios, lhe perguntey eu, são melhores, e mais rendosos? Respondeo-me: Que não havia officio bom para homem ruim; nem officio ruim para homem bom. Que todos os officios davaõ de comer a quem os servia, e de vestir a quem os trabalhava; e só enriqueciaõ a quem furtava. E que por isso se dizia por ironia: Pobre do filho, que seu Pay não foy ao inferno. Isto he, pelo que neste mundo furtou, para o deixar rico.

Ainda não tinha o Desengano acabado de dizer a ultima palavra; quando vi entrar na mesma casa da Audiencia huns homens, e atraz delles huns moleques com papeis. Perguntey ao Desengano: Que homens eraõ aquelles, que tambem encaminhavaõ os passos para a Audiencia? Disse-me o Desengano: Que eraõ Doutores em Leys, os quaes aconselhavaõ as partes para porem pleitos, e demandas: e que tambem faziaõ petições, artigos nos feitos, razões a final, e tudo o mais nas causas, por serem homens graduados, e professores na faculdade de Juristas.

Muy entendidos devem ser esses homens, pois aconselhaõ aos mais, disse eu ao Desengano. Alguns ha tambem ignorantes, me respondeo o Desengano. Porque lá conta Belchior de Santa Cruz

Dueñas na sua Floresta Hespanhola, que estando certo Letrado huma noyte no seu escritorio lendo o Livro Secretos da natureza, achou que escrevera o Author, que todo o homem de barba larga era tolo: pegou em huma vela acesa, e vindo se a hum espelho, tanto a chegou a si a vela, que lhe pegou o fogo nas barbas; e depois de as apagar, com muita pressa, tomou o Livro, e lhe escreveu à margem estas palavras: *Probatum est.* Sobre ser ignorante, não deixou de ser pouco acutelado esse Letrado, disse eu ao Desengano: porque vendo o fogo tão perto das barbas, não prevenio o perigo. Porém tomara que me dissesseis, qual das Sciencias he mais nobre, se a dos Legistas, se a dos Medicos.

Responderey, me disse o Desengano, com o que li no livro de Frey Amador Arracz, Dialogo 8. fol. 220. Escreve este Author, que perguntando-se huma vez em hum Estudo de Grecia, quem havia de preceder, se os Legistas, se os Medicos; foy concluido, que devião ir diante os Advogados: porque quando se faz alguma justiça, o Ladrão vay diante, e o algoz atrás. Muito mal os definiu esse Author, por certo, disse eu ao Desengano. Eu supponho, respondeo o Desengano, que devia escrever apaixonado: porque se não pode negar, que qualquer dessas Sciencias he muito para prezada, e digna de estimação.

Eysque neste tempo vi huns homens com humas hastias nas mãos, e encima humas cruces de ferro, com capacetes nas cabeças. Perguntey ao Desengano: Que significavaõ aquelles homens tão armados? Respondeo-me: Que eraõ Sargentos de Infantaria. E de que servem estes homens na milicia?

licia? lhe perguntey eu. Respondeo-me o Desengano : De comerem as praças dos Soldados na paz; e na occasião da guerra, acautelarem-se do perigo. E quando restituem aos Soldados o que lhes comem? lhe perguntey eu. Quando succede acrescentarem-nos nos postos, me respondeo o Desengano, com lhes darem largas licenças para não entrarem de guarda. Por isso, lhe disse eu, vejo tantos Soldados nesses Sertões, faltando a suas obrigações dos presidios das Praças.

Vinha a este tempo passeando pela Praça hum Clerigo de Ordens menores, todo arregaçado; porém com huma grande corcova nas costas, e descuberto, com o barrete na mão, ao rigor do Sol. Perguntey eu ao Desengano : Que causa teria o Prelado para dar ordens àquelle Estudante, com hum defeito tão disforme? Sendo que tinha ouvido dizer, que dispunha o sagrado Concilio Tridentino, que senão ordenassem homens que tivessem defeitos naturaes. Senhor, me respondeo o Desengano, nada tem de caçunda aquelle Clerigo: e supposto que o pareça pelo enchimento que lhe vedes, he por razão de ajuntar parte da loba, e cappa, para mostrar a veste, calções, e meyas de seda. E que causa tem, perguntey eu outra vez ao Desengano, para vir descuberto ao rigor do Sol? Sabey, Senhor, me respondeo o Desengano, que o motivo de vir assim descuberto, he para que lhe vejaõ a coroa, e saybaõ que já tem Ordens. Pelo contrario o fazem os calvos, lhe disse eu, segundo o que diz o Quevedo : Que antes querem que os tenhaõ por descortezes, do que tirar os chapéos, porque lhes não vejaõ as calvas.

Chegou a este tempo o escravo Promptidão com
a pro-

a procuração reconhecida, e já de todo corrente. E logo nos levantamos; e indo passando pela Cadea, nos chamou hum prezo, e alli com lagrimas, e rogos me pediu huma esmola. Perguntey-lhe: Quantos tempos havia, que estava prezo? e porque causa viera alli? Sabey, Senhor, me respondeu o Prezo, que haverá dous annos que estou nesta enxovia. E a causa porque estou aqui, foy, porque sendo eu official de marcineiro, deixey o meu officio, por ir à Costa da Mina. Para aoprosto da viagem, e fazer huma carregação, pedi duzentos mil reis a risco: e depois de ter feito hum bom negocio em escravos, me roubáráo huns Piratas. Não obstante a minha perda; chegando a esta Cidade, me executou o meu credor; e como não tive com que lhe pagar, requero ao Ministro me mandasse para esta prizaõ, onde estou padecendo intoleraveis miseraveis, alem do grande aperto.

Porque me considero huma cavilha de torno de ferralheiro, sem destas grades me poder tirar. Estou morando na mesma casa do algoz, e junto de malfeitores de mortes, e latrocínios: exposto ao rigor do Carcereiro, que he peyor que hum Comitre de galé. A fome me consome, a sede me cega, os piolhos me mordem, a sarna me abraça, o calor me afsa, o frio me regela, o fedor me acompanha, o aperto me opprime, a calma me abafa, a miseria me tyranniza: e finalmente, meus Senhores, he isto cá outro clima de muy diversa Regiaõ, e de muy infestados ares. Com estar dentro desta mesma Cidade, me considero em hum mar tempestuoso embarcado, em huma tormenta desfeita. Comparo este lugar com o inferno dos corpos vivos,

vos, que nelle vem a parar, pelos grandes tormentos, e apertos, que nelle padecemos.

Por isso se diz, disse o Desengano ao Prezo, que o homem que em hum dia quer ser rico, no outro o enforçaõ. Que esperaveis que vos succedesse, à vista de largares o certo pelo duvidoso; pois já ouvireis dizer: Quem tem officio, tem benefficio. A quantos tem succedido, por largarem o sossego de suas casas, e a companhia de suas mulheres, e filhos, pelos interesses dos cabedaes; virem a perder o credito; a honra, a mesma vida, e tal vez a propria alma (que he o que mais se deve temer) pela demasiada ambiçaõ? E se não, vede. Todos estes cabedaes grangeados com tão grande desvelo, tanto que morre hum desses ambiciosos, cá ficaõ nas mãos de outros interesseiros, fervindo-lhes esse ouro, e prata, de correntes para lhes prenderem as almas, e precipitallos no abismo do inferno.

Fallais com muy larga experiencia, Senhor, lhe respondeo o Prezo: e eu o tenho tambem experimentado em mim; porque com esta minha prizaõ, perdi casa, e mulher, e de meus filhos me tenho apartado. Em quanto usey do meu officio, tive com que passar a vida: mas como me não quiz contentar com minha sorte, vim a soffrer por força a minha desgraça.

Hora Senhor, disse eu ao queixoso Prezo, peço-vos que vos conformeis muito com a vontade de Deos: porque já ouvireis dizer, que nenhũa se vio prezo, que se não visse solto. E entaõ ficareis com mais largas experiencias, para melhor vos saberes haver nos vossos negocios; e não obrareis nada sem maduro conselho: e este vos peço, que não

seja de quem vós quizerdes, se naõde quem vos quizer. E sabey, que muitas vezes permite Deos que padeçamos sen'elhantes trabalhos, e molestias, para nosso bem: porque lá se nos ensina nas Bemaventuranças, que Bemaventurados são os que haõ fome, e sede de justiça, porque elles serã fartos. E supposto que esta fome, e sede de justiça se entenda eipiritualmente no que devemos obrar no serviço de Deos; tambem se pôde tomar no sentido presente, se nos resignarmos com a sua santa vontade. E logo lhe dey huma esmola, de que ficou muy agradecido o Prezo; e delle nos despedimos.

Depois de nos havermos apartado da Cadea, fomos andando por huma rua, onde vimos huma casa de sobrado, que tinha humas sacadas para fóra, e nellas andar paseando hum homem muy apressadamente, fazendo muitas visagens, e batendo com a mão na testa. Perguntey eu ao Desfengano: Que homem era aquelle, que tão apayxonado se mostrava? Porque na verdade mais parecia hum louco furioso, do que homem que estava em seu juizo.

Sabey, Senhor, me respondeo o Desfengano, que he hum Poeta, que alli mora: e sem duvida deve estar para fazer alguns versos, ou glorificar algum mote; e porque lhe naõ corre bem a Musa, por isso anda tão inquieto. Muy rendoso deve ser esse officio, lhe disse eu; pois tanto lhe custa exercitallo. Sabey, Senhor, me disse o Desfengano, que naõ deixa de fer huma Arte de grande trabalho, e quadradeiro de cabeça: e com tudo isso, succede pela mayor parte vir a naõ render nada a quem nella se occupa. Mas antes acon-

tece gragear muitos inimigos, se dá o Poeta em ser maldizente, e satyrizante nos versos que faz; alem de se expor às notas do vulgo: porque os ignorantes os motejião, os criticos os reprovão, os politicos os vituperaõ. E só os discretos os louvaõ por saberm que lá disserão os Sabios Antigos, que os Poetas fallavaõ ao divino, por ser huma Arte, que necessita de muito entendimento, e grandes partes, para se obrar bem.

E de que partes necessita hum homem, perguntey eu ao Desengano, para ser bom Poeta? Primeiramente, me respondeo, he necessario ser muy lido em toda a lição das Letras divinas, e humanas: conhecer todos os Signos, e Planetas celestes: saber as fabulas dos Antigos, e suas origens. E para ser universal, deve entender todas as Sciencias, Artes, e officios: e depois disso, estudar muy presente nas regras, e preceitos da Arte Poetica, para saber de quantos pes se compoem o verso que pretendes fazer, e de quantas syllabas: e ver se acabaõ em agudos, ou quebrados; fugindo dos longos, e curtos. Deve tambem accommodar, e enxerir ao intento as fabulas, equivoocos, e pancadas, no sentido de que trata. E finalmente, he hum processo infinito, dizer o de que carece hum Poeta, para fazer bem versos.

Desa sorte, Senhor, lhe disse eu, me parece que ha mister hum homem desces huma cabeça mayor que o corpo, para accommodar, e recolher tanta fabrica poetica. Naõ vos pareça, Senhor, me disse o Desengano, que necessita de pouca capacidade de entendimento, e juizo: e com isto ser assim, muita gente os tem por loucos. E de que procederá isso, Senhor? perguntey eu ao De-

sen-

fengano. De verem, me respondeo elle, que se occupaõ os Poetas com tanto trabalho, e deivello, em cousa que tão pouco lhes rende, e aproveita; e como só trataõ de fazer versos, não procuraõ do que necessitaõ para se poderem remediar. E daqui procede pelá mayor parte serem pobres, por desprezarem as riquezas, que os mais homens (e tal vez de menos entendimento) tanto prézaõ.

Já a este tempo citavamos defronte da casa do Poeta, a quem laudamos; e elle nos correspondeo com muy grande primor, e cortezia. E logo disse o Poeta ao Defengano: Sabey, Senhor, que aqui estou de pela manhã até a estas horas, sem poder glosar hum mote, que se me pedio glosasse: tenho escrito duas folhas de papel, e ambas risquey, sem poder acabar a glosa.

Poderse-ha, Senhor, repetir o mote? lhe perguntou o Defengano. Sim por certo, lhe disse o Poeta.

M O T E.

Que he o melhor Poeta.

Eu o glosára assim, lhe disse o Defengano.

G L O S A.

A penna, que mais discreta

Ao divino descrever,

Desto pôde dizer

Que he o melhor Poeta.

Agora venho eu a entender, Senhor Defengano,

no, lhe disse o Poeta, que melhores são os vossos repentes de caminho, do que os meus vagares de pensamento.

E despedindo-nos do Poeta, entramos em huma rua menos frequentada de gente: quando vimos vir passeando hum galhardo mancebo, custosamente vestido de grã vermelha, guarnecido de luzentes galões de prata; com huma branca cabelleira toda polvilhada; chapeo pardo na cabeça, no qual trazia hum rico cairel de ouro, com brancas plumas; e no pescoço huma garavata rendada; com hum bastaõ na mão. Acompanhavaõ-no muitas mulatas, e criolas bem vestidas: e atraz desta comitiva o seguiaõ dous pagens, e huma cadeira de andas custosamente ornada de luzentes vidraças crystallinas. E reparando notey, que trazia por calções huma faya vestida, porèm à moda Franceza. E logo perguntey ao Desengano: Que individuo quimerico, ou fantasmatico era aquelle, que eu não sabia distinguir? E se era alguma machafemia, a quem chamaõ Hermafroditas?

Bem conheço, Senhor, me respondeo o Desengano, que he o vosso reparo fundado em muita razão. Porèm sabey, que o que tendes visto, he huma mulher casada, a qual, por lhe fazer a vontade o marido, sendo Portugueza, a traz vestida à Franceza, com todo aquelle apparato; ou, para melhor dizer, desalinho.

Quem tal cuidara! disse eu ao Desengano. Que chegássemos a ver nas Matronas Portuguezas semelhantes modas no vestir! Aquellas que de todas as mais nações do mundo foraõ veneradas, e envejadas tanto pelas suas inexplicaveis virtudes, como pela modestia com que se ornavão quando sabião fóra

fóra de suas casas. E basta que chegou a dizer huma grande personagem Estrangeira estando em Lisboa : Que mais receava conversar com huma Matrona Portugueza, do que tratar com os Cavalheiros Lusitanos : porque estes eraõ em extremo muy Cortezãos, e Palacianos; e aquellas muy severas, recatadas, e no vestir muy honestas.

Fallais com muito acerto, Senhor Pastrano, me disse o Defengano. Porém mais para se estranhar, e notar, he ver o como se trataõ neste tempo alguns Portuguezes, que mais parecem representantes figuras de Comedias, pela variedade das modas de que usaõ; do que esforçados Soldados, ou Cortezãos Lusitanos. Sendo que foy huma nação, que fez temer Roma, asombrar Castella, pasmar França, admirar Inglaterra, fugir Olanda, castigar o Othomano, sujeitar a India, cativar a Ethiopia, dominar a America : finalmente aquelle paímo do esforço, que conquistou, dominou, rendeo, e venceu todas as quatro partes do Mundo, com poder, saber, destreza, e valentia, como o publicação esses Annaes da Fama por todo o Orbe.

E por isso parece, que de envejasas as Dalilas das mais nações, se conjuráõ contra os esforçados Samsões Portuguezes para os destruirem, até que lhes fizeraõ cortar os cabellos, tirando lhes as forças; mettendo-lhes coifas nas cabeças, que são as cabelleiras, untadas de oleos amansativos, e polvilhadas com pós de cegueira, para que não vejaõ o como os enganaõ; e amansaõ : tirando-lhes as fortes espadas, e mettendo-lhes rocas nas cintas, isto he, os cotós, e espadins, de que usaõ agora os cegos, e melindrosos Portuguezes.

He isto tão certo, que vos digo, que ha homens, que por não desmancharem os crespos roquetes das cabelleiras, antes se deixarão abraçar do Sol, e molhar da chuva, do que pôrem os chapéos nas cabeças. E outros vi eu, que por lhes não cairem os pós das cabelleiras, não abaixarão as cabeças, ainda que lhes fação grandes cortezias. E sendo que sabem todos, que manda a Igreja, que todos os annos se nos ponhaõ pós de cinza nas cabeças, para que tenhamos lembrança da morte, e para que vejamos que em pó nos havemos de tornar; agora estou vendo, que os lançaõ os homens para se esquecerem da morte. E o peyor he, que ainda muitos velhos, devendo com mais razaõ ter presente esta lembrança; pelo contrario o estaõ fazendo, por se esquecerem do que devião sempre cuidar. Oh cegueira dos viventes! Oh desgraça dos mortaes! Quem te poderá emendar, e desenganar, antes de chegares a teu precipicio, e perdição!

E vede agora, como poderãõ estes taes ser ligeiros Soldados, e destros guerreiros, vivendo com tantos melindres, e resguardos. Porém nasce esta desgraça, sem duvida, por andarem os Portuguezes cegos, e prezos pelos cabellos pelas mãos das mais nações. A este respeito vos contarey o que vi, sendo ben rapaz, trazerem as mulheres por enfeites, e toucados nas cabeças: e vinha a ser, que se usava naquelles tempos huna moda, que chamivaõ patas, feitas tambem de cabellos, porén prezos em arams. Foy crescendo tanto a densiada moda, e com tão superfluo custo, que havia patas que custavaõ vinte, trinta, quarenta, e cincoenta mil reis: e tão disformes, que para
poder

poder entrar huma mulhet com este enfeit nas Igrejas, era necessario que estivessem as portas desimpedidas de gente. Vieraõ depois a chamar a este uso defenganos. Corréraõ os annos, atè que se defenganáraõ de forte, (com ferem mulheres) que lançáraõ as patas fóra de si ; e nem por isso ficáraõ feas.

Assim tambem he justo que succeda agora aos homens com a presente moda , ou abuso das cabelleiras, de que fallamos. No principio chama-vão aos cabellos postiços, cabelleiras ; agora chamaõ-lhes perucas : devendo chamar-lhes *Spluncas*, que em Latim quer dizer covas de Ladrões ; porque com ellas roubaõ os Estrangeiros o dinheiro daquelles, que lhas compraõ para se enfeitarem. Melhor dissera , para se sujarem : porque antes destas modas estrangeiras, vestiaõ-se os Portuguezes, para andarem limpos ; e hoje vestem-se, para se sujarem. E isto com tanto custo, e dispendio, que bem se podéra escusar : como dantes se escusava, e nem por isso deixavaõ de ser muy prezados, e estimados ; e tal vez que mais livres de tantas offensas contra Deos.

Atè por conveniencia se devia escusar esta desnecessaria moda. Porque, se vissem com attençaõ os Portuguezes a quantidade de ouro, e prata, que fac todos os annos do Reyno de Portugal, e suas Conquistas para os Reynos, e terras estranhas, a troco destas drogas ; haviaõ de repellar-se, e lançar de si fóra as cabelleiras. E entãõ veriaõ, e conheceriaõ ; que os não desemparrou tanto na pròvida Natureza, que os não cobrisse de cabelos sufficiente para se repararem das injurias do tempo, e lues servirem de compostura para o rosto.

Porém muitos por falta deste conhecimento, ou por ingratos a este beneficio, estão cortando os seus proprios cabellos, e tal vez muito meliores dos que compraõ por dinheiro, para se ornarem, ou sujarem de cabellos alheyos: sendo tal vez estes de Hereges, gallicados, e cheyos de outros males contagiosos; se já não são de animaes irracionaes. Aqui se me offerencia muito que vos dizer; porém passo de salto, por me não embarçar em cabellos.

Finalmente, se isto bem considerassem os esforçados Portuguezes, tornariaõ a pegar nas suas fortes espadas, com que fizeraõ tantas proezas por todo o mundo; e largariaõ os ridiculos cotões, e espadins, de que fazem agora tanta estimação.

Dirme-haõ alguns destes professores de semelhantes usos, e amantes das cabelleiras: Que as modas antigas já não parecem bem, por velhas. Mas a isso lhes respondo, que os vestidos não fazem aos homens; porém si os homens aos vestidos. Porque já ouvirieis dizer, que a purpura não faz o Orador.

De mais que, bem antigos são os habitos nos Religiosos; e nem por isso deixaõ de ser muy prezados, e bem vistos de todos. E nos Seculares, velhas, e bem velhas são as becas dos Ministros Desembargadores; e nem por serem velhas deixaõ de ser muy estimadas nas Cortes dos Principes, e de todo o povo muy respeitadas.

Porém o que he mais para sentir, e chorar nesta tão esclarecida nação, he ver que sendo muy promptos em todos os seus cinco sentidos, se vão fazendo cegos, surdos, e mudos. Como assim, Senhor? lhe perguntey eu. Porque havcis de saber,
me

me respondeo o Defengano, que o Judeo he cego, o Herege furdo, o Gentio mudo: e pela grande amizade, e correlaçõ que vão tendo os Portuguezes com estas intestas nações, vão tambem prevaricando por algumas dependencias.

E por essa razão tomãra eu agora dar hum brado, que se ouvisse em todo o mundo, e defenganasse a esta tam heroica nação, para que vissem, ouvissem, e fallassem, por zelo de Deos, e amor da Patria, como sempre o fizeraõ, procedendo firmes, e constantes na Fé Catholica: e por isso foraõ taõ mimosos, e favorecidos de Christo Bem nosso, como a experiencia nolo tem mostrado com tantos prodigios, e milagres. E não cuidem as mais nações, que fallo apayxonado; porẽm sim fallo como Portuguez defenganado, e Irmaõ da Verdade.

E nesta pratica fomos tratando, até que chegamos a casa: e porque era já meyo dia, achamos a meza posta, e jantamos. E depois de darmos graças a Deos, me pedio licença o Defengano, para se recolher a passar a festa: e me disse, que tambem eu podia descansar. Escusey-me, dizendo-lhe, que o não tinha por uso, porque me fazia mal o sono meridiano.

Sahio a este tempo a Dona Verdade; e depois de me saudar muy cortezmente, me disse: Já que, Senhor Pastrano, vds, e nós tivemos a dita de vires a esta casa; quero tambem, que leveis alguns documentos meus, que em algum tempo vos poderãõ ser de proveito, se os observardes com recia intençaõ.

Por prendas de mayor estimação, Senhora Dona Verdade, lhe disse eu, prezarey sempre os vos-

fos conselhos : porque sey , que nunca poderey errar , sendo advirtido , e ensinado por vossos discretos dictames.

Avisos exemplares da Dona Verdade.

PRimeiramente , me disse a Dona Verdade , vos encommendo muito , que seja o antidoto para vossa alma o santo amor de Deos : e a Remora para o não offenderes , o seu santo temor. No mais , que obrardes , fazey por amar com temperança. Servi com cuidado. Sofrey com paciencia. Fallay com medida. Visitay sem molestia. Promettey o que puderdes dar. Não digais tudo o que souberdes. Dissimulay as offensas. Não vos tomeis com os que mais podem. Não sejais facil em crer tudo o que ouvirdes. Não julgueis de ligeiro , sem primeiro cuidar. Não concedais tudo o que se vos pedir. Não sejais prompto em prometter. Não vos resolvais sem maduro conselho. Não sejais facil em tratar a todos com risco de seres desestimado. Trabay verdade com todos. Fugi da lisonja. Procuray emendar em vós , o que vos parece mal nos outros. O que não quizerdes que se saiba , não o digais a outrem. Sede reportado no fallar sem necessidade. Tende por certo , que o silencio assegura ao prudente , e acredita ao necio. Se tiverdes occasião de mandar , sede antes pio , que rigoroso : porque melhor he perdoar com brandura , que castigar com severidade. Fugi de officios publicos ; porque he certo , que quem lida com papeis , não pôde passar sem penas , e raras vezes se acha na corrente dos negocios paz no espirito : e vede , que ter hum olho no Ceo , e outro na terra cau-
sa

fa fealdade. Não vos queirais mortificar por outrem, mettendo-vos no inferno. Fugi de toda a confusão; porque a melodia, melhor se ouve no silencio. Fazey pro aproveitar o tempo em boas, e santas occupaões; porque gastallo mal, he furtallo a Deos. A humildade de coração livra, e defende de innumeraveis perigos. Nunca desprezeis a outro, por humilde que seja; sendo sabio, e virtuoso. A todo o Sacerdote respeitay muito; porque são na terra Ministros de Deos. Finalmente, se não desprezardes o mundo, e amardes a Deos é ao proximo, nunca podereis ter paz no espirito: porque todo o nosso cuidado deve ser amar a Deos, como fonte, mar, Cco, e centro das nosas almas.]

Não sey com que palavras, Senhora Dona Verdade, lhe disse eu, vos possa manifestar o quanto me reconheço obrigado dos grandes beneficios, que de vós, e do Senhor Desengano, vosso Irmaão, tenho recebido; pois me parece, que nunca cabalmente os poderey pagar. Quiera Deos dar-me saude, e vida, para em parte me poder mostrar agradecido de tão bom agasalho, e saudaveis conselhos, que me tendes dado.

Sabey, Senhor Pastrano, me disse a Dona Verdade, que nos não persuade a fazer-vos estes agasalhos o interesse da remuneração de vossa liberalidade: porque supposto que não sejamos ricos de bens temporaes, não somos tão mendigos, que não possamos passar a vida sem experimentar estas inforportaveis miserias; porque a divina providencia nos soccorre com que podemos viver: e segundo b' que lá diz o rifaão, Rico he aquelle, que com o que tem se contenta. Isto, que tendes ex-

perimentado de nós nesta casa, costumamos fazer a todos os que nos parecem que vivem defengandados das vaidades do mundo, e ajustados aos dictames da razão, e preceitos divinos.

E levantando-se da fésta o Defengano, logo me deo todo o necessario para escrever para o Reyno: o que brevemente fiz, e dentro da carta metti a procuração, e a entreguey ao Defengano, para ma remetter para Portugal.

Alli pafsey toda a tarde em conversação com o Defengano, e a Dona Verdade. E fiquey admirado, e ablorro, do que me contárao dos atrozes vicios, e horrendos peccados, que commettiaõ naquella Cidade os seus moradores, tanto sem pejo, nem temor de Deos: affirmando-me, que por isso receavaõ algum grande castigo à Cidade, e a seus habitadores. Atè que anoyteceo, e me fizeraõ o mesmo agasalho, que já me tinhaõ feyto na noyte antecedente.

Despertey a tempo, que os Religiosos da Cidade, sem que jogassem ao vinte, conformente cincáraõ. E reparando notey, que sendo isto no jogo erro, foy nos metaes acertado: porque como viraõ a Aurora, e logo hum luzeiro claro, suppozeraõ ser o Sol, de quem se viaõ abrafados; e por isso em silencio se ficáraõ no sagrado, mettidos em altas torres, porèm prezos a bom recado. E logo fahio o Defengano, e sua Irmaã Dona Verdade, e me deráõ os alegres dias, que eu accitey com hum cordial affecto. E pedindo-lhes licença para seguir a minha viagem, (porque tinha ouvido dizer, que os hospedes aos tres dias enfadaõ) com effeito delles me despedi, com demonstrações de muy grande agradecimento pelo bom agasalho, que me tinhaõ feito.

E che-

E chegando ao Caes da Cidade, achey huma embarcação, que seguia derrota para o Porto de Santo Amaro, na qual me embarquey : e saltando em terra, me puz a caminho; e sem me doer pé, nem perna, com muy bom successo, cheguey à minha casa, haverá dous dias, Esta he, Senhores, a relação, que vos posso dar do que me succedeo, na Cidade da Bahia.

Na verdade, Senhor Pastrano, lhe disse o Capitaõ, que melhor nos não podicis satisfazer, pela agradavel narraçãõ, que acabastes de repetir. Porém o que me admira, he, que em tão breve mappa tendeis visto tanto mundo, e em tam pouco tempo tendeis descuberto tantos successos. Pois sabey, Senhor Capitaõ, lhe respondeo o Pastrano, que para ver o mundo, e o que nelle passa, não he necessario corrello; porém sim basta reparar no que nelle succede : e em quanto ao que vi, e ouvi na Cidade da Bahia, vos não disse a terça parte do que vos podia dizer. Fallais com muita certeza, Senhor Pastrano, disse o Capellaõ; que está hoje este Estado do Brasil, e principalmente a Cidade da Bahia, peyor do que esteve a Cidade de Lima, quando por semelhantes culpas foy castigada.

Já que fallastes nessa materia, Senhor Reverendo Padre, disse o Capitaõ, tomára que me contaes esse successo : porque supposto que varias vezes tenha ouvido tocar nelle, nunca tive a ditto de o ouvir repetir individualmente; nem achey pessoa que me foubesse explicar o como acontceeo esse castigo, sendo tão notavel. Eu o tenho escrito, disse o Capellaõ. Muito favor me fareis, Senhor Reverendo Padre, disse o Cappitaõ, se mo

fizerdes presente. E logo chamou o Capellaõ pello Sacristaõ, e lhe mandou, que trouxesse hum livro que estava dentro de huma gaveta do caixaõ da Sacristia. E assim como chegou, conheci ser o mesmo, no qual me tinha lido o Sacristaõ a explicação do Quadro da vida humana. E nelle leo o Padre Capellaõ na forma seguinte.

C A P I T U L O XXVII.

Copia de huma Carta escrita da Cidade de Lima ao Presidente das Chãrcas na qual se lhe conta o infeliz successo, e ruina, que causou o tremor da terra em toda aquella Cidade, aos vinte de Outubro de 1687. desde as quatro horas e meya da manhã, até as sete e meya do mesmo dia.

MAis tempo havia de hum mez, que huma Imagem de Nossa Senhora, que estava em casa do Doutor Joseph Calvo (Ouvidor que foy desta Real Audiencia, de gloriosa memoria) estava suando, e chorando copiosissimas lagrimas continuamente, com admiração de muitas pessoas de conta, e dos Padres da Companhia de JESU, que o hiaõ ver. E correndo fama, foy tambem o Senhor Vice-Rey com sua mulher e familia a ver este prodigioso milagre. E posto que se hia divulgando, naõ se fazia caso de nada, nem diligencia alguma, para aplacar as demonstrações, que fazia a Virgem Santissima, como taõ piadosa, e verdadeira Mãe nossa.

Levou o Senhor Arcebispo para sua casa a santa Imagem : e sendo no mesmo tempo, se foy con-

valc-

valecer ao Calhao de Lima, distancia de duas leguas desta Cidade, aonde concorria muita gente ao despacho da Real Audiencia, e tambem os da Armada, que sahio ao Domingo à tarde, aos dezanove deste presente mez da Outubro.

F logo no seguinte dia, às quatro horas e meya da manhã, começou a tremer a terra piadosissimamente, para dar tempo aos dormentes, que se levantassem, e fugissem; porque hiaõ continuando os tremores de mayor à mayores, de tal sorte, que dentro em meyo quarto de hora chegou a tal extremo, que parecia já o terrivel juizo, e que se acabava o mundo. Porque o ar dava bramidos, como touro: os edificios, portas, e janellas cabiaõ com tanto estrondo, como se em hum mesmo tempo tocassẽ cem caixas de guerra juntas; ou se dessem golpes em as portas, como nas trevas na semana santa. A terra ao mesmo tempo tremia de sorte, que não havia pessoa, que podesse estar em pé, mas prostrandõ-se por terra, sem achar refugio de piedade: temendo todos que se abrisse a terra, e nos tragasse a todos vivos; pois não se esperava outra cousa com a repetiãõ grande dos continuos tremores.

Começãõ logo a cair os telhados, e paredes das casas, causando com isto mayor confusãõ a todos. O pô se levantava às nuvens, cegando-nos esta turbaçãõ, e deixando-nos muito confusos, pemma muy pouca luz que a Lua em os principios de seu minguate nos communicava em tão infausta madrugada; de mais que, alguns dias antes, não só a Lua havia escurecido, mas tambem o Sol, e as Estrellas; e nesta grande escuridade se não via, nem ouvia, mais que relampagos, e trovões: mo-

fran-

strando-se o Ceo triste da notavel ruina, que ameaçava aos homens a ira de Deos. E assim, por todas as ruas andavaõ homens, mulheres, e meninos nus, e em camisa, do modo que fugiaõ de suas casas, chorando amargamente, e pedindo a Deos misericordia.

Na verdade se pôde comparar esta Cidade com a de Ninivè em aquelles tres dias de penitencia, com a prègação do Profeta Jonas: lembrando-nos alguns de nós do Padre Frey Luiz Galindo, Servo de Deos, o qual oito dias antes deste terrivel espectáculo havia convidado aos ouvintes, a campanha tangida, que importava muito ao povo, que fossem ouvir seu Sermão à Igreja Mayor, Metropole desta Cidade de Lima; e que não ficasse pessoa alguma, que lhe não fosse assistir no dia assinalado para o sermão.

Ficou sentidissimo o dito Religioso da pouca gente que lhe assistiu; porque não chegavaõ a doze pessoas. E pediu a estes poucos que o ouviraõ, servissem de Prègadores a toda a Cidade, e da parte de Deos os admoestassem, que se guardassem da sua ira, e estivessem alerta até os deztoito de Outubro; porque haveria hum grande terremoto, e muy espantoso, o qual nunca se havia visto em estes Reynos, e or ultimo se assolaria toda esta Cidade. Que aplacassemos a ira de Deos: porque nossas culpas occasionavaõ estes rigores, bem merecidos pelo protervo de nossos corações negligentes a tão repetidas vozes de tantos Ministros Sacerdotes, e revelações de tantos Servos seus, que nos tem prègado com tantos tinaes antecedentes, e desigualdades de tempos. E com esta memoria, clamavaõ todos ao Padre Galindo, que, pois era

San-

Santo, intercedesse por todos.

Ao cabo de mais de meya hora cessou o tremor, e pudemos (ainda que com bastante risco) entrar em nossas casas antes que amanhecesse, a tirar nossas roupas de vestir. A's seis horas da manhã acudiraõ todos à Praça mayor, onde estavaõ os Prègadores exhortando a penitencia; e dahi forãõ muitos aos Conventos a confessarem-se, e commungarem. E estando nestas diligencias, segundou outro mayor tremor, que o pasado; o qual dirribou todas as Igrejas, Conventos de Frades, e Mosteyros de Freyras, com o resto de todas as casas desta Cidade : de tal sorte, que as paredes, que todavia haviaõ ficado em pé, estavaõ taes, que se mandãraõ derribar, porque não causassem mais mortes das que causãraõ as que cairãõ, que são innumeraveis; e os mortos são de todos os estados. Porque haviaõ acudido a S. Domingos, e Santo Agostinho, e nas mesmas Igrejas os matou a todos o tremor, e na rua aos que hiaõ passando. Em S. Domingos cairãõ dous grandiosos troços da torre, que huma arrasou algumas Capellas, e outra todo o Coro, que apanhou debaixo infinita gente. E na dita Igreja escapãraõ sómente os que se acolherãõ para a Capella de Nossa Senhora do Rosario, a qual ficou saã, e salva.

A torre de Santo Agostinho, com o resto do telhado do corpo da Igreja, cahio, e matou muita gente, que estava dentro della : na qual morrerãõ tambem muitos Religiosos de Missa, Leigos, e Serventes, que até o presente se não averigua quantos foraõ, pela grande confusaõ em que todos estamos com a repetiçaõ de tantos tremores, que segundo os contemplativos, passaõ já de duzentos

tremores em tempo de oito dias.

Em o Convento de S. Domingos passou o mesmo por dentro, que no de Santo Agostinho, que tem enterrado debaixo de suas ruinas maquinas de gente, de que tambem se não sabe o computo de quantos sejaõ mortos: e tudo he chorar, e gemer debaixo dellas, sem a ninguem se poder valer; e nõs esperando outro mayor terremoto.

Cahio tambem o Convento de Santa Clara, assim a Igreja, como todo o Campanario, e Coro: e colhendo a muitas Freyras rezando, as sepultou, e a muitas Criadas, e Seculares, de que tambem se não sabe o numero; porque cairaõ todas as Cellas de dentro, e as paredes da rua que vay por detraz do Carmo. Sahiraõ por cima dellas as que escaparaõ, procurando a seus parentes, para que as recolhessem, vistaõ, e sustentem; pois sahiraõ as mais dellas nuas, da sorte que estavaõ em suas camas. Como sahiraõ as filhas de Dona Grimaneza, chorando pelas ruas, procurando a seu Pay, e Mãy, que estavaõ todos perdidos com sua familia em huma Horta; porque todas as suas casas, assim da Cidade, como fóra della, se tinhaõ arruinado com os grandes tremores: e ficaraõ as Freyras taõ pobres, que nem onde se recolhessem tinhaõ, mais que a Horta onde estavaõ amontoados, pedindo a Deos misericordia. E algumas Noviças, e Criadas, apartando-se dellas, sahiraõ pelos telhados, e andaõ continuamente pelas portas, e arrebaldes, para sustentarem as pobres Freyras: e romperãõ huma parede da Cerca, para lhes entrar o sustento, e esmolas; porque não havia lugar pelas portas, nem patios que cahiraõ. Em alguns lugares destes se ouvem vozes pedindo soccorro, que

que as tire debaixo daquellas ruínas : mas não he possível ; porque são muitas as Cellas caídas , humas sobre outras , e grande o risco que ameaçaõ as outras , que ellas como dependuradas , para cairem todos os instantes : e assim haõ padecido muita fome as que se achaõ vivas debaixo das ruínas , sem se poderem remediar.

Tambem cahio o frontispicio da Igreja Cathedral , com sete abòbedas da Capella : e as que não cairãõ ficããõ taõ damnificadas , que serã forçofo derriballas , para se tornar a cobrir toda a Igreja de novo. Sómente o Sacrario ficou livre , sem ser tocada de nada destas ruínas.

Tambem cahio todo o Convento da Conceiçaõ : e as Freyras se sahiraõ todas com licença do Senhor Arcebispo , e se passããõ a outro Convento , que de novo se fazia. Cahiraõ todos os demais Conventos de Freyras , do Prado , das Carmelitas de S. Joseph , de Santa Catherina , e o da Encarnação ; e sómente ficou o das Carmelitas Descalças.

Cahiraõ as obòbedas da Igreja de S. Francisco de meya laranja , e toda a Capella de Nossa Senhora de Aranzara ; e sómente a Cerca não recebeo dano algum. Cahio tambem todo o Convento das Mercês , e o de S. João de Deos , com todas as Recolletas : como tambem a Igreja do Padre Castilho , com o meyo arco da Ponte. Cahio tambem S. Lazaro , e Santa Anna com todos seus Hospitales : e os mais Hospitales , o de S. Barthelomeo , o de Santo André , e Caridade. E finalmente , basta que em huma Cidade taõ populosa , como esta de Lima , com taõ copioso numero de Templos , não ficasse nenhum em pê , mais que o das Carmelitas Descalças,

casas, e o dos Padres da Companhia de JESU; se bem que todo o Claustro se lhe arruinou. De modo, que destes Templos, huns cahirão; outros, he necessario acaballos de arrasar, para se reedificarem.

Tabem se arruinou todo o Palacio Arcebis-pal, e cahirão os Corredores pela parte de dentro. E do mesmo modo se arruinou o Palacio Real. Cahirão as Salas das Audiencias, e toda a sala do Crime, e Tribunal de Contas; onde dizem os Prêgadores que se haviaõ feito tantas injustiças contra os Póvos, cujos gemidos, e lagrimas chegáõ ao Tribunal Divino, a provocar sua Divina Justiça. Cahirão os Carceres, e a Enxovia desta Cidade: e fugirão todos os prezos, que aqui haviaõ trazido dos Navios Cofsarios, que nesta Costa tem feito tantos estragos e latrocinios, botando gente em terra, e cativando muitos Póvos, e Lugares, onde foraõ apanhados estes. E querendo fugir da Cidade, a Virgem nolsa Senhora lhes appareceo dando-lhes claridade, para que se pozessem em parte, onde caindo as paredes lhes não fizessem mal; e lhes mandou se fizessem Christãos, como elles o publicáraõ: e pela manhã confessando-se, e recebendo os Sacramentos da Igreja, abjuraráõ a herefia.

Affolou-se finalmente toda a Cidade, sem ficar cousa de proveito, e todos os Portaes da Praça em contorno: quebráraõ-se os Pilares, caindo gattões, ramadas até a profundo; e as Tendas dos Mercadores se afundáõ, e tudo está debaixo destas maquinas; e se vão desenterrando algumas roupas. Em todos os Mosteyros de Frades e Freiras morreo muita gente, e tambem em todas as demais casas,

casas, principalmente debaixo dos Portaes dos Escrivães : porque com o repentino tremor das seis horas e meya, e haver-se escurecido a Praça com infinito pó, os matavaõ as pedras, e telhas. Os corpos, que até o presente se tem tirado destas ruinas, pãsaõ de duzentos, e se hãõ sepultado nos Cemiterios sem forma de enterro. Desses hãõ sido muitas pessoas de conta, como D. Joãõ Ramirez com toda sua grande familia, que morreraõ todos juntos debaixo do patio de sua casa : porque querendo-se sair fóra della, fugindo a tantos tremores; estava já a porta tapada com humas taipas, que tinhaõ caido de cima, e lhes detiveraõ a saida; e nesse mesmo tempo cahio o patio, e os sepultou a todos.

Muitos fugiaõ das casas, temendo suas ruinas; mas na rua o pagavaõ : porque as casas que cahiaõ, a muitos sepultavaõ. Parecia esta confusão hum dia de juizo, com a grande lastima dos vivos, que viaõ padecer, e ouviaõ gemer a tantos debayxo daquellas ruinas, sem nenhum lhes poder ser bom, nem valer.

O Calhao de Lima, que dista duas leguas desta Cidade, depois de assolada ella, se alagou : porque com o tremor das seis horas e meya para as sete da manhaã, sahio o mar com tanta violencia fóra de seu curso natural, que levou todos os Indios, e seus ranchos, affogando-se todos; e entrou pelo Calhao pela porta do Petepaty, e pela porta do Rio, e pela principal; e depois de alagar todos os Templos e casas, e affogar muita gente, milagrosamente escapãraõ algumas pessoas, que se subiraõ pelas muralhas.

O Senhor Arcebispo escapou, a Deos misericordia, com huma perna quebrada; e vendo-se affogados todos os Clerigos, e Frades; sómente escapárao o Secretario, e o Mordomo do dito Senhor, ainda que bem molestados. Morrerao affogadas as mulas da carroça, e cavallaria do dito Senhor, e a pé vierao todos os que escapárao, até huma legua distante do Calhao; donde trouxerao ao Senhor Arcebispo, e a seus Criados a huma Horta de D. Joao Joseph da Cunha, e ahi se estao curando; tendo ja feito Governador de seu Arcebispado ao seu Provisor. Os Senhores Ouvidores escaparao tambem, a Deos misericordia; e o Senhor Cura, com huma perna quebrada. O official de Justica se vio enterrado; e saindo livre, todo cheyo de terra, deo graças a Deos pelo haver livrado. Aos segundos tremores, ficou como espavorido; e por ver a Cidade arrasada por terra, se retirou para fóra della com grande pressa a pé, seguindo-o hum Criado, até huma Horta de D. Francisco, qu está fóra da Cidade.

O Senhor Vice-Rey, e sua familia sahiraõ em camisa à Praça; onde armou huma Barraca, junto a huma Igreja de Nossa Senhora do Rosario, que de novo se fez, por haver escapado a santa Imagem no Convento de S. Domingos. Tambem se andaõ fazendo outras muitas com grande pressa; como he a da Cathedral, e a do Padre Castilho. Porque como a Praça he espaçosa, se acolhia a ella toda a gente que podia, fugindo das casas, e das ruas; porque viaõ não escapavaõ casas, nem Templos, onde ficasse pedra sobre pedra com os terremotos.

Mandou Sua Excellencia informar-se da gente que havia escapado na Praça, para se formarem os Tribunaes, e fazer Justiça; que sem duvida alguma se fará, e porá tudo em bom governo. Nomeou dous Alcaydes: e a primeira cousa que fizeram, forão dous fórnos; porque todos tinham caído, e passava de dous dias que não havia pão, nem cousa que se comesse, se não algum milho, e esse muy pouco. Hiaõ derribando os vestigios da Cidade; se bem que os terremotos vão continuando, e matando a muita gente de novo: e neste estado, tudo são lastimas, e lamentações; porque não deixa de tremer a terra. Supposto que alguns Prégadores Servos de Deos assegurão estar Deos nosso Senhor aplacado de sua ira, por intercessão da Virgem Santissima, e pelas grandes penitencias, que de presente se fazem.

Deixo os grandes, e feyos peccados, que referem os Prégadores haõ confessado muitos. E até os mesmos Demonios tem confessado por exorcismos de endemoninhados: Que Deos nosso Senhor lhes havia dado licença a quatro legiões de Demônios, para que assolassem esta Cidade, e Reyno com tremores, fogo, agua, e peste; mas que por intercessão da Virgem Santissima coarctou a licença; deixando-lhes sómente os tremores a seu cargo, que continuaõ com mais moderação. E que a Virgem Santissima andava pelas ruas desta Cidade detendo as paredes, para que não matasem toda gente.

Com estas alegres novas se fez huma Procissão de sangue sexta feira vinte e quatro do corrente, e sahio do Convento dos Descalços. Hia nella o

Senhor Vice-Rey descalço de pé e perna, com huma corda ao pescoço, e huma campainha na mão, pedindo a Deos misericordia. E assim mais hiaõ os de Palacio do mesmo modo. A Senhora Vice-Rainha, com huma corda na garganta. Outras muitas pessoas hiaõ com ossos e freyos nas bocas, e espantosas prizoens, e penitencias de sangue. Tambem hiaõ todos os Clerigos, e Frades, com grandes penitencias, cubertos de cinza pela cabeça e cara. com habitos de hervas, e cilicios, fõmente com as caras descubertas: e todos os mais, assim homens, como mulheres, e meninos, Cavalheiros, e gente plebea. Não faltou mais que a Real Audiencia. E havendo rodeado toda a Cidade, tornou a Procissão aos Descalços.

No dia seguinte, Sabbado, fizeram nova Procissão os Clerigos de S. Pedro, com notavel edificação, e exemplo para os Seculares, com horri-vcis penitencias de sangue, freyos nas bocas, e os mais delles rapados, e encinzados. E se continuavaõ grandes Sermões, segundo, terceiro, e quarto dia de tremor.

Vierão novas de que se tinha assolado Cacabedica, e Pino; onde sahio o mar de seu curso, e os navios que estavaõ ancorados no porto, os poz na Praça: como tambem levou casas, e Templos nestas Provincias, com morte de mais de duas mil pessoas.

O mesmo succedeo na Requipa, Comele, Chincaca, e Chiles, onde havia muita gente, assim Ecclesiasticos, como Seculares, e todos acabarão a vida na Igreja que levou o mar. Ao segundo tremor da manhãa se affogãõ cento e doze pessoas
conhe-

conhecidas, e multidão de Indios, dos quaes fómente escapáraõ dous, que andavaõ pescando no mar. Os mortos se sepultáraõ onde tinha sido Igreja.

Em Chinca levou o mar todos os trigos, que estavaõ no porto para se embarcarem para esta Cidade; como tambem levou muitas cousas, e muitas sementeiras, e novidades; porque entrou pela terra dentro duas leguas, e pela Costa abaixo mais de trezentas: de que se esperãõ grandes fomes, e peste; como haõ vindo novas dos Valles, que morre muita gente. Chegáraõ dous navios de Chilcs, e daõ por novas, que anda grande peste, e que tem abrafado a muitas Cidades, e Lugares, com morte de mais de hum milhaõ de Indios.

Tivemos noticias de que a Armada, que hia para Panamá a buscar o Senhor Vice-Rey novo, se havia perdido, por causa dos tremores, e tempestades. E se he certa esta nova, perdido está este Reyno; pois naõ tinhamos outra defenfa neste mar. Depois tivemos outra noticia de que para a parte do mar se tinhaõ ouvido muitas peças de artilharia: donde se póde presumir, que vay boa toda a Armada.

A perda de Lima chega a cem milhões, segundo a conta do Padre Marito, e Escovar: e a naõ havemos de ver restaurada em nossas vidas. Os Servos se tapáraõ, e os caminhos; e naõ ficou Igreja em pé. Vaõ-se acabando as rendas dos Morgados, e das Freyras, Vigarios, e Capellanias. Queira Deos nosso Senhor darnos sua graça, para o servirmos. Amen.

E assim como acabou o Padre de ler a Carta do successo da Cidade de Lima; disse o Capitaõ : Estupendo caso por certo, e digno de se trazer sempre na lembrança, para se evitarem tantos peccados, que actualmente se estaõ commettendo no mundo, e principalmente neste Estado do Brasil!

E he para notar disse o Capellaõ, que fica esta Cidade de Lima na mesma altura de treze graos da Linha Equinoccial para o Sul, em que tambem está a Cidade da Bahia. E por esta circumstancia, ainda com mayor razaõ se deve temer algum castigo por causa dos grandes peccados, que nella fazem seus habitadores tanto sem temor de Deos.

Fallais com muito acerto, Senhor Reverendo Padre, disse o Pastrano. Porém eu cuydo, que huma das razões, porque Deos suspende a mão de sua divina Justiça, e não tem já castigado esta terra; he pelo grande zelo, e fervorosa devaçãõ, com que seus moradores tanto veneraõ ao Santissimo Sacramento, e com tanto dispendio de suas fazendas allistem ao culto divino, e servem aos Santos.

He certo, e indubitavel, Senhores, disse o Capellaõ; que se paga Deos muito de que os homens o venerem, e a seus Santos, como consta pelos grandes, e evidentes milagres, que tem succedido no mundo: e pertendellos repetir eu agora, seria o mesmo que emprender esgotar o mar.

E pedindo licença o Padre Capellaõ aos que estavaõ no alpendre, se foy para a Sacristia a re-veitir, e sahio a dizer Missa. Chegando ao Offer-

torio,

torio, fez huma pratica digna de muy grande edificação, pela doutrina com que a todos exhortou. E depois de ter acabado a Missa, tornou a vir ao alpendre: onde disse aos seus Frêguezes: Que pretendia seguir viagem naquella presente frota para Portugal. E que o encommendassem a Deos: porque elle o mesmo lhes promettia fazer nas suas orações, e Sacraficio da Missa, pelo muito que a todos hia obrigado.

Ainda não tinha posto fim o Capellaõ a estas palavras; quando de todos os que estavaõ presentes foraõ taõ repetidas as faudosas lagrimas, que o coração mais empedernido se renderia a sentimentos. Até que por todos os circumstantes respondeo o Capitaõ, dizendo.

Com muy larga experiencia se diz, Senhor Reverendo Padre, que o bem para se sentir, primeiro se ha de perder. E como Vossa Merce tenha sido de tanta utilidade espiritual para nós, por isso com taõ sentidas lagrimas estamos já experimentando a falta futura da sua presença. E muito mais se duplicaria em nós esta dor, se vissemos que esta sua viagem era constangida, ou violenta. Mas como nos persuadimos ser voluntaria, ficamos em parte satisfeitos, ainda que não livres de padeceremos huma tam penosa ausencia de quem tanto dezejamos ter presente.

Agora reconheço eu, Senhor Capitaõ, e mais Senhores; respondeo o Capellaõ, com quanta razão disse Plauto, que os beneficios feitos a animos honrados, e generosos, vaõ já pagos da remuneração com que se galardoaõ. E assim o experimento agora, pelo cordial affecto, com que

Vossas Mercês tanto se tem mostrado sentidos por causa desta minha viagem, que pretendo fazer. E bem lhes posso certificar, que, se me não obrigara a razão de ir assistir a minha Mãe, e amparar a duas Irmaãs donzellas, que deixey em Portugal; de boa vontade desprezaria os mayores haveres, e conveniencias que se me offercessem no mundo, só por gozar da assistencia de tão honradas companhias. E com effeito, de todos se despedio o Padre Capellaõ.

C A P I T U L O XXVIII.

Declara-se o Ancião com o Peregrino, e lhe diz que elle he o Tempo bem empregado : faz-lhe muitos avisos espirituaes para bem de sua salvação : e dá-se fim à primeira Parte deste Compendio.

TAõ obrigado, como satisfeito, Senhor Peregrino, me considero ao agradavel estylo da vossa narração, e conversação moral, e Ascetica, que tivemos estes dias, me disse o Ancião. E prescindindo de toda a lisonja, vos posso certificar, que são os vossos documentos muy dignos de se observarem, por serem fundados na ley divina, que são os dez Mandamentos, os quaes toda a creatura racional, tanto que chega a ter uso de razão, está obrigada a guardallos, assim para bem de sua salvação, como para mayor honra, e gloria de Deos.

Por esta razão, e porque tanto me tendes dado a conhecer os meritos de vosso bom procedimento, vos quero agora declarar quem sou: advertindo-vos porém, que isto não costumo fazer, se não os prudentes, bem inclinados, e amigos de Deos, aos quaes o vulgo com muito acerto chama ensinados do tempo. E não aos que vejo que são infelizes, e negligentes em accitar os bons conselhos espirituaes que se lhes dão; e por isso vem estes taes a cair em muitos erros, e ficar tão faltos de razão, como cheyos de peccados, sem temor de Deos.

E assim conhecey agora, que eu sou o Tempo bem empregado. De mim tem fallado varios Authores sagrados, e humanos: e que existo no mundo, desde o primeiro Seculo em que Deos me fez, e toda esta maquina do Univerſo. E sabey, que tambem hey de ter fim, e que será a minha duração tam sómente até se acabar o mundo: quando Christo vier a julgar a todos os homens dos bens e males que fizerão em sua vida, dando a cada hum o premio, e o castigo, segundo seus merecimentos. E então se comprirá o que disse o Anjo, tendo hum pé no mar, e outro na terra, e jurando pelo Creador vivente para seculos dos seculos: Que não haveria mais tempo: *Quia tempus non erit amplius*: (Apoc. 10. 6.) porque dalli por diante não haverá mais que eternidade, a qual durará em quanto Deos for Deos, que será para sempre sem fim.

E esta eternidade, he necessario' cuidarem nella os homens; pois por falta desta consideração estão já muitos precipitados no inferno penando para sempre. E por contraposição, todos aquelles que

na

na eternidade cuidarão, e cuidão, estão, e estarão gozando da Bemaventurança para sempre sem fim.

Destá consideração se valeo David, quando disse: *Et annos aeternos in mente habui.* (Psal. 76. 6.) E assim dizia o Santo Rey: que tanto que meditou na eternidade, lhe ficou tam impressa na alma, que muito mais que antes se deo ao serviço de Deos, e caminho do espirito. Corrobora-se melhor esta verdade, pelo que diz o Espirito Santo por Salamaõ, que todo o homem caminha para a casa de sua eternidade: *Ibit homo in domum aeternitatis suae.* (Eccl. 12. 5.)

Esta consideração da eternidade, foy a que fez a muitos Varões sabios e prudentes encher as Religiões, povoar os desertos, deixar as riquezas, e desprezar o mundo.

Assim succedeo a Thomàs Moro, Chancellor Mór de Inglaterra, reynando Henrique VIII. Foy este Ministro condemnado á morte, por não querer seguir a Heresia: e indo-lhe fallar ao carcere sua mulher para o perverter, lhe perguntou aquelle sabio Varaõ: Quantos annos poderey viver? Respondeo ella: Que vinte, e ainda mais. Concluhio elle assim: Vindes-me logo persuadir, que troque vinte annos de vida por huma eternidade de penas. Se dissesseis vinte mil annos, diricis muito; mas a respeito da eternidade, era nada. E assim sacrificou a vida pela defenſa da Religião Catholica.

E agora vos digo, e posso certificar, que este, e outros muitos Varões que na eternidade cuidarão, e cuidão, tem, e terão o premio daquella Bem-

Bemaventurança, com que Deos paga aos que nesta vida com boas obras de virtude cuidão na eternidade.

A experiencia ocularmente nos está mostrando, que toda a creatura racional, depois que morre, com huma das duas eternidades se vay encontrar. Ou com a da gloria, cuja grandeza he inexplicavel, pelo incomparavel bem, de que gozaõ os que a ella vaõ: ou com a do inferno, à qual S. Gregorio Papa chamou morte sem morte; porque morrendo-se sempre nella pelas penas, nunca se acaba de morrer, por serem eternas na duração. E assim vos aviso, que da eternidade nunca vos descuideis, se pretendeis com acerto encaminhar vossos passos no serviço de Deos.

He tambem muito necessario, que vos não esqueçais de que haveis de morrer: porque não ha cousa mais importante para livrar aos homens de offender a Deos, do que a repetida lembrança da morte. E diz Santo Agostinho, que esta lembrança ha de ser de todos os dias, para que estejaõ os homens aparelhados, para quando Deos os chamar a dar contas de suas vidas. Homil. 13. interrog. 5.

Porque he certo, que Satanás, acerrimo inimigo do genero humano, conhecendo que o melhor meyo para fazer peccar os homens, he o esquecimento da morte; tratou logo de tirar a lembrança della a Adam e Eva no Paraíso, quando lhes disse: *Nequaquam mortem morietini*: (Gen. 3. 4.) e deste modo os fez cair na culpa.

Corroborase melhor esta verdade pelo que diz o Espirito Santo: Lembrate de teus novissimos,
e nun-

e nunca peccarás : *Memorare novissima tua , & in aeternum non peccabis.* Eccli. 7. 40. E à vista de tão grande authoridade, vede agora, de quanta importancia he á toda a creatura racional o trazer sempre muy presente esta lembrança, para evitar as occasiões de peccar.

Tambem vos quero fazer hum aviso muy importante, e necessario para a vossa salvaçãõ : e vem a ser : Que fujais muito de que vos enganem os tres Inimigos da alma, que sãõ Mundo, Diabo, e Carne : porque todos sãõ falsos, mentirosos, e por extremo pobres, e necessitados. E se não, vede, e reparay com attençãõ. Mundo, no idioma Latino, quer dizer cousa limpa : e bem sabeis, que o que está limpo, nada tem de seu. E todos estes haveres, que vedes no Mundo, sãõ de Deos, que os fez, e permittio que os produzisse a terra, para serviço e ministerio das creaturas; usando delles licitamente; e para adorno das Igrejas, e culto divino. E sendo assim, como he verdade; só Deos pôde dar aos homens, o de que necessitaõ para poderem viver, e sustentar-se nesta vida.

O Demonio he huma creatura tão mofina, vil, e miseravel; que ainda o mais pobre mendigo necessitado, que ha, e pôde haver, he mais rico que o Demonio : porque alem de viver o mendigo nas esperanças de gozar da eterna gloria, pois está em via de merecer; vive fóra do inferno. Porém o Demonio tem perdido toda a esperança de ver a Deos : mora no mais infimo lugar da terra, que he o centro do inferno : e tem perdido tudo, porque perdeu a graça divina. E assim cr-

tendey

tendey, que quem se chega [a huma creatura tao abatida, nunca pode ficar authorizado. E com fer isto verdade, teve confiança este misero, para prometter a Christo no deserto (porém foy pelo não conhecer) todos os haveres do mundo.

A Carne he tam pobre, e necessitada, que nada possui. E supposto que tenha enganado a muitos com gostos, prazeres, honras, e deleytes; o Santo Job, que bem a conheceo, lhe chamou Complexo de miserias : *Repletur multis miseriis.* (cap. 14. v. 1.) Não tem em si mais que a alma, que a sustenta : em lhe faltando esta, toda se prostra, e se converte em podridão, pó; e cinza. Finalmente, nada he : *Nihil est* : como a definio o mesmo Job.

E assim acabay de entender, que o Mundo, Diabo, e Carne nada possuem, nada tem, e nada podem dar : porque alem de ser isto verdade de Fé, a experiencia o tem bem mostrado. E supposto que tenhaõ enganado, e enganem ainda hoje a muita genta boa; he porque estes taes vivem neste espaço do mundo, que he hum Hospital de loucos.

Finalmente, só Deos he a summa Verdade, e nunca faltou no que prometteo, nem ha de faltar. Só Deos he rico, e todo poderoso, por ser Senhor do Ceo, da terra, do mar, e de todos os mais bens, e haveres deste mundo; porque os fez, e permittio que se produzissem para a conservação das creaturas : os quaes bens póde dar, e repartir com quem sua Divina Providencia quizer: e he tam bom pagador, que por hum dá hum cento.

Isto

Isto presuppõsto, assentemos por maxima certa, e intallivel, que para merecerem os homens o divino agrado, tambem he necessario fazerem de sua parte boas obras. E por isso vos advirto, que em quanto ha tempo, e existis no mundo, vos occupeis em exercicios de boas obras no serviço de Deos, principiando por huma Confissão bem feita; que he por onde se começa a servir, e agradecer a Deos, depois de perdida a graça do Baptismo.

Esta confissão se deve fazer com grande dor de haver offendido a Deos, e proposito firme de o não tornar a offender. Porque haveis de saber, que tambem Judas confessou a sua culpa, e se arrependeo de ter vendido a Christo, quando disse: *Peccavi tradens sanguinem justum*: (Matth. 27. 4.) porém foy huma confissão dos dentes para fóra, e huma dor de cabeça sem febre, ou calor; e por isso se não sangrou. Devia fazer huma confissão, como a que fez S. Pedro: o qual, depois que tambem peccou negando a seu divino Mestre, fez huma confissão com grande dor de haver peccado, e proposito firme de não tornar mais a pecar, e ferindo seu coração com repetidos golpes: e por essa causa lhe sairão as lagrimas pelos olhos, que são as sangrias da alma: *Flevit amarè*. Matth. 26. 75.

Tambem vos aviso, que vos não deixeis ficar muito tempo dormindo na culpa; confessaya logo. Porque o Demonio se ha com os homens, como o Lobo com as Ovelhas: tanto que o Lobo apanha a Ovelha, logo lhe aperta a garganta, para que não bale, e seja ouvida do Pastor; por-
que

que teme lha tire das garras. Assim tambem o Demonio : tanto que faz peccar o miseravel peccador, tapa-lhea boca ; para que lhea não acuda o Divino Pastor J E S U Christo, e mande v seus Ministros (que são os zelosos Confessores) a tirarlho de suas infernaes garras.

E assim importa muito, que quando o peccador cair na culpa, se vá logo confessar : e em quanto não tiver copia de Confessor, faça hum acto de contriçaõ, com grande dor, e arrependimento de ter offendido a Deos, por ser quem he, tam ameroso, e digno de ser amiado, propondo firmente não tornar a offendello. Porque o não prenda o Demonio, e fique com elle parecido pelo peccado.

Porque he sem duvida, que o homem em quanto esta em graça de Deos, he huma imagem, e semelhança do mesmo Deos : *Ad imaginem & similitudinem nostram* : (Gen. 1. 26.) e depois que cahio no peccado, fica escravo, e prezo do Demonio, e com elle parecido pelo peccado : *Qui facit peccatum, servus est peccati.* (Joan. 8. 34.) E David diz, que fica semelhante aos brutos : *Comparatus est jumentis insipientibus, & similis factus est illis.* (Psal. 48. 13.) E para recuperar hum peccador a primeira imagem de Deos, e quebrar as fortes prizoens com que o tem atado o Demonio, e desfazer a imagem e semelhança que com elle tem pela culpa ; he necessario quebralla, e desfazella com grande dor, e arrependimento, e lavalla com muitas lagrimas de contriçaõ, fazendo penitencias segundo tuas forças. E por isso não basta só confessar a culpa, e dizer que tem sentimento,

sem

fem o executar por obras de satisfação. Porque David para ser perdoado de Deos, e tornar à sua divina graça, fez grandes penitencias, e chorou continuamente, dizendo de todo o seu coração: *Misereri mei Deus &c.*

E depois de feita esta confissão, do modo que vos tenho dito, será também grande acerto occupar-vos na conversação dos vivos mortos, que são os bons livros espirituaes; para delles tomarem a lição, e documentos mais importantes para os acertos da vida, e salvação da alma. Porque he sem duvida, que pela lição dos bons livros vem os homens ao conhecimento de toda a verdade, para melhor se aproveitarem no serviço de Deos.

E por isto diz S. João Chrystostomo, que he muy importante a lição dos livros sagrados, pois por meyo delles recebe a alma a santificação, e graça do Espirito Santo. Homil. 31. E S. Pedro Damiaão affirma, serem estas as mais fortes armas contra o inimigo infernal. Lib. 6. epist. 3.

Finalmente são muitos os louvores, que dão os Santos aos livros espirituaes. Santo Agostinho lhes chamou cartas, que vem aos homens do Paraíso. S. Basilio lhes chama dons, que manda Deos do Ceo, e sustento das almas. S. João Chrystostomo diz, que ao lellos se abrem os Ceos aos homens. E Cassiodoro lhes chamou utilidade do Christianismo, thesouro da Igreja, e luz das almas.

De Santo Ignacio de Loyola sabemos, que o ler elle o *Flos Sanctorum*, bastou para dar principio aos grandes progressos de suas virtudes, e santidade. E outros muitos, e innumeraveis Varões, pela

pela lição dos bons livros vieraõ a ler tão grandes Santos, como tereis lido, e ouvido contar.

E tambem vos advirto, que o ponto consiste na applicação com que se lem. Porque he muito para reprehender em alguns (como notou S. Gregorio) lerem só para parecerem sabios, e eruditos; sem tenção de se aproveitarem. (Lib. 20. Moral. cap. 8.) Donde venho a concluir, que ler por sómente ler, e não por se aproveitar, virá a ser occasião de darem os homens maior conta a Deos das suas negligencias, e pouca applicação.

Finalmente, são os Livros entre todas as alfaydas, a que com mais razaõ se ama, de quem sabe conhecer o preço das que mereessem ser estimadas.

Tambem será grande acerto, occuparem-se os homens na assistencia de ouvir os Sermões de doutrina, em que se explica a palavra de Deos: a qual tem tanta efficacia de alumiar, e aquentar as almas; que muitos ouvindo-a reformarão suas vidas, e abrasados do amor divino, havendo sido grandes peccadores, ficáraõ justos, e acabáraõ santamente. E pelo contrario tem acontecido a muitos, que pela não quererem ouvir, e abusarem das inspirações divinas, experimentáraõ varias desgraças, e finalmente vieraõ a perder a mesma alma.

E por isso vos aviso, que vos não aconteça seguir os dictames de alguns presumidos de sabios, que só vão buscar aquelles Prégadores de grande fama pelos subidos conceitos, e floridos no estylo. Porque estes taes ouvintes como não são homens

de espirito, não gostão do espirital, e só trataõ do temporal : como se a santa doutrina não fora cousa tão necessaria para a salvação dos homens; e a não dictára, e ensinára o mesmo JESU Christo.)

Pois sabey, que por conhecer o mesmo Deos o quanto he de proveito para as almas a santa doutrina, a ensinou aos homens quando esteve no mundo, e a mandou prégar pelos seus Santos Apostolos por todo o Universo, e escrever pelos Sagrados Evangelistas; para que os seus Operarios, que são os Prégadores Evangelicos, a ensinassem aos homens. E assim entendey, que a fama voa; porém a santa doutrina he firme, e solida : os conceitos poderão ser errados; porém a doutrina he certa, e verdadeira : as flores murchaõ; mas a doutrina he fruto, que sustenta a alma. Reparay no que diz S. Paulo : *Sermo meus, & prædicatio mea, non in persuasibilibus humanæ sapientiæ verbis, sed in ostensione spiritus, & virtutis.* (1. Corinth. 2. 4.) Os meus Sermões (diz o Santo Apostolo) não se fundaõ em palavras vaãs da humana sabedoria, mas sim em espirito, e virtude. Nas quaes palavras condena a eloquencia humana, e inculca a efficacia necessaria para reprehender os vicios, e mover o coração ao santo temor, e amor de Deos.

E para fazrem os homens mayor estimação da palavra de Deos, saibaõ que Deos he o que falla nos seus Ministros; pois disse o mesmo Senhor : Que quem os ouve, so ouve a elle : e quem os despreza, o despreza a elle : *Qui vos audit, me audit : & qui vos spernit, me spernit.* LUC. 10. 16.

E por

E por isso lá bradava Deos ao seu povo, que o quizesse ouvir : e queixava-se de que o seu povo nem o queria ouvir, nem o queria entender. Povo meu, lhe dizia Deos, se tu me ouvires, não me has de offender com peccados, nem has de adorar a outro Deos mais que a mim. *Israel si audieris me, non erit in se deus recens, neque adorabis deum alienum.* Psal. 80. 9. E porque aquelles homens não quizeraõ ouvir a palavra de Deos, ficáraõ fóra da sua divina graça. E assim concluo, por consequencia infallivel, que todo aquelle que foge de ouvir a palavra de Deos, he precito. E se não ouvi a Christo por S. João : *Qui ex Deo est, verba Dei audit. Propterea vos non auditis, quia ex Deo non estis.* Joan. 8. 47. Quem he de Deos, ouve a palavra de Deos. Por isso vós a não ouvis, porque de Deos não sois.

Pagarme-hey tambem muito, se vos occupades na Oraçaõ : por ser tão necessaria, que vos posso afirmar, que não ha salvaçaõ sem Oraçaõ. Compara David a Oraçaõ à respiraçaõ, sem a qual se não póde viver hum só momento : *Os meum apervi, & attraxi spiritum.* Psalm. 118. 121. Porque todo o bem, que a alma alcança, he por meyo da Oraçaõ. Por meyo da Oraçaõ recebem os homens a sabedoria, conforme o que diz o Ecclesiastico cap. 51. v. 18. *Quæsi vi sapientiam palam in oratione mea.* E dizia Santo Thomás, que mais tinha aprendido orando, que estudando. Finalmente não ha cousa, que mais tema huma alma nesta vida, do que as suggestões, e tentações do Demonio : e para estas deo Christo aos homens o remedio na Oraçaõ, naquellas palavras, do

Padre nosso : E não nos deixes cair em tentação, mas livramos de mal. Matth. 6. 13. E por isso disse S. João Chrysoftomo, que a tentação não se atreve a chegar à alma que tem oração.

E o que resta para serem os homens de Deos ouvidos, he que fação muito por lhe merecer a sua graça. Porque : como será possível aceitar Deos a oração daquelle, que não guarda seus Mandamentos? Por isso David dizia : Bem sey que me não ouvirá Deos, se eu tiver peccado no meu coração : *Iniquitatem si aspexi in corde meo, non exaudiet Dominus.* Psal. 65. 18:

Dirão muitos : Que não podem ter oração, por serem seccos, frios, azedos, e amargos por natureza. Mas a isso lhes responderey com hum exemplo bem vulgar, e vem a ser : Que tambem ha muitas frutas seccas, frias, azedas, e amargosas, como he a cidra, a laranja, o limão, o marmello &c., porém com a doçura do açúcar se fazem agradaveis de sorte, que se gosta muito dellas. Mas he para advertir, que antes de receberem esta doçura, são curtidas, e cozidas. Assim tambem se devem primeiro curtir, e cozer os homens com a penitencia, para depois receberem nas almas o clarificado, ou calda do açúcar da Oração, que lhes tem preparado o doce JESU. E por isso se chama no idioma Latino o homem bem ensinado, ou o que pretende aprender, docil : que supposto não signifique doce, comtudo tem grande connexão com a doçura, por estar capaz de aprender, e receber as virtudes moraes, e espirituaes, que são as verdadeiras doçuras da alma.

U? E assim vos aviso, que antes da Oração façais hum acto de contrição com grande dor, e arrependimento de ter offendido a Deos, batendo nos peitos, e pondo depois juntas as mãos. Porque haveis de saber, que quantas vezes o peccador fere o peito com dor, tantas vezes bate nas portas do Ceo para que lhe abraõ, para ser ouvido; e desperta a sua alma, para pedir perdão a Deos. E todas as vezes que ajunta as mãos orando, prende com laços de amor a feu amorosissimo JESU, para que o não castigue; e lhe pede que o favoreça com sua graça.

Para o que, he necessario tambem deixar os vicios, e abraçar a virtude, fazendo penitencia, e fugindo da ociosidade; por ser esta a causa de todas as culpas. E por isso lhe chamou S. Basilio mestra dos vicios: e S. Lourenço Justiniano, mãy das concupiscencias, e madrastra das virtudes. Hom. 8. Exam. E acrescenta o Santo: Que a ociosidade he a que lançou os alicerces ao inferno: porque, se he verdade que o peccado fundou o inferno, ociosidade ensinou ao peccado.

E por ultima conclusão de tudo quanto vos tenho dito, e advertido, vos peço muito, que ameis, observeis, e guardeis muy inteiramente a Ley de Christo, por ser só ella a verdadeira, que devem guardar todos os homens que se quizerem salvar. Porque supposto que logo no principio do mundo houve a Ley da Natureza, que guardàraõ Adão e seus descendentes; e depois deo Deos a Moylés a Ley Escrita: forão ambas, a respeito da Ley da Graça, como huns Regimentos, por onde os homens se governassem para se

naõ perderem, aré que viesse ao mundo JESU Christo, verdadeiro Messias promettido por Deos aos Patriarcas, profetizado pelos Profetas, e por hun; e outros taõ esperado. O qual depois que chegou, e appareceo no mndo como verdadeira luz, para exterminar das almas as trevas da culpa; huma; e outra Ley encheo, e reformou, e fez a pura, e verdadeira Ley da Graça, por ser este Senhor o ultimo fim, e complemento da Ley, como lhe chamou S. Paulo: *Fims legis, Christus.* Rom. 10. 4. Porque toda a Ley antiga se referia, e encaminhava ao Filho de Deos, como a seu objecto, esperando finalmente a sua santa vinda, para a aperfeiçoar, encher, e mudar na Ley da Graça, como este mesmo Senhor disse: *Non veni solvere legem, sed adimplere.* Matth. 5. 17.

E assim acabay de entender, que todas as mais Leys, e Seytas, que tem introduzido o Demonio no mundo por seus sequazes são falsas, adulteras, e erroneas; e só a Santa Ley da Graça he verdadeira: como tudo se pôde ver das sagradas Letras, e se tem comprovado pelos grandes prodigios, que se viraõ na consummação desta santissima Ley da Graça, quando seu Legislador Christo verdadeiro Filho do Eterno Padre a consummou, e rubricou com o seu Preciosissimo Sangue naquelle jeroglifico de toda a sua sacratissima Payxaõ, Cruz bemdita, na qual quiz morrer Crucificado para remir o genero humano: Arvoré da vida finalmente, em contraposição daquella em que Adan se contrahio na culpa original, inficionando com ella a todos os seus descendentes.

O que

O que tudo fez, e obrou este amorosissimo Deos feito Homem, para mostrar aos homens o seu grande amor, com que se dignou remir ao genero humano, que estava cativo pelo peccado commetrido por Adam contra Deos: e para que os homens em todos seus trabalhos, e afflicções tivessem por este meyo, alivio, e descanso; consolação em suas penas; ancora firme nas tormentas desta vida; e prendas certas da Bemaventurança.

E para que melhor entendais esta verdade, ouvi o que succedeo na morte de Christo, estando elle pendente na arvore da vera Cruz, depois de ter experimentado tantos tormentos na sua Sacratissima Payxaõ. Tremeo a terra quebraraõ-se as pedras, abriãõ-se as sepulturas, moveraõ-se os montes, cobrio-se de luto o mundo, eclipsose o Sol, e a Lua, dando sinaes, e demonstraçoens de sentimento da morte do seu Creador.

Estes prodigios, e outros muitos se viraõ não só em Judea, onde padeceo o Salvador, mas tambem em toda a terra. S. Deoniso Areopagita, famoso, Astrologo, e Mathamatico, sendo ainda Gentio sem ter luz da Fè de Christo estando em Hieropoli Cidade do Egypto, e vendo huma couza tam nova e prodigiola, como foy escurecer-se o Sol, e eclipsarse milagrosamente com a interposição da Lua, contra toda a ordem natural; admirado deste successo, exclamou: Ou Deos Author da natureza padece; ou a maquina do mundo se desfaz!

Porque haõ de saber, todos os que isto não sabem,

bem, que o eclipse do Sol não pôde acontecer, se não em conjunção do Sol e da Lua, por se pôr esta entre a nossa vista e o Sol. E o que succedeo na morte de Christo, foy em occasião que estava a Lua chea de todo, e distava do Sol cento e cincoenta grãos, em outro hemisferio inferior à Cidade de Jerusalem, como referem varios Authores.

Os Sabios de Athenas vendo este admiravel prodigio, fizeram então hum altar para o Deos não conhecido: e prègando depois S. Paulo naquella Cidade, disse, que o Deos não conhecido por elles, era Christo Deos, e Homem verdadeiro: e com esta prègação converteo a muitas Gentes.

Tambem se rasgou o véo do templo de alto abaixo; e cahio a pedra superior da porta do mesmo templo. E os Anjos que nelle estavam, disserão estas palavras, que muitos ouviraõ: Vamo-nos desta casa, e desta morada. Dando a entender àquelles cegos, e desgraçados moradores, que como já havia outro templo, que era a Igreja Catholica naquelle, que tinha sido a Synagoga, não deviaõ residir mais.

Alem destes evidentes prodigios, e outros muitos, que se viraõ por todo o mundo naquelle dia da morte do Redemptor: o Centuriaõ, Capitão da gente de guerra, confessou a Christo por verdadeiro Filho de Deos. Longuinho, depois que ferio o lado de Christo, vendo-se restituído à vista, por ter sido dantes cego, se converteo, e confessou a Christo por verdadeiro Deos.

Finalmente, foy Christo morto, e sepultado : e ao terceiro dia refuscitou com estranho resplendor, e magestade de gloria, e foy visto por muitas vezes de sua Santissima Mãy; e depois appareceo a seus Discipulos, e às Mulheres Santas. E tudo isto, que vos tenho dito, o affirmaraõ varios Authores : e os Santos Evangelistas o confirmaõ como testemunhas de vista. Matth. 28. Marc. 16. Luc. 24. Joan. 20.

E porque vos não fique a menor duvida desta verdade, de como Christo foy, e he o verdadeiro Salvador, e Redemptor do mundo : cuvi o que delle diſeraõ os Patriarcas, e Profecias, muitos seculos antes de sua vinda ao mundo.

Primeiramente consta da sagrada Escritura aquella grande promessa, que Deos fez a Abraham, a Isaac, e a Jacob, na qual lhes'prometteo, que seria delles descendente o verdadeiro Messias Christo JESU : *Benedicentur in semine tuo omnes gentes terræ.* Gen. cap. 22. v. 18. cap. 26. v. 4. & cap. 28. v. 14.

Maias dá testemunho desta verdade em tres lugares da sua Profecia. No capitulo 25. v. 9. *Ecce Deus noster iste : expectavimus eum, & salvabit nos* : Eys aqui este he o nosso Deos, que esperamos, e elle nos ha de salvar. No Capitulo 35. v. 4. *Deus ipse veniet, & salvabit vos* : O mesmo Deos em Pessoa ha de vir salvar-vos. E no capitulo 45. v. 15. não só chama a Christo Salvador, mas juntamente duas vezes Deos verdadeiro : *Vere tu est Deus absconditus, Deus Israel salvator* O Santo Job diz : *Redemptor meus vivit : & in carne mea videbo Deum meum* : (cap. 19. v. 25. & 26.)

26.) O meu Redemptor vive: e neste meu corpo hey de ver a meu Deos. Ofeas, ou Deos em seu nome: *Et salvabo eos in Domino Deo suo*: Eu os salvarey no Senhor Deos seu. (cap. 1. v. 7.) Zacarias: *Et salvabit eos Dominus Deus eorum*: E salvallos ha o Senhor Deos seu. (cap. 9. v. 16.) Habacuc no capitulo 3. v. 2. onde fallando de Christo, diz: Que hade consumir a obra da Redempção, padecendo no meyo dos annos a morte, para restituir a vida: *Domine opus tuum, in medio annorum vivifica illud*. E no mesmo capitulo v. 18. diz: *Exultabo in Deo JESU meo*: Darey saltos de prazer no Senhor JESU Deos meu Salvador. David no Salmo 24. v. 5. *Tu es Deus salvator meus*: Vós Senhor tois Deos meu Salvador. Mequeas no capitulo 7. v. 7. *Expectabo Deum salvatorem meum*: Esperarey a Deos meu Salvador. Alem de outros muitos lugares da sagrada Escritura, nos quaes se vê certificada esta verdade; e volos não repito, por vos não molestar.

Finalmente, de todo o Testamento Velho, e Novo, e ditos dos Santos Padres, a quem venero como colunas da Igreja Catholica, consta, que Christo he o verdadeiro Redemptor, e Salvador do genero humano. E por isso, só a sua santa Ley devem guardar, e observar muy inteiramente todos aquelles, que se quizerem salvar: porque alem de ser muy verdadeira, são suaves os seus santos preceitos, como o mesmo Senhor diz: *Jugum meum suave est*. Matth. 11. 30.

Deste grande bem, e luz se não aproveitão muitos dos miseraveis, e pertinazes Hebreos, por estarem cegos, e cheyos de culpas e peccados,

dos, quando veyo este Senhor ao mundo a remillos, e ensinar-lhes a sua santa Ley, e doutrina: segundo o que affirma o Evangelista S. João: *Et lux in tenebris lucet, & tenebrae eam non comprehenderunt.* cap. 1. v. 5. Fecháraõ tam obstinadamente os olhos aquelles homens a esta luz; que nem viráõ, nem conhecêraõ os horrendos males, que lhes haviaõ de succeder por causa das suas incredulidades; não obstante o serem tantas vezes advertidos pelo mesmo Christo Salvador do mundo, como refere S. Lucas: *Si cognovisses & tu ... nunc autem abscondita sunt ab oculis tuis.* cap. 19. v. 42.

Isto mesmo succede ainda hoje a muitos, que tem o nome de Christãos, e por estarem cheyos de peccados não podem ver esta verdadeira luz. São estes muy parecidos com huns Gentios, que naceu na Costa de Guiné, chamados Assas: os quaes nada vem, nem enxergaõ de dia com a luz do Sol; mas sim depois que anoytece. Assim tambem os peccadores: nada vem, nem enxergaõ, ainda quando mais claramente se lhes mostra com toda a evidencia esta verdadeira luz da Santa doutrina de Christo; e só depois que lhes anoytece, com as trevas da morte, e taõ carregados de peccados, conhecem, e vem o erro em que andavaõ nesta vida, taõ desalumbrados da verdadeira luz; e lá se vaõ assar, e queimar para sempre no inferno, sem esperança de verem a verdadeira luz, que he Christo Redemptor, e Salvador do mundo.

Tambem vos advirto, que se não tormardes

os meus conselhos, e avisos, perdereis tres cousas : tempo, faude, e salvaçõ. Tempo ; porque me não achareis mais faude ; porque enternareis no peccado : salvaçõ ; porque vos deixareis ir ao inferno. E vede ; que tambem Deos me ha de perguntar, se vos fiz estes avizos : como já, ha muitos seculos advirtio Jeremias reprehendendo aos homens de seus vicios, por desperdiçarem o tempo, que Deos lhes dava para o empregarem no seu santo serviço, e bem de sua salvaçõ ; quando lhes disse : *Et vocavit adversum me tempus.* Thren. 1. 15.

E por ultima conclusã de tudo quanto vos tenho dito, vos peço pela sagrada Payxã, e morte de JESU Christo, que cuideis muito de vagar nisto que vos aviso, em quanto de vós me despido, por me ser preciso ir assistir a outro lugar ; prometendo-vos, que, se Deos vos dilatar a vida, tornarey a buscar-vos, para continuarmos a segunda Parte deste Compendio, quando tenhamos a dita de ser approvedo o que nelle temos escrito.

E sem mais esperar reposta, de minha presença desappareceo o Tempo. E agora acabo eu de entender (continuou o Peregrino) que falta o Tempo a quem o busca : o qual, como mansageiro de Deos, e ministro da fortuna, decretou saltar-me, quando eu mais o dezejava. E por esta razã, ferrarey agora as velas do meu discurso, e narraçã, suspendendo a penna desta escrita ; e lançarey ancora no mar da esperança, até que torne a chegar o Tempo bem empregado, para
conti-

continuarmos a segunda Parte deste compendio, que vos promettemos, se Deos for servido.

Sujeitando-me em tudo quanto tenho escripto neste Livro, com rendida vontade, á correcção da Santa Madre Igreja de Roma. E hey por não dito, tudo aquillo, que não for conforme aos divinos preceitos, e á nosa Santa Fé Catholica.

Só a Deos se deve a gloria.



Res
2797

continuant à s'étendre. Par ce double mouvement
 que nous pourrions appeler, le Dieu des Hébreux
 est représenté par un double caractère. Tantôt c'est
 un être simple, un être unique, un être
 sans commencement, sans fin, sans milieu. Il est
 par lui-même, sans cause, sans effet, sans
 commencement, sans fin, sans milieu. Il est
 l'Être.

En un Dieu se voit à l'égalité



